This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

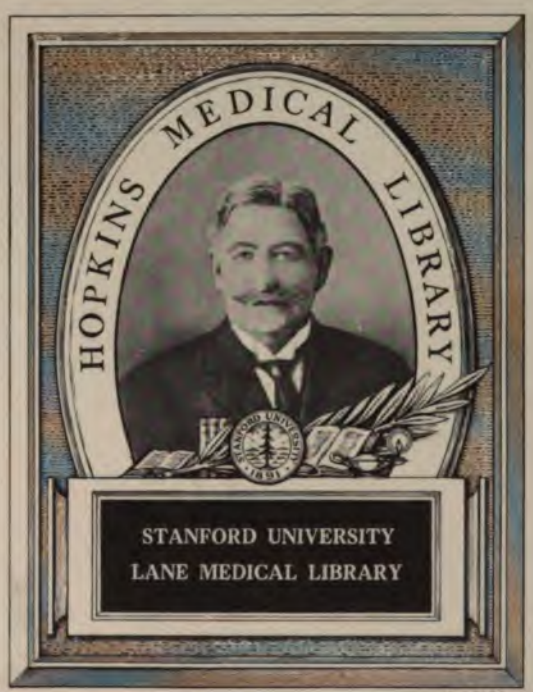
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

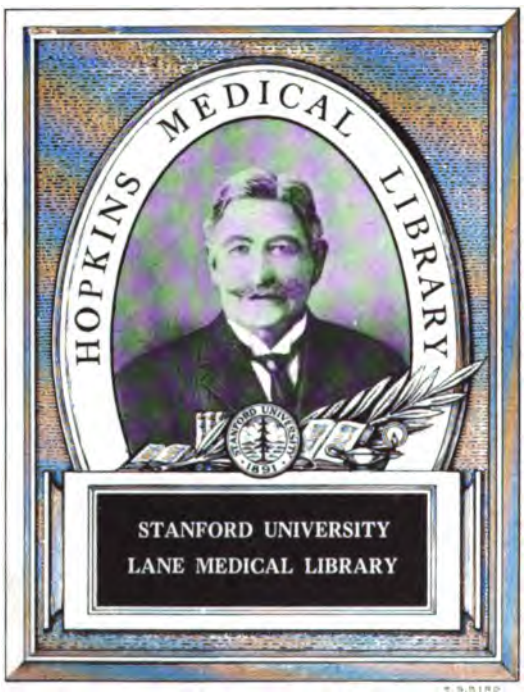
LANE MEDICAL LIBRARY STANFORD
2 45 0411 3337

SEP 2 0 1971


HOPKINS MEDICAL LIBRARY
STANFORD UNIVERSITY
LANE MEDICAL LIBRARY

LANE MEDICAL LIBRARY
STANFORD UNIVERSITY
MEDICAL CENTER
STANFORD, CALIF. 94305

SEP 2 0 1979


HOPKINS MEDICAL LIBRARY
STANFORD UNIVERSITY
LANE MEDICAL LIBRARY

LANE MEDICAL LIBRARY
STANFORD UNIVERSITY
MEDICAL CENTER
STANFORD, CALIF. 94305

LANE
MEDICAL LIBRARY
HISTORY OF MEDICINE
AND NATURAL SCIENCES

COLOQUIOS

DOS

SIMPLES E DROGAS

DA INDIA

COLOQUIOS

DOS

SIMPLES E DROGAS

DA INDIA

POR

GARCIA DA ORTA

EDIÇÃO PUBLICADA

POR DELIBERAÇÃO DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

DIRIGIDA E ANNOTADA

PELO

CONDE DE FICALHO

Socio effectivo da mesma academia

VOLUME II

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1895

V 178H
O77
1895
v.2

COLOQUIO VIGESIMO SEXTO DO GENGIVRE, E NÃO SERVE ESTE COLOQUIO SENÃO PERA Europa porque tudo isto he noto na India porque he do Gengivre.

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA

RUANO

Seguese o *gengivre,* que nos dias de peixe nos dá sabor ás mesas, e excita o apetito com as saladas feitas delle em conserva (a que as vosas escravas chamam *achar);* e pareçeme que isto foi pera reitificar o peixe, e está escrito pollos nosos doutores.

ORTA

Certamente não era neseçario fallar neste simple, porque nelle não ha duvida alguma que escrever; mas dirvosei delle o que sabem todos, com tal condiçam que não amostreis isto a nenhuma pesoa na India, senão lá em Espanha; porque nam cuidem todos que quanto vos diguo he desta maneira. Mas porque não vades debalde, diguovos que se chama *gengivre* ácerca de nós, e ácerca dos Arabios e Persios e Turcos, *gimzibil,* e os Guzarates e Decanins e Bengallas, quando he verde lhe chamam *adrac,* e sequo *sucte;* e o Malavar em verde e em sequo *imgi,* e em Malaio se chama *aliá.* E he huma raiz e erva como espadana, ou como lirio espadanal; e a raiz he tam grande, e a folha he mais verde escura, e a asta com a folha he de dous e tres palmos; e em verde não he tanto agudo no sabor, em espeçial o que naçe em Baçaim, que he mais doce, ou, por fallar mais direitamente, nam he de sabor tam agudo, por ser da terra mais humida; porque a secura maior do neseçario faz a cousa ser mais quente*, e daqui veo aquelle dito comum, que a secura he lima do calor, e casi isto sentem os autores

* Avicena, Prima primi (nota do auctor).

111183
MAR 28

falando do *gengivre,* dizendo que não esquenta tão asinha por sua humidade, como esquenta a pimenta. Este *gengivre* verde comese meudo na salada, mesturado com outras hervas e azeite e vinagre e sal, e nos pasteis de peixe fresco; e alguns o comem nos pasteis da carne. Naçe em todos estes portos da India, scilicet, os que sabemos, se o semeão, porque todo he de semente e raiz; e não duvido aver algum que naçe sem se semear, mas he tam pouco que delle nam se faz caso; o mais que naçe he no Malavar, e he o com que mais folgam os Arabios e Persios; e o outro ha em Bengalla, e outro em Dabul e Baçaim, e em toda esta costa. Dentro no sertam ha muyto pouco, e não vem a nós algum; nas ilhas de Sam Lourenço e do Comaro, que confinão com a Etiopia, tambem o ha, e dahi tomárão ocasiam os que dixerão que o havia na Trogoldita e na Arabia. Colhese em dezembro e janeiro, e secase, e embarramno pera lhe taparem os buracos por nam apodrecer, nem o embarram por pesar mais, nem o picam pera o embarrar, nem lhe põem este barro senam por estar mais fresco, e porque lhe conserve sua humidade natural; e se o não barrão bem, comemno os bichos, por o achar mais humido e de mais sabor.

RUANO

Poucas duvidas se levantam neste simple, mas Sarapio* lhe chama *lingibil;* he chamado asi de algumas nações?

ORTA

Já o perguntei, e não achei quem o asi chamáse; por onde deve ser este nome corruto.

RUANO

Galeno diz** que vem a nós de Barbaria.

---

* Sarapio, cap. 36 (nota do auctor).

** Galenus, Simplicium (nota do auctor).

ORTA

Se por Barbaria entende a costa de Berberia, não tem razam nem he verdade; mas se por Barbaria entende regiam estrangeira, diz verdade, porque nam pode ser mais estrangeira que a India: mas isto he falar muito em geral.

RUANO

Dioscorides diz* que o ha na Trogoldita e na Arabia?

ORTA

Na Trogoldita e nas ilhas de Comaro o ha, as quaes confinam com essa mesma terra; e tambem o ha na Etiopia, segundo tive por informaçam; mas he pouco, e não he mais que o que abasta pera a terra; e o que dixe Dioscorides que o ha na Arabia, com seu perdão, não falou verdade, antes he mercadoria pera lá; e no que diz que se usa muyto no principio da mesa verde, dixe verdade, e conforme ao que fazemos os dias de peixe, porque o comemos feito em salada, como já dixe: e tambem põe exemplo dizendo, como nós** *arruda,* e pode ser que *arruda* se usáse mais nesse tempo que agora, por ser forte cheiro; e mais entonçes usariam da *arruda* medicinalmente, por ser contra a peste e contra o veneno; e tambem alguns praticos reçeitam salada feita de *arruda* e de outras cousas, no regimento da peste.

RUANO

Diz que sam as raizes pequenas, como as da junça avelanada.

ORTA

Não sam, senão grandes no comprimento e na grosura, e tambem sam maiores muyto que a junça.

---

* Dioscorides, lib. 2, cap. 152 (nota do auctor).

** Quer dizer «como nós comemos *arruda*». O texto de Dioscorides na versão diz: *Hujus herba virente cocta ad multa, perinde ac nos ruta, utuntur*...

RUANO

Todavia dizeis que se am de escolher as raizes que não sejam furadas ou tapadas com barro; porque dizem que, por ser podre, as tapam.

ORTA

Não diguo eu que o que for buracado com o bicho he bom; mas, que o barrado não tamsomente não he tam bom; mas antes diguo que he melhor, porque aquelle barro o guarda do ar e do bicho, e pera este efeito se lhe faz isto. E ao que diz que o levam em canteiros pera a Italia, pode ser isto, mas fazse melhor embarrandoo primeiro. E dizer que fazem camara com elle traz razam, scilicet, fazendo boa digestam: e os outros que dizem que estanca o ventre, tambem tem razam, porque as camaras causadas de indigestam sesam.

RUANO

Diz que se extende e trepa como grama.

ORTA

Não ha tal cousa, mas está hirto como espadana; nem se pode dizer arbusto como diz Sarapio.

RUANO

Pois o Musa, deligente escriptor, diz tambem que trepa como grama, e que tem a folha como cana.

ORTA

Não fez boa comparaçam porque o *gengivre* he hirto das folhas, como a espadana, e as folhas da cana não sam hirtas.

RUANO

E tambem diz que o feito em conserva leixa fios na boca.

ORTA

Isso he em o que não he bom, ou he falseficado, e podre o fizeram em conserva por encobrir a malicia; porque nam o ha máo se o fazem em conserva de açucare maduro e bem

curado em muytas agoas; e he picado com buracos para lhe entrar a agoa, e se lhe fazem isto muytos dias, e o fartam bem de açucare, he muyto bom, e nam queima, nem leixa fios na boca; e porque o açucare lhe lançam em abastança em Bengala, por isso he melhor; e tambem o fazem bem as molheres em Chaul e Baçaim e Dabul; e o de Batecalá, por não ser feito como disse, e ser escala onde o compram e fazem, não he tam bom, nem com tam bom açucare.

RUANO

O que me destes os outros dias onde he feito?

ORTA

Em casa; e doutro tam bom como este vos darei huma jarra, que me veo de Bengala. Trazelha, moça, á mostra.

SERVA

Eyla aqui.

RUANO

Sam ambos tam bons, que não sey qual he melhor: beijo as mãos de vossa merçê (1).

Nota (1)

O *gengibre*, muito «noto» na expressão de Orta, é effectivamente uma planta bem conhecida e vulgarissima na India, **Zingiber officinale**, Roscoe (*Amomum Zingiber*, Linn.), pertencente á grande familia das *Scitamineæ*, da qual já temos fallado varias vezes e ainda teremos de fallar muitas mais.

Os nomes vulgares, citados no texto, são tambem conhecidos e faceis de identificar, postoque estejam um tanto alterados:

—«Gimzibil» entre «Arabios e Persios e Turcos»; é a conhecida designação oriental زنجبيل *zindjebil*, empregada por arabes e persianos.

—«Adrac», applicado ao *gengibre* verde pelos Guzerates e outros indianos, é o sanskrito आर्द्रक *ārdraka*, simplificado em *adrak* nas linguas modernas; emquanto «sucte», applicado ao mesmo rhizoma de-

pois de secco, é uma corrupção dos nomes *sukku, sont, sūnthi,* pelos quaes em diversas partes da India se designou e designa esta droga.

—«Imgi» no Malabar; encontra-se na fórma *inji,* ou *inchi,* como sendo o nome tamil da droga fresca.

—«Allá» em «Malayo»; vem citado na mesma fórma em diversos livros modernos de auctoridade (Cf. Dymock, *Mat. med.,* 762; Ainslie, *Mat. Ind.,* 1, 152; Crawfurd, *Dict.,* 142).

O rhizoma do *gengibre* era conhecido, como vimos, de Dioscorides; e depois, durante toda a Idade media, continuou a ser trazido á Europa, como de resto succedeu com quasi todas as especiarias mais importantes da India. Vinha, porém, pelos caminhos demorados e difficeis do Mar Vermelho e do Golfo Persico, e chegava aos mercados mediterranicos sobrecarregado com muitas despezas de transporte. Sendo assim uma especiaria conhecida e apreciada, devia desde logo attrahir as attenções dos portuguezes, como de feito attrahiu. O anonymo auctor do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* notava que em Alexandria podia valer um:

«quintall de gingivre onze cruzados.»

E logo em seguida, pondo em relevo o que se podia ganhar n'esta mercadoria, acrescentava:

«e em Calecut vall hum bachar, que tem cinqúo quintaees, vinte cruzados.»

Sem adquirir a importancia que a *pimenta* tomou desde logo no nosso commercio com a India, nem a que um pouco mais tarde adquiriu o *cravo,* o *gengibre* figurou largamente nas cargas das naus da India. El-rei D. Manuel recommendava a Affonso de Albuquerque, que lhe enviasse grandes quantidades de *gengibre;* e este respondia em carta de 20 de Agosto de 1512: «quanto he ao jemjivre, cada vez averá vos alteza mayor soma dele, porque espertou muito aos lauradores dele procurarmos nós pollo aver, e não duvido aver se dobrada a soma do que desejaes». Esta passagem é interessante, porque mostra como em volta dos portos do Malabar mais frequentados pelos nossos navegadores, Cananor, Cochim e outros, a procura da especiaria havia já feito desenvolver a cultura da planta.

Por estes primeiros tempos do nosso commercio deviam provavelmente usar-se umas designações de procedencia, conhecidas nos seculos anteriores dos negociantes italianos, os quaes distinguiam o gengivre *belledi* ou *beladi,* o *colombino* e o *mecchino:* o primeiro procedente de diversas regiões, pois *beladi* se póde traduzir pela expressão portugueza *da terra;* o segundo mais especialmente do porto de Coulão, então chamado Colombo; o terceiro da Mecca, não que ali cultivassem a planta, mas provavelmente porque por ali conduziam parte da droga. Vê-se que isto devia ser assim, porque Duarte Barbosa ainda falla do *gengibre beledi* de Calecut e de Bengala, e do *gengibre dely* do norte

do Malabar; assim como Affonso de Albuquerque falla do *jemjivre beledy*. Estas designações, porém, pertenciam propriamente aos habitos do commercio mediterranico, e seriam pouco usadas na India, vindo depois a caír em completo desuso, pois Orta nem as menciona. Como vimos, unicamente se refere ao estado de conservação do rhizoma, e ao facto de estar mais ou menos «embarrado». E esta era a distincção, que se fazia geralmente no seu tempo: *gengibre* sem barro, ou argilla, chamado *branco;* e *gengibre* coberto de argilla, chamado *vermelho*. Gaspar Corrêa explica muito bem a operação e os seus motivos:

:...«e diante um grande terreiro (na fortaleza de Cananor, mandada fazer por D. Francisco de Almeida) em que se concertava o gengibre com barro pera a carga, porque sem assy ser barrado entrava nelle o bicho que lhe fazia muyto dano, e o barro o conserva e faz mais forte em sua perfeição pera sempre.»

Ás vezes, porém, o barro era posto em excesso, como meio de augmentar fraudulentamente o peso, e assim succedeu no primeiro *gengibre* que levaram a Vasco da Gama:

«Mas o barro era tanto sobejo do que abastára» —diz o mesmo Gaspar Corrêa— «que muito mais pesava o barro que o gengivre, no que aos nossos fazião grande roubo, que o feitor bem entendia...»

D'este peso do barro, resultava que o *gengibre branco,* sem ser melhor que o *vermelho,* era no emtanto um pouco mais caro, como se vê bem do *Lyvro dos Pesos* e da *Lembrança das cousas da Imdea.*

(Cf. *Rot. da Viagem de Vasco da Gama,* 115; *Cartas de Affonso de Albuquerque,* 70 e 268; Yule, *Marco Polo,* II, 370; Duarte Barbosa, *Livro,* 383; Gaspar Corrêa, *Lendas,* I, 92 e 728; *Subsidios,* no *Lyvro dos Pesos,* 16, e na *Lembrança,* 42.)

COLOQUIO VIGESIMO SETIMO DE

DUAS MANEIRAS DAS HERVAS CONTRA AS CAMARAS, os nomes das quais se diram neste coloquio, e de huma herva que nam se leixa tocar sem se fazer murcha.

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA, MOÇO

RUANO

Segundo vejo nos emfermos que neste esprital ha, e nos que vos vejo curar, as peiores emfermidades sam *colerica passio* e as camaras; e por isso queria que falasemos na agoa da herva com que curais as camaras; porque, segundo se diz em Portugal, muito estanca.

ORTA

A *colerica passio,* segundo vistes, he muyto forte e perigosa emfermidade; e as camaras que ficam antigoas (a que chamamos cronicas) sam muyto más de curar; e as de humor quente sam muyto periguosas, as quaes curamos cá com mais medo que em Portugal, e com mais cuidado, porque qualquer error nelas cometido he dificultoso de emendar. Chama-se a herva, ou frutiçe mais verdadeiramente dita, em lingoa canarim, que he a de Goa, *coru;* e nós a chamamos *herva do Malavar,* porque os Malavares curam bem desta emfermidade; e aqui andam alguns que vos amostrarei; e çertamente que asi elles como nós outros curamos bem desta emfermidade, depois de muyta parte da materia evacuada. A maior parte destas matas sam do tamanho de medronheiro, e mais pequenas, e as folhas sam como pexegueiro, e as flores que deitam sam brancas e cheirão a madresilva, e das cortezas da raiz usamos secandoas primeiro, porque frescas deitam algum leite.

RUANO

Deve ser quente.

ORTA

Asi o cuidava eu ante que a provése, e desque a provei que a achei emsipida e fria, e lhe vi os efeitos que fazia, a graduei em fria e seca, com mais secura que frialdade; e asi a graduam cá os desta terra.

RUANO

Vede o que dizeis, porque o licenciado Alvaro Fernandes (1) me dixe o outro dia, que, tendo humas camaras muito periguosas, tomára per vosso conselho a *herva malavar* da maneira que a dam os Malavares, e nam estilada como a dam os Portuguezes, e que sentio a mais amarga cousa que avia no mundo, por onde me pareçe que cousa tam amarguosa não pode ser fria.

ORTA

Bem pode ser ter diversas conpreisões em diversas partes, asi como tem a *zargatoa;* e quanto ao sabor amarguoz que tem, não he muyto, porque o *opio,* sendo tam frio como he, amargua; e por esta rezam me pareçe ser fria: ao menos sejamos conformes em dizer que estanca. Tornando ao caso, diguo que fazemos as cortezas desta raiz em pó, e tomamos deste pó quanto cabe em huma caçola de alambique, e amaçamolo muyto bem com leite azedo; e tomamos *ameos**, semente de *aipo* e *coentro* sequo, e *cominhos* pisados pretos, dos que vem de Ormuz; tudo isto torrado misturam em huma onça de manteigua crua, e asi o pomos a estilar; e desta aguoa estilada damos ao enfermo quatro onças, misturadas com duas onças de aguoa rosada, ou de pés de rozas, ou de chantagem. E, quando he mais neseçario, lhe misturamos pós de trosiscos de *herva malavar,* os quais se fazem da mesma maneira que se faz a agoa, tirando que não levam manteiga, e sam formados com alguma aguoa das sobreditas. E tambem usamos dar esta aguoa em cristeis, pera ter de noite; e he cousa com que me a mi soçedeo muyto bem muitas vezes; e deitamos estes cristeis

---

* No *Coloquio undecimo,* Orta explicou que *ameos* é o cominho rustico, provavelmente a semente de uma especie de *Ammi,* ou de *Sison.*

autoalmente frios, por a terra ser muyto quente, por se reter mais, e tambem he isto custume dos fisicos indianos: nam vos pareça mal. E se a neseçidade he muyta, damos esta aguoa duas vezes a beber no dia, scilicet, huma polla manhãa ás seis horas, e outra ás duas depois do meo dia. Nestes dias damos a comer ao emfermo leite azedo misturado com arroz, e franguos delidos em aguoa deste arroz (a que elles chamão *canje)* e segundo vemos na fraqueza do emfermo, asi lhe damos a comer: ao menos vinho em nenhuma maneira o dam os Malavares, nem nós o damos, senão avendo muytas causas pera isso em camaras antiguas. E posto que esta mésinha seja muyto boa, e com ella me soçedeo bem muyto tempo, não posso leixar de confesar que não faz obra tam apresurada e tam certa como a erva que dam os Malavares, a qual he muyto toscamente feita, e fazse das mesmas cousas que estoutra se faz, pulverisadas e delidas em leite azedo, ou em aguoa de arroz muyto cosido e casi desfeito; outros fazem esta aguoa desta erva verde pisada, e he muyto forte de tomar, e muito amarguoza; e desta potagem dam ao emfermo polla manhãa sete onças e outras tantas á tarde, se ha nesecidade disso. E porque a erva nam he aprazivel no gosto, lhe dam pera emxagoar a boca algum leite azedo.

RUANO

Com qual maneira de aguoa se acham milhor os emfermos?

ORTA

Com a dos Malavares se acham muyto milhor; e nós quando vemos que a nosos emfermos não lhe aproveitam nosas mézinhas brandas, entregamollos ao Malavar, pera que lhe dê a sua mézinha rija; e nós ja aguora sem os Malavares lhe damos a aguoa sua; e ha já feyta no esprital de elrey, e se os Malavares veem que ha necesidade maior, mesturam *opio* a esta mézinha: e alguns Arabios curam todas as camaras com *opio* retificado com *noz*. E eu vi curar asi a hum Arabio, quando andava com aquelle grande sul-

tam Badur na guerra, em companhia de Martim Affonso de Sousa, meu amo (2). E hum fidalguo onrado e descreto que de Portugal veo, me dixe que Dom Manoel Telo de Menezes curava em Portugal algumas pessoas desta maneira ao pareçer; porque a mézinha estancava, e juntamente com isto cheirava a *opio,* a qual fisica aprendeo em Xael sendo lá cativo (3); mas eu não tenho isto por cousa segura.

RUANO

E a mim asi me pareçe usada, ao menos no principio, porque outras couzas ha melhores pera retificar o *opio,* que a *noz*.

ORTA

Os Malavares nunca querem confesar que lhe deitam *opio;* e eu curei a hum fidalgo muyto onrado, o qual tem nome em toda Espanha, e estava á morte; e porque teve devaçam a hum Malavar que o avia restituido á vida de humas camaras deficultosas, e achandose doente em esta cidade de Goa de humas camaras muyto faciles, o mandou chamar; e elle por yr por caminho mais curto curouo loguo com a mézinha que levava *opio;* e sendo eu chamado o achei casi á morte, estupido, e parecendo nelle muytos sinaeis de homem que tomava *opio;* o qual eu curei, e ouve cedo saude; e o mesmo Malavar nunqua quis confessar que levava *opio* a mézinha que lhe dera, e mostrava as mézinhas com que o curava, as quais eu conheçia tam mal como minha may; e porque esta mézinha sára de improviso, me parece que lhe deitam *opio.* E fui mais certificado disso quando curei este fidalguo. Aproveita esta mézinha em grande maneira, quando he muyta parte da materia evacuada, e doutra maneira recaem muitas vezes (4).

RUANO.

Aproveita esta mézinha pera mais emfermidades?

ORTA

Pera vomitos, e pera fraquezas do estomaguo, tomada com alguma mistura de *aguoa de ortelãa* e alguns pós de *almé-*

cega. Ha tambem nesta ilha uma arvore pequena, e porém de maior cantidade que estoutra frutiçe; tem as folhas e a flor como murta, e dá a fruta como murtinhos, e do mesmo sabor e mais estiticos, e chamão esta erva *avacarí*. Esta, me dixe hum portugues velho de muito tempo nesta terra, que mora no monte em huma sua quinta, que aproveita muito pera camaras antiguoas de causa fria; e que teve, por espaço de hum anno, huma filha emferma de camaras, e que as outras mézinhas lhe nam aproveitavam, e com esta foy restituida á saude; e pergunteilhe quem lhe dixera que esta pranta era boa para camaras, e dixe que hum destes fisicos da terra lhe dava a corteza pisada e lançada em agoa de arroz, feita a modo de tisana, que he o modo que tem no esprital de curar. Esta raiz desta mata dizem que cheira a trevo; e perguntei aos fisicos desta terra por ella, e dixeramme que era boa pera camaras, e que misturavam com outra herva chamada *coru:* e que he muyta boa mesturada (5). Isto he o que sey destas mézinhas, e eu vos levarei a ver emfermos que curam os Malavares e os Canarins, e sabereis melhor tudo.

SERVA

Esta ahi um moço dos frades de Sam Francisco, com hum cesto.

ORTA

Não será cheo de cousas pera comer, pois são frades que tem necesidade.

MOÇO

Eis aqui as hervas que pedistes.

RUANO

Humas sam roseiras; e estoutra he medicinal?

ORTA

Não, mas tem huma propriedade estranha, que he nam querer que a toquem; he herva que nam se consente tocar, porque pondolhe a mam vereis como se encolhe loguo.

RUANO

Cousa he essa muyto de notar, ser esta herva tam limpa e tam çiosa, que não consente tocarse; vós especulai esa filosofia; porque se pareçe ás folhas que deita o *polipodio;* tem flores amarelas, e desta herva não falaram Plinio, nem Dioscorides (6); mas o autor do livro da Nova Espanha diz que ha no Peru huma herva que, como lhe tocam, as folhas se secam. E porque me parece que estareis já emfadado, será bem que comamos.

Nota (1)

O licenceado Alvaro Fernandes devia ser um dos medicos do Hospital de Goa. No *Regimento do hospital real da cidade de Goa,* assignado pelo provedor e irmãos da mesa a 23 de agosto do anno de 1585, em tempo do vice-rei D. Francisco Mascarenhas, vem a seguinte nota: ...«e o provedor da Santa Misericordia Dom Christovão de Menezes, e outros provedores que lhe socederão, acrecentarão o ordenado do medico em vinte e cinco xerafins cada mez, que era o licenciado Alvaro Fernandes, e assi foi correndo». Esta nota refere-se evidentemente a uma determinação tomada muitos annos antes do de 1585, e portanto nos tempos do nosso Orta, o que torna provavel ser este o Alvaro Fernandes dos *Coloquios* (Cf. *Arch. port. oriental,* fasciculo 5.º, 1044).

Nota (2)

Esta phrase, e outra igualmente succinta em um dos *Coloquios* seguintes, são as unicas referencias de Orta a um successo importante da sua vida—ao facto de elle ter acompanhado o conhecido Bahadur Scháh na sua aventurosa expedição contra os soldados mongões de Humáyun. N'essa expedição, Orta, que seguia o seu amo Martim Affonso de Sousa, atravessou toda a peninsula de Kathiawar desde Diu até ás portas de Ahmedábád, e teve assim a unica occasião de examinar o aspecto e vegetação do norte da India, pois não nos consta que ali voltasse depois. Póde ver-se o que eu disse ácerca d'esta viagem em *Garcia da Orta e o seu tempo,* p. 99 e seguintes.

Nota (3)

O D. Manoel de Menezes, de quem falla o nosso escriptor, havia sido mandado por Nuno da Cunha á costa da Arabia em um galeão, a fim

de se informar do fundamento que tinham certas queixas do rei de Xael, relativas a desmandos e violencias feitas por alguns portuguezes n'aquella costa. As queixas tinham todo o fundamento, pelo menos assim se deprehende da propria narrativa de João de Barros; mas, como muitas vezes succede, pagou o justo pelo pecador, e D. Manoel ficou retido pelo povo e rei de Xael, sendo entregue mais tarde, quando se assentaram de novo pazes com Xael, e D. Fernando de Lima foi ali expressamente buscal-o. Vê-se pelos *Coloquios,* que este D. Manoel de Menezes, filho bastardo de D. Tello, voltou para Portugal e se entretinha em applicar na sua patria as noções de medicina que recebêra na Arabia.

Gaspar Corrêa conta tambem a historia do captiveiro e resgate de D. Manoel; mas a sua versão afasta-se bastante da que encontramos em João de Barros.

(Cf. Barros, *Asia,* IV, VIII, 15 e 16; Gaspar Corrêa, *Lendas,* III, 844.)

Nota (4)

A *herva malavar* de Orta deve ser a **Holarrhena antidysenterica,** Wall., uma planta da familia dos *Apocynaceæ.* Em primeiro logar, a curta descripção de Orta concorda de modo bastante satisfactorio com os caracteres da planta; a fórma das folhas, a côr e perfume das flores, a presença de leite ou *latex* na casca, o sabor extremamente amargo d'esta mesma casca, tudo isto não desdiz do que sabemos dos caracteres d'aquella apocynacea. Unicamente poderia levantar alguma duvida o facto de Orta lhe chamar herva ou mesmo «frutice», pois a *Holarrhena* tem um porte arboreo; mas o proprio Orta diz que a sua herva chegava a ter a dimensão dos medronheiros, e a *Holarrhena* não é uma arvore grande, attingindo apenas —segundo dizem— de 20 a 30 pés de altura. Alem d'isso é possivel que Orta não visse exemplares bem desenvolvidos. Em segundo logar, o nome vulgar de «coru», citado por Orta, parece-se bastante com os nomes hindustanis, vulgares em Bombaim, de *kureya,* ou *kúra;* e sobretudo com a ultima parte do nome de *khaocurro,* que, segundo Dymock, applicam á casca da *Holarrhena* nas terras de Gôa. Por ultimo as propriedades medicinaes attribuidas á *herva malavar* e á *Holarrhena* são absolutamente identicas.

A *Holarrhena antidysenterica,* tambem chamada *Wrightia antidysenterica, Echites antidysentericum* e *Nerium antidysentericum,* porque ácerca da sua classificação se deram bastantes erros e confusões, gosa na India de uma grande reputação. Não só os medicos indianos, senão tambem muitos inglezes concordam com a opinião favoravel do nosso medico portuguez do XVI seculo; e sir Walter Elliot, por exemplo, considerou-a um dos mais valiosos productos medicinaes da India. A casca,

que se encontra no commercio local, e é conhecida pelos nomes de *codaga pala,* de *conessi bark,* e ainda por outros, chegou a ser importada na Europa; mas perdeu depois parte da sua acceitação, talvez pelo facto de lhe misturarem a casca, relativamente inerte, da *Wrightia tinctoria.* Continua, todavia, a ser applicada na India, e —como o seu nome especifico indica— no tratamento das mesmas enfermidades para que Orta a recommendava. Dos curiosos artigos, que ácerca d'esta planta se encontram na *Materia medica of Western India* do sr. Dymock, e na *Pharmacopœia of India,* se vê que o modo de fazer os preparados da casca, misturando-lhe algumas vezes substancias aromaticas, e outras *opio,* não differem essencialmente dos que descrevia ha tres seculos o nosso medico portuguez. Este foi, em todo o caso, o primeiro europeu, que mencionou a planta e as suas propriedades medicinaes (Cf. Dymock, l. c., 497; *Pharmac. of India,* 137 e 455).

Nota (5)

Não me foi possivel averiguar o que seja este «avacari», posto que não julgue difficil essa averiguação para quem esteja familiarisado com a flora local das terras de Goa. Pelo que diz Orta se vê, que não era um medicamento largamente conhecido e de uso geral, como a casca da «herva malavar», ou *Holarrhena;* mas pelo contrario uma receita particular e pouco vulgarisada. Um portuguez velho, que vivia na sua quinta, fóra de Goa, soubera de um medico gentio, um vydia, que a casca do «avacari» aproveitava no tratamento da dysenteria, ou das «camaras antigas de causa fria». É claro que estes remedios caseiros deviam abundar e variar de localidade para localidade, e não se identificam tão facilmente como outros de maior nomeada. A unica cousa que é licito affirmar, é que o *avacari* era uma planta da famillia das *Myrtaceæ;* Orta tinha bastante tacto botanico, para se não enganar quando insistia na semelhança da planta com a «murta». As *Myrtaceæ* abundam na India, nomeadamente as especies do genero *Eugenia;* algumas têem cascas notavelmente adstringentes que podem ter a applicação indicada, e é provavel que entre ellas se encontre o *avacari.*

Nota (6)

Esta entrada em scena do moço dos frades, é uma d'aquellas notas familiares, que Orta gostava de introduzir nos seus *Coloquios,* e tanto contribuem para lhes dar vida e caracter. Vê-se que o nosso velho medico devia ser um commensal do grande convento de S. Francisco, junto do qual e ao longo de cuja cerca elle passava todas as manhãs,

quando descia do centro da cidade para o hospital, situado no caes de Santa Catharina.

Quanto áquella planta que «se nam leixa tocar sem se fazer murcha», a primeira impressão seria identifical-a com uma especie de *Mimosa*, mas nem a côr das flores, nem o porte da planta concordam com as especies *sensitivas* d'aquelle genero. Christoval Acosta, cujo livro tenho citado poucas vezes, porque em geral é uma simples paraphrase do de Orta, dá-nos n'este ponto esclarecimentos valiosos. Não só descreve mais detidamente a planta, sob o nome de *Yerva Biva*, como a desenha, posto que grosseiramente; e das suas indicações, concordes com as de Orta, deduz-se dever ser uma especie muito *sensitiva* da familia das *Geraniaceæ*, **Biophytum sensitivum**, D. C. *(Oxalis sensitiva, Willd.)*, que é bastante frequente na India, e da qual Rumphius fallou tambem, dando-lhe o nome de *Herba sentiens*. Segundo diz Acosta, era considerada na India uma planta sagrada, ou feiticeira, especialmente consultada em questões amorosas (Cf. Acosta, *Tractado de las drogas*, 236, Burgos, 1578).

COLOQUIO VIGESIMO OITAVO

QUE TRATA DA JÁCA E DOS JAMBOLÕES E DOS JAMBOS E DAS JANGOMAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA, CAPITÃO

RUANO

Que fruita he aquella que he do tamanho de nozes grandes?

ORTA

Já comestes das castanhas que tem dentro, e dixestes que asadas sabiam a castanhas; e agora comereis as cascas que a cobrem, e sam amarelas e tem bom sabor.

RUANO

Sabem a melam, não tam bom como os milhores.

ORTA

Asi he; e sam per sua viscusidade más de degerir, ou, por milhor dizer, não se degerem; e muitas vezes saiem pola camara sem nenhuma permutaçam; e eu nam uso muito dellas. Chamamse em malavar *jácas;* em canarim e guzarate *panaz;* e na fralda do mar as ha. Somente se sequam estas castanhas de dentro, e comemnas asadas e ás vezes cozidas. O arvore dellas he alto e grande, e ellas nacem no pao do tronquo pera sima, e não nos ramos como as outras fruitas; e por fazer mais certo, aqui vos amostrarei a *jáca,* donde estas foram tiradas. E vedela aqui, que he tamanha como hum melão muyto grande, e ha outras maiores; e a corteza que cobre estas castanhas todas he muita grossa, como vereis, e dura, e pera nada serve.

RUANO

Não ha melão tam grande, nem tam fermoso, como este pomo.

ORTA*

He verde escuro, e todo cercado de espinhos, mais pequenos que os do ouriço quacheiro; mas estes não picam, como o piquo delle: e não me pareçe bem comerdes esta *jáca* senão ao cabo de comer, e entonçes comereis as castanhas assadas deste mesmo pomo, que já o outro dia comestes (1).

RUANO

Comerei estas azeitonas, que asi o pareçem; mas sam muyto ponticas, porque apertam muyto; e no demais pareçem azeitonas cordovesas já maduras.

ORTA

Chamamse *jambolões,* e naçem no campo em huma mata que pareçe como murta, e nas folhas pareçe medronho; mas asi esta fruita como a *jáca* não se tem por fruita muito sadia da gente desta terra (2). Mas esta que vos mostro he muyto estimada nesta terra; veo de Malaca a esta terra ha pouquo tempo, porque ha muytas naquellas partes. Mas dizei a que vos pareçe este pomo, pois he do tamanho de hum ovo de pata, e algum tanto maior: já vedes como a cor delle he feita de branco e vermelho, e cheira a aguoa rosada, de maneira que aos dous sentidos he aprazivel. Agora he necesario, porque pareçe bem á vista e ao cheiro, que seja ao gosto; e por isso provaio.

RUANO

Já o provei, e sabe muito bem; convem a saber, hum sabor que não emsita muito o gosto por ser aquoso este fruito; e pera mim o sabor he muyto bom; mas o cheiro e a vista pareçe como humas bugualhas grandes, quando sam novas (a que chamamos *maçans de cuquo),* e dizeime como se chama esta fruita nesta terra onde a ha.

---

* Falta a palavra «Orta» na edição de Goa; o que se torna evidente pelo sentido, e por que vem a seguir as duas observações de Ruano.

ORTA

Em Malaca he chamada *jambos;* e asi lhe chamão nesta terra.

RUANO

Melhores sam estes que os *jambolões;* porque já ouvi guabar muyto esta fruita; diguo que tambem he aprazivel aos ouvidos com a fama, de modo que apraz a quatro sentidos. He certo que he esta fruita pera comer hum principe na nossa Espanha; e mais não me pareçe que fará mal, se a comerem antes do comer; e bem vejo que he fria e humida; e portanto me dizei a feiçam do arvore.

ORTA

Desta varanda vereis nesta orta minha os arvores: aqueles pequenos sam postos ha dous annos, e em quatro dão muyto boa fruita, e carreguão muyto, muitas vezes no anno; asi o arvore como a fruita sam de feição oval*, e sam do tamanho como huma amexeira; a frol he muyto cheirosa e he roxa; e o sabor he das azedas; a folha he como hum ferro de lança, grande e larguo, e de hum verde muyto aprazivel; as raizes deste arvore entram muito dentro na terra, pera sustentar o arvore quando carrega, porque dá muytas vezes fruita no anno: asi da fruita como da frol se faz conservas (3).

SERVA

Hum homem está aly, que traz requado do rendeiro de Bombaim.

ORTA

Venha qua.

CAPITÃO

Estas cartas me deu o vosso rendeiro, e este cesto de *jamgomas.*

---

* Comprehende-se que o fructo seja oval, mas não sei bem o que Orta quer dizer em relação á arvore.

ORTA

As cartas lerei despois; a fruita provemos, e apertaia primeiro entre os dedos, porque se quer asi.

RUANO

Sabe bem, e parece na feiçam como sorva pequena, e no sabor como ameixa; he no sabor estitiqua.

ORTA

Ha muitas nas ortas de Baçaim e Chaul, e tambem as vi em Batecalá; o arvore dellas he como amexieira e asi na folha; enfloreçe com flores brancas; tem muytos espinhos no tronquo ao sobir, a modo de pinha. Chamam-se *jamgomas,* e pella mayor parte naçem no campo: tambem se dam trasplantadas; e homens dinos de fé me dixeram que a melhor maneira de semear era comendoas huma certa ave, e no esterquo della se acha a simente, a qual semeam, misturada com este esterco (4); e naçe e dá mais asinha fructo (5).

Nota (1)

A *jaqueira* —designação applicada á arvore pelos portuguezes, e derivada do nome do fructo— é o bem conhecido **Artocarpus integrifolia,** Linn., *Jack-tree* dos inglezes, da grande familia das *Urticaceæ.* Chamam-lhe no norte da India *phanas* ou *panasa,* o «panaz» de Orta; e em lingua tamil *pila* ou *pala,* sendo, porém, o nome de *jaca,* com variadas orthographias, aquelle que todos os viajantes da Europa e do Occidente adoptaram sempre de preferencia.

O nosso escriptor está longe de ser o primeiro que fallou d'esta planta, de porte muito notavel, e que em todos os tempos attrahiu a attenção dos viajantes, mesmo d'aquelles que se não dedicavam especialmente ao estudo da historia natural. Vimos nas notas ao *Coloquio vigesimo segundo,* como sir H. Yule pretendeu identificar a *pala* de Plinio com a *jaqueira.* Esta opinião —guardado todo o respeito devido áquelle illustre indianista— levanta, porém, não pequenas objecções; e eu julgo mais segura a que identifica simplesmente a *pala* de Plinio com a *bananeira.* Posto de lado Plinio, ficam-nos muitos viajantes da Idade media, os quaes fallaram da *jaqueira* de modo tão claro, que

nos não podem deixar duvidas. O ingenuó fr. Jordão, por exemplo, tem nas suas *Mirabilia* a seguinte phrase: ...*nam sunt quædam arbores quæ fructus faciunt valde grossos, qui Chaqui vocantur, et sunt fructus tantæ magnitudinis, quod unus sufficiet circiter pro quinque personis*, phrase que sem duvida alguma se applica á *jaca* e *jaqueira*. Ainda mais explicito é fr. João de Marignolli; descrevendo as arvores do paraiso terrestre, e parecendo que, em tão difficil assumpto, se devia limitar a algumas vagas indicações, dá-nos no emtanto uma descripção exactissima e correctissima da *jaca*, a que chama *chakebaruhe*. Depois de fr. João, varios viajantes, como Ibn-Batuta, Varthema e outros, fallaram da *jaca*, e da arvore que a produz. É certo, pois, que Garcia da Orta nos não diz nada de novo, dando-nos no emtanto algumas indicações interessantes e exactas (Cf. *Mirabilia* no *Recueil de Voyages*, IV, 42; Yule, *Cathay*, 362; e para mais indicações o interessante artigo de Yule e Burnell, no *Gloss.* 335).

Nota (2)

Os *jambolões* de Orta são o fructo da **Eugenia jambolana**, Lam., uma arvore da familia das *Myrtaceæ*, bastante commum na India. O nome hindustani do fructo é جمون *djamún*; e em Bombaim chamam-lhe tambem *jámbúl*, parecendo que o nome de *jambolão* —pelo menos na sua desinencia— seria um arranjo portuguez[1]. Este fructo, que comem na India apesar de muito «pontico», tem uma notavel semelhança com as azeitonas, semelhança que um puro alemtejano, como era o nosso escriptor, não podia deixar de notar. Dois seculos antes, um viajante tambem das nossas partes do Occidente e da Hespanha, o mouro Ibn Batuta, tinha do mesmo modo comparado o *jámún* com a azeitona.

Nota (3)

O *jambo* é o fructo de uma especie do mesmo genero *Eugenia* —posto que planta e fructo, e sobretudo este, sejam no gosto e no aspecto muito diversos— a **Eugenia malaccensis**, Linn. Note-se que Orta conhecia a sua procedencia de Malaca, e nos indica que a introducção d'esta planta, depois vulgarissima na India, não era então muito antiga.

Nota (4)

As *jangomas* são o fructo da **Flacourtia cataphracta**, Roxb. (*Flacourtia jangomas*, Miq., *Stigmarosa jangomas*, Loureiro, *Roumea jangomas*, Sprengel). Esta synonymia, assim como a

---

[1] Se não é simplesmente o nome malayo جمبلن, *djambelan*.

descripção de Orta, a menção dos numerosos espinhos do tronco, o aspecto do fructo, não podem deixar duvida sobre a identificação. Ainda hoje em Bombaim chamam ao fructo *jaggam*, o que Dymock considera como uma corrupção de *jangoma*. Este ultimo nome, que era vulgar no tempo de Orta, e foi adoptado pelos antigos botanicos que descreveram a planta, devia ser —como já observámos a proposito dos *jambolões*— um arranjo portuguez, especialmente usado nos nossos estabelecimentos da costa, onde, nas hortas de Chaul, Baçaim e outros pontos, se encontrava com frequencia a planta cultivada (Cf. Dymock, *Mat. med.*, 74; para a synonymia, Hooker, *Fl. of British India).*

Nota (5)

Este *Coloquio* dá-nos duas indicações valiosas para a biographia do nosso escriptor. Em primeiro logar mostra-nos, que elle habitava em Goa uma casa sua, em cuja horta fazia plantações de arvores, com a segurança de um proprietario, ou pelo menos de um arrendatario a longo praso; e em segundo diz-nos que elle tinha arrendado da sua mão —como foreiro que era— a ilha de Bombaim. De um e outro ponto, e particularmente do ultimo, tratei já com certa largueza na *Vida* de Garcia da Orta.

COLOQUIO VIGESIMO NONO

DO LACRE

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Aguora cae a vez do *lacre* que tanto se gasta nesta terra em serrar cartas e pôr outros sêllos, em lugar de çera.

ORTA

Antes a çera se gasta por falta do *lacre;* porque o *lacre* he mau de despegar, e não se tira o sêllo senão quebrando. Chamase *lacre* o que nos livros de botica chamamos *laca;* em arabio e persio e turquesco *locsumutri,* casi lacre de Çamatra; e nam porque Çamatra confine com Pegú, onde o ha, senam porque vinha dessas partes, cuidaram os Arabios e outras nações que era della, e por isso lhe puseram o tal nome; em Bengala e no Balagate e no Malavar, onde o ha, tambem lhe chamam asi, porque aprenderam dos Mouros, mas na lingua da propia terra he *lac;* e em Pegú e Martabam, donde he o milhor, chamamlhe *trec;* e alli dizem alguns que vem de Jamay, e daly vem tambem o *almiscre;* e levam os Martavanes e Pegús a vender esta fazenda a Çamatra; e por isso lhe chamaram os Arabios *locsumutri;* e os Pegús traziam em retorno pera sua terra *pimenta.*

RUANO

Dizei que cousa he, e como se faz, e em que se cria, porque des que dixerdes a verdade que sabeis, virei com meu contraponto, e dirvosei o que acho escrito nos livros antiguos e modernos.

ORTA

Muyto tempo fui emganado; porque diziam que em Pegú saiam os rios da madre, e que na lama que ficava punham

paos pequenos, e que ali se criavam humas formiguas muyto grandes, com asas, que avoavam e punham o *lacre* muito nos paos; e que por isso avia *lacre* muito nos paos metido. E eu perguntava isto a estes homens, se o viram com seus olhos; e porque lá se ganhava mais em comprar robis, e vender roupa de Paleam e de Bengala, diziamme que não estavam lá tam oçiosos como isso; mas que ouviram aquillo, e que era a fama comũa: até que falou comiguo hum homem bem criado que lá estivera, e era curioso, e me dixe que era hum arvore grande em cantidade, com folhas que pareçiam de amexueira, e que lavravam nos ramos pequenos daquelle arvore este *lacre* as formigas grandes, criadas na vasa e em outras partes; e que tiravam deste arvore, como de causa material, esta guoma, lavrando no pao como a abelha faz no mel; e que esta era a verdade. E que depois tiravão os ramos daquele arvore em pedaços, e os punhão a secar á sombra, até que despediam o pao, e ficava em canudos, e em alguns delles ficava o pao metido dentro; e quanto menos pao tem deste se ha por melhor, porque dizem loguo, tem muyto pao este lacre, ou tem pouco. E mais me dizia que algum era muyto çujo, e punhamno a derreter, e que fazião pó, e que este era o somenos, por ser mesturado com terra; e despois mandei saber a Pegú isto, e achei ser muita verdade. E andando eu no Balagate, onde ha algum, e o ajuntam pera o trazerem a vender aos portos do mar, que vem da terra do Cotamaluco, me dixeram o mesmo; e aqui em Goa me trouxe hum moço hum ramo delle tirado de huma arvore que chamamos *maçeira,* e os Decanins *ber,* de que açima faley já, e aqui está nesta orta, e por meus olhos o vi; e porque este he pouco *lacre* não fazem conta delle, que não será a terra disposta pera o gerar. E muytos me dixeram que o viram nas *maçeiras,* e que as formigas o geravam nellas; e he claro ser isto verdade, porque muytas vezes vem as asas das formigas mesturadas no *lacre*. E este *lacre* de que falamos, quando he mastiguado, tinge de fino roxo, e asi o provam e delle fazem estes paos que vedes pera çerrar, e os tingem, e acrescentamlhe a cor neçesaria

de que querem os paos, scilicet, a tinta que faz a tal cor; e destes paos ou de pastas larguas tingem os carpinteiros ou torneiros ao torno os paos que querem, trazendo o *lacre* pollo pao ao torno; e com este *lacre* enchem a prata e o ouro, que he vazio, para fazer suas obras maiores. E portanto sabei que não he o arvore similhante á murta, nem na folha nem na grandura; senão he ás vezes tamanho como uma nogueira, e ás vezes mais pequeno; nem se chama *aec,* como lhe chamava o Pandetario, nem *ancusal,* que sam nomes corrutos (1).

RUANO

Aviçena* lhe chama *luc***, na traduçam emendada pello Belunense, e alegua a Paulo, que diz que o arvore delle he semelhante ao arvore da *mirra,* e que he bom cheiro, e mais que he neçesario que se administre com cautela, e que outros erraram e dixeram que era como *carabe,* e que a verdade he que tem a virtude do *carabe* em muitas cousas: que sentis disto?

ORTA

Que Aviçena não conheceo o *lacre,* senão falou congeiturando; e póde ser que o não vio em pao; e ao que diz que o arvore he similhante ao da *mirra,* por isto juraria eu que Aviçena não vio arvore delle. E eu tambem não conheço o da *mirra,* pera confutar seus ditos; mas sey que a goma do *lacre* he feita per cima dos paos forrandoos, e a outra he estilandose do arvore; e a *mirra* tem cheiro, e o *lacre* não o tem, posto que Aviçena diz que o tem. E chamárse *luc* por o Belunense, pode ser que asi o achou escrito nos originaes antigos; porém aguora os Arabios todos o chamam *locsumutri;* e em reprender aos que dizem que é *carabe,*

---

* Avicena, Livr. 2, 432 (nota do auctor).

** Esta passagem é uma das que mereceram mais severa correcção da parte de Scaligero, o qual, notando que لك tanto se póde ler *loc* como *luc,* acrescenta: *quare cum Garcias ubique Arabismi se peritum habere vult, satis prodit se ne legere quidem scivisse.*

bem fez Aviçena; mas errou em dizer que tem as propriedades do *carabe,* que isto he falso, porque o *carabe* he conglutinativo e estitico, e o *lacre* aperitivo; e por ser muyto aperitivo diz Aviçena que se ha de administrar com cautela; e asi como vós melhor sabeis, primeiro usamos de cousas aperitivas, menos que usemos delle; senão o que sinto de Aviçena he, que creo elle que o *lacre* era o *cancamo** de Dioscorides; porque Paulo pareçe que fala por a sua boca; e craramente consta ser falso; porque o nosso *lacre* careçe de cheiro, e o *cancamo* he cheiróso e auto pera perfumes; e outra cousa diz Avicena dina de reprensam, que faltando o *lacre* se ponha em seu logar *sangue de drago,* que tambem he mézinha estitica.

RUANO

Porque lhe chamam *locsumutri?* Ha o por ventura em Çamatra?

ORTA

Não, senam, como vos já dixe, ha o em Jamay, e dahi o levavam a Çamatra; e de lá trazião em retorno *pimenta:* mas agora este caminho não he tam usado, porque o *lacre* não o vendem senão Pegús aos Portuguezes, e nós o vendemos aos Arabios e Persios e Turcos; e o levamos a Portugal, onde se gasta pera Africa e outros cabos; por onde agora não ha rezam de lhe chamar *locsumutri,* como ante, que os Chins que o levavam a Ormuz e a esoutras terras não cuidavam que era senão de Çamatra, e por de Çamatra o vendiam; mas em Çamatra não o ha; e se ha algum he tão pouquo que não sae da terra; mas até o presente não soube senão que o não avia lá.

---

* A palavra *cancamo* vem escripta na edição de Goa com variadas orthographias, *cuhamo, cauchomo, cauchamo,* que em parte são erros de imprensa, e reduzimos á mais geralmente usada. A fórma preferida por Orta é evidentemente *cauchamo,* o que seria uma incorrecta transcripção do grego κάγκαμον, ou do latino *cancamum,* como escrevem Dioscorides e Plinio.

RUANO

Ora já examinamos Avicena, examinemos a Serapião*, que diz *sac,* scilicet, *laca,* e alega a Dioscorides, por traduçam do Abtabharic, que diz que he goma que naçe na Arabia, similhante ao arvore da *mirra;* e alega a Rasis, que diz que cae do ceo sobre os ramos da *gubera,* e alega Isac e diz que he cousa vermelha, que cae sobre os paos sutis, e que tingem com elles os panos; e tambem diz que o trazem da Armenia, terra bem sabida na India; por onde me direis a verdade de tudo isto.

ORTA

Sac he nome corruto; e o *lacre* de Dioscorides não escreveo Dioscorides delle, nem Serapiam o conheceo; porque elle cuidou que era o *cancamo* de Dioscorides, e diz ser similhante á *mirra* e ao *estoraque:* bem vêdes que este *lacre* não cheira cousa alguma; e onde alega o Galeno por a traduçam do Abathabarich**, alguns presumem ser Paulo***, porque falla da mesma maneira; e nem Serapio nem Paulo, com seu perdam, dizem verdade, nem ainda que o dixera Galeno, não lhe deramos fé; pois diz que he goma de hum arvore que naçe na Arabia, similhante a *mirra;* e se este *lacre* não o ha em Arabia, pois he mercadoria pera lá, levada de cá da India, pera que he dar fé a taes ditos? Tambem alega a Rasis que diz que cae do çeo sobre os ramos

---

* Lib. 2, cap. 432 (nota do auctor). Isto é evidentemente um erro; Orta repete a citação do logar de Avicenna, querendo citar o cap. 181 de Serapio.

** O nome vem escripto acima com uma orthographia um tanto diversa. Deve dizer-se, que não foi só o nosso escriptor quem o alterou; na versão latina de Serapio (edição de Brunfels, 1531) encontram-se as fórmas Athabarich, Albatarich, Atabari, que julgo se devem applicar todas ao mesmo escriptor arabico, traductor de Galeno.

*** Ser Paulo e não Galeno, é o que Orta quer dizer; a versão de Clusius n'este ponto não é exacta.

da *gubera,* e he falso, porque *gubera* no arabio quer dizer *sorva,* e não ha *sorva* em toda a India; e ao Nizamoxa lhas trazem da Persia e do Coraçone, e eu as vi em sua caza.

RUANO

Oulhai se por ventura he *nespra;* porque outros livros dizem sobre os ramos da nespereira.

ORTA

Está mal treladado; porque *gubera* he *sorva,* e *anzurut* he *nespra;* quanto mais que nem huma nem outra ha em toda a India; e ao que diz que se traz da Armenia he falso, porque na Armenia não o ha tambem.

RUANO

Dizem os Frades italianos que escreverão sobre Mesue, que não vio homem algum o verdadeiro *lacre* em nossas partes; e que nam he de crer que a natureza faltase aguora nelle; ainda que muitos cream ser o *cancamo* de Dioscorides, porque a descriçam delle por Paulo e Dioscorides lhe convem; mas este *cancamo* não o vio pesoa alguma; posto que alguns dizem ser o que chamamos *benjoim;* e que pois o não conhecemos, per conselho de muitos bons fisicos se póde pôr *sangue de drago.*

ORTA

A mim me pareçe bem o que dizem os Frades em dizer que a natureza não avia de faltar neste simples; e dizem nisto bem, porque as terras sam mais sabidas, e o uso das mézinhas he mais conhecido; mas em dizer que o não ha, dizem mal, e milhor diriam em dizer que o ha; pois o trazem da India cada dia e o usam por *lacre* todos os Mouros e Gentios. E porém fora muito milhor dito que o não conheceram Serapio nem Avicena, ou quem treladou os sinais de Paulo e Dioscorides no *cancamo* de que careçemos; mas que he este que usamos, e que o *cancamo* não sabemos delle, pois não he *benjoim;* e isto he noto, pois não o ha na Arabia, como vos já dixe, falando do *benjoim;* e que se po-

nha no seu logar *sangue* de *drago,* já reprovei isso açima; por onde, levandovos Deos a Espanha, usai lá do *lacre* com muyta ousadia; porque cá os fisicos mouros letrados no Balegate usam de *dialaca,* a que chamam *dallaca;* e *al* he articulo do genitivo, e asi o *diaturbit* chamam *dalturbit,* que he composição de *turbit;* e asi chamão todos os mais das composições, onde nós pomos *dia,* põe elles *dal.* E vós que sois bom grego, sabeis se he bem dito *dia,* porque eu já ouvi dizer que não he bom grego; e nisto não fallo mais, por não meter a mão em a fazenda alhea.

RUANO

Isso derradeiro vos diguo que me pareçe bem, mas nam posso julgar nisso porque não sam bom grego; e Ruelio, escritor douto e curioso, se acha nisto duvidoso.

ORTA

Tem rezão; mas vós, se lhe falareis, o tirareis de duvida.

RUANO

Bem será que vos diga o que sinto neste caso, não obstante quanto dixestes; e he que não ha verdadeiro *lacre;* porque, se os Gregos o conheçeram, he por *cancamo;* e se o não conheceram, he o de Avicena e Serapio: e asi hum como outro não tem cheiro nem aproveita pera profumar as vistiduras; e misturado com *mirra* e *estoraque* não acresenta e causa cheiro, antes o diminue. E asi concluo que não temos o *lacre,* nem o *cancamo.*

ORTA

Vós o dizeis e o desdizeis; porque dixestes primeiro que a natureza não avia de ser defeituosa em estas mézinhas tam celebradas dos Gregos e Arabios, e aguora dizeis que careçemos dellas.

RUANO

Assi o torno a dizer, até que me deis rezão por onde mude o proposito.

ORTA

Não he menos inconveniente nam conhecer Serapio nem Avicena o *lacre,* e errar em dizer que faleçe* natureza; pois sabeis que o *lacre* he este que vedes hir da India a Portugal; e por tal o tem todas estas regiões, e Asia, e Africa, e muita parte da Europa; e o que mais he chamarse asi ácerca dos Indios; e por vós nam terdes que o he, nem os Frades, nem outros, não se mudam as cousas do que sam**. E diguo, como já dixe, que Serapio se emganou, crendo ser o *cancamo* de Paulo e de Dioscorides; e Avicena muyto mais se emganou, pois dixe as cousas do *cancamo,* e fez capitulo de *cheichem**** como se fossem duas cousas; e o que dixe do outro, como se foram duas mézinhas: ora pois quem tam craramente errou, não he muyto errar em não conhecer o *lacre.*

RUANO

Bem me persuadis nisso; mas o *cancamo,* como carecemos delle?

ORTA

Menos mal he careçermos de hum simple, que de dous; e porém eu vos direi qual he o *cancamo,* segundo meu parecer, posto que pera concluir isto não tenha rezões evidentes; mas quem me der outras milhores estou aparelhado pera aprovar o contrario.

---

* Parece faltar a palavra «na».

** Arip. 1, Periarmemas (nota do auctor); nota cheia de erros de imprensa, e que se deve ler, creio eu, Arist. 1, Peri Hermenias. No tratado de Aristoteles, intitulado em algumas versões latinas antigas *Peri Hermenias sive de interpretatione,* vem no livro 1. cap. 2, *De nomine,* varias phrases, que Orta podia citar em apoio do seu dito, de que os nomes não influem na natureza das cousas.

*** Por outra *keiken* ou *keikhem,* de que Avicenna falla no cap. 391; e que é a mesma substancia de que volta a tratar no cap. 432. Este nome *keikhem,* lido como quer Sprengel قنقهام, *kankeham* ou melhor *qanqeham,* deve ser a transcripção arabica de κάγκαμον.

RUANO

Pareceme que quereis dizer que he *benjoim,* e isso não me quadra, porque *benjoim* nam o ha na Arabia, como já discotimos.

ORTA

Nem isso diguo, senão que he *anime;* porque he bom pera cheiro e em perfumes usado. E vem a Portugal de Etiopia, terra confim á Arabia.

RUANO

Certamente que me contenta isto; mas alguns dizem que o *anime* he uma especia de *carabe?*

ORTA

Isso me ajuda mais, porque, segundo alguns, o *cancamo* he especie, e Avicena, reprendendo estes, diz que não he *carabe,* mas que he na virtude como elle; mas cá não o ha, scilicet, o *anime.*

RUANO

Hum coronista das Indias de Castella diz que ha *anime* em Çirvamlha, perto de Maluco, e que o ha em as terras do Brasil.

ORTA

Os Castelhanos, se me derdes licença, sam gente que acresenta muyto; e porém não diz verdade, porque o que diz he hum certo breu pera calefetar os navios, do qual vem muyto cá, por o aver em Çamatra, e em muitas partes; mas não tem o cheiro do *cancamo,* nem cheira senão como qualquer goma outra; e per esta maneira tendes *lacre,* e tendes *cancamo,* até que achais outra mézinha a que mais verdadeiramente convenhão os sinaes della (2).

RUANO

Deos seja louvado, eu sam satisfeito do *cancamo* e *lacre,* e por aguora me pareçe bem; mas pois na terra onde* esta goma prinçipalmente se chama *trec,* donde veo a lhe chamar *lac,* ou *loc* ou *luc?*

---

* Deve faltar o verbo «ha».

ORTA

Falais como que esse error não seja muyto comum ás pesoas, porque essa foi causa de muitos errores: se ao *espodio* que aguora chamamos, chamaram *tabaxir,* como se chama onde naçe, como ao diante vos direi, nam ouvera tantos erros, nem tantas contendas entre os Arabios e Latinos e Gregos; porque as mézinhas não conhecidas ande ter o nome que tinham no seu naçimento; mas esta goma vendoa, e tendo neçesidade della pera tingir e curar, porque, deretida, ficava basta como *loc* (que he hum ponto alto mais que xarope) chamaram entam a esta guoma *luc;* e asi lhe ficou o nome dos Arabios, que desta terra a levavam, ou lá a compravam aos Chins. E depois de a pedirem, ha muyto, cá por este nome *lac,* ficou tambem em uso ás gentes indias de a chamar asi; e isto que vos digo he muyto verisimile, e sem duvida passou asi (3).

RUANO

Afirmailo tanto, que já não posso negarvolo; e em especial pois dais razões tam verisimiles. E aguora vos quero perguntar huma pergunta de mercadoria; e he que traz meu cunhado licença pera poder levar 100 quintaes de *lacre* pera Portugal ou pera Ormuz, e parece-me que o levará pera Portugal; porque lhe dizem que val aguora quatro vezes menos, do que valia quando elle cá andou.

ORTA

Eu volo direi: tinhão os capitães de Ormuz trato e feitoria em Baçora, cidade de Mesopotamia, a que vinham comprar os de Alepo mercadorias; e vendendose seo *lacre* muito bem primeiro, o tornou a trazer o feitor do capitão de Ormuz, que tinha sem o vender, nem avendo esperança disso; e quando elle vio isto, sem saber a causa, lhe dixe hum mercador muyto grande de Alepo, que elle lhe daria a rezam disso, dizendo desta maneira—havia hum tintureiro muyto rico em Alepo, e foy mixiricado ao guovernador (a que elles chamam *baxá)* dizendo que aquelle muito dinheiro que

tinha pertencia a elrey, e dando busca na sua casa acharam que tinha 100 mil venezeanos, e dixelhe o guovernador: tu es tintureiro e hum tintureiro riquo não póde ter mais que mil venezeanos e pois como tens tu 100 mil venezeanos? E asi lhos tomou todos; e porque contra os reis mouros não se acha justiça, fez este homem queixume ao gram rey dos Turcos, e per concerto lhe descubrio huns montes na sua terra, cheos de tinta, ou de arvores ou matas que a dam, os quais sam milhor tinta que o *lacre,* e escusam este *lacre,* e não he neçesario nas suas terras; e estas terras que a dam rendem ao Gram Turco mais de 100 mil cruzados cada anno; e por o serviço que fez ao Gram Turco, lhe deu o seu dinheiro todo, e lhe deu grandes liberdades outras; e por esta causa ora se não gasta em Ormuz senam muito pouquo *lacre* perá a Persia, com que trazem as alcatifas; e pera a Turquia e Arabia e outras partes não levam cousa alguma delle.

RUANO

E que tinta he esa? olhai não seja *grãa,* porque tambem *grãa* ha em Espanha, e em outras partes.

ORTA

Isso nam soube até aguora, e porém podeo ser; mas o que vos dixe, sey que pasa asi. Huma cousa vos peço, por merçe, que levandovos Deos a Espanha, nam consentais que deitem, por *lacre, sangue de drago* na confeiçam da *laca,* nem creais que *laca* seja o que chamam os Arabios *quermes,* porque hum he guoma, e outro he semente, da qual ha muita em Espanha (4).

NOTA (1)

Toda esta pagina, na qual se concentra o interesse particular do *Coloquio,* porque o resto é uma discussão muito confusa e bastante ociosa de textos e opiniões antigas, toda esta pagina é extremamente curiosa e notavelmente bem deduzida.

Em primeiro logar, Orta reconhece que a *lacca* é uma producção animal, «lavrada» nos ramos pequenos de uma arvore por um insecto. Sómente engana-se quanto á natureza do insecto, suppondo ser uma formiga grande. É de notar, que esta falsa opinião, communicada por «hum homem bem creado», o qual estivera em Pegu, esta opinião era a que vogava n'aquella região. No seu livro sobre o Burmá, o dr. Mason diz: *the Karens think that the lac is produced by an ant, and call it the lac ant.* Portanto, Orta unicamente repetia o que tinham dito ao seu informador na propria região productora. A verdade era, porém, que o insecto gerador da *lacca* é um hemiptero, da familia dos *Coccidæ* e do genero *Coccus*, o **Coccus lacca.** N'este genero e especie, o macho, munido de azas, voa livremente, emquanto a femea fica toda a sua existencia fixada ao ramo e é a verdadeira geradora da *lacca.* É possivel que as azas, observadas por Orta na *lacca,* fossem as do insecto macho, assim como é possivel que fossem azas de verdadeiras formigas, pegadas casualmente áquella substancia, emquanto se achava pastosa.

Ao mesmo tempo, porém, que Orta reconhecia ser a *lacca* uma producção animal, reconhecia não ser uma producção puramente animal, e notava acertadamente que se não podia formar sobre os troncos seccos. Era uma substancia «lavrada» pelo insecto á custa da planta viva sobre a qual se fixava. A sua phrase é muito curiosa: ...«tiravam deste arvore, como de *causa material,* esta guoma, lavrando no pao como a abelha faz no mel». Esta phrase mostra uma comprehensão perfeita da natureza d'estas substancias, semi-animaes e semi-vegetaes, que, como a *lacca,* o *kermes,* a *cochenilha,* algumas variedades de *mannâ,* são o producto de uma especie de collaboração do insecto com a planta. Para sermos justos, devemos notar, que outro portuguez muito menos instruido do que Orta, Duarte Barbosa, teve a mesma comprehensão da natureza da *lacca,* e diz: ...«este laquar, algũus dizem que he goma darvore, e outros que se cria nos ramos delguados das arvores, como em nossas partes se cria grãa nos carascos; e esta razam parece muyto mais natural, porque asy vem elle em arvores e varas delguadas, que por rezam não podem lançar tanta goma». Como se vê, Duarte Barbosa notou bem a affinidade existente entre a *lacca* e a *grãa* dos carrascos, ou *kermes,* que de feito é produzida por uma especie do mesmo genero *Coccus.*

Voltando, porém, ás investigações de Orta, vemos que elle obteve apenas algumas informações, necessariamente vagas, ácerca das arvores de Pegu; mas conseguiu ver na India a *lacca,* formada sobre um ramo de *maceira* ou *ber,* isto é, de *Zizyphus jujuba.* Averiguou, assim, a natureza botanica de uma das plantas sobre as quaes com mais frequencia se cria a *lacca.* O sr. W. Theobald, fallando das terras de Burmá, diz que a *lacca* se forma ali sobre o *Ficus religiosa* e outras

especies do mesmo genero, sobre a *Butea frondosa,* sobre o *Zizyphus jujuba* e outras plantas; e, referindo-se á India, W. Ainslie menciona diversas arvores em que o insecto se póde fixar, mas muito particularmente o *Zizyphus jujuba,* dizendo mesmo que esta planta se cultiva com frequencia para aquelle fim. Como se vê, a observação de Orta está perfeitamente confirmada.

Orta tinha tambem conhecimento dos estados em que a *lacca* se encontrava no commercio, fallando-nos da que vinha «em canudos»; e da que havia soffrido uma certa preparação, pondo-a «a derreter». A mesma distincção se faz no *Lyvro dos pesos,* onde se diz que *o lacre de canudo* podia valer em Ormuz uma certa somma, emquanto *o de pão* valia uma terça parte menos, sendo *emxuto.* A primeira fórma era a *lacca bruta,* ou *crude lac* dos inglezes, consistindo na accumulação das cellulas resinosas, que encerram as femeas do *Coccus;* e da qual, tratada pela agua, se obtem a substancia corante, chamada *lac dye.* A segunda sorte devia ser analoga á que hoje se prepara pela fusão e passagem a través de um tecido, tendo no commercio o nome de *shell lac.*

Finalmente, Orta sabia que se encontrava alguma *lacca* na India, mas em pequena quantidade, e que esta mercadoria vinha sobretudo de Pegu e outros portos da costa occidental da Indo-China. Isto era exacto, e acha-se confirmado por todos os documentos da epocha. El-rei D. Manuel, no seu empenho e sofreguidão de obter as ricas substancias do Oriente, mandava pedir ao primeiro vice-rei D. Francisco de Almeida, que lhe enviasse abundancia de *lacre,* e este respondia-lhe na sua celebre carta, transcripta por Gaspar Corrêa:

«O lacre que Vossa Alteza diz, que lhe mande, será maravilha averse, porque estas naos partem cedo, e as naos que o trazem de Pegu e Martabão vem tarde: espero por boa somma d'elle, porque o tenho mandado trazer.»

Alguns annos depois, Diogo Lopes de Sequeira, desejando obter, «todo o *alacre* que pudesse», e sabendo que vinha muito «á costa de Choromandel polas naos de Pegu e Martabão», enviou lá um florentino, «hum frolentim chamado Pero Escroco», encarregado especialmente de o comprar—não tinha ainda muita confiança na pericia dos nossos portuguezes, novatos nas tricas e subtilezas do commercio oriental. Do mesmo modo, Duarte Barbosa, sabendo perfeitamente que na India havia alguma *lacca* no «reino de Narsyngua», indica no emtanto que a maior parte vinha de Pegu, «laquar muyto fino que na terra nase», e de Martabão, a que chamavam «laquar Martabam». De tudo isto se vê, que a Indo-China, então como hoje, era a principal origem geographica da *lacca* do commercio.

(Cf. Mason e Theobald, *Burma,* I, 37; Duarte Barbosa, *Livro,* 360 e 361; Ainslie, *Mat. ind.,* I, 188; *Lyvro dos Pesos,* 16; Gaspar Corrêa, *Lendas,* I, 900, II, 567.)

Orta não sabia simplesmente que a *lacca* vinha de Pegu, sabia tambem que a traziam de «Jamay» a Pegu, e esta informação geographica é interessante, merecendo demorar-nos alguns momentos. Jamay—Chiamay e Jangamá de Barros—era uma provincia ou estado da terra ou reino dos Laos, chamada pelos burmeses Zimmé, e pelos siameses Kiang-mai ou Xiang-mai. O reino dos Laos dos nossos escriptores quinhentistas abrangia vagamente o que hoje chamam terra dos Schans, da fronteira do Burmá á da provincia chineza de Yun-nan, e o norte de Sião, desde Kiang-mai na bacia do Me-nam até Luang-prabang na do Me-kong. Barros define correctamente o que chama Chiamay no reino dos Laos, quando diz: o primeiro estado dos povos Laos (primeiro do lado occidental) «chamam Jangamá, cuja principal cidade ha nome Chiamay, donde muytos por causa della chamam ao reyno Chiamay».

É de notar, que o proprio Barros dá o mesmo nome de Chiamay a um grande lago imaginario, situado ao norte da Indo-China, do qual procediam varios grandes rios, que seriam nada menos que o Brahmaputra, o Iravady, o Saluen e o Me-nam. Pelo seu lado, Fernão Mendes Pinto parece derivar do lago Chiammay alguns rios do Tong-king, e diz que o lago tinha cento e oitenta leguas de circuito, havendo em volta minas de prata, cobre, estanho e chumbo. E Camões acceita a noção geographica de Barros, no que diz respeito ao rio Me-nam:

Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

Esta noção dos lagos interiores, donde saíam muitos rios, era corrente na geographia do tempo, tanto para a Asia como para a Africa; e será escusado dizer que um grande lago, origem ao mesmo tempo do Brahmaputra e do Me-nam, era uma pura phantasia sem fundamento. É, no emtanto, possivel que os portuguezes tivessem alguma noticia do lago de Tali-fu, visitado antigamente por Marco Polo, e modernamente por Garnier e por Gill; e que essa vaga noticia, ampliada e erradamente ligada com o nome da provincia de Kiang-mai, que ficava muito distante de Tali-fu, désse causa ás suas affirmações.

Em todo o caso, a provincia de Jamay ou Chiamay existia, e de lá vinha e ainda vem muito boa *lacca;* modernamente Theobald diz: *the finest lac comes from Siam and the Shan states.* O *almiscar* tambem procedia da China norte-occidental e do Thibet, vindo por Ava no Iravady, como diz Duarte Barbosa, e podendo vir por Jamay, como diz Garcia da Orta.

(Cf. Barros, *Asia,* I, IX, I, e III, II, 5; Fernão Mendes Pinto, *Peregr.,* cap. 41; *Lusiadas,* X, 125; Burton, *Commentary,* II, 541; Yule e Burnell, *Gloss.,* 145, 343, 385; Yule, *Marco Polo,* II, 65; Gill, *The river of the Golden sand,* 246, London, 1883.)

Nota (2)

N'este, como em outros *Coloquios,* o nosso Orta não soube evitar a discussão bastante esteril dos textos antigos, e francamente não era facil fazel-o, dados os habitos e as tradições da sciencia do seu tempo. A questão em que se embrenha era tanto mais complicada, quanto se tratava de discriminar a natureza e procedencia botanica de resinas em parte muito similhantes. Sem o seguir passo a passo, notaremos no emtanto um ou outro ponto em que as suas conclusões são exactas ou erradas.

Em primeiro logar, concorda com Avicenna em que a *lacca* não é o *carabe,* e tem rasão; o *carabe* (arabico كهربا *kahrabā)* é uma substancia absolutamente distincta, o bem conhecido *succino,* ou *ambar amarello.*

Em segundo logar, discorda de Avicenna, ou pelo menos dos seus traductores, sustentando que a *lacca* não é o *cancamo* de Dioscorides e de Paulo de Egina, e ainda tem rasão. Qualquer que fosse a procedencia botanica do *cancamo,* este era uma verdadeira resina de arvore, o que não era a *lacca.* Orta estabelece esta distincção do modo o mais claro e mais correcto na seguinte phrase: «a gomma do *lacre* he feita per cima dos paos forrando-os, e a outra he estilando-se do arvore». A observação é perfeitamente conclusiva. Subsidiariamente, emenda algumas asserções erradas, fundando-se nos seus conhecimentos já mais completos de geographia botanica; assim, Rhazes havia dito, que a *lacca* caía do céu sobre os ramos da *gubera* (غبر)[1], e Orta adverte que a *gubera (Sorbus domestica)* não existe na India, nem nas terras d'onde vem a *lacca,* o que continúa a ser conclusivo.

De tudo isto, Orta deduz que os escriptores arabicos não conheceram bem a *lacca,* e fallaram d'aquella substancia um pouco ao acaso, ou —como elle diz— «conjeiturando». Assim devia ser, pois se elles porventura tiveram nas mãos a *lacca* do commercio, seguramente não alcançaram noticia segura da sua longinqua procedencia geographica e muito menos da sua natureza zoologico-botanica. Bastará ler, por exemplo, o artigo *lacre* do *Glossaire* de Dozy, para ver quanto a significação das palavras *lakk* ou *lāk* foi incerta e vaga entre os escriptores arabicos, mesmo entre os que vieram muito depois de Avicenna ou Serapio.

Por incidente, Orta dá-nos a sua opinião sobre a natureza do *cancamo* de Dioscorides, e identifica-o com o *anime.* Concorda n'este ponto

---

[1] Segundo Sprengel, Rhazes não disse que caía sobre os ramos da *gubera,* e sim de uma arvore parecida com a *gubera;* em todo o caso essa arvore crescia na Arabia, e a objecção geographica de Orta fica de pé.

com um dos seus compatriotas, tambem pharmacologista eximio, Amato Lusitano, o qual, do mesmo modo, identificou o *cancamo* com o *anime* nos seus conhecidos commentarios a Dioscorides. Apesar d'esta concordancia de opiniões, os dois illustres medicos portuguezes não deviam ter rasão. O velho escriptor grego havia dito muito claramente: ...Κάγκαμον δάκρυόν ἐστιν ἀραβικοῦ ξύλου... a lagrima de uma arvore da Arabia. Deveria, pois, ser a resina fluida ou pastosa de alguma arvore da peninsula arabica, talvez de uma especie das *Burseraceæ*, como julgou Sprengel, e não uma resina solida, proveniente da Africa, como é o *anime branco*.

Julgâmos, que Orta se quereria referir a este *anime branco*, proveniente da Africa oriental, que parece ser o que hoje se designa com o nome de *copal duro*, e que se attribue geralmente a uma ou mais arvores da familia das *Leguminosæ*, vivas ou extinctas[1]. E dizemos julgâmos, pois já no seu tempo sob este singular nome de *anime*, *animé*, *aniimum*, se encontravam resinas de diversas naturezas e variadas procedencias, o que nos leva a hesitar sobre qual d'ellas Orta quereria mencionar.

E esta questão do *animé*, já enredada antes do nosso escriptor, ía justamente complicar-se mais no seu tempo—complicação a que elle proprio allude, quando falla do *animé* americano. Com effeito, começavam então a apparecer nos mercados resinas da America, similhantes ao *animé oriental*, e ás quaes se deu o mesmo nome. Um contemporaneo de Orta, o conhecido Monardes, descreveu algumas sob os nomes de *anime* e de *copal*; e taes confusões se fizeram depois no commercio, que o nome mexicano de *copal* veiu a designar a droga africana, emquanto o velho nome de *anime* passou mais especialmente para a resina americana. De nada d'isto Orta tinha, nem podia ter conhecimento, e unicamente nos dá uma opinião menos exacta; mas que elle proprio apresenta como uma simples conjectura, mostrando-se disposto a abandonal-a quando lhe deem para isso boas rasões.

Em resumo, da longa dissertação de Orta resulta, que elle possuia a litteratura especial do seu assumpto e do seu tempo, e que, se não conhecia bem o *cancamo* ou o *anime*, pelo menos tinha idéas muito exactas sobre a *lacca*. E se hoje nos interessam mais especialmente os factos por elle observados na India, é certo que estas eruditas embora confusas discussões de textos e opiniões classicas, deviam ser a parte mais apreciada pelos seus eruditos contemporaneos.

(Cf. Sprengel, *Dioscorid.*, I, 38, II, 361; Guibourt, *Drogues Simples*, III, 455; Flück. e Hanb., *Pharmac.*, 129.)

---

[1] Sobre esta curiosa questão do *copal* póde ver-se o que escrevi nas *Plantas uteis da Africa Portugueza*, p. 158 a 163.

Nota (3)

Esta etymologia é puramente de phantasia, e fundada unicamente em uma similhança de som. O termo de pharmacia *loc*, ou melhor *looch*, é o arabico لعوق *la'ōq*, derivado do verbo لعق *la'aq*, que significa lamber. Nunca podia dar as palavras لكّ *lakk*, ou لاك *lāk*, pelas quaes os arabes e persianos designam a *lacca*, e que parecem ser uma simples abreviação do sanscripto लाक्षा, *lākshā*, com a mesma significação (Cf. Marcel Devic, no *Supplément* a Littré, 46; Ainslie, *Mat. ind.*, I, 188).

Nota (4)

É difficil apurar o que haja de verdadeiro n'esta historia de cunho perfeitamente oriental, nem mesmo saber se o *lacre* tinha diminuido consideravelmente de preço no tempo de Orta. Pelo *Lyvro dos Pesos* sabemos nós que esta mercadoria variava muito de valor, pois o *lacre de canudo* valia a 100 azares o bahar em Hormuz, quando ali affluia; e podia subir ao dobro quando escasseava—o *aẓar* equivalia a meio *pardau*, e este *pardau* era mais baixo que o da India. Isto, porém, nada nos diz, em relação áquella substancia corante que havia substituido a *lacca*. Orta mesmo não tinha noticia certa do que fosse, e está disposto a admittir que seria a *grãa* ou *kermes*. Tambem póde lembrar que fosse a *ruiva*, substancia que —segundo Duarte Barbosa— se exportava em grande quantidade por Aden, e ainda hoje vae da Asia central para a India.

De passagem notaremos, que Orta distingue correctamente a *lacca* do *quermes* ou *kermes;* mas não aponta as affinidades que existiam entre as duas substancias, como havia apontado Duarte Barbosa.

COLOQUIO TRIGESIMO

DO LINALOES

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Quiseravos perguntar per o *linaloes,* e não o fiz, porque me pareçe que tudo o que delle se pode saber está escrito.

ORTA

Mas antes, senhor, o que mais verdade he, que pouco se sabe delle; mas não he tam pouquo que a sua arvore nam seja já vista de alguns Portuguezes, diguo a rama della, e o arvore inteiro de muitos escravos nossos christãos, como adiante vos direi.

RUANO

Queriavos dizer o que dizem os escritores Gregos e Arabios e Latinos, e que me dixeseis o em que acertarão e erraram, e sobretudo o vosso parecer, e o que haveis sabido.

ORTA

Dizei que sereis servido de mim no que souber, postoque neste simples não ha que duvidar, no que releva delle.

RUANO

Galeno he aleguado por Serapiam per huma traduçam de Albatari*, e diz o pera que aproveita.

ORTA

Os bons escritores modernos todos dizem que Galeno não falla desse pao; e onde alegua Galeno sam livros atribuidos falsamente a elle; portanto este autor grego deixemolo áparte.

---

* Sobre os nomes dos traductores de Galeno, citados por Serapio, veja-se a nota a p. 33.

RUANO

Dioscorides lhe chama *agaloc,* e diz que se traz da India e da Arabia, e que se usa delle ás vezes por *ençenso**.

ORTA

O verdadeiro *linaloes* nam o ha, senam nestas partes da India, como ao diante vos direi; e por ventura á terra de Dioscorides era trazido da Arabia; porque, como muytas vezes vos tenho dito, todas as mercadorias desta terra yam ter a Gida e ao Toro, e a Ormuz, e destes portos do mar se proviam o Cairo, e Alexandria, e Alepo, e outras muytas terras; e se algum ouve na Arabia, nam era deste especial *linaloes,* ou era sofesticado. E ao que diz Dioscorides que se gasta em lugar de *encenso,* nam he esse dito de hum tam grave escritor como elle; porque menos mal fora se dixera que por falta de *linaloes* se guastava o *encenso,* porque um quintal de *encenso* val nesta terra hum cruzado e meo, do muito bom; pois mais barato deve valer na terra de Dioscorides; e um arratel de *aguila*, da muito boa, vale tres cruzados; ora oulhay se he boa permutaçam esta de Dioscorides.

RUANO

Pareceme que nisso tendes muyta rezam; pois elles moravam perto da Arabia, não devia ser tam caro a elles.

ORTA

Sabeis quam longe he, que o mais que vem á India he de Dofar e Caxem, e Xael, e Barem, como adiante vos direy**.

RUANO

Avicena examinemos por sua autoridade.

---

* Dioscorides, lib. I, cap. 12 (nota do auctor); na edição de Sprengel o capitulo em que trata do ἀγάλλοχον é o 21.

** Portos da Arabia, por onde o *incenso* era exportado para a India; o seguimento do dialogo levaria a crer que se tratava do *linaloes.*

ORTA

Elle faz dous capitulos, scilicet, o 742 de *xilaloes,* e o de *agalugem* 14*.

RUANO

Como, sam duas mézinhas?

ORTA

Não, senão huma; e porque nella estava duvidoso fez duas, pera se decrarar melhor na segunda vez que na primeira, e dizer que não era mais que huma mézinha; e os nomes que diz no Cap. 742 sam, dizendo as terras donde vinha, convem a saber, *almudilum,* que he Melinde, ou se persume ser, porque nessas terras ha hum pao preto que se vay ao fundo na aguoa; outro diz Aviçena ser trazido de Sofala; aguora se acha em Encuama que he dahi perto, e não he inconveniente chamar a Sofala região da India, que asi a chamavamos antiguamente**; e outro chama *alcameri,* que he o cabo de Comori, promontorio conhecido, dos antiguos chamado promontorio Cori: e outro *linaloes,* dito *alseufi**** e *alberi* dito, e outro *de regione Catai* e *Seni,* e outros nomes põem, que vos confeso que lhe não sei dar a derivaçam.

RUANO

E dessas partes que dizeis, vem o *linaloes* verdadeiro, ou naçe nellas?

---

* Aviçena, lib. 2, cap. 742 (nota do autor); citação errada, o cap. é 744, pelo menos na edição de Benedicto Rinio.

** Isto é exacto, e muitos auctores antigos alargavam singularmente o nome de India; fr. Jordão, por exemplo, inclue Zanzibar e terras proximas na sua *India Tertia.*

*** Ha aqui um erro de transcripção ou de imprensa; o nome em Avicenna é *alsanfi,* cuja significação veremos em uma das notas. É certo que outros nomes citados estão igualmente estropiados, mas entendemos dever conserval-os taes quaes se encontram na edição de Goa.

ORTA

Não naçe o verdadeiro; e comtudo he verdade que nesas partes do cabo de Comori e em Çeilam ha hum pao que cheira (ao qual nós chamamos *aguila brava)*; e cheira asi como entre nós cheiram muytos paos; e já este pao foy por mercadoria a Bengala, e chamavamlhe *aguila brava,* e depois se desenganaram os Bengalas e não o quiseram comprar. Este pao he o que dizem *alcameri,* e *alsificasi* do cabo de Comori e de Çeilam; e se estas derivações vos nam contentam, outra vez vos parecerão bem.

RUANO

Aprazemme, mas *Catai* e *Seni* que quer dizer?

ORTA

De Cantam (mais celebrado de toda China), e Seni he o Chincheo*.

RUANO

Ha o *linaloes* nessa terra?

ORTA

Não, senão como muytas vezes vos dixe, os Chins navegavam este mar, e traziam o bom *linaloes* de Çamatra e Malaca, e o mao de Çeilam, e o compravam bem e vendiam; e o muyto bom, se lho não compravam muito bem, levavamno a suas terras, porque o *linaloes,* na China, he mercadoria de muyto preço.

RUANO

Tambem diz Avicena que o cozem nas terras onde naçe, e o cozimento lhe tira a virtude**; dizeime o que sentis disto porque o dizem muytos afora Avicena.

---

* É quasi inutil notar, que estas identificações, como varias outras, estão longe de ser exactas.

** Clusius e Scaligero notaram que esta citação de Avicenna é errada; e effectivamente não encontrei tal affirmação no livro do medico arabe (Cf. *Exoticorum,* 173 e 247).

ORTA

Não he tal cousa, nem se acostuma cozer este pao, e nisto podereis descançar; no fim vos direi a eleiçam delle, e como se prova; e por aqui podeis responder aos que nisto se afirmam ao cozer do pao.

RUANO

Serapio* alega a Dioscorides, e bem creo que diz nisto verdade, porque diz que tem coiro mais verdadeiramente que corteza; e que tem amargura com esteticidade; e que se traz das terras dos Indios e Arabios.

ORTA

Não dizem em tudo verdade; mas dizem verdade em dizer que o trazem das terras dos Indios e dos Arabios; e se dixeram que naçia na India e na Arabia, nam a diziam; pois naçe na India** e vem ter á Arabia por mercadoria. E em dizer que tem coiro, mais verdadeiramente que corteza, não dizem o que he; porque tem corteza como os outros paos; porém não cheira bem, senam o amago (a que chamam os Portuguezes *cerne);* e como a corteza e o pao de fóra séca, fica per tempo mais cheiroso, como ao diante vos direy.

RUANO

Faz muytas especias do *linaloes indo;* e diz que hum naçe em huma ilha chamada Fuma***; e que he melhor o negro e variograve; depois diz que vem outro de hum outro lugar da India, dito Model; e depois o que he de Sief; e depois o que he de Alcomori****. E que ha da terra donde naçe o de Alcomori, aonde nace o de Sief, caminho de tres dias; e que o

---

* Serapio, 197 (nota do auctor).

** Tomando a palavra India no sentido mais lato, incluindo a India alem do Ganges.

*** Ilha Fimua na traducção latina de Serapio.

**** Seif e alkumeri em Serapio.

que mais se vay ao fundo na agoa he o milhor, e que mais está no fogo sem se queimar.

ORTA

Estam os nomes muyto corrutos, e mais vos confeso que não sey as terras firmes por dentro muito bem; por iso não vos digo qual he a entençam do Serapiam; e mais, se diz bem ou mal. E porém se por Fuma entende Çamatra, diz bem, mas a derivaçam he muyto torta; e no que chama Model, confessovos não o entender senão se quer dizer Melinde; e Alcomori e Sief he o cabo de Comori e Çeilam, porque do cabo de Comori á ilha de Ceilam per mar ha tres dias de caminho, como elle diz; e que isto seja verdade se prova, porque nestas terras, como vos dixe, ha hum *linaloes,* a que chamamos *aguila brava.* E com esta *aguila brava* se queimão os Baneanes quando morrem, e sam estes Baneanes os que não comem cousa que possa morrer. E os Chins, que traziam o *linaloes* de Çamatra, faziam escala em Çeilam, e no cabo Comori; e quando o vendiam, diriam donde era. E mais diz Serapio que o enterram e que o sinal de ser bom he vir cheo de terra; mas bem sey que este sinal, que em qualquer pao cheiroso o podiam fazer. E o outro que diz que após este he em bondade, he o *abel* trazido de Çofala, e não he de maravilhar que seja o pao preto de Çofala e Moçambique; e fazerlhehiam cousa com que cheirase; porque diz que fazem delle taboas e pentes. E o que diz que cortam os ramos, e que os enterram por hum anno, e que a terra nam come delles cousa alguma, e que vem por os rios, diz alguma maneira de verdade, como adiante vos direy.

RUANO

E tambem diz que tem um fruito vermelho como *pimenta.*

ORTA*

Não diz cousa nisso que até agora eu podesse saber; e não falemos mais nestes Maometanos, porque, nem Rasis,

---

* Falta na edição de Goa a palavra «Orta».

nem Avenrrois, nem Isac, que deste pao falam, nam tratam mais que no pera que aproveita este pao, e não o que he e donde vem; e falai nos Latinos.

RUANO

Plinio diz, segundo Ruelio refere*, que vem dos confins donde naçe a *casia,* per os Nabateos e Trogoloditas; e porém que os mercadores que vendem por elle o *aspaltum.*

ORTA

Não faz bom caminho Plinio, nem curto; mas podia ser que o *aspalto* pao fosse sofisticado e vendido por *linaloes;* e não me entendaes como alguns entenderam falsamente por *aspalto* o que nós chamamos *betume judaico;* porque essa he huma mézinha de pouco preço, trazida do estreito de Meca, e vemse vender aqui para brear as náos.

RUANO

Tambem folgo de saber isso. Sepulveda**, e o Frade autor do *Modus faciendi,* e o autor de *De propietatibus rerum,* dizem que vem do paraiso terreal.

ORTA

Eu nunqua mereci ir ao paraiso terreal; mas comtudo diguo, que donde nasçe não ha alguns dos rios que dizem vir do paraiso terreal, senão bem longe delle; por onde não se escusam esses senhores de dizer tal fabula.

RUANO

Maravilhase hum escritor moderno como se vai ao fundo nam sendo tam moçico.

---

* Plinius (nota do auctor). É curioso que elle cite Plinio em segunda mão, quando tantas vezes o cita directamente; mas desejou talvez apoiar-se na opinião de Ruellio, porque é bastante duvidoso que Plinio se queira referir ao *linaloes,* sob o nome de *tarum.*

** Sepulveda (nota do auctor).

ORTA

Não tem razão, porque o miolo ou cerne he bem moçico, e algum delle nada na aguoa, sendo muyto bom; e por isso vos direi outras espiriencias, e provas milhores no fim.

RUANO

Os Frades italianos dizem que fez mal Aviçena em escrever dous capitulos desta mézinha, não sendo mais que huma só, e reprendem Savanerola* em fazer deferença de *xilaloes* e *linaloes,* não havendo mais deferença, senam ser hum nome grego e outro latino, e isto diz Savanerola no quinto tratado falando *de lignis.*

ORTA

Não queria eu os frades reprensores senão no pulpito; e asi diguo que Aviçena fez dous capitulos, como de cousa não bem sabida, e mais o capitulo deradeiro, que he o mais copioso, vay acresentado mais que o primeiro, que he da primeira letra do ABC arabio, que elles chamam *alif,* e outro deradeiro capitulo he de outra a que elles chamam H**: por onde póde ser que quando soube milhor a natureza deste simples que quis escrever o capitulo mais copioso. E no que reprende a Savanerola, não he de presumir que, sendo elle tam douto, não soubese que tudo era huma cousa *xilaloes* e *linaloes;* se nam foy vicio do escritor ou esquecimento do que avia escrito, como muitas vezes acontece, porque, em cousa tam nota, não havia de errar tal homem.

---

* Savanerola (nota do auctor); aliás Savonarola, veja-se a nota final.

** A primeira letra é effectivamente *alif,* pela qual começa a palavra *agaladjin,* um dos nomes arabes do *linaloes;* e a segunda *ain,* pela qual começa um outro nome da mesma madeira *'ud;* é certo que o *ain* implica uma certa aspiração guttural, e que os traductores o representaram algumas vezes por *h.*

RUANO

Sinforiano diz que nunqua vio verdadeiro *linaloes*, senão em Liam de França.

ORTA

Venha qua, e pagueo bem, e leváloa; mas, falando a verdade, o muyto bom (a que chamam *calambac)* val mais dinheiro em Malaca que cá; e porém soe vir muyto de Malaca pera esta terra, pera o levarem pera Arabia e Turquia e Persia os Mouros e Gentios ricos desta terra. E eu vos escolherei huma mostra, que leveis a Castella, de caza de hum mercador que tem aqui 10 quintaes, aquelle que me deu o outro dia o *benjui de boninas;* e mais em Cochim, quando quizerdes partir, achareis as náos de Malaca e podeis nellas escolher e comprar á vossa vontade.

RUANO

Beijo as mãos de vossa merçe por o que me quereis dar graçiosamente, e pollo conselho que me dais. E o Pandetario diz que o milhor *linaloes* ha nas alturas dos montes, e por expulsão dos grandes ventos, ou por velhiçe e ser deribado das arvores, e de muyto tempo vem pello rio abaixo. E tambem diz que o falsificam, pondo por elle *camalea;* e assi diz, allegando Acacio Felici, que huma das especias suas he de huma ilha chamada na India Camar, e outra Caemer e a terceira Sares. E não quero dizer do que dizem do coser, porque já me dixestes ser falso.

ORTA

Não sam montes onde naçe, senão antes vales; e não vem pollos rios, senão muito pouco; porque o milhor o guardam lá, e trazemno pera o vender por este rio, e ás vezes per terra; mas do rio usam mais por ser mais seguro, por causa dos tigres de que o mato he muyto cheo, e sam chamados *reimões.* A terra donde naçe pode ser Çamatra e Ceilam, como já dixe; e da falsificaçam da *camalea* não diz verdade, salvo reverencia, porque não a ha nesta terra.

RUANO

Valerio Probo, diligente escritor, que aguora escreveo sobre Dioscorides humas adições, diz que a especia mais vil e baxa que ha he a de Rhodes*: vistes já esta?

ORTA

Não, vós a podeis ver; mas se a ha, não he comprendida debaxo deste genero *agaloco* ou *linaloes;* convem a saber, o que de cá vay.

RUANO

Ruelio e Antonio Musa** o que dizem, que estes, como mais modernos e como pesoas que tem noticia da navegaçam portugueza, diram mais verdade?

ORTA

Bem creo que diram estes mais verdades: mas dizeime o que dizem, e direi o que sey.

RUANO

Diz pois o Ruelio, que o *agaloco* veo a nossa terra, só do nome conhecido, e o que primeiro dos Gregos lhe chamou *linaloes* foy Aeçio, não sei porque causa: a este Aeçio siguirão depois toda a companhia de fisicos e boticairos; e diz que Galeno delle não falou, e que Paulo lhe chamou *lenho indico****; e Aeçio diz que em as partes orientaes se acha principalmente em aquellas que mais chegam ao sul, ou meodia, e que nunqua tem cheiro, sem primeiro ser podre com bichos, e na terra ser enterrado e apodrecido; e que, com a putrefaçam, alcança o cheiro; e que os moradores da terra feito em pedaços o enterram; e que, como

---

* Valerio Probo (nota do auctor); aliás Valerio Cordo. Os erros de imprensa n'este *Coloquio* são taes e tantos, que não sei se interpretei bem a passagem; não vi o livro de Valerio Cordo; mas Laguna diz que ás vezes confundiam o *linaloes* com o *olivastro de Rodas.*

** Ruelius e Musa (nota do auctor).

*** *Linho indico* na edição de Goa; um erro de imprensa evidente.

tem cheiro, o vendem aos mercadores; e põe quatro especias, scilicet, *indico,* mais conhecido e celebrado que todos, e outro *safico,* de Safo (cidade asi chamada), outro *hispeon* e outro *higron;* e diz que os Arabios dizem que tem fruita ou baga vermelha, mais pequena que a *pimenta,* que lhe chamam *piperela;* e que *linaloes* nam he sujeito a putrefaçam.

ORTA

Fala em isso fielmente, e em dizer que não he conhecido até aguora diz bem; mas eu diguo que já he conhecido nesta terra, e daqui em diante será mais, porque já aguora se sabe donde*, e como se faz cheiroso adiante volo direi. E das quatro maneiras eu não conheço mais que a primeira; scilicet, o da India, e pode ser que as outras especias não sejam *linaloes,* senão pao cheiroso; nem conheço nem ouvi dizer que tenha fruita, ou baga alguma; nem quem diz que não he sojeito a putrefaçam não he de todo ponto verdade; porque pois he misto he sojeito a ella, e os metais menos**; e este pao se apodreçe muito tarde em o amago (a que chamamos *çerne),* de maneira que segundo aquela parte he menos sujeito a putrefaçam; e contradiz em dizer que, por ser podre e comesto*** de bichos, alcança o cheiro; e depois diz que nam he sujeito a putrefaçam; por onde se ade entender que segundo a parte onde está o cerne não se podreçe; e segundo a outra parte, onde está**** que communica com a casca, se podreçe.

RUANO

Muytas cousas diz conforme ao que dizeis Antonio Musa; e mais diz que os vossos Portuguezes acham delle grandes

---

* Falta claramente o verbo *he;* a affirmação é um tanto atrevida, e o proprio Orta mostra, que não sabia muito bem «donde era».

** Curiosa reflexão, e tendo bem o cunho da epocha.

*** *Sic* na edição de Goa; evidentemente «comido dos bichos».

**** Devem talvez supprimir-se as palavras «onde está».

matos, e que cortam os arvores, e leixamnos até que se podreçem; e que val muyto em Çamatra donde vem; e que não he por isso muyto não vir a nós muyto bom *linaloes;* e que se na mão o apertam cheira muyto, e que este e o genero chamado *calambac* levam á China e a Cantam, porto della muyto celebrado, e posto no fogo dura muyto antes que se queime.

ORTA

Diz muyto bem em tudo o mais; mas não em dizer que acham muytos matos delle porque as arvores não sam tantas, e he perigosa cousa ir lá por causa dos tigres; e mais vos diguo que muyto bom vem ás nossas mãos, scilicet, aos capitães de Malaqua, e aos que pera estas partes navegam, se o querem comprar bem, e aqui vos amostrarei algum deste.

RUANO

Pois dizei aguora os nomes nas linguas usadas, e a eleiçam e a feiçam da arvore.

ORTA

Chamase *agalugem* e *haud* em arabio; e os Guzarates e Decanins *ud,* que he casi o arabio; os Malaios *garro,* e estes chamam ao muyto fino *calambac.* O arvore é como a oliveira, e ás vezes muyto maior; fruito nem frol não lhe sey, como já vos dixe; porque não me veo, pollo periguo que ha em o hir ver em todo o tempo: asaz he que me vieram folhas e ramos trazidos a Malaqua, porque o ha polo rio açima. E dizem que, quando se corta, não cheira; e não por ser neçesario podrecerse pera que cheire, como alguns dizem; senão aveis de saber que a casca he grossa, e o meolo não cheira senam no amago ou çerne, que chamamos asi, como o do sovereiro; e quando se podreçe per fóra, reconcentrase e foge ao amago a grossura e o azeite do pao, e faz que cheire muyto, correndo toda a virtude e grossura para dentro; e por isto dizem que he neçesario podreçerse primeiro, pera que cheire; o que, como vos dixe, he muyto falso, senão, quando o pao he muyto seco,

pareçe o çerne e o miolo melhor, e cheira mais, porque não tem empedimento. Ha pesoas que, como olham o pao, logo dizem se cheirará muyto; porque em todo o pao ha deferença de madeira; e os Malaios alimpam o pao que he ruin, quando o trazem a vender.

RUANO

E o *calambac* he desta mesma especia?

ORTA

Tudo he hum, e ao mais fino chamam *calambac,* e ao outro como acima dixe.

RUANO

Como se conhece a bondade delle?

ORTA

O que for como este, que he muyto preto, e pardo em veos e pesado, com muyto olio dentro nelle, he o melhor; e, pera o provar o põem ao foguo, e o que sua mais e deita mais azeite he o milhor; e os Guzerates e Decanins, afora estas condições, querem que seja grande o pao, asi como nas pedras e no aljofre; porque dizem que no mayor ha mais virtude; e pera vos tirar deste trabalho tomai este pedaço de *calambac,* que mo deram em muyta estima (1).

RUANO

Certamente que não ouvi tal em toda minha vida e bem certamente pareçe ser bom este; e bem sey que me fizestes nisto, e em tudo, muyta merçe.

ORTA

O que eu quero da vossa he, que saiba que isto pouquo que eu soube desta mézinha me custou muyto trabalho, e alguma cousa da minha fazenda; e se mo aguardeçerdes darmei por muito satisfeito (2).

Nota (1)

Não tendo muito a dizer de novo sobre o *linaloes,* Orta fez o que hoje chamariamos uma revista bibliographica de tudo quanto conhecia e se havia escripto até ao seu tempo ácerca d'aquelle celebrado perfume. Sem o acompanharmos n'essa revista, procuraremos esclarecer tão brevemente quanto possivel algumas das suas indicações.

Identifica-se geralmente esta substancia, de que agora tratâmos, com uns perfumes ou madeiras odoriferas, mencionados na Biblia, no livro dos *Numeros,* no dos *Psalmos,* no *Cantico dos Canticos* e em outros, pelos nomes de אֲהָלִים e אֲהָלוֹת, *ahalim* e *ahalot* (fórmas do plural); e é tambem muito provavel, que o *aloes* de que falla o Evangelho de S. João, conjunctamente com a *myrrha,* e que Nicodemo trouxe para embalsamar o corpo de Jesus, fosse esta mesma substancia, e não o outro *aloes* mais conhecido, e de que tratámos no *Coloquio segundo.* Parece, que aquellas antigas designações hebraicas seriam a origem do nome de *aloes,* dado depois á madeira odorifera; e Sprengel cita mesmo uma fórma arabica, que julga intermedia, اللوة, *alluat,* emquanto sir H. Yule e outros preferem uma derivação diversa, a que adiante nos referiremos. Seja como for, o certo é que esta madeira do extremo Oriente não tem a mais remota similhança, nem nas propriedades, nem na procedencia, nem em qualquer outra circumstancia, com o *aloes,* extrahido de uma *Liliacea,* e hoje muito mais conhecido e usado, do qual, repito, Orta tratou largamente no *Coloquio segundo*[1]. Para distinguirem as duas substancias tão diversas, e que casualmente vieram a ser designadas por nomes identicos, usaram os escriptores indicar a natureza lenhosa da primeira, chamando-lhe os que escreviam em grego ξυλαλόη, e os que escreviam em latim *lignum aloes,* o que o nosso Orta contrahiu em *linaloes.* Como bem notaram «os frades italianos» e Orta confirma, «xilaloes» e «linaloes» eram, pois, exactamente o mesmo nome, applicado á mesma substancia.

Esta substancia tinha por outro lado um nome sanskritico, citado por Ainslie na fórma अगुरु, *aguru,* que os arabes converteram, alterando-o consideravelmente, em اغلاجين, *agaladjin* («agalugem» de Orta), e que parece ser a origem do nome empregado por Dioscorides, ἀγάλλοχον («agaloc» de Orta). Aquelle nome sanskritico, simplificado nas linguas modernas da India, deu em hindi e deckani os nomes de *agar* e *aghir;* e deu talvez tambem o nome maláyalam de *agil,*

---

[1] O nosso padre Raphael Bluteau, no seu *Vocabulario,* fez uma trapalhada terrivel, suppondo que o *aloes succotrino* e outros eram o succo das folhas do *pao d'aguila,* e dando sobre esta planta, as suas folhas e flores as mais phantasticas indicações.

como escreve Gundert —citado por Yule—, ou de *agila*[1], como escreve Royle. Estas palavras, adoptadas pelos portuguezes, foram por elles muito usadas nas fórmas *aguila* e *páo de aguila;* e, convertida por engano *aguila* em *aquila,* deram depois os nomes modernos francez e inglez, *bois d'aigle* e *eagle wood,* sem que a madeira tenha a mais remota relação com as aguias, como não tem a mais remota relação com o verdadeiro *aloes.*

Devemos ainda citar um nome muito usado pelos arabes, عود, *'ud* («haud[2]» e «ud» de Orta), a *madeira,* ou a madeira por excellencia, ao qual juntavam muitas vezes o qualificativo de procedencia—a *madeira da India,* عود هندي. D'este nome, ligado ao artigo *al-'ud,* suppõe Yule que poderia provir a palavra *aloes.*

Finalmente citaremos o nome malayo گارو, *gāru* («garro» de Orta), que parece ser uma simplificação do sanskrito *aguru;* e o nome puramente malayo de كلمبق, *kalambaq* («calambac» de Orta), muito conhecido dos nossos portuguezes, e ainda usado no commercio relativamente moderno nas fórmas *calambac, calambouc, calambourg*—aquelle *bois de calambourg,* que Victor Hugo introduziu no Ruy Blas para rimar com Neubourg, e que deu logar a varias discussões litterarias.

D'esta longa e fastidiosa exposição de nomenclatura resulta, que o nosso Orta tinha, como era seu costume, a noção clara dos variadissimos nomes da substancia de que tratava (Cf. D. Hanbury, *Science papers,* 265; Sprengel, *Dioscor.,* II, 360; Yule e Burnell, *Gloss.,* 258; Royle, *Ant. of Hind. med.,* 88; Marcel Devic, no *Suppl.* a Littré, 24; Ainslie, *Mat. ind.,* I, 479).

Todo o *linaloes* procedia da Indo-China, ou —para fallarmos a linguagem do tempo— da India para alem do Ganges; e não estava então bem averiguada a sua procedencia botanica, como creio que ainda não está completamente hoje. Depois das investigações de Roxburgh e de outros exploradores e botanicos, é licito affirmar, que todo o *pao de aguila* ou *linaloes* da zona occidental da Indo-China procede de uma arvore da pequena familia das *Aquilarineæ,* a **Aquilaria Agallocha,** Roxb., cujo *habitat* se estende desde a peninsula de Malaca, pelas florestas de Tenasserim e ilhas proximas de Mergui, até bastante ao norte, aos valles do Assam e de Silhet. É certo, porém, que muita d'aquella madeira vinha tambem das terras mais orientaes, de Sião e Cochinchina, e que o nosso padre Loureiro deu á arvore que a produzia, e que pertence á familia das *Leguminosæ,* o nome de **Aloë-**

---

[1] Segundo parece devem ler-se com o *g* duro.

[2] Esta fórma *haud* encontrou Orta no seu Avicenna latino, onde os annotadores representaram o *ain* de *'ud* por um *h.*

xylum Agallochum. Não creio que se tenha demonstrado de um modo bem evidente, que elle estivesse em erro. Da longa exposição de Rumphius —na verdade um tanto confusa— resulta que este consciencioso observador considerava a *madeira de aloes,* ou *calambac,* como proveniente de mais de uma planta; e o exame detido das *madeiras de aloes* do commercio, feito por Guibourt e o seu continuador Planchon, mostrou existirem, entre aquellas madeiras, diversas e notaveis variedades. É verdade, que o antigo droguista Pomet, o qual obtivera algumas informações curiosas dos embaixadores do rei de Sião na côrte de Luiz XIV, attribue essas variedades ás diversas camadas do tronco, ou diverso estado de conservação da madeira; mas esta opinião mal se póde sustentar em presença das observações minuciosas de Guibourt e Planchon. Sem insistir, e remettendo o leitor para os livros especiaes abaixo citados, parece-me poder concluir, que uma grande parte do *linaloes* procedia, e procede sem duvida alguma, da *Aquilaria Agallocha,* e que ácerca da procedencia de outra parte ainda subsistem algumas duvidas.

Qualquer que fosse a arvore a que pertencia, o verdadeiro e bom *linaloes* não consistia na madeira sã, e era o resultado de alterações morbidas, que determinavam uma producção e accumulação anormal de resina perfumada; Crawfurd, um excellente observador, é n'este ponto perfeitamente explicito, e o sr. Dymock partilha a mesma opinião. E tambem parece certo, que algumas vezes procuravam obter artificialmente essas alterações, enterrando os troncos, depois de colhidos, na terra humida, e deixando-os apodrecer parcialmente. De modo, que o nosso escriptor não tinha rasão, quando negava a existencia d'este processo, que mais ou menos vagamente havia chegado ao conhecimento de alguns dos antigos escriptores.

(Cf. Loureiro, *Fl. Cochinch.*, I, 267; Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 29 a 40; Pomet, *Hist. gen. des Drogues*, 114, edição de 1735; Dymock, *Mat. med.*, 674; Guibourt, *Drogues simples,* III, 337; Crawfurd, *Dict.*, 6).

É forçoso confessar, que o nosso Orta não teve noções muito claras nem muito exactas sobre a procedencia do *linaloes.* Indica correctamente que se encontrava em Malaca; mas acredita tambem que vinha de Sumatra, o que não era verdade, e deixa de mencionar algumas das regiões classicas da sua producção. Não falla, por exemplo, em Champá. Este nome dava-se desde tempos muito antigos á costa da Cochinchina; e todos os viajantes, que ali ou nas proximidades passaram, mencionam a abundancia n'aquella terra de *madeira de aloes:* Marco Polo diz que era frequente na região a que chama Chamba; Nicolo di Conti tambem se refere á existencia da madeira em Ciampa; e, muitos annos depois, Rumphius affirma que o melhor *calambac* vinha de Tsjampaa. Os portuguezes, anteriores a Orta ou seus contemporaneos, tambem conheciam mais ou menos completamente aquella

região e a sua preciosa madeira. Assim, Duarte Barbosa escrevia: ...«hũa muy grande ilha (enganava-se, julgando ser uma ilha) de Gentios, que chamaom Champa... tambem (ali) nase muyto lenho aloes, a que os Indios chamaom Aguila calambua...»

E Camões dizia o seguinte:

> Eis corre a costa que Champá se chama,
> Cuja mata hé do pao cheiroso ornada.

É verdade, que tanto Duarte Barbosa como Camões eram dois viajantes aventurosos, e o nosso Orta estava mais sedentario em Goa. Ainda que elle tivesse sabido da existencia de Champa e do seu *linaloes,* não teria podido averiguar uma circumstancia, que muito o teria auxiliado nas suas leituras, evitando-lhe alguns erros. Não lhe era facil reconhecer, que Champá era o Sinf ou Sanf dos geographos arabes; de feito Sanf é litteralmente Champ, dadas as condições e defficiencias do alphabeto arabico. Ora, os antigos escriptores arabicos, por exemplo Maçudi, fallam repetidas vezes do *aloes* vindo de Sinf العود الصنفي, *al-'ud as-sinfi,* ou das costas do mar do Sinf—o golfo de Sião. De Sanf ou Champa era, pois, o *lenho aloes* que Avicenna chama *al-sanfi;* o que Serapio diz vir de Seif[1]; e o que Ruellio ou Paulo de Egina chamavam *safico,* porque vinha da cidade de Safo. Sob todos estes nomes, mais ou menos alterados, escriptos com maior ou menor consciencia do que na realidade significavam, estava o nome arabe de Champa, Sanf, a patria por excellencia do *lenho aloes.* E Orta esforçava-se por identificar aquella região com Ceylão, onde nunca houve *lenho aloes,* o que realmente não tinha senso commum.

E, como um erro attrahe outro, tendo identificado o Seif de Serapio com Ceylão, e dizendo aquelle escriptor arabico que de Seif ao ponto onde nascia o *aloes alcomori* (العود القماري, *al-'ud al-qamari* em Maçudi), era uma curta distancia, Orta identifica este ponto com o cabo Comorim, levado pela indicação de Serapio, e pela similhança de som, quando é certo que no cabo Comorim tambem se não encontra *lenho aloes.* Era exacto o que dizia Serapio, e o *aloes alkumeri* nascia perto do Sinf, mas muito longe de Ceylão e do cabo Comorim, como vamos ver. O incansavel viajante mouro, Ibn Batuta, fallando de uma região a que chama Muljaua, e que sir. H. Yule por muitas e boas rasões julgou estar situada nas costas do golfo de Sião, em frente ou ao norte do Cambodja, disse que ali havia muito *páo de aloes,* principalmente nas localidades chamadas Kakula e Kumara. Esta ultima devia ser

---

[1] Talvez erro de translitteração nas traducções latinas; deverá ser Sinf no codice arabico.

a origem do *aloes alkumeri,* e, dado que o nome de Sinf ou Sanf se alargasse então —como parece que se alargava— á Cochinchina meridional e mesmo ao Cambodja, vê-se que a indicação de Serapio era exacta, e que de Kumara ao Sanf seria viagem de tres dias.

Não fallaremos em outras identificações de Orta manifestamente erradas, como é a de Catai com Cantão, quando Catai, Cathay, ou Cathayo era um nome geral da China.

Ao fazer aquellas identificações, Orta encontrou-se face a face com uma difficuldade, pois elle sabia muito bem, que nem em Ceylão, nem no sul da India havia *páo de aguila* verdadeiro. Pretendeu no emtanto torneal-a, dizendo-nos que ali existia uma especie inferior de *linaloes,* a que chamavam *aguila brava.* Julgo que a *aguila brava* seria a madeira de *sandalo,* posto que Orta não faça esta identificação, nem n'este *Coloquio,* nem n'aquelle em que posteriormente trata do *sandalo,* e julgo-o pelos seguintes motivos: o *sandalo (Santalum album)* encontra-se nas florestas de Mysore e outras do sul da India, e serve algumas vezes para adulterar o *linaloes.* O escriptor arabe Mir Mohammed Hussein, no seu livro *Makhzan* —citado por Dymock— diz o seguinte: «as aparas ou fragmentos de *ud* são um objecto de commercio na India sob o nome de *chúra agar,* e são muitas vezes adulterados com os pequenos cavacos de *madeira de sandalo,* ou *taggar,* uma madeira cheirosa muito parecida com o *aloes* e commum na India». Se acrescentarmos, que Orta nos conta como os Baneanes se queimavam com *aguila brava,* sabendo nós por outras fontes, quão geralmente a madeira de *sandalo* é empregada na cremação dos cadaveres da gente rica na India, torna-se muito plausivel a identificação da *aguila brava* com o *sandalo.*

Em resumo, vemos que Orta tinha perfeita noticia dos nomes variados do *linaloes,* do aspecto e qualidades da madeira, da sua procedencia das terras de Malaca; mas sabia menos no que dizia respeito á sua producção nas regiões mais orientaes de Sião e Cochinchina.

(Cf. Duarte Barbosa, *Livro,* 373; *Lusiadas,* x, 129; Yule, *Marco Polo,* II, 250; Nicolo di Conti, em *India in the fifteenth century,* 16; Yule, *Cathay,* 469 e seguintes; Dymock, *Mat. med.,* 676; Maçudi, *Prairies d'or,* I, 169 e 330; Rumphius, l. c.)

Orta esqueceu-se de nos fallar no emprego do *linaloes,* e comtudo esse emprego interessava-o, pois esta madeira figurava, e desde tempos muito remotos, na pharmacia e materia medica indiana, considerando-a ali estimulante, carminativa e tonica. Usava-se, porém, principalmente como perfume, e ainda n'este ponto o nosso informador é Duarte Barbosa, que diz assim:

«...he a fina Aguila Calambua muy estimada antre hos Indios e Mouros, e val em Calecut ho arratel dela trinta e corenta pardaos; eles ho querem pera ho mesturarem com sandalo, almisquere, e agoa rosada, pera se untarem.»

O preço variava muito, segundo a qualidade; e o mesmo Duarte Barbosa nos diz, que a *Aguila* (provavelmente ordinaria) valia de 300 a 400 fanões a farazola, emquanto o *Lenho aloes* verdadeiro, negro, pesado e muito fino, valia 1:000 fanões. E não só variava no preço, mas ainda no modo de pesagem, no numero de farazolas que entravam no baar, ou bahar, na importancia do *picotaa*, e em outras complicações do commercio oriental. Assim, no porto de Hormuz, a *aguilla fina* era pesada por um certo modo; outra *aguilla* somenos, por ser mais branca e mais leve, de modo diverso; e a *aguilla ruym* ainda por outra maneira. D'estas indicações se vê bem, como aquella madeira era no Oriente uma mercadoria procurada e de alto preço.

E não era simplesmente procurada no Oriente, vinha tambem para a Europa, onde, durante muito tempo, figurou nas mais celebradas e complicadas composições da antiga pharmacia. O *lenho aloes* foi um ingrediente obrigado de quasi todas as *Confectionibus aromaticis*. Na cabeça do rol dos componentes do *Electarium de aromatibus domini Mesues* figurava uma certa quantidade de *ligni Aloës crudi*, com a competente indicação, *sume electissimum*. Entrava igualmente na *Confectio ex moscho amara*, e *dulcis*, e nos famosos *Electarium de gemmis* e *Electarium Diambra*, não fallando de muitas outras composições, então de uso frequente e quotidiano.

Fabricavam-se tambem com aquella madeira pequenos objectos, nomeadamente contas e rosarios, que tinham a vantagem de serem perfumados, e que o botanico Clusius viu em Lisboa: *fiunt interdum ex eo sphærulæ, quæ ad preces ad numerum recitandas idoneæ, odoris jucunditate et pretii magnitudine commendabiles.*

Hoje, o *lenho aloes*, como tantas outras substancias, desappareceu da circulação europêa; mas continúa a encontrar-se nos mercados orientaes, por exemplo, no de Bombaim (Cf. Dymock, l. c.; Duarte Barbosa, l. c. e p. 384; *Lyvro dos pesos*, 8; *Concordia pharmacopolarum Barcinonensium*, Barcinone, 1587, a p. 23 etc.; Clusius, *Exoticorum*, 173).

Nota (2)

Orta, como vulgarmente se diz, deitou a livraria abaixo. Alem de mencionar quasi todos os seus auctores validos, e já repetidas vezes nomeados nos *Coloquios* anteriores, Dioscorides, Galeno, Plinio, Avicenna, Serapio, Aecio de Amida, Paulo de Egina, João Ruellio, Antonio Musa, Mattheus Sylvatico, sob o nome de *Pandetario*, Valerio Cordo, Fernando de Sepulveda, e os frades italianos, commentadores de Mesué, alem de se referir de passagem a Rasis, Averröes e Isaac Judeus, elle cita dois ou tres escriptores, ainda não mencionados até aqui.

Em primeiro logar Savonarola, um Miguel Savonarola, que havia escripto alguns livros de medicina, o *Opus de balneis,* impresso no anno de 1485, e a *Pratica de ægritudinis,* impressa no de 1478, havendo uma edição posterior das suas obras, sob o nome de *Pratica canonica,* Lugduni, 1560. Não se segue da citação, que Orta possuisse estes livros, antes parece conhecel-os unicamente pelo que disseram os frades italianos, fra Bartholomeo e fra Angelo Palla.

Em segundo logar, Orta cita Sinforiano, um medico francez, pertencente á casa do duque de Lorena, chamado Symphorien Champier, escriptor fecundo e um tanto phantasista. Compoz, alem de outros, um livro intitulado *Campus Elysius Galliæ,* no qual exaltava as cousas da Europa, mais particularmente as da França, e de certo mais particularmente ainda as da cidade de Lyão, de onde era natural. Nunca vi este livro, mas sem duvida ali se encontrará a affirmação a que Orta se refere (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo,* 291).

Orta cita tambem pela primeira vez um livro, intitulado *De propietatibus* (sic) *rerum.* Era um livro muito conhecido e muito famoso, escripto por um frade inglez, Bartholomeu de Glanvilla, e que teve uma grande circulação e foi traduzido em varias linguas mesmo antes da invenção da imprensa—a Bibliotheca Nacional possue um primoroso codice d'esta obra, que pertenceu á livraria de Alcobaça. Teve depois numerosas edições, sendo a primeira, de que se conhecem exemplares, do anno de 1480, com o seguinte titulo: *Incipit prohemium de proprietatibus rerum fratris Bartholomei anglici.* Alem de uma versão franceza com um titulo singular, *Le proprietaire des choses,* existem outras e nomeadamente uma hespanhola, feita por fr. Vicente de Burgos, impressa em Tolosa no anno de 1494, tendo o seguinte titulo: *El libro de propietatibus* (sic) *rerum.* É perfeitamente possivel que o erro de orthographia do titulo se reproduzisse casualmente nos *Coloquios;* mas tambem é possivel que Orta copiasse com demasiada fidelidade aquelle titulo, e n'este caso elle possuia, ou havia visto a edição hespanhola. N'essa edição, encontra-se o seguinte (libro XVII, cap. V), a proposito do *aloes* ou *linaloes*: ... *la hallan en un grãd rrio, que viene del parayso terrenal y se ayunta cõ otro que passa en babilonia, y por esto diẕẽ algunos que este arbol cresce en el parayso terrenal*... É esta a passagem que Orta citou.

Orta menciona pela segunda vez n'este *Coloquio* o *Modus faciendi,* que já tinha mencionado no *Coloquio vigesimo terceiro;* e é esta a occasião opportuna de emendar o que então disse. Quando escrevi as notas áquelle *Coloquio* (vol. I, p. 352) eu lembrei que este livro poderia ser o *Modum faciendi in medicina* de fr. Bernardino de Laredo. Notei, porém, que embora este livro fosse escripto muito antes do tempo de Orta, a sua primeira edição conhecida é de 1617, e, portanto, o nosso escriptor só poderia ter visto o manuscripto, ou algum exemplar

de uma edição anterior, não indicada pelos bibliographos. Deixei assim as cousas em duvida. Depois de publicado o primeiro volume, o dr. Casimiro Simão da Cunha communicou-me amavelmente o exemplar que possue do *Modus faciendi,* que é um livro diverso do de fr. Bernardino, e sem duvida alguma o que foi citado por Orta. Intitula-se, *Modus faciendi: cum ordine medicandi,* e é impresso no anno de 1534, faltando a ultima folha em que devia estar o local da impressão—provavelmente Sevilha. O auctor conserva o anonymo, dizendo-nos, comtudo, que era frade menor, ou franciscano, como se vê da seguinte dedicatoria: *Al muy illustre y reverendissimo S. Dõ Allonso Manrrique, Cardenal del titulo duodeci apostolorum, Arçobispo de Sevilha, Inquisidor mayor en los reynos y señorios de España, etc. De vuestros frayles menores el mas indigno y menor.* O livro é um minucioso e curioso tratado de pharmacia, e é sem a menor duvida o que Orta citou. A folha XIII verso encontra-se, a proposito do *folio indo,* tudo quanto repete o nosso escriptor (vol. I, p. 345), isto é, que vinha da terra do Preste João, que lhe mandaram algumas folhas, dizendo-lhe serem da *arvore da canella,* etc. É certissimo que ali se encontrará tambem a phrase relativa á procedencia paradisiaca do *linaloes;* mas confesso não ter lido todo o grosso tratado em busca d'aquella phrase: a identificação do livro estava sem isso perfeitamente demonstrada.

Na nota a que já me referi, ao *Coloquio vigesimo terceiro,* disse eu que não havia alcançado noticia do *Luminare majus.* Vê-se de varias citações do *Modus faciendi,* que o *Luminare majus* era tambem um tratado de pharmacia e materia medica, escripto por um certo Joãnes Jacobi (Cf. *Modus faciendi,* fol. XXI verso).

COLOQUIO TRIGESIMO PRIMEIRO

DO PAO CHAMADO CATE DO VULGO, E DIZSE NELLE COUSAS PROVEITOSAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Queixandome da relaxaçam e molificaçam das gengivas, me dixe a vossa cosinheira que comese *betre* e *areca* e *cate,* tudo mesturado; e mais me dixe que o *cate* só era milhor que tudo; e proveio, e tem hum sabor estitico, e amarga alguma cousa. E dixeme tambem que sabia muito bem a aguoa bebida sobre elle, e proveia, e não me soube tam bem como isso, pollo sabor amarguoz; entonçes me dixe que, com a mestura do *betre* e *areca,* sabia muyto bem; e certo que a mim me parece muyto boa mésinha pera desecar e apertar. Saibamos donde he, e como se chama, e como se faz; e mais queria saber a feiçam do arvore, e pera que se usa em mésinhas desta terra, e se fazem alguns escritores memoria disto.

ORTA

Ha este pao em Cambaia a maior cantidade, scilicet, nas terras de Baçaim, e Manora e Damam, cidades delrey nosso senhor, com suas terras; tambem o ha em as terras firmes de Goa e em outras muytas partes; mas nam em tanta cantidade como nas terras que dixe, porque dali se levam pera Malaca e pera a China, e isto em muyta cantidade; e tambem isso levam pera Arabia, e Persia e Coraçone; mas isto he per via de mézinha em pouca cantidade; mas pera a China e Malaca se gasta em muita cantidade, porque se come com o *betre.* E ácerca de todos se chama *cate,* e em Malaca *cato;* e alguns varião este nome pouco; e já pode ser que, pois os Arabios e Persios e toda a gente desta terra lhe chamam *cate,* ou variam pouco, que seja a causa disto

gastarse a maior cantidade nas bandas de Malaca, onde lhe chamam o dito nome, asi como se faz no *costo,* como vos já dixe; porque chamandose na sua propria terra *uplot,* lhe chamam todos *pucho;* porque he grande mercadoria pera Malaca, onde se chama asi*. E o arvore donde se faz este *cate* he tam grande como hum freixo, e a folha he myuda como a das urzes, ou jounas, que chamam em Portugal; e tambem o podemos comparar á tamargueira; tem muytos espinhos, e todo o anno tem folha; he pao muyto rijo e mocico e pesado; nunqua podrece, segundo dizem, nem com sol, nem com aguoa, e tanto que se chama este pao, ácerca delles, *pao que sempre vive;* sofre este pao muyto os golpes; por isto, e por ser muyto pesado, se fazem delle huns paos com que tiram a casca ao arroz nesta terra, e chamamse pilões; e pisam em hum pao muyto grande, feito á feiçam de gral; e este pao, que metem dentro a pisar, he feito como mão de gral, e de comprimento de seis palmos. A este arvore chamam, na terra donde nace, *hacchic***: e pode ser que por eu não saber a lingoa desta terra tam bem como a portugueza, não pude saber a rezam porque lhe chamam *cate:* mas abaste a rezam acima dita.

RUANO

Está bem relatado tudo isso que dizeis; mas queria saber se tem flores ou fruta.

ORTA

Flores tem, mas fruta me dizem que não a tem.

RUANO

Dizei o modo de confeiçoar estes troçiscos ou formas que trazem.

---

* Veja-se o *Coloquio decimo setimo,* e as suas notas.

** Na edição de Goa está *hac chic,* se intencionalmente, se por erro não o saberei dizer, pois não identifiquei este nome.

ORTA

Tomam estes paos cortados deste arvore muyto meudos, e cosem os e pisamnos; e delles fazem formas, a modo de trociscos ou chans, e formam as com farinha de *nachani,* que he huma semente preta e meuda de que fazem pam, que sabe como centeo; e com esta farinha e cinza de hum pao preto que ha na terra, ou sem ella, formão estas talhadas, e as enxugam á sombra; porque não lhe tire o sol a sua virtude. E pois estas gentes todas o gastam, e os Chins, sendo tam descretos e sabidos, podeis asentar que he muyto boa mézinha; quanto mais que eu a esprementei em camaras e em paixões dos olhos, e acheia muyto boa. E quanto he o saber se fazem mençam della alguns escritores, dirvoshia huma cousa que eu tenho por muyto certa pera mim, se me derdes licença (1).

RUANO

Antes me fareis nisso muyta merce.

ORTA

Diguo que o *cate* he o que chamam Galeno e Plinio, e Dioscorides e Avicena, e Serapiam e Rasis *licium;* e os Gregos lhe chamam *licium,* porque se achou primeiro em Licia (provincia da Turquia) ou porque ahi se achava milhor nesses tempos; e os Arabios, como Avicena e Serapiam, o chamão *hacdadh.*

RUANO

Pois como dizeis que he esse o *licio,* poisque não se chama *cate* por os escritores Arabios, nem por o arabio vulgar? E pois que isto asi he, me dizey porque chamaes *cate* ao *licio.*

ORTA

Chamolhe asi, porque todos os escritores modernos e antigos, Gregos, e Arabios, e Latinos, e Indios, todos preferem o *indio* e *licio** a todos os outros; e mais porque he este,

* Sic na edição de Goa; mas ha aqui uma inversão evidente. Deve ler-se o *licio indio,* ou da India.

e asi o ensinam a fazer todos, como cá se faz; e mais porque as cousas todas pera que aproveita o *licio* usam nesta terra a fazer do *cate;* mais porque tem as condições que ade ter o bom *licio;* e aproveita ao fluxo dos olhos e fortifica as gengivas e dentes, e lhe mata o bicho, se o tem criado nelles ou nas gengivas; e aproveita pera a garganta e pera as lombrigas e pera as camaras. E, quanto he a não o chamarem os Arabios *cate,* a isto vos respondo que muytas cousas perdem o nome na propria lingoa com o uso da lingoa alhea. E já pode ser que, se me vir com fisicos Arabios, que me digam se tem na lingoa arabia outro nome. Porque vos disse que todos falavão neste simple, digo que Galeno diz* que he huma arvore espinosa, e que o melhor he o da India, e que ha muito em Licia e Capadocia, e tem virtude de restringir e de secar; e o mais que diz não faz ao caso. Plinio** dá vantagem ao *indio,* e diz que se traz em odres de camellos e rinocerotes, e diz a maneira como se fazem, e todos concordam. E porque já vos disse como se fazia, nisto não fallo mais.

RUANO

Por não estrovar pratica tam boa, não vos pergunto por esses odres, e ao fim volo lembrarei.

ORTA

A tudo vos responderei; e diguo que Dioscorides louva mais o da India, e põe a feiçam da arvore, e não a difere da arvore do *cate,* senão em pouquo, e mais em fazer arvore pequena, sendo grande; e diz como se parece ao buxo, e que o mais nace em Licia e Capadocia; e, quando diz o pera que aproveita, diz como os outros que tem virtude de apertar e confortar. E lendo o capitulo de Dioscorides, ve-

---

* Galeno, 7, Simplicium (nota do auctor).

** Plinius, libr. 24, cap. 14 (nota do auctor); a citação é exacta, no sentido de Plinio fallar do *lycion* no livro XXIV; mas errada em ser no livro XII, que elle diz parte do que Orta repete.

reis como os Indios usam delle, da maneira que elle diz. Avicena o chama *hacdadh;* diz que he mais forte e melhor o da India, que o que vem de Meca; o qual de Meca sey eu que he este que vay da India; e diz que quando delle carecermos, que em seu lugar ponhamos *areca* e *sandalo.*

RUANO

Para isso melhor diz a vossa cozinheira, que o faz de *betele* e *areca* e o mesmo *cate**.

ORTA

Estes tem isto por uso do principio da povoaçam desta terra; e mais Rasis diz** que se faz de çumo de *berberis,* feito muyto basto por cozimento; e o mesmo diz Serapiam chamandoo *hacdadh.*

RUANO

E os novos escritores que julgam disto?

ORTA

Sepulveda diz que o façam de çumo de madresilva, e o mesmo diz Valerio Probo; e Laguna diz que carecemos do verdadeiro *licio.* Antonio Musa tambem diz que o não conhece, senão que por os sinaes de Dioscorides lhe parece ser buxo. Os Frades desejão muyto que se ache o verdadeiro *licio;* porque *feluzalange,* que, per conselho de Avicena, se põe em seu lugar, que he a arvore do *licio,* segundo a traduçam do Belunense, tambem carecemos della; e que pera pôrem em seu lugar *faufel,* que he *areca,* e *sandalo,* como diz Avicena, he mais deficultoso de aver o *faufel,* e mais diz que não sabem bem o que he.

RUANO

Como, não ha muito *sandalo vermelho* em Portugal se de qua vay, não podem levar muyta *areca?*

---

* Uma boa phrase, cheia de bom humor e de malicia.

** Rasis, 3 ad Almansorem (nota do auctor).

ORTA

Si; mas sam os boticairos portuguezes pouco deligentes em aver mézinhas, e muito em aver dinheiro; porque se elles a pedisem em Portugal na Caza da India, levalaiam de cá em abundancia.

RUANO

Asi que, não se achando o nosso *licio,* vós afirmaes que aproveitará estoutro *indio;* e não oulhaes que se chama *licio,* porque ha o melhor em Licia e Capadocia, que parece que este se deve perferir a todos.

ORTA

Eu nam digo que se deite em lugar o *licio indiano* do *licio de Licia,* mas diguo que, quando falecer o da India, se deite o de Licia, porque esta he a entençam de todos os escritores; e que, quando elle faltar, que usem do feyto de berberis e de madresilva, ou de amexas bravas estiticas. E ao que dizeis, que se chama *licio* por exçelencia por ser de Licia, digo que não he asi com perdam de vossa merce, senão porque ahy se achou o uso delle primeiro, scilicet, achouse o uso desta mézinha, que se parecia com o da India, e que por falta e defeito do da India se avia de deitar: e esta he a verdade, e outra não; porque em nenhuma regiam se usa deste *cate* tanto, como nesta terra (2).

RUANO

Levaloei desta terra, e usarei delle, pois que cá fez os efeitos que dizeis; e mais será bem que me digaes se ha nesta terra muytos odres de camellos e de rinocerotes, como diz Plinio, que nelles o levam, pera vermos a cantidade delles por o seu coiro.

ORTA

Eu não vi odres de camellos desta terra; posto que no Decam e em o Guzarate ha alguns camellos, que tem os reys e os capitães pera levar o fato na guerra; mas nem sam tantos os que morrem como cavallos, pera que delles façam odres. E quanto he aos rinocerotes (a que os Indios

chamam *gandas),* não os ha domesticos nesta terra; e pode ser que os aja bravos em Bengala ou no Patane, e nas terras que tem os Patanes os ha, e alguns fazem domesticos. E porem eu não vi algum rinocerote, mas sey que os de Bengala usam do corno para a peçonha, cuidando ser o unicorneo; mas elle não o he, segundo a entençam dos que bem o sabem; porque o Nizamoxa pesára 200 vezes a ouro hum pouco de unicorneo exprimentado, e muyto melhor tomára o do renoceros*. E sabei que no anno de 1512 foi apresentado a elrey Dom Manoel, que está em gloria, hum que lhe mandou elrey de Cambaia, o qual elle mandou ao Papa. E se deste animal quiserdes ver, lêde Plinio, libro 8, cap. 20**; e Estrabo tambem fala deste animal.

RUANO

Pareceme isso que dizeis que não ha unicorneo na India; pois nam falais nelle, e dizeis que o não tem esse rey vosso amiguo, sinal he isso de o não aver na India; e pois nós tambem não sabemos onde aja o tal animal.

ORTA

Dizem tantas cousas incertas desse animal, que, por nam as saber bem, não as queria contar; porque as pessoas que mas contam, não as contam como testemunhas de vista. E comtudo vos direi o que ouvi a pessoa de autoridade em seus ditos. E contaramme, que soubera que entre o cabo das Correntes e de Boa Esperança viam huns animaes que, posto que folgavam com o mar, eram terrestres, e a feiçam da cabeça e cóma era de cavallo, e que comtudo não era cavallo marinho; e que tinha corno do qual usava abaxandoo ou alçandoo abaxo e acima, e á parte direita e á esquerda, de modo que dizem ser como dedo; e que este animal pe-

---

* O sentido não é claro; parece dizer que compraria o corno do rhinoceronte, se julgasse ser unicorneo.

** Plinius, libr. 8, cap. 20 (nota do auctor).

leja bravamente com o elefante; e que o fére com o corno, o qual corno he de dous palmos, e dizem ser contra a peçonha: e esta he a fama comum.

RUANO

Dizem delle, que não querem beber os animaes, até que elle meta o corno na agoa.

ORTA

Não somente dizem ser bom bebido contra a peçonha, e tem elle esta fama, e disseram pessoas dignas de fé que deram *rosalgar* a dous cães, e a hum deram dobrada cantidade da peçonha, e a este que a deram dobrada, deram a beber do corno delle raspado, e este viveo; e o outro morreo, que tomou menos *rosalgar* a metade. E deste animal não sey outras cousas, e porém vi já alguns cornos destes, e mostravam serem pegados na testa. Prezará a Deos que isto se venha a saber bem; e que elle descubra o que for mais seu servico; e nisto que escrevi quis ser mais curto que larguo, porque leixo que dizer aos que melhor souberem (3).

Nota (1)

O «cate» de Orta, «cato» da *Pharmacopêa portugueza*, substancia mais conhecida pelo nome de *catechu*, é um extracto da madeira da **Acacia Catechu**, Willd. (*Mimosa Catechu*, Linn. fil.), uma arvore bastante commum na India, mais a leste nas terras de Burmá, e por outro lado na Africa oriental; é tambem obtido este extracto de uma especie proxima, **Acacia Suma**, Kurz., que se encontra igualmente na India.

—«Cate», a designação empregada por Orta, é a natural orthographia portugueza do seu nome hindustani, que hoje escrevem *kat* ou *kath*. Drury diz, que a palavra *cate* significa arvore, e *chu* succo, d'onde *catechu*; mas não sei se esta affirmação tem fundamento. Duarte Barbosa —como logo veremos— dá á mesma substancia o nome de *cacho*, que é a designação tamil, canarim (lingua do Canará) e malaya, *kashú*, ou *kachú*; e «cato», empregado em Malaca segundo Orta, é uma simples alteração de *cate*, ou de *cacho*.

—Não vejo que o nome da arvore seja «hac chic», como diz Orta; nem encontro cousa parecida com esta expressão. O nome vulgar da *Acacia Catechu* é *kaira, kayer* e outras fórmas similhantes (Cf. Flück. e Hanb., *Pharmac.*, 213; Dymock, *Mat. med.*, 283; Ainslie, *Mat. Ind.*, 1, 63; Drury, *Useful plants*, 6; Piddington, *Index*, 56).

Segundo Duarte Barbosa, o *cacho* exportava-se no seu tempo principalmente do norte da India, e não era uma substancia muito conhecida. Fallando das mercadorias do reino de Guzerate, ou Cambaya, diz o seguinte:

«... e asy outras muytas dragoarias que nós nom conhecemos, e em Malaca e China saom muyto estimadas, e tem grande valia, silicet, cacho, pucho[1], e muyto encenso que vem de Xaer.»

Isto concorda com o que diz Orta ácerca da sua procedencia de Cambaya, principalmente das terras portuguezas de Damão, Baçaim e Manorá—uma *pragana* annexa ás terras de Baçaim, desde o tempo de Francisco Barreto, ou já antes. E tambem concorda no que diz respeito a ser exportada para Malaca e China, sendo tambem certo, que algum *cate* ía para a Arabia e Persia, por via de Hormuz, onde era uma mercadoria conhecida. É o que se póde deduzir de uma phrase do *Lyvro dos pesos*, interessante, porque estabelece explicitamente a identificação do *cacho* com o *cate:*

«O baar do cate, que aquy chamão cacho, he em tudo como o arroz, quanto ao peso.»

Parece, pois, que então não sabiam fabricar o *catechu* em Pegú e terras limitrophes, d'onde hoje vem para a Europa a maior parte, porque se assim succedesse de certo não iria de Cambaya para Malaca.

Depois d'estas noticias de Barbosa e de Orta, a droga e as suas qualidades medicinaes caíram de novo no esquecimento; e quando perto de um seculo mais tarde algum *catechu* veio do Japão á Europa, deram-lhe o nome de *terra japonica*, classificando-o como um *genus terræ exoticæ*. Ainda no anno de 1671, Wedel de Iena discutia a diversidade das opiniões que vogavam ácerca da natureza vegetal ou mineral do *Catechu seu Terra japonica*, tão esquecido ou ignorado andava o que o nosso naturalista havia dito a respeito de sua proveniencia e processo de fabricação.

Este processo não differia essencialmente do que hoje se segue; e o *cate* ou *catechu* era e é o extracto aquoso da madeira da *Acacia*, concentrado pela acção do calor, e secco ao sol ou ao ar, depois de moldado em fôrmas. Nos livros de Dymock, e de Flückiger e Hanbury se podem ver as variantes do processo, que hoje seguem no Oriente.

---

[1] Por erro de imprensa ou copia, vem na edição da Academia escripto *cachopucho*, em uma só palavra.

O que era especial no tempo de Orta era a intervenção da farinha de *nachani*, que misturavam com o succo inspissado para formarem os trociscos ou «chans».

O *nachani* é uma graminea de grão alimentar, **Eleusine Coracana**, Gäertn., chamada na India *raggi*, *nagli* e *nanchni*, muito frequente hoje em cultura na Africa oriental, onde os portuguezes lhe dão o nome de *naxenim*, frequente tambem na Africa occidental, onde lhe chamam *luco*, e de cujas curiosas migrações eu já me occupei largamente em outro trabalho.

Voltando, porém, ao *cate*, podemos notar que ainda hoje é empregado na materia medica da Europa, como uma substancia fortemente adstringente; e que na India tem usos medicinaes similhantes aos que Orta menciona. Alem d'isso, é largamente usado no Oriente como masticatorio, juntamente com o *pán supári (pán* o *betle*, e *supári* a *areca)*—exactamente a receita da cosinheira do nosso medico.

(Cf. Duarte Barbosa, *Livro*, 289; *Lyvro dos pesos*, 22; Flück. e Hanb. l. c.; Dymock, l. c.; *Plantas uteis da Africa portugueza*, 41 a 55).

Nota (2)

Orta engana-se identificando o *cate* com o *lycio* dos antigos; mas, como diz sir H. Yule a proposito d'esta mesma questão, as suas opiniões são sempre dignas de consideração—*Orta, whose judgements ar always worthy of respect*...

Toda a historia do *lycio* estava no seu tempo muito confusa. Dioscorides, ao tratar do λύκιον, referiu-se evidentemente a duas plantas diversas, e que elle soube muito bem serem diversas: uma das regiões mais proximas, da Cappadocia e da Lycia, e que modernamente se tem identificado com uma especie de *Rhamnus:* a outra de regiões mais distantes, dando um producto muito superior, e designada pelo nome de *lycio da India*, ἰνδικὸν λύκιον. D'esta, que unicamente nos interessa agora, pois a ella se refere Orta, fallaram mais ou menos confusamente Plinio, Galeno, Celso e outros; e sabemos que dava uma substancia muito apreciada medicinalmente, sobretudo no tratamento das ophtalmias e outras doenças de olhos, vendida por altos preços, e conservada em uns vasos especiaes, de que a *Pharmacographia* transcreve uma noticia interessante. Os arabes antigos tiveram tambem conhecimento da mesma substancia, a que parece chamaram *hadhadh* حضض (o «hacdadh» de Orta), dizendo Avicenna que era o succo do *alfeluzaharagi* («feluzalange» de Orta), o que pouco esclarecia a questão. Naturalmente todos os commentadores, todos os Musas, Sepulvedas e outros se lançaram em conjecturas mais ou menos plausiveis ácerca da natureza do *lycio;* e Orta aventou a opinião de que

fosse o *cate*, o que não era absurdo, pois o *lycio* como o *cate* era o extracto de uma madeira, e se os caracteres da *Acacia catechu* não concordavam com o que Dioscorides havia dito da arvore do *lycio*, Orta sabia muito bem que elle se tinha enganado mais de uma vez em pontos identicos. A questão continuou a ficar enredada; e Sprengel, quando já no nosso seculo publicou a sua edição de Dioscorides, ainda não se pronuncia sobre o que seja o *lycio* da India. Foi só um pouco depois, que Royle (1833) mostrou dever ser o *lycio* dos antigos analogo ou identico a um extracto, conhecido nos bazares da India pelo nome de *rusot*, e obtido de varias especies do genero *Berberis*, *B. aristata*, D. C., *B. Lycium*, Royle, e *B. asiatica*, Roxb. (Cf. Yule e Burnell, *Gloss.*, 133; Sprengel, *Diosc.*, livr. I, cap. 132; Avicenna, II, II, 398; Royle em *Linn. Trans.*, XVII, 83; *Pharmac.*, 34; Dymock, *Mat. med.*, 35).

Nota (3)

Nas notas ao *Coloquio vigesimo primeiro* contámos já (vol. I, pag. 320) a historia do rhinoceronte, que Muzaffar Schâh mandou a Affonso de Albuquerque, Affonso de Albuquerque a D. Manuel, e D. Manuel a Leão X; mas alguma cousa temos a acrescentar sobre o que Orta diz em geral de rhinocerontes e unicorneos.

O nosso escriptor admitte a existencia de rhinocerontes no Bengala, «nas terras que tem os Patanes» —expressão pela qual deve designar os estados afghans da India—, e no «Patane», que seria assim o Afghanistan propriamente dito. Em toda esta zona de leste eram numerosos aquelles animaes —*Rhinoceros indicus*, e talvez tambem a especie *R. sondaicus*—, que já então se não encontravam ou se encontravam excepcionalmente na zona occidental. Linschoten diz: *India abadam sive rhinocerota non habet, verum in Bengala et Patana reperitur*—por India designa a parte mais conhecida, ao longo da costa de oeste.

Orta diz tambem, que «alguns fazem domesticos»; e esta questão dos rhinocerontes domesticos é um tanto complicada. Gaspar Corrêa, descrevendo uma grande batalha entre Báber e um certo rei da India, chamado Cacandar, batalha que Yule e Burnell dizem não terem podido averiguar qual fosse, mas que é talvez a de Panipát, confusamente envolvida em muitas circumstancias erradas, diz assim, fallando do modo por que estavam ordenadas as forças de Cacandar:

«... e diante huma batalha de oitocentos alifantes, que pelejavão com espadas nos dentes e em cima castellos com frecheiros e espingardeiros. E diante dos alifantes oitenta gandas, como huma que foy a Portugal, a que chamarão bichá, que no corno que tem sobre o focinho tinhão ferros de tres pontas com que pelejavão mui fortemente.»

Diremos desde já, que na relação da batalha de Panipát, dada pelo historiador Erskine, o qual segue as Memorias escriptas pelo proprio Báber, se mencionam os oitocentos ou mil elephantes, mas se não diz uma palavra dos rhinocerontes.

A noticia de Gaspar Corrêa, por mais estranha que seja, não é isolada. Fernão Mendes Pinto, fallando de um lago de Chiammay na Indo-China a que já nos referimos em outra nota, affirma que d'ali se tiravam muitos minerios, os quaes «levam mercadores em cafilas de alifantes e badas aos reinos de Sornau, que é o de Sião, Passiloco...» Aqui temos as *badas* —outro nome dos rhinocerontes—, domesticadas e empregadas nos transportes. E o mesmo Fernão Mendes Pinto, dando a relação de um enorme exercito tartaro, que invadiu a China, diz «...donde partiram com oitenta mil badas, em que vinha o mantimento e toda a bagage». Yule e Burnell, transcrevendo as tres passagens citadas, não contestam a sua veracidade, e contentam-se com lhes pôr um ponto de admiração. Effectivamente, a ausencia de outras noticias, e tudo quanto sabemos do caracter desconfiado, violento e pouco intelligente do animal, levam-nos a acreditar, que os nossos escriptores foram mal informados. Gaspar Corrêa é habitualmente veridico; mas tratava n'este caso de factos succedidos no interior da India, de que recebeu noticias indirectas e confusas; e Fernão Mendes Pinto, sem merecer a reputação que teve durante muito tempo, era um tanto dado a acceitar, e mesmo a ampliar levianamente, as informações colhidas aqui ou ali. A phrase de Orta é mais acceitavel, e um ou outro rhinoceronte podia chegar a um certo grau de domesticidade (Linsch., *Navig.*, 56; Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 573; Erskine, *Hist. of Báber*, I, 434; Fernão Mendes Pinto, *Peregrin.*, cap. 41 e cap. 107; Yule e Burnell, *Gloss.*, I e 799).

Ácerca de *unicorneos* é o nosso Orta muito prudente, dando-nos as suas noticias sob todas as reservas. No que lhe disseram da costa de Africa, deve ir envolvido o hippopotamo —posto que elle diga não se tratar do cavallo marinho— com os rhinocerontes africanos, que então deviam ser muito frequentes ao longo d'aquella costa.

COLOQUIO TRIGESIMO SEGUNDO

DA MAÇA E NOZ

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

He bem que saibamos dos nomes da *maça* e *noz*, da terra donde a ha, scilicet, em Banda, e tambem em arabio e latim. E posto que, segundo a ordem, vem primeiro, porque não se pode fallar sem fallar da *noz*, que he fruta, fallaremos na feiçam da arvore, e folhas e flores, e doutras cousas medicinaes que do mesmo arvore se fazem.

ORTA

Estes nomes vos direy, pois o perguntei em malaio e malavar, e decanim e persio, e arabio e turco; posto que pera vós não seja neseçario mais que o arabio e o latim e o da terra donde nace, que he o malaio. E portanto diguo que o arvore da *noz* he do tamanho de pereira, e as folhas sam redondas á maneira de algumas de pereira: vem esta *noz* de Banda, de ilhas sogeitas a elrey nosso senhor. E posto que digam alguns escritores do Peru que o ha em Maluquo, não he asi; porque, ainda que aja o arvore, nam dá fruta, e o mesmo he na ilha de Çeilam. Sam como pereiras, ou, por falar mais verdade, como pexegueiros pequenos. He a casca dura, scilicet, a pelle daquella he mais dura que das peras verdes; e dahy vay, com sua grosura, a espedirse ao cabo, com huma casquinha muito delgada, asi como a casca pequena que cerca a castanha nossa; está chegada á *noz*, e cerca a toda; a qual *noz* está debaixo, e he como bugálho pequeno; e a pelle pequena que cerca este bugalho, que já faley, he a *maça*, e da outra casca grande nam fazemos aqui mençam; posto que he muyto boa, feita em conserva com açucare, e tem o cheiro muyto bom, e o sabor muyto melhor; temse cá esta conserva por muyto boa pera o cerebro,

e pera as enfermidades da madre e nervosas; vem de Banda em jarras de vinagre; e alguns a comem asi feita em selada; porém toda a mais, que vem a esta terra, se faz em conserva de açucare; he muyto fermoso pomo, e dá bom cheiro á boca. E aveis de saber que, quando esta *noz* he madura, vaise inchando, e rompe a primeira casca como fazem os ouriços das castanhas nossas, e fica a *maça* muyto vermelha, parecendo como *gram* fina; que he a mais fermosa cousa de ver no mundo, quando as arvores estam carregadas; e ás vezes tambem a *maça* se fende, e esta he a causa onde a *noz* muytas vezes não vem çercada da *maça*. E quando esta *noz* se cura e séqua, despede de si a *maça*, e nam fica vermelha, senão hum pouquo laranjada. Val esta *maça* tres vezes tanto como a *noz*; e esta he a verdade sabida por muytos, que vam a Banda. A qual Banda he terra muyto doentia, e se acha ás vezes irem lá muytos, e virem poucos, e comtudo sempre folgam de ir lá, pollo ganho muito (1).

RUANO

Galeno conheceo esta *noz* e *maça*, ou Dioscorides, ou outros alguns Gregos, ou Plinio?

ORTA

Galeno* faz capitulo, no setimo livro dos simples, e diz que se traz da India: e porém a outros muytos e a mim parece que não conheceo a *maça* (posto que a chame *macir*), e isto por muytas rezões: huma he, porque a faz temperada entre quente e frio, sendo quente e sequa no fim do segundo, ou dentro no terceiro; e diz que aproveita com sua esteticidade e com seu apertar ás desinterias, e aos que deitam sangue; que não he cousa que Galeno dixera, se a conhecera; quanto mais que Avenrrois diz** que esta he huma das mézinhas que não conheceo Galeno, e a muytos modernos pa-

* Galenus, lib. 7, Simplicium (nota do auctor).

** Avenrrois, 5, Coliget (nota do auctor).

receo *macir* dos Gregos e a *maça* dos Arabios serem diversas mézinhas, e esta he a causa porque Aviçena faz dois cap., scilicet, o cap. 456 da *maça,* o cap. 694 de *talicifar**; e fez isto emitando aos Gregos; ainda que elle nunqua vio o *macir* delles, teveos sempre em muyta auctoridade e veneraçam, não lhe parecendo que pudiam errar; quanto mais que Dioscorides** e outros dizem ser casca de raiz, e nam de fruto; e Plinio afirma não conhecer este *maçir;* quanto mais que, se estes Gregos conheceram a *maça,* nam puseram em silencio a *noz,* porque nenhum delles falou della; e do *macir* souberam tam pouquo, que Galeno diz trazerse da India, e Dioscorides trazerse da Barbaria; por onde pareçe que nenhum conheceo a *maça:* nisto não deve aver alguma duvida.

RUANO

Pois não falta dos modernos quem diga que o *chrisobalanus* escrito de Galeno he a *noz* dos Arabios.

ORTA

Elles não tem rezam, e tem contra si muitas cousas que lhe falecem, na feiçam, e na cor e no sabor.

RUANO

Os Arabios souberam da *noz* ou da *maça* alguma cousa?

ORTA

Senhor, si; em especial Avicena falou mais distintamente.

RUANO

Pois Serapio alega aos Gregos nestas mézinhas***.

ORTA

Fez isso porque avia medo de dizer cousa contra os Gregos; e não vos maravilheis disto, porque eu, estando em

---

* Avicena, lib. II, cap. 456 e 694 (nota do auctor); aliás 456 e 696.

** Lib. I, cap. 94 (nota do auctor).

*** Serapio, cap. 2 e 161 (nota do auctor).

Espanha, não ousaria dizer cousa alguma contra Galeno e contra os Gregos*; quanto mais que, bem oulhado, não he muyto serem humas mézinhas em huns tempos conhecidas e em outros não, porque sempre se acham novas; e certamente que, se os Gregos souberam do *pao da China,* muyto o louvaram, e fora bem celebrado delles; mas Avenrrois ousadamente diz que erão certas mézinhas, que os Gregos não conheceram (2).

RUANO

Ora pois quereis sair com a vossa em emitar esses barbaros, dizei os nomes da *noz* e da *maça.*

ORTA

Sou contente; a *noz* se chama na terra donde naçe *pala,* e a *maça, bunapala;* em decanim se chama a *noz, japatri,* e a *maça, jaifol;* em arabio chama a *noz* Avicena *jauzibam* (que quer dizer *noz de Banda)* e á *maça* chama Avicena *befbase;* a derivaçam do qual nome nunqua pude saber**. E estes sam os nomes arabios mais verdadeiros que todos, bem que muytos Mouros e Arabios, e Turcos e Coraçones lhe chamam outros nomes corrutos, que se foram corrompendo com os tempos; e asi os livros se foram corrompendo, que Avenrrois, sendo muyto bom mouro, lhe chama *geoza;* e em Serapio estam muytos nomes corrompidos; e pois estes, sendo Mouros, erraram, não he muyto Matheus Silvatico errar. A *maça* se chama *maça* polla similhança do *macir,* porque o pintam os Gregos vermelho.

RUANO

Se a *noz* em arabio se chama *geauzi,* logo os Arabios devem fazer mençam da *noz da India,* que he o chamado *coquo?*

---

* Uma das mais notaveis phrases de todo o livro, e que bem lhe podia servir de epigraphe.

** Avicenna, lib. II, cap. 456 (nota do auctor).

ORTA

Si, fazem mençam os Arabios de todas as nossas, como vos disse no *coquo,* que lhe chamam *geauzialindi;* e á nossa *noz* chamam *geauzi,* no mais*; e esta he a causa porque á cidade pacense, a que chamamos Badajoz, avendolhe de chamar Guadalgeauzi, que quer dizer *rio de nozes,* lhe chamaram corrutamente Badajoz.

RUANO

Quem vos dixe isto, e como o sabeis?

ORTA

Hum judeu que foy a Portugal, nacido no Cairo, que levou a Portugal as novas do Soldam Bhadur, e chamado por nome Isaque do Cairo, homem discreto e sabedor de muytas lingoas, lhe perguntei eu se Guadalupe queria dizer *rio de lobos,* como diz Lucio Siculo Marineo; o qual me respondeo que nam, senão que queria dizer *rio do amor;* e eu lhe disse que hum homem muyto douto escrevia esta derivaçam; elle me dixe que a derivaçam, quando pudesse ser tudo de huma lingoa era melhor, que nam fazer huma parte de huma e outra de outra lingoa; e asi como Guadalup tudo junto he arabio se entrepreta *rio do amor* (3).

RUANO

Ainda que isso não he fisica, tambem folguo de o saber mais que outras cousas, pera tirar o fastio.

ORTA

Porque não fiqueis sem elle, sabei que da *maça* se faz hum olio, muyto boa mézinha pera os nervos, e muyto usado vir de lá de Banda.

---

* Isto é, «simplesmente», sem mais; uma fórma de dizer mais hespanhola que portugueza.

Nota (1)

Identifiquemos desde já os nomes citados por Orta na pagina 84:

—A *noz* «pala», e a *maça* «bunapala», em Banda. Rumphins dá estes mesmos nomes na fórma *pala* ou *pela* para a *noz*, e *bonga-pala* para a *maça,* que Ainslie escreve tambem *bunga-pala.* Segundo Crawfurd, aquelle nome da *noz* não é propriamente originario de Banda, onde os naturaes lhe chamam *galago;* mas é corrente em todo o archipelago, e foi-lhe imposto pelos primeiros navegadores que fizeram o commercio de Banda para a India, sendo —ainda na opinião de Crawfurd— uma corrupção do nome *jatipahla* (sic) em sanskrito (Cf. Rumphius, *Herb. Amb.,* II, 14; Ainslie, *Mat. Ind.,* I, 200 e 249; Crawfurd, *Dict.,* 304).

—A *noz* «japatri», e a *maça* «jaifol» em deckani. Estes nomes estão trocados, por descuido de Orta ou do impressor; e tanto Ainslie como Dymock dão o nome da noz, *jaiphal, jaephal* (deck. جايپهل, *jáphul,* sansk. जातिफल, *jātiphala);* e o nome da maça *jápatri* (sansk. जातिपत्री, *jātipatrī)* (Cf. Ainslie, l. c.; Dymock, *Mat. med.*, 661).

—«Jauzibam» em Avicenna, significando noz de Banda; o nome encontra-se em uma nota marginal da edição latina, mas é um erro de transcripção, e no arabico está —segundo Scaligero— *djauz baua,* um nome que é dado por Ainslie como persiano, جوز بوا. Como se vê, Avicenna não escreveu *jauzibam,* e portanto não lhe chamou noz de Banda, nem é provavel que elle conhecesse rigorosamente a sua procedencia d'aquella ilha. (Cf. Avicenna, *Qanun,* II, II, 502; *Exotic.,* 248; Ainslie, l. c.)

—«Befbase», segundo Orta, é o nome da maça em Avicenna; isto é, بسباسة, *besbasah;* Ainslie cita tambem o persiano بزباز, *bezbaz.*

Estas duas especiarias são produzidas pela **Myristica fragrans,** Houttuyn *(M. moschata,* Thunb., *M. officinalis,* Linn. fil.); uma bella arvore, typo da pequena familia das *Myristiceæ,* e que se encontra espontanea em varias ilhas orientaes do archipelago Malayo, mas abunda sobretudo no pequeno grupo vulcanico de Banda. A arvore feminina, porque a planta é dioica, produz uma drupa carnosa, mas dehiscente, que, abrindo-se na maturação, deixa ver a semente, envolvida em uma arilha de côr vermelha intensa; esta arilha é a *maça* do commercio. A semente, privada da arilha ou *maça,* que se vende á parte, e do seu envolucro exterior ou testa, fica apenas revestida pela pellicula do endopleura, a qual penetra profundamente nas fendas do albumen ruminado; esta é a *noz muscada* do commercio. Se Orta não deu, e não podia dar, uma descripção minuciosa d'esta complicada estructura, teve pelo menos uma idéa approximada

da natureza da *maça,* e não lhe chamou flor, como fizeram outros, entre estes Camões:

Leva pimenta ardente que comprara:
A secca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilão é rica, illustre e bella.

Banda, com as pequenas ilhas proximas, foi a verdadeira patria da *muscadeira,* a região onde a sua cultura mais se desenvolveu, onde os portuguezes a foram sempre buscar, e onde hoje os hollandezes se esforçam por lhe conservar o monopolio. Segundo nos diz o conhecido naturalista e viajante Wallace, quasi todas as terras aproveitaveis na base da ilha e vertentes das montanhas estão cobertas de plantações de *muscadeiras,* crescendo á sombra de grandes arvores, *Canarium commune,* e encontrando na sombra, na excessiva humidade do clima, e no ligeiro solo vulcanico as melhores condições de vegetação. Parece que estas plantações são extremamente bonitas, e Wallace diz; ..... *few cultivated plants are more beautiful than nut-meg trees,* como Orta havia dito: «a mais fermosa cousa de ver no mundo». João de Barros é tambem muito lyrico na sua descripção d'estas plantações:

«Passado o tempo das flores, em que as nozes já estão coalhadas e de côr verde (principio de todo o vegetavel), vae-se pouco e pouco tingindo aquelle pomo, da maneira que vemos n'este reino de Portugal uns pessegos, a que chamão calvos, que parecem o arco do Ceo chamado Iris, variado de quatro cores elementaes, não em circulo, mas em manchas desordenadas, a qual desordem natural o faz mais formoso. E porque n'este tempo que começam a madurecer, acodem da serra, como a novo pasto, muitos papagaios e passaros diversos, é outra pintura ver a variedade da feição, canto e cores, de que a natureza os dotou».

Descripção, concentrada por Camões em quatro versos:

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia cor que pinta o roxo fructo;
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.

Notaremos de passagem, que uma d'estas aves, um bello pombo, *Carpophaga concinna,* tem singulares relações com a vida da planta, engolindo a noz inteira, digerindo a *maça,* e lançando intacta a parte essencial da semente, de modo que contribue poderosamente para a propagação da especie, ao mesmo tempo que d'ella depende para a

sua alimentação. Orta referiu-se a um facto analogo, a proposito de outra planta, no *Coloquio vigesimo oitavo.*

Os gregos e latinos, como veremos melhor na nota seguinte, não conheceram a *noz* e *maça;* mas os arabes, viajantes e geographos, como Maçudi e Edrisi, escriptores de materia medica, como Avicenna e Serapio, tiveram perfeita noticia d'estas especiarias, que, em maior ou menor quantidade, chegavam á Europa na Idade-media. Vinham de Banda a Java e outros portos do Oriente, frequentados por chins e arabes, n'aquelle commercio de cabotagem, feito pelos malayos e javanezes, a que já nos referimos a proposito do *cravo.* Duarte Barbosa, fallando de um estado de cousas anterior ao dominio portuguez, diz que o commercio em Banda se fazia por meio de trocas, dando ali grandes quantidades de mercadoria por qualquer objecto, por exemplo, vinte bahares de *maça* por um *gong* javanez, de modo que a especiaria «val quasi de graça». A differença de preço entre Calecut e Banda era enorme, e a *farasola* de *noz* valia em Calecut tanto, como o *bahar* em Banda — o *bahar* tinha vinte *farasolas* proximamente. As differenças de preço de Calecut para a Europa tambem eram grandes, pois a *noz* e a *maça* custavam carissimas durante toda a Idade-media; em Inglaterra, ahi pelos annos de 1350, dois arrateis de *maça* valiam tanto como uma vacca. Quando, pois, os portuguezes, commandados por Antonio de Abreu, foram a Banda depois da tomada de Malaca, continuando nos annos seguintes a frequentar a ilha, e acabando por estabelecer ali uma posse mais ou menos effectiva, encontraram-se senhores de um commercio tão lucrativo pelo menos como o do *cravo.* Ou fosse, porém, porque a *noz* e *maça* tivessem menos consumo do que o *cravo,* ou por qualquer outro motivo, o certo é que estas especiarias não parecem ter tido a importancia commercial do *cravo,* e se encontram menos vezes citadas nos nossos livros e documentos do tempo. Em todo o caso, o trato da *noz muscada* e *maça* pertenceu aos portuguezes durante proximamente um seculo, passando depois para os hollandezes, que o conservaram até ao nosso tempo.

Alongaria demasiado estas notas qualquer noticia sobre a cultura da arvore, e colheita e preparação da sua semente, noticia que será facil encontrar em alguns dos livros citados abaixo (Cf. Flück. e Hanb., *Pharmac.,* 451; Dymock, *Mat. med.,* 661; Crawfurd, *Dict.,* 304; Rumphius, *Herb. Amb.,* II, 14 a 25; Wallace, *Malay Arch.,* 285; *Lusiadas,* IX, 14, e X, 133; Barros, *Asia,* III, V, 6; Duarte Barbosa, *Livro,* 370, 385).

Nota (2)

Orta é de opinião que o *macer* (μάκερ) dos escriptores gregos não é a *maça* dos modernos; e esta opinião, desenvolvida pouco depois por

Acosta, foi admittida nos nossos dias por Sprengel, assim como em todos os livros de auctoridade em questões de pharmacologia. O μάκερ, *macer* ou *macir* de Dioscorides, Galeno e Plinio, era a casca de uma arvore da India, applicada ao tratamento de dysenterias; e, portanto, cousa muito diversa na natureza e propriedades da arilha vermelha da *noz muscada.*

Avicenna — como bem notou Orta — tratou da verdadeira *maça* sob o nome de بسباسة, *besbasah;* e de uma substancia que bem póde ser o μάκερ sob o nome de طاليسفر, *talisfar.* A identificação d'este *talisfar* é que póde levantar bastantes duvidas, posto que alguns se tenham lembrado de que fosse a casca da *Holarrhena,* de que fallámos em um dos *Coloquios* precedentes. Acosta deu uma longa e minuciosa descripção da arvore, da qual na sua opinião procedia o *macer;* mas a identificação d'essa arvore não é clara, e a questão não nos interessa agora directamente. O que importa notar, é que o *macer* em caso algum podia ser a *maça,* e que Orta tinha rasão n'este ponto (Cf. Sprengel, *Diosc.,* II, 391; *Pharmac.,* 451; Dymock, *Mat. med.,* 498; Acosta, *Tractado de las drogas,* 41).

Nota (3)

Isaac do Cairo veiu da India a Portugal, pela via de Suez ou do Cairo, no anno de 1537. Fôra mandado por Nuno da Cunha a D. João III, para lhe dar conta dos graves successos de Diu, trazendo-lhe o que Orta chama «as novas do Soldam Bhadur», isto é, a noticia da sua morte violenta. Chegou a Lisboa, quando tudo estava sobresaltado pelo annuncio de uma grande armada de Rumes, que ameaçava a India, e com as suas informações algum tanto serenaram os animos. Tudo isto vem largamente contado por Gaspar Correia *(Lendas,* III, 792 e 846).

Devia ser um homem «discreto», e a sua opinião, de que as «derivações» de uma palavra composta se devem procurar em uma só lingua, é absolutamente justa — salvas rarissimas excepções. Effectivamente aquella etymologia, semi-arabica e semi-latina, dada pelo eruditissimo Lucio Marineo Siculo para a palavra Guadalupe, é de todo o ponto insustentavel. É verdade, que elle a não apresenta como sua, e apenas a repete: *Guadalupe, la qual intrepretan algunos Rio de Lobos.* Não deixa ainda assim de ter a responsabilidade de a citar. Fr. João de Sousa dá uma significação um pouco diversa da que Orta deu ou acceitou; Guadalupe — diz elle — é واد العب, *uad el-'ubb,* significando *rio de seio* — os arabistas decidirão qual tem rasão.

A derivação do nome de Badajoz de *rio de nozes* não é verdadeira, como o não é a que fr. João de Sousa deu muito em duvida,

de بلاد العيش, *belad el-'aisch,* o *paiz dos mantimentos.* Edrisi escreve aquelle nome, بطليوس, *Batalios,* fórma que se não póde derivar de *rio de nozes,* nem de *payz dos mantimentos.*

Acresce por esta citação mais um livro, aos que Orta menciona nos *Coloquios;* e vê-se que elle conhecia a celebre chronica de Marineo Siculo.

(Cf. Lucio Marineo Siculo, *De las cosas illustres y excellentes de España,* f. 42, Alcalá de Henares, 1539; Sousa, *Vestigios da lingua arabica,* 90 e 134; Edrisi, *Géogr.,* 1, 23, tr. de Jaubert, Paris, 1840).

COLOQUIO TRIGESIMO TERCEIRO DA

MANNÁ PURGATIVA, ONDE SE FALLA OUTRAS MUYTAS cousas, que sam menos medicinaes, e sam de historia, e boas pera as saberem algumas pessoas.

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

As cousas que sam muyto neseçarias e mais usadas, he neseçario serem muyto sabidas; e por esta causa queria muito saber da *manná,* que vos he cá tanto em uso; e pera isto he rezam que oulheis muyto bem o que me dizeis, pera que não aja que replicar. Não quero saber se escreveram os Gregos della, nem como lhe chamaram, porque disto asaz escrevem os escritores modernos.

ORTA

Certamente que, porque vi esta mézinha muyto boa e com suave sabor e cheiro, e fazer os efeitos que della queremos muyto bons, nam procurei saber muyto della; somente sey que a ha de tres maneiras trazida de Ormuz, da provinçia de Uzbeque. A maior e a primeira, que he esta que aqui vedes nas boticas em frascos, semelhante a confeitos, e no sabor a favos de mel, chamase *xirquest* ou *xircast,* que quer dizer leite da arvore chamada *quest,* porque *xir* na lingoa da Persia quer dizer leite; de modo que he hum rucio que cae daquellas arvores, ou goma que nace dellas; e nós corrompendolhe o nome lhe chamamos *siracost;* porque Avicena era desta provincia de Uzbeque, de huma çidade dita Bocora, como vos já dixe, será rezam que lhe saiba bem o nome; podese bem ver isto em Avicena* donde falla

---

* Avicena, lib. II, cap. 172 e 490 (nota do auctor); na edição latina os capitulos são 489 e 704. Ha de certo muitos erros de imprensa nas citações de Orta; mas é possivel que elle algumas vezes cite o Avicena arabico, como parece deprehender-se do *Coloquio trigesimo.*

della (1). A outra dita *tiriamjabim* ou *trumgibim,* como diz o Belunense, dizem que nace sobre os cardos, e vem em pedacinhos, algum tanto de cor roxa ao parecer; e dizse que estes se tiram dos cardos, sacudindo com pao, e sam mais grandes que coentros secos os grãos; e a cor, como vos dixe, entre roxa e vermelha. O vulgo tem que isto he fruto, mas eu soube que era guoma ou resina: elles tem esta por mais san que a que usamos, e desta usam mais na Persia e em Ormuz, porque a que aqui usamos não a dam aos moços, senão quando pasam de qatorze anos; mas comtudo vos sey dizer que a uso des que vim á India, e sempre achei purgar sem dano algum (2). Vem outra em pedaços grandes, e vem com folhas mesturadas; esta pareçe como a da Calabria, e val mais dinheiro, e vem polla via de Baçora, cidade muyto nomeada na Persia (3). E vem ás vezes outra aqui a Goa, derretida em odres, que parece mel alvo coalhado; desta me mandarão de Ormuz, porém corrompeose nesta terra muyto asinha; porque os frascos de vidro a conservam muyto (4). E por aqui diguo que nom sey mais desta mézinha.

RUANO

Certamente que vos ouvira muyto tempo, se falareis mais; mas pois que nam quereis mais dizer, me dizei que provincia he esta de Uzbeque.

ORTA

A provincia de Uzbeque he Tartaria, chamada por nós de huma çidade dita Tartar, que ha nella, e o homem que he natural della chamamlhe tartaro e aos outros chamamlhe uzbeques, como quem dixese toledano ou espanhol, lisbonez ou portugues. Eram estes Uzbeques huma parte dos Mogores, e de poucos tempos pera qua se isentaram. Sam estes Uzbeques muyto valentes homens, sam grandes frecheiros a pé e a cavalo, tomam soldos dos reys estranhos: eu conheci hum com o Idalcam, chamado Meliquetartar; e outro com o gram rey de Cambaia, dito Soldam Bhadur. Estes Uzbeques confinam com os Chins por outra parte, segundo me dixeram; e pode ser que estes sejam os Partos,

tam avorrecidos dos Romanos, mas eu vos confeso nam saber desta comosgrafia pella terra, muyto bem (5).

RUANO

Dixestesme que vinha essa *manná* polla via de Baçora; queria saber, se he essa Babilonia, primeiro asi chamada, ou se he Bagada, que está mais adiante.

ORTA

Asi Baçora como Bagada estam na Mesopotamia, mas nenhuma he Babilonia; postoque vulgarmente se tenha que Bagada he Babilonia; mas soube muyto certo que a Babilonia verdadeira dista de Bagada ou está apartada 10 ou 12 legoas. Está muyto desfeita, e pouco celebrada dos homens: isto me dixe Jorge Gonçalves, hum mercador discreto, e grande enqueredor das verdades, e de muyto bom saber, que lhe dixera hum homem natural da propria Babel; e diz que Babel está chegada ao Eufrata, e a Bagada está junto de hum rio chamado Digilá e nam Tigris; nem este nome Tigris he usado aguora (6).

RUANO

Esta Baçora e Bagada cuja he aguora? Do Turco ou do Xatamaz?

ORTA

Primeiro era de outros reys, e tomoulhas o Turco (7).

RUANO

Que titulo he o de Xatamaz e do Turco?

ORTA

O Xatamaz se chama *xá,* que quer dizer *rey por excelençia,* e todos os outros reys se chamam *paxá,* que quer dizer *pé de rey;* asi como o rey de Ormuz e o rey de Lara e outros reys; e o Turco chamase *honencar*, que quer dizer *fazedor dos senhores,* porque *hon* em persio quer dizer senhor, e *ecár* significa fazer; mas o seu asinado não he conforme a este ditado, porque he muito humilde.

RUANO

Como se asina?

ORTA

Faquir Çoleimam, que quer dizer o *pobre Çoleimam.*

RUANO

Pois com todas essas humildades ha de hir ao inferno.

Nota (1)

Orta diz, que as suas tres especies de *manná*—na realidade falla de quatro— procediam da provincia de «Uzbeque», o que é exacto, no sentido muito lato de que se não geravam na India, e vinham pela maior parte da Persia septentrional e regiões vizinhas. Diz tambem que vinham por Hormuz, e de certo vinham igualmente, como ainda vem, pelos caminhos de Kandahar e do Cabul; mas d'este commercio interior tinha naturalmente menos noticia o medico de Goa.

A primeira especie de *manná,* chamada por Orta «xirquest» ou «xircast», ainda hoje se encontra em alguns bazares da India septentrional sob o mesmo nome de *shir-khisht,* ou *schir-khischt,* شير خشت, devendo desde já notar-se que *schir* significa leite em persiano, como Orta muito bem diz. O nome alterado de «siracost» encontrou Orta na sua traducção latina de Avicenna.

Segundo as observações de Haussknecht —citadas na *Pharmacographia*— este *manná* é a exsudação de uma arvore da familia das *Rosaceæ,* **Cotoneaster nummularia,** Fisch. et Mey, e talvez tambem de outra planta bem diversa d'esta e da familia das *Polygonaceæ.* Pelo que diz respeito ao *Cotoneaster,* as observações de Haussknecht são plenamente confirmadas pelas de Flückiger e Hanbury, os quaes tiveram occasião de observar specimens d'aquelle *manná,* obtidos no norte da India.

A identificação do *schir-khischt* com o «xirquest» de Orta, não resulta simplesmente do nome, mas tambem do aspecto da droga, que os pharmacologistas modernos descrevem como consistindo em lagrimas arredondadas, pequenas, de um branco sem brilho, e Orta compara com os «confeitos».

Esta droga vem hoje para a India do Afghanistan e Turkestan, o que se não afasta muito do «Uzbeque» de Orta (Cf. Flück. e Hanb., *Pharmac.,* 372; Ainslie, *Mat. Ind.,* I, 208, Avicenna, *Qanun,* II, III, 489).

Nota (2)

O *manná*, chamado por Orta «tiriamjabim» ou «trumgibim» — fórma encontrada na sua versão latina de Avicena — é bem conhecido pelo mesmo nome de ترنجبين, *tarandjabin*. Procede de uma pequena planta da familia das *Leguminosæ*, **Alhagi Camelorum**, Fisch., que se encontra na Persia, Afghanistan, Beluchistan e Turkestan; e tambem, segundo alguns dizem, de outra especie, **Alhagi Maurorum**, Desv., de mais larga habitação, pois se tem observado nas regiões aridas e deserticas, desde o Egypto, pela Syria, Mesopotamia e Persia até á India. As duas especies são pequenos arbustos muito espinhosos, o que nos dá a explicação de terem dito a Orta, que nascia sobre «cardos». As notas descriptivas da droga, fórma dos grãos, dimensões e côr, concordam notavelmente nas Pharmacographias modernas e nos *Coloquios*.

Segundo Stewart e Davies — citados na *Pharmacographia* — este *manná* é principalmente colhido nas terras de Kandahar e de Herat, d'onde o levam para a India. Mir Mohammed — citado por Dymock — dá como localidade de procedencia, alem de outras, o Mawarunnahar[1], isto é, a Transoxiana dos antigos, exactamente o «Uzbeque» de Orta.

(Cf. Flück. e Hanb., l. c. 371; Ainslie, l. c., II, 208; Dymock, *Mat. med.*, 218; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 359.)

Nota (3)

Esta terceira especie de *manná* de Orta é um pouco mais difficil de identificar. Diz elle apenas que vinha por «Baçora» ou Basra, e consistia em pedaços grandes, tendo folhas misturadas. É conhecida uma especie de *manná*, resultado da punctura de um *Coccus* sobre diversas especies de *Quercus*, punctura que determina a exsudação de um liquido saccharino, o qual se solidifica em contacto com o ar. Segundo Haussknecht, este *manná* colhe-se sobre as especies **Quercus Vallonea**, Kotschy, e **Q. Persica**, Jaub. e Spach, sendo possivel que outras especies o produzam tambem. Na *Pharmacographia* descreve-se uma fórma impura d'este *manná*, consistindo em uma massa compacta, acinzentada e saccharina, na qual vem misturados

---

[1] Avicenna tambem deve ter fallado d'esta mesma região, e isto deu lugar a uma curiosa interpretação de Gerardo Carmonense, que erradamente traduziu: *et in locis, qui sunt ultra fluvium*. A palavra, Mawar en-Nahar, quer dizer isto, mas era uma designação geographica que de modo algum se podia traduzir assim; significava a região alem ou a leste do Oxus, Gihun, ou Amu-darya — pouco mais ou menos o mesmo que antes se designou com o nome de Transoxiana.

em abundancia pequenos fragmentos de folhas verdes, e isto não se afasta muito das indicações de Orta: «pedaços grandes, e vem com folhas mesturadas».

Esta especie de *manná* procede principalmente do Kurdistan; e o conhecido viajante Niebuhr já no seculo passado havia notado, que entre Mardin e Diarbekr passára por uma floresta de carvalhos, de que os arabes tiravam muito *manná*, confirmando em outro livro, que as arvores que produziam o *manná* n'aquella localidade eram as mesmas que davam as nozes de galha, isto é, os carvalhos. De Diarbekr, no alto Tigris, para Basra, no Schat el-Arab, ou reunião do Tigris com o Euphrates, o caminho era natural, e a noticia de Orta, de a droga chegar á India *via* Bassora, mais nos confirma na idéa de que esta sua terceira especie fosse o *manná* dos carvalhos.

Notaremos ainda que o *manná* da Calabria, a que elle se refere por incidente, era recolhido sobre o **Fraxinus Ornus**, Linn.; e é uma substancia muito conhecida, hoje quasi a unica d'esta natureza usada na Europa.

(Cf. Flück. e Hanb., l. c. 366 e 372; Niebuhr, *Voyage en Arabie*, II, 323, Amsterdam, 1780; *Description de l'Arabie*, I, 205, Paris, 1779.)

Nota (4)

A quarta especie de *manná* de Orta deve ser a que se chama *gaz-anjabin*, e procede, em parte, das tamargueiras. Nos valles da peninsula do Sinai, as moitas de **Tamarix gallica**, var. **mannifera**, Ehrenb., exsudam, sob a excitação de um insecto particular —*Coccus manniparus*— pequenas gottas de liquido saccharino, que se solidificam em contacto com o ar frio da manhã. Os arabes nomadas, d'aquella região, recolhem este *manná*, e vendem-no aos frades do convento de Santa Catharina do Monte Sinai, os quaes o passam depois aos peregrinos, ligando-lhes naturalmente algumas idéas religiosas, que mais presentes devem estar ao espirito em terras do Sinai. Segundo Haussknecht, outras plantas, e nomeadamente algumas especies de *Astragalus*, produzem na Persia uma droga chamada tambem *gaz-anjabin*, posto que este nome só se applique propriamente á que procede do *Tamarix*.

O conhecido chimico Berthelot, examinando e analysando alguns exemplares d'aquelle verdadeiro *gaz-anjabin*, diz que elle tem o aspecto de um xarope grosso e amarellado, o que nos leva á persuasão de ser este o que ía a Goa em odres, e parecia «mel alvo coalhado». Do Sinai para Goa o caminho era facil, pois se fez sempre ali um commercio activo com Aden, Djidá, Toro e outros portos do Mar Vermelho (Cf. Flück. e Hanb., l. c., 371; Dymock, l. c., 76).

Nota (5)

Já no *Coloquio setimo,* Orta havia fallado no «Uzbeque», voltando agora a este assumpto, pelo qual tinha uma certa predilecção. É relativamente correcto, excepto no que diz respeito á cidade chamada Tartar. Qualquer que seja a origem da palavra Tartaria ou Tataria, palavra muito vaga e de mui variavel applicação, é certo que se não deriva do nome de uma cidade.

Os «Uzbeques» eram «uma parte dos Mogores», isto é, descendiam das tribus mongoes, unidas sob Chengiz Khan em uma enorme monarchia. Quando essa monarchia se desmembrou, os ascendentes dos que depois se chamaram Uzbeks ficaram pertencendo ao chamado Khanato de Kipchak; e, convertido um dos seus chefes, Uzbek Khan, ao islamismo, adoptaram o seu nome do mesmo modo que seguiram a sua nova religião. O nome de Uzbeks ficou, portanto, designando as tribus de raça mongol e religião mahometana, que occupavam a parte oriental do Khanato de Kipchak. Em virtude de guerras e deslocações que não vem ao caso, os Uzbeks passaram depois a dominar em provincias, primitivamente pertencentes ao Khanato de Chagatay; e no principio do seculo em que o nosso Orta viveu, guiados pelo seu chefe, Sheibáni Khan, tornaram-se senhores das ferteis terras a leste do Oxus ou Amu-darya, e das celebradas cidades de Bokhara, Samarcanda e outras. Eram aguerridos e bons soldados, e a religião islamita que professavam dava-lhes entrada no serviço dos soberanos mussulmanos da India, mais facilmente do que a outros Mongoes, que pertenciam a uma seita especial do buddhismo. Não nos surprehende, pois, que Orta os encontrasse ao serviço do Adil Scháh de Bijapur, ou ao serviço de Bahádur Scháh do Guzerate (Cf. D'Ohsson, *Histoire des Mongols,* tomo I; Erskine, *History of India under Báber and Humáyun,* tomo I).

Nota (6)

É perfeitamente exacto que as ruinas de Babylonia ficassem muito distantes e muito a montante da moderna cidade de Bassora ou Basra, e afastadas da Baghdad dos Khalifas 10 ou 12 leguas, como diz o nosso escriptor, ou *una buena jornada,* como diz Pedro Teixeira, que por ali passou logo no principio do XVII seculo. Baghdad estava situada na margem esquerda do Tigris, a que os arabes chamavam دجلة, Didjelah («Digilá» de Orta), emquanto as ruinas da velha cidade ficavam em frente, e um pouco abaixo, na margem esquerda do Euphrates, isto é, entre os dois rios, propriamente na Mesopotamia.

As ruinas estavam muito desfeitas, e — como diz philosophicamente Orta — «pouco celebradas dos homens». Effectivamente, a grande e assombrosa cidade havia-se desfeito com o andar dos tempos. Construidas de tijolos, alguns apenas seccos ao sol, e estampados aos milhares e ás centenas de milhares com o nome de Nebuchadnezzar, as suas colossaes edificações não nos deixaram nada comparavel com os admiraveis restos de architectura assyria de Koyungik (Ninive), ou com os admiraveis restos de architectura persa de Persépolis. Tres viajantes igualmente conhecidos, posto que desigualmente entendidos em antiguidades chaldaicas, attestam, como o Jorge Gonçalves do nosso Orta que as ruinas estavam muito desfeitas. Pedro della Valle, que por lá andou no anno de 1616, diz que a Babel dos arabes era então uma massa confusa de edificios abatidos, formando um montão prodigioso de materiaes accumulados. No seculo seguinte, o erudito Niebuhr diz do mesmo modo, que as ruinas apenas se viam como enormes collinas, todas minadas. E modernamente, um dos grandes exploradores das antiguidades da Mesopotomia, sir H. Layard, o qual não só visitou as ruinas, como dirigiu ali pesquizas, descreve a Babel dos arabes, como um enorme montão, mais similhante na fórma e nas dimensões a uma collina natural do que a um trabalho dos homens, emquanto no Mujelibé, e mais longe no Birs-Nimrud (para muitos a verdadeira Babel) alguns lanços de muro, construidos de tijolos, se levantam ainda acima da massa de escorias, ladrilhos e cacos (Cf. Pedro Teixeira, *Viage de la India hasta Italia,* 125; Pietro della Valle, *Voyages,* I, 47, tr. franceza, Paris, 1670; Niebuhr, *Voyage en Arabie,* II, 235; Sir A. H. Layard, *Nineveh and Babylon,* 274 a 289, London, 1882).

Nota (7)

O «Xatamaz» era Thamasp Scháh, o filho e successor de Ismael (vol. I, p. 138); e o «Turco», era o celebre Soliman II, que effectivamente alargou muito as fronteiras do Imperio Ottomano, na Mesopotamia como em outras regiões.

COLOQUIO TRIGESIMO QUARTO

DAS MANGAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVO

RUANO

Gabaramme tanto as *mangas* que qua tendes, quando he o seu tempo, que me dixeram que podiam competir com *melocotones**; e pera mim he necessairo saber das frutas desta terra todas; e isto como nam o quero senam pera mim, nam vos pese de o escrever.

ORTA

Quanto mais dixerdes dessa fruta no sabor tanto acertareis mais; porque eu nam vola gabo pera mais outra cousa que pera vós; e certo que ha alguns Portuguezes tam pertinaçes, que querem antes morrer que confessar que ha cá alguma fruta igual á de Portugal, avendo cá muytas frutas que lhe fazem vantagem, asi como são todas as frutas de espinho, porque os limões de cá sam tam grandes que parecem cidrões, e muito tenros e saborosos, em especial os de Baçaim; e as cidras sam muito melhores e tenras; e as limas muito mais milhores; e quanto ás laranjas excedem em grande maneira a todas as nossas, e muito mais que todas, as de Pegú e Martabam, e Brinjam e Ceilam**: nas da China nam fallo, porque he cousa fóra da India, e em outras muytas.

---

* Não é a primeira vez que nós vemos Orta empregar palavras ou modos de dizer hespanhoes.

** Ceilão e as primeiras duas regiões nomeadas são bem conhecidas; Brinjam era um pequeno porto do Malabar meridional, nas proximidades do cabo de Comorim.

RUANO

Eu vos confeso que todas as frutas de espinho sam milhores; mas o exceso e melhoria não he grande, afóra as laranjas que muito gabastes, se sam como humas que vos aqui troxeram de Cochim; porque estas, eu vos confesso que fazem grandes ventagens ás nossas em suavidade e çumo; e mais o entrecasquo dellas (que he a casquinha que cobre o amago) não amarga cousa alguma, antes, aparada huma laranja, a comeis com mais excellente gosto do mundo, o que não acontece nas nossas laranjas, porque sempre a casquinha amarga; e qua não tam somente não amarga, mas ainda provei a de cima, e não me amargou senam muyto pouquo; mas as outras frutas, que cá tendes na India, se sam louvadas, he porque não tendes boas uvas e bons figos, e peras e camuesas, e outras muitas frutas que em Espanha temos; de maneira que estas vossas se podem chamar boas, á falta de outras milhores. Eu pera mim queria antes as frutas de Portugal que as vossas *mangas* e *duriões* que tanto gabais.

ORTA

Os *duriões* eu nam os gabo, senam de ouvida, porque os não vi; mas as *mangas* seyvos dizer, que as ha em Ormuz no tempo que vem a venderse na praça uvas e figos, e muyto boas romans e pexegos e albocorques; e, emquanto ha *mangas* na praça, não se compram, senão de quem não pode comprar as *mangas* pollo muyto preço dellas.

RUANO

Sera isso como dizeis; folgara que as ouvera daqui até janeiro pera ver e crer.

ORTA

A monçam* dellas he nas terras temporans em abril, e nas outras terras sorodeas em maio e junho; e algumas vezes

---

* A significação dada aqui á palavra é em extremo interessante; *monçam* ou *monção* designava geralmente o vento dominante em periodos determinados, mas a palavra arabe *mausim*, da qual se derivou, signifi-

vem como rodolho, que chamam em nossa terra, em outubro e novembro. Moço, vai ver que dous navios sam aquelles que entram, já os vi daqui desta varanda, e parecem cousa pequena.

SERVO

Loguo virei com recado.

ORTA

Nascem as *mangas* no tempo que eu dixe, e as de Ormuz sam as mais gabadas; e as do reino do Guzarate tambem sam muyto boas, em especial algumas que chamam *guzaratas,* que nam sam tam grandes, porém tem grande cheiro e sabor. O caroço he muito pequeno, e as do Balagate universalmente sam mais grandes e muito saborosas: eu vi duas que pesavam 4 arrates e meo. As partes do Balagate em que as provei milhores sam as de Chacana e Quindur, e Amadanager e Dultabado* (cidades principaes do Nizamoxa): tambem sam muyto boas em Bengala e Pegú, e Malaqua.

SERVO

Senhor, he Simam Toscano, vosso rendeiro de Bombaim, e traz este cesto de *mangas,* pera que apresenteis ao governador; e diz que, como amarrar a fusta, virá loguo cá pousar.

ORTA

Vem a melhor tempo do mundo: eu tenho huma mangeira naquella minha ilha, que dá duas novidades, huma neste tempo, e outra em fim de maio; e quanto a outra fruta excede a esta em bondade e cheiro e sabor, tanto excede esta em vir fóra do tempo; e porém provemos nós primeiro esta fruita que sua Senhoria. Moço tira dahi 6 *mangas.*

---

cava propriamente estação, vindo naturalmente depois a applicar-se ao vento dominante n'esta ou n'aquella estação. A phrase de Orta é o unico exemplo —que eu conheça— da palavra portugueza, applicada exactamente no sentido do *mausim* arabe, sem nenhuma referencia ao vento—o que já foi notado por Yule e Burnell no seu excellente *Glossary.*

* Vê-se por esta passagem, que Orta visitou no interior Ahmednaggar, Daulutábád e outras villas.

SERVO

Aqui vem 20 *mangas;* e as 6 dellas vem danadas; tomareis 6, as somenos; e as outras levarei a sua S., porque he bem darlhe o melhor.

ORTA

Dáas cá, e estas queremse cortadas com facas muyto agudas porque não se dane o corte; e querovos fazer a salva: rezoadas sam pera este tempo.

RUANO

Se aguora sam rezoadas, daqui vos diguo que no outro tempo excederam todalas frutas de Espanha.

ORTA

Pois quero volas dar a comer doutra maneira. Moço, apara essas *mangas,* e fazeas em talhadas, porque tem asi milhor sabor, principalmente deitadas em vinho cheiroso, como durazios.

RUANO

Verdadeiramente que estas duas que tem mamilos se me parecem com pexegos calvos, porque a cor he entre vermelho e verde craro, e o cheiro he o proprio delles.

SERVO

Eilas aqui.

ORTA

Provai de ambas as maneiras, com vinho e sem vinho.

RUANO

Com vinho e sem elle me sabem bem em tanta maneira, que me parece que será necesario ficar cá este anno, pera provar as outras, e hir o anno que vem: mas não me parece que me dará meu irmão licença.

ORTA

Nisto nam ha mais que dizer: peçovos por mercè que isto que aqui passa não escrevais, porque nam me tenham por tam leve que faço caso por tam baixas cousas.

RUANO

Não sam tam fisico como cuidais, porque tambem me prezo de ser homem de corte, e dar rezam de mim, e portanto dizeime de quantas maneiras se custumam a comer.

ORTA

Em conserva de açucare; em conserva de vinagre, em azeite e sal; recheadas dentro com gengivre verde e alhos; salgadas, cozidas, e de todas estas maneiras as vistes já, e provastes nesta caza.

RUANO

De que compleição sam?

ORTA

Frias e humidas; isto está craro, confirmandose homem* com os *Canones* do segundo de Avicena, e ditos de Aristoteles, no quarto dos *metauros* e em outras partes**; e porque eu ando remoto dessas materias escolasticas, vos não dou mais rezões, senão que as faço como pexegos***; e mais ellas sam no principio ponticas ou estiticas, e depois azedas, e no fim doces; e quanto sam mais chegadas no caroço, tanto mais azedas, por onde parece serem frias e humidas.

RUANO

Todas èssas rezões me parecem boas, mas cá se diz commumente que sam quentes, e alguns fisicos que de cá fo-

---

* O emprego grammatical de «homem» como pronome indefinido é raro em Garcia da Orta, e já devia ser obsoleto no seu tempo, posto que os escriptores da geração anterior, como Gil Vicente, o empregassem ainda com frequencia (Cf. Diez, *Gramm. des langues romanes*, III, 79).

** No livro II, tractado I do *Qanun*, Avicenna trata largamente da graduação dos medicamentos; emquanto aos «Metauros», encontra-se a palavra com a mesma orthographia nos Estatutos da Universidade de Coimbra de 1591, e eram os chamados *Meteorologicorum* nas versões latinas de Aristoteles.

*** Uma optima phrase, mostrando bem um certo desdem pelas complicadas graduações d'aquelle tempo, em frios e quentes, seccos e humidos.

ram mo dixeram em Portugal, e dizem que fazem burbulhas aos que as comem, e já pode ser que tenham alguma rezam nisto.

ORTA

Já qua tive pratica sobre isso com alguns fisicos, e nam me satisfizeram com essa rezão, nem outras que deram, porque as burbulhas desse tempo sam polla quentura demasiada, que entonces ha; de maneira que as *mangas* não sam causa das burbulhas, senão acertam de vir em o tempo delas; e não he inconveniente per putrefaçam, fervendo esses frutos no estamago, causaremse febres colericas ou sanguinhas, ou fleumões ou erisipelas, que são emfermidades quentes; asi como acontece podreceremse os pexegos, e ameixas, e cerejas e melões, sendo frutos frios e humidos.

RUANO

Os caroços aproveitam pera alguma cousa, ou ellas pera fisica?

ORTA

Não mais que somente ouvi dizer que, assados os caroços, aproveitam pera os fluxos; e eu os provei, e pareceme que dizem bem, porque sabem a bolotas de sovereiro, que em nossa terra chamam landes; e os caroços, scilicet, o miolo delles, dizem que mata as lombrigas, quando he verde, e tem rezão, porque amargam (1).

RUANO

Se as fruitas fosem todas taes como esta, não he muyto os Baneanes, que dizeis, não comerem carne. E pois agora vem ao proposito, me dizei quem são estes Baneanes ou Bramenes, que dizeis nam comerem carne; e se sam os genosofistas que dizem; porque estes usam os mesmos vestidos que os escritores escrevem; e mais, segundo os ha em muytas partes que vam do Guzarate e do Decam, não he muito aprenderem elles no Egito e nessas partes, onde diziam que provicavam sua doutrina, porque diz que vam a Arabia e Persia, e Egito.

ORTA

Estes sam; posto que agora se deitam mais a serem mercadores que letrados; e ha delles muytas especias, e todas sam conformes em não matar, nem comer cousa que padeça morte; o qual preceito guardam em tanta maneira, que resgatam e compram aves pera as deitar a voar; não comem rabãos nem cebolas, nem alhos, nem huns bredos que parecem vermelhos, por causa da cor; dão ás formigas aguoa com açucare, dizendo que fazem esmola aos mezquinhos; deitam agoa aos pasaros, e vem a beber cada dia; e muitos dos que morrem deixam huma certa cantidade pera pesoas que caminham em despovoado, e que deem agoa aos caminhantes. Eu vi em Cambaiete hum esprital de passaros, onde os curam, se vem aleijados e doentes; e ahy vi curar papagaios e muitos outros pasaros; e como saravam, não tornavam mais a casa, e andavam no campo: não bebem vinho, nem vinagre, nem ninpa*, nem orraca, nem vinho de pasa.

RUANO

E esta openiam da trasmigraçam das almas, tem outros gentios desta India?

ORTA

Si tem; scilicet, os Bramenes do Balagate e Cambaia, e do Malavar, e outros de que nam tenho certa noticia; e estes todos lavam o corpo primeiro que comam, e sam mais venerados que os Baneanes; e estes servem aos reys de veadores da fazenda, de escrivães e recadadores das rendas, e de embaixadores.

RUANO

E estes que aqui chamaes Bramenes tem estes custumes?

ORTA

Estes, e os da fralda do mar, que chamam Cuncam, comem todas as mais das carnes, ecepto vaca, e porco criado em casa; e porém todos tem a trasmigraçam das almas,

---

* «Ninpa» ou *nipa*, uma bebida fermentada, obtida de uma palmeira, a *Nipa fruticans;* da «orraca» já fallámos em outras notas.

e sem isto tem mil cousas dignas de muyto riso, que volas não diguo, por nam gastar mal o tempo. E os Baneanes jejuam muyto, e á noute comem pouquo, scilicet, açucare, e agoa ou leite bebido somente; e ha alguns muyto religiosos, que jejuam vinte dias, sem comer; como me dixe hum homem muito digno de fé (2).

RUANO

Diz Avicena* que os esprementadores Indios dixeram que nam comesem leite e peixe, porque causavam lepra; dizei se o dizem asi os fisicos desta terra, ou doutra que saibais.

ORTA

Os Gentios, polla mor parte, comem leite, e alguns peixe mesturado; e porém não sey se dizem desta mestura tanto mal como isso; porque os fisicos Indianos, que conversei, nem danam esta mestura, nem a vituperam tanto; quanto mais que a mor parte dos Gentios comem peixe frito com manteiga; por onde parece, que este dito de Avicena não foy senão asi como se achou escrito com a fama pruvica, e isto podia ser dito por algum fisico antiguo, que, por vender milhor seus ditos, dixe que asi o diziam os esprementadores da India, porque qualquer terra que estava longe e era inota, chamavam Indias os antigos.

RUANO

A vós, como vos he noto, que esta terra em que abitaes se chama India, asi polla gente da terra como por nós, e como sabeis isto? Porque não me parece verisimile o que diz o escritor da Nova Espanha, dizendo que os Indios Ocidentaes e os do Brazil se pareciam aos Indios Orientaes; e mais porque a Etiopia era chamada India dos antigos; por tanto dai outra rezam porque esta se chama India, e se o he tambem a outra ocidental.

---

* Avic. 1, cap. 7 (nota do auctor).

ORTA

O vosso escritor emitou aos Castelhanos, que fazem as suas cousas maiores, e por isso enchem a boca com dizer *las Indias Ocidentales;* e não tam somente não sam as vossas terras Indias; antes nunqua forão sabidas dos antigos, nem o Brazil; se lhe nam quizerem chamar Indias, por serem terras inotas e distantes; mas esta nossa India era chamada asi no tempo de Alixandre, como até agora. Do qual Alixandre elles tem muytas historias mais que nós; e he entre elles mais celebrado (chamandolhe *Ezcader);* quanto mais que o rio Indo, do qual se chama India, não está apartado de Goa mais que 200 legoas, e he chamado da gente da terra Diul. E mais aos homens desta terra os da Arabia e Persia, se lhes querem perguntar se sam Mouros ou Gentios, perguntamlhe per estas palavras: tu es *Moçalmam* ou *Indu?* E se elle he gentio diz que *Indu,* e se mouro diz *Alhandulila,* que quer dizer graças a Deos*, porque *moçalmam* quer dizer *salvo;* e por aqui vereis quão superbos nomes põem os Mahumetistas ás suas cousas; e quanto mais que a fama comum da Persia, e Coraçone, e Arabia e Turquia, chama a esta terra *Industam,* e á Arabia *Arabistam,* e á Cristandade *Franguistam,* porque *istam* quer dizer regiam, e *Indu* India (3).

RUANO

Tudo isso me parece muyto bem, somente o *Franguistam;* porque eu cria, com muitos que de cá vam, que se chamavão *Franges* os Portuguezes, porque *franges* quer dizer boubas, e asi em vituperio lhe chamàvam asi, como quem diz os *boubentos* ou *leprosos.*

ORTA

As *boubas* não se chamam *frangue* senão *fringui;* as quaes *boubas* nam sam ácerqua dos naturaes da terra infamadas;

---

* اَلْحَمْدُ لِلّٰه; uma expressão ainda muito usada no arabe vulgar, *alhamdu lillah,* louvado Deos.

porque de principio as tiverão cá e* no Brazil, e nas vossas chamadas Indias; e não falta quem diz dos vossos estoriadores, que vieram das vossas Indias, vindo dellas os Castelhanos no anno de 1493, hum anno depois do** quê foram a Napoles, pera ajudar na guerra a elrey Dom Fernando de Napoles, e que as apegaram a muytas molheres cortesans, e ellas as apegarão aos Italianos da terra, e dahi lhe chamaram *morbo napolitano;* e vendose os Italianos infamados com este nome, lhe chamaram *enfermidade francesa;* e porque avia lá muytos Espanhoes e Castelhanos, lhe chamaram os nossos Portuguezes *sarna castelhana,* e nisto não ha mais que falar.

RUANO

Pois porque causa lhe chamam aos Portuguezes nesta terra *frangues?*

ORTA

Eu volo direi; porque não tão somente o chamam aos de Portugal, mas a todos os cristãos do ponente: e a causa nisto foy porque os primeiros cristãos conheçidos na Asia eram Francezes, chamaram á cristandade *Franquia;* e asi lhe chamam em Ormuz, e em todas essas terras; e aos que nas suas terras moram. E eu, quando vim de Portugal, perguntava a hum cristam, que avia sido judeu, sendo espanhol, e morava no Cairo, quantos christãos avia no Cairo no tempo que era do Soldam***, e quantos judeus, e diziame tantos mil cristaos, scilicet, tantos Arabios, e tantos Francos e Judeus; dizia que avia tantos Francos: perguntavalhe eu que queria dizer *Francos,* respondiamme que *Francos* eram cristãos da Europa, e *Franquia* era Cristandade; e por aqui faço fim ás vossas perguntas (4).

---

* Falta a palavra «e» na edição de Goa; mas o sentido, confirmado pelo que Orta diz em um dos *Coloquios* seguintes, exige a sua introducção.

** Tambem falta a palavra «do», sendo certo que sem esta palavra se não percebe a phrase; veja-se a nota (4).

*** O soberano mameluco do Egypto independente, vulgarmente chamado então o Soldam de Babylonia.

Nota (1)

A *manga* é o fructo da **Mangifera indica**, Linn., uma arvore da familia das *Anacardiaceae*, muito commum na India, e hoje cultivada tambem com frequencia nas regiões tropicaes e sub-tropicaes da Africa e America. O fructo é bem conhecido, e gabado por todos os que têem visitado as terras em que chega á sua completa perfeição, particularmente a India, onde o comem depois de maduro, e se servem d'elle ainda em verde para preparar diversas conservas (*pickles* dos inglezes), inteiramente analogas ás que o nosso Orta menciona. Os usos medicinaes dos caroços são tambem conhecidos; em tempos relativamente modernos, o dr. Kirkpatrik chamou a attenção para as suas propriedades anthelminticas —«mata as lombrigas»—; assim como para a sua util applicação nos casos de menorrhagia—«os fluxos» de Orta (*Pharmacopœia of India*, 59).

Seria inutil accumular mais indicações sobre uma arvore e fructo extremamente vulgares, e de que tratam muitos livros correntes; mas devemos dar a seguinte informação interessante ácerca de uma das noticias do nosso Orta. Diz elle, que tinha na *sua* ilha de Bombaim uma *mangueira*, a qual dava fructo duas vezes no anno. O conhecido e erudito escriptor Gerson da Cunha, em uma carta de Bombaim de 31 de outubro de 1891, enviou-me a copia do trecho de um livro ali publicado, e que se refere áquella phrase. Depois de transcrever a passagem de Orta, diz assim:

«É uma estranha coincidencia, que o Dr. Birdwood, escrevendo no *Bombay Saturday review*, 28 de julho, 1866, diz que: «em Colaba uma «famosa *mangueira* do sr. Hough fructifica duas vezes no anno, uma «no Natal, a outra na estação habitual das *mangas* (Maio). A explica«ção deve ser, que esta arvore, proximamente aos cinco annos, rece«beria alguma grave lesão, no momento das marés do Natal, florindo «em seguida, e ficando depois no habito de florir e fructificar pelo Na«tal». Não deixa de ser curiosa esta repetição moderna de um caso de parallelismo, determinado por causas physicas, com o que succedeu ha mais de tres seculos e pouco mais ou menos no mesmo solo».

É effectivamente muito curioso, que na mesma região se repetisse o facto pouco vulgar, mencionado por Orta; e, qualquer que seja a sua explicação physiologica, a veracidade absoluta do nosso escriptor fica mais uma vez demonstrada. D'aqui envio os meus agradecimentos ao Dr. Gerson da Cunha, que de longe segue com interesse este meu trabalho.

Não deixaremos Bombaim, sem notar que Orta falla mais uma vez da *sua* ilha (sua por aforamento), dando-nos o nome do rendeiro, Simão Toscano. Havia effectivamente na India uma numerosa familia

de Toscanos, e não é raro encontrar mencionadas em documentos contemporaneos pessoas d'este appellido. A scena passada com o rendeiro mostra-nos bem, como se haviam levado para Goa os habitos da antiga vida portugueza. Simão Toscano manda dizer, que, depois de amarrar a fusta, virá pousar a casa de Garcia da Orta, exactamente como um rendeiro alemtejano, ao largar a falua no Terreiro do Paço, vinha pousar a casa do seu senhorio em Alfama ou no Bairro Alto.

Nota (2)

É uma phase nova para nós, esta de Orta nos fallar de systemas philosophicos, e das suas origens. Seria, porém, um erro querermos dar ás suas palavras maior significação do que na realidade tem. Parece-me claro, que elle não havia penetrado, nem tentado penetrar nos mysterios da philosophia sánkhya, ou da vedánta, ou de qualquer outro systema hindu, nem procurado com muita attenção inteirar-se das analogias ou differenças que podiam existir entre a doutrina indiana da transmigração, a metempsychose grega[1], e a noção egypcia das transformações. Em especial as differenças, recentemente expostas com muita clareza em um livro portuguez, eram então absolutamente desconhecidas, e demasiado subtis para poderem ser devidamente apreciadas (Cf. Vasconcellos-Abreu, *A liter. e a relijião dos Arias na India*, p. 115 e seguintes).

Orta devia ter sobre estes pontos apenas as idéas geraes e muito geraes do seu tempo. Conhecia a doutrina corrente na India, e sabia da existencia de uma doutrina analoga ou igual na velha Grecia e no velho Egypto. Admittiu que os Baneanes haviam aprendido no Egypto, como outros admittiram a transmissão da doutrina no mesmo sentido, ou em sentido opposto: *ex Egypto in orientem pervenisse Pythagoram ... immo ad Indos penetrasse, et cum gymnosophistis collucutum fuisse*. Estes ascetas indianos, mergulhados na mais pura contemplação, despidos de todas as pompas mundanas, litteralmente *despidos*, haviam feito no animo dos gregos uma viva impressão, e não só os philosophos, senão tambem os botanicos fallavam d'elles: *indorum sapientes, qui nudi degunt*, diz Theophrasto (traducção Wimmer). Orta via em volta de si alguns Brahmanes e Baneanes, comtemplativos e semi-nus, tinha pelas suas leituras noticia dos «genosofistas», e naturalmente identificou-os —«estes sam». Com o seu habitual amor á verdade, vendo-os mais occupados de transacções commerciaes que de especulações philosophicas, acrescentou: «posto que agora se deitam mais a serem mercadores

[1] Orta não falla em Pythagoras no texto, menciona-o, porém, no Indice explicitamente: «os genosofistas que guardam o costume de Pitagoras».

que letrados». A isto e só a isto se limitou a sua incursão no campo philosophico. No campo puramente religioso nem entrou, e todas as complicações da mythologia indiana são liquidadas em uma só phrase um tanto desdenhosa: «e sem isto tem mil cousas dignas de muyto riso, que volas não diguo por não gastar mal o tempo».

O mais que nos conta dos Baneanes é o simples resultado da sua observação. Os Baneanes (do sanskrito वणिग्जन, *vanigjana*, gente de negocio, ou mercadores) constituiam uma classe de commerciantes hindus, espalhados por toda a India, mas especialmente numerosos no Guzerate e seus portos, Diu, Cambaia, Surrate e outros. As necessidades do commercio levaram-nos tambem —como Orta diz— a regiões afastadas, Arabia, Persia ou Egypto. Quando Vasco da Gama passou pela primeira vez na costa africana de leste, em Mombaça e Melinde, já encontrou ali estabelecidos muitos Baneanes, que elle e os seus companheiros tomaram por christãos: «os christãos que estam n'esta cidade sam como estantes mercadores». Muito mais tarde, Barros, fallando d'esta viagem e dos suppostos christãos, identificou-os correctamente: «entre os quaes vieram certos homens, a que chamam Baneanes, do mesmo Gentio do Reyno de Cambaya». (Cf. *Rot. da viagem de Vasco da Gama*, 41; Barros, *Asia*, I, IV, 6).

Diz Orta, que havia entre os Baneanes «muytas especias»; e não é facil saber se se quiz referir a differenças de crença, pois é certo que alguns eram sectarios de Víxnu, e outros seguiam a religião jaina; ou se falla de castas, por isso que alguns mercadores podiam ser *brahmanes*, não lhes sendo absolutamente vedado o commercio, ainda que esta occupação era mais propria da casta *vâixia*, á qual devia pertencer a maioria dos Baneanes. Orta, em todo o caso, distingue correctamente os Baneanes dos Brahmanes. Posto que ao principio diga «estes Baneanes ou Bramenes», parecendo assim confundil-os, explica depois que os Bramenes eram mais venerados, e serviam os altos cargos do estado. Uns e outros tinham em commum varios habitos e crenças, tão geralmente sabidos que nenhuma explicação necessitam; e unicamente notarei —como uma circumstancia curiosa— que um d'esses habitos, o das abluções e banhos frequentes, deu origem a propor-se uma etymologia muito singular do seu nome. Diz o padre Vicente Maria, que os portuguezes lhes chamavam *Bagnani*, pelos muitos banhos que elles costumavam tomar (Vincenzo Maria, *Viaggio al Indie orientali*, 251, Roma, 1672).

O respeito pela vida animal, professado pelos Baneanes, e filiado naturalmente na idéa da transmigração, respeito em que Orta insiste como em circumstancia especialmente interessante, é perfeitamente conhecido, e foi notado por um grande numero de viajantes observadores, antes e depois. O nosso Duarte Barbosa conta a este respeito todas as historias de Orta e muitas mais: os passarinhos, ratos e cobras, res-

gatados da morte; as candeias apagadas para se não queimarem os mosquitos; e mesmo os parasitas poupados e alimentados. Pietro della Valle, no proprio dia em que chegou a Cambaya, foi visitar um hospital de aves, talvez o mesmo que Orta havia visto uns sessenta annos antes, e encontrou-o cheio de pavões, gallos, patos e passaros estropiados e doentes. Do mesmo modo que Orta, o viajante italiano liga este respeito pela vida com a doutrina da transmigração, admitte que os gymnosophistas deviam ser os *ioguis* hindus, e vae mais longe, dizendo-nos que Brahma e Pythagoras eram uma e a mesma pessoa. Outro viajante celebre, Tavernier, teve tambem occasião de ver varios asylos de animaes doentes, nomeadamente um de vaccas e de macacos em Ahmedabad. Não será necessario accumular mais exemplos, para provar que o nosso escriptor é absolutamente veridico no que conta (Cf. Duarte Barbosa, *Livro*, 276; P. della Valle, *Voyages*, IV, 61, 89, 97; Tavernier, *Voyages*, II, 52).

Nota (3)

Em toda esta pagina, Orta enredou, *ut solitus erat*, os mais variados assumptos, alguns dos quaes são curiosos e exigem umas palavras de explicação.

O nome de India deriva-se geralmente da palavra sanskritica *sindhu*, que significa torrente caudalosa e larga, ou por analogia o mar, e se applicou especialmente ao grande rio de noroeste, estendendo-se ás terras que limitava. *Sindhu* converteu-se em *Hindū*, e esta fórma no Ἰνδός dos gregos, e no *Indus* dos latinos, chamando-se a terra para alem do Indus, Ἰνδική e *India*. De modo, que a India —como diz Orta— recebeu o nome do rio Indo[1]. A designação de India alargou-se primeiro a toda a Peninsula, a India propriamente dita, ou *aquem do Ganges*, como a define Ptolomeu; e depois vagamente ás terras *alem do Ganges*, e mesmo á China. Alargou-se tambem para occidente, abrangendo em alguns escriptores a Ethiopia—*Indiam omnem plagam Æthiopiæ accipimus*, diz Servius. D'aqui vieram as designações de *India major* e *India minor*, e uma *India tertia*, que incluia ás vezes Zanzibar. A palavra tornou-se em certos casos tão extensa, que alguns auctores dividiam o mundo conhecido em Europa, Africa e India, tomando-a como synonymo de Asia. Em todo o caso, uma parte da Africa foi abrangida

---

[1] Rio Indo a que chamavam tambem Diul —segundo Orta. Diul era propriamente o nome da costa em que desemboca o rio, e de um porto na embocadura. Ás vezes applicavam á costa as designações de Diul-Sind, ou Diulcinde, ou Ulcinde, como diz Camões:

Olha a terra de Ulcinde fertilissima.

pelo nome de India, e é n'este sentido exacta a phrase de Orta: «a Etiopia era chamada India dos antigos». Podemos notar, que a divisão politica das colonias portuguezas, em que todas as possessões da Africa oriental se achavam sob as ordens do governador ou vice-rei da India, dava no tempo de Orta uma certa actualidade áquella antiga extensão do nome.

Da divisão em *India major, India minor,* e outras, veiu o habito de fallar das *Indias* no plural; e quando o nome se deu a terras da America, distinguiram-se as antigas *Indias orientaes,* das novas *Indias occidentaes.* Esta ultima designação, que irritava um pouco o nosso Orta, vinha naturalmente do erro de Colombo. O grande navegador sempre procurou a India, e sempre julgou que a tinha encontrado. Quando depois se reconheceu, que as novas Indias èram bem diversas e bem distantes das antigas, deu-se-lhes o nome mais ou menos apropriado de Indias occidentaes. Este é o verdadeiro motivo, e não que se notassem algumas similhanças entre os habitantes do Malabar, e os da ilha Española ou do Darien. É certo que essas similhanças se notaram, como se notaram muitas mais, porque talvez nenhuma outra questão désse logar a tanto disperdicio de erudição como a da origem dos habitantes da America, suppondo uns serem descendentes dos carthaginezes, outros das dez tribus de Israel que se perderam, e dando-se-lhes mais algumas ascendencias igualmente phantasticas. Se, porém, se buscaram aquellas similhanças com os habitantes da verdadeira e antiga India, foi para legitimar o nome já corrente de Indias, e não que da similhança viesse o nome.

Ao mesmo tempo que se buscavam ascendentes conhecidos aos habitantes da America, procurava-se encontrar nos escriptores antigos referencias ao Novo Mundo, obedecendo n'este caso, como no primeiro, á idéa religiosa de que todos os homens deviam descender de Adão, ou antes de Noé. Em livros, escriptos com muito saber e pouca critica, nós vemos discutir gravemente o que Aristoteles, Seneca ou Plutarcho disseram das ilhas e do continente americano. O proprio Oviedo —que Orta conhecia, e é sem duvida um dos historiadores da America que cita— o proprio Oviedo estava convencido de que Solino e outros antigos haviam fallado das terras do Occidente. São estas as opiniões a que Orta se refere, sem comtudo as aceitar, e dizendo pelo contrario: «nunca forão sabidas dos antigos, nem o Brazil» (Yule, *Gloss.*, 329; *Marco Polo,* II, 419, 425; fr. Gregorio Garcia, *Origen de los indios de el Nuevo Mundo e Indias occidentales,* 24 e seguintes, Madrid, 1729; Oviedo em Ramusio, III, 65).

Notaremos ainda uma phrase interessante de Orta — a que se refere a Alexandre, ou «Ezcader», e ás historias que a seu respeito corriam no Oriente. É bem sabido, como, parallelamente á verdadeira historia de Alexandre, se originaram relações da sua vida, mais ou

menos falsas, mais ou menos revestidas de circumstancias romanescas, e algumas tomando a fórma de puros romances. A partir do *Pseudo-Callisthenes,* desenvolveram-se duas correntes d'estas lendas, uma occidental, dando logar á *Chanson d'Alixandre* de Lambert le Court, ás *Chansons de geste d'Alixandre,* e a muitas mais composições em prosa e em verso; a outra oriental e não menos rica. Os proprios historiadores orientaes, ou que n'essa conta se tinham, alteraram e ampliaram sem escrupulos a vida do grande conquistador. Maçudi, por exemplo, conta-nos de الاسكندر *alaskander* (Iskandar, Sikandar, ou «Ezcader») as mais curiosas anecdotas de pura invenção oriental, á mistura com factos reaes da sua vida; e alarga as suas conquistas até á China e Thibet. Os poetas, e entre elles o celebre Firdusi no seu *Livro dos Reis,* levaram ainda mais longe a ficção e o lado romanesco da lenda. Outras composições versificadas, arabicas ou persas, eram especialmente dedicadas á vida de Alexandre, e descreviam, por exemplo, a sua viagem a Ceylão, onde foi á montanha sagrada adorar a pégada do primeiro homem. É, pois, certo —como diz Orta— que de «Alixandre elles tem muytas historias mais que nós».

Esta litteratura oriental era conhecida, mais ou menos completamente, dos portuguezes cultos e instruidos que andaram pela India, sobretudo dos que visitaram Hormuz ou ali residiram. Aquella rica cidade commercial foi um centro de cultura do espirito, onde floresceu o ensino oral, tanto nos habitos e na indole dos povos orientaes. Muitos annos antes de Orta, Antonio Tenreyro contava, como em Hormuz:

«..... em hum alpendre grande a certas horas do dia pola menhã e á tarde lê hum mouro velho coronicas antigas, assim de Alexandre como de outros varões illustres; isto fazem para os mancebos se custumarem bem.»

Do mesmo Hormuz escrevia Luiz Falcão a D. João de Castro, a 1 de fevereiro de 1540, dizendo-lhe: «Alleyxos de carvalho me dixe da parte de vosa s. que lhe mãodase allyxandre em parsyo, la lho mando haimdaque has escreturas destes mouros tenho-as por menos autentes que as nossas». E a 5 de fevereiro do mesmo anno, Garcia de la Penha escrevia tambem a D. João de Castro: «Aleyxos de carvalho pedio a elrey e goazil hemires hum lyvro da ystoria dalyxandre, com muyto trabalho acharão hum que lhe mandão». Como se vê, D. João de Castro sabia da existencia dos codices orientaes relativos a Alexandre, encommendava-os para Hormuz, e lá lh'os obtinham os agentes portuguezes, embora tivessem duvidas sobre a sua authenticidade.

Os livros de historia geral, por exemplo o de Mirkond, tambem eram conhecidos dos nossos escriptores, como João de Barros, ou Pedro Teixeira, servindo ao ultimo de fonte principal para escrever as suas *Relaciones,* nas quaes se encontra a versão, ou uma das versões orientaes, da vida de *Ascandar* ou *Sakandar* ..... *que es lo que dezimos Alexandro.*

O que acabâmos de dizer é mais que sufficiente para mostrar, como Orta pôde facilmente alcançar as suas noticias de «Ezcader», e da litteratura especial que lhe dizia respeito (Cf. Maçudi, *Prairies d'or*, II, 242 a 278; *Itinerario de Antonio Tenreyro*, 8, edição de 1829; Pedro Teixeira, *Relaciones*, 88 e seguintes; *Vida de D. João de Castro*, edição de Fr. Francisco de S. Luiz, a p. 509).

Nota (4)

Nas notas ao *Coloquio segundo*, dissémos já como os mussulmanos deram o nome de *Rumi* aos christãos do Imperio byzantino, e o de *Farangi* aos do Occidente, d'onde depois vieram as conhecidas designações de Frangues, Francos e Franquia. O nome era sabido dos nossos portuguezes muito antes de Orta, pois o auctor do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* já o emprega:

«..... dissera que taees homens nom podiam ser senam francos, que asy chamam a nós outros em estas partes.»

É certo, que sem referencia especial a uma doença e a uma doença infamada, o nome comportava na bôca dos orientaes um certo desprezo, pois os christãos foram sempre mais ou menos *cães* aos olhos dos mussulmanos, o que de resto aquelles lhes pagavam na mesma moeda.

A proposito de Frangues, Orta toca de leve em uma das questões mais debatidas e calorosamente controvertidas no seu tempo, e sobretudo posteriormente — a origem da *syphilis*. Menciona, sem a combater ou acceitar, a opinião dos que consideravam a doença como nova, e a suppunham importada da America. Os factos a que se refere, passaram-se, segundo alguns diziam, do seguinte modo: os companheiros de Christovam Colombo haviam regressado no anno de 1494 (e não 1493) da sua segunda viagem á Española, contaminados por um novo e grave mal, adquirido ali no contacto com as mulheres indigenas: por esse mesmo tempo, Carlos VIII de França invadia a Italia, atravessando-a de norte a sul, e ía cercar Napoles, onde se encerrára Fernando II, o «Dom Fernando» do nosso escriptor: no anno seguinte, os reis catholicos enviavam, em soccorro de Fernando II, uma armada commandada por Gonçalo de Cordova: foi então, que os soldados hespanhoes infeccionados communicaram o mal a algumas mulheres publicas, e estas aos italianos, e tambem aos francezes do exercito invasor, os quaes, no seu regresso, o trouxeram para França, espalhando-se depois por toda a Europa. Tal era, reduzida aos seus traços mais geraes, a exposição dos factos, como a faziam os partidarios da origem americana da *syphilis*, e da sua importação na Europa nos fins do XV seculo. Ninguem naturalmente queria a responsabilidade da nova, grave e repu-

gnante enfermidade, e por isso, de ter rebentado em Napoles lhe chamaram *morbo napolitano*, de se ter generalisado por intermedio dos francezes *morbo gallico*, e de se ter desenvolvido primeiro entre os hespanhoes *morbo hispanico*, ou —como diz Orta— *sarna castelhana*. Este sentimento reconhece-se em todos os escriptos d'aquella epocha, e mesmo no titulo que o erudito Nicolau Leoniceno deu ao seu tratado: *De epidemia quam Itali morbum gallicum, Galli verum morbum neapolitanum vocant*. Tambem os christãos lhe chamaram *mal dos turcos*, e os mussulmanos *mal dos frangues*, o que era a simples adopção de *morbum gallicum*, e de *mal franzozo, mala Francezos*, como se encontra escripto em varios opusculos do tempo. Orta adopta para a doença a orthographia *fringui*, que encontrâmos tambem em Pedro Teixeira, na seguinte passagem: ..... *lo dizen los Parsios doney franguy, que quiere decir mal o sarna de los Franceses* ..... *Los canarines nacion oriental en la India, corrompiendo esto un poco, dizen a los Portugueses y a los christianos blancos de la Europa Franguy y a las bubas fringuy*.

Orta podia ter encontrado a versão da origem americana em varios escriptos medicos, já publicados no seu tempo: no opusculo de Leonardo Schmauss, *De morbo gallico* (1518); nas obras de Antonio Musa Brasavola, um dos seus auctores validos; ou no livro de Dias de Isla, *Contra las bubas*, livro dedicado a D. João III de Portugal, e que, portanto, devia ter attrahido a attenção dos medicos portuguezes. Mas a origem mais provavel, ou quasi segura, da sua informação é o livro de Oviedo. Gonçalo de Oviedo foi um dos primeiros a contar detidamente os factos relativos á introducção da doença na Europa, pouco mais ou menos como os indica Orta; alem d'isso nós sabemos que Orta conhecia a sua *Historia general de las Indias*, porque a cita em um dos *Coloquios* seguintes, e vemos como n'este *Coloquio* nos diz explicitamente, que encontrára a noticia em um historiador hespanhol —da nacionalidade de Ruano— e não em um livro de medicina. Parece-me claro, portanto, que elle repetia Oviedo.

A noticia de Oviedo não era exacta. Em muitos livros correntes de medicina, se podem encontrar numerosas citações, pelas quaes se vê bem como a *syphilis* existia no Velho Mundo de antigos tempos, embora houvesse nos fins do seculo XV uma recrudescencia de gravidade e frequencia d'aquella enfermidade. De outro lado, o exame minucioso dos factos historicos, relativos á invasão da Italia por Carlos VIII, e a comparação attenta das datas, provam até á evidencia que as cousas se não podiam passar como as conta Oviedo, e como acima as resumimos. Mas é certo que a versão de Oviedo e de outros escriptores d'aquella epocha foi recebida durante muito tempo; foi admittida por um dos medicos contemporaneos mais notaveis, Gabriel Fallopo; e ainda foi energicamente defendida muito depois por medicos eruditissimos, como Astruc. Ficou mesmo classica, passando para o dominio

da litteratura. No *Candide* de Voltaire, o dr. Pangloss, fazendo a picaresca genealogia da doença, que o tinha posto ás portas da morte, diz que o primeiro da serie *l'avait eu en droite ligne d'un des compagnons de Cristophle Colomb.* O que acceitaram Fallopo e Voltaire, podia bem ter acceitado Garcia da Orta; mas a verdade é que elle não acceita a versão—cita-a, e nada mais. Tem mesmo uma phrase, que se póde interpretar no sentido opposto: «de principio as tiverão ca». Essa phrase, porém, será mais opportunamente discutida quando chegarmos ao *Coloquio quadragesimo setimo.*

(Cf. Leoniceno, Schmauss, etc., em Aloysio Luisino, *Aphrodisiacus, sive de lue venerea,* ed. de 1728, dita de Boerhaave, p. 15, 383, e outras; Oviedo, em Ramusio, III, 54, 76; Teixeira, *Relaciones,* 35; Follin, *Traité de path. externe,* I, 605; Renault, *La Syphilis au xve siècle,* Paris, 1868.)

COLOQUIO TRIGESIMO QUINTO

DA MARGARITA OU ALJOFAR, E DO CHANQUO DONDE SE FAZ O QUE CHAMAMOS MADREPEROLA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Humas das pedras medicinaes he o *aljofar*; ou seja chamada pedra ou não, ja está em uso chamarse asi na fisica.

ORTA

Chama-se *perla* em castelhano, e *perola* em portuguez, e em latim *unio:* e isto no *aljofar grande,* porque o meudo chamase em latim *margarita;* e em arabio *lulu,* e em persio; e nas outras gerações da India, *moti;* e em malavar *mutu;* e em portuguez e castelhano *aljofar*.

RUANO

Donde se derivam estes nomes?

ORTA

Dos Latinos e Castelhanos e Portuguezes vos darei logo rezão, e dos outros perdoarmeis, porque o não sei: *perla* e *perola* se dizem de *prefero, preferes,* porque tem imminencia, e he perferida a todas as outras do seu genero: *unio* se diz, porque de maravilha se acham duas conformes em grandeza e figura, e em ser viva: *aljofar* se diz, porque em arabio quer dizer de Julfar, que he o principal cabo donde o ha qua, scilicet, o milhor he de Julfar, que he hum porto na terra da Arabia confim ao estreito que chamam de Ormuz, e o milhor he o pescado em Barem, Catifa, Julfar, Camarão, e outros portos desta costa: e porque o mais noto a nós era Julfar, e os Espanhoes usamos da lingoa arabia, o chamamos asi, casi trazido do porto de Julfar.

RUANO

Folgo de saber esta dirivaçam: e porque chamam orientaes a estas *perolas* boas, por ventura porque eram de cor dourada?

ORTA

Nam, senão porque vinham da banda do Oriente, e porque este estreito de Ormuz era oriental a respeito da nossa Europa, o chamam asi.

RUANO

Ha em mais cabos, que neste, o *aljofar*?

ORTA

Este he o milhor e mais grosso, e tambem o ha cá do cabo do Comorim até á ilha de Ceilam. Esta pescaria he delrey nosso senhor, e ainda que lhe podia render muyto, por ser tam zeloso da fé gasta mais do que lhe rende em mais de cinquenta mil cristãos, que se fizeram em o principio; e foi feita esta cristandade por hum varam, nam menos vertuoso que letrado, chamado Miguel Vaz, vigairo geral que foy da India; e foy depois acrecentada esta cristandade por Mestre Francisquo, teologo, que foy principio desta santa Companhia, juntamente com o Padre Ignacio, cujas virtudes e santidades, se se ouvessem de escrever, se faria hum grande livro (1). E agora esta cristandade he acompanhada e favorecida pollos padres e irmãos da Companhia de Jesus, e está decorada por martirio de alguns religiosos desta sancta Companhia. Este *aljofar,* que nesta pescaria se pesca, he mais meudo, porém ha entre este algum muyto bom, e tambem o ha grosso; mas polla maior parte não he tam grosso como o de Barem e Julfar, nem de tanto preço; ha o tambem em Burneo, e ainda que he muyto grosso, não he de tam boa feiçam; vem tambem da China, ainda que não he tam bom. E quanto he ao que vem das terras e ilhas do vosso rey, e do que ha em Europa, vós o sabeis milhor que eu; e porque eu não sey contradizer, sem craramente ver rezam pera isso, não diguo que os escritores do Perú dizem mal

em dizer que ha *perolas verdes,* e outras muytas cousas nesta materia.

RUANO

Vem tanto e tam bom *aljofar* dessas terras que dizeis, que meu irmão, o feitor, traz soma delle pera vender cá, e diz que dobrará o dinheiro duas vezes nelle; e portanto não sei como dizeis que he mercadoria pera Portugal o *aljofar.*

ORTA

Tudo pode ser verdade; porque o *aljofar* que de cá vai, e as *perolas,* he grosso e redondo, e em toda perfeiçam: e o que de lá vem das Indias sam huns barrocos mal afeiçoados, e não redondos, e com aguas mortas.

RUANO

E valem cá mais os máos que os bons?

ORTA

Não, senam a má feiçam delles recompensase com mais pouco preço cá na India que em Espanha, porque em Espanha, de redondo a não redondo, de vivo a morto, de boa feiçam a má, vai grande deferença, que a *perola* que tem estas perfeições, se val cá dez, a que não as tem val lá dous ou hum, e cá não he asi ácerca dos Canaras, que sam os habitantes em Bisnager e seus reinos, senão, se a de toda perfeiçam val dez, a imperfeita, no mesmo peso, val cinco ou quatro: de maneira que póde vosso irmão dobrar a mercadoria cá, e levando *aljofar* da India ganhar lá dinheiro.

RUANO

Bem está, mas eu sam fisico, e quero saber como se pescam, e se usam cá dellas os fisicos nas mézinhas; e se as ha furadas e não furadas, e per natureza sem arte, como alguns dos nossos doutores escrevem, dizendo: toma *margaritas* furadas e não furadas. E asi me dizei, se nisso não levardes trabalho, qual he a maior *perola* que vistes, e o *al-*

jofar usado na botica donde vai, e o preço que val a onça delle.

ORTA

Achase nas ostras, que pescam nos tempos já sabidos pera isto; e as ostras que andam no mais alto, trazem mais grosso *aljofar;* e as que andam em mais baixo pégo, tem o mais meudo; e põem as a secar, e abremse; e na carne dellas acham o *aljofar,* depois da carne ser sequa algum tanto; e achase em huma ostra, ora muytas, ora poucas, segundo a concha he; e não já huma só, como alguns dixeram, em que acham mais de duzentos grãos. Dizer que ha *aljofar* furado per natureza, foy querer falar de graça, e fingir fabulas ao sabor do seu pádar; e nas mézinhas usam deste *aljofar* os Gentios algum tanto, porém os Mouros usam muyto delle em todas as mézinhas cordiaes, asi como nós usamos. E as milhores destas ostras pera dar os *aljofares* sam humas ostras lisas e brancas, a que a gente da terra chama *cheripo;* e fazem dellas colheres e buzios pera beber; e tambem nas nossas ostras, que comemos, ha *aljofar,* mas não he tam bom. E a maior *perola,* que se acha no cabo de Comorim, he do pezo de cem grãos de trigo, e vi outras muyto maiores vindas de Burneo, mas não de tam boa feiçam; e outra de qua, que pezava 100 e 60* grãos de trigo, ou 40 quilates, que he o mesmo. A do pezo de 100 grãos de trigo, que sam 25 quilates, a que chamam *calanja,* val mil e 500 cruzados. Nos mais preços vos não falarei, porque milhor he ser filosofo que mercador. O *aljofar* se joeira ou pineira em humas pineiras de latam, e as que per hum buraco saem, valem a tal preço a oitava; e as que não podem sair per elle, nem per outro mais grosso, valem a mais preço; e as que saem per outro buraco mais grosso valem a muyto mais; e os mercadores desta terra tem estas joeiras, e per ellas fazem seus preços; e esta he huma conta muyto sutil, que vosso irmam folgará de saber,

---

* (Sic), isto é 160, como se vê da correspondencia com o quilate.

porque tem humas regras muyto arteficiosas; e o *aljofar,* que he tam meudo, que se nam póde furar, vendemno pera botica, e para o levar a Espanha: val uma onça menos de hum vintem (2).

RUANO

Desfalece o *aljofar* per tempo no pezo? porque me dizem que si, e por isso nam era bom pera tizouro.

ORTA

Si, desfalece; e porém nam o esprimentei; e o que se diz, e o que se tem por mais çerto, he que o *aljofar* pescado em mingoante da luna he o que falece per tempos, e o outro não, e isto se tem per muyto averiguado.

RUANO

Se este *aljofar* não estiver tam limpo e pulido, como faremos que tenha viveza e limpeza e polimento? Dizeime isto se o sabeis, porque nam sois tam filosofo como mostraes, que tambem quereis ter *perolas* e pedras, como os outros.

ORTA

Si sei, e dirvoloei. Tomai aroz mal pisado e sal, e esfregaio com elle muyto, e ficará tam limpo, como o milhor do mundo.

RUANO

E o outro de que fazem as cousas, que chamamos de *madreperola,* he esse que chamaes *cheripo?*

ORTA

Nam, senam outro que chamam *chanquo,* de que fazem cofres e mesas e contas; porque, ainda que por de fora seja tosco, pella parte de dentro he muyto liso e fermoso. He este *chanco* mercadoria pera Bengala, e ganhavão noutro tempo mais do que se ganha agora; e estes *chanquos* grandes, a que nós chamamos buzios, que vam a Bengala, lavranse lá muyto fermosamente; e ficam muyto lisos e brancos; e isto se gasta em pouca cantidade, porque o mais se

gasta em manilhas e em outras peças. E foy em Bengala até agora hum custume, que nenhuma pessoa onrada e de preço, que fosse virgem, pudexe ser corrompida, senam tendo manilhas de *chanquo* postas nos braços: e depois que vieram os Patanes se perdeo este custume algum tanto, por onde o *chanquo* val agora mais barato; e vedes aqui hum taboleiro de tabolas de emxadrez, de que vos faço serviço, pera verdes o *chanquo* á vossa vontade (3).

RUANO

Merce muyto grande he pera mim; porém me dizei estas taboas pretas do emxadrez de que sam?

ORTA

De tartaruga; e tambem se fazem desta tartaruga cousas muyto frescas; e não fallo nellas, porque não he cousa mediçinal; porque falámos já muyto nestas cousas, que não fazem caso a fisica.

Nota (1)

Miguel Vaz foi uma figura bastante saliente e bastante conhecida para nos dispensar de longos esclarecimentos. O vigario geral representou um papel importante na administração dos negocios ecclesiasticos da India, substituindo a sua energica vontade ás frouxas e bondosas resoluções do bispo D. João de Albuquerque, e deixando-se por vezes arrastar pelo seu zêlo inconsiderado a actos de prejudicial intolerancia. Toda a historia de Miguel Vaz, da sua vinda a Portugal, da sua volta á India com instrucções de D. João III e breves do papa, das devassas que ali fez a respeito de gentios e christãos novos, da sua morte quasi repentina e attribuida ao veneno e á vingança dos perseguidos, toda esta historia seria sem duvida interessante; mas, suppondo mesmo que tinhamos elementos para a fazer, ficaria absolutamente deslocada n'estas notas (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 161 e 194; e tambem Couto, Gaspar Corrêa, a *Vida de D. João de Castro*, na edição de Fr. Francisco de S. Luiz, etc.).

Quaesquer que fossem os erros de Miguel Vaz, elle era extremamente zeloso pela propagação da fé; e, em tempo do Governador D. Estevão da Gama, iniciou as missões na costa de leste, junto ao cabo Comorim,

mandando lá o seu grande amigo, mestre Diogo de Borba. Gaspar Corrêa, do mesmo modo que Garcia da Orta, attribue a Miguel Vaz a gloria de ter começado aquellas missões:

«N'este tempo (1544) o Rey do cabo de Comorym, que se chama o Rey grande (o de Travancore), teve guerra com outro seu visinho que he Rey das terras d'alem do cabo, da christindade de Manapá e Totucury, que la fez Miguel Vaz, vigairo geral da India, que então era...»

Manapá póde identificar-se com uma localidade, que tem o nome de Munahpaud em algumas cartas modernas; e Totucury é conhecido pelo mesmo nome de Tutikorin, ficando mais ao norte, alem da foz do Tamraparni, e da (então) importante villa ou cidade de Kayal (Cael de Barbosa). Os habitantes das villas e lugares d'aquelle littoral, de casta *Paravá* (os Paravás de Diogo do Couto), occupavam-se principalmente na pesca das *perolas*, ou na sua propria costa de Tinnevelly, ou na costa fronteira de Ceylão, sendo Kayal ou Cael, já no tempo de Marco Polo e ainda no tempo de Duarte Barbosa, uma villa rica, centro d'aquella industria e commercio. Os nossos portuguezes chamaram, pois, costa da Pescaria a todo o littoral da India, que limita o golfo de Manaar, desde o cabo Comorim até Beadala ou Vedãlay e ilha de Rameseram (Cf. G. Corrêa, *Lendas*, IV, 408; Couto, *Asia*, VI, VII, 5; Yule, *Marco Polo*, II, 358; Barbosa, *Livro*, 353).

Foi esta costa da Pescaria um dos primeiros campos de evangelisação de S. Francisco Xavier—a quem Orta chama «mestre Francisquo». Chegado á India com o governador Martim Affonso de Sousa, seguiu cinco mezes depois para o sul, estendendo as suas missões até Beadala, e até á ilha de Manaar, e baptisando —segundo diz Lucena— por aquellas aldeias de pobres pescadores mais de quarenta mil pessoas, o que não anda longe dos cincoenta mil christãos, de que falla Orta. Nada mais será necessario dizer do illustre apostolo do Oriente; e só notarei, que os *Coloquios* seriam incompletos, se n'elles se não encontrasse esta menção, ao mesmo tempo familiar e respeitosa, do grande «mestre Francisquo».

Nota (2)

Orta toca em muitas particularidades interessantes a respeito de *perolas*, e o *Coloquio* exige uma nota um tanto longa.

Encontram-se *perolas* no interior de varios molluscos; mas as *perolas* finas dos mares orientaes e tropicaes, aquellas de que Orta falla, formam-se unicamente na especie **Meleagrina margaritifera**, Linn. Os nomes mencionados no *Coloquio* são exactos, tanto os mais vulgares, *perola* ou *perla*, *unio*, *margarita*, e *aljofar*, como os menos geralmente conhecidos, o arabico لولو, *lulu*, o hindustani موتي,

muti, e o tamil *mutu*, devendo derivar-se estes ultimos do sanskritico, मुक्ता, *muktā*. Se os nomes são exactos, as etymologias pódem dar logar a varias duvidas. Derivar *perola (perla* na baixa latinidade) de *præfero*, poderá parecer um tanto forçado; mas será mais uma derivação, a juntar a muitas, que se encontram em livros correntes, como o de Bluteau ou o de Littré, e todas são pouco satisfatorias. A etymologia de *unio* é da responsabilidade de Plinio: .....*in tantum ut nulli duo reperiantur indiscreti: unde nominum unionum romanæ scilicet imposuere deliciæ* (IX, 56, ed. Littré). A de *aljofar* é falsa, embora engenhosa; *aljofar* não se deriva do logar em que se pescava, جلفار, Djolfar, e é simplesmente الجوهر, *al-djauhar*, que significa do mesmo modo *perola* (Dozy, 145; Sousa, 49).

Das localidades, apontadas por Orta, e onde se pescavam *perolas*, «Barem, Catifa, Julfar, Camarão», as tres primeiras estavam situadas na costa da Arabia oriental ou junto d'ella, e apenas Camarão, de que logo fallaremos, ficava distante d'ali. Ao longo da costa arabica do golfo de Oman e do golfo Persico pescavam-se *perolas* em muitos pontos e desde tempos muito antigos[1], sendo bem conhecidas as pescarias de Djolfar, de que falla Edrisi, e particularmente nomeadas as da ilha de Bahreïn, e as de Catifa, ou el-Qatif, porto na terra firme da Arabia em frente de Bahreïn, do qual já se occupa Maçudi no X seculo. Dos nossos portuguezes, Antonio Tenreyro é um dos que descrevem mais detidamente estas pescarias do golfo Persico, mencionadas tambem pelo Camões:

> Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
> Tem das suas perlas ricas, e imitantes
> Á côr da Aurora;.....

As pescarias do golfo Persico estiveram mais ou menos sujeitas aos portuguezes, emquanto estes occuparam Hormuz, sendo as barcas de pesca obrigadas a tirar uma especie de passaporte, pelo qual pagavam um certo direito. Affonso de Albuquerque, com o seu genio dominador e inventivo, tinha mesmo pensado em tornar mais directa a sua intervenção, tomando conta d'aquella industria, e transformando-a pelo emprego de dragas e redes de arrastar. Em carta de 20 de outubro do anno de 1514, dizia elle o seguinte:

«baharem, senhor, he cousa muito grosa e muito Rica: ha Pescaria do aljofar não he nada (é facil) d asenhorear porque sam homeens que o pescam jemte de trabalho e mizquinha, que vem aly ganhar sua vida

---

[1] Sobre o conhecimento que houve das perolas nos antigos tempos, póde ver-se Locard *Hist. des mollusques dans l'antiquité*, p. 159 e seguintes.

cadano, e parece me que pescandose com Rastos de lá desas partes, que se dobraria o proveito.»

Diz Orta que o *aljofar* do golfo Persico era o «milhor e mais grosso». Um viajante, que percorreu repetidas vezes a Persia e a India, menos de um seculo depois de Orta, e tinha especial auctoridade no assumpto, porque era joalheiro e negociante de pedras preciosas, João Baptista Tavernier, confirma esta opinião até certo ponto, dizendo-nos que aquellas *perolas* eram geralmente mais grossas que as da India e de boa fórma, comquanto um pouco amarelladas. A maior *perola* que viu, propriedade do Schâh da Persia, procedia justamente da pescaria de Catifa; e outra que, embora não fosse muito grande, elle considerava a mais perfeita de quantas existiam, pertencia ao Imam de Mascate, e devia tambem proceder d'aquella costa (Cf. Edrisi, *Géogr.* I, 157; Maçudi, *Prairies d'or*, I, 240, 328; Tenreyro, *Itin.*, cap. 49; Affonso de Albuquerque, *Cartas*, 264; *Les six voyages de Jean Baptiste Tavernier*, II, 360, Paris, 1679).

Orta cita «Camarão» de envolta com Julfar e Catifa, como se ficasse nas proximidades, o que não é assim. Camarão era uma ilha do Mar Vermelho, junto da qual tambem houve pescarias de *perolas*, embora muito menos conhecidas e celebradas. Affonso de Albuquerque, fallando de uns prisioneiros que fez, estando na mesma ilha de Camaram, diz o seguinte: ..... «amtre os quaees se tomou huum homem honrado, que foy xeqe e senhor da ilha de dalaca e de meçuá e das ilhas da pescaria do aljofar». Quasi pelo mesmo tempo, Thomé Pires dava noticia d'estas pescarias de *perolas* do mar Vermelho, na sua conhecida carta a D. Manuel, enviada de Cochim a 27 de janeiro de 1516. Diz assim: «ho aljoufar nacee nestas partees em dalac ..... dalac sãa ylhas dez legoas a la mar do porto de meçua, terra dabixia ou a elle sojeyta no mar Roxo, sesemta legoas da entrada e menos.....». Como se vê d'estas cartas de Albuquerque e de Pires, nas costas da Abyssinia e da Arabia, e nas ilhas intermedias do grupo de Dahlac e de Kamaran algum *aljofar* se encontrava por aquelles tempos, e d'este falla o nosso escriptor (Cf. Affonso de Albuquerque, *Cartas*, 218; Thomé Pires, na *Gaz. de Pharm.* (1866), 41).

Ao contrario das pouco conhecidas pescarias da ilha de Camarão, as do sul da India e Ceylão tem sido descriptas largamente, e por varias vezes—pelo nosso portuguez João Ribeiro, por Sir J. E. Tennent, não fallando de muitos outros. Estavam situadas no Golfo de Manaar, e —pelo que diz Simão Botelho— parece que havia duas epochas de pesca: uma em que se pescava na costa da India, chamada costa da Pescaria (Calecaré de Simão Botelho, e Quilicare de Barbosa), entre o cabo de Comorim e a ilha de Rameseram; a outra em que se pescava no sitio chamado Caradiva da costa fronteira de Ceylão. Esta pesca do lado de Ceylão era no emtanto a mais importante, como explica muito clara-

mente Thomé Pires, na sua carta já citada: «geralmente dizem aljoufare de caile (Kayal) porque de caile ho vãa lla pescar; mas pescase pegado a terra da ylha de ceylão». No tempo de João Ribeiro, já a praia de Aripo em Ceylão era, como continuou a ser, o principal centro onde se reuniam as champanas dos mergulhadores, para d'ali partirem todas as manhãs nos mezes de março e abril em busca dos bancos de ostras, que Orta chama *cheripo,* e Ribeiro *chipe* (de *chippi,* ostra em tamil). A descripção d'esta pesca tem sido feita tantas vezes, que a não repetirei aqui, remettendo o leitor para alguns dos livros abaixo citados. Unicamente notarei, emquanto á qualidade das *perolas* do golfo de Manaar, que Tavernier concorda com Orta, affirmando serem muito boas, brancas, de boa fórma e boa *agua;* mas pequenas, excedendo raras vezes 3 a 4 quilates, e não passando em geral de *aljofar* meudo.

Estas pescarias de Manaar pertenciam a Portugal, ou, no modo de dizer do tempo, a «elRey nosso senhor»; mas rendiam-lhe menos do que lhe deviam render por elle ser «tam zeloso da fé». Explica-se esta phrase de Orta, primeiro porque directamente se fariam despezas avultadas nas missões d'aquella costa; segundo porque o rendimento diminuia á medida que o numero dos christãos augmentava. Ao principio, o capitão da pescaria cobrava de direitos por conta do Rey de Portugal o mesmo que os pescadores pagavam antes ao «senhor da terra», isto é «setenta e cinquo mil ffanões, de dez ffanões o xerafim». Mas quando os pescadores se começaram a fazer christãos, os missionarios e particularmente os jesuitas intervieram em seu favor, de modo que «ffoy a pescarya demenuindo e rendendo muito menos.» É isto o que nos diz Simão Botelho, que de modo algum se conformava com a intervenção dos padres na administração da fazenda. Comprehende-se assim, que ali se gastasse mais do que se cobrava, como affirma Orta. De uma carta de Felipe II para o vice rey da India, escripta no anno de 1586, se vê que as cousas continuavam no mesmo estado; e ali se diz, que se não podiam pagar as despezas a fazer com alguns navios de remo, pelo não «soprir o rendimento da pescaria, por não emportar mays huns anos por outros que nove myl pardáos, valendo as despezas que fazião em cada hum ano de xbiii (18), a xx mil pardáos». (Cf. João Ribeiro, *Fatalidade,* cap. xxii; Tennent, *Ceylon,* ii, 560 e seguintes; Tavernier, l. c. 360 a 370; *Tombo,* 244; Thomé Pires l. c.; *Arch. port. oriental,* fasc. 3.º, 61).

Em «Burneo» —segundo diz Orta— encontrava-se *aljofar,* grande mas não de «boa feiçam». Estas *perolas* não deviam vir propriamente de Borneo, e sim das ilhas do archipelago de Sulu ou Suluk, que se extende da extremidade oriental de Borneo até Mindanáo. Duarte Barbosa falla de Sulu, sob o nome de Solor, e concorda inteiramente com a noticia de Orta: «.....e asy muyto aljofar que os moradores

apanhaom, e boas perolas perfeitas em coôr e nom em redondeza». É de notar, que a traducção italiana de Barbosa pelo Ramusio —citada por Crawfurd— não é exacta, e diz que as *perolas* eram *fine cosi in colore, come in ritondeza.* Não era assim, Barbosa havia dito que não eram perfeitas em «redondeza», como Orta disse que não eram de boa «feiçam» (Cf. Duarte Barbosa, *Livro,* 373; Ramusio, I, 320; Crawfurd, *Dct.*, v. *pearl* e *Sooloo).*

Pelo que diz respeito ás *perolas* da China, encontrámos a confirmação da noticia de Orta no bem conhecido livro de um dos seus compatriotas e contemporaneos. O illustre Fernão Mendes Pinto, navegando com Antonio de Faria, foi-se encontrar na bahia de Camoy da ilha de Aynam, com uma grande armada de pescadores de *perolas* chinezes, e conta detidamente o que lá viu e ouviu. Ainda que haja alguma exageração no numero de gente e barcos, que, segundo elle diz, ali andavam pescando e guardando a pesca, devemos admittir que aquella industria se exercia então com actividade nos mares da China. Muitos annos antes, Thomé Pires fallou d'este mesmo *aljofar* de «hainan», explicando com muito correcta geographia como: «hainan sam ylhas antre o Reyno de cauche (Cochinchina) e a china». O *aljofar* d'ali vendia-se nos mercados da India, segundo se vê da *Lembrança das cousas da Ymdea;* e o omnisciente Duarte Barbosa tambem conhecia as *perolas* da China, notando como Orta que não eram muito boas: «.....não saom perfeitas em redondeza» (Cf. Fernão Mendes Pinto, *Peregr.*, cap. XLIV; Thomé Pires, l. c.; *Lembrança,* nos *Subsidios,* 39; Duarte Barbosa, *Livro,* 375).

Por ultimo, Orta falla das *perolas* da America, muito ao de leve, e como de cousa distante, da qual pouco sabia. No emtanto a sua menção tem um ponto interessante, pois nos dá meio de saber quem era o escriptor do Peru, ou pelo menos um dos escriptores, que elle cita habitualmente. Oviedo, fallando das perolas negras e coradas, diz que se encontravam algumas (cito pela versão) *quasi azurre, altre pendono al verde.* Aqui temos as *perolas verdes,* e a prova de que Orta citava Oviedo (Cf. Ramusio, III, 168 v.º).

João Baptista Tavernier diz-nos, que Goa tinha sido antes do seu tempo —era, portanto, no tempo de Orta— um dos grandes mercados do Oriente para pedras preciosas e *perolas.* Ali vinham ter as mais notaveis de Bahreïn, Manaar e outras pescarias orientaes, e algumas da America, e ali concorriam baneanes, negociantes do Occidente e lapidarios venezeanos e florentinos. Não nos deve, pois, surprehender, que Orta tivesse occasião de ver varias *perolas* de notavel valor. *Perolas,* como as que cita, de 25 e 40 quilates não são vulgares, comquanto não sejam absolutamente excepcionaes. Tavernier viu uma do Scháh da Persia, que custára 1:400:000 libras *(livres* francezas) e era muito maior; e viu algumas entre as joias do Grão-Mogol, Aureng Zeb,

pesando 60 e 70 *ratis*[1]. Elle proprio vendeu ao tio do mesmo Aureng Zeb uma perola americana, do peso de 55 quilates. Todas estas *perolas* eram regulares, porque das irregulares ou *barrocos* muitas havia de peso superior, sem por isso terem valores correspondentes.

Acabámos de ver, como Tavernier havia vendido na India uma *perola* americana; e assim como Orta, elle trata de explicar a apparente contradicção de se levarem perolas para o Oriente, trazendo-se muitas de lá; dá-nos, porém, motivos um pouco diversos, dizendo que os reis e potentados da India pagavam melhor, sobretudo quando se tratava de peças pouco vulgares. Naturalmente o *aljofar* meudo não se levava para lá da America, e o do Oriente vendia-se em Goa por preços variados e não muito altos, depois de dividido em «pineiras» ou crivos de latão. Os preços, é claro, variavam segundo a dimensão. Na curiosa miscellanea de apontamentos diversos, que constituem a *Lembrança das cousas da Ymdea* no anno de 1525, encontram-se tabellas d'estes preços, por onde se póde ver a sua variação: assim o *aljofar* de mil a mil e duzentos grãos em matical podia valer onze até treze fanões os dez maticaes, emquanto o de oitenta a cento e vinte grãos por matical valia cincoenta fanões os dez maticaes. Tudo isto podia dar logar ás contas complicadas a que Orta allude; mas quando elle falla de uma «conta muyto sutil», com «regras muyto artificiosas», creio que se quer referir ao *chego*. O *chego*, usado unicamente em Goa, e unicamente no commercio das *perolas*, era um peso engenhosamente variavel, cuja correspondencia com o quilate e os pesos decimaes se póde ver da seguinte tabella:

Quilates		Chegos		Grammas	Quilates		Chegos		Grammas
1	=	5	=	0,20735	8	=	44	=	1,65885
2	=	8	=	0,41471	9	=	56	=	1,86621
3	=	11 $\frac{1}{2}$	=	0,62207	10	=	69	=	2,07357
4	=	16	=	0,82942	15	=	156	=	3,11035
5	=	21	=	1,03678	20	=	277 $\frac{3}{4}$	=	4,14714
6	=	27	=	1,24414	30	=	625	=	6,22071
7	=	34	=	1,45149	40	=	1111 $\frac{1}{4}$	=	8,29428

A combinação engenhosa consiste em o peso do *chego* diminuir á medida que o da *perola* augmenta. Assim, fixado um preço ao *chego*, o preço ou valor da *perola* augmentava rapidamente com o seu peso, e uma perola de 40 quilates não valia dez vezes mais que uma de 4,

[1] Segundo Tavernier, o *rati* equivalia a $^7/_8$ do quilate. O *ratti* era propriamente o peso medio da semente vermelha de uma leguminosa, *Abrus precatorius*. Os pesos pequenos da India foram originariamente procurados no peso de varias sementes; e nas leis de Manu vem marcadas as correspondencias de peso das sementes de *papoula*, de *mustarda*, de *cevada*, etc. Vemos em Garcia da Orta uma influencia d'estes habitos indianos, quando falla dos *grãos de trigo*, em logar de dizer simplesmente *grãos*.

mas perto de setenta vezes mais. Claro está, que estas regras se não podiam applicar a *perolas* de excepcional belleza, cujo valor era puramente de estimação; mas deviam servir a regular as transacções ordinarias. Não encontro nos documentos do XVI seculo menção do *chego;* mas Tavernier falla (1660 proximamente) d'este modo de pesagem, como de cousa estabelecida em Goa de longa data, por onde parece que já existiria no tempo de Orta, e que esta seria a sua conta «muyto sutil». Por outro lado ainda se vê o *chego* mencionado em livros commerciaes modernos, do que se póde inferir que ainda o empregam (*Lembrança,* nos *Subsidios,* 33; Tavernier, *Voyages,* II, 277, 371, 376; *The Merchant's Handbook,* 270, th.[d] édition, 1879).

De outras indicações de Orta, mais ou menos exactas, não será necessario fallar, e unicamente nos referiremos brevemente ao que diz respeito ao emprego medicinal das *perolas.* Este emprego foi geral no tempo de Orta, e as *perolas* eram —como elle diz— uma das «pedras medicinaes». No *Electarium de Gemmis* entravam tres drachmas *margaritarum albarum,* ingrediente que igualmente figurava em muitas outras composições da antiga pharmacia. Não sei bem quando as *perolas* desappareceram das pharmacopêas da Europa, onde se conservaram durante muito tempo como antiacidas; mas na materia medica oriental continuaram até aos tempos modernos, a serem consideradas como cardiacas—as «mesinhas cordiaes» de Orta. Naturalmente, destinavam-se a este uso as *perolas* mais pequenas, e não susceptiveis de serem furadas e aproveitadas de outro modo. Este *aljofar* meudo custava um preço minimo, uma «onça menos de um vintem», como diz Orta, ou —segundo as tabellas já citadas— «Aljofar de botiqua, que nam é furado, valem dez matiquaes a dous fanões até treze[1]».

(Cf. *Concordia pharmacopolarum,* 29; Ainslie, *Mat. Ind.,* I, 293; *Lembrança,* l. c.).

Nota (3)

O «chanquo», ou *chank,* do sanskrito *sankh,* é a concha da **Turbinella pyrum,** Linn., de que a *Turbinella rapa,* Gm., parece ser uma simples variedade, e que se pesca em varios mares dos tropicos, mas principalmente no golfo de Manaar, proximamente nas mesmas localidades e bancos em que se encontra a ostra das perolas.

Esta grande concha, ou «buzio», como Orta lhe chama com propriedade, é venerada pelos hindus, que a tocam nos templos[2], ou se

---

[1] Parece haver aqui um erro; e deve ler-se «dous fanões até tres».

[2] O uso dos buzios ordinarios como instrumento, ou uma especie de trombeta, é muito commum em algumas das nossas provincias para chamar de manhã a gente de trabalho.

servem d'ella como de lampada, ou como de taça nas suas libações. A variedade, bastante rara, em que a helice se enrola para a esquerda, é sobretudo muito apreciada, e vê-se com frequencia figurada na mão das imagens de Víchnu. Diz-se, que algumas vezes é vendida pelo seu peso de ouro, o que póde levar o preço a 40 ou 50 libras esterlinas.

O emprego da concha da *Turbinella* no fabrico de contas, pequenos objectos de ornato, e sobretudo de braceletes e manilhas é perfeitamente conhecido, e Orta é exactissimo n'este ponto. Ainda recentemente se exportam das pescarias de Manaar para Calcutá e Bengala grandes quantidades d'aquellas conchas, exactamente como succedia então.

É mais duvidoso que a *madreperola*, trabalhada n'aquelles tempos em «cofres» e «mesas», procedesse toda da *Turbinella*, ainda que Fryer (1673) diga, do mesmo modo que Orta: *chanquo, the shells of which are the mother of pearl*. Parece que a *madreperola*, hoje empregada na industria, procede principalmente de especies de *Strombus* e de *Haliotis*, e já então deviam ser aproveitadas estas conchas. A *madreperola* encontrada em grande abundancia nas costas de muitas das ilhas do archipelago Malayo, e que já n'aquelles antigos tempos devia ser trabalhada na India e na China, diz-se proceder de *ostras* (?), e por esta palavra seguramente se devem designar molluscos bivalvos, muito diversos da *Turbinella*.

(Cf. Yule e Burnell, *Gloss.*, 140; Tryon, *Man. of Conchologia*, III, 68; Fisher, *Man. de Conchologie*, II, 618 e 845; Crawfurd, *Dict.*, 330).

COLOQUIO TRIGESIMO SEXTO

DO MUNGO E MELAM DA INDIA, A QUE QUA CHAMAMOS PATECA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA

RUANO

Todas as cousas enfastiam por saborosas que sejam, quando se come muyto dellas; e asi me acontece a mim com simples medicinais, quando me falaes muito delles, ainda que sejam cousas de notar; e por esta causa he bem que sempre nas mezas aja cousas que incitem o apetito, asi como alcaparras e azeitonas; e eu fiquei tam gostoso das *mangas,* que estimaria agora que falasemos em outra fruta alguma da India.

ORTA

Darvoshei a comer *patecas* ou *melões da India.*

RUANO

Nam seja de huns *melões* que aqui vi em casa, que me enganarão, porque me cheiram ao mais fino melam do mundo, e quando o provei acheio de sabor de lama, e a causa foi uma vossa compradeira que me enganou; perguntandolhe eu, se era bom, dixeme que si; e eu porque vejo nesta terra pepinos, como os de Portugal, pareceome que tambem averia *melões* como os nossos.

ORTA

Ella falouvos segundo seu gosto, e como pessoa que nam comera *melões* em Europa; e porém seyvos dizer que em Dio ha *melões,* que se podem muyto bem comer, porque sam arrasoados no sabor e no cheiro, como os de Portugal; e asi os ha em muytas partes do Balagate, e os que ha em Ormuz sam tam bons como os de Espanha. Mas não sam

estes os *melões* de que vos eu quero falar; senão outros que os Portuguezes de cá chamamos *patecas,* e he hum melam grande e redondo, ou de feiçam oval, por milhor dizer; nam se come cortando ao comprido, como nós comemos o melam, senão cortando ao largo. He redondo, tem a semente preta, quando he maduro, e quando he verde, branca; e posto que nam he doce, como os nossos *melões,* he muyto suave, esfria muyto, humedece, desfazse todo em aguoa, e he muyto bom nos *causomees** e pera todas as febres colericas, e esquentamento do figado, e rins, segundo vemos cá por experiencia; provoca muyto a orina, e os sãos o costumão cá tomar 4 oras depois de jantar, que he o tempo mais quente; e a mim pareciame melhor começar por elles os jantares. A semente destes *melões* provoca o sono, e sam as milhores sementes frias que cá temos, posto que não carecemos das outras**. E em este genero de *melões* não se pode duvidar da sua conpleixam ser fria e humida; porque nos nossos *melões,* por serem abstersivos ou alimpadores e doces, duvidam alguns na sua compleixam ser fria. E porque vejaes tudo ao olho, e sejaes testemunha de vista, asantaivos a comer, e provareis deste melam chamado de nós *pateca.* Moça, traze cá esse melam ou *pateca.*

SERVA

Melão vossa merçê não o sóe comer: mas aqui estam *patecas* que vieram de Chaul, e outras melhores de Dabul. Eilas aqui.

ORTA

Querovos fazer a salva; deitai as pevides fóra, e provai que boa está esta *pateca.*

---

* «Causomees» deve ser erro de imprensa, por *causónes,* sing. *causón,* que o *Diccionario de la Real Academia Española* define: *calentura repentina mui ardiente.*

** As quatro *grandes sementes frias* da antiga pharmacia eram as do melão, do pepino, da melancia e da abobora (Guibourt, III, 262).

RUANO

He huma das milhores frutas que vi em minha vida; e em certos tempos a queria antes que os nossos *melões;* porque não faram mais que alterar, e muyta parte parece que ade sair polla orina, e alguma por camaras; e não ficará lá couza sujeita a corruçam, como acontece nos melões, e pepinos e cogombros: e eu levarei estas sementes pera em Espanha semear. Mas dizeime o nome della em todas as lingoas, e porque lhe chamaes *pateca.*

ORTA

Segundo querem os Arabios e Persios esta fruta foy levada ás suas terras de qua da India; e por isso lhe chamam *batiec indi,* que quer dizer *melam da India;* e Avicena asi a chama em muytas partes; e *batiec* somente, quer dizer melam, e o nome da terra indiana he *calangari.*

RUANO

E quem vos dixe que se chamava *batiec indi?* Faz por ventura mençam della algum arabio escritor?

ORTA

O nome he comum; e asi lhe chamam os fisicos, que sabem a lingoa arabia, se lhe acertam o nome; e Serapio, se lhe escreveo outro nome, foy por se chamar assi em sua terra, ou estará a letra corruta; mas Avicena craramente lhe chama *batiec indi,* no quarto livro, no capitulo da febre terçam pura: e ahi põe grandes louvores delle, os quaes vós sabeis melhor que eu, ainda que eu o tenha mais esprementado que vós. E se Deos quizer que vades a Hespanha, e a lá semearem, vós achareis quam boa cousa he pera as febres colericas, e pera outras muytas emfermidades.

RUANO

Ouvi dizer que avia em muytas partes de Castella huns melões muito finos, a que chamavam *budiecas,* as quaes pode ser sejam estas *patecas,* e, corrompendo-lhe o nome, lhe chamaram *budiecas* por *patecas.*

ORTA

Eu vi já estes melões em algumas partes de Castella, e chamavamlhe *budiecas,* e outros lhe chamavam *samdias;* e proveios e he hum pomo mui deferente deste; por onde não se pode dizer da mesma especia, nem chamar *batiec indi;* e mais estas *patecas* não tem as folhas como os *melões,* senão mui deferentes destas *budiecas,* e mais he huma mata alta, e não estendida pollo cham como as *patecas;* e dixeramme que as avia em Africa, da mesma maneira destas da India; isto bem pode ser, mas eu não dou fé do que nam vi (1).

RUANO

Vós quando me dizeis que isto não he medecinal, entam lhe acho eu mais medecina, e me dizeis cousas de que eu mais gosto, e eu mais estimo pera curar. E os fisicos desta terra sabem deste *melam da India?*

ORTA

Nenhum soube isto, senão a quem o eu dixe, e não porque elles não sejam homens mui bons letrados, senão porque não se prezam de couzas tam baixas: mas eu pergunto estas cousas aos fisicos grandes, Arabios e Gentios.

RUANO

E como lhe sabeis perguntar isto aos Arabios?

ORTA

Porque sei todas as emfermidades do terçeiro e 4 de Avicena, e todos os simples do segundo em arabio; e isto me aproveitou muyto curando aquelle rey meu amiguo, e a seus filhos, posto que ao principio foi trabalho pera mim. E aproveitavame pera isto o bem que me queria o rey, que elle me ensinava estes nomes das emfermidades e mézinhas em arabio, e eu lhos ensinava em latim, do que elle muyto gostava; e per sua causa mo ensinavam tambem os fisicos que elle tinha Arabios e Coraçones.

RUANO

E os Gentios entendeivos com elles?

ORTA

Muyto bem; porém elles sam homens, que nam curam senam per esperiencia e per costume; e he tam boa de enganar a gente portugueza, que facilmente sam enganados por elles, e o que pior he que alguns Portuguezes, ou por contentar o povo, ou por se desocupar de curar os emfermos, e nam querer trabalhar em especular as curas, vamse com o seu parecer delles; e porque ser aprazivel ao povo faz ao fisico ganhar mais dinheiro, usam loguo em principio das mézinhas delles.

RUANO

Elles usam das nossas?

ORTA

Muytas vezes; mas as mais dellas nam ao proposito; porque dizem — sangrese — e elles nunqua usarão sangria, senão desque nós somos nesta terra; bem que usavam deitar ventosas, e çarrafar, e deitar sanguexugas: oulham as agoas, segundo que soube pellos fisicos de Soldam Bhadur e do Nizamoxa, e nunqua acostumaram ver agoas, senão veem que o fazemos, e fazemno como bugios; e daqui lhes acontece que se vem a orina branca, sem nenhuma digestam, tem a por boa, e se a vem vermelha e grossa com digestam louvada, tem a por má. Estas e outras cousas muytas soube eu delles, tomandoos pollo beiço, e porque não ha quem saiba tam pouquo que não saiba algumas cousas boas, seivos dizer que curam bem nas camaras, e pollo pulso dizem se tem febre ou não, e se está fraco ou rijo, e qual he o humor que peca, se he sangue ou colera, ou fleima, ou melamcolia: dam bom remedio para as opilações.

RUANO

Dam xaropes ou agoas estiladas, e he costume antiguo entre elles?

ORTA

Nam, nem o usam os do Balagate, senão os que tratam aqui comnosco, que dizem loguo: dailhe xarope violado; dailhe lambedor; dailhe agoa contra fluxo; dailhe agoa de chantagem ou cevada; ou talhadas cordiaes; ou açucare rosado com agoa de almeirões; e nenhuma destas cousas costumavam cá na India, ante que viesemos; somente sei que no Balagate usam os Mouros e Gentios de semente de *emdivia,* pisada, e bebida com agoa da fonte, isto em toda maneira de febre. Não o custumavam ante que viesemos a estilar agoas, senão o costume seu proprio he dar a beber cozimentos de legumes e sementes, e çumos de ervas toscamente perparados: andam per huma rua, e a todos curam com hum frasquo que trazem.

RUANO

Nam venha ahi Galeno, que mais prague je de Tesalo, e segundo mostraes em vossas palavras mal estaes com essa gente: ei medo que vos dêem peçonha.

ORTA

Antes todos estam bem comiguo; porque, digem como eu nam sam muyto cobiçoso, ou, por dizer mais verdade, sam preguiçoso, deixo os curar quantas curas me tomão, e perguntolhes primeiro o que lhe ande fazer, e se he mézinha que eu conheço ser boa, ou que não fará mal, digolhe que usem della se o paciente se quer curar com ella; e se he má, defendolha; e se he mézinha que não sey se he boa ou má (como muitas vezes acontece) tambem lha defendo. Erram tambem estes fisicos nas graduações destas mézinhas, porque a *pimenta* e o *cardamomo* dizem ser frio, e o *opio* ser quente; da anatomia nam sabem onde está o figado, nem onde está o baço, nem cousa alguma.

RUANO

Vós não me confesaes que tomaes algumas couzas delles?

ORTA

Si, muytas; mas primeiro provo as mézinhas dos meus doutores, quando me não aproveitam, tomo as dos Bramenes desta terra*.

SERVA

Aquella moça que trouxestes do Decanim, pedeme *mungo*, e diz que em sua terra lho davam a comer, tirada a casca, e cozido: darlhoei asi?

ORTA

Dailho a comer, pois que o deseja; mas milhor fora pam e frangam cozido, pois he da terra onde comem pam, e não aroz; que he o Balagate, que o tem pouquo e em poucos cabos.

RUANO

Ha trigo nesse Balagate e em Cambaia?

ORTA

Muyto; posto que lhe não fazem ás terras o estercar e lavrar, como nós fazemos, senão semeamno á face da terra** muyto pouco lavrada, e isto por novembro; e quando he meado de janeiro colhemno muyto, e muyto bom; e ás vezes sem lhe chover cousa alguma, somente com o orvalho e grossura da terra, que he muyto boa pera isso.

RUANO

E que mézinha he essa, que vos falla essa moça?

ORTA

He huma semente verde, e quando he muyto madura e preta, do tamanho do coentro sequo; comem della os cavalos, e a gente ás vezes; e os Guzarates e Decanins usam

---

* Os medicos ou curandeiros gentios eram geralmente *Sudras*, como veremos na nota (2); mas os *Brahmanes* tambem se occupavam de medicina, comquanto não exercessem a clinica.

** «Semear á face» é ainda hoje uma expressão corrente em todo o Alemtejo.

della em as febres, e todo o homem que tem febres não come 10 dias e ás vezes 15, e ao cabo delles lhe dam a beber agoa de cozimento do *mungo,* onde vai alguma sustançia delle; e depois lho dam a comer, tirada a corteza, e cozido com arroz: pão de trigo lhe não dam a comer dahi a muitos dias. E mais vos contarei o que me aconteceo; caminhando com o Soltam Bhadur, em companhia do senhor Martim Afonso de Sousa, adoeceo elle de febres, e chamoume elrey, e perguntoume como avia de curar Martim Afonso daquellas febres: eu lhe dixe que o avia de sangrar, e o avia de xaropar com enxarope feito de çumo de limões, romans e açucare, e que o purgaria com uma pouqua de manná e ruibarbo que trazia comigo, pois outras mézinhas nam avia no seu arraial de mim conhecidas. Elle me respondeo que os Portuguezes não sabiam tam bem curar febres como os Guzarates; porque os Guzarates não as curavam com outra cousa, senão com não comer; e eu, por não aporfiar com elle, lhe dixe que dizia bem, e que por tanto avia 3 dias que eu nam lhe dava a comer cousa alguma; e que já aguora o queria xaropar, e darlhe a comer alguma dieta sutil. Elle me dixe que 4 dias era muyto pouco, e que avia mester ao menos estar 20 dias sem comer cousa alguma; e que os Portuguezes elle me confessava serem muyto bons fisicos nas outras emfermidades, mas que nas febres não sabiam tanto como os Guzarates. Eu nam quiz aporfiar com elle, porque era voluntario e o maior rey que avia na Mourama; e mais por não ser letrado, nem ter fisicos que o curassem pella nossa regra*. E depois alguns annos me achei em Cambaiete, cidade muito principal do Guzarate, onde hum mouro muyto rico de Tripol de Berbaria**, que sabia falar portugues,

---

* Curiosissima toda esta discussão, que teve logar no mez de novembro ou dezembro do anno de 1535, a caminho de Ahmedábád; veja-se *Garcia da Orta e o seu tempo,* p. 99 e seguintes.

** Tripoli, na costa africana, que Orta distingue muito bem do Tripoli asiatico, na costa da Syria, citado em outro *Coloquio.*

residia; e chamando-me pera curar seu filho de febres, que as tinha avia 4 dias, o curei, dandolhe a comer primeiro galinhas, porque avia 4 dias que não comia cousa alguma; e depois o sangrei, e, sem o purgar, sarou das febres; e elle me alegava o modo de curar dos Guzarates, já acima dito. Eu lhe respondi, que o çapateiro não calçava a todos com huns çapatos; que aquelle curar he para os Gentios, que naquelle reino não comem cousa de sangue; mas que seu filho e os mercadores ricos, que eram acostumados a comer muita carne e beber vinho, quando o tinham, aviam mester outro modo de curar. Pareceolhe bem o meu dito, e sucedeolhe milhor; e dahi ávante os dias que ahi estive, todos os Mouros se queriam curar comigo.

RUANO

Peçovos por merce que me digaes, como se quer curar o Nizamoxa, vosso amiguo; se desvaria muyto da nossa maneira, e contaime algum caso, que vos aconteceo com elle, se vier a proposito; porque esses casos decráram muyto os erros que acontecem no curar*.

ORTA

Elle vontade tinha de se curar á nossa maneira; mas o custume da terra está muyto em contrairo, e he mao de arrincar, em espeçial porque os fisicos letrados, que elle tinha, folgavam de comprazer á gente da terra, e contradizer a mim; de modo, que estando eu presente o curavam de huma maneira, e ausente, de outra. E, se vos não emfadar, vos direi o que me aconteceo, curando ao seu principe erdeiro**, que entonces era homem de 30 annos, muyto for-

---

* Exactamente a exigencia de um medico moderno, pedindo *observações*.

** Este enfermo era Huçein, filho de Buhrán Nizam Scháh, veja-se *Garcia da Orta e o seu tempo*, 236; e as notas ao *Coloquio decimo* (vol. 1, p. 134).

çoso, e bem acompreisoado e comedor. E porque aprendia a lingoa portugueza comigo, me perguntou em portugues que faria a huma sarna que tinha com muyto prorido; eu lhe dixe que seria bom sangrarse, e tomar algum soro com ruibarbo; elle me dixe que lhe contentava o sangrar, porque aquelles dias passados avia deitado sangue pollos narizes. E querendo fazerlho, estorvou hum fisico seu, que he senhor de muytas terras; e, posto que o pay e o filho eram meus amiguos, folguaram de fazer o que lhe mandava o outro fisico; porque lhe dixeram que estava muyto gastado de mulheres, avendome o enfermo dito o contrario disto; mas aquillo foy feito por emveja dos fisicos. E dahi a 15 dias adoeceo o mesmo de febres, e o meu voto foy que se sangrase; e os fisicos e o pai não consentiram nisso polla rezam acima dita: e mais diziam que aquillo aviam de ser bexiguas, a qual emfermidade he muyto perigosa nesta terra: eu lhe dixe que os sinaes das bexigas não os avia ahi, e que se os ouvesse, que entonces era melhor sangrarse nos tres primeiros dias, conforme ao seu Avicena*, e darlhe alguma espersam de *tamarinhos;* e elles me dixeram que era verdade que dizia aquillo Avicena, mas que o custume da terra estava em contrario; e que tambem os Decanins tinham pera si que os *tamarinhos* eram ruin cousa pera as bexigas; de modo que nem texto nem rezam me aproveitou com elles, de que bem pesou ao pay e mais ao filho; porque loguo lhe começaram a dar agoa de cozimento de figos e funcho e avenca, e açafram, pera que saissem as bexiguas, as quaes nunca sairam. E por elle estar em cabo muito quente, sairamlhe somente humas burbulhas muito miudas pollas costas, as quaes nam foram bexigas, nem serampam, e elles me diziam que eram bexigas, e que por ali se avia de determinar a febre; e eram já passados 14 dias, e nam se tirava a febre, nem avia mais sinaes de bexigas, nem o queriam sangrar, nem purgar, nem lhe davam a comer, senão *mungo,* e agoa de espersam de

---

* Avicena, 4, 1 (nota do auctor).

arroz, e o pecador morria de fome; e queixavaseme disso cada dia em portuguez. E per derradeiro aconselhei ao pai, que o mandasse sangrar, que milhor era tarde que nunca, e lhe desse a comer galinhas gordas, pois era tam comedor e bebia vinho do nosso, quando era são. Pareceo bem ao pai o conselho, e ao filho milhor. Sangreio duas vezes copiosamente, e deilhe de comer muyto bem, e disto nam souberam nada os fisicos, per conselho de elrey, até ver o suceso; e acabados os 20 dias esteve sam, sem febres nem burbulhas, estando seus fisicos com este suceso contentes, gabandose em o modo de curar, lhe pediram alviçaras. Respondeo o pae que, per sua cura mereciam asados, que, se eu nam fora, seu filho erdeiro fora morto. Então lhe contou a maneira que tevera eu em o curar depois dos 14 dias pasados; e elles, em ouvindo, meteram o dedo na boca dizendo *Alá quibir,* que quer dizer Deus grande; mas nem por isso ficaram envergonhados, nem corridos (2).

RUANO

Merce vos faria o rey e o filho?

ORTA

Si, fizeram.

RUANO

E o *mungo* que chamais, pareceme que não escreverão delle os Arabios, nem os Gregos, posto que he cá tam usado.

ORTA

Na Palestina sei que o ha, segundo dixe hum mouro, que dahi he; e tambem Avicena escreve delle no segundo livro cap 489*, e isto ante de o saber me custou asaz trabalho, e chamase *mesce,* e o Belunense emenda *mês,* mas eu soube dos fisicos e de outros letrados que se ade dizer *mex*, e a letra do cabo ade ser pronunciada com os dentes

* Avic. 1, cap. 489 (nota do auctor); ou cap. 488 da edição de Rinio.

muyto fechados; porque asi a pronunciam elles. E bem se que isto nam releva muyto, nem contar vos as estorias que vos contei, mas muytas vezes as conta Galeno, ao qual eu nam sam digno de desatar as correias dos seus çapatos; portanto perdoai o sobejo, que, des que homem entra a palrar, desenfrease e palra muyto; mas vós podeis não escrever mais que o neseçario disto.

RUANO

De mais vos guarde Deus, que de menos nam ei de escrever; e dizeime se fala em algum outro cabo Avicena deste *mex?*

ORTA

No primeiro livro na fem terçeira no capitulo 7*, diz que nam comam aves com *mex,* e diz bem, porque se digerem primeiro que o *mex,* e entonces penetra o *mex* indigesto (3).

---

* Avic. Lib. I, cap. 7 (nota do auctor); isto é Lib. I, Fen III, Doctr. II, cap. 7; o *fen,* uma das divisões do livro arabe, conservou-se com o mesmo nome nas versões latinas.

Nota (1)

A identificação das *patecas* suscita um certo numero de difficuldades á em parte apontadas por H. Yule e A. Burnell em um interessante artigo do seu *Glossary,* e que é necessario examinar brevemente.

Queixando-se Ruano de que os melões de Goa eram de inferior qualidade, Orta diz-lhe, que mais ao norte, em Diu e em Hormuz, ou nas terras mais altas e temperadas do interior, no «Balagate», se encontravam melões tão bons ou quasi tão bons como os da Hespanha; falla evidentemente do vulgar **Cucumis Melo,** Linn., e sobre isto não póde haver hesitação.

Refere-se depois a outros melões, a que chama *melões da India* ou *patecas,* os quaes devem ser o que hoje chamâmos melancias, **Citrullus vulgaris,** Schrad. *(Cucurbita Citrullus,* Linn.). O que nos diz do fructo ser redondo; de não ser tão doce como os nossos melões, mas suave, frio, humido, desfazendo-se todo em agua; das suas

sementes, a principio brancas, se tornarem pretas na maturação; tudo isto se applica muito naturalmente á melancia. Os nomes citados levam-nos igualmente a julgar que elle falla das melancias. «Batiec», isto é o arabico *bittikh*, ou no modo mais vulgar de pronunciar *battikh*, applica-se geralmente á melancia, comquanto por vezes se tenha dado a outros fructos de cucurbitaceas. «Calangari» é a palavra maratha *kalingar*, que —segundo Yule e Burnell— designa o *water melon*, ou melancia. «Pateca» era entre os portuguezes do Oriente synonymo de melancia: «pediu o mouro uma pateca ou melancia», diz Gouveia, citado no *Vocabulario* de Bluteau. A mesma palavra, na fórma *bateca*, é dada por fr. João de Sousa nos *Vestigios* como um dos nomes da melancia. Rumphius, fallando da melancia no seu *Herbarium amboinense*, chama-lhe *Anguria indica seu Batteca*. Finalmente recordaremos o francez *pasteque*, que designa o mesmo fructo. Tudo isto é claro e conclusivo, no sentido de identificarmos a *pateca* de Orta com o fructo do *Citrullus vulgaris*; mas vejamos o outro lado da questão.

Orta mostra as *patecas* a Ruano como uma cousa nova para elle (Ruano), isto é, desconhecida na Hespanha. Poderemos por ventura interpretar esta passagem, como significando que os portuguezes não conheciam então as melancias, ou —como dizem Yule e Burnell— *as implying that the water melon was strange to the portuguese of that time?* Não me parece de modo algum acceitavel esta conclusão. A melancia, cultivada desde tempos muito antigos na bacia mediterranica, não podia ser desconhecida na Peninsula. O proprio Orta nos diz, que tinha visto em Castella *budiecas e samdias*. Recorrendo aos diccionarios hespanhoes, encontrâmos no de Covarrubias e no da Academia as palavras, *albudeca*, *badea* e *sandia*, como nomes diversos de um mesmo fructo, que o diccionario da Academia define: *unos melonazos mui grandes, que em Roma se lhaman melones de agua*. Segundo Covarrubias, *albudeca* usava-se mais na Catalunha e Valença, e *badea* na Castella. Pedro de Alcalá no seu *Vocabulista* (1505) dá o nome arabe em caracteres hespanhoes, *al-baticha*. Effectivamente *albudega*, *albuteca*, *bateca*, *pateca* e *badea* vinham do arabe بطيخة *bittikha*, ou com o artigo البطيخة, *al-bittikha*. Todos estes nomes designavam a *sandia* ou melancia, e o facto de Pedro de Alcalá citar em 1505 um nome vulgar, o simples facto da origem arabe de muitos nomes portuguezes e hespanhoes, provam que a introducção e cultura na Peninsula da especie *Citrullus vulgaris* remontava a uma epocha bastante antiga, provavelmente aos primeiros tempos da dominação mussulmana. É indubitavel que Orta conhecia a melancia, chamando-lhe «budieca» e «samdia»; como é, pois, que elle dá as *patecas* da India por uma cousa nova? Admittiremos que elle quiz designar por aquelle nome um fructo diverso? O arabe *battikh* parece ter tido uma applicação um tanto vaga, dando-se a varias cucurbitaceas, entre as quaes se fizeram sempre nume-

rosissimas confusões, tanto na linguagem vulgar como na nomenclatura scientifica; e o proprio Orta diz que o melão se chama «batiec», e o outro fruto «batiec indi». Apesar d'isso, *battikh* designou mais especialmente a melancia, e o seu derivado *pateca* ou *bateca*, como vimos já, applicou-se sempre áquelle fructo. É, pois, difficil admittir, que Orta desse á palavra *pateca* um sentido diverso do que lhe davam todos os mais. Por outro lado, tambem não é facil encontrar um fructo de cucurbitacea, que não seja a melancia, e corresponda de um modo geral á descripção de Orta, sendo agradavel ao paladar, comido cru, e tendo sementes pretas. É forçoso admittir que a *pateca* de Orta era a melancia; e a unica explicação plausivel das suas palavras será, que elle encontrou na India alguma variedade cultural do *Citrullus vulgaris*, e a não soube identificar com as *sandias*, que muitos annos antes tinha visto em Castella. É a unica explicação que encontro, e dou-a pelo que póde valer, pois me não satisfaz completamente.

(Cf. as palavras citadas em Yule e Burnell, *Glossary;* Bluteau, *Vocabulario; Dicc. de la lengua castellana;* Sousa, *Vestigios;* Dozy, *Gloss.;* veja-se tambem Rumphius, *Herb. Amb.*, v, 400; Cogniaux in *Monogr. Phanerogamarum*, III, 508, Paris, 1881; *De Candolle, Orig. des plantes cultivées*, 209.)

Estava escripta e impressa esta nota, quando reparei na referencia ás *patecas*, que Orta faz adiante em um dos ultimos *Coloquios*. O dr. Dimas Bosque estabelece ali a identificação das *patecas* com as *balancias*, e Orta, apresentando ainda algumas objecções, mostra-se pouco seguro na sua opinião, e disposto a admittir que se havia enganado. Isto confirma, pois, a nossa conclusão.

Nota (2)

As noticias, dadas n'este *Coloquio* ácerca de medicina mussulmana e de medicina hindu, constituem sem duvida uma das partes interessantes do livro; mas estas questões são conhecidas de um modo geral, e unicamente nos occuparemos do que diz respeito ao exercicio d'aquella medicina em Goa e suas dependencias, no tempo de Orta.

O medico portuguez distingue de um modo claro os hakims, ou medicos mussulmanos, seguindo o systema Yunáni, dos vidyas[1], ou medicos hindus, seguindo o systema Vaidak. Tem evidentemente maior consideração pelos primeiros, e comprehende-se bem que assim succe-

---

[1] Vidyas ou Vityas. Orta não emprega nenhum d'estes nomes, e parece que não eram conhecidos dos portuguezes no seu tempo.

desse. Entre a sua sciencia e a d'aquelles physicos «Arabios e Coraçones» havia estreitas relações. O *Qanún* de Avicenna, uma das principaes fontes dos conhecimentos dos hakims, tinha sido o compendio de Garcia da Orta nas aulas de Salamanca. Os livros de Rasis, de Mesué e outros, e mesmo as versões dos gregos andavam-lhes nas mãos, como elle diz explicitamente logo no *Coloquio segundo*. Com a sua leve tintura de arabico, sabendo de cór os nomes das «mézinhas» e das «emfermidades», que lhe ensinára o seu amigo Buhrán [1], Orta podia, pois, discutir com elles, porque tinham um fundo commum de noções e de principios. Na curiosa conferencia em que debateram o tratamento a applicar ao filho de Buhrán, Hucein, Orta cita-lhes para os convencer textos de Avicenna. Nem texto nem rasão os persuadiu, porque os prendia a rotina e o «custume da terra»; e esta expressão mostra-nos como Orta conhecia um facto que ainda hoje se dá, como conhecia a influencia exercida no systema Yunáni pelo Vaidak, a modificação que a medicina mussulmana experimentou na India, no contacto com a hindu.

Orta julgava-se, e evidentemente era, muito superior aos hakims em sciencia medica; mas chama-lhes «fisicos letrados», e vê-se que tratava com elles de igual a igual. Alem de lhes reconhecer illustração, encontrava-os nas côrtes dos principes mussulmanos, onde tinha de usar a seu respeito de certa diplomacia. Com effeito, da leitura dos *Coloquios* deduz-se que Orta tratou com os hakims principalmente no interior ou no norte. Pôde encontrar casualmente um ou outro em Goa; mas em geral viu-os e conferenciou com elles no Balaghate, ou em Cambaya, na côrte de Bahádur Scháh, na de Berid Scháh, cujo irmão foi tratar, e sobretudo na do seu amigo Buhrán Nizam Scháh. Parece, pois, que elles não vinham a Goa, pelo menos com frequencia, e assim devia succeder. A sua qualidade de mussulmanos tornava-os particularmente suspeitos, e nem os medicos portuguezes estariam dispostos a acceital-os ali em pé de igualdade, nem elles se sujeitariam a occupar uma posição inferior.

Não succedia o mesmo com os vidyas; estes eram numerosos em Goa, e conformavam-se pacientemente com a sua situação modesta. Em um dos *Coloquios* seguintes, Orta põe em scena um «fisico» gentio, chamado Malupa; trata-o com muita amabilidade, mas com a condescendencia de um superior, como um medico antigo trataria um mestre sangrador. Não havia n'isto simples arrogancia européa ou portugueza, mas tambem um reflexo dos prejuizos indianos, porque os vidyas em geral eram *sudras*, isto é, de casta muito baixa. É certo, que a sua situação em Goa foi modesta, e, quando alguns mais ricos se quizeram elevar, as suas pretensões foram reprimidas pelas auctoridades portu-

---

[1] Veja-se o que eu disse sobre este ponto na *Vida* de Garcia da Orta, p. 243 e seg.

guezas com muita sem ceremonia. Um documento pouco posterior a Orta é explicito a este respeito, e merece ser reproduzido:

«O governador da India etc. Faço saber aos que este meu alvara virem que eu hey por bem e me praz e por este mando a todos os panditos[1] e phisicos gentios que não andem por esta cidade e arrabaldes della a cavallo nem em andores e palanquins, sob pena de pagarem pela primeira vez dez cruzados, e pela segunda vinte para o sapal, e perderem os taes cavallos e andores e palanquins, e pela terceira serem cativos para as galés d'ElRey meu senhor; e isto se não entenderá no pandito que cura minha casa e he meu phisico. Notefico assy ao Ouvidor geral etc. Antonio Barbosa o fez em Goa a 15 de Dezembro de 1574—Governador, Antonio Moniz Barreto.»

O alvará é curioso, porque mostra como o governador collocava rudemente os panditos e vidyas em uma situação subalterna, e ao mesmo tempo declarava ter um d'elles para physico da sua casa. De resto, isto está plenamente de accordo com o que Orta diz por mais de uma vez, citando-nos casos de fidalgos honrados que se queriam curar com os medicos da terra ou com os malabares. A casa do proprio Orta vinha todas as manhãs um d'aquelles medicos tratar as negras. Resulta do que levâmos dito, que o exercicio da medicina hindu em Goa e terras portuguezas, sem ser muito considerado, era no emtanto perfeitamente legal e devia ser lucrativo. Os vidyas tinham como clientes todos ou quasi todos os naturaes, e alem d'isso muitos portuguezes, desejosos de novidade, e credulos como são em geral os doentes—«gente boa de enganar».

Em ultima analyse, o nosso medico portuguez não é muito severo com os vidyas; accusa-os, como todos os que d'elles tem fallado, de não saberem uma palavra de anatomia; condemna muitas das suas praticas, particularmente as abstinencias prolongadas e exageradas a que sujeitavam os doentes; descreve comicamente o modo por que imitavam os medicos europeus sem os perceber; mas reconhece que tratavam bem certas enfermidades; admitte que dispunham de uma materia medica valiosa; e, quando lhe perguntam se aprendeu alguma cousa com elles, responde franca e categoricamente:—«Si, muytas».

Se compararmos a sua apreciação com a que faz o viajante francez Sonnerat dois seculos depois, veremos quanto ella é benevola. Sonnerat descreveu aquelles medicos como simples curandeiros sem sciencia e sem consciencia; como homens de varios officios, lavadores de roupa, ferreiros, tecelões, que á falta de trabalho se mettiam a tratar doentes para ganhar a vida. Isto é evidentemente exagerado, e o que disse no

---

[1] Do sanskr. *pandita*, um homem instruido, versado nas sciencias ou nas leis; a palavra é hoje muito usada pelos inglezes nas fórmas *pundit* e *pandit*.

fim do seculo passado o illustre William Jones, ou já no nosso o erudito e escrupuloso Whitelaw Ainslie, deve ser mais proximo da verdade, e está mais de accordo com o que havia dito Garcia da Orta alguns seculos antes. Reconhecendo a ignorancia de alguns vidyas e o puro empirismo da sua pratica, Ainslie reconhece tambem, que muitos são activos, desejosos de acertar e conhecedores de uma vastissima materia medica, na qual ha muitas cousas aproveitaveis, ao lado de muitas inuteis e de algumas prejudiciaes. Ainda recentemente, no congresso de orientalistas celebrado em 1891, nós vemos como os trabalhos relativos á medicina indiana, apresentados pelo pandito Janardhan e por outros vidyas illustrados, foram recebidos com geral interesse, reconhecendo-se o valor scientifico do Vaidak Hindu. É muito de notar, que o nosso Orta tivesse ha tres seculos, a perspicacia e a largueza de espirito, necessarias para reconhecer e confessar que tinha aprendido muitas cousas com os vidyas.

Orta parece ter conhecido diversas classes de vidyas; e em uma passagem diz: «eu pergunto estas cousas aos fisicos grandes, Arabios e Gentios». Mas, em geral, só teve relações com os que exerciam a clinica em Goa, *sudras* pela maior parte, bastante ignorantes de litteratura sagrada, e —como elle diz— curando apenas «per experiencia e per custume». D'aqui resultou o facto de elle não alcançar noticia da litteratura medica dos hindus, como já indiquei mais largamente na sua *Vida*. Por um lado, os vidyas com quem fallava conheciam mal a sua propria litteratura, e não estavam dispostos a revelarem a um estrangeiro o pouco que d'ella sabiam; e, por outro, era-lhe difficil reconhecer nas breves menções de um *Xarch indus*, ou de um *Scerak indum*, encontradas nas suas versões latinas de Avicenna ou de Serapio, referencias ao veneravel e lendario escriptor sanskritico Charaka. Quanto ao conhecimento directo da litteratura sanskritica, esse estava fóra da questão. As noções de medicina, contidas no *Atharva Veda*, ou nas obras de Charaka e de Susruta, que, nos fins do seculo passado e principios d'este, começaram a ser reveladas á Europa pelos trabalhos de sir W. Jones, de Colebrooke ou de Wilson, eram então letra morta. No tempo de Orta apenas se começava a suspeitar da existencia de livros sagrados, escriptos em uma lingua que se não entendia, e em caracteres que se não decifravam[1],—esses livros que, annos depois, Diogo do Couto chamava os «Vedáos», escriptos «no seu latim». Era, pois, naturalissimo, que Orta não soubesse das noções medicas contidas n'aquelles livros, e julgasse que os vidyas curavam unicamente «per custume»—por uma sciencia tradicional e puramente oral.

---

[1] Sousa, no *Oriente conquistado*, diz que o padre Belchior Carneiro obteve em 1559 alguns manuscriptos, roubados a um brahmane das terras firmes de Goa.

(Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 237 a 247 e 337; Sonnerat, *Voyage aux Indes orientales*, I, 110 a 121; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, V a XXXVII; Royle, *Ant. of Hindoo med.*, 47 e seguintes; *The Imp. and Asiatic quarterly review* (october 1891), p. LXXXV; Zimmer, *Altindisches Leben*, 374 e seguintes, Berlin, 1879; para a Goa moderna, algumas interessantes indicações, em Lopes Mendes, *India portugueza*, II, 107.)

Nota (3)

O *Mungo* é o **Phaseolus Mungo**, Linn., uma leguminosa, cultivada com muita frequencia na India, e particularmente apreciada nos annos de escassez, em que falta o arroz. É tambem cultivada em outras regiões quentes, como o Egypto, e deveria sel-o na Palestina, como disse o mouro a Orta. De uma phrase muito obscura do texto, póde talvez concluir-se que Orta conhecia a variedade de sementes verdes, *Phaseolus Mungo*, Linn., e Roxburgh; e a variedade de sementes pretas, *Phaseolus Max*, Linn., e Roxburgh.

O *mes* ou *mex* ou *mesch* de Avicenna, ماش, a proposito do qual Orta nos dá uma curiosa lição sobre o modo de pronunciar a letra *schin*, era evidentemente uma semente de leguminosa, e provavelmente um *Phaseolus;* mas não é facil decidir se seria propriamente o *Phaseolus Mungo*. O nome especifico *Max*, dado por Linneu em 1753 á variedade de sementes pretas, parece ser procurado em uma designação vulgar, o que viria confirmar a identificação de Garcia da Orta. Confesso, porém, não saber qual a origem d'este nome linneano.

Na segunda citação de Avicenna, Orta enganou-se; a palavra vem escripta *mest*, e os annotadores explicam-na: *lac coagulatum acetosum, sed minoris acetositatis quam lac coagulatum*. Parece, pois, que Avicenna recommendou que não comessem carne de aves com leite azedo, o que alem de ser indigesto devia ser pessimo.

(Cf. Roxburgh, *Flora Indica*, III, 292 e 294; Avicenna, *Qanun*, Lib. I, Fen III, Doct. II, cap. 7, p. 118 da edição de Rinio; e Lib. II, cap. 488; Clusius, *Exotic.*, 236 e 252.)

COLOQUIO TRIGESIMO SETIMO

DOS MIRABOLANOS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Eu me conheço por muito descuidado, pois a prinçipal cousa porque avia de perguntar he os *mirabolanos,* tanto louvados de todos os Gregos e Arabios antiguos e modernos, e até ao presente nam perguntei por isso.

ORTA

Tambem, se vos praz, sam louvados dos Castelhanos; porque dizem: *aquel* hombre, que tanto vio, mirabolanos comio.*

RUANO

Deixaivos desses adagios ou proverbios; e dizeime os nomes delles polla linguoa da terra, e porque se chamaram *mirabolanos* ácerca de nós; e como lhe chamam os Arabios e os Indianos; e se os fisicos desta terra usam delles, e pera que enfermidades se servem delles.

ORTA

Craro está que os *mirabolanos* dos Gregos antiguos nam sam estes; nem Dioscorides, nem Galeno, nem Plinio conhecerão estes nossos *mirabolanos;* senam chamaram *mirabolanos* outra mézinha, de que faziam azeite; e *mirabolanos* quer tanto dizer em grego, como noz ou bolota cheirosa ou unguentaria. E porque estes nossos pareciam feiçam de nozes ou bolotas, por isso lhe chamaram asi a estes de que usamos, ainda que mais verdadeiramente me parecem a mim ameixas, mas isto nam he cousa que faz ao caso; e o que

---

* «Aquelle» na edição de Goa.

treladou Aviçena e Serapio do arabio em latim, por lhe parecer milhor, lhe pos este nome; e onde Aviçena lhe chamou *delegi* pos elle *mirabolanos* (1).

RUANO

Pois Serapio lhe chama *aliligi,* sendo tam arabio como Aviçena.

ORTA

Foy isso error do escritor, ou o tempo corrompe estes nomes, mas os fisicos arabios a quem perguntei, me dixeram estes nomes, scilicet, *delegi* a todos, e os citrinos *azfar,* e os indios *açuat,* e os quebulos *quebulgi,* e os belericos *beleregi,* e os emblicos *embelgi;* e daqui lhe tomámos nós os nomes.

RUANO

Os *negros* porque nam falastes delles, nem dos de Seni, dos quaes faz menção Aviçena?

ORTA

Os *negros* nam os ha ahi, nem sam outros senam os *indios;* e porque sam mais negros que todos, nam avia nesecidade de me perguntardes isto; pois muytos doutores modernos o escrevem, em especial os vossos Frades italianos que os chamam *negros,* porque sam mais negros que todos, quando sam maduros; e isto provam elles da ordem do texto do Serapiam e Mesue; porque está muito craramente provado por elles, como podeis ver, nam fallo mais nisto.

RUANO

Pois bem está isso, mas esses Fradẽs, que vós alegaes, dizem que nam ha mais que 4 especias; porque faltam os de Seni nomeados por Aviçena; e já vos pedi que me deseis a razam delles; e vós, desimulando, nam me respondestes a isto.

ORTA

Esses de Seni sam os *emblicos,* os quaes conta Mesue e Avicena; e chamoulhe de *seni,* e por esta maneira sam

5 especias; porque os *belericos* não faz mençam delles Avicena, e esta he a verdade; porque Serapiam diz que tem corteza sutil, estes sam os *emblicos,* porque a tem mais delgada que todos.

RUANO

Outra especia traz Sarapiam per auctoridade de Mesarunge, e chamalhe *de Damasquo,* e diz que aproveita pera a melancolia: que respondeis a isto?

ORTA

Diguo que em Damasco não ha *mirabolanos,* senam foram levados lá em conserva alguns *mirabolanos indos;* e porque as achou ahi, lhe chamou *de Damasquo,* e porque aproveitavam á melancolia dixe isto delles; mas elles não sam outros senam os que nós chamamos *indos.*

RUANO

Pois o mesmo Serapiam diz, aleguando a Mesue e Albasar, que os de Seni sam da especia da azeitona?

ORTA

Não ha azeitonas em toda esta terra, senão porque os *emblicos* sam usados nesta terra a comerse salgados, e per outra maneira com vinagre (a que chamam *achar)* lhe chamou *azeitonas:* mas elles mais se pareçem com ameixas redondas, e nisto não releva muyto enganarse.

RUANO

Parece rezam serem todos de huma arvore, e que huns seram maduros e outros não; e que quando huns forem sequos, seram os outros verdes; e deste pareçer sam alguns, scilicet, que os *quebulos* e *citrinos* ao menos, sam de huma mesma arvore; verdade he que Mateolo Senense diz que nem aprova nem reprova isto: vós, que o vistes, nos podeis desenganar a todos.

ORTA

Enganados estam todos os que dizem que sam de huma arvore; porque sam cinquo arvores de cinco especias de

mirabolanos; e, o de que mais vos maravilhareis, que huns ha em huma terra, e outros 60 legoas e 100 della; porque em Goa e em Batecalá ha huns, e no Malavar e em Dabul e em toda Cambaia ha as 4 feições de *mirabolanos,* e os *qüebulos* ha em Bisnager e no Decam, e no Guzarate e em Bengala, e pode ser que os aja em outras partes. E estes arvores sam todos montezes e nam cultivos; e os que levam a Portugal sequos sam pola mor parte avidos de Dabul até Cambaia; porque se acha per esperiencia a terra mais chegada ao norte dar as frutas menos sujeitas a putrefaçam, segundo que eu soube nesta ilha de Goa dos fisicos gentios della. E achei que nella ha tres feições de *mirabolanos,* de que usam pera purgar, onde o querem fazer sem trabalho, e em pouqua cantidade; e chamam a estas tres feições ou maneiras, em lingoajem da terra, *tinepala,* que quer dizer tres feições, scilicet: a primeira chamam *arare* (e isto no povo, porque os fisicos lhe chamam *aritiqui),* e estes sam redondos, e purgam a colera, e nós chamamoslhe *citrinos:* a outros chama a gente indiana *anvale,* e nós lhe chamamos *emblicos:* e a outros chamam *rezanvale,* e sam os que chamam *indios:* ha outros que chamam *gotim,* e sam redondos, e sam os que nós chamamos *belericos:* e os *quebulos* que purgam a freima (que os ha em Bisnager e Cambaia e Bengala) chamamse *aretca.* E asi tendes ahi cinquo maneiras; scilicet, tres usadas em Goa, e huma achada em Cambaia e Bengala e Bisnager; e porque amde ser cinquo maneiras, vos diguo que o *mirabolano,* dito *anvale,* posto que he achado em Goa, porque não usam delle em fisica, não chamam em Goa mais que as tres maneiras já ditas, e as de Bengala e Bisnager e Cambaia; e a este que elles chamam *anvale,* e nós chamamos *emblicos,* usam delle em cortimento de pelles, como *çumagre,* e em tinta, afóra comerem os verdes por apetite. E pois tendes as cinquo maneiras, vede que quereis mais de mim, em que vos sirva; e eu quero de vós o que dizem os escritores do Perú, scilicet, que em muytas terras ha *mirabolanos,* se he verdade ou não?

RUANO

Nunqua os vi em Espanha, senão os que de cá vam; e quero mais que me digaes a feiçam de cada huma especia, e das arvores e das folhas.

ORTA

Diguo que o *arare,* o que chamamos *citrino,* he redondo, e tem a folha como de sovereira: o *anvale,* que sam os *emblicos,* tem a folha como féto, e a estes já vos dixe que lhe chamamos *emblicos:* o *rezanvale,* que sam os *indios,* tem oito quinas, e a folha como de salgueiro: os *belericos,* a que chamam *guti,* tem a folha como de louro, senam que he mais pardaça: os *quebulos,* a que elles chamam *aretca,* sam grandes e redondos, e quando sam maduros, alguma cousa mais compridos, e tem quinas, e a folha do arvore he como de pexegueiro; e todos os arvores sam do tamanho de amexueiras: e isto he o que pude saber e ver da feiçam de todos e das suas arvores.

RUANO

Vós o tendes tam bem esplicado, que não he neseçario falar mais nisso; mas aguora quero que me satisfaçaes ás minhas duvidas, dizendo de que compreições os fazem os Indios, porque todos confessam serem de compreiçam fria e seca, e Serapiam, alegando a Xarach, diz que sam quentes, todos universalmente: que dizeis a isto?

ORTA

Dizem* que sam frios e sequos, ainda que o não dixeram os Indios, e os Arabios e Latinos; porque o seu sabor he pontico, mesturado com acetoso, que parece como sorvas verdes, senão que he mais azedo; e mais sam pesados todos, e aquestas cousas todas arguiem e decraram ser a compreisam delles fria e seca.

---

* Parece ser um erro por «digo», o que faria melhor sentido.

RUANO

Do modo da preparaçam delles me dizei como os preparam os Indianos; porque Serapiam manda os preparar com ameixas, pera reprimir a ponticidade delles.

ORTA

Não se preparão cá, porque não os querem senam pera comprimir e reprimir; nem usam delles pera purgar, senão em cozimento, e deitam muyto mais cantidade do que nós deitamos em Portugal: usam tambem delles em conserva, scilicet, dos *quebulos* que tem em muyto preço; estes fazem em Bisnager, e Bengala e Cambaia: e tambem usam em conserva dos *citrinos* e *indios,* feitos em Batecalá e Bengala; e sem duvida nenhuma, que esta he huma mézinha, que elles muyto louvam, e com o seu uso nenhum fisico he desonrado. E quando embora fordes, levai estas tres especias em conserva, porque será pera Castella muyto boa mercadoria; e eu vos farei serviço de duas jarras delles, que mandei trazer de Bengala, se em boa ora vierem; e sabei que eu uso tambem de mandar estilar a agua de *mirabolanos* verdes pera dar a beber sobre alguma conserva pontica; e a mando mesturar nos xaropes, quando he neseçario; e sobre estes *mirabolanos* verdes sabe muyto bem a agoa. E eu uso de *citrinos* e *belericos* no principio de comer, em quem tem camaras ou estomago muyto corredio; e he hum comer bom e estitico, com ser azedo hum pouco; e tambem do çumo destes *mirabolanos* uso muyto, nas camaras, quando sam verdes; e já provastes muytos destes em minha caza.

Nota (1)

Effectivamente os *myrobalanos* dos antigos escriptores procediam de uma planta muito diversa d'aquellas a cujos fructos depois se deu o mesmo nome. O βελανος μυρεψικη de Dioscorides, μυροβαλανος de outros, *myrobalanum* de Plinio, tem-se identificado com uma planta da familia

das *Leguminosæ*, **Moringa aptera**, Decaisn., de habitação principalmente africana, de cuja noz, ou antes semente, conhecida pelo nome de *noz de ben* ou *glans unguentaria*, se extrahe um oleo especial (Cf. Diosc., I, 645, ed. Sprengel; Plinio, XII, 46, ed. Littré; Guibourt, *Drogues simples*, III, 286).

Nota (2)

A divisão corrente dos fructos, impropriamente mas geralmente chamados *myrobalanos*[1], em cinco sortes ou qualidades, *indicos, citrinos, quebulicos, belericos* e *emblicos*, esta divisão vinha de tempos muito anteriores a Orta, e continuou a ser seguida depois, encontrando-se ainda em livros modernos, como o de Guibourt. Os arabes haviam dado a todas estas qualidades, ou a parte d'ellas, o nome geral هليلج, *heliledj* (fórma persiana هليله, *helileh)*, que nas edições latinas de Avicenna com notas do Bellunense vem incorrectamente transcripto *delegi* ou *dilegi*, e Orta repetiu na mesma fórma.

As tres primeiras qualidades, isto é, os *myrobalanos indicos, citrinos e quebulicos* procedem da mesma especie, **Terminalia Chebula**, Retz, da familia das *Combretaceæ*, uma arvore bastante frequente por quasi toda a India. As differenças parecem depender unicamente do estado de desenvolvimento do fructo; e alguns escriptores hindus, como alguns escriptores persas relativamente modernos —citados por Dymock— enumeram nada menos de sete fórmas diversas, resultantes todas do momento da colheita. As fórmas, mencionadas por Orta, parecem corresponder ás tres seguintes:

—*helileh-i-hindi*, droga que consiste no fructo ainda pouco desenvolvido, quando tem proximamente as dimensões de uma uva, e que, depois de colhido, se torna enrugado e negro. Estes são os *myrobalanos* chamados *indicos*, e tambem *negros*, ou —segundo Orta— «açuat», da palavra اسود, *asuad*, que significa preto. Não encontrei o nome «rezanvale», citado pelo nosso escriptor.

—*helileh-i-asfar*, consistindo no fructo maior, já quasi chegado á maturação, e de côr amarella. Estes são os *citrinos*, chamados tambem —segundo Orta— «azfar», de اصفر, *açfar*, que simplesmente significa amarello. Diz Orta, que o vulgo lhes chamava «arare», o que corresponde ao nome moderno *har* ou *hara* em hindustani; e os physicos «aritiqui» o que é o sanskrito हारितक, *hāritaka*, ou mais vulgarmente *haritaki*.

---

[1] Não se sabe claramente como se fez a transferencia de nome; e é possivel ser devida —como diz Orta— aos traductores medievaes, que trasladaram para latim as obras dos arabes.

—*helileh-i-kabuli*, que é o fructo perfeitamente maduro, o *myrobalano quebulico*, menos adstringente que os anteriores, e empregado geralmente na medicina hindu como laxante. Deve notar-se, que o nome «aretca», dado por Orta a estes *myrobalanos*, se prende ás designações acima *hăritaka* e *harîtakî*, as quaes não são simplesmente applicadas aos *citrinos*, mas de um modo mais ou menos geral ás tres fórmas. O nome mais commum, *quebulicos*, vem do adjectivo kabuli, e este parece derivar do Kabul, por onde se fazia parte do commercio da India com a Persia. A derivação vem já indicada por Pedro Teixeira, o qual, a proposito de *myrobalanos*, citou o nosso escriptor: *Alilah Kabuly, mirabolanos que vienen de Kabul, que son los que nuestros medicos llaman Kebulos. El dotor Garcia dorta trato destos y de todos sufficientemente*.....

Sendo estas tres sortes procedentes de uma mesma especie, segue-se que Orta estava em erro, quando affirmava a existencia de tres arvores distinctas, e indicava os seus caracteres, ou pelo menos as fórmas differentes das suas folhas. É necessario dizer, no emtanto, que na India existem algumas variedades da especie *Terminalia Chebula*, o que o pôde induzir n'aquelle erro[1]. Comquanto, ainda muito depois e até ao tempo de Guibourt, algumas duvidas existissem sobre a identidade de procedencia d'estes *myrobalanos*, devemos confessar, que Duarte Barbosa já diz da maneira a mais clara, que *indicos, citrinos e quebulos* nascem todos sobre a mesma arvore. Não é a primeira vez, que nós vemos Barbosa mais bem informado do que Orta em um ou outro ponto, mesmo na especialidade do ultimo.

Os *myrobalanos belericos* são o fructo de uma especie bem distincta do mesmo genero, **Terminalia belerica**, Roxb., bastante frequente tambem em diversas partes da India. Estes fructos são menos alongados que os precedentes; e a folha d'esta especie póde comparar-se na fórma com a do «louro», sendo menos brilhante, ou um pouco mais «pardaça», o que resulta das suas numerosas pontuações esbranquiçadas. Orta cita um nome d'estes fructos, nas fórmas «guti» e «gotim», que não encontrei mencionado em outros livros.

Por ultimo os *myrobalanos emblicos* são o fructo de uma planta muito diversa da *Terminalia*, a especie **Phyllanthus Emblica**, Linn., da familia das *Euphorbiaceæ*, chamada em hindustani *anvula*, ou antes *anvala*, o «anvale» de Orta. O *Phyllanthus* tem uma folhagem finamente dividida e recortada, que o nosso escriptor compara não muito impropriamente com as frondes de alguns fetos, posto que na realidade seja uma cousa muito diversa.

---

[1] Existe tambem uma especie particular, *Terminalia citrina*; mas esta especie só se encontra para oriente do Ganges, de modo que os *myrobalanos citrinos* da parte occidental e septentrional deviam proceder da *Terminalia Chebula* (Cf. Hooker in *Fl. of Brit. India*).

Os *myrobalanos* em geral, e nomeadamente os procedentes da *Terminalia Chebula,* chamados *haritaki,* e tendo muitos outros nomes sanskriticos, foram altamente louvados pelos antigos escriptores hindus, como poderosos medicamentos tonicos e alterantes, e em certos casos laxantes. Uma prova da estima em que os tinham, é a curiosa lenda relativa á sua origem: contavam os hindús, que Indra, bebendo nectar no céu, deixára caír sobre a terra uma gota d'aquelle precioso liquido, e d'essa gota nascêra a planta. Os *myrobalanos belericos* são igualmente empregados na medicina; e os *emblicos,* alem de terem os mesmos usos, servem para preparar conservas em vinagre e sal, a que os inglezes chamam *pikles,* e Orta chamava *achar,* nome que ficou na nossa lingua. O uso dos *myrobalanos* no tratamento das «camaras» é tambem muito conhecido, apontado por Bontius, ... *valent adversus Dysenterias, Choleras, et cæteros è bile natos affectus,* e seguido até aos tempos modernos pelos vidyas da India.

Notaremos ainda, quanto é vulgar o emprego dos *myrobalanos* no «cortimento das pelles» e na tinturaria, não só dos *emblicos,* a que Orta se refere mais especialmente, mas de todas as fórmas, sendo hoje exportadas da India grandes quantidades d'estes fructos, exclusivamente destinadas a essa applicação industrial.

Orta menciona a «*tinepala,* que quer dizer tres feições». É facil reconhecer n'esta «tinepala», o nome hindustani *tin-phal,* e o sanskrito *triphala,* os tres fructos, nome que se dava a um celebre medicamento, constituido pelos tres *myrobalanos,* muito louvado na mais antiga medicina dos hindus, mencionado no *Amarakocha* e em uma receita de Susruta, e usado até hoje no tratamento de variadissimas enfermidades. Este medicamento e o seu nome sanskritico chegaram ao conhecimento dos arabes, e por estes ao dos gregos modernos, como Actuario (XIII seculo), o qual falla da *tryphera,* e da sua applicação nos mésmos casos para que a recommendam Serapio e Mesué.

Os *myrobalanos* fornecem-nos, de feito, um dos exemplos mais frisantes da influencia que os antigos tratados de medicina hindu exerceram sobre os escriptores arabicos. Não só aquelles fructos são de procedencia indiana e só indiana; mas os arabes dizem claramente, que consultaram a seu respeito os escriptores hindus, citando nominalmente Charaka. Serapio diz o seguinte: *et Xarch Indus dixit in mirobalanis, universaliter mirobalani sunt calidi et stiptici*—é esta a phrase, que nós encontrámos citada por Orta, sem que este soubesse muito bem a quem se referia. Avicenna, fallando dos *emblicos,* nota ..... *et apud Scirek indum in ipso est calefactio.* E Rasis, a proposito da mesma droga, cita tambem o escriptor sanskritico..... *inquit Scarac indianus.* Sob estas diversas fórmas, Xarch, Scirek, Scarak, mais ou menos deturpadas nos codices arabicos, e mais ou menos alteradas tambem na translitteração imperfeita das versões latinas, é facil reconhecer o nome do celebre e

lendario Charaka. Como se vê, os medicos arabes não só receberam da India este medicamento, como aprenderam nos velhos livros sanskriticos as suas propriedades, provando-se assim, que conheciam aquelles livros.

Os *myrobalanos* passaram, pois, da materia medica hindu para a arabica, e d'esta para a europêa, que durante seculos foi regida pelas prescripções dos arabes, sobretudo pelas do divino Mesué. Orta refere-se explicitamente ao emprego d'aquelles fructos em Portugal, especialmente como laxantes, explicando como na India deitavam muito maior quantidade «do que nós deitamos em Portugal». Abrindo a Pharmacopêa de Barcelona de 1587, encontrâmos em muitas composições uma certa quantidade de *myrobalanorum citrinorum, indorum,* etc. Estes fructos, que hoje só têem na Europa um emprego industrial, deviam ter então um largo consumo nas pharmacias.

D'esta procura, e dos seus usos na India, resultava-lhes uma certa importancia commercial. Thomé Pires escrevia de Cochim (1516), que os «mirabulanos são cinquo sortees ..... e todas estas sortees são mercadorias nestas partes». Duarte Barbosa notava cuidadosamente os preços das diversas variedades no mercado de Calicut. Em Goa, entravam na chamada «Renda da especiaria», isto é, no contrato para o exclusivo da venda de uma serie de objectos diversos: «..... alhos e cebolas sequas, canfora, aguila, mirabulanos sequos, papell, saal d'urmuz, ffio de coser, tamarinhos sequos, azougue, vermelhão, etc.». Antonio Nunes (1554) diz-nos, como em Hormuz se vendiam «mirabulanos secos», e «mirabulanos em comserua» (conserva). Esta conserva, á qual se refere tambem Orta, era feita em assucar, e usava-se desde tempos muito antigos. Pegolotti (1343), enumerando as mercadorias vindas do Oriente, falla dos *mirabolani conditi,* isto é, conservados em calda de assucar, e que se deviam guardar em jarras ou panellas de barro vidrado. De tudo isto se vê como estes fructos eram, desde a idade-media, um objecto de regular commercio para a Europa.

(Cf. Guibourt, *Drogues simples,* II, 364 e III, 282; Dymok, *Mat. med.,* 317, 699; Roxburgh, *Fl. Ind.,* II, 431; Hooker, *Fl. of British India,* II, 445; Pedro Teixeira, *Relac.,* 76; Ainslie, *Mat. Ind.,* I, 336, II, 128; *Pharm. of India,* 88; Bontius, *Hist. nat.,* Livro VI, cap. 24, na edição de Piso, *Indiæ utriusque Re nat. et med.,* Amstelodami, 1658; Royle, *Ant. of Hindoo medic.,* 35; Avicenna, *Qanûn* II, II, 228, 457; Thomé Pires, na *Gaz. de Pharm.* (1866), 41; Duarte Barbosa, *Livro,* 385; *Lyvro dos Pesos,* 8, 19; *Tombo,* 49; Pegolotti em Yule e Burnell, *Gloss.,* 466.)

COLOQUIO TRIGESIMO OITAVO

DAS MANGOSTÃES

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Queixavase comiguo aquelle fidalgo, que andava falando comvosco nas cousas de Malaqua, dizendo que parecia que tinheis odio ás frutas de Malaqua e dessas bandas; porque escasamente falastes no *doriam,* sendo a mais louvada fruta que ha na India: e nas cousas da China não falastes cousa alguma, avendo lá muyto louvadas frutas, asi como são *lixias* (1), e outras frutas muyto boas que lá ha.

ORTA

Eu nas cousas da China não falei, porque a China he terra em que ha tanto que contar, que he nunqua acabar: falei de algumas mézinhas della, como he *galanga,* e o *pau da China,* porque eram medicinaes; e das outras frutas nam faltará quem fale; e nos *duriões* de Malaqua nam falei mais que o geral, porque sei que he hum arvore grande, tamanho como huma nogueira, e a folha he como loureiro, e o arvore tambem he asi em geral. E no geral sempre ouvi dizer, que eram as mais saborosas frutas do mundo as de Malaqua*.

RUANO

Gabaramme huma fruta muyto, que chamão *mangostães;* falemos do que sabeis nellas.

ORTA

O que tenho sabido das *mangostães,* he que he huma das saborosas frutas que ha nesta terra. He hum pomo tamanho

---

* Da *galanga* tratou Orta no *Coloquio vigesimo quarto,* e dos *doriões* no *vigesimo;* mas do *pau da China* só trata em um dos seguintes.

como huma laranja pequena, a casca he separada do amaguo; a cor da casca he lionada e crara; tirandolhe a casca fóra, o de dentro sam amagos, asi como de laranjas pequenas. O arvore he tamanho como huma maceira, e não he muyto grande; a folha, he como de louro; dá flores amarelas; dizem que o sabor desta fruta não he tam doce que faça fastio, e mais não sei a que volo compare, pois nam a provei (2).

NOTA (1)

Este fructo da China, chamado por Orta «lixia», deve ser o *li-tchi,* produzido por uma especie da familia das *Sapindaceæ,* **Nephelium Litchi,** Camb. (*Dimocarpus Lichi,* Loureiro), cultivada desde tempos antigos na China e Cochinchina, e hoje tambem na India e outras regiões tropicaes. Que eu saiba, Orta foi o primeiro escriptor europeu que o mencionou.

NOTA (2)

O *mangostão,* produzido por uma arvore da familia das *Guttiferæ,* **Garcinia mangostana,** Linn., passa por ser um dos melhores, senão o melhor fructo das regiões quentes. A especie é mais do que tropical, póde-se dizer equatorial, afastando-se poucos graus para o norte do equador, e ainda menos para o sul. Não se encontrava, portanto, na India, o seu fructo não se podia transportar em bom estado nas antigas e demoradas viagens, e Orta apenas o conhecia de reputação, como conhecia os *duriões.* Apesar d'isso a sua descripção é bastante exacta; o que elle chama «amagos» são as sementes, envolvidas em uma camada tegumentar, branca, succulenta, aromatica, e de excellente sabor. Na *Garcinia,* a parte comestivel não é propriamente o fructo, mas a semente.

COLOQUIO TRIGESIMO NONO

DO NEGUNDO OU SAMBALI

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA

RUANO

Guabam muyto estas vossas negras hum arvore, que dizem que nós lavamos aqui sempre os pés com o cozimento delle, e dizem que aproveita pera tantas cousas que estou pasmado.

ORTA

Pareceme que nesta orta está: venha qua a negra que o gaba. Moça?

SERVA

Que manda vossa mercê?

ORTA

Que arvore he esse que gabas muyto?

SERVA

He *negundo*.

ORTA

He huma arvore que tem mais propriedades ou milhores que pode ser; e quanto mais lhe tiram os ramos, tanto crece mais. He mézinha muito resulutiva, e metiga o dor em grande maneira, quando não ha chaga, scilicet, o lavatorio do cozimento desta erva quente, ou a mesma erva quente pisada, posta emcima, ou frita em azeite e posta emcima. E verdadeiramente que deita a perder os fisicos; porque não entrais em casa a curar cousa alguma de dor, que nam saia loguo de travez alguma pessoa que digua: pondelhe *negundo* cozido, ou torrado, ou frito em azeite. Tambem dizem muytos homens que o puseram emcima de chagas muido em tal

maneira, e que em huma noite degiriam a materia de tal maneira, que ficava sem dor; e dahi por diante continuando, as folhas a modificavam em tal maneira que cerava* de todo ponto; e isto contam muitas pessoas e não huma só. As mulheres o tem por muyto bom pera preparar a madre pera conceber, e dizem que bebido faz este mesmo efeito. Eu julgoa por milhor mézinha, e mais forte que *macela;* tem muyto bom cheiro; mastigando queima hum pouquo, como *masturço,* por onde he manifesto ser de compleiçam quente. Chamase este arvore comummente *negundo,* e alguns no Balagate o chamam *sambali,* e em Malavar lhe chamam *noche,* e usam os Malavares disto em caril. A folha delle he similhante á do sabugueiro, farpada como elle, e velosa pollas costas hum pouco; e o arvore he tamanho como hum pecegueiro, deita flores brancas e algum tanto pardas, e huma semente preta, tamanha como pimentá e alguma cousa maior. Ouve hum boticairo nesta India, homem velho em quem confiava muyto hum governador casto e vertuoso, e querendo reprimir os estimulos da carne, perguntou áquelle boticairo se avia alguma cousa pera isso; o boticairo lhe dixe que si, e que era hum arvore que chamavam *agnocasto;* e fez usar este governador deste *negundo,* o qual usou delle muytos dias, porque não faltou hum fisico que dixe que era verdade, que aquelle era o arvore chamado *agnocasto;* e quando me foy dito isto, oulhei o capitulo do *agnocasto,* e cotejeio com o arvore chamado *negundo,* e acheio tam deferente, que não pudia mais ser; entonces dixe que não era *negundo, agnocasto,* e nam quis afirmar isto sem ver o livro, porque eu nam conheço *agnocasto,* nem avia boticairo aqui, que o conhecese. Despois veo a esta terra hum fisico letrado e homem que fala verdade em seus ditos**, e disseme que em Portugal avia ao presente muytos *agnocastos,* e que eram bem deferentes destes na folha, e em tudo.

---

* Póde entender-se, que a chaga *cerrava* ou *sarava.*

** O licenciado Dimas Bosque (nota do auctor).

Nota (1)

Duas especies do genero *Vitex*, da familia das *Verbenaceæ*, **Vitex Negundo**, Linn., e **Vitex trifolia**, Linn., gosam na medicina hindu de quasi igual reputação, e são designadas pelos mesmos nomes vulgares, ou por nomes muito similhantes, de modo que não é facil saber a qual d'ellas Orta se quiz referir, ou se abrangeu ambas sob a designação de «negundo», o que julgo mais natural:

—este nome, «negundo», prende-se ao sanskrito *nirgundi* e outras fórmas similhantes, que parecem applicar-se ás duas especies (Cf. Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 237, 252; e *Amarakocha*, 94, ed. Lois. Deslongchamps).

—«sambali» é o nome vulgar hindustani شنبالي, *chambali* (Ainslie, l. c.).

—«noche» é o nome tamil *nochie*, ou *nochchi*.

Ruano não exagera, dizendo que estava pasmado de ouvir para quantas cousas aproveitava o *negundo*, pois o dr. Waring nota que poucas plantas têem na India usos medicinaes tão variados como as duas especies citadas de *Vitex*. D'estes usos, o principal é justamente aquelle em que Orta mais insiste, isto é, no tratamento de qualquer «cousa de dor», causada por rheumatismo, contusões ou distensões. Em qualquer d'estes casos, o *negundo* é considerado um resolutivo poderoso, ao qual recorrem desde logo os clinicos hindus, ou a medicina caseira. O dr. Fleming descreve o modo de applicação exactamente como Orta: as folhas frescas são aquecidas em uma vasilha de barro, e simplesmente collocadas sobre a parte affectada, mantidas por uma ligadura. Repetida esta applicação tres ou quatro vezes, póde dar —segundo o mesmo dr. Fleming— resultados extremamente favoraveis. Roxburgh menciona o habito de as mulheres indianas tomarem, depois do parto, banhos preparados com as folhas aromaticas do *negundo*—o que lembra o bom effeito sobre a «madre», apontado pelo nosso escriptor.

Um dos conhecidos commentadores de Garcia da Orta, o medico hollandez Bontius, fallando (1629) da curiosa doença, chamada *beriberi*, diz que em Java empregavam com resultado no seu tratamento fomentações e banhos da *herba nobili Lagondi dicta*[1]; e, segundo Waring e Dimock, era igualmente util este *lagondi* em outra enfermidade dos naturaes, obscuramente alliada com o beriberi, a que davam o nome de pés queimados *(burning of the feet)*; este era talvez o motivo de lavarem por precaução os pés com o cozimento do *lagondi* ou *negundo*, como affirma o nosso escriptor. Como se vê, todas as informações dos

---

[1] *Lagondi* é o nome javanez do *negundo*, e segundo parece de ambas as especies de *Vitex*, ás quaes Rumphius chamou respectivamente *Lagondium vulgare* e *Lagondium littorale*.

Coloquios, relativas aos usos therapeuticos do *negundo*, são confirmadas pelos medicos que posteriormente têem habitado as regiões orientaes, desde Jacob de Bondt, ou Bontius, até aos clinicos inglezes do nosso seculo.

Orta distingue com rasão o *negundo* do *agno-casto;* mas não tem igualmente rasão em dizer que eram muito differentes, pois o *agno-casto* pertence ao mesmo genero *Vitex*, o qual de mais a mais é muito natural.

(Cf. Dymock, *Mat. med.*, 600; *Pharmac. of India*, 163; Roxburgh, *Fl. Ind.*, III, 70; Jac. Bontii, *Hist. nat. et med. Ind. orient. libri sex*, a p. 18 da edição de Piso.)

COLOQUIO QUADRAGESIMO

DO NIMBO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Querovos alembrar o arvore com que curastes o vosso cavalo muito estimado, que me dixestes que volo lembráse.

ORTA

Tendes muita rezam, porque certo he hum arvore muito proveitoso e medicinal ácerca das gentes que conheço, e em todas se chama *nimbo*. Vim a conhecer sua bondade no Balagate, porque vi curar com elle chaguas de cavalos muito deficultosas de modificar e alimpar, e alimparemse muito asinha as chagas, e o cavalo foy muyto asinha sam; e nam foi com mais que com pôrlhe as folhas deste arvore pisadas, e postas emcima das chaguas, mesturadas com çumo de limão; e asi o fazem nas chaguas dos homens, e dizem que milagrosamente saram com só o çumo desta erva. E muytas pessoas ma gabaram já, e me diserão que no Malavar o usavam muyto pera o que já disse; e o çumo destas folhas o usavam pera lombriguas, e pareceme que tem rezam porque amarga algum tanto.

RUANO

Lembrame que, quando me falastes nisto da cura do cavalo, me dixestes que nesta cidade não sabeis mais que huma arvore destas, e que ma querieis mostrar hindo a Sam Domingos a ouvir missa, o que eu vi, e he do tamanho de hum freixo, e tem a folha como de oliveira, e ao redor he farpada toda, e verde de todas as bandas, não he parda nem vellosa, tem a ponta mais aguda que a da oliveira; he o arvore muyto cheo de muytas folhas: diguovos isto porque vejais se pinto bem o arvore, mas huma só cousa não sei, e he se tem frol ou fruito.

ORTA

Muyto bem pintastes o arvore; mas o milhor tendes por saber, que he dar fruito muito proveitoso, o qual he como azeitonas muito pequenas, das quais fazem azeite muyto medicinal pera os nervos, com que se muyta gente acha bem, untandose com elle quente: he muyto usado em Bisnager e no Malavar, e trazemno aqui a Goa a vender por mercadoria em que ganham muyto, e as froles sam brancas, e deste arvore, até ao presente, não sei mais, e como souber eu volo escreverei de qua (1).

Nota (1)

O «nimbo» é a **Melia Azadirachta**, Linn. (*Melia indica*, Brandis, *Azadirachta indica*, Juss.), uma bella arvore da familia das *Meliaceæ*, conhecida em geral na India pelo nome vulgar de *nim* ou *nimb*, e no sul pelo de *nimbu* ou *nimba*. Gosa entre os hindús, desde tempos antigos, de grande reputação medicinal, e parece que já vem mencionada nos escriptos de Susruta, sob o nome de निम्ब, *nimba* (para outros nomes sanskriticos, cf. *Amarakocha*, 92). Em tempos modernos foi admittida officialmente na *Pharmacopêa* da India, sendo chamada nas pharmacias *margosa* (a casca *cortex margosæ)*, o que claramente se deriva da palavra portugueza amargosa.

A casca é considerada adstringente, tonica e antiperiodica, e as folhas estimulantes. Na *Pharmacopœia of India* vem indicada uma cataplasma das folhas frescas, pisadas e humedecidas com agua tepida, como uma excellente applicação em chagas e ulceras indolentes e de mau caracter, applicação muito recommendada pelo dr. Grant e pelo dr. Dunbar. É exactamente a indicação, dada ha tres seculos pelo nosso medico. O oleo das sementes é tambem empregado medicinalmente, ou como anthelmintico, ou em uso externo no rheumatismo e outras doenças, o que ainda concorda com o que diz Orta.

Segundo notaram já Flückiger e Hanbury na *Pharmacographia*, o nosso auctor foi o primeiro europeu que tratou d'esta arvore e das suas propriedades medicinaes. Poucos annos depois, Acosta deu uma figura bastante boa de um ramo, confirmando o que Orta havia dito, e acrescentando varias informações sobre a therapeutica indiana do *nimbo*.

Comquanto a *Melia Azadirachta* seja vulgar na India, em Goa existia —segundo Orta diz— um unico exemplar na cerca de S. Domingos, que ficava na parte oriental da ilha, para lá da Alfandega e do Bazar, perto do Passo de Daugim.

(Cf. Flück. e Hanb., *Pharmac.*, 135; Dymock, *Mat. med.*, 168; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 453; *Pharmac. of India*, 53; Christoval Acosta., *Tract. de las drogas*, 283.)

COLOQUIO QUADRAGESIMO PRIMEIRO

DO AMFIAM DITO ASSI CORROMPIDAMENTE PORQUE O SEU NOME HE OPIO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Queria saber a certeza do *amfiam,* que he o que a gente desta terra usa, se he o que chamamos *opio;* e donde ha tanta cantidade quanta se gasta, e quanto comem cada dia.

ORTA

O *amfiam* he o *opio,* e por ser muyto usado em comer entre muitos, ainda que o comam em pouca cantidade, fica em mercadoria necesaria muyto pera todollos cabos onde se usa comer; porque, se o nam usam, correm perigo de morrer; e por esta causa na terra onde faltou val muyto caro, e apetecese bem muyto sempre, pera o ter (como quem guarda o trigo pera maio). Faz os homens que o comem andar dormindo; e dizem que o tomam pera nam sentir o trabalho.

RUANO

E não o tomam pera a luxuria, como me dizem; porque isto he contra toda a medecina, e contra toda a rezam, se pera obra de Venus aproveita.

ORTA

He muyta verdade o que dizeis, porque pera isto não aproveita, mas antes dana; e asi os que o tomam para isto nam sam reys, nem pessoas poderosas, nem mercadores ricos, que entendam bem a verdade; porque estes nam o tomão senão em pouca cantidade, e pera outros efeitos; e os fisicos todos letrados, a nossa guisa, me afirmavam que tornava os homens inpotentes, e os fazia leixar a Venus

mais cedo. E eu conheci no Balagate hum portugues que andava lá alevantado, o qual foy com uso delle tornado inpotente, e os Portugueses que lá andavam mo certificaram asi.

RUANO

Pois tanta gente usa isto pera deleitaçam carnal, não pode ser que todos se enganem.

ORTA

Eu vos direi pera que aproveita, se me derdes licença, porque a materia não he muyto limpa, em especial dita em portugues.

RUANO

Dizei, porque as cousas não são çujas, senam quando as dizem os çujos, e com não limpa emtençam.

ORTA

A vertude imaginativa ajuda muyto a deleitaçam carnal, e como ella seja superior da vertude expulsiva, obedecelhe a ella, a qual vertude imaginativa, quanto he mais forte, tanto mais asinha se acaba o auto de Venus, porque manda a imaginativa vertude á espulsiva, que deite nos companhois a semente genital, e quanto mais se imagina niso, tanto vem mais asinha ao membro a semente; e porque os que comem este *amfiam,* estam como fóra de si, acabam este auto venereo mais tarde; e porque muytas femeas não deitam a semente tam asinha, em quanto tarda o homem, exercita ella a obra de Venus mais tarde, e em hum tempo juntamente se acaba o auto de conceber delles ambos, e pera isto ajuda o comer do *amfiam,* scilicet, pera acabar o auto venereo mais tarde; e mais o *amfiam* aperta os caminhos por onde vem a semente genital do cerebro, por causa da sua frialdade, e vem a fazerse a confeiçam de ambos juntamente. E bem sei que isto o entendeis muyto bem, mas se o escreverdes em romance*, não parecerá pratica muito honesta.

---

* Em portuguez, ou na nossa lingua vulgar. Camões applica a palavra a qualquer lingua vulgar: ..... «que o romance da terra chama Oby» *(Lus.* x, 96).

RUANO

Logo alguma rezam tem elles, posto que não muyto honesta; e porém me dizei, como lhe chamam *amfiam*, e quem lhe chama asi.

ORTA

Todos lhe chamam *afiom*, scilicet, os Mouros donde o tomaram os Gentios, e nós mais corrompidamente lhe chamamos *amfiam;* e a causa de os Mouros o chamarem *afiom* ou *ofiom*, he porque os Arabios tomarão muytos nomes da lingua grega, a qual elles chamam *jhunani* (casi lingua joniqua*): e porque os Gregos lhe chamam *opium*, e porque ácerqua dos Arabios a letra *f* e a letra *p* sam muito hirmans, e põemse muytas vezes huma por outra, chamaramlhe elles *ofium* ou *afium*, e tambem á *peonia* chamam elles *faunia*, e asi outros muytos nomes, mudando o *p* por *f***.

RUANO

De quantas maneiras o ha?

ORTA

De muitas maneiras o ha, deferençandoo pollas terras e sinaes: o do Cairo (a que elles chamam *meceri)* he alvo, e val muyto dinheiro, e deve ser o que nós chamamos *tebaico:* o de Adem, e de outras partes vizinhas ao mar Roxo, he preto e muyto duro, e este em humas terras val muyto, e em outras pouquo: e o de Cambaia, e do Mandou, e do Chitor, que he mais molle e mais louro, val em muytas terras mais, porque se acustuma a comer ahi; de modo que o acustumado em cada terra a comer val mais nella; e este que diguo de Cambaia vem a mais cantidade delle de huma terra, que chamam Malvi.

---

* Já os antigos hindus chamavam aos gregos *Yavana*, de Ionicos, ou Ἰάονες.

** Não porque as letras sejam irmãs ou similhantes, mas porque carecem do *p*. Veja-se a nota, vol. I, pag. 164.

RUANO

Como se faz ou o que leva, porque cheira a *trovisco.*

ORTA

Nam he mais que a guoma das durmideiras, o qual eu soube em Cambaiete, vendo na praça vender cascas de durmideiras, tam grandes que cada huma levaria huma canada, e tambem vi algumas pequenas como as nossas; e preguntandolhe por o nome, me dixeram que era *caxcax* (e he verdade que asi se chama em arabio) e dixeramme que destas durmideiras se fazia o *amfiam,* dando cutiladas nas durmideiras por onde corria o *amfiam.* E quanto he ao *trovisco* nam o ha em toda Cambaia, nem ouvi dizer que o ouvesse em toda a India, por onde podeis bem descansar que o nam leva.

RUANO

Seram *durmideiras pretas,* pois diz Avicena* que quando tevermos necessidade de fazer algum estupor ou mortificamento em algum membro, nam pasemos de *dormideiras brancas;* porque ainda que façam estupor, sam domesticas; e tambem Avicena diz** que o *opio* se faz de *durmideiras negras.*

ORTA

Antes nam vi *durmideira preta* em Cambaia, nem ouvi dizer que a avia, por onde Avicena foy emganado nisso, ou nas outras terras se faz das *durmideiras pretas.*

RUANO

Muyto me maravilho disto, sendo tam narcotico e estupefativo quanto he. E aguora me dizei a quantidade que toma huma pessoa cada dia?

---

* Avicena, 4, 1, cap. 1, (nota do auctor).

** Avic. Libr. 2, cap. 527 (nota do auctor); isto é 522 da edição de Rinio.

ORTA

O que tive por emformação he de 20 até 50 grãos de trigo de peso; mas eu conheci hum secretairo do Nizamoxa, coraçone de naçam, que comia cada dia tres *tollas,* que he peso de 10 cruzados e meio*; mas este coraçone, posto que era bom letrado e grande escrivam e notador, sempre toscanejava ou durmitava; e porém, metendoo em pratica, falava como homem letrado e discreto; e por aqui podeis ver quanto faz o custume (1).

---

* O «tolla» ou *tola,* peso que não vem mencionado no *Lyvro dos pesos,* mas se encontra citado nas *Lembranças,* equivalia a 96 *rattis,* e é computado hoje officialmente na India ingleza em 180 grãos (de troy). Tres *tolas* pesariam, portanto, 540 grãos, e sendo isto equivalente ao peso de 10 $\frac{1}{2}$ cruzados, teriamos para o peso do cruzado menos de 52 grãos. Isto está a baixo da verdade, e devemos admittir um peso superior para o *tola* de então, o que de resto não nos surprehende, pois todos estes pesos variaram muito de epocha para epocha e de região para região. É bastante singular este emprego do cruzado como unidade de peso.

Nota (1)

O *opio,* como todos sabem, procede da especie **Papaver somniferum,** Linn, da qual em diversas regiões se cultivam distinctas variedades, tidas por alguns na conta de especies particulares, mas reunidas modernamente por Boissier e outros botanicos na especie citada. O succo leitoso das capsulas das papoulas d'esta especie é conhecido desde tempos muito antigos, e recebeu dos gregos o nome de μηκώνιον ou de ὀπός, que os latinos, como Plinio, escreveram *opion,* e de que os arabes fizeram أفيون, *afiun,* não que o *p* e o *f* fossem muito similhantes no seu alphabeto, como diz o nosso Orta, mas por que careciam do *p*. De *afiun* os portuguezes da India derivaram *afiam,* e depois por uma alteração phonetica natural *amfiam.* Para terminarmos desde já com a nomenclatura, diremos que arabes e deckanis chamam á papoula do opio خشخاش, *khaschkhasch,* o «caxcax» de Orta.

Tudo quanto diz respeito ao *opio,* á sua composição chimica e ás suas applicações medicinaes, á cultura da planta e ao processo de extrac-

ção do seu latex, é demasiado conhecido para que nos deva demorar n'estas notas, e remettemos o leitor para os livros classicos de *Materia medica,* particularmente para o excellente artigo da *Pharmacographia* de Flückiger e Hanbury, e, pelo que diz respeito á cultura na India, em uma região expressamente mencionada por Orta, para o que expõe largamente o dr. Dimock, na *Vegetable mat. med. of western India.* Unicamente procuraremos deduzir, do que dizem Orta e outros escriptores portuguezes do seu tempo, quaes eram as condições do commercio do *opio* pelos meiados do XVI seculo, limitando-nos naturalmente a algumas indicações muito breves, pois não temos espaço, nem elementos para mais.

O dr. Dymock, no artigo acima citado, diz-nos que os antigos escriptores hindus não mencionam o *opio,* e que o seu nome sanskritico em obras relativamente modernas é *ahiphena,* tendo alguma similhança com o nome arabico e podendo talvez derivar-se d'elle. Por outro lado, os eruditos auctores da *Pharmacographia* são de opinião, que a introducção na India da cultura do *Papaver* se deve relacionar com a entrada ali dos arabes e do islamismo[1]. Parece, pois, que esta cultura não é muito antiga n'aquella região; e o que dizem os nossos escriptores vem reforçar este modo de ver, mostrando-nos, como a India não era no XVI seculo o que hoje é, uma região exportadora de *opio,* mas pelo contrario uma região largamente importadora.

No dia 1 de Dezembro do anno de 1513, Affonso de Albuquerque escrevia a D. Manuel uma carta, datada de Cananôr, dizendo-lhe o seguinte:

«Se me vos alteza quyser crer, mamday semear dormydeyras das ilhas dos açores em todollos paúes de purtugall, e manday fazer afiam, que he a melhor mercadaria que cobre pera estas partes, e em que se ganha dinheiro: por este açoute que démos adem, nam veo afyam á imdia, e onde valia a doze pardaos a faraçolla, nam se acha agora a oytemta: o afyam nam he outra cousa, senhor, senam leite de dormedeiras; do cayro, domde soyam a vyr, nam vem, mem d adem; portanto, senhor manday o semear e laurar, porque hũa náo carregada se gastará cada ano na Imdia, e os lauradores ganharám tambem muyto, e a jemte da Imdia perde-se sem elle, se o nam comem; e meta vos alteza este feito em ordem, porque nam vos esprevo pouquo.»

Este trecho de cartas é interessantissimo, como são em geral os documentos emanados de Affonso de Albuquerque, mostrando-nos o seu alto e activo espirito, occupado de todas as questões que por qualquer modo podiam interessar Portugal. Sob o nosso ponto de vista

---

[1] É necessario, no emtanto, advertir, que A. Pictet menciona um nome sanskrito *kaskhasa,* de onde deriva o nome persa, e o nome arabe já citado *khaṣkhasch,* parecendo inclinar-se á opinião de uma cultura antiga na India *(Orig. Indo-Eur., I, 295).*

actual, é perfeitamente conclusivo. Albuquerque não diz uma palavra da cultura na India, e informa-nos de que, cortado o caminho de Adem, a droga havia subido extraordinariamente de preço, passando de doze a oitenta pardáos. A producção estava, portanto, longe de satisfazer ao consumo, e a India era, como dissemos, uma região largamente importadora.

Poucos annos depois, no livro terminado em 1516, mas dando noticias relativas a annos anteriores, Duarte Barbosa é o primeiro a mencionar o *opio* fabricado na India. Na sua lista final de drogas, traz o seguinte:

«Opio[1] que vem de Adem aonde o fazem,
val em Calicut a farazola, fanóes..... 280 a 320
«Outro opio que se faz em Cambaya..... 200 a 250

Fallando de Malaca, diz tambem, que os juncos levavam para o Oriente, provavelmente para a China..... «vermelham, azougue, anfiam, e outras muytas mercadorias e dragoarias de Cambaya.» Não diz, porém, que este *amfiam* fosse todo colhido em Cambaya, e sem duvida devia vir na maior parte do occidente, passando em transito pelos portos da India, como succedia com o azougue e vermelhão. Isto é confirmado pelo facto, de muitos annos depois os chins não terem ainda o *opio* como um producto da India. O dr. Bretschneider, em uma carta dirigida ao sr. A. De Candolle, nota que uma *Materia medica* chin (1552-1578) menciona o *opio*, chamando-lhe *a-fou-yong* (evidentemente uma transcripção chineza do arabico *afiun)*, e dizendo, que era produzido no paiz de *Tienfang* (Arabia). É certo, no emtanto, que algum *opio* da India já então devia ir para a China, como logo veremos melhor. Em resumo, Barbosa é o primeiro a mencionar a producção de *opio* na India, e o primeiro a mencionar a sua importação no extremo Oriente.

Quasi pelo mesmo tempo (27 de Janeiro de 1516) Thomé Pires escrevia a D. Manuel a sua conhecida carta, dando-lhe as seguintes informações sobre a procedencia do *opio:*

«nacee em tebes cidade do Reyno do cairo; nacee em adem, em canbaya, no Reino de coũs, que he na terra firme de Bengala.»

Colloca em primeiro logar o do Egypto e de Adem, e só depois o da India, dando-nos n'esta parte a noticia nova e interessante, de que já se colhia em Coũs (Kus Behar) no valle do Ganges, hoje uma das principaes, ou a principal região productora da India.

Do mesmo modo que Thomé Pires, Garcia da Orta menciona primeiro o *opio* do Egypto, dizendo dever ser o chamado «tebaico», como

[1] Esta parte falta no manuscripto portuguez, e foi traduzida da versão de Ramusio; provavelmente Barbosa escreveu «anfiam» e não *opio*.

Pires havia dito que vinha de «tebes» ou Thebas. Já seculos antes, Simão Januense —varias vezes citado nos *Coloquios*— havia fallado do *opium thebaicum*; e uns vinte annos depois da publicação do livro de Orta, Prospero Alpino visitou o Egypto, e informa-nos de que na provincia chamada Thebaida cultivavam a papoula e colhiam o *opio*. O Egypto era, pois, no XVI seculo, como ainda hoje é, uma região exportadora; mas era n'aquelle tempo exportadora para a India.

Orta falla depois no *opio* de Adem e regiões «vizinhas ao mar Roxo». Apezar de Barbosa usar a expressão de «Adem aonde o fazem», eu creio que este *opio* devia vir da Asia menor, onde a cultura da papoula é antiquissima, e passaria por Adem em transito para a India, o caminho natural n'aquelle tempo. O proprio Barbosa, fallando especialmente do porto de Adem, menciona o *opeo* (sic) entre muitas mercadorias, que ali vinham ter de diversas regiões e d'ali seguiam para Cambaya. Este *opio* de Adem, ou mais provavelmente da Asia menor, era bom, e o mais altamente cotado no mercado de Hormuz (1554): «val a mão do (amfiam) d'Adem a 6 azares[1]». Logo abaixo estava o da Persia: «e o que vem da Persia a 5 azares». Como se vê, o *opio* de Adem ía tambem para a India, quer por esta expressão se deva entender o colhido nas proximidades, quer, como parece mais racional, se deva entender o da Asia menor e do Egypto, cujo commercio se fazia por aquelle porto.

Por ultimo, Orta falla da producção de *opio* em Cambaya, nas terras de Chitor, Mandou e Malvi. Já notámos (vol. I, pag. 268), que Chitor era o nome dado pelos portuguezes ao principado rajpút de Udipura, e Mandou o que davam ao reino mussulmano de Malwá, de modo, que o «Mandou» e «Malvi» de Orta são a mesma região. Ainda hoje esta região, isto é, todo o planalto que se estende para o norte da cordilheira de Vindhya até ás serras de Aravalli, é um dos principaes centros indianos da cultura do *Papaver* e colheita do *opio*. O dr. Impey, que residiu ali alguns annos, dá uma minuciosa descripção —transcripta pelo dr. Dymock— da cultura da papoula n'aquellas terras, dizendo que a planta se desenvolve perfeitamente, e algumas das suas capsulas chegam a medir 3 $\frac{1}{2}$ pollegadas de altura, por 2 $\frac{1}{2}$ de diametro—ainda assim não sei se levariam «uma canada». Este *opio* de Malwá, que vinha aos portos de Cambaya, Surrate, Baroche e outros, valia em Hormuz menos que o de Adem, apenas 4 $\frac{1}{2}$ azares a mão; mas era o mais apreciado no sul e no oriente: «e o de cambaia he o milhor pera malaqua e malavar». Como se vê, já então ía algum *opio* indiano para Malaca, e seguramente d'ali para a China.

---

[1] A «mão» (hind. *man*) pela qual se pesava o *opio* em Hormuz equivalia a pouco mais de um kilo (1,1212); e o «azar» valia 139 a 140 reaes, proximamente em valor intrinseco 700 réis da nossa moeda actual.

Resumindo, poderemos, me parece, chegar ás seguintes conclusões. A India era na primeira metade do XVI seculo uma região largamente consumidora de *opio*, por ser muito geral o uso d'esta droga —«por ser muyto usado em comer entre muytos», como explica Garcia da Orta. Na propria India cultivava-se a papoula e preparava-se o *opio*, já na região de Cambaya e Malwá, segundo o testemunho de Orta, já no Bengala, segundo o de Pires. Esta producção de modo algum chegava para o consumo, como se vê pelo facto, mencionado por Affonso de Albuquerque, de que, cortada a importação, a droga subia extraordinariamente de preço. Os portos donde a India se abastecia, eram Hormuz, por onde vinha o *opio* da Persia, e principalmente Adem, por onde vinha o do Egypto e provavelmente tambem o da Asia menor. Finalmente passava já bastante *opio* da India para Malaca, e d'ali naturalmente para a China; e n'este *opio*, que em grande parte devia ser de procedencia occidental, começava a ir algum colhido em Cambaya.

É curiosa esta marcha de oeste para leste do consumo, e, em seguida ao consumo, da producção: primeiro o Levante, Egypto e Asia menor, abastecendo a India; depois a India abastecendo a China; e dentro em pouco, a China produzindo o sufficiente para o seu consumo, e abastecendo talvez de *morphina* a civilisada America e a civilisada Europa.

(Cf. Flück. e Hanb., *Pharmac.*, 38 a 60; Dymock, *Mat. med.*, 39; Albuquerque, *Cartas*, 174; Duarte Barbosa, *Livro*, 262 e 385; Thomé Pires, *Carta*, 39; *Lyvro dos Pesos*, 13.)

COLOQUIO QUADRAGESIMO SEGUNDO

DO PAO DA COBRA. E HE DE TRES MANEIRAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Aqui em vossa caza vejo dar pera os meninos huma raiz ou pao, e chamamlhe *pao da cobra;* dizem aproveitar pera as lumbrigas. Peçovos por merce, que em breves palavras me digaes o que he, de que terra vem, e se he abusam ou dito falso do povo, ou se aproveita pera alguma cousa.

ORTA

Nam he senão mézinha muyto apropriada á peçonha das serpentes ou cobras; e disto ser esprementado pera as lumbrigas, e pera as bexiguas, e sarampam, e pera *colerica pasio* (chamada nestas partes *mordexi),* he fama comum da gente da terra, onde ha este pao. Tambem dizem aproveitar pera as febres de dificil medicaçam, segundo me dixe hum frade de Sam Francisquo, digno de fé, que a dera a hum homem que padecia febres antiguas; e que lha dera duas vezes, moida e deitada em agoa em cantidade de huma onça, e que ficou sam, arrevesando muyta colera; e por aqui se soube que aproveitava ás febres antiguas.

RUANO

E como se sabe que he bom pera a mordedura das serpentes?

ORTA

Na fermosa ilha de Ceilam, ainda que seja chea de muitas frutas e boas, e caça e montaria, todavia ha muytas serpentes, a que chama o vulgo *cobras de capelo;* e nós em latim as podemos chamar *regulus serpens;* e pera estas deu Deos nella este *pao da cobra;* e soubese aproveitar pera a mordedura della, porque ha nesta ilha huns bichos, como forões,

a que chamam *quil* (e outros lhe chamam *quirpele)* e pelejam com estas serpentes muitas vezes; e se sabe que ha de pelejar com ella, ou se teme disso, morde hum pedaço desta raiz que está descuberto, e lambese com a mão, ou por milhor dizer untase com a mão, que tem molhada com o çumo, e faz isto na cabeça e no corpo, e nas partes onde sabe que a cobra, com o seu salto, lhe ha de ir morder; e peleja com ella até que a mata, mordendoa e arranhandoa; e se não acaba de a matar, ou ella tem mais força que elle, vaise o bicho chamado *quil* ou *quirpele,* e esfregase na raiz, e torna a pelejar com ella, e asi acaba de matar ou vencer; e daqui tomaram ocaziam os Chingallas, e com esta experiencia viram que aproveitaria esta raiz e pao para as mordeduras das cobras; e os Portuguezes com isto creram os bens, que a gente desta terra lhe dizia deste pao, e per tempo viram algumas espiriencias fundadas em rezam, por onde souberam aproveitar pera a peçonha; e tambem souberam, e viram pollos seus olhos muytos, esta pelleja do bicho com a cobra ser verdadeira. E pera dardes mais fé a isto, se vos não enfadardes, vos contarei huma cousa que vio este frade de Sam Francisco, dino de fé e virtuoso, estando em Negapatam, que he huma terra firme, perto desta ilha de Ceilam*.

RUANO

Antes me fareis muita merce em ma contar.

ORTA

Tem muitos homens portuguezes em caza estes bichos domesticos e mansos, pera lhe matarem os ratos, e pera os fazer pelejar com as *cobras de capello,* que trazem os jogues com que pedem á gente esmolas. E sam estes jogues huns gentios, que andam pidindo per todas as terras, e andam emfarinhados com cinza, e sam venerados de todo

---

* Nagapattanam, na costa de Coromandel, logo ao norte do cabo de Calimere, a que os portuguezes chamavam cabo de Canhameira.

o povo gentio, e de alguns mouros; e porque andam muytas terras, sabem muytas mézinhas e esperiencias, mentirosas e verdadeiras: e alguns exercitam o joguo de passa passa, e trazem estas cobras, que dixe, e embebedam as, e mais lhe tiram os dentes e presas, porque lhe não façam mal; e com isto, e com os beneficios que lhe fazem, as tratam com as mãos, e as cingem ao pescoço, e nos metem em cabeça que sam encantadas; mas eu o tenho por mentira. E o cazo foy, que chamou hum portuguez em Negapatam a hum jogue, que trazia cobra, e dixelhe, se queria pelejar a cobra com o seu bicho, e o jogue porque tinha tirado alguns dentes, donde tinha a força, não o quis fazer até que lhe deu hum crusado; e veo o bicho pera a batalha apercebido, e andou primeiro metendose debaixo dos asentos, buscando se cheirava algum pao ou raiz, que fose do *pao da cobra,* e não a achando, com a sua propria saliva se molhou, e saío pera pelejar com a cobra; a qual lhe saltou na cabeça, e o firio mal duas a tres vezes, e elle a ella outras tantas, até que se apartaram ambos mal feridos, porém ella pior que o bicho. E o jogue, achandose com o ganho da batalha, e com a cobra viva (porque sarou depois), trouxe outra cobra que não tinha os dentes tirados, e cometeo ao portuguez se queria que tornasem á batalha os animaes, e porém que lhe avia de dar mais, porque a sua cobra estava perto da morte, e que por isso trazia outra; e o portuguez lhe deu outro tanto como antes lhe avia dado, e o jogue foy contente; porque a sua cobra vinha milhor armada, e o portuguez com seu bicho apercebido pera a luta ou guerra, o qual elle afagou primeiro, e lhe trouxe raizes, e elle as mordeo por hum pouco espaço, e se untou com a mão molhada no que avia mordido; isto fez pela cabeça e lombos e pella barriga; e estando elle já apercebido, veo o jogue com a serpe, a qual se levantou em pé, casi do meo para cima, e deu hum salto, e o bicho lhe furtou o corpo, saltando para outro cabo, e asi se fizeram alguns cometimentos, tocando o bicho a cobra ás vezes, e outras vezes sendo mordido della; finalmente o bicho lhe saltou na cabeça, e hum

pouquo mais atras donde a mordeo, e a apertou, e a arranhou de tal maneira que, por andar cansada, a matou, porque andava muyto emfraquecida dos morsos primeiros; porque he veneno o baffo do bicho pera ella, e desta maneira foy a cobra do jogue morta, e elle desesperado.

RUANO

Certamente que foy isso muyto, e deve ser verdade; pois volo dixe esse religioso, dino de fé e credito: e peçolhe que me digua se ha este páo em outros cabos mais que em Ceilam, e me descreva e pinte a feiçam delle (1).

ORTA

Ha este pao de tres maneiras em Ceilam, e chamase, este de raiz mais estimada que vos contei, em Ceilam (terra dos Chingalas) *rannetul**, e he hum arbusto, e crece até dous palmos ou tres; deita poucas asteas, scilicet, até 4 ou cinquo, e sam muyto delgadas. E a raiz he a que se aproveita, e he delgada como a mais delgada vide nossa, e tem nós ou cabeças, e sempre alguma raiz deste pao está de fóra da terra; e se a mordem ou arrancam per alguma parte, lança loguo outras raizes, donde lhe tiraram a outra. A fruta que dá este pao he como a do sabuguo, tirando que esta he vermelha e mais dura; nace em cachos redondos, feitos como madresilva, e sam mais pequenos os grãos vermelhos, e mais apertados, como dixe; e a frol que deita he muyto vermelha, e deita hum cacho redondo, e apartado da folha, que he como de pexegueiro, e o verde della he mais escuro; e a cor da raiz he entre branco e pardo, e he muyto macia ao tocar, por não ser molle, e amargua muyto. Ha este pao em muitas partes, asi como em Goa, nas terras firmes: este se dá bebido em agoa, e moido primeiro; e nós o damos em vinho ou em alguma agoa cordial, e faz muyto pres-

---

* Clusius transcreveu *rametul*, e assim tem sido citado o nome depois; mas é claramente *rannetul*.

tes sua operaçam: e tambem se móe, como *sandalo,* e se põe no lugar mordido; este chamam *boqueti avale* em chingalá*, e asi mo dixe o embaixador (2). Ha em Ceilam outro pao ou raiz contra a peçonha usado, como estoutro, e he hum arvore como romeira, e não maior, e as folhas sam amarelas muyto fermosas; tem todo o pao espinhos, e os espinhos sam rombos, e a casca he branca e grossa, e gretada e muyto maciça e amarga, mas nam tanto como a do primeiro pao. O pao e a raiz e a casca he o que se dá tudo mesturado, mas a raiz dizem ser a milhor; e este arvore, quando está só, crece tanto como huma romeira, e se está com outros arvores ou mato, a que se arrime, lia o todo a modo de abobreira, e asi os ramos mais altos do arvore os cinge todos. Deste arvore mandei ja a emfermos que fizesem copos, e estes emfermos aviam sido tocados de peçonha, que lhe foy dada; e creo que lhes aproveitara, porque as cousas continuadas aproveitam; e já pode ser que aproveitem estes vasos pera fazer a comprisam triacal**, como alguns doutores nossos a emsinão fazer, que he pera lhe não fazer mal a peçonha. Este pao dizem tambem alguns que ha na ilha de Goa, mas eu ainda o não tenho esprementado (3). Quando o viso rey dom Constantino foy a Jafanapatam, que he huma ilha, que parte com Ceilam***, troxeramlhe de presente huns feixes de hum pao com suas raizes, por ser cousa muito estimada contra a peçonha; e cheira esta raiz bem, e he delguada e dura e preta; e destas raizes e pao dizem que ha muyta nestas terras firmes de Goa. A folha deste derradeiro pao que diguo he como lentisco, he asi delguada e comprida, e malhada de branco e pardo, com malhas

---

* *Boqueti avale* parece ser um segundo nome do *rannetul;* mas póde tambem designar a mordedura ou ferida.

** A composição da triaga ou theriaca.

*** Jafnapattam é habitualmente chamada uma peninsula, mas podia sem erro considerar-se uma ilha, mórmente no tempo de Orta, em que os esteiros divisorios seriam mais pronunciados.

brancas e pretas: nam he verde. E os ramos sam delgados, e estendendose muito por terra, mais de quatro ou cinquo covados; e as folhas sam muyto poucas, e os ramos poucos e delgados, que se não podem sostentar direitos. Deste derradeiro pao me deu conta o licenciado Dimas Bosque, pessoa de muito boas letras, e homem de muyta verdade, e de muyto gentil juizo nas curas que faz; e pois mo elle gabou, e lá ouve tantos doentes, elle o podia bem esprementar, e ao menos seivos dizer que me avia de dizer verdade (4).

RUANO

Dizemme que em as partes de Malaqua tiram humas freichas empeçonhentadas, e que ha huma raiz contra essa peçonha, muyto esprementada; folgaria de saber que cousa he.

ORTA

Por ser o mato cheo de tigres, e a gente pouco curiosa, nunqua me souberam dizer a feiçam da arvore; e por isso vos não fallo aqui nella; somente me dixeram algumas pessoas que della vieram, ser o *pao da cobra* destas terras, e que asi lhe parecia, por serem as raizes de huma mesma feiçam; e tudo póde ser, mas não o afirmo, porque o nam sei bem sabido.

Nota (1)

Varios escriptores portuguezes dão noticias mais ou menos desenvolvidas dos conhecidos ascetas, nomadas e mendicantes, chamados por elles «jogues», do nome hind. *jogī*, e do sanskr. *yogin*, derivado da *yoga*, um systema de meditação e austeridades, que se dizia conferir a quem o praticava poderes sobrenaturaes. Duarte Barbosa, attribuindo-lhes —sem razão, segundo creio— uma significação politica de reacção hindu contra a usurpação mahometana, descreve-os detidamente, insistindo, como Orta, no seu habito de andarem «emfarinhados com cinza»:

«..... andaom nuus e descalsos, nem trazem nenhũa cousa na cabeça ..... hos corpos e rostos trazem untados de cinza ..... estes cha-

maom Jones (sic) e Coamerques[1] quer dizer tanto como servidores de Deos».

Gaspar Corrêa menciona tambem o emprego habitual da cinza, á qual dá uma origem particular:

«....andão sempre enfarinhados com cinza d'outros jogues, que morrendo os queimão, e chegando a seus devotos lhe poem d'aquella cinza na testa, e nos peitos, e nos hombros.»

Orta, que os não toma muito a serio, diz-nos que elles reuniam ao seu caracter religioso, a qualidade de prestidigitadores. Encontramos esta noticia confirmada pelo viajante Bernier, um medico francez, que percorreu a India pouco depois de 1650, e exerceu a sua profissão nas côrtes de Schâh Jehan e de Aureng Zeb. Segundo Bernier, os *jauguis*, para demonstrarem a sua sciencia e poder, ou o seu *jauguisme*, como elle lhe chama, adivinhavam os pensamentos, faziam florir e fructificar um ramo secco em menos de uma hora, chocavam ovos no seio em menos de um quarto de hora, e executavam outras habilidades da curiosa e mal explicada prestidigitação oriental, a que o nosso escriptor chama desdenhosamente «jogos de passa passa». Exerciam tambem a profissão de domadores ou incantadores de cobras venenosas, particularmente da *cobra capello* (*Naja tripudians*), uma profissão muito vulgar até hoje, e sobre a qual será desnecessario insistir. Unicamente notarei, que estes domadores de cobras não eram desconhecidos de outros escriptores portuguezes, contemporaneos de Orta. Como diz Barbosa: «..... muytos tregeitadores trazem estas (cobras) vivas em panelas, encantadas que nam mordem, e com ellas ganhaom muyto dinheiro, pondoas ha ho pescoço, mostrandoas.»

Gaspar Corrêa, referindo-se á malevolencia com que algumas *cobras de capello* haviam sido introduzidas na fortaleza de Calicut, conta como o capitão as mandou buscar por homens da terra:

«..... que as sabiam tomar sem ellas lhe fazerem mal, por que levão elles atada nas mãos huma raiz de huma herva, que tem tal vertude, que a cobra em a cheirando fiqua douda sem picar nem bolir comsigo.»

Como se vê, Gaspar Corrêa attribue tambem a immunidade d'estes incantadores de cobras ao emprego de certas plantas, questão que logo teremos de examinar mais detidamente.

(Cf. Yule e Burnell, *Gloss.*, 351; e a citação de Bernier, 425; Duarte Barbosa, *Livro*, 310 e 341; Gaspar Corrêa, *Lendas*, I, 651, e II, 776).

A menção dos jogues e das suas cobras vem no *Coloquio* subsidiariamente, a proposito do combate da cobra com um «bicho», e sobretudo

---

[1] Ha aqui varios erros de imprensa ou copia; o nome em Ramusio é *Coames*, e parece que no manuscripto se deveria ler: «Coames, que quer dizer .....». A palavra *Coames*, ou *Çoames*, póde derivar-se de *suāmin*, que em sanskrito significa senhor, e por extensão um servidor do senhor (Cf. Ramusio, I, 303 verso; Yule e Burnell, *Gloss.*, 671).

a proposito das plantas a que esse bicho recorria. Os «bichos como forões» são faceis de identificar com o bem conhecido **Herpestes Mungo**, Blandford (*Herpestes griseus* de muitos zoologos, *Viverra* e impropriamente *Ichneumon* de alguns livros). Se a identificação d'este pequeno carnivoro é facil e não deixa duvida alguma, a dos nomes que Orta lhe dá é difficil, e não encontrei cousa parecida com «quil» ou «quirpele». O nome sanskritico d'este animal é नकुल, *nakula*, ao qual se devem prender uns nomes indianos modernos, *newal* ou *nyaul*, citados por Yule e Burnell; por outro lado o seu nome telugu é *mangīsu*, donde vem *mongús* (como escreve João Ribeiro), o *mungoose* dos inglezes, a *mangouste* dos francezes e outras fórmas. Nada d'isto se parece com «quil», e repito não saber qual a origem dos nomes citados por Orta, sendo no emtamto segura a identificação do animal, pois os seus habitos são perfeitamente caracteristicos.

Todos conhecem as menções classicas do *Ichneumon* do baixo Egypto —uma especie do mesmo genero *Herpestes*— e dos seus combates com os *aspides*, vivamente descriptos por Plinio:..... *mergit se limo sæpius, siccatque sole. Mox ubi pluribus eodem modo se coriis loricavit, in dimicationem pergit. In ea caudam attolens, ictus irritos aversus excipit, donec obliquo capite speculatus invadat in fauces.*

Descripção posta em verso e ampliada por Lucano na sua *Pharsalia:*

Aspidas ut Pharias cauda solertior hostis
Ludit, et iratas incerta provocat umbra:
Obliquus que caput.....

Do mesmo modo que o seu congenere do Egypto, o *Herpestes* da India ataca denodadamente as cobras, tanto as inoffensivas, como as venenosas e de grandes dimensões. D'ahi lhe veiu uma reputação muito antiga, sendo o *nakula* mencionado já, nada menos que no *Atharva Veda* (*Dic. de S. Petersburgo*, s. v.). E d'esta mesma circumstancia, assim como de ser um activo caçador de ratos, resultou o facto de ter sido domesticado na India, Ceilão e outras partes do Oriente, desde tempos muito remotos. Em uma fabula ou conto do *Panchatantra* (v, 2), repetida com algumas variantes de redacção no *Hitopadecha* (IV, 13), nós vemos um Brahmane, deixando o seu filho entregue á guarda de um *nakula* fiel, creado de pequeno na casa. Estes habitos conservaram-se até ao tempo de Orta, que nos falla «dos bichos domesticos e mansos»; e até ao de João Ribeiro, que na sua *Fatalidade historica* nos conta o caso escabroso de um *mongús*, imperfeitamente domesticado, embora dormisse na cama com o dono. Como se vê, o *Herpestes* da India tem uma litteratura tão respeitavel pelo menos como o do Egypto, e se o ultimo foi mencionado por Herodoto, Æliano e Plinio, o primeiro vem citado nos *Vedas*, e em mais de uma fabula do *Panchatantra* e do *Hitopadecha*.

Do facto do *mongús* ou *nakula* atacar as cobras as mais venenosas, saíndo muitas vezes vencedor e incolume do combate, resultou naturalmente a idéa de que elle possuisse uma certa immunidade, ou na sua propria natureza, ou proveniente do emprego de varias plantas, nas quaes procura uma especie de preservativo ou de antidoto. Esta idéa é muito antiga, e no *Amarakocha* encontrâmos citados varios synonymos da planta ou das plantas que o *nakula* procura como antidoto, sendo alguns d'esses synonymos derivados do proprio nome do animal, como नाकुली *nākulī* e नकुलेष्टा *nakulechta*. É extremamente difficil saber a que planta ou plantas davam estes nomes. Sir W. Jones, em um interessante artigo ácerca de plantas indianas, e a proposito de uma especie de *Ophioxylum*, da qual teremos de fallar na seguinte nota mais largamente, Sir W. Jones cita os nomes d'aquelle celebre vocabulario de Amarasinha, mas sem se pronunciar abertamente pela identificação. De resto, o *Ophioxylon*, como em geral a botanica indiana, era mal conhecido no seu tempo. Posteriormente têem-se citado varias especies vegetaes, pretencentes a diversas familias, como *podendo ser* aquellas a que recorre o *mongús;* tem-se citado a *Aristolochia indica*, a *Rauwolfia serpentina* (*Ophioxylon serpentinum*), a *Ophiorrhiza Mungos* e outras; mas não ha relativamente a nenhuma d'ellas, nem a prova de que sejam realmente activas, nem a prova de que o animal as procure.

Sir E. Tennent cita o testemunho de uma pessoa, que presenceou varios encontros do *mongús* com a *cobra capello*, e viu o animal comer herva nos intervallos do combate; mas apparentemente uma graminea, uma herva qualquer, como para se refrescar. Blandford tambem não crê, que elle procure uma ou mais plantas especiaes como antidoto ou prophylactico, assim como não crê, que da sua constituição lhe resulte immunidade em relação ao veneno da *cobra capello* e outras. Segundo este observador, os triumphos frequentes do *mongús* resultam da sua pellagem espessa e eriçada, em que os dentes da cobra penetram difficilmente, da dureza do seu couro, e sobretudo da astucia e destreza com que evita o ataque da cobra, e aproveita a occasião de lhe pegar no toutiço, inutilisando-lhe as presas venenosas—d'aquelles artificios, descriptos já por Plinio e Lucano.

Assim como se tem attribuido ao uso de varias plantas a immunidade supposta do *mongús*, assim se attribue a essas plantas, como já dizia Gaspar Corrêa, a immunidade tambem supposta dos domadores de cobras. É certo que elles apparentam usar de certas raizes; mas parece haver n'isto uma simples illusão, ou um acto de charlatanismo. O seu principal meio de acção, quando lidam com cobras ainda munidas das presas venenosas, como succede varias vezes, parece consistir na resolução energica e na promptidão dos movimentos, que dominam completamente o reptil. Em todo o caso a immunidade não existe, e citam-

se varios casos de domadores, mordidos pela *cobra capello,* e que succumbiram promptamente ao effeito do veneno.

Voltando a Orta, vemos que elle repetia simplesmente uma crença commum e muito antiga.

(Cf. Blandford, *The fauna of British India,* 123, London, 1888; Plinius, VIII, 36, ed. Littré; Lucanus, *Pharsalia,* IV, V, 729; Ribeiro, *Fatalidade historica,* na *Coll. de not.,* V, 58; *Amarakocha,* tr. de Loiseleur Deslongchamps, 1re partie, 103, Paris, 1839; Sir W. Jones, *Botanical Obs.,* in *Asiat. Res.,* IV, 309; Tennent, *Ceylon,* I, 145 e 197.).

Nota (2)

Do que fica dito na nota anterior, se vê como naturalmente se indicaram muitas e diversas plantas, dizendo-se serem aquellas a que o *mongús* e os naturaes da terra recorriam como prophylacticos ou antidotos, e podiam, portanto, aproveitar nos casos frequentes de mordeduras de cobras. Multiplicaram-se, pois, os chamados *páos da cobra,* e é muito difficil identificar todos aquelles de que fallam os diversos escriptores, podendo mesmo suscitar-se alguma duvida ácerca dos tres, mencionados e descriptos por Orta.

O primeiro e —segundo elle diz— o mais estimado póde identificar-se com a **Rauwolfia serpentina,** Benth. *(Ophioxylon serpentinum,* Linn; *Ligustrum foliis ad singula internodia ternis,* Burmann.; *Clematis indica, Persicæ foliis, fructu Periclymeni,* Gaspar Bauhino?) uma pequena planta, pertencente á familia das *Apocynaceæ,* que foi figurada já nos tempos antigos por Rhede, Rumphius e João Burmanno. A descripção de Orta, salvas uma ou duas notas menos concordes, quadra bastante bem áquella planta. Assim, elle diz que cresce até dous palmos ou tres; e —segundo as diagnoses de Hooker— a *Rauwolfia* attinge habitualmente de 6 a 18 pollegadas, chegando excepcionalmente a 2 ou 3 pés: diz que a flor é «muyto vermelha»; e, comquanto a corolla da *Rauwolfia* seja superiormente branca, os pedunculos e tubos da corolla são intensamente vermelhos, de modo que o vermelho é a côr dominante na inflorescencia, sobretudo na inflorescencia nova: diz que deita «um cacho redondo e apartado da folha»; e a inflorescencia da *Rauwolfia* consiste em cymos arredondados e longamente pedunculados: compara a folha com a do pecegueiro, e o fructo com o da madresilva, o que não anda muito fóra de proposito, e lembra a phrase de Bauhino no *Pinax:* diz, na verdade, que a fructa é vermelha, quando as drupas da *Rauwolfia* são negras, mas n'isto póde haver um engano, ou uma má apreciação do tom roxo denegrido. Em resumo, e quanto podemos julgar por uma *diagnose,* feita nos meados do XVI seculo, o primeiro *pao da cobra* deve ser a *Rauwolfia serpentina.*

Aos motivos de identificação, que resultam da curta descripção de Orta, acrescem outros de diversa natureza. Esta planta foi uma das mais celebradas, ou a mais celebrada na India, como antidoto supposto ou verdadeiro nos casos de mordeduras de cobras. Parece ser a planta, ou uma das plantas mencionadas na passagem do *Amarakocha*, que citámos na nota antecedente; e uma circumstancia —ainda não apontada que eu saiba— vem em apoio d'esta identificação. Um dos nove synonymos do *Amarakocha*, छत्राकी, *chatrākī*, significa umbella, ou cousa em fórma de umbella, e podia muito bem applicar-se ao cymo denso e achatado da *Rauwolfia*. Passando aos botanicos posteriores a Orta, temos Rhede, que falla d'esta planta, sob o nome malabar *tsjovanna amelpodi*, diz que os portuguezes lhe chamavam *talona*, e affirma que a raiz tinha a reputação de ser um remedio soberano contra mordeduras de cobras e picadas de lacraus: temos Rumphius, dando-lhe o nome latino *radix mustelæ*, e o nome portuguez *raiz de mongo*, identificando-a assim com a planta do mongús: temos tambem Burmanno, identificando-a explicitamente com o *Lignum colubrinum primum et laudatissimum Garziæ ab Horto*. Tudo isto, junto naturalmente á concordancia de caracteres, nos leva a uma identificação bastante segura.

O nome vulgar d'esta planta é, segundo Orta, «rannetul», que foi por engano transcripto *rametul* na versão latina de Clusius, e depois todos citaram na ultima fórma. Nem na primeira, nem na ultima fórma se encontra; e já o antigo botanico Hermanno, nos rotulos do seu herbario, notava que a planta se chamava vulgarmente em Ceylão *acawerya* ou *akawerya*, e elle não sabia por que motivo Orta havia dito que lhe chamavam *rametul*. É claro que esta troca de nome vulgar de modo algum póde lançar uma duvida sobre a identificação, que me parece segura (Cf. Hooker, *Flora of British India*, III, 632; Rhede, *Hort. malabaricus*, VI, t. 47; Rumphius, *Herb. Amb.* VII, Auctuarium, 29; J. Burmanni, *Thesaurus Zeylanicus*, 141, t. 64, Amstelædami, 1737; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 441; Dymock., *Mat. med.*, 505.).

Nota (3)

A identificação d'este segundo *pao da cobra* é um pouco mais incerta; parece, no emtanto, que Orta quiz fallar da **Strychnos colubrina**, Linn., uma planta lenhosa da familia das *Loganiaceæ*, que passou sempre por ser a origem da maior parte do *páo de cobra* do commercio, e Rhede figurou e descreveu sob o nome malabar *modira caniram*, e o nome portuguez *páo da cobra*.

O que Orta nos diz do porte da sua planta, comprehende-se bem, poisque a *S. colubrina*, sendo uma especie lenhosa e sarmentosa, póde formar uma arvore pequena quando esteja isolada de qualquer supporte,

e desenvolver-se mais largamente, como todas as plantas trepadeiras, quando se enleia em outras arvores. Tambem os caracteres da casca não desdizem da *S. colubrina,* cuja casca é esbranquiçada *(ash coloured,* diz Roxburgh) e bastante espessa e gretada, havendo no genero *Strychnos* um desenvolvimento consideravel da camada suberosa. É tambem muito amarga esta casca, como é a da *Strychnos Nux-vomica* e de outras *Loganiaceæ.* Comprehende-se menos o que Orta quer dizer, quando falla de «folhas amarellas muyto fermosas»; e suscita sobretudo difficuldades a sua referencia aos espinhos, pois a *S. colubrina* é inerme. Elle usa, porém, de uma expressão um tanto enygmatica, dizendo que os espinhos são «rombos[1]». Talvez por esta expressão elle quizesse designar os cirrhos simples e incurvados da *S. colubrina,* que nos caules mais antigos engrossam e se tornam lenhosos.

Ha outra especie do mesmo genero, espontanea no Malabar e Ceylão, *Strychnos minor,* Blume, a que Orta se podia tambem referir; mas a difficuldade resultante da menção dos espinhos subsistiria, porque a *S. minor* é tambem inerme. Em resumo, parece claro que Orta falla de uma especie de *Strychnos,* e muito provavelmente da *S. colubrina,* que foi geralmente chamada *páo da cobra,* e teve uma grande reputação nas applicações a mordeduras de cobras venenosas, e outros «toques de peçonha»—como diz o nosso escriptor.

(Cf. De Candolle, *Prodromus,* IX, 14; Roxburgh, *Fl. Indica,* I, 577; Herail e Bonnet, *Manip. de Botanique médicale,* t. 14, Paris, 1891; Rhede, *Hort. malabaricus,* VIII, t. 24 para a *Strichnos colubrina,* e VII, t. 5, para a *S. minor;* Ainslie, *Mat. Ind.,* II, 202; *Dymock, Mat. med.,* 533, advertindo que a citação de Rhede vem errada, tanto em Ainslie como em Dymock.)

Nota (4)

O terceiro *páo da cobra* de Orta deve ser o **Hemidesmus indicus,** R. Brown (*Periploca indica,* Willd., *Asclepias pseudosarsa,* Roxb.), uma pequena planta trepadeira, da familia das *Asclepiadeæ,* que habita na India e em Ceylão.

O professor Flückiger e o fallecido Daniel Hanbury chamaram, em uma nota da *Pharmacographia,* a attenção para a similhança das raizes de *Hemidesmus* com uma droga, figurada e descripta por Acosta sob o nome de *Palo de Culebra;* e eu julgo que o terceiro *páo da cobra* de Orta é identico a este *palo de culebra* de Acosta e ao *Hemidesmus indicus,* identificação que assenta sobre os caracteres apontados por Orta.

---

[1] A versão de Clusius não é exacta; *spinis brevibus et firmis* não traduz os problematicos «espinhos rombos».

Diz o nosso escriptor, que a raiz d'este seu *páo de cobra* é delgada, dura, preta e cheira bem: segundo a *Pharmacographia,* as raizes do *H. indicus* são delgadas, de $\frac{2}{10}$ a $\frac{7}{10}$ de pollegada de espessura, tem a côr escura *(dark brown)* e um cheiro agradavel, similhante ao da *fava de Tonka* ou do *meliloto.* Diz ainda Orta, que as hastes da planta são delgadas, debeis «que se não podem sustentar direitas»; e as folhas, compridas e delgadas, como as do lentisco, e malhadas de branco e pardo; segundo Roxburgh, os caules da *Asclepias pseudosarsa (H. indicus)* são delgados *(slender),* diffusos ou trepadores; e as folhas dos rebentos novos são lineares, agudas, estriadas de branco ao longo da parte media. Se abstrahirmos de algumas incertezas de expressão, naturaes em uma descripção do tempo de Orta, vemos que a concordancia de caracteres é absolutamente satisfactoria.

As raizes de *Hemidesmus* são muito usadas na medicina hindu, admittidas officialmente na *Pharmacopéa* da India, e tidas na conta de tonicas, alterantes, diureticas e diaphoreticas. Não admira, pois, que fossem consideradas especialmente uteis em toda a *mordedura de culebras,* assim como em *tercianas, desmayos, flaquezas de estomago, y temblores de coraçon.* Segundo Acosta, bastava trazer uma d'estas raizes na mão para estar seguro contra toda a *culebra* ou *bivora,* que fugia para outra parte.

Em Goa —segundo refere Dymock— encontram-se hoje á venda nas lojas dos hervanarios as raizes de *Hemidesmus,* sob o nome de *uperção,* que é uma simples alteração do nome mahrata *uparsára.*

(Cf. Flück. e Hanb., *Pharmac.,* 379; C. Acosta, *Tractado de las drogas,* 341; Roxburgh, *Fl. Indica,* II, 39; Dymock, *Mat. med.,* 509).

COLOQUIO QUADRAGESIMO TERCEIRO

DA PEDRA DIAMÃO
E DA PEDRA ARMENIA E DA PEDRA DE CEVAR

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA

RUANO

Dizei da pedra *diamão,* que em latim e em grego he chamada *adamans,* e nós os Castelhanos lhe chamamos *diamante,* e vós os Portuguezes *diamam;* e será bem, porque he rey das pedras, que falemos nella, pois tem eminencia sobre todas, e loguo as *perolas,* e loguo as *esmeraldas,* e loguo os *robins,* se cremos a Plinio*.

ORTA

Qua nesta terra e em toda a do mundo, ácerqua dos lapidairos, se faz mais caso (e he de mais preço se for em toda perfeiçam, e tamanho por tamanho) da *esmeralda,* e depois do *robi,* e loguo do *diamão;* mas porque se não acham pedras em toda a perfeiçam, com boas agoas, tam grandes como *diamam,* acontece daremse por mais dinheiro muytas vezes. E a valia das pedras nam he por mais que por a vontade da gente e carencia dellas; porque maiores virtudes e mais esprementadas tem a *pedra de cevar,* e a que estanca o sangue,** e vendemse por *mãos**** (que sam em Cam-

---

* Esta successão, pelo menos a dos *diamantes, perolas e esmeraldas* vem muito claramente exposta em Plinio (Lib. XXXVII).

** A *laqueca* ou *cornelina;* veja-se a nota ao *Coloquio* seguinte.

*** «Mão», do hind. e marathi *man,* que dizem ligar-se ao accadico *mana;* variava muito, mas em «Cambaia», pelo menos em Baçaim e Diu, andava por 25 arrateis e 9 onças, ou proximamente os 26 arrateis de Orta. O *maund* (fórma ingleza) de Bombaym equivale a 28 libras avoirdupois.

baia, donde as ha, 26 arrates), e as *esmeraldas* se vendem por *ratis,* que sam peso de tres grãos de triguo*; e as outras pedras se vendem por quilates em Europa, que sam quatro grãos, e na India por *mangelis,* que sam 5 grãos**; e portanto Plinio nam falou como mercador de pedras ou lapidairo, no valor dellas.

RUANO

Dizei os nomes, e se he usada na fisica.

ORTA

Em arabio, ao qual emitam os Mouros todos onde quer que estam, se chama *almaz,* posto que Serapio o chama por outro nome, capitulo 391, e o gentio todo, onde se acha a nacença destas pedras, as chama *iraa,* e no Malaio, onde tambem as ha, se chama *itam.* E quanto he á fisica, nam se custuma usar destes *diamães,* posto que eu achei fisicos gentios, que os davam pera quebrar a pedra, administrados per seringa; e per cima nam os dando, porque caío hum erro no povo que era peçonha, isto por sua grande penetraçam, e que furava as tripas.

RUANO

E não he isso asi? Pois Laguna com outros muytos os conta por peçonha, e o uso comum asi o tem?

ORTA

Falando a verdade comvosquo não ha tal cousa, porque já ouve nestas terras negros de lapidairos, que enguliram

---

* O *rattī* era o peso medio da semente de *Abrus precatorius;* Tavernier dá o *rati* como equivalendo a $\frac{7}{8}$ do quilate, o que differe um pouco do que Orta diz. Nos livros inglezes encontramos o *ratti,* como igual a 1,75 grãos troy.

** O *mangelim,* teling. *manjalī,* tambem variava bastante. O de Ceylão equivalia a 8 grãos de arroz, e vem calculado nos *Subsidios* em 0gr.,219. O *mangiar (mangelim)* do Malabar, segundo Barbosa, pesava duas *taras* e dois terços, e as duas *taras* equivaliam a um quilate de bom peso. Segundo Tavernier, em algumas localidades correspondia a 7 grãos, e em Goa a 5, exactamente o que diz Orta.

diamães, e confesarão a seu senhor (achandoos menos) que os emguliram, e esperou, e deitou os *diamães* por baixo sem nenhum dano, e disto sam eu testemunha.

RUANO

A mim dizemme, que feito em pó he veneno, e traz rezam, porque se achegará ás partes do estamago e das tripas, e furálashá.

ORTA

Não será em pó veneno, porque a vertude atrativa das partes do estamago não o trará pera si, e elle correrá abaixo, como cousa grave (pois he pedra); e mais eu conheci huma molher, que, tendo o marido enfermo de humas camaras antiguas, e avorecendolhe muyto a doença comprida, lhe mandou comprar *diamães* moidos, e lhos deu tantos dias (sem morrer) que se emfadou; e depois lhos deixou de dar, porque lhe certificaram, que não podia escapar da emfermidade, e asi, sem os tomar mais dias, morreo muyto tempo depois: isto soube eu da pessoa que hia a comprar os *diamães*. Asi que dizem que os *diamães* sam venenosos he abusam, e cousa não scrita per doutores autenticos.

RUANO

Pois aguora vos quero perguntar alguns erros, e isto será dizendovos o que os antiguos dixeram, em que tenho alguma duvida: dizem nacer nas mineiras do *cristal,* e posto que naça perto da mineira do ferro, por ser cheguado ao *cristal* nam o deixa ter cor do ferro, antes he mais craro que o *cristal:* e dizem mais que *adamans* quer dizer força não domavel: e asi dizem que posto em huma bigorna, nem pode ser quebrado com força de martélos, antes os despreza, e bota a escama do ferro fóra: e porém que, se for deitado o *diamam* primeiro em sangue de bode, amolece, principalmente, como alguns dizem, se o bóde primeiro comer aipo e outras cousas abridoras, e se beber vinho: dizem mais que, desta maneira se lavra, e doutra maneira não: e asi dizem que nunqua se achou maior que huma avelan. E por-

que nam diguais que vos aleguo falso, diz Plinio, quando falla no sangue de bóde, que he emvençam do homem; e alguns dizem que Plinio está corruto, e que ade dizer que he emvençam não de homem, como se dixese, que isto do sangue do bóde aconteceo por revelaçam, porque doutra maneira nam se podia saber*.

ORTA

Não paseis mais ávante; porque nam tenho memoria pera responder a tantas objeições, pollas não chamar fabulas. E por tanto aveis de saber que em tres ou quatro cabos achamos qua *diamães,* scilicet, em Bisnaguer, em duas ou tres rocas que rendem muyto a elrey de Bisnaguer; e asi como em Espanha, dos atuns que se pesquam tem elrey grandes direitos, e se vem algum solho he tomado pera elrey, assi nestas mineiras tem elrey muito grande renda, e a pedra, que he de 3o *mangelis* pera riba, he de elrey; e sobre isso se põem grandes guardas em os cavadores; e se acham em algum tempo que a tem alguma pessoa, he tomada com toda a sua fazenda a quem a tem. Ha outra roca no Decam, perto da terra do Imadixa (a quem nós chamamos Madremaluco), huma terra de hum senhor gentio, outra roca, e de milhores *diamães,* e não tam grandes; estes sam chamados de *roca velha,* e vamse a vender a huma feira, muyto nomeada, de huma cidade do Decam chamada Lispor, das terras do Madremaluco; e ali os compram os Guzarates, que nollos vem a vender aqui a Goa, e os levam a vender a Bisnaguer, onde tem muyto preço estes *diamães* de *roca velha,* em especial os que chamam *naifes***, que sam aquelles

---

* Não se percebe bem o que Orta discute; Plinio diz exactamente no fim o que elle repete: *numinum profecto muneris talis inventio omnis est;* veja-se a nota (1).

** A palavra não se encontra em Bluteau, e vem nos diccionarios hespanhoes e alguns portuguezes, com a significação geral de *diamante bruto.* Isto é um erro; *diamante naife* era unicamente o *diamante bruto,* manifestando claramente a sua fórma crystallina. É o que se deprehende

que a naturaleza lavrou, e fez perfeitos sem hirem á mó, posto que ácerca dos Portuguezes valham mais os lavrados; mas dizem os Canaras que, asi como a molher virgem val mais que a corruta, asi val mais o *diamam naife* que o lavrado. Ha outra roca, no estreito de Tanjampur, nas bandas de Malaqua, tambem de *roca velha;* sam pequenos e muyto bons, senam que tem huma tacha, que pesam muyto; cousa que não he boa pera quem comprar, e he bom pera quem vender. E em nenhuma destas partes ha *cristal,* nem em toda a India; porque o *cristal* quer terras muyto frias, asi como Alemanha; e porém qua na India ha *berilo,* que he asi como *cristal,* e o ha em grandes pedaços, de que fazem jarros e escudellas; e eu dava por hum 200 crusados, e não mo quiseram dar: porém este *berilo* não no ha em Bisnaguer, senão em poucas partes e longe das roquas; mas ha muyto deste *berilo* em Cambaia e em Martavam e em Pegu; per onde he mercadoria muito boa os *diamães,* pollos lá nam aver; e asi ha *berilo* em Ceilam (onde não ha *diamães).* E ao que dizeis, que he tam forte que despreza a bigorna de ferro, e os martellos que os quebra, a isto vos diguo que, se tiverdes algum *diamam* de preço, não façais nelle tal experiencia, porque quantos tiverdes tantos fareis em pedaços com hum martello; e muyto facilmente se quebram com huma mão de almofariz, e asi os fazem em pó pera lavrar os outros, e eu vi isto em *diamães* pequenos; e em hum grande o fizeram aqui lapidairos, do qual, per sua má feiçam, quiseram fazer dous ou tres, e asi o quebraram. Verdade he que os *diamães* não podem ser lavrados senão com outros *diamães* postos na roda; e não se podem furar, posto que hum doutor moderno diga que si. A maneira de conhecer os *diamães,* se he *diamam* ou nam, he toqualo com outra ponta de *diamam,* ou com huma lasqua, e se nam fôr *diamam,* fazlhe risquo; posto que ha outros *diamães*

do que Orta diz, e é n'este sentido que os lapidarios francezes applicam a designação de *pointe naive.* Tanto *naife* como *naive* vem evidentemente de *nativus.*

tam fortes, que ferem o outro *diamam,* mas isto he resvalando, e nam firmando nelle; porque *diamam* nam consente ser verrumado, nem picado, nem o foguo lhe faz nojo. E comtudo vos sei dizer que o *diamam* he muito conhecido dos lapidairos, porque dizem que tem agua viva; e o *topazio* e a *safira de agua* e o *cristal* tem as aguas mortas. E de amolecerse com sangue de bode foy huma fabula tomada em verem que o sangue de bode quebra a pedra da bixigua e dos rins; mas já o esprementei, e he tanto como se lhe não deitasse cousa alguma. E ao que dizeis que nenhum he maior que huma avelan, nisto não tem culpa Plinio, nem os outros escritores; porque falaram do que viram, que muyto maior *diamam* ha cá que quatro avelans; e eu o maior que vi nesta terra foy de 100 e corenta *mangelis* *, e outro de 120; e ouvi dizer que tinha hum homem desta terra hum de 250 *mangelis*. Se o tem, façalhe muyto boa pró, posto que elle o nega; mas muytos annos ha que ouvi dizer a hum homem, dino de fé, que vira em Bisnaguer hum, como hum ovo pequeno de galinha; e tudo pode ser. E do que mais me maravilho, he ver que cousa tam forte avia de estar metida muyto dentro na mineira, e aviase de criar em muytos annos, e vejo que se criam em dous ou tres annos; porque cavam a mineira este anno altura de hum covado de medir, e dahi a dous annos tornam a cavala, e tiram *diamães,* como primeiro: isto dizem muytas pessoas em comum, porém outros me dixeram que os *diamães* grandes não se criam na face da roca, senam muyto dentro; porém asaz he que aja nisto duvida, e que se criem em tam pouquo tempo alguns, ainda que sejam pequenos. E ao que me dizeis de ser vencido do chumbo por causa do azougue, não traz rezam, porque pois o *diamam* vence o ferro, e a todolos outros metaes e pedras, não he bem dizer, que he vencido do chumbo, por causa do azougue; porque asi o

---

* Sic, isto é 140, proximamente 170 quilates; e 250 *mangelis,* proximamente 312 quilates.

corta o *diamam*, como huma faca corta hum nabo, e quem o escreveo o sonhou, ou, por falar mais craro, não falou o que era. Eu vos dixe já a resposta das vossas perguntas, perguntai mais ávante as duvidas que tiverdes; e se vos parecerem mal as minhas respostas, não vos maravilheis, porque quem falla contra o comum he avorrecido.

RUANO

Escreve hum coronista, chamado Francisco de Tamara, que ha *diamães* no Peru: dizei o que nisto passa.

ORTA

Eu nunqua o ouvi dizer a pessoas que os vissem no Peru, vós o podeis milhor saber, pois estaes em Espanha. E porém eu vi nesse autor que alegaes, muitas fabulas ácerqua do tirar dos *diamães* destas nossas terras, porque diz que vigiam as serpentes os *diamães*, porque os não tirem; e a gente que ha os *diamães* em sua mão deitando carne confeiçoada em certo modo pera que a comão as serpentes, estando ellas em outro cabo tiram as pedras á sua vontade. Bem fôra que pois Françisco de Tamara queria contar fabulas, que as contára das suas Indias, e não das nossas*.

RUANO

Tambem escreve hum frade dominico, chamado frei Domingos de Baltanas, que ha roca de *diamães* em Espanha**.

ORTA

Eu conheci esse frade em Salamanca, segundo me parece, e tenhoo por bom religioso; diria o que achou escrito por outros, porém eu nunca o ouvi dizer.

---

* Sobre Francisco de Tamara, e o livro que traduziu, veja-se a nota (1).

** Provavelmente no seu *Compendio de sentencias morales, y de algunas cosas notables de España.*

RUANO

Outro genero de *diamães* contam que ha na Arabia, que nam he tam forte; porque se quebra sem sangue de bode; e que nam tem igual resplandor a este e, asi he de menor preço.

ORTA

Eu nunqua vi nem ouvi dizer destas pedras criadas na Arabia, mas cá ha huns a que chamamos *topazios,* que sam almecigados em cor, e humas *çafiras de aguoa* que parecem craramente *diamães;* mas nam ouvi dizer que estes ouvessem na Arabia; e mais estes nam sam *diamães,* senam chamamlho polla semelhança que com elles tem; mas o que nam tem a fortaleza indomavel nam he *diamam,* e o que dizem que seria em Chipre, não o vi, nem ouvi que o lá ouvesse, nem o de Macedonia; e pareceme que os Turcos nam fariam tanto por elles, se em sua terra os ouvesse, ou perto della: isto vos diguo porque a maior parte destes *diamães* sam levados dos Turcos.

RUANO

Dizem mais que todos trazem o ferro, e o de que me mais maravilho, he que dizem que a *pedra de cevar,* estando presente o *diamam,* nam traz o ferro.

ORTA

Isso de trazer o *diamão* o ferro, loguo vereis o contrario, quando o esprementar quiserdes; mas que a *pedra de cevar* nam tragua o ferro, presente o *diamam,* he grande fingimento, porque diante de muytos esprementei o contrario, asi em *diamães* de *roca velha,* como de *roca nova,* e diante de vós o esprementarei se mandardes. E das outras vertudes que delle escrevem, nam he fóra de rezam serem verdadeiras; porque pedra que Deos criou, com ser tam invencivel, he bem que lhe dê os dotes que dizem; posto que dizer que se se puser debaixo da cabeça da molher, nam o sabendo, e estando dormindo, que acordando ella abraçará o marido, se lhe he fiel, e se he o contrario, que foge delle; eu não o posso crer, ainda que me digam que o dizem es-

critores de autoridade, porque asi o dizem de algumas ervas, e sabemos ser abusam. Mas huma cousa vos direi que vi em *diamães* muyto finos da *roca velha,* e eram pontas que, esfragandoos hum com outro, se pegavam e estavam apegados sem se despegar; e asi vi *diamães* esquentados trazer a palha, como alambres: e porque vi estas cousas, e vós as podeis ver se quiserdes, dou fé dellas. E posto que algum escritor emsina a falsificar pedras, não volo quero falar, porque não he obra de filosofo, e muyto menos será de teologuo, porque ensina este escritor a fazer da *çafira da agua, diamam,* mas não fica senão *çafira,* e não *diamam,* posto que o pareça (1).

RUANO

Porque não seja tudo falar em cousas alheas na fisica, vos pergunto, se vistes nestas terras *pedra armenia,* porque carecemos della em Europa, ainda que temos *lapis lazuli* em muytos cabos.

ORTA

Mandarvosei aqui trazer *pedra armenia* loguo. Moça, dá cá aquella chave.

SERVA

Eila aqui.

ORTA

Tira o pano atado com grandes pedras.

SERVA

Eilo aqui.

ORTA

Agora vede *pedra armenia.*

RUANO

Muitos sinaes tem do que dizeis; porque com ser azul algum tanto, he verde craro: como sabeis que he *pedra armenia?*

ORTA

Os Mouros, grandes fisicos, que curam o Nizamoxa, me deram estas pedras, e purgam com ellas melancolia, e cha-

mamlhe asi em arabio, scilicet, *hager armini,* que he o mesmo que *pedra armenia*. Pergunteilhe donde avia estas pedras, dixeramme que em Ultabado (cidade muyto conhecida do Balagate*); e pergunteilhe se o avia em Turquia ou na Persia, pois eram della, e dixeramme que já a viram lá, mas que era em pouca cantidade; e que nam sabiam se vinha da Armenia ou nam; e comtudo seivos dizer que purga muyto pouquo esta mésinha, segundo esprementei; e já perguntei a muitos Armenios, cá na India, se a avia em sua terra, e disso me nam souberam dar rezam (2).

RUANO

A *pedra de cevar* he cousa muyto comum, e com tudo vos quero perguntar o que sabeis della, porque Laguna e outros dizem ser veneno, e que faz o homem aluado.

ORTA

A *pedra de cevar* nam faz o homem aluado, nem he veneno, porque temse cá ácerqua dos Gentios, que comida em pouca cantidade os faz não emvelhecer, e os conserva em sua mocidade; e por tanto elrey de Ceilam, velho, mandava fazer panellas desta pedra, pera lhe fazerem de comer nellas.

RUANO

Como sabeis isto?

ORTA

Alem de ser isto fama comum, mo dixe Isac do Cairo, que lhas mandava fazer: e este Isac do Cairo he hum judeu, que foy a Portugal levar as novas da morte do Soldam Badur**.

RUANO

Diz Antonio Musa, que os Portuguezes que navegam pera Calecut, acham lá náos com pregos de pao, e que o fazem

---

* Talvez erro de imprensa por Dultabado, a cidade effectivamente muito conhecida de Daulutábád.

** Veja-se a nota a pagina 89.

por causa dos montes de *pedra de cevar,* que nam traguam o ferro dos pregos pera si.

ORTA

Isto sam fabulas; porque nunqua Portugues vio tal cousa, e em Calecut e em toda essa costa ha mais navios de pregos de ferro que de pao; verdade he que, nas ilhas das Maldivas, ha navios com pregos de pao, como vos já dixe, mas a causa disto nam he por mais senão por nam gastar o dinheiro em ferro.

RUANO

Dizem tambem que a mina da *pedra de cevar* está junta com a mina do ferro, e que por isso traz o ferro pera si?

ORTA

Nam ha tal cousa, porque em cabos deferentes se criam, scilicet, onde nam ha ferro.

RUANO

Hum filosofo pariense diz, que a *pedra de cevar* move o ferro pera si, mediante a vertude que nelle emprimio, pera que se mova a ella*; e que por esta rezam não pesa mais a *pedra de cevar* com muyto ferro, que com pouquo.

ORTA

O contrario disto espermentámos já, eu e algumas pessoas, por isso nam vos maravilheis, porque nam acertam em todas as cousas os homens (3).

---

* Não sei quem seria este philosopho, mas a sua explicação lembra a do *Malade imaginaire* sobre a acção do opio:

Quia est in eo
Virtus dormitiva,
Cujus est natura
Sensus assoupire.

Nota (1)

Garcia da Orta é muito correcto em todo este *Coloquio*, demolindo com intransigencia verdadeiramente scientifica os erros e falsas opiniões, relativos ao *diamante*, e que chegaram ao seu conhecimento. E é tanto mais para louvar n'esta intransigencia, quanto a maior parte dos factos contestados por elle se encontravam mencionados no livro de Plinio, gosando ainda então de extraordinaria auctoridade. De Plinio, estes erros haviam passado sem correcção, ou mesmo aggravados e ampliados, para alguns escriptos dos Santos padres, e para aquellas especies de encyclopedias da edade-media, a de Santo Izidoro, a de Alberto Magno, a de Glanvilla e outras; e seria facil demonstrar, que ao livro do nosso Orta se deve a destruição de algumas d'estas falsas opiniões, e a vulgarisação de noções mais exactas sobre as propriedades do *diamante*.

De Plinio é a affirmação sobre a resistencia do *diamante* ao martello e á bigorna..... *ita respuentes ictum, ut ferrum utrimque dissultet, incudesque etiam ipsæ dissiliant;* e esta idéa correu muito tempo. Em um curioso livro do anno de 1567, intitulado *Hieroglyphica*, encontrâmos ainda a mesma asserção, illustrada pela representação de um diamante collocado entre a bigorna e o martello. Mas no livro de Boodt do anno de 1609, *Gemmarum et lapidarum historia*, vem emendado este erro como muitos outros, fundando-se evidentemente o auctor no que Orta havia dito[1].

De Plinio é tambem aquella estranha noticia sobre a acção do sangue de bode..... *hircino rupitur sanguine* — facto, segundo elle diz, conhecido por uma especie de revelação: *Numinum profecto muneris talis inventio omnis est.* A noticia ainda mais singular — a que Orta tambem allude — relativa á alimentação especial do bode, é uma ampliação da edade-media, e lê-se, por exemplo, em Alberto Magno: *precipue si yrcus aliquandiu ante biberit vinum et petroselinum vel siler montanum comederit.* Estas auctoridades eram de muito peso; e Orta só se atreve a contrarial-as depois de ter procedido a experiencias: «já o exprementei, e he tanto como se lhe não deitasse cousa alguma».

É ainda Plinio, quem attribue ao diamante a dimensão maxima de uma avelã; e affirma que a sua presença tolhe a acção do magnete: *adamas dissidet com magnete lapide in tantum, ut juxta positus ferro non patiatur abstrahi.* Esta asserção, repetida ao que parece por Santo Agostinho, ainda vem citada sem refutação por um contemporaneo il-

---

[1] Boecio de Boodt copia claramente Garcia da Orta; mas, por um singular equivoco, cita Monardes. Esta confusão nasceu sem duvida de elle ter consultado as publicações de Clusius, onde vinham reunidas as traducções de Garcia da Orta e de Nicolau Monardes.

lustre de Orta, Nicolau Monardes, que, no *Dialogus de ferro*, diz: *adeo, ut dicant nonnuli, in ejus præsentia ferrum non attrahere.* Tambem n'este caso, Orta se certificou experimentalmente de que tal asserção não tinha fundamento, propondo-se a repetir a experiencia diante de Ruano, se este assim o desejasse.

A idéa de que o diamante era «vencido do chumbo» encontra-se com frequencia mencionada nos livros da edade-media. Glanvilla, no seu famoso tratado *De proprietatibus rerum*, diz o seguinte (cito pela versão hespanhola de fr. Vicente de Burgos): *No hay cosa tan dura, que el plomo no la enblandeça ..... aunque sea el diamante.* E no *Lapidario* de Affonso X, explica-se detidamente o modo por que o diamante se podia quebrar, depois de envolvido em um metal que os arabes chamavam *aqrob*, e os latinos *estanno*. A esta influencia de certos metaes, allude ainda um poeta francez dos principios do XVII seculo, Remy Belleau[1], notando quanto era singular a natureza do diamante:

Ne pouvant estre combattuë
Que de soy, se voir abattuë
Au fray d'une lime de plom.

Que esta influencia do chumbo se attribuisse á presença do «azougue», explica-se facilmente pelas idéas que então vogavam sobre a natureza do chumbo, e se podem ver, por exemplo, no capitulo de Alberto Magno, *De natura plumbi*. Tambem n'este caso Orta tinha feito a experiencia, e diz categorica e pittorescamente, que o *diamante* corta o chumbo «como huma faca corta hum nabo».

Era, por ultimo, bem conhecida a applicação do *diamante* para reconhecer a infidelidade ou fidelidade da mulher casada, historia contada por Glanvilla e por outros, e repetida por Boecio de Boodt, posto que este diga já ser contra a experiencia e a rasão. Em todo o caso, Boodt sempre lhe attribue um effeito salutar nas relações conjugaes, dizendo que lhe chamavam a pedra da reconciliação, *reconciliationis gemma*, o que, sob certos pontos de vista, ainda hoje se póde considerar verdadeiro.

Procurámos, por curiosidade, a origem das noticias refutadas por Orta, algumas datando sem duvida de uma remota antiguidade, compiladas por Plinio, e conservando-se depois sem alteração durante a edade-media, outras de creação mais moderna, ou, embora de origem antiga, complicadas e aggravadas pelo desejo de maravilhoso d'aquelles tempos. Que o *Coloquio* de Orta, onde elle muito singelamente disse

---

[1] Devo a indicação d'esta passagem de Remy Belleau, assim como a do *Lapidario* de Affonso X, ao favor do distincto mineralogista o sr. A. Bensaude.

o que viu, e desassombradamente contestou o que lhe pareceu falso, que este *Coloquio* contribuiu poderosamente para dissipar os erros antigos, é um facto que me parece incontestavel. No livro do hespanhol Gaspar de Morales, publicado no anno de 1604, e tendo um titulo significativo, *Libro de las virtudes y propriedades maravillosas de las piedras preciosas,* ainda se encontram quasi todas as velhas historias. Comtudo, Morales cita Orta em varias paginas, acceitando já parte das suas emendas, e refutando-o uma ou outra vez, sempre sem rasão. No livro de Boetius de Boodt (1609), que durante tempo fez auctoridade no assumpto, a influencia de Orta é perfeitamente sensivel, e a essa influencia são devidas emendas importantes, e uma comprehensão mais clara das propriedades do *diamante.* No emtanto, Boodt ainda está longe de ter o scepticismo scientifico do nosso Orta; e diz, entre outras cousas, que o *diamante* tem a virtude de combater o veneno, a peste, as fascinações, os encantamentos, a loucura, os pesadellos, o ataque dos incubos e succubos, e os maleficios dos demonios. O modo de ver mais sobrio de Orta não foi naturalmente recebido desde logo; e elle proprio faz uma concessão ás antigas idéas sobre as virtudes do *diamante,* quando diz: «porque pedra que Deus criou, com ser tão invencivel, he bem que lhe dê os dotes que dizem».

(Cf. Plinius, Lib. XXXVII, 15, ed. Littré; J. Pierii, *Hieroglyphica,* 306, Basileæ, 1567; A. Boetii de Boodt, *Gemmarum et lapidarum historia,* Lib. II, 57, Hanoviæ, 1609; Alberto Magno, *De mineralibus,* Lib. II, cap. *de lapidibus incipientibus ab a,* e Lib. III, cap. *de natura plumbi,* Venetiæ, 1495; Monardes, em Clusius, *Exotic.,* 30; Barth. Glanvilla, *De proprietatibus rerum,* cap. do *diamante,* ed. de Tolosa, 1494; G. de Morales, *Libro de las virt. y propr. maravillosas de las piedras preciosas,* 139, Madrid, 1604).

Orta havia lido no livro conhecido de Boemus, traduzido por Francisco de Tamara, uma historia de diamantes, guardados por cobras venenosas; e, attribuindo toda a responsabilidade do dito ao traductor hespanhol, diz-lhe com uma certa graça, que, se tem de contar mentiras, melhor será contal-as das suas Indias occidentaes, que das nossas Indias portuguezas. E, no emtanto, estas historias de serpentes e pedras preciosas, haviam sido contadas n'aquella ou n'outras fórmas por muita gente, e por gente muito seria. Santo Epiphanio, bispo de Salamis no IV seculo, em um tratado sobre as doze pedras preciosas, engastadas no peitoral ou *racional,* preso ao *ephod* do summo sacerdote hebraico, affirma que os *jacinthos* se encontravam na Scythia, no fundo de valles profundos, escuros e inaccessiveis. Para os obter, serviam-se do seguinte artificio: lançavam no fundo do valle cordeiros esfollados, que as aguias iam buscar, trazendo para os seus ninhos a carne, e as pedras preciosas, que vinham pegadas com ella, e depois se íam procurar nos ninhos. Esta mesma historia, applicada ao *diamante,* e complicada com

a presença de serpentes venenosas no fundo dos valles, encontra-se depois nos escriptores arabicos, e nomeadamente nas *Mil e uma noites*, onde forma a base de uma das numerosas e maravilhosas aventuras de Sindbad. E é certo, que devia correr com insistencia nas terras orientaes. Marco Polo, sendo um viajante veridico, e tendo visitado portos da India não muito afastados das minas de *diamantes*, acceita uma versão muito similhante á das *Mil e uma noites:* segundo elle diz, os *diamantes* encontravam-se em valles profundos, onde era impossivel descer por causa das numerosas cobras peçonhentas; ali lançavam do alto fatias de carne, que as aguias brancas íam buscar e traziam para cima; então, os mesmos homens, que haviam lançado a carne no fundo do valle, assustavam as aguias com grandes gritos, e íam procurar os *diamantes*, pegados em grande numero á carne fresca. Depois de Marco Polo, Nicolo di Conti, que andou vinte e tantos annos pelo Oriente, e esteve em Bijayanagara, o centro de uma das regiões das minas de diamantes, ainda conta a historia quasi do mesmo modo. Já se vê, que o nosso Orta não tinha rasão para ser tão severo com o pobre Tamara, o qual apenas repetia uma versão já enfraquecida e diluida de uma velha lenda, e de mais era um simples traductor, sem responsabilidade. (Cf. Lane, *Arabian nights*, III, 88, ed. de 1859; Yule, *Marco Polo*, II, 347, 349; Major, *India*, XL, e 29).

Entre outras cousas, Orta havia lido no livro de Plinio, que o *diamante* da India nascia ou procedia de uma substancia similhante ao crystal .... *quadam crystalli cognatione*. Não admitte o facto; mas, ignorando as profundas differenças de composição chimica e outras, que separam o *diamante* do crystal, tem de procurar diversos rodeios para refutar Plinio. Diz que na India não ha crystal, o que é um engano; e que embora haja ali pedras muito claras, como o «berilo», e a «çafira de aguoa», estas se não encontram nas regiões e junto das «rocas» de diamantes. Não creio que elle se refira ao verdadeiro *berylo*[1] —um silicato de alumina e glucina—, e deve por aquelle nome designar alguma variedade do crystal de rocha, assim como pelo de *sapphiras de agua* designa talvez uma variedade azulada do mesmo crystal, ou quartzo hyalino. A parte interessante d'esta discussão, é o que elle nos diz sobre a situação das rocas ou minas de *diamantes*— parte que será necessario examinar um pouco mais detidamente.

Não é possivel procurar uma a uma, quaes seriam aquellas minas; já porque as indicações de Orta são um tanto vagas, já porque as explorações mudavam com frequencia de logar. Tavernier é bem mais explicito do que Orta, pelo que diz respeito á localisação das minas

---

[1] Porque raros serão os crystaes de *berylo* em que se possam talhar «jarros e escudellas» e porque o nome de *berylo* se deu muitas vezes ao *quartzo esverdeado*.

onde esteve, e não obstante as cuidadosas pesquizas de um dos seus eruditos traductores, o professor V. Ball, ainda hoje se podem levantar duvidas sobre a verdadeira situação das suas minas de Raolconda, de Gani e outras. Com mais rasão teremos de nos limitar no nosso caso a identificações muito vagas e muito latas.

Em primeiro logar, Orta falla das «rocas» ou minas de «Bisnaguer». Isto é exactissimo; e elle refere-se ás explorações muito conhecidas do sul da India, nas margens do alto Pennar, nas terras de Bellari, nas margens do Tumbadra, affluente do Kishna, localidades todas situadas em volta de Vijayanagara, e todas exploradas em variados pontos desde tempos remotos. Os estados do rājā de Vijayanagara eram então muito extensos[1], e Orta podia sob aquella designação referir-se tambem ás explorações, ainda mais conhecidas e situadas a nordeste, nas alluviões do Kishna, e nas do Godavery, uma região depois muito celebrada sob o nome geral de Golconda. Devemos notar, que estas minas do sul são tambem mencionadas de um modo geral por Duarte Barbosa, o qual falla dos *diamantes* do Reino de Narsinga, isto é, de Bisnaguer, pois Narsinga e Bisnaguer eram synonymos para os nossos escriptores d'aquelles tempos.

Orta falla em seguida de uma «roca» no Deckan, perto da terra do «Imadixa» ou «Madremaluco», isto é, perto do Berar, governado então pela dynastia de soberanos mussulmanos, que tomaram o titulo de Imad Schâh. Estes diamantes vendiam-se em uma feira muito nomeada, celebrada em «Lispor», e não é difficil n'este nome reconhecer Elichpura, a capital do Berar. Onde estava propriamente situada esta roca é o que me parece difficil averiguar. Em varios pontos, das hoje chamadas Provincias Centraes, se tem encontrado *diamantes*, nomeadamente em Sumbulpur, e d'ali os podiam facilmente trazer a Elichpura. Por outro lado, em uma noticia ácerca das *pedras preciosas* da India, escripta pelo rājā Sourindro Mohun Tagore — citado por Streeter — vem mencionada a antiga Kosala, identificada com o Berar, como uma das regiões em que se encontravam *diamantes*. Ou no Berar, ou nas proximidades, em todo o caso no chamado Deckan, existiram varias minas, a que Orta — de accordo com Duarte Barbosa — chama de «roca velha», distinguindo as pedras d'ali das do sul, chamadas de «roca nova», consideradas por elles de qualidade e valor inferiores. É possivel que elles temporariamente tivessem rasão, isto é, que justamente por aquelle tempo se explorasse no sul algum jazigo, em que os *diamantes* tivessem um ou outro dos numerosos defeitos que os depreciam; mas de um modo geral esta apreciação dos nossos dois escriptores não se póde

---

[1] Orta escreve em 1563, e pouco depois aquelle estado desmembrou-se e quasi desappareceu.

acceitar—os *diamantes* do sul e da região de Golconda erão tão bons como os melhores. É tambem a proposito das rocas do Deckan, que Orta falla dos *diamantes naifes,* tomando a palavra —como já notámos— no mesmo sentido em que os joalheiros francezes empregaram a expressão *pointe naive.*

Por ultimo, Orta falla de rocas de *diamantes* no estreito de Tanjampur, para «as bandas de Malaqua». Esta indicação geographica é muito vaga; mas felizmente João de Barros encarrega-se de a explicar. Fallando da ilha de Borneo, diz assim: «nascem n'ella pelas praias do mar, junto da cidade de Tanjanpura, diamantes mais finos e de maior valia que os da India». Portanto os diamantes de que Orta falla são os de Borneo.

É forçoso confessar, que o nosso escriptor é exacto e completo n'esta parte: as alluviões dos rios do sul desde o Pennar até o Godavery, o planalto do Deckan, a ilha de Borneo, são no Oriente as tres regiões principaes dos terrenos diamantiferos; e todas tres são mencionadas por Orta nos meiados do XVI seculo. Quanto á lavra e regimen das minas vê-se que elle tinha sobre isso idéas geraes, mas bastante exactas, e unicamente cáe em um erro grave quando julga que o *diamante* se formava e crescia em pouco tempo, citando em apoio d'esta opinião o facto de se poder explorar fructuosamente uma «mineira» já explorada dois ou tres annos antes. O facto era verdadeiro; mas a sua explicação era muito diversa. Em alguns pontos, como conta detidamente Tavernier, exploravam nas epochas de estiagem as areias e cascalhos das ribeiras, e, passados annos, voltavam a explorar os mesmos sitios, para onde alguns *diamantes* haviam sido arrastados de novo das montanhas vizinhas. Isto, porém, em nada se parece com a formação *in situ* do *diamante,* na qual Orta acreditava. Á parte esta apreciação errada de um facto verdadeiro, todas as outras indicações de Orta sobre localisação e exploração do que elle chama «rocas» ou «mineiras» são muito chegadas á verdade (Cf. Tavernier, *Voyages,* II, 326 a 355; Edwin W. Streeter, *Precious stones and gems,* 104 a 123, fifth edition, 1892, London; Barros, *Asia,* IV, VI, 19; Duarte Barbosa, *Livro,* 278).

Passaremos muito de leve sobre outros pontos para não alongar em demasia esta nota. Ácerca de propriedades do *diamante,* Orta acertou algumas vezes e errou naturalmente outras. Alem das observações já citadas, em que emendou algumas idéas falsas dos antigos, reconheceu a *dureza* do *diamante,* sabendo que só podia ser lavrado por outro *diamante* ou pó de *diamante,* «posto na roda». Vê-se por esta phrase, que elle conhecia o modo de trabalhar dos lapidairos indianos, minuciosamente descripto annos depois por Tavernier. Diz tambem que o *diamante* não consentia ser «verrumado»; e, comquanto a partir justamente do seu seculo se começassem a perfurar alguns na Europa, é bem possivel que esta delicada operação se não fizesse na India. Reconhe-

ceu experimentalmente que os *diamantes* se *electrisam* pela fricção, e viu-os depois de «esquentados trazer a palha, como alambres»; mas exagera talvez um pouco quando affirma, que dous *diamantes* esfregados ficavam adherentes. Por outro lado, engana-se quando diz serem os *diamantes* de Tanjanpura mais pesados que os da India, pois a sua *densidade* é sempre a mesma. Engana-se tambem quando nota que «nem o foguo lhe faz nojo»; mas é claro que elle não dispunha de temperaturas sufficientemente elevadas, e não podia saber que o *diamante* era simplesmente carvão, antecipando-se assim ás experiencias da *Academia del Cimento,* e de Lavoisier.

Ácerca de propriedades toxicas, é perfeitamente acceitavel —e é conhecida na India e no Brazil— a historia dos trabalhadores que enguliam os *diamantes inteiros* sem inconveniente; mas é mais sujeita a caução, a do pobre doente a quem a mulher administrava *diamante moido,* sem com isso lhe determinar a morte.

Garcia da Orta residiu trinta e tantos annos em Goa, um dos mais importantes centros do commercio de pedras preciosas, e, curioso como era, deve ter visto muitos e muito bons diamantes. Não é nada exagerado no que diz a este respeito; *diamantes* brutos do peso de 140 *mangelis*, ou proximamente 170 quilates, como um que viu, ou do peso de proximamente 312 quilates, como um de que ouviu fallar, sendo seguramente muito bellos, estão dentro das dimensões conhecidas. Mesmo o que tinha o tamanho de um «ovo pequeno de gallinha» não está fora dos limites. O diamante do Grão Mogol, visto por Tavernier, e do qual elle dá uma representação no seu livro, pesava em bruto 793 quilates, e depois de talhado e mal talhado pelo veneziano Hortensio Borgis ficou pesando 280 quilates; na primeira fórma devia seguramente ter as dimensões de um ovo, e não muito pequeno[1].

Nota (2)

É necessario não confundir esta *pedra armenia* com a *terra armenia* ou *bolo armenio,* uma argilla ferruginosa, que, como a *terra de Lemnos* ou *terra sigillata,* figurou largamente na materia medica do tempo de Orta, e ainda muito posteriormente. A *pedra armenia* do nosso Orta, «hager armini» dos arabes, (حجر الارمني *hadjer el-armeni)* era «verde craro» e «azul algum tanto», o que de modo algum concorda com a côr avermelhada da *terra armenia.* Era um quartzo tinto de azul pelo *azul de cobre,* com uma mistura de côr verde, ou uma pedra calcarea

[1] Estava escripta e impressa esta nota, quando me veio parar á mão o artigo sobre *O Diamante,* publicado pelo sr. A. Bensaude na *Rev. de Scienc. nat. e sociaes,* II, 8; e que por isso não pude já citar n'este meu trabalho.

corada pela mesma substancia; ambos foram chamados *pedra armenia* pelos naturalistas até a uma epocha relativamente recente. Ás vezes confundiam-se estes mineraes com o *lapis lazuli*, como faz, por exemplo, Pedro Teixeira: *Tienne mas la Persia Ager Armeny, que es el lapis Armenus de nuestros medicos, que por otro nombre dizen lapis lazuli.* (Cf. Haüy, *Traité de miner.*, III, 570; Teixeira, *Relaciones*, 166).

Nota (3)

A *pedra de cevar* ou *pedra iman*, o oxydo de ferro magnetico ou magnetite polar, não era veneno, nem fazia os homens aluados ou doudos. Tambem os não impediria de envelhecer, como diz Orta na sua curiosa historia das panellas do rei de Ceylão, que foi depois copiada pelo nosso classico escriptor, Amador Arrais.

Quanto aos barcos das Maldivas, veja-se a nossa nota (vol. I, p. 245); e seguramente eram feitos assim pela rasão que Orta dá, e não pela que traz Antonio Musa.

COLOQUIO QUADRAGESIMO QUARTO

DAS PEDRAS PRECIOSAS, QUE SAM, SCILICET, ÇAFIRA, JACINTO, GRANADA, RUBIM, MEDECINAES

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Aguora he bem que falemos, pois he mais nesseçario á fisica, das pedras preciosas que emtram nas composições e letuairos cordiaes.

ORTA

Não vos ei de dizer senam das pedras medicinaes e das que ha na India, porque se dixesse de todas, seria numca acabar; e das medicinaes sómente vos direi das que emtram no letuairo *de gemis,* que commumente sam chamadas *fragmenta preciosa* (1).

RUANO

Dizei dessas, porque depois volo rogarei, e me direis de algumas outras.

ORTA

Direi em breves palavras. E porém destoutras he mais nesseçario, por vos aconselhar que leveis 10 crusados dellas, pera que deis aos buticairos de Castella, que daqui ávante comprem as verdadeiras pedras, pois não sam tam caras. A primeira he *çafira,* que he huma pedra que merece valer muyto, e comprase por pouquo dinheiro, o azul da qual he muyto aprazivel á vista: ha as de duas maneiras, scilicet, humas muyto escuras, e outras muyto craras, que chamamos *çafira de aguoa,* e estas não sam de tanto preço, e algumas vezes se emgastam com alguma tinta, que lhe dam, e parecem *diamães,* com que alguns foram emganados. E asi humas como outras ha em Calecut, e Cananor, e em

muytas partes dos reinos de Bisnagua*; e porém as milhores de todas sam as de Ceilam, e muyto milhores as de Pegú. E com serem pedras tanto apraziveis aos olhos, nunqua se achou alguma por grande e limpa, e de boas agoas que fosse, que escasamente chegasse a 1000 pardaos ou 1000 cruzados**: isto diguo, segundo o que ouvi nestas terras. Quando embora fordes pera Cochim, podeis comprar em Çalecut e em Cananor, dos pedaços que ficam quando as lavram, alguma cantidade, e tambem comprai dellas, asi inteiras, porque vallem pouquo dinheiro (2).

RUANO

Dizei dos *jacintos* e *granadas.*

ORTA

Destas ha tanta cantidade, que não he nesseçario, senão com pouquo dinheiro levardes hum saquo dellas: muitas achareis em Calecut e Cananor, e as lavradas dam huma corja (que sam 20) por hum vintem; e as por lavrar muito mais baratas; e as *granadas* nam tam sómente ha nas partes que dixe, mas em todas as terras firmes de Cambaia, e do Balagate se estam vemdemdo na praça por muito pouquo preço (3).

RUANO

Seguese da *sardonix.*

ORTA

Esta pedra nam ha nesta terra, e se alguma ha, vem de fóra della; e alem disso ha muita deferença em saber que pedra he (4); por tanto de meu conselho deveis de deitar em seu logar, quando a nam achares, *jacintos* ou *granadas;* os quais *jacintos* ha tambem perto de Lisboa em hum lugar que se chama Belas, e asi os pode aver em muitos cabos

---

* Habitualmente Orta escreve Bisnaguer.

** De 1:542$000 réis, a 2:160$000 réis em valor intrinseco, ou, suppondo o valor effectivo da moeda quatro vezes superior ao actual, de 6:000$000 réis a 8:000$000 réis proximamente.

de Espanha, se os buscassem; e estas duas pedras *jacintos* e *granadas,* querem alguns dizer que sam especias de *rubins.*

RUANO

E do *rubim* e do *carbunculo* que me dizeis?

ORTA

Digo que, debaixo deste nome de *rubim,* se contem muitas especias, e a mais principal se chama em grego *antrax,* e em latim *carbunculus,* que tanto quer dizer como brasa acesa.

RUANO

Essa queria eu ter para mim, e nam pera gastar na butica, porque ouvi dizer desta que alumiava de noite.

ORTA

Não creais isto, que sam ditos de velhas.

RUANO

E não vistes vós, ou ouvistes dizer que a avia?

ORTA

Nunqua a vi. Verdade he, que hum lapidairo me dixe que contára em huma mesa huns poucos de *rubins* muyto finos, que vieram de Ceilam, muyto meudos, a que chamamos *rubins de corja,* que he tanto dizer como comprados 20 a vinte, e diz que ficou hum metido entre as dobras da meza, e que de noite, ás escuras, parecia a meza que tinha huma faisca de fogo, e foy á meza com huma candêa, e achouse hum *rubim* muyto pequeno, e que des que o tirou nunqua mais pareceo a faisca na meza: se isto he verdade ou mentira, não o sei. E sei que mo contou este lapidairo, o qual oficio faz dizer ás vezes mentiras, posto que as dizem por seu proveito, porém ficam tam mal acustumados disto, que ás vezes as dizem por falar á sua vontade maravilhas.

RUANO

Loguo, quando o *rubim* for muyto fino, em cor e aguoas, quero dizer que seja de vinte quatro quilates em cor*, chamarlheemos *carbunculo?*

ORTA

Pareceme que si; e eu vi já alguns destes a que chamam *toques,* e tem o preço segundo a grandura, e feiçam e aguoas, e o mais caro que eu vi foy hum que diziam valer 20 mil cruzados**; este tinha hum grande senhor no Decam, que mo mostrou por ser eu muito privado seu, e me tomou minha palavra que o nam dixese á gente daquella terra, nem ao rey della; dixeme que lhe custara seis mãos de ouro, que sam perto de cinquo arrobas portuguezas.

RUANO

Esse era bom pera gastar na botica, segundo os buticairos sam liberaes.

ORTA

Não, que para a botica achareis muytos tam baratos como os *jacintos;* por tanto tambem levai alguma cantidade a Castella. Ha outra especia, que chamam *balax,* que he algum tanto roxa, este he de menos preço; ha outra a que chamam *espinhela,* este he de cor mais cheguada á braza, e tambem este he de menos preço, porque não tem as agoas de verdadeiro *rubim.* Ha outros *rubins* brancos em muyta maneira. Ha outros que tiram hum pouquo a encarnado, ou mais propriamente a cereija branca, que se quer fazer madura. Ha outros *rubins* que sam ametade brancos e ametade vermelhos, e outros que sam ametade *çafiras* e ametade *rubins.* E de todas estas feições vi, e se vos relevar, volas mostrarei, antes que vos vades. E posto que ha outras muytas especias destes *rubins,* delles vos nam quero falar,

---

* Isto é, absolutamente perfeito na côr.

** Um pouco mais de 43:000$000 réis em valor intrinseco; ou o equivalente a 172:000$000 réis de hoje.

nem de seus preços, porque não sei isto muito bem sabido, scilicet, o dos preços.

RUANO

Não podeis escusar de me dizer a conta da variaçam das cores desses *rubins*.

ORTA

O que ouvi dizer mais conforme á rezam he, que o *rubim* na roca, quando he perto do seu nacimento, he branco, e em amadurecendo adquire aquella perfeiçam que he ser vermelho; e, porque esta perfeiçam não se pode adquirir subitamente, ás vezes o acham encarnado como dixe, e outras vezes de huma das bandas vermelho, e de outra branco. E porque a *çafira* e *rubim* dizem ser de huma roca, portanto se acha em huma pedra hum *rubim* meo *çafira* e meo *rubim;* e ha outras pedras, que tem tam mesturado o azul com o vermelho, que pareçe huma verdadeira composiçam de azul escuro e vermelho, e casi como roxo; e a estas pedras chamam em algumas lingoas desta terra *nilácandi;* que quer tanto dizer, como *rubim* e *çafira*.

RUANO

Os nomes destas pedras me dizei em arabio e na lingoa da terra.

ORTA

O *rubim* chamam os Arabios e Persios *jacut,* e a gente desta terra *manica,* e os *jacintos* e *granadas* tem uns nomes particulares, como quem diz *rubim amarelo,* e *rubim preto* a *granada;* e a *çafira* se chama *nilá*.

RUANO

A milhor pedra e a mais nesseçaria me não dixestes, que he a *esmeralda,* que entra no letuairo *de gemis,* chamandoa *ferruzegi?*

ORTA

Não valem as *esmeraldas* tam baratas, que por *esmeralda* se aja de entender *ferruzegi:* porque as *esmeraldas* ha muito poucas, e de muito grande preço; e não se sabe a propria roca dellas; de maneira que as que ficam donde

as soem lavrar, não se pode achar tanta cantidade que abaste; e quem diz que *ferruzegi* quer dizer *esmeralda* não sabe arabio; nem a emtençam de Mesue foy entrar *esmeralda* nesta composiçam, posto que o contrairo sentio Cristoforo de Honestis*, comentador de Mesue. E a causa disto he, porque *esmeralda* em persio e em lingua desta terra, se chama *pachec,* e em arabio *zamarrut;* e Serapio no capitulo da *esmeralda***, onde diz *zabarget,* ha de estar *zamarrut;* nem ha de estar *tabarget,* como sente o Pandetario***.

RUANO

Pois *ferruzegi* que quer dizer?

ORTA

Aveis de saber que *p* e *f* no arabio sam letras muyto irmans (como já outras vezes vos dixe); por onde, no Mesue em arabio, este *ferruzegi* quer dixer *turqueza* ou da turqueza: porque *puruzá* em arabio**** quer dixer *turqueza,* das quaes ha muita cantidade em toda a Persia.

RUANO

Verdadeiramente que por este só ponto ouvera de vir á India, e se vos nam achára, por ventura mo nam dixeram cá; daqui em diante onde achar *ferruzegi* em Avicena ou em qualquer livro dos Arabios, entenderei *turqueza,* e nam consintirei a buticairo, que deite no letuario *de gemis* esmalte verde, nem outras pedras verdes; porque me lembra que o outro dia, vindovos aqui a vender huma joia, com muitas *esmeraldas* meudas, me dixestes que todas aquellas eram falsas, e que no Balagate e em Bisnaguer as faziam

---

* Cristoforo de Honestis (nota do auctor).

** Serapio, cap. 384 (nota do auctor).

*** Matheus Silvaticus (nota do auctor).

**** Parece que Orta se enganou, e quereria dizer em persiano, ou parsio; veja-se a nota (6).

de vidro dos frasquos, scilicet, do mais grosso delles, e que era cousa tam comum entre elles, que se nam corriam disso; e por isso onde eu vir *esmeralda,* direi antes que a não bote no letuairo sem saber muito certo o que he, *a viride vitro libera nos domine.* E mais as nossas *esmeraldas* do Perú, diz hum doutor moderno, que sam muyto más pera o uso da medecina

ORTA

Diguo que estas pedras do Perú chamadas *esmeraldas* vieram cá a esta terra; no principio valiam muyto, e depois que cairam nellas, acháram ser falsas, e não dam dinheiro por ellas; portanto tambem dessas me parece que vos aveis de guardar (5).

RUANO

Dizeime das *turquezas,* se sam usadas em fisica ou não.

ORTA

Alguns me dixeram que si, e outros que não, entre os Gentios, porque entre os Mouros, todos os mais dizem que sam usadas na fisica (6).

RUANO

Dizeime da *crisolita* e da *amatista,* e do *birilo* (pois dizeis que *cristal* não ha nesta terra) e da *alaqueca,* e do *jaspe.*

ORTA

Do *jaspe* vos nam direi, pois o ha mais nas vossas terras, e sabeis mais delle que eu; com tudo vos sei dizer que ha cá porcelanas pequenas de *jaspes,* ou de pedras verdes, que parecem de *esmeraldas,* e já pode ser que a pedra que está em Genoa, que dizem ser de *esmeralda,* seja desta pedra, e amostralaam poucas vezes por alcançar mais autoridade, e falarem á sua vontade os Genoeses; porque a mim me davam no Balagate huma porcelana por 200 pardaos*; e se fora *esmeralda,* a milessima parte della ma não deram por

* «Porcelana» é tomada aqui no sentido de taça, como se tomava habitualmente por aquelle tempo; veja-se a nota (7).

elles, segundo a estima que ácerqua delles está a *esmeralda* (7). Do *birilo* já vos dixe, falando no *diamam,* a muita cantidade que ha delle nas terras de Cambaia, e de Bisnaguer e Ceilam, e em outros muytos cabos. A *crisolita* ha em Ceilam, e as *ametistas* tambem; e asi ha em Balagate do Nizamoxa estas pedras e outras muytas; e todo aquelle Balagate está cerçado de muytos generos de pedras (8). A *alaqueca* chamada de nós (que he em Arabio chamada *quequi),* val hum arratel desta pedra lavrada em peças meudas hum real castelhano; e esta pedra tem a vertude mais crara que todallas outras, porque estanca o sangue mui de supito (9).

RUANO

Os *olhos de gato* me parecem muyto bem; onde os ha?

ORTA

Os milhores ha em Ceilam, e valem mais cá que em Portugal, porque eu vi hum, levado pera Portugal, que valia cá 600 cruzados, e em Portugal não davam por elle mais que 90, e tornou cá e foy vendido por sua valia: e por isso não leveis de cá estas pedras pera Portugal por mercadoria (10).

RUANO

Que propriedade tem?

ORTA

Diz a gente desta terra, que tem a propriedade de conservar ao homem nas riquezas que tem, e não diminuir dellas, e porém que se pode acresentar mais nellas.

RUANO

Onde ha estes *rubins,* que mo não dixestes?

ORTA

Alguns poucos ha em Ceilam, porém sam muito bons, outros vem do Pegú, e dizse que vem ali ter das terras do Bramá, que he muyto longe. E isto sam emformações as mais certas que tenho; se nisto érro alguma cousa, perdoaime, que nam sei inteiramente todas as cousas.

Nota (1)

A formula do «letuario de gemis», extrahida de uma pharmacopêa pouco posterior ao tempo de Orta, é a seguinte:

ELECTARIUM DE GEMMIS SINE SPECIEBUS DOMINI MESUES

R. Margaritarum albarum—*drachmas duas*
Coralli rubri—*scrupulos duos*

Sapphirorum
Hyacinthorum
Granatorum
Sardii
Smaragdi
Foliorum auri
Foliorum argenti
—*ãn drachman unam et semiſsem*

Misce et ſac pulverem artificiosé.

Parece, pois, que os *fragmenta pretiosa* eram a *sapphira, jacintho, granada, sardonix* e *esmeralda.* Sobre a applicação d'estes nomes havia, porém, duvidas, não se sabendo bem ao certo o que fosse o *jacintho* e a *sardonix.* Tambem não é claro que a *esmeralda* devesse entrar n'esta composição. Mesué havia indicado um dos ingredientes com o nome de *feruzegi,* que os commentadores suppunham em geral ser a *esmeralda:* ..... *feruzegi id est smaragdi;* mas Orta, como melhor veremos em outra nota, tem duvidas e bem fundadas de que o *feruzegi* de Mesué seja effectivamente a *esmeralda.*

Nota (2)

Reuniremos n'esta nota o que diz respeito á *sapphira* e ao *rubim,* de que Orta falla no seguimento do *Coloquio.* As duas pedras são simples variedades da mesma especie mineralogica, o **coryndon** (*telesio* de Haüy), um sesquioxydo de aluminio; e é notavel que Orta suspeitasse já este facto, comquanto não podesse saber que a composição chimica das duas pedra é identica ou quasi identica, nem que ellas crystallisam no mesmo systema. É muito explicito a este respeito: «e porque a *çafira* e *rubim* dizem ser de uma roca, portanto se acha em huma pedra hum *rubim* meo *çafira* e meo *rubim*». São hoje bem conhecidas estas

pedras de duas cores. O sr. Streeter affirma ter tido em seu poder um *coryndon* de 20 quilates, meio azul e meio vermelho; e cita uma noticia de Crawfurd, a quem, estando em Ava, trouxeram á venda duas pedras d'esta natureza, uma das quaes era dividida pelas cores azul e vermelha em duas partes iguaes. É justo dizer, que Duarte Barbosa tinha a mesma correcta noção sobre a identidade fundamental das duas pedras. Fallando do *topazio* diz o seguinte: «he pedra mui dura e mui fria e do peso do Rubi e Safira, porque todas tres são de huma mesma especie». Esta phrase é extremamente notavel, e é exactissima, admittindo que Barbosa se referia ao *topasio oriental*, uma variedade amarella do *coryndon*.

A respeito dos *rubins* e de antigas lendas, Orta falla unicamente da que lhes attribuia luz propria, chamando-lhe sem hesitação «ditos de velhas». A idéa era antiga, e nasceu naturalmente do brilho e côr do *rubim*, que lhe davam a apparencia de possuir luz e calor proprios, e de onde lhe vieram os nomes de ἄνθραξ e de *carbunculus*. Plinio diz, que os sinetes de *carbunculos* derretiam a cera..... *ceras signantibus his liquescere, quamvis in opaco*. O conhecido peregrino buddhista do VII seculo, Huen Thsang, affirma que um *rubim*, collocado sobre o templo de Ceylão onde se guardava o dente de Buddha, se via brilhar em noites serenas a uma distancia de 10:000 *li*. E, muitos seculos depois, o famoso e pouco veridico viajante, Sir John Maundeville, falla de um *rubim* ou *carbunculo* de meio pé de comprimento, que o Grão Cão do Cathay tinha em um dos seus quartos e illuminava de noite todo o aposento.

Ácerca da procedencia dos *rubins*, Orta sabia em primeiro logar que estas pedras vinham de Ceylão, o que é exacto. Aquella formosa ilha deveu uma parte da reputação, de que gosou desde tempos muito antigos, ás suas pedras preciosas e nomeadamente aos seus *rubins*. Entre os variados nomes da ilha, Taprobana, Serendib e muitos outros, encontram-se alguns derivados d'aquella circumstancia, como *Ratnadvipa*, a ilha das pedras preciosas, ou *Djazirat al-Yacut*, a ilha dos *rubins*. Orta conhecia igualmente a sua procedencia do Pegu, como a conheciam outros escriptores portuguezes do seu tempo. «Achão-se principalmente» — diz Duarte Barbosa — «em um rio chamado Pegu, e estes são os melhores e mais finos». Gaspar Corrêa dá a mesma noticia «..... e mórmente por amor dos rubys, que comprão escondidos, que na terra (Pegu) ha os milhores que se achão na India». Orta sabia mais, que estes *rubins* vinham do interior..... «vem ahi ter das terras do Bramá, que he muyto longe». O mesmo sabia Duarte Barbosa, dizendo que para dentro de Daua (de Ava), em roda de «Capelam» se «achaom muitos rubis, que trazem a vender á feira Daua». A situação exacta d'estas minas de *rubins* foi desconhecida durante muito tempo; mas recentemente um relatorio do sr. W. Lockhart, engenheiro da *Burma Ruby*

Mining Company, diz que os jazigos se encontram na margem esquerda do Iravady, muito acima de Mandalay e da antiga capital Ava, em volta da villa de Mogok, e da localidade de Kyat-piyu, que deve ser o «Capelam» de Barbosa. Como se vê, aquellas minas estão e estavam situadas no alto Burmá, em plenas «terras do Brama», ficando assim perfeitamente confirmadas as noticias, alcançadas por Orta e Barbosa ha mais de tres seculos.

Quanto á procedencia das *sapphiras*, Orta indica Ceylão e Pegu, o que é exacto, pois em ambas as regiões se encontram á mistura com os *rubins;* e indica tambem o Malabar e terras de Vijayanagara, no que póde haver um engano, tendo elle tomado outras pedras por verdadeiras *sapphiras* (Cf. Jannetaz, *Diamant et Pierres précieuses*, 243, Paris 1881; Streeter, *Precious stones and gems*, 151, 168, London, 1892; Tavernier, *Voyages*, 355; Plinius, XXXVII, 25; Yule, *Cathay*, CLXXVII; e *Marco Polo*, II, 296; Duarte Barbosa, *Livro*, 363, 376, 381; Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 851).

Ao mesmo tempo que Orta approximava a *sapphira* do *rubim*, não obstante terem côres diversas, separava do verdadeiro *rubim* algumas pedras vermelhas, e habitualmente designadas pelo mesmo nome, o *rubim balax* e o *rubim espinela*. Ainda n'este caso tinha rasão; aquellas pedras pertencem á especie mineralogica **spinela**, um aluminato de magnesia, crystalisando no systema cubico. Orta caracterisa bem as suas côres, mais «cheguada á braza» na *espinela*, e mais desmaiada no *balax*; e separa-as do *rubim oriental* ou *coryndon vermelho* por uma nota bem observada: «porque não tem as aguas do verdadeiro rubim». Barbosa tambem as distingue, dando sobre a sua procedencia algumas noticias interessantes, e indicando a origem do nome de *balax* ou *balass*, pois diz que vinham da «Balassia», uma terra firme para dentro de Pegu e Bengala. O nosso Duarte Barbosa não podia conhecer a geographia do interior tão bem como a do littoral; e a sua Balassia, isto é o Badakhshan, ficava muito longe d'ali, para os lados do alto Oxus e do Pamir. Ibn Batuta explica muito bem a derivação do nome, dizendo que o *rubim* badakhshi, se chamava vulgarmente *al-balakhsh*.

Orta distingue tambem a *sapphira de agua* da verdadeira *sapphira oriental*. É provavel, que elle designasse já por aquelle nome a mesma pedra a que hoje se applica, a **cordierite** (ou *iolite)*, um silicato de alumina, magnesia e oxydo de ferro, bastante commum em Ceylão; mas é possivel, que algumas das suas *sapphiras* «muito craras» fossem simplesmente variedades azuladas do crystal de rocha, ás quaes ainda no tempo de Romé de Lisle se dava tambem o nome de *saphir d'eau* (Cf. Jannetaz, l. c., 254 e 278; Streeter, l. c., 208 e 294; Barbosa, *Livro*, 278; Yule e Burnell, *Gloss.*, 39; Haüy, *Traité de mineralogie*, II, 418).

Nota (3)

Varias pedras têem recebido o nome de *jacinthos* ou *hiacinthos;* e por vezes estas duas fórmas do mesmo nome têem sido applicadas por diverso modo, comquanto habitualmente se tomem como synonymos. Não é facil saber, se o «jacinto» de Orta seria uma variedade de *coryndon* chamada *jacintho oriental,* ou o silicato de zirconia, tambem chamado *jacintho;* mas é mais provavel, que elle designasse assim uma variedade amarella alaranjada da **granada** (um silicato de alumina e outras bases) bastante frequente em Ceylão. Se Orta diz, que estas pedras se encontravam em abundancia nos portos commerciaes de Calicut e Cananor, é porque as traziam para ali de Ceylão. Quanto ás *granadas* ordinarias de côr escura, alem de virem de Ceylão, encontravam-se em varias partes do Hindustão, e por isso Orta diz serem frequentes nos mercados do interior. Estas pedras eram communs e deviam ser extremamente baratas, tendo sobretudo em vista, que Orta não falla como um joalheiro, procurando bonitos e grandes exemplares, mas simplesmente como um medico, contentando-se com pequenos fragmentos, proprios para o uso das boticas de então.

Em um dos paragraphos seguintes, Orta falla dos *jacinthos (granadas)* de Bellas. É bem sabido, que não longe de Bellas, nos basaltos do monte Suimo, assim como em Cintra, na zona de contacto dos terrenos sedimentares e eruptivos, se encontram *granadas,* que em tempos deram logar a algumas explorações ou tentativas de exploração. A existencia d'estas pedras parece haver chegado já ao conhecimento de Plinio, o qual, fundando-se na auctoridade de um certo Bocchus, diz encontrarem-se *carbunculos* (e por esta palavra designava qualquer pedra vermelha ou roxa) nos campos de Lisboa: *Bocchus et in Olisiponensi erui scripsit, magno labore ob argillam soli adusti.* (Cf. Jannetaz, 1. c., 371 e seguintes; Plinio, XXXVII, 25).

Nota (4)

«Ha muyta deferença em saber que pedra he a *sardonix*», diz o nosso escriptor. Seria effectivamente difficil averiguar o que era a pedra d'este nome, engastada no logar superior á direita no *racional* do summo sacerdote hebraico; ou o que era a pedra do anel, lançado ao mar por Polycrates de Samos, e maravilhosamente encontrado depois no interior do peixe. É pouco provavel, que estas famosas pedras fossem simplesmente as *agathas* com veios corados, bastante communs, a que hoje chamâmos *sardonix.* Orta não trata de profundar muito a questão, e diz com uma certa indifferença: quando não tiverem *sardonix,* sirvam-

se dos *jacintos* ou *granadas*—evidentemente o effeito therapeutico devia ser o mesmo.

Nota (5)

Orta falla da verdadeira **esmeralda**, um silicato de alumina e glucina, tendo a composição chimica do *berylo* e da *agua marinha;* mas distinguindo-se bem d'estas pedras vulgares e de baixo preço, pela côr verde, intensa e caracteristica.

A *esmeralda* era n'aquelle tempo uma pedra rara e cara, a mais cara de todas; e Orta ignorava a sua procedencia: «e não se sabe a propria roca d'ellas». Um seculo depois, Tavernier, não obstante haver percorrido todo o Oriente, occupando-se muito particularmente do commercio das pedras preciosas, Tavernier estava na mesma ignorancia: ..... *j'avouë que je n'ay pu encore découvrir les lieux et les endroits de nostre Continent d'où on tire ces sortes de pierres.* Parece que as *esmeraldas* dos antigos, pelo menos a parte do que elles chamaram σμαραγδος e *smaragdus* que se póde considerar como sendo a verdadeira *esmeralda,* porque sob aquelle nome elles designaram evidentemente variadas pedras verdes, parece —digo— que as *esmeraldas* dos antigos procediam principalmente da Africa, por exemplo, de Sikait e Djebel Zabbara no alto Egypto, a leste do Nilo e não longe das costas do mar Vermelho. Cosmas Indicopleustes já falla (545 proximamente) d'estas *esmeraldas* da Ethiopia, que eram levadas para a India, e pagas ali por altos preços. Edrisi (1154) ainda se refere ás minas, situadas nas proximidades de اسوان, Asuan, como sendo activamente exploradas no seu tempo; mas caíram depois n'um certo abandono, ou pelo menos n'uma certa obscuridade. Como acabâmos de ver, eram completamente ignoradas de Garcia da Orta e de Tavernier. Duarte Barbosa tem, porém, a este respeito uma indicação muito notavel: «as esmeraldas nascem no Reino *(paese)* de Babilonia, aonde os indios chamão o Mar Deiguan». Não sei o que os indios chamariam mar Deiguan; mas o reino ou paiz de Babilonia no tempo de Barbosa (1516) deve ser o Egypto; e temos assim mais uma, na extraordinaria copia de informações exactas, colligidas por aquelle escriptor. O flamengo Linschoten, copiando muitas cousas de Orta, dá no emtanto noticias suas, e entre ellas uma que concorda com a de Barbosa: *ex Cayro Ægypti orientales (smaragdi) quoque dicti multi in Indiam deferuntur.* Isto está de accordo com a opinião de Laet —citado por Streeter— de que se tiraram *esmeraldas* d'aquellas minas até ao XVII seculo. Esta velhas minas abandonadas do Egypto foram visitadas no principio do nosso seculo pelo francez Cailliaud, e muito recentemente (1891) pelo sr. E. A. Floyer, que escreveu ácerca d'ellas uma noticia interessante. Fóra da Africa, algumas *esmeraldas* se encontravam na Asia central, mas em regiões afastadas e mal conhecidas,

que muito naturalmente escaparam ás investigações de Orta e Tavernier.

Alguns annos antes de o nosso Orta escrever haviam começado a vir para a Europa e para o Oriente as *esmeraldas* do Peru, que mais tarde, pela sua relativa abundancia, determinaram uma grande baixa de preço. Orta conhecia-as, e tinha-as na conta de falsas. Isto é mais uma prova, sobre muitas, de que elle se deve considerar um tanto parcial no que diz respeito ás cousas das Indias occidentaes. Aquellas riquissimas possessões dos hespanhoes offuscavam-no, como offuscavam quasi todos os portuguezes, e esta especie de ciume ou rivalidade traduzia-se por vezes em apreciações menos justas. Ao contrario do que elle diz, as *esmeraldas* da America eram perfeitamente verdadeiras e de excellente qualidade e agua. Pelo que diz respeito ás propriedades medicinaes d'aquellas *esmeraldas*, as duvidas eram naturaes, e não foram manifestadas unicamente pelo nosso escriptor. Na formula, por exemplo, da *Limonata smaragdorum*, recommenda-se expressamente o emprego das *esmeraldas orientaes*[1], condemnando-se implicitamente o das *occidentaes*. Todo o empenho consistia então em encontrar os verdadeiros ingredientes, mencionados pelos antigos, e acceitavam-se difficilmente estas pedras novas, vindas de uma região nova, não conhecida de Avicenna e de Mesué. É claro que tudo isto nos parece hoje pueril; mas quem sabe se a medicina futura não considerará tambem pueris algumas das distincções que hoje se fazem (Cf. Tavernier, *Voyages*, II, 359; Edrisi, *Géogr.*, I, 36; Duarte Barbosa, *Livro*, 382; Linschoten, *Navigatio*, 86; Streeter, l. c., 222; Jannetaz, l. c., 262; *Concordia pharmac.*, 28).

Nota (6)

É difficil annotar com uma certa ordem este desordenado *Coloquio*, e reuniremos aqui as breves reflexões a fazer sobre o pouco que Orta diz da *turqueza* em todo o *Coloquio*. Elle sabia que estas pedras vinham da Persia, como o sabiam em geral os portuguezes do seu tempo, por exemplo, Pedro Teixeira, o qual marca exactamente a situação das minas em «Nixábur», ou Nischapur. Orta diz-nos, tambem, que os «mouros», não os hindus, consideravam a *turqueza* medicinal. A este respeito faz algumas considerações interessantes. Mesué havia indicado, entre os componentes do *Electarium de gemmis*, um denominado *feruzegi*, que os commentadores, como Cristovão de Honestis e outros, interpre-

---

[1] Isto é, *esmeraldas* de procedencia oriental ou do Velho Mundo; e não o que os livros especiaes chamam hoje *esmeralda oriental*, que é uma variedade verde do *corundon*, excepcionalmente rara.

tavam *esmeralda*, que nas Pharmacopêas se tomava tambem pela *esmeralda*: *feruzegi, id est smaragdi;* mas que Orta quer que seja a *turqueza*. Orta tem rasão; o nome arabico da *turqueza* é فيروزج, *firuzedj*, derivado do persiano پيروزه, *piruzá*, portanto o *feruzegi* das translitterações latinas é claramente a *turqueza* (Teixeira. *Relaciones*, 156; Freytag, *Lexicon* s. v.).

Nota (7)

Orta deve ter rasão, quando diz que a grande pedra de Genova não deveria ser uma *esmeralda*, e sim qualquer outra pedra verde, talvez um *jaspe*. Do mesmo modo, como já indicámos, algumas das enormes pedras, mencionadas por Theophrasto como σμάραγδος, e por Plinio como *smaragdus*, podiam ser tudo, menos verdadeiras *esmeraldas* (Theophrasto, *De Lapidibus*, 344, edição Wimer; Plinio, xxxvii, 19).

Orta falla das «porcelanas» de *jaspe verde* que se vendiam na India, tomando a palavra no sentido de taça, independentemente da substancia de que era formada. *Porcelana* parece ter significado primitivamente a concha de um mollusco, cuja *madre perola* se applicava ao revestimento de objectos de ornato e de taças. Tem este sentido em um documento portuguez do seculo de Orta. No dote da infanta D. Beatriz, duqueza de Saboya, figuram (1522): «Seis manilhas de porcelana, encastoadas em ouro; e ás duas falecem peças de porcelana». Evidentemente a palavra designa aqui uma substancia, que revestia as manilhas ou pulseiras. Pelo facto d'aquella substancia revestir algumas taças passou depois a significar a taça. Em uma relação de objectos pertencentes á guarda roupa de El-Rei D. Manuel, encontra-se a seguinte menção: «quatro porcelanas da China de prata»; e em um inventario de joias e prata a cargo da camareira D. Mecia Dandrade (1558) vem indicadas: «Quatro porcelanas, a saber, tres de agata, uma de jaspe, guarnecidos bocal e pé de ouro.....». É exactamente o sentido em que Orta toma a palavra. Mais tarde a mesma palavra passou naturalmente a designar uma substancia de que se faziam taças, e fixou-se no sentido que ainda conserva. Mais alguma cousa haveria a dizer sobre estas variações de sentido, com as quaes não concordam todos os etymologistas; mas não temos tempo para debater este ponto especial (Cf. *Provas da Hist. Genealog.*, ii, 348, 460, 776).

Nota (8)

A *amethista*, uma variedade roxa do **quartzo hyalino**, é frequente em Ceylão e outras regiões. O nome de *crysolitha* tem sido dado a diversas pedras; mas parece que Orta quereria fallar da *cryso-*

litha oriental, uma variedade do **crysoberyl** (ou *cymophana),* um aluminato de glucina, que se encontra no Oriente, Pegu, Borneo, Ceylão (Cf. Jannetaz, 1. c. 259).

Nota (9)

A *laqueca* ou *alaqueca* era a variedade vermelha ou côr de carne da **calcedonia** (um *quartzo* amorpho e semi-transparente) vulgarmente chamada hoje *cornalina* ou *cornelina.* O antigo nome portuguez vinha do arabico *'aqiqá* («quequi» do nosso Orta), junto ao artigo, العقيقة *al'aqiqa* (Sousa, *Vestigios,* 143; Dozy, 56).

A *laqueca* encontrava-se nas terras do Guzerate, em uma localidade chamada «Limadura», e dava logar a um commercio de certa actividade. Eis o que diz Duarte Barbosa:

«Indo mais ha ho diante desta cidade de Cambaya, ha ho certam dela, está hũu lugar que chamaom Limadura, honde está hũa pedra (pedreira) dalaqueca, que he huma pedra branqua leitenta e vermelha, e dentro no foguo ha fazem muyto mais vermelha; arranquam-na em muy grandes pedaços, e aquy ha grandes mestres que a lavraom, e furaom e fazem de muytas feições, scilicet, compridas, outavadas, redondas, folhas doliveta (?), e em muytos aneis, cabos de tresados e adaguas, e de outras maneiras».

Dá depois noticia de que estes objectos de *laqueca* saíam d'ali para o Mar Roxo, para a Arabia, Persia, e «pera a India (Goa e India portugueza) honde as nossas gentes as compraom pera levarem a Portugal». Na *Lembrança das Cousas da Ymdea* encontra-se tambem uma longa lista de preços da «alaqueca de canudo, dolyveta (?), de cosouro (?)», e de contas, aneis, cabos de facas, colheres, garfos, tachas de punhaes, tudo feito d'aquella pedra, e valendo preços relativamente muito baixos (Cf. Barbosa, *Livro,* 286; *Lembrança,* 51).

A virtude, attribuida á *laqueca,* de estancar o sangue, era muito sabida, e vem citada repetidas vezes em livros antigos, por exemplo, no de Ibn-al-Baitâr (citado por Dozy).

Nota (10)

A diversas pedras se deu o nome de *olho de gato,* por exemplo, a algumas variedades de quartzo; mas o verdadeiro *olho de gato* de Ceylão, parece ser —segundo Streeter— uma variedade do *crysoberyl* já citado. João Ribeiro descreve-o com muito enthusiasmo..... «mostrão (estas pedras) uma côr composta de quantas Deos creou: nenhuma d'ellas per si se divisa, de todas se faz uma composição maravilhosa» (Streeter, l. c., 228; Ribeiro, *Fatalidade,* 60).

COLOQUIO QUADRAGESIMO QUINTO

DA PEDRA BEZAR

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

ORTA

Muito me maravilho não me perguntardes polla *pedra bezar,* pois he tam louvada de todos os Arabios, e com muita rezam.

RUANO

Não vos perguntei por ella, porque já na pratica que tivemos sobre a *colérica pasio* a louvastes muyto, e eu leixava de vos falar nella, por me parecer cousa falsificada polla maior parte; e nam por ella não ser tam louvada, que as mézinhas que livram de peçonha, lhe chamamos *bezedaricas* per excelencia*; por tanto me fareis muita merce de me dizer em breves ditos de seu nacimento, e eleiçam, e falsificaçam, e o pera que se usa na gente desta terra, e se sam estimadas em muyto.

ORTA

Chamase o carneiro (ou mais verdadeiramente bode) *pazam* em lingua da Persia, e ha este carneiro no Coraçone e na mesma Persia; e eu vi aqui em Goa hum ruivo e grande, e dixeramme que avia outros mais pequenos e da mesma cor, e doutra cor. E nos buchos destes bodes se cria esta pedra sobre huma muyto delgada palha, que está no meo, e ahi se vai tecendo, e fazemdo casco, como de cebola; a qual he feita como huma coluna redonda, e ás vezes não he de huma feiçam; e muytas vezes se acha esta palha na pedra, como eu já vi; e outras vezes não lha acham, e por

---

* Monardes usa a mesma expressão;..... *omnia medicamenta venenis resistentia, bezaardica per excellentiam nuncupentur.*

a maior parte he muyto lisa, e a cor he como de bringela; e ha as grandes e pequenas; e os senhores estimam em mais as muyto grandes, porque dizem que no maior corpo consiste a maior virtude; e eu tive cá huma que pesava perto de cinquo oitavas, e comtudo em Portugal foy estimada em pouquo; e comtudo deuse lá por 3o e dous mil reis, e cá custou mais alguma cousa. E, senão fora por a diligencia que teve quem a vendeo, nam se achára dinheiro por ella; porque trabalhou muyto polla vender bem.

RUANO

Sabeis certo de como se gera?

ORTA

Si, porque desfazendo a pedra, acheia feita sobre esta delgada palha; e homens dignos de fé me dixeram, que asi eram todas em Ormuz. E depois me achei em huma armada, na ilha das Vacas, (que he alem do cabo de Comorim) onde vi matar muytos bodes pera a armada, que eram muyto grandes; e os bodes grandes, polla mor parte, tinham esta pedra no bucho; onde ouve muytas pedras a gente que as quis buscar. E depois ficou em custume aos que tomam aquella ilha de matarem muytos bodes; e tomaram aos de Benfiala aquella ilha, pera descaregar alguma parte do navio, por causa dos baixos de Chilam, assi que sempre trazem dahi muytas *pedras de bezar* (1).

RUANO

Logo não as ha sómente na Persia?

ORTA

Tendes muyta rezam, porque tambem as ha aqui nesta ilha que dixe, e asi as ha em algumas partes de Malaqua; porém temse por muyto milhores as da Persia, e as do Coraçone; e conhecem os Mouros a deferença que ha emtre humas pedras e outras; e pera saber se sam falsificadas, apertam as na mão, e lhe asopram pera ver se lhe sai o

vento; porque estas tem elles por contrafeitas. Chamase esta pedra *pazar,* do *pazam* (bode asi chamado), e asi quando vos cá pedem alguma mézinha contra a peçonha, lhe chamam *pazam,* e asi chamam o *locornio** e a *triaga* alguns. Este nome de *pazar* lhe chamam todos os Coraçones e Persios e Arabios; e nós os da Europa coruptamente lhe chamamos *bezar,* e a gente indiana mais coruptamente lhe chama *pedra de bazar;* que quer dizer pedra da praça, ou da feira; porque *bazar* quer dizer luguar donde se vendem as cousas.

RUANO

E pera que usam della, e quem usa mais della?

ORTA

A gente desta terra usa della, porque nos vê fazer o mesmo pera a peçonha; e os Mouros de Ormuz e do Coraçone tomão até 3o grãos, quando muyto; e assi usam desta pedra pera todas as emfermidades melamcolicas e venenosas. E todallas pesoas ricas se purguam duas vezes cada anno, huma per março, e outra per setembro, depois de purgados tomam por cinquo manhans dez grãos cada manhã, deitados em aguoa rosada; e dizem que com isto se conserva a mocidade; e alguns me dixeram a tomavam cada mez duas vezes, pera fortificar os membros principaes, e pera serem mais poderosos nos jogos de Venus. E eu seivos dizer que em muytas enfermidades velhas melamcolicas uso della, asi como sam sarnas grossas, lepra, prurido antigo, empingens, pera as quais me dixe hum guovernador que se achara bem; e pera estoutras emfermidades usei della, e me achei muyto bem, e por esta rezam me parece que seria boa pera as quartans.

RUANO

E se hum homem tomar muyta cantidade della, fazerlheha mal?

---

* Seguramente um erro de imprensa; é o *licornio* ou *unicorneo.*

ORTA

Posto que esta não seja mésinha venenosa, nem composta de veneno como *triaga,* eu acho que o mais seguro he tomar della pouqua cantidade. E asi dam della em Ormuz muyto pouqua; e dizem que he mao tomar muita cantidade: e hum feitor de Ormuz, meu amigo, diziam os fisicos Mouros que morrera por lhe darem muyta *pedra bezar;* e tem rezam, porque as cousas que usam per propriedade fazem suas obras em mais pequena cantidade. E certamente que me dixe hum homem de Ormuz, digno de fé, que fora lá feitor do capitam, e tinha muyta conversaçam com esses Mouros onrados, que avia Mouros que estavam mui debilitados, e que pera aquella fraqueza queriam tomar a *pedra bezar,* e que elle os via tam fracos, que lhe parecia que não podiam escapar, e que elle dizia aos fisicos que o seu parecer que era que não podiam escapar, e o fisico lhe dizia que, depois que tomassem a pedra, que os olhase, que os não conheceria; e que elle os olhava depois, e que os via muyto rijos; por onde davam graças a Deos que tal pedra criára.

RUANO

Diz Mateolo Senense que, se toca a carne esta pedra, trazendoa no braço, preserva ao que a traz de lhe fazer mal a peçonha; e diz tambem que deitada da banda de fóra, feita em pós, sobre as chaguas, que chupa o veneno, se he de mordedura de bicha ou de cam raivoso.

ORTA

O primeiro que diz, que posta da banda de fóra perserva tocando a carne, nam está cá em uso, nem se pratica: mas nas outras chagas venenosas que diz, he verdade que aproveita, deitada em chagas feita em pó, se sam venenosas, dizem muyta verdade; porque eu sei, que nas chaguas de todalas mordeduras venenosas aproveita, e nas apostemas da peste, quando estam abertas, aproveita muyto; e dizem que perserva da peste e que a cura; e porque nesta terra as bexigas e sarampam sam mui venenosas e matam, muy-

tos temos qua por uso darlhe esta *pedra bezar* cada dia, em cantidade de hum grão até dous, deitada em agua rosada, e com isto he o veneno emfraquecido (2).

Nota (1)

Esta viagem de Garcia da Orta á ilha das Vacas teve sem duvida logar no anno de 1543, acompanhando o seu amo e amigo Martim Affonso de Sousa, já então governador da India, como seis ou sete annos antes o havia sempre acompanhado nas viagens a Diu, ao Malabar e a Ceylão, sendo elle apenas capitão mór do mar[1].

N'aquelle anno, Martim Affonso de Sousa saíu de Goa com uma grande armada de quarenta e cinco vélas, dirigindo-se para o sul em uma mysteriosa e pouco gloriosa expedição, que deu muito que fallar. Ou por ordem expressa de D. João III —segundo affirma Diogo do Couto—, ou por inspiração sua propria, o governador fa pura e simplesmente roubar o famoso pagode de «Tremelle», e a feira ou romaria que junto d'elle tinha logar em certa epocha do anno, e na qual, como ingenuamente diz Gaspar Corrêa, se juntavam todas as riquezas do mundo: «todolas cousas do mundo todo onyuerso».

A armada foi de Goa a Cochym, e de Cochym a Beadala (Vedãlay) na costa de leste, onde tomou pilotos da terra para passar os baixos de Chilão, indo reunir-se na ilha das Vacas ao norte dos baixos. Segundo Diogo do Couto, quando a armada ali chegou já tinha passado a monção favoravel de seguir para a costa de Coromandel, e este foi o motivo de o governador desistir do seu intento. Gaspar Corrêa, porém, conta que ali vieram trazer más informações ao governador, dizendo-lhe ser difficil a entrada no rio de Paleacate (Pulicat das cartas modernas, um pouco ao norte da moderna Madrasta), e avisando-o de estar já reunida muita gente para defender o pagode, tanta, que se elle lá fosse com dois ou tres mil homens «nom escaparia pé d'elles». Esta versão parece-me muito mais plausivel; mas, fosse qual fosse o motivo, Martim Affonso não passou da ilha e demorou-se ali algum tempo: «esteve devagar na ilha das Vaquas». Não nos póde restar duvida alguma de que Orta fosse n'esta armada, já porque elle acompanhava sempre Martim

---

[1] Sobre estas expedições veja-se *Garcia da Orta e o seu tempo*. A viagem á ilha das Vacas foi ali apenas mencionada de passagem, por não haver reparado attentamente n'este *Colloquio*.

Affonso, já porque não sabemos de outra, que por aquelles tempos ali se demorasse, e tivesse de se abastecer da carne dos bodes e cabras, abundantes na ilha.

A ilha das Vacas, depois chamada pelos hollandezes ilha de Delft, estava situada na bahia de Palk, entre Ceylão e a India, e era pouco extensa, tendo apenas sete ou oito milhas de comprimento. Tinha, porém, agua em um pequeno lago central, e abundantissimas pastagens; de modo que os portuguezes de Manaar e Jafnapatam estabeleceram ali creações de gado. Davam-lhe por isso o nome de ilha das Vacas, ás vezes o de ilha dos Cavallos, e tambem o de ilha das Cabras, segundo diz Tennent, citando João Ribeiro, posto que eu não encontrasse esta indicação na *Fatalidade historica.*

(Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas,* IV, 287 e seguintes, e 324 e seguintes; Couto, *Asia,* V, IX, 7; Tennent, *Ceylon,* II, 549.)

Nota (2)

O nosso Orta deriva «bezar» do persiano «pazar»; e esta ultima palavra do nome do bode «pazam». Não ha duvida alguma de que *bezar,* ou na fórma hoje mais usada *bezoar,* seja o arabico *bazahr,* que corresponde ao persiano *pazahr* ou *padzahr;* mas este vocabulo não tem a origem que Orta lhe dá. Pedro Teixeira diz: *Pazahar, que quiere dezir tanto como antidoto, y propriamente reparo de ponçoña o veneno, de Zahar que es nombre general de qualquier veneno, y pá, reparo.* Esta etymologia de Teixeira, seguida no seculo passado no diccionario de Meninski, e recebida modernamente por Littré e por Yule, pode acceitar-se como segura. A palavra *bezoar* encontra-se mesmo em escriptores antigos tomada na accepção geral de antidoto, usando-se n'este sentido no Oriente, como indica muito claramente o proprio Orta; e só depois veiu a designar especialmente a chamada *pedra bezoar,* por isso que esta se considerava o mais poderoso dos antidotos; não tinha, portanto, na origem, nenhuma relação com o nome do bode.

Deu-se, pois, o nome de *pedra bezoar* ao calculo intestinal de diversos animaes, principalmente ruminantes. A mais celebrada d'estas pedras provinha da Persia, e procedia, segundo diziam, da cabra selvagem, *Capra Ægagrus,* chamada pelos persas *pasén* ou *pazén,* o «pazam» de Orta. É possivel, que o «bode ruivo e grande», visto por Orta em Goa, fosse effectivamente d'esta raça selvagem. É certo, no emtanto, que as cabras domesticas creavam tambem aquelles calculos. Pedro Teixeira, fallando dos *carneros* da Persia, em cujos *estomagos* se encontram os *bezoares,* parece mais referir-se a animaes domesticos, que a uma especie selvagem. As cabras da ilha das Vacas, nas quaes —segundo Orta e Teixeira— se encontravam *bezoares,* considerados apenas inferiores

aos da Persia, eram originariamente domesticas, dizendo-se introduzidas ali pelos portuguezes. E João Baptista Tavernier, que fez o commercio dos *bezoares* juntamente com o das pedras preciosas, e viu as cabras da região de Golconda que os produziam, descreve-as como *de belles bestes, fort hautes, et qui ont un poil fin comme de la soye*—evidentemente uma raça domestica. Isto não impedia, que os *bezoares* dos animaes selvagens, sendo mais raros, fossem por isso mesmo mais apreciados. Kämpfer, dando nas *Amænitates exoticæ* uma longa noticia ácerca d'estes calculos, indica como origem do *bezoar oriental* legitimo, *verus* e *pretiosus*, a cabra selvagem da Persia, principalmente da provincia de Lar[1]. Alem do *bezoar* legitimo da cabra selvagem, e dos outros menos apreciados das raças domesticas, encontravam-se em circulação os que procediam de vacas, *Antilopes* e outros ruminantes, assim como alguns, provenientes de animaes de distinctas ordens.

Orta conhecia a estructura interior d'aquellas concreções intestinaes, formadas de finas camadas concentricas, descrevendo-as em uma phrase muito clara: «e ahi se vae tecendo e fazemdo casco, como de cebola». E conhecia tambem o facto de se formarem ás vezes em volta de uma «palha», ou pequeno corpo estranho. Todos os escriptores citados insistem sobre a influencia da alimentação no apparecimento dos *bezoares*. Kämpfer diz, que algumas plantas resinosas e muito aromaticas, abundantes em certas partes da Persia, determinavam a formação d'aquellas concreções. Segundo Tavernier, o *bezoar* formava-se em volta dos rebentos e pequenos ramos de um arbusto especial, roido pelas cabras, e do qual elle não sabia ou havia esquecido o nome. Na opinião de Teixeira, o *pasto* era *la materia de las piedras;* e aquelle escriptor cita mesmo a tal respeito uma observação, que, a ser exacta, seria concludente. Conta elle, que no anno de 1585 uma grande tempestade innundou toda a ilha das Vacas, salgando e estragando as pastagens. Levadas d'ali as cabras, nunca mais produziram *bezoares;* mas, passados alguns annos, adoçados e melhorados os pastos, e tornadas as cabras á ilha, *criarõ piedras como de antes.* A observação —como disse— é concludente, e o facto de modo algum improvavel.

A *pedra bezoar* gosava de universal e excepcional reputação ainda no tempo de Orta. Um comtemporaneo seu, o illustre medico hespanhol Nicolau Monardes, reuniu toda a litteratura medica relativa ás famosas pedras em uma interessante memoria, intitulada: *De lapide Bezaar et Scorzonera herba.* Ali se podem ver os louvores, dispensados áquelle celebre antidoto pelos velhos medicos, desde Serapio e Rasis, até Amato Lusitano, Agricola, Musa e outros do seu tempo. Ás opiniões alheias, Monardes acrescenta as observações de sua propria clinica.

---

[1] Não tenho n'este momento o livro de Kämpfer, e cito em segunda mão.

Conta o caso de um filho da Duqueza de Bejar, soffrendo desde creança de «deliquios» e «syncopes», e maravilhosamente curado por elle com a *pedra beçoar*. Note-se, que as duas pedras empregadas n'este caso foram de Lisboa por intermedio de um genovez, e eram pequenas, pouco maiores que um caroço de tamara, indo montadas ou encerradas em oiro, por onde se póde ver em quanta estima eram tidas. No tratamento de uma menina nobre, Maria Catafio, soffrendo igualmente de «deliquios», Monardes empregou tambem com proveito a pedra, mandando-a ir expressamente de Lisboa; e com uns restos d'esta pedra, pois que outra se não pôde encontrar, salvou o licenciado Luiz de Cueva, que se havia envenenado por imprudencia. O medico hespanhol ainda cita o excellente effeito da *pedra beçoar* nos ataques de melancolia e tristeza sem causa, recordando o facto de o imperador Carlos V a tomar para aquelle fim: *in hunc effectum sæpe sumebat.*

Como acabámos de ver, Monardes mandou ir por duas vezes as pedras de Lisboa, pois a nossa cidade, estando em relações directas com o Oriente, tinha então o monopolio d'este famoso medicamento, como tinha o das especiarias. Effectivamente, o erudito investigador Carlos de l'Écluse, diz-nos ter encontrado á venda em Lisboa pedras de varias fórmas. Algumas, porém, eram falsas, e os compradores exigiam a prova da sua efficacia antes de terminarem o negocio, prova a que os vendedores raras vezes se queriam sujeitar, o que facilmente se comprehende. A prova fazia-se do seguinte modo: tomava-se um fio, enfiado em uma agulha, e passava-se pela *herba balestera*[1], atravessando-se depois a perna de um cão com o fio assim envenenado, e deixando ficar o fio na ferida; quando o cão apresentava todos os symptomas do envenenamento, administrava-se-lhe em agua o pó da pedra raspada, e julgava-se da legitimidade da pedra pelos seus effeitos. Comprehende-se, como disse, que os vendedores se sujeitassem difficilmente a esta prova, ainda que seria facil sophismal-a por varios modos.

Do que temos dito, se vê bem como o *beçoar* gosava ainda no tempo de Orta de excepcional reputação, e como elle seguia pura e simplesmente as opiniões geraes do seu tempo. O *beçoar* era propriamente um medicamento oriental, quer dizer, arabico e persiano, ou da eschola de medicina mussulmana, mas não indiano. Orta diz claramente, que os praticos hindus apenas o empregavam como imitação dos portuguezes, ou talvez até certo ponto dos mussulmanos; mas que não fazia

---

[1] Este veneno preparava-se, pisando e espremendo as raizes de *Helleborus*, chamado em hespanhol *verdegambre* e *hierba de ballestero*, e em portuguez *herva de besteiros*; o succo assim obtido cosia-se e coava-se, levando-se de novo ao lume para lhe dar a consistencia de xarope grosso. Esta preparação fazia-se para envenenar os *virotes* das *bestas*, empregadas na caça, e provavelmente tambem em tempos mais antigos na guerra, e d'ahi vinha o nome vulgar da herva (Cf. A. M. de Espinar, *Arte de Ballestería*, Lib. I, cap. 8, Madrid, 1644).

parte da sua materia medica tradicional. Sendo, porém, recommendado nos livros arabes, penetrou logo na idade-media nos usos da medicina européa, e conservou a sua reputação até ao tempo de Orta, e mesmo durante todo o seculo seguinte e parte do passado. O nosso padre Bluteau ainda lhe chama um *precioso contraveneno*. Desappareceu ha muito da materia medica européa; mas parece que não completamente da oriental. No principio do nosso seculo, o Schâh da Persia mandou de presente a Napoleão I alguns *bezoares*, por onde se vê que ainda lhes ligava importancia e valor.

Notaremos, antes de terminar, que o *bezoar* de Malaca, succintamente mencionado por Orta, devia ser o mesmo ou analogo áquelle de que temos fallado, e não a *pedra de Malaca*, da qual Orta se occupa e nós teremos tambem de nos occupar em um dos seguintes *Coloquios*.

(Cf. Pedro Teixeira, *Relaciones*, 157 e seguintes; Yule e Burnell, *Gloss.*, 68; Guibourt, *Drogues simples*, IV, 103 e seguintes; Tavernier, *Voyages*, II, 389; Hecker, em *Pharmaceutische Post*, XXV (1892) p. 21; Monardes, *De lapide Bezaar*, 8, in *Exotic.*; Clusius. *Exotic.* 216).

COLOQUIO QUADRAGESIMO SEXTO

DA PIMENTA PRETA, E BRANCA, E LONGA, E CANARIM: E DOS PEXEGOS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Nam he fóra de rezam, pois tantos trabalhos os Portuguezes levam por aver toda a *pimenta* á sua mão, comendo a menos parte, e as partes de Alemanha e Frandes guastando a mór parte della, que me digais onde he a força e a cantidade della maior, e como se chama nas terras donde nace, e mais como se chama em arabio, e como se colhe, e a feiçam do arvore, e se he cá usada pera medicina.

ORTA

A mór cantidade desta *pimenta* ha em todo o Malavar, e ao longo desta costa, do principio do cabo de Comorim até Cananor: lá nas bandas de Malaqua tambem ha alguma cantidade desta *pimenta,* ainda que nam he tam boa, porque a acham mais van; e colhese em algumas ilhas da Java e na Çunda, e em Queda e em outros cabos, e guastase esta toda na China, e na propria terra, e tambem a levam a Pegú e a Martavam. E a do Malavar tambem se guasta toda a mais na propria terra, porque, ainda que a terra do Malavar seja pequena, se guasta muyta mais cantidade que em nenhuma outra terra; e alguma guasta a gente da fralda do mar, e outra levam pera o Balaguate caregada em bois; e muyta cantidade levam os Mouros pera o mar Roxo, contra a defeza delrey, porque nunca cousa alguma pode ser tam bem guardada, que se nam furte muyta cantidade pera as partes ocidentais por os Mouros da terra. Asi que estas sam as partes donde se colhe esta *pimenta,* ainda que aja alguns arvores de Cananor pera o norte, mas he tam pouca

cantidade, que nam fazemos caso della, porque a gente da terra a gasta; porque estes arvores nam se criam no sertam, nem em outras partes; e asi he mercadoria boa pera lá, porque eu vi muyta cantidade que se levava em bois pera lá.

RUANO

Dizei os nomes na terra onde a ha.

ORTA

Chamase ácerca dos Malavares, donde ha maior copia, *molanga;* e em as partes de Malaca, onde tambem se colhe (como disse já) *lada;* e em arabio se diz *filfil,* e asi a chamam os Arabios fisicos e o vulgar. Se Avicena (segundo tralada o Belunense) a chama *fulful,* e *darfulful* á pimenta longa *, e *falfel,* e Serapio **, que eram Arabios, todavia me pareçe que *filfil* he o mais certo nome, e não *fulful,* nem *falfel;* porque facilmente se podia corromper o nome escrito, e ficou o proprio na voz do povo. Porque nisto vai pouquo nam me detenho mais, senam diguo que o Guzerate e o Decanim diz a pimenta *meriche,* e o Bengala *morois,* e a pimenta longa *pepilini.*

RUANO

Da feiçam do arvore, e como crece, e como se cria toda em hum arvore me dizei; pois nisto concordam os Gregos e Latinos e Arabios todos, e os novos escritores que oje em dia escrevem.

ORTA

Todos a huma voz se concertáram a nam dizer verdade, senão que Dioscorides *** he digno de perdam, porque escreveo per falsa emformaçam, e de longas terras, e o mar

---

* Avic. 2 Libro, cap. 575 (nota do auctor).

** Sérap. 1, 367 (nota do auctor). A phrase está muito confusa, mas o sentido é bastante claro.

*** Dioscorides, Lib. 2, cap. 153 (nota do auctor); aliás 188.

nam ser tam navegado como aguora he; e a esse imitou Plinio *, e Galeno ** e Izidoro, e Avicena e todos os Arabios. E mais os que aguora escrevem, como Antonio Musa e os Frades, tem maior culpa, pois não fazem mais que dizer todos de huma maneira, sem fazer deligencia em cousa tam sabida, como he a feiçam do arvore, e a fruta, e como madurece, e como se colhe.

RUANO

Como, todos esses que diseis, erráram?

ORTA

Si; se chamaes errar a dizer o que não he.

RUANO

Ora pois isso he asi, dizei o que vistes e ouvistes a pessoas dignas de fé; e per derradeiro eu virei com minhas duvidas.

ORTA

A *pimenta,* scilicet, o arvore ou planta he plantada ao pé de outro arvore; e polla mor parte a vejo sempre plantada ao pé de alguma *arequeira* ou *palmeira,* e tem a raiz pequena, e crece tanto quanto he o arvore a que está arrimada e encostada, abraçandose com o arvore; a folha não he muyta, nem muyto grande, e he mais pequena que de laranjeira, e verde, e aguda na ponta, è queima algum pouco, sabe casi como o *betele,* de que já falei; nace como as uvas em cachos, e nam difere mais que serem os cachos da *pimenta* mais meudos nos grãos, que os das nossas uvas, e mais não sam tam grandes os cachos em si como os das uvas, e sempre estam verdes até ao tempo que seque a *pimenta,* e estê em sua perfeiçam e força, que he até meado de janeiro; neste Malavar a planta he de duas maneiras, huma que dá *pimenta preta,*

---

* Plinius, Lib. 12 (nota do auctor).

** Galenus, Lib. 8, Simpl. medic. (nota do auctor).

e outra *branca**; e, afóra estas, ha outra em Bengala, que he da *longua*.

RUANO

Pareceme que destruis a todos os escritores antiguos e modernos, por isso oulhai o que fazeis; porque Dioscorides diz, que o arvore da *pimenta* he baixo, e produz hum fruto longuo a modo de bainha, ao qual chamam *pimenta longua;* e dentro nesta bainha estam huns gramsinhos meudos semelhantes ao milho, e que estes amde ser a *pimenta perfeita;* porque abrindose no proprio tempo as ditas bainhas descobrem huns cachos peguados, e cheos daquestos grãos que conhecemos, os quaes, colhendose antes que se acabem de madurar, sam agros, e estes sam a *pimenta branca,* e mesturamse nas mézinhas que fazem pera os olhos, e he contra o veneno bebido, e mais das feras peçonhentas; a primeira he *pimenta longua,* e he fortemente mordificativa, e algum tanta amargua, por se aver colhido antes de tempo, e asi he proveitosa pera as cousas que dixe; e a *pimenta negra* he mais suave e mais aguda, e mais agradavel ao gosto, por aver sido colhida em seu tempo, e mais aromatica que a *branca;* e asi temperam os comeres, por ser mais proveitosa. A mais fraca de todas he a *branca,* por se colher antes de ser madura. E da *pimenta negra* a mais pesada he milhor; porque se acham entre ella alguns grãos vazios, chama esta pimenta a gente da terra *bracamasim***. Isto he, o que diz Dioscorides do ser della, porque das cousas pera que aproveita não he nesseçario falar ao presente; e ao cabo do capitulo diz, que a raiz he semelhante ao *costo.* E Plinio diz que os arvores sam semelhantes aos *juniperos,* e que na-

---

* Isto é um erro, veja-se a nota (1).

** Uns grãos vazios e chochos, chamados βρόμα; mas Dioscorides não diz que isto seja um nome indiano, ou da «gente da terra». Segundo o erudito Saumaise é um vocabulo puramente grego; Plinio é que se enganou, escrevendo *brechma,* e dando uma feição e uma significação indiana á palavra. Não sei porque Orta escreve *bracamasim;* mas diz com rasão adiante que a palavra não era conhecida na India.

cem somente de fronte do monte Caucaso, segundo alguns dixeram, e que as sementes sam semelhantes ás do *junipero,* e que se dividem ou apartam huma semente da outra em pequena parte da bainha, asi com os feigões. O preço della he de 16 até 18 livras, e o preço da *pimenta longa* de 25 livras, e o preço da *branca* he 17 livras: contase por cada livra 3 crusados*. E diz que a *pimenta* em sua terra he silvestre e não plantada, e que em Italia ouve hum arvore destes, que parecia como murta. Tambem ha esta pimenta na parte da Arabia, chamada Trogoldita: chamase esta *pimenta* na lingoa da terra onde a ha *bracamasim.* Todalas outras cousas mais de dizer pera que aproveita sam tomadas de Dioscorides; por tanto não as ponho aqui. Aviçena faz dous capitulos, scilicet, hum de *fulful,* e outro de *darfulful* (que he *pimenta longa)* e asi elle como Galeno não dizem mais que contar com brevidade o que diz Dioscorides, e o mesmo faz Serapiam, coligindo o que dixeram Dioscorides e Galeno somente, e se ha alguma cousa que dixe Paulo Egineta não faz ao caso. Estas sam as cousas que dixeram os antiguos, tirando Santo Izidro**, que, com ser santo e de muyta autoridade, diz que quando a gente da terra sente que a *pimenta* he madura pera se colher, por medo das serpentes põe fogo ao mato, e fogem as serpentes, e a *pimenta* fica asi preta com o foguo que puzeram ao mato; mas eu, falando comvosco a verdade, tenho estas cousas por fabulosas, e que por taes as escreveo o primeiro que o dixe; e que Santo Izidro não falou isto porque o elle crese, senam por relatar os ditos dos outros; asi que destas cousas não quero que me deis desculpas, pois as não creo. E por estas cousas vos diguo que não sei com que rezam reprendeis

---

* Os numeros não estão certos; por um singular equivoco, Orta sommou o signal indicativo do *denarius,* com o algarismo romano, achando 25, onde está escripto X. XV, e assim para os outros numeros.

** Orta escreve Izidro, e deixei ficar esta fórma, posto que o famoso bispo de Sevilha seja mais conhecido entre nós como Santo Izidoro.

a estes doutores tam antiguos, e de tanta autoridade, sendo confirmados pollos modernos, scilicet, Mateus Silvatico, Sepulveda, Antonio Musa, o Frade hespanhol, os Frades italianos, e quantos escreveram livros de botica. Por isso requeirovos da parte de Deos, que não me digaes senão o que vistes ou ouvistes a pessoas muito dignas de fé, ajudandovos com vossas razões, que as sabereis muy bem dar, e ao cabo veremos como se usa na medecina pollos fisicos desta terra, e asi farei minhas perguntas necesarias: e perdoai se falei até aqui demasiadamente.

ORTA

Primeiramente saiba vossa merce, que não nace esta *pimenta* na raiz do monte Caucaso, ou defronte, como diz Plinio; pois nessas terras tem maior preço a *pimenta,* que em as outras terras sabidas, e isto vós o sabeis, pois sabeis o monte Caucaso onde está, e quam longe está do cabo do Comorim, e de Çamatra (cabos onde ha maior cantidade de *pimenta):* nem he semelhante ao *junipero,* pois se planta arrimada, e doutra maneira nam, e o *junipero* he planta sobre si: nem nas folhas se parece com o *junipero,* e a feiçam da folha he como vos já dixe, e nacem os cachos como as nossas uvas, quando estam verdes, com os bagos destintos, e desta maneira quando está em agraço se lança em vinagre e sal; e isto sei eu muyto bem sabido como testemunha de vista. E pella mesma maneira sei que ha arvore da *pimenta longa,* e mais a *pimenta longa* nace em terra muyto distante do Malavar, que o mais perto sera 500 leguoas, porque ha em Bengala e na Jaoa; e esta *pimenta longa* valia em Cochim, que he a maior cantidade da *pimenta preta,* a cinquo crusados o quintal; e de 4 annos a este cabo, por se gastar mais a *pimenta longa* pera outros cabos, val o quintal a 15 ou 20 crusados. E val em Cochim a *pimenta preta* usual a dous crusados e meo; a qual *pimenta* usual val em Bengala hum quintal 12 crusados, e a *longa,* quando a compram lá em Bengala, val hum crusado e meo: e isto vos abastava pera saberdes que não he huma mesma arvore a da *pimenta longa,*

e da *pimenta* usual, quanto mais que as cousas que homem ve pelos olhos nam tem necesidade de as provar. A *pimenta branca* he outró arvore sobre si, e falando comvosco a verdade, nam ha muytos arvores della nestas bandas do Malavar, senam poucos, e asi ha nas bandas de Malaqua; e desta *pimenta branca* põem nas mesas dos senhores, como nós pomos nas nossas sal; e asi se faz no Malavar e em ambos cabos a tem por boa, pera a peçonha e pera os olhos; e prouvera a Deus que em tudo dixera Dioscorides tanta verdade, como em dizer que aproveitava pera a peçonha. E por aqui vereis como sam defrentes estes tres arvores, scilicet, *pimenta longa,* e *preta, e branca;* a qual *pimenta longa* se chama em Bengala, *pimpilim,* e o arvore d'ella nam tem mais semelhança com o da *preta,* do que tem as favas com os ovos: as outras duas arvores da *branca* e da *preta* sam muyto semelhantes uma com outra, e nam se conhece, senam da gente da terra, asi como nós nam conhecemos as videiras pretas das brancas, senam quando tem uvas. E se me não quereis crer, crede a estas tres sementes, que ahi vam, huma he da *pimenta longa* e outra *branca* e outra *preta;* e quanto he chamarse á pimenta *barcamansi,* nunqua tal nome eu ouvi em parte alguma destas terras, nem nome que se lhe parecese em alguma cousa.

RUANO

Verdadeiramente que eu me acho corrido, como eu não via e os outros isto, que está tam craro.

ORTA

Pois vedes aqui ha mais *pimenta* verde em cachos nacida, neste páo do arvore, e vedes aqui estoutra, que está feita em achar, de vinagre e sal, que não he defrente de todas, se a provardes.

RUANO

Bem vejo tudo, e ja que estou corrido de ver que nunqua isto especularam bem os escritores novos, não me corraes

mais; porque Laguna se queixa dos Portuguezes, porque lhe nam dizem estas cousas, e diz que não tem mais cuidado que de robar e esfolar os Indios.

ORTA

Verdade he que os Portuguezes não sam muyto curiosos, nem bons escritores: sam mais amiguos de fazer, que de dizer. Trabalham de aquirir per suas licitas mercadorias; porém nam tratam mal os Indios, porque os Indios da paz sam muyto favorecidos dos guovernadores. E a raiz da *pimenta* nam he semelhante á do *costo,* nem o *costo* he raiz, senão páo, como já vos dixe; e, porque vos nam maravilheis da gente vulgar não saber bem estas cousas, vos contarei o que pasei com hum boticairo no tempo de hum guovernador, que era muito curioso de saber das mésinhas, ao qual eu falei nas tres especias da pimenta ditas, e lhe dixe os nomes dellas. E quanto he a *pimenta longa* ser outra arvore, confessou ser verdade; e quando lhe dixe que a *branca* e *preta* eram arvores distintos, rindose de mim me dixe, como estava enganado; e pera isto contou ao guovernador diante de mim, como estando elle invernando em Moçambique, se achou a sua náo fazer muyta agoa, e nam estar pera navegar, e que por isso se descaregou a náo, e que elle por seu passatempo oulhava a *pimenta,* e que nella escolhera alguma *branca,* por ser esfolada da casca, e que isto acontecia muytas vezes na *pimenta* velha e muyto bulida. E eu lhe dixe que podia ser ter a muyta cantidade de *pimenta* alguma *pimenta branca;* e mais que pudia ser, pois se achava esta *pimenta* em Moçambique, muyto milhor se acharia em Portugal na casa da India, onde a *pimenta* he mais velha, e mais bulida e baldeada; e porque o guovernador vio que o buticairo me não queria crer, escreveo a elrey de Cochim, que lhe mandasse dizer a verdade daquilo, o qual lhe mandou um saquo de *pimenta branca;* e lhe escreveo que avia muytos arvores em sua terra da *branca;* entonçes desestio o buticairo da sua porfia, por nam ir contra um guovernador. E com isto faço fim aos ditos da *pimenta;* porque pera dizer o pera

que aproveita he pratica muyto usada, e nam ha cousa nova acerqua dos Indios della, que nós não usemos. E dizerem os Indios que he fria a *pimenta*, he cousa mais pera rir que pera praticar; aos quaes eu digo muytas vezes que não lhe saberei provar ser o foguo quente, porque a via, por onde se avia de provar, era porque queimava.

RUANO

E os fisicos desse rey vosso amiguo, que dizem, pois dizeis que sam letrados?

ORTA

Dizem que he quente no terceiro gráo, como os Portuguezes. E pois que já sabeis que sam arvores diversos, nam he neseçario que em logar da *pimenta branca* ponham *preta;* porque isto não soube Galeno nem Avicena, nem queraes mais saber, que a *pimenta branca* queima mais, e he mais aromatica; e quando se achar, que a ponhaes sempre, e quando nam, fazer que deitem a *preta* antes que a *longa,* porque he diversa planta; e nam ponham em lugar da *longa* alguma dellas, porque mais convem, entre si, a *branca* e a *preta,* que com a *longa*. E porque vos não fique alguma *pimenta* por saber, vedes aqui estas sementes vans, a que nesta terra chamam *pimenta canarim,* e usam della pera desfreimar, e pera os dentes, quando dóem; he muito boa mézinha, e asi a dam aos que tem *mordexi;* e não vos diguo a feiçam do arvore, porque vos nam he necesario, nem vai a Portugal (1). E bebamos sobre alguma conserva, pois não vos falecerá, pois que falastes muyto; e será sobre conserva de pexeguos, que vem aqui muyto bons de Ormuz.

RUANO

Bons estam e frescos, e nam he de maravilhar; pois a somana pasada volos deram, de maneira que devem ser deste anno. Dizeime se dizem cá que eram venenosos na Persia, e que tresplantados em Egito ficaram despojados do veneno.

ORTA

Estes, que comeis, sam da Persia; porque della vem toda a fruta a Ormuz; e ácerqua delles nunqua ouve tal presunçam, nem se acha em memoria de homens serem algum tempo venenosos. Eu falei com fisicos da Persia sobre isto, e lhes dixe que isto se devia entender polla fruta, que chama Dioscorides *persea:* elles nam me souberam dar rezam dessa fruta; nem os tem senão por muyto bons, os quaes ha tambem no Balagate, que veo a planta da Persia: por isso comei sem medo (2).

RUANO

Muyto bem me soube a conserva; e porém milhor me soube o que me dixestes da *pimenta,* porque, fálando comvosquo a verdade, já hum autor novo escreve o que dixestes, que sam tres arvores distintos; mas dilo a medo, como pessoa que lho dixera gente a quem não dava fé inteira.

Nota (1)

É necessario em primeiro logar estabelecer, de que plantas ou drogas distinctas Orta falla sob os nomes de *pimenta preta, branca, longa* e *canarim;* e examinar ao mesmo tempo a sua nomenclatura.

A *pimenta preta* do commercio, mercearias e pharmacias é o fructo imperfeitamente maduro do **Piper nigrum,** Linn., uma trepadeira da familia das *Piperaceæ*, espontanea e cultivada nas florestas do Malabar, cultivada já no tempo de Orta em outras regiões orientaes, e hoje tambem em alguns pontos da America intertropical. Todos os seus nomes, citados nos *Coloquios,* são conhecidos e de facil identificação:

—«Meriche» no noroeste da India, «morois» no Bengala, assim como *meeritch, mirch* e outras fórmas mencionadas em livros modernos, são simples modificações de um dos nomes sanskriticos da *pimenta preta,* मरिच, *maricha* (Ainslie, *Mat. Ind.,* I, 302; Dimock, *Mat. med.,* 718).

—«Molanga» no Malabar; prende-se á fórma tamil *mellaghoo* ou *milagu,* e outras do sul (Ainslie, l. c.; Piddington, *Index,* 69).

—«Lada» em Malaca, é a palavra malaya *lada,* que significa ardente ou pungente, e se applica a todas as *pimentas,* distinguindo-as depois, como nós fazemos, pelos qualificativos preta, longa, etc. (Crawfurd, *Dict.,* 333).

—«Filfil», ás vezes escripto nas versões latinas *fulful, falfel,* porque nas translitterações ha muita incerteza pelo que diz sobretudo respeito ás vogaes, é o conhecido nome arabico فلفل, *filfil.* Deriva-se de *pippali,* ou das fórmas *pilpil* e outras, pela habitual mudança do *p* em *f. Pippali* é um dos nomes sanskriticos da *pimenta longa;* mas comprehende-se bem que na bôca dos estrangeiros passasse para a *pimenta preta,* o objecto principal do seu commercio. De mais, *filfil* é um nome geral, ás vezes acompanhado do seu qualificativo, por exemplo, فلفل اسود, *filfil asuad,* a *pimenta preta.* De *pippali* se derivou tambem o grego πέπερι, o latino *piper,* e o nome geral de *pimenta* em quasi todas as linguas modernas da Europa. Bluteau procura a mesma origem para a palavra portugueza *pimenta,* dizendo vir da indiana *pimpilim.* E Covarrubias deriva *pimienta* de *piper.* As palavras portugueza e hespanhola têem, porém, outra origem; derivam-se de *pigmentum,* que na baixa latinidade designou um vinho aromatisado e carregado em côr, *pigmentatum,* com diversas especiarias, depois passou a designar as especiarias, e depois a principal d'ellas (Ainslie, l. c.; Bluteau, *Vocab.;* Covarrubias *Thesoro;* Ducange, *Glossarium* s. v.)

Orta enganou-se, julgando a *pimenta branca* proveniente de uma especie vegetal particular; é simplesmente o mesmo fructo do *Piper nigrum,* colhido em estado de maturação mais adiantada, e privado da camada externa do pericarpo pela lavagem e fricções, tornando-se assim menos ardente. O boticario, que se riu de Orta, e lhe disse ter visto nas baldeações em Moçambique *pimenta branca,* que era simplesmente a *pimenta preta* «esfolada da casca», esse boticario tinha toda a rasão.

A *pimenta longa* procede de duas especies, **Piper officinarum** C. DC. *(Chavica officinarum,* Miquel) um arbusto dioico, espontaneo em parte do archipelago malayo; e **Piper longum** Linn. *(Chavica Roxburghii,* Miquel), um arbusto espontaneo na India, Ceylão, e parte tambem do mesmo archipelago. As duas especies são similhantes, cultivadas nas mesmas regiões, e comprehende-se bem que Orta as não distinguisse. Distingue, porém, os arbustos que as produzem da trepadeira que dá a *pimenta preta,* dizendo com alguma ou bastante exageração, que se parecem tanto, como um ovo com uma fava.

Orta dá alguns nomes vulgares da *pimenta longa:*

—«Pepilini», e «pimpilim» no Bengala; nos livros modernos encontrâmos as fórmas *pipli, pipilie, pipulee.* Todas se prendem a um dos nomes sanskriticos d'esta droga पिप्पली, *pippalī,* do qual, como já observámos, se derivou o da *pimenta* em um grande numero de linguas (Ainslie, l. c.; Dymock, l. c.; *Amarakocha,* 99).

—«Darfulful» entre os arabes; é o conhecido nome دار فلفل, *dar filfil* (Ainslie, l. c.).

Sob o nome indiano de *pokli miri,* o dr. Dymock referiu-se modernamente á droga chamada por Orta *pimenta canarim,* confirmando os

seus usos na materia medica dos hindus. Segundo aquelle observador, esta droga parece consistir nos fructos abortados —«sementes vans» de Orta— dos pés femininos do *Piper trioicum*, mencionados e descriptos por Roxburgh na *Flora Indica* (Dymock, l. c., 721; Roxburgh, l. c., 1, 151).

Garcia da Orta consome a maior parte do seu *Coloquio* em discutir as opiniões de Dioscorides, de Plinio ou de Izidoro de Sevilha, e esta discussão tem hoje para nós pouco interesse. Comprehende-se bem, no emtanto, que elle insistisse ainda no seu tempo na refutação de opiniões erradas, que se conservaram durante muitos seculos extremamente vivazes. Não obstante haverem decorrido sessenta ou setenta annos, em que os portuguezes frequentaram diariamente o Malabar, passando-lhes pelas mãos as diversas *pimentas*, e podendo observar os arbustos ou plantas de que procediam, os escriptores scientificos continuavam a repetir o antigo *cliché*. Se algum se atrevia a dizer o contrario, dizia-o «a medo»; e Orta tinha, portanto, a necessidade de rectificar as asserções de Plinio e de Dioscorides, porque continuavam a ser as do seu tempo, as de Sepulveda, de Musa, dos frades e de muitos outros.

Tive um momento a intenção de dar n'esta nota uma breve historia do commercio da *pimenta;* mas essa historia, por curta que fosse, excederia de muito o limite natural d'estas notas. Contar o que foi o trato da *pimenta*, seria quasi o mesmo que contar o que foi a administração economica e financeira da India durante seculos, e isto daria assumpto largo para um livro especial. Devo limitar-me, pois, á recordar alguns factos mais salientes, que, embora conhecidos, o leitor estimará encontrar reunidos n'este logar.

A *pimenta* foi conhecida na Europa desde tempos antigos. Theophrasto menciona mais de uma especie d'esta droga, o que tambem faz Dioscorides seculos depois, affirmando ser uma producção da India. Plinio é mais explicito, nomeando os portos indianos de embarque, como Barace, tambem citado no *Periplo do mar Erythrêo*. A *pimenta* vinha de Cottonara a Barace em barcos cavados em um só madeiro..... *Regio autem, ex qua piper monoxylis lintribus Baracen convehunt vocatur Cottonara*. Qualquer que fosse a posição exacta de Barace e Cottonara, estas localidades estavam evidentemente situadas no Malabar, e o modo de embarque da mercadoria lembra-nos o que logo veremos praticado pelos portuguezes. Depois, o Malabar continuou a ser a terra classica da *pimenta*, o *belad el-filfil* dos navegadores arabes, por intermedio dos quaes a droga vinha á Europa na idade-media. Os caminhos seguidos eram aquelles de que temos fallado muitas vezes, o do mar Vermelho e o do golfo Persico, minuciosamente descriptos por João de Barros, por Antonio Galvão, e em parte já pelo auctor do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*. Estes caminhos eram demorados, e, alem de numerosas baldeações, as drogas estavam sujeitas

a impostos pesados e repetidos, bem conhecidos já do auctor do *Roteiro:*

«Da quall (de toda a especearia) se acha que ha o gram soldam de direito seis centos mill cruzados.»

A *pimenta* chegava, portanto, á Europa por um preço exorbitante; em Inglaterra valeu em media, nos annos decorridos do de 1263 ao de 1399, 1 shelling por libra (equivalente a 8 s. de hoje); em França valia em 1370 o equivalente a 21 francos proximamente, e ainda em 1542 o equivalente a 11 francos por libra[1]. As outras especiarias eram igualmente caras; mas a *pimenta* chamava mais a attenção por ser mais procurada. A *pimenta* era a especiaria por excellencia, e tanto que os negociantes de drogas recebiam o nome particular de *piperarii*, em inglez *pepperers*, em francez *poivriers*.

Todo este commercio estava na mão dos arabes na parte oriental, na mão dos venezianos e genovezes na parte mediterranica; e os portuguezes tinham um vivo desejo de o chamar para si. Quando no anno de 1486 encontraram na costa africana uma *pimenta*, á qual chamaram *de rabo*, porque trazia o pedunculo pegado ao fructo (*Piper Clusii*, C. DC), pensaram logo em a lançar no commercio. Foi mandada a Flandres, onde a acharam muita boa, segundo diz Garcia de Rezende, onde lhe pozeram alguns defeitos, segundo diz João de Barros. Estas tentativas, porém, não tiveram seguimento, porque poucos annos depois Vasco da Gama chegou ao verdadeiro paiz da verdadeira *pimenta*. Effectivamente, no anno de 1498, as naus portuguezas mettiam a bordo em Calicut os primeiros sacos de *pimenta*, directamente carregados na India em navios europeus. Logo na segunda viagem dos portuguezes, Pedralvares Cabral foi carregar a Cochym, «a mór fonte de pimenta que ha na India». E pouco depois, Vasco da Gama, voltando ali, mandou carregar á costa de Coulão, com os barcos pequenos da terra atracados ás naus, ficando estas em poucos dias «abarrotadas» de *pimenta* a granel. Passam muito poucos annos, e nós vemos D. Francisco de Almeida dando conta de um commercio já perfeitamente regulado: haviam-se feito «izames e alealdação» dos pesos indianos com os portuguezes, e reconhecido que o «bar» correspondia a tres quintaes e tanto do peso velho: calculára-se que o quintal de *pimenta* saía a «mil e quinze reis»: andavam paráos grandes no serviço da carga: estavam montadas duas balanças, dando aviamento a pesarem-se mil quintaes até horas de «vespora»: emfim todo o cunho de um puro estabelecimento commercial. Mas já então as operações commerciaes se apoiavam nas operações militares, e os portuguezes queriam ter *pela força* o monopolio de todo o commercio de *pimenta*. D. Manuel

[1] Veja-se a *Pharmacographia*, e Leber já citado nas notas ao *Colloquio do cravo*. N'este rapido resumo de factos bem conhecidos, eu supprimo em geral a indicação dos logares citados.

queixava-se de ainda ir *pimenta* á Europa pelo «Levante»; e D. Francisco de Almeida respondia-lhe: não vae do Malabar, vae de Malaca e das terras de leste, «bem sey por onde passa», mas ainda lhe não pude «tolher a passagem». N'este empenho de lhe tolher a passagem, andaram os portuguezes emquanto dominaram na India, sem nunca o conseguirem completamente, pois —como diz Orta— sempre se furtou «muyta cantidade pera as partes ocidentaes, por os Mouros da terra».

A maior parte da *pimenta* embarcada era da *preta*, e a maior parte d'esta procedia do Malabar. Começava a encontrar-se a planta que a produz em Cananor, onde já havia alguma boa, mas «nom he muyta», como diz Barbosa; augmentava a sua frequencia em Calicut; ainda mais em Cochym e Coulão; e extendia-se até ao cabo Comorim. Não se creava, ou pelo menos não abundava, nas terras baixas do littoral, recortadas em ilhas e peninsulas por numerosos esteiros e braços de rios; mas pelo contrario nos valles apertados, humidos e ensombrados, das vertentes occidentaes da linha de montanhas, que vem correndo parallela á costa a morrer no cabo Comorim. Os nossos escriptores sabiam isto, e chamam ás vezes áquellas montanhas, ou a parte d'ellas, a Serra da Pimenta. Os reis ou rajás de Cochym, de Calicut e outros da costa, obrigados pelo interesse e ás vezes pelos tratados e pelas armas, a fornecerem *pimenta* aos portuguezes, estavam dependentes dos chefes da Serra —chamados tambem reis— para a obterem. Um d'estes estados da Serra, situado ao que parece nos confins e a leste das terras de Cochym, foi sempre chamado pelos nossos escriptores o Reino da Pimenta. Os portuguezes estiveram umas vezes mal e outras bem com o rei da Pimenta, e pagaram-lhe mesmo durante algum tempo uma tença de 72:000 reaes, mencionada por Simão Botelho. Uma das primeiras expedições militares de Luiz de Camões nos mares das Indias, foi contra este rei, e em favor do rei de Porcá, um chefe de piratas do littoral:

Huma Ilha que o Rei de Porcá tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lh'a, e succedeu-nos bem.

Os habitantes da Serra, brahmanes alguns, christãos nestorianos outros, occupavam-se na cultura das *plantas da Pimenta*, multiplicando-as de estaca, aproveitando as que se desenvolviam espontaneamente, ligando-as aos troncos das *arequeiras* e outras arvores, e colhendo os cachos, quando os fructos da base começavam a avermelhar. Gaspar Corrêa falla explicitamente das culturas de *pimenta* da Serra: «..... estes bramenes que tem as hortas da pimenta». E refere-se tambem aos depositos d'aquella mercadoria ali estabelecidos: «..... com que fazyão muyto proveito os bramenes da Serra, que tinhão os celleiros de pimenta».

Da Serra saía, pois, quasi toda a *pimenta* e em enormes quantidades. Em primeiro logar toda a que se consumia no proprio Malabar e nas villas do littoral, e que era muita, segundo nos diz Orta. Depois, a que se levava para o interior «caregada em bois», tanto para o Balaghate, como para a costa de Coromandel. Gaspar Corrêa tambem nos falla d'estas «cafilas de bois de carga», que faziam caminho pela Serra, e eram tantas «que esgotavão toda a pimenta». Este desvio da mercadoria chegou a dar cuidado aos portuguezes, e Diogo Lopes de Sequeira, de accordo com a rainha de Coulão, mandou assaltar as cafilas que passavam pela serra do «Rei grande» de Travancore. Roubadas as cafilas, e mortos os recoveiros, cessou momentaneamente aquelle transito, o que —diz Gaspar Corrêa— foi «muy grande bem para o proveito da pimenta que se por ally vazava». Saía por ultimo da Serra toda a *pimenta* carregada nas naus portuguezas em Calicut, Cochym, Coulão e outros portos. Descia pelos rios e esteiros em barcos da terra, em *tones* e *manchuas*, pouco mais perfeitos que os *monoxylis lintribus* do tempo de Plinio[1].

Fóra do Malabar, colhia-se *pimenta* em todas as localidades mencionadas por Orta, e em varias outras. Colhia-se em abundancia nas terras de Quedá na costa occidental da peninsula de Malaca, como diz Barros, como diz Barbosa «muyta e fermosa pimenta», como diz tambem Camões:

Tenassarí, Quedá, que é só cabeça,
Das que pimenta alli tem produzido[2].

Colhia-se, como dizem igualmente Barros e Barbosa, na ilha de Java, e na «Çunda» ou Sunda, então geralmente considerada uma ilha distincta de Java. É impossivel estabelecer em que proporção esta *pimenta* de leste entrava nas remessas para a Europa, durante o dominio portuguez; mas tudo nos leva a crer, que viria em pequena quantidade, comparada com a que saía do Malabar. Deve ser exacto o que nos diz Orta, isto é, que seguia em geral o caminho de leste, indo para a China e outras partes do extremo Oriente.

Ácerca da *pimenta longa* pouco ha a notar. Orta e Barbosa indicam a sua cultura em terras de Bengala, e Orta acrescenta Java, onde effectivamente a planta se encontrava, tanto cultivada como espontanea. A *pimenta longa* valia mais que a *preta* nos mercados do Occidente, porque era mais rara e vinha de mais longe. Já em plena idade

---

[1] De feito, Rhede no *Hortus malabaricos* dá o nome de manchuas *(manjoas)* a barcos formados de um só tronco escavado.

[2] Na *Flora dos Lusiadas* admitti que esta pimenta de Quedá, e em geral de leste, fosse a *pimenta longa;* mas evidentemente devia ser a usual.

média, Pegolotti nos diz (1340), que em Constantinopola a *pimenta redonda* se vendia por pesos de 100 libras, e a *pimenta longa* por peso de 1 libra, como outras substancias e mercadorias das mais preciosas. E dous seculos depois, as duas *pimentas* pesavam-se em Hormuz tambem por modos diversos, vindo a *pimenta* ordinaria as mais das vezes em alcofas, e entrando a tara no peso, o que não succedia com a *pimenta longa,* pesada como o *benjoin.* Em todo o caso, o que importa notar, é que a *pimenta longa* — como tambem a *branca* — figurava por uma parte relativamente insignificante no grande commercio portuguez, que teve principalmente por base a *pimenta preta* usual, e d'esta, principalmente a do Malabar.

A partir logo dos primeiros annos, que se seguiram ao descobrimento do novo caminho para a India, o commercio das especiarias, e muito especialmente o da mais importante de todas, a *pimenta,* foi vedado aos particulares, ou foi-lhes consentido apenas sob certas condições e apertadas restricções. Já em um longo, minucioso e interessantissimo regimento, dado a Fernão Soares, no anno de 1507[1], se estabelece: «..... que toda a especiaria, que se ouver de comprar na Jmdia, se compre por nossos ffeitores, e oficiaes, que la estam, e nam por outra maneira; e pera asy o fazerem, lhe á de ser entregue nosso dinheiro e asy o das ditas partes, pera a pimenta, que ham d aver». As *partes,* isto é, os capitães e gente das guarnições dos navios, com outras pessoas que obtinham esta mercê especial, não podiam, pois, comprar livre e directamente a *pimenta,* mas entravam n'uma especie de parceria com o rei, partilhando com elle os ganhos, assim como as perdas e quebras do negocio. Mais tarde as restricções tornaram-se ainda mais severas, e no anno de 1518, D. Manuel, dirigindo-se a Fernão d'Alcaçova, veador da fazenda na India, prohibiu toda a transacção em *pimenta:* «..... defendemos e mandamos por este presente que nhũ christão Portugues não compre por modo algum nhũa pimenta», sob pena de perder toda a sua fazenda. Isto não foi bastante, e algumas pessoas, levadas pelo interesse, continuavam a comprar, tornando assim a mercadoria mais cara e mais escassa, de modo que os feitores d'elrei se viam obrigados a tomar *pimenta* «verde, e suja, e mascavada». Então D. Manuel, em um alvará escripto em Evora a 7 de Fevereiro de 1520, confirmou todas as prohibições: «..... nhũas pessoas, asi christãos como mouros, gentios, judeos, e quoaesquer outros de qualquer condição que sejão, nom tratem com a dita pimenta.....» A penalidade imposta era severa; perder toda a sua fazenda, e ficar alem d'isso sujeito á «pena crime que vos bem parecer» — isto é, en-

---

[1] Ultimamente publicado em *Alguns doc. do Arch. nac. da Torre do Tombo,* etc. Lisboa, 1892.

tregue ao pleno arbitrio do governador. A *pimenta* ficou assim sendo, o que na India chamavam uma *droga defeza;* e todo o seu commercio se concentrou nas mãos de el-rei ou do estado. Exceptuavam-se apenas certas porções de *pimenta,* dadas na India em pagamento de soldos, ou concedidas aos capitães e guarnições das naus por um systema complicado, datando logo da viagem de Cabral, conhecido depois pelos nomes de *quintaladas* e *partidos do meio,* e que seria impossivel explicar nos estreitos limites d'esta nota.

Igualmente nos é impossivel discutir aqui os preços da *pimenta* e as suas variações, tanto na India como em Portugal; e só darei a tal respeito indicações muito rapidas. Segundo o nosso Orta, o quintal de *pimenta preta* usual valia em Cochym dous cruzados e meio. Isto é muito proximamente confirmado por Antonio Nunes, o qual dá o quintal como valendo 1$100, e uma fracção de real, sendo computado o cruzado de oiro em 426 réis[1]. Não conheço os preços de Lisboa nos meados do seculo, mas nos ultimos annos, a partir do de 1587, oscillavam de 26 cruzados, preço minimo, a mais de 50, podendo talvez tomar-se uma media de 30 a 40 cruzados por quintal. Seguramente, de $2\frac{1}{2}$ a 40 cruzados ía uma larga margem de lucros; mas a despeza de viagem era grande, excedendo 12 cruzados por quintal, e havia quebras e outras perdas. Bastava um sinistro para annullar os ganhos. No anno de 1594, em que ardeu a nau *Chagas,* o negocio da *pimenta* deu perda, não obstante vender-se a das naus que chegaram a salvamento pelos preços altos de 45 e 52 cruzados o quintal. Em outros annos, porém, os ganhos eram avultados; e o trato da *pimenta* constituiu um dos grandes rendimentos do estado. Em um orçamento, feito por Figueiredo Falcão, para um dos annos do principio do XVI seculo, calculando-se os rendimentos geraes de Portugal em 1:672 contos de réis proximamente[2], computava-se o producto de 20:000 quintaes de *pimenta* em 240 contos, o dos direitos de cinco naus em 150 contos, e os rendimento proprios da India em 355 contos proximamente, ou sejam 745 contos, quasi metade do rendimento geral, derivados directa ou indirectamente da India. Mas se examinassemos parallelamente os orçamentos de despeza, e tomassemos em consideração os enormes gastos de administração na India, de construcções navaes e outros, nós chegariamos de certo á conclusão do sr. Oliveira Martins em um

---

[1] Estes 1$100 réis, ou antes *reaes,* tinham um valor intrinseco superior a 5$500 réis, e equivaliam talvez a 22$000 réis de hoje; mas sobre estas equivalencias tenho graves duvidas, quando se trata da India e mesmo de Portugal; vejam-se as notas ao *Coloquio do Cravo.*

[2] Dou os proprios numeros de Falcão, que têem naturalmente de soffrer as correcções á conhecidas.

dos seus estudos, isto é..... «que a *pimenta* foi um mau negocio para o thesouro de S. A.»

A *pimenta*, com outras drogas e mercadorias, vinha para a Casa da India, e d'ali saía para o consumo do paiz, e principalmente para o consumo geral da Europa, ou por vendas feitas em Lisboa, ou pelas remessas directas. Diz-se, que no dia 21 de janeiro do anno de 1522 um navio portuguez levou pela primeira vez directamente a *pimenta* e especiarias da India á cidade de Antuerpia. Parece-me esta data um pouco tardia, posto que não tenha noticia de remessa anterior. Mais tarde, estabeleceu-se a Feitoria de Flandres, pela qual corriam as vendas. Esta Feitoria serviu principalmente para base de operações financeiras desastrosas; faziam-se vendas antecipadas; sacava-se a descoberto sobre a *pimenta* futura; e no anno de 1544 deviam-se ali e em Castella, proximamente 4:000 contos de réis, somma enorme para o tempo; e isto a juros tão altos, que «se dobra o dinheiro em quatro annos». Como dizia o Conde da Castanheyra em um interessante documento, que hoje chamariamos um *relatorio* sobre o estado da fazenda publica: o grande mal «foy começar-se a tomar dinheyro a cambio. E des que se começou a tomar ategora nunca se outra cousa fez: e quasi se não sostem dal as despezas de Vossa Alteza». Tristemente actual toda esta phase.

Ficaremos por aqui, notando unicamente, que a historia, sobremaneira interessante, da Casa da India e da Feitoria de Flandres, não está feita, e não seria possivel fazel-a pelos documentos até hoje publicados. Não obstante as notas curiosas, dispersas por todos os nossos chronistas, o valiosissimo auxilio dos *Subsidios*, publicados por Felner, o livro capital de Figueiredo Falcão, alguns documentos importantes, reunidos por fr. Luiz de Sousa para os seus *Annaes de D. João III*, e publicados por Herculano, os do *Archivo Portuguez-oriental* de Rivara e varios outros, não obstante o que de tudo isto se póde deduzir, ainda restam muitas lacunas e muitos pontos obscuros, que só uma revisão minuciosa e intelligente dos nossos archivos poderia preencher e esclarecer.

Nota (2)

Os *pecegos*, como muitos outros fructos das regiões temperadas, íam da Persia para a India por Hormuz, e eram muito apreciados dos portuguezes, que tinham algumas saudades da fructa da sua terra. A idéa de que primitivamente foram venenosos era uma velha lenda classica, contada já por Columella, e á qual allude tambem Camões:

O pomo que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

COLOQUIO QUADRAGESIMO SETIMO

DA RAIZ DA CHINA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Queria levar a Portugal alguma *raiz* ou *páo da China,* pois nam he droga defesa; e pera isto queria que me dixeseis a feiçam della, e vosso parecer, e pera que enfermidades aproveita; e me diguaes todos seus sinaes, e a maneira da administraçam nas enfermidades* que se dá; e se usaram em Portugal desta raiz, por ser a terra mais fria e a mézinha ir de qua mais fraca; e como se conservará milhor esta raiz, pera ir mais fresca; e qual he milhor, se esta, se o *guaiacam* das nossas chamadas Indias; e nam vos cegue** afeiçam porque esta mézinha está mais perto, e será de vos mais usada.

ORTA

Este *páo* ou *raiz* nace na China, terra muito grande, e que se presume confinar com Moscovia, e se Laguna lhe chama Indias mais orientaes, não acerta nisso muyto, senão se escusa com dizer que todas as terras não sabidas se chamavam Indias; e nam vos direi aqui as rezões, por onde se presume confinar com Moscovia, por ser cousa de pouquo proveito, e nam conforme á vossa entençam***. E porque nestas terras todas, e na China e em Japam, ha este *morbo napolitano,* quiz o misericordioso Deos darlhes por remedio esta raiz, da qual sabem lá bem curar os bons fisicos; porque os máos em todo cabo erram. E como elles curam lá

* Parece faltar a palavra «em».

** Deve tambem faltar aqui o artigo «a».

*** Veja-se a nota, vol. I, pagina 271.

com esta mézinha, acertaram acaso de trazer della esta raiz os Chins pera se curar cá no anno de 1535.

RUANO

E como soubestes o uso deste *páo,* pois as náos da China não vinham mais que até Malaqua, e os Portuguezes que iam á China nam conversavam em terra com os Chins?

ORTA

Eu vim de Portugal hum anno antes, e trouxe pouca fazenda (como se acontece a muytos), entre a qual trouxe cinquo quintaes do páo chamado *guaiacam,* o qual ao tempo de agasalhar, não foy bem alojado, e tomaramme delle o que quiseram as pessoas que o queriam tomar; e, chegando a esta terra, achei que pereciam muytas pessoas de *talparias,* e de outras chaguas de *sarna castelhana,* e a muytas dellas não aproveitava o remedio das unturas. E chegando a esta terra, eu fuy mui festejado por trazer este *pao,* porque já cá se aviam curado com elle algumas pessoas, ás quaes avia socedido bem, e asi esperavam por elle de Portugal, e eu vendi o que trouxe por mil crusados; e quiz Deos isto, porque trazia pouqua mercadoria, e afóra isto dei algum de graça, e, como dixe, muyto me furtaram ao embarcar e desembarcar, e quiz Deos, que a todos que o tomaram sucedesse muito bem. E como loguo se acabou o meu *páo,* compravam o *páo,* já cozido, a cinquo crusados o arratel; e, porque custava tanto, queria Deos que aproveitasse. E nesse tempo vivia a gente esperando as náos, que aviam de vir do reino, pera ver se traziam *páo,* e veo muito pouco ou nenhum. E neste tempo foy curado hum homem muyto honrado e riquo, o qual, estando em Dio, contou a meu amo Martin Afonso de Sousa, que lá estava tomando posse da fortaleza que lhe ahi deu o soldam Bhadur, rei de Cambaia*, como avia sido curado com o *páo da China,* com que se

* Póde ver-se *Garcia da Orta e o seu tempo,* pagina 95 e seguintes.

achára muyto bem, e tivera inteira saude, e que não requeria dieta alguma, somente lhe vedavam que nam comesse carne de vaca, nem de porquo, nem peixe, nem frutas verdes; e ainda na China lhe concedem o peixe; porque sam os Chins muito comedores. E, como isto foy bem divulgado, desejava a gente em grande maneira aver este *páo;* porque todos os homens sam inclinados a comer e beber, e muyto mais os desta terra por sua ociosidade, e mais porque entonces tomavam o *guaiacam* com muyta dieta; porque tambem asi se tomava em Espanha. Asi que vindo as náos de Malaqua, valeo algum pouquo desta raiz, que nellas veò, a dez crusados a *ganta* (que he peso de vinte quatro onças)*, e depois os outros annos valeo tam barato, que val ás vezes a trinta reis a *ganta*. Desse tempo pera cá, foy degradado o *páo* das Indias de Castella, como castelhano que vinha a matar de fome a gente que cá abita; em tanta maneira que as náos que corresponderam ás em que eu vim, troxeram grande soma de *páo* de Portugal, com a fama que levaram da minha boa venda, e não foy dado por dinheiro algum, e pouquo a pouco se guastou nesta terra, queimandose. Ora olhai senhor, se tenho eu rezam de estar milhor com este *guaiacam,* que com o *páo da China,* e certo que destoutro, dandose pella maneira que se dá, scilicet, dado, considerando primeiro a calidade e compreisam do enfermo e a natura da enfermidade, e o tempo e regiam, se he fria, se quente, e o sexo, e a idade de quem o toma**. E não vos maravilheis louvalo eu tanto, pois que ninguem ouve que o louvase; escrevendo tantos escritores cada dia louvando o *guaiacam;* porque en-

---

* No *Livro dos pesos,* «gamta» é uma medida de capacidade, equivalente a 5 quartilhos; e no mesmo sentido é tomada no *Tombo,* onde, nas despezas da igreja de Malaca se descrevem:

«E oyto guantas d'azeite de coquo cada mês pera as alampadas.»

Yule e Burnell, no *Glossary,* dizem, porém, que *ganton,* segundo alguns viajantes antigos, era uma medida ou *peso,* usado no Archipelago Malayo.

** Orta esqueceu-se evidentemente de terminar a sua phrase.

tre elles hum fidalgo alemam escreve hum livro de seus louvores, em muyto copioso estilo e mui puro latim, e pudera ser escrito em huma folha de papel (1); e destoutra *raiz da China* dizem Vesalio e Laguna muytos males, dizendo que he podre, e sem vertude esta *raiz da China,* e que custa muito dinheiro, e eu nam tenho que ver com que custe muyto, nem pouco, nem que seja cara, nem barata, antes me parece bem o que diz Mateolo Senense, que abasta pera esta raiz ser boa mézinha tomala o emperador Carlos quinto, e aproveitarlhe. E certo que dado com as condições acima ditas, muyto aproveita a todos.

RUANO

Quanta cantidade deste *páo* ou *raiz* cozem pera huma pessoa?

ORTA

Se o mal he muyto grande, cozem huma onça desta *raiz* em quatro canadas de agoa, e gasta a metade da agua; e a outra guardamna em vidro ou barro vidrado; e tiramlhe a escuma ao cozer, porque he boa pera deitar em algumas chaguas; e ás vezes a deitamos sobre as chaguas ou inchaços, e o baffo, quando está cozendo, he muyto bom pera a dor; e outras vezes fazemos fomentaçam com esta agoa quente nos inchaços: e outras vezes pomos panos molhados em chagas, e he muyto bom mondificativo. Os Chins custumam dar mais cantidade de *páo,* em suas terras; e algumas pessoas desta terra quiseram imitar os Chins, cozendo duas onças de *páo* ou onça e mea, e acharamse mal com isto, porque os esquentou muito; e eu mesmo tomei este *páo* com suadoiros pera huma ciatica que tinha, sem suspeita de *morbo galico;* e porque tomei suadoiros, e bebia aguoa quente, como se custumava em principio, quando este *páo* veo, encheoseme o corpo de eresipula e leicenços, pollo grande esquentamento que me fez no figado; e foime necesario sangrarme, e beber aguoa de cevada, e açucare rosado, e pôrme ao vento, e asi fui restituido á saude. E de mim tomáram exemplo muytas pessoas depois, e não qui-

seram tomar mais aguoa quente, nem deitar tanta cantidade de *páo,* como deitam na China; porque a terra he lá fria em estremo, e esta muyto quente. Somente a tomam cá, quando ha a neseçidade dos suadoiros, pella manhan quente pera suar, e quando ha necesidade dos suadoiros e as enfermidades sam maiores, tomam suadoiro polla manhan e á noite; e tambem nos tempos muyto quentes, não damos o *páo* a ninguem, quanto mais suadoiros. Esta he a maior cantidade, que custumamos a dar cá, scilicet, huma onça cozida em quatro canadas de aguoa, e coza até que gaste a metade; e a outros dam mais pequena cantidade de *páo,* ou que tenha menos cozimento.

RUANO

E não a retificaes com algumas mézinhas?

ORTA

Senhor, si; porque a mandam retificar, e quando o mal he mais pequeno, ou a compreisam mais quente, damos huma onça de *páo* cozido em quatro canadas de aguoa, e que fique em duas e mea, e ás vezes em tres; e daqui passamos poucas vezes; e tambem trabalhamos que o *páo* seja bom e pesado, e que não tenha caruncho; e se, com estas condições, fôr branco he melhor que o vermelho. E quanto he á retificaçam, custumam os Chins deitar raiz de aipo no cozimento; e dali, e mais da rezam em que se fundavam os Chins, acustumei eu nam dar *páo* sem retificaçam: scilicet, quando padece mais a cabeça ou os nervos, deito rosmaninho, ou rosas, ou aipo se o figado está opilado, ou raizes de endivia se está quente, com alguma opilaçam; outras vezes o dou pera ulceras dos rins e bixigua, e lhe deito alcaçuz; e aqui ouve hum tisico*, aquem o eu dei, mesturado com outro tanto de cevada como era o *páo,* e com pouquo cozimento, e oje em dia está sam.

---

* Na edição de Goa «fisico»; mas da *errata,* apezar de errada, e do sentido, julgo deduzir que deve ser tisico.

RUANO

Que vos moveo a dar o *páo,* em enfermidade tam quente em membros esperituaes?

ORTA

Moveome ver o paciente cheo de inchaços na cabeça, e em outros cabos, e escarrar materia, e não lhe aproveitarem os outros remedios, e irse consumindo, e como quer que foy, socedeo muyto bem, e o homem ficou sam; e depois o fizeram outros muytos, e acharamse bem com isto. E já aguora ninguem toma o *páo,* que o não tome retificado com alguma mézinha; porém eu me quero gabar que fui o primeiro que isto usei, e por meu exemplo o fizeram os outros.

RUANO

Dizeime, se he bem purgar primeiro ao enfermo que tome este *páo,* e se tem alguns acidentes nelle os que o tomam, porque he bem sabelos, pera o remediar quando vierem; e quando aproveita mais este *páo,* se no principio das enfermidades ou no estado dellas; e se aproveita mais nas enfermidades grandes, ou nas pequenas.

ORTA

Regra geral he xaroparemse e purgaremse os homens antes que o tomem; e se o mal he muyto grande, fazemos os xaropes solutivos. E porque polla maior parte he este negocio freima, acrecentamoslhe *turbit* ou *agarico;* e mando agoar os xaropes ás vezes com aguoa do *páo;* e depois de purgado, com boa regra, lhe começamos a dar o *páo,* e aos quinze dias, se he necesario, lhe damos hum minorativo, e ás vezes outro, ao cabo dos trinta dias; e se neste tempo não faz camara, cada dia o cristelizamos com a aguoa do *páo* e mel rosado, e olio violado, e canafistola, e isto segundo o que a nesecidade requer; e estes minorativos, que lhe damos ás vezes, não sam de mais que de manná e canafistola, e ruibarbo desatado em aguoa do *páo* ou de endivia, ou de cozimento de ameixas ou de alcaçuz, ou aguoa de cevada: e se o enfermo se esquenta muyto, damoslhe a

aguoa do *páo* em menos cozedura, ou mesturamoslhe aguoa de envidia ou de fumus terræ, se a ha, ou de linguoa de vaca, se se acha; e se muyto se esquenta o paciente, leixa o *páo,* e toma outra vez mais oportuna e conveniente pera isso. Algumas vezes aproveita este *páo* aos 20 dias, e ás vezes mais tarde, e ás vezes mais cedo: mas o que comumente he crecerem as dores até os 15 dias, e dahi por diante vam em declinaçam. E porém eu vi hum mancebo, que lhe creceram as dores em grande máneira 25 dias, e aos 30 dias estava sam de todo ponto: por onde diguo que nam desespere ninguem. Outros vi que o tomaram muytas vezes, e a derradeira lhe aproveitou, e as outras nam: parece ser que eram os humores mais frios. E de meu conselho avia vossa merce de dar lá em Portugal o *páo da China,* levandovos Deos lá a salvamento, acresentando a cantidade que cá damos, porque a terra he mais fria; e fazer como cá fazemos, quando a nesecidade he muyta comer galinha cozida com a agoa do *páo,* e ás vezes pam amasado com a mesma agoa, segundo que a nesecidade ouver.

RUANO

Bebemno quente ou frio, e comemno temperado com sal ou não?

ORTA

Poucas vezes o mando dar quente, como se dava no principio, senão nos suadoiros. Polla manhan doulhes a comer galinhas, frangãos, e carneiro temperado com sal e açafram e coentro seco, e ás vezes lho dou asado, segundo o que a enfermidade requer; sempre lhe tolho o vinho, senam quando dou o *páo* pera fraquezas do estomaguo de muytas freimas, e de nam degerir; porque pera isto aproveita muito o *páo* com vinho, comvem a saber, aguado com agua do *páo,* porque tira o fastio, e procura boa digestam.

RUANO

Pera o *guaiacam* de todo ponto lhe tolhemos o sal, porque he imigo dos humores adustos e das freimas salgadas;

e muitos homens, que de cá foram, me dixeram, que nesta terra tambem o tiravam: pera este *páo* não sei como vós quereis usar do sal.

ORTA

Uso do sal temperadamente, porque nam he neseçario ser muito escrupuloso na fisica, senam deixar tudo ao bom juizo do fisico: e por isto me parece que o comer temperado com pouco sal não pode fazer mal nem a humor adusto, nem ás freimas salgadas, e eu com isto me achei bem sempre, e espero em Deos de me achar sempre bem. E tambem os Chins usam nesta cura de comer pam com mel.

RUANO

Vistes alguma pessoa que o tomase muytas vezes, ou em muyta cantidade?

ORTA

Conheci hum meu amiguo, que tomou unturas e fumos, e o páo *guaiacam,* e esta raiz tambem, e cada vez se achava pior. E foy a Malaqua, e achouse muyto enfermo lá, e curouo hum Chin, e davalhe a comer esta *raiz da China* na galinha cozida, e ficou este homem muyto sam, e nunqua mais adoeceo, porque este *páo* he milhor pera as doenças velhas, que pera as novas, e pera onde ha inchaços grandes, e chagas muyto roins. E por tanto nam vos maravilheis, se aproveitou mais ao cabo, porque pera as ultimas enfermidades as ultimas curas sam poderosas*; e ainda que este aforismo se emtenda na dieta, tambem se pode aleguar na cura, e comtudo olhe bem quem o dá o que faz, porque já ouve muytos que pereceram, e se consumiram de muyta quentura.

RUANO

Está isso bem dito; e porém queria saber se ha outra maneira de tomar este *páo* ou *raiz*.

---

* Anph. I, anphorismo 6 (nota do auctor); um dos mais conhecidos aphorismos de Hippocrates.

ORTA

Algumas pessoas vi no Balagate, que tomavam o *páo* como acima dixe, e mais mesturavam na aguoa quente, que polla manhan e á noite tomavam, cada vez, huma dracma e mea de *páo* moido; e com isto diziam que se achavam bem, e dizem que o faziam por conselho de bons fisicos; e outros tomam polla manhan huma boa talhada de conserva, feita do pó do *páo* em mel (ou açucare se a quentura fôr muyta) e sobre ella bebem aguoa do *páo,* e esta conserva leva o pó do *páo,* segundo o arbitro do bom fisico: e esta conserva tambem pode ser retificada, segundo a nesecidade do paciente, o qual fareis milhor que eu, como vos nisso exercitardes. E loguo se pode ver quanto páo he neseçario nesta conserva, pois que commumente se guasta em huma cura, pera aguoa dos trinta dias, trinta onças: eu curei com isto a duas pessoas que tinham os companhões* muyto inchados de muito tempo, e hum sarou totalmente, e o outro lhe ficou muyto pouco pera se resolver; e ficou pera sarar com os remedios locaes somente. E por tanto vos aconselho que varieis os remedios, e mais vos diria, se vos não enfadáse.

RUANO

Daqui a mil annos folgarei de vos ouvir, portanto dizei.

ORTA

Na China comem este *páo* cozido com a carne, como nós os nabos; porque elle he muyto tenro, quando he novo, e a mim me parece que seria muito boa cousa tomar aguoa estilada deste *páo;* e nam sei se mo quereram lá estilar, e trazermo; porque aguora a eide mandar trazer, e pera isso mando lá alanbique.

RUANO

Fundado em rezam está, que será muyto boa mézinha esta aguoa estilada: e porém dizei pera que enfermidades o acharei proveitoso?

---

* Os testiculos; o hespanhol *compañon.*

ORTA

Pera qualquer enfermidade onde ha *morbo napolitano,* e pera humor enfecionado delle, e por a parte lesa ser já tocada delle, e ainda que não seja tocada desta enfermidade, he bom pera paraliticos, e que tem tremor (do qual eu curei ao Nizamoxa em pouquo tempo) pera artetica, ciragra, podagra, ciatica, alporcas, e pera inchaços reduzidos a melancolia ou freima como geso*, pera indigistões do estomago, pera xaqueca velha, pera pedra e ulceras da bexiga ás vezes, porque com este *páo* deitam a pedra, que antes não pudiam deitar. E, pera que mais vos maravilheis, sabei que hum fisico bom letrado, e pratico asaz experto pera curar os outros, adoeceo 60 legoas desta cidade, onde elle resedia, e curava hum honrado esprital em huma cidade de elrey nosso senhor. Enfermou elle de hũma latica, da qual foy doente quatro mezes; e elle, porque vio que se não tirava a febre, e por ser mais amiguo seu que de outrem, tirouselhe o bom conhecimento, e tevese por etico, e bebia leite de asnas, e trazia apos de si huma asna, a qual o seguia já, e o consentia mamar; não se achava milhor, senão empeorava com ter inflações no estomaguo; veiose aqui curar comiguo, e pousou em minha casa; eu o vi, e lhe senti alguma opilaçam no figado, e lhe senti excrecencias e principios na febre manifestos; e vendolhe as orinas o convenci que aquilo era latica, com alguma mestura de melancolia por adustam; o qual elle, lendo por os livros, me confessou, e me dixe que certamente se fôra curando outra pessoa não me** enganara, mas porque os homens, asi como se queriam mais, asi tinham as suas enfermidades por maiores. Eu curei este homem alguns dias, e ficou sem febre com huma inflaçam e dor no estomaguo, e com humas ventosidades grossas nelle, pera o qual lhe dava conserva de gengivre,

---

* Ignoro completamente o sentido d'esta expressão.

** A palavra *me* não faz sentido, pois aquelle medico falla de si, e deve dizer, *não se inganara.*

com que se achava melhor; e nunqua pôde este fisico sarar, até que lhe dei o *páo da China,* retificando a aguoa com huma pouca de aguoa estilada de canela, e asi foy perfeitamente sam.

RUANO

Certamente que me contastes muitas cousas de boa pratica de medecina, e não quisera que acabareis tam asinha. Por tanto dizei o nome e a feiçam do *páo* ou *raiz da China.*

ORTA

Diguo que he huma mata, do tamanho de tres ou quatro palmos de altura sobre a terra, e terá de raiz hum palmo, pouquo mais ou menos: he huma raiz grossa, e outra delgada, como cá vedes estas raizes, que he o que qua vem, tudo raizes; e quando se colhe esta raiz he muyto tenra, e comese a bocados, crua e cozida; e quando a comem, lança de si huma humidade, como cana de açucare mal doce; e saem desta raiz á frol da terra humas asteas pequenas como pena de escrever, e segundo a raiz he, asi lança as asteas, e do pé destas vergonteas até o alto saem humas folhas ralas da feiçam da laranjeira nova. Este páo ou mata se chama na China *lampatam:* e isto he o que pude saber desta mata e raiz, e já vi huma mata pequena nesta Goa, e secouse antes que crecesse. E porém antes que acabemos a estoria do *páo,* vos direi o que me aconteceo nos tempos passados. Antes que este *páo* viesse á India, avia hum mercador de pedras, a que cá chamamos *lapidarios,* e tambem lhe pudiamos chamar *pedreiros,* senão chamamoslhe o nome latino pera os mais honrar: este teve huma parlesia universal em todo o corpo e braços, e pernas e mãos e pés, em tanta maneira que nam pudia bulir hum anel pera o ver: avia já seis mezes que era doente sem nenhuma melhoria, pediume que o aconselhase, se seria bom tomar o *guaiacam,* e lhe dixe que ao menos nam lhe faria mal. A este homem curei xaropando e purgando primeiro, e no meo menorandoo, ao fim tambem; e ficou muyto sam. E avendome elle pagado muyto bem, por fim me deu hum anel com hum

diamam, pello qual me deram 5o crusados, e asi me deu hum relogio, com hum mostrador muyto bom, e me dixe que lhe perdoase, que bem sabia que me não paguava, senam que me dava aquilo por lembrança; e porém que me daria hum conselho, e era que nam mandáse a nenhum dos que curase, que não dormisse com molher, senão que nam a vise; por que elle, comendo por dia seis onças de pam e passas, sendo vinte cinquo dias do *páo,* tivera aceso com huma sua moça tres vezes: vede quanto póde o estimulo da carne! E mais me dixe que, quando o achava muyto triste e elle dizia que avia de morrer, que nam era senão com o pensamento de aver pecado contra Deos e contra sua saude. E dahi ávante sempre védo o coito aos que tomam esta *raiz* ou *páo;* porque, se com a dieta muyto grande se acontece isto, que fôra com a larga da *raiz da China?* E mais todos dizem que este páo ou raiz incita muyto isto; e por tanto vos requeiro que os que curardes, que não vejam molheres, porque as não toquem (2). E o páo que ouverdes de levar pera Portugal, seja metido em *jarras martavans* de colo alto; porque sam vidradas por dentro, e sostem muyto o *páo* sem se danar (3).

NOTA (1)

O nome de «guaiacam», do americano *guaiacan,* usado, segundo parece, pelos indigenas das Antilhas, dava-se ás madeiras de duas arvores do mesmo genero, e da familia das *Zygophylleæ*: **Guaiacum officinale,** Linn., uma arvore mediana das Antilhas, Cuba, Jamaica, Trinidad e outras, e tambem da terra firme da America: **Guaiacum sanctum,** Linn., uma arvore muito similhante á precedente, da qual se distingue por caracteres puramente botanicos, e habitando nas mesmas regiões, Cuba e outras ilhas, e parte meridional da Florida.

Esta madeira foi conhecida, ao que parece, logo depois das primeiras viagens de Colombo, e começou a ser considerada um remedio poderoso nas doenças syphiliticas, que se haviam desenvolvido pela Europa de uma maneira pavorosa por aquelles fins do XV seculo e principios do seguinte. Julgava-se a doença de importação americana, como vimos já (II, p. 115), e isto contribuia para dar importancia ao

remedio, americano tambem. A madeira foi por isso conhecida pelos nomes de *guaiacum sanctum, lignum sanctum, lignum vitæ,* derivados da sua verdadeira ou supposta efficacia; e deu logar a uma abundante litteratura. Logo no anno de 1517, um Nicoláo Poll, depois medico do imperador Carlos V, escreveu um opusculo curto, *De cura Morbi Gallici per Lignum Guayacanum,* onde nota, que aquelle remedio, *quod sanctum cognominant,* parecia vir providencialmente da terra, donde viera a terrivel doença. No anno seguinte (1518), Leonardo Schmauss conta no seu *De Morbo Gallico tractatus,* como mandara pedir informações a respeito do novo remedio, e obtivera de Portugal e Hespanha dezenove cartas e noticias, sobre as quaes redigíra o que dizia *de arbore guaiacana.* As *dezenove* cartas levaram de certo tempo a reunir, por onde se vê, que se devia ter começado a fallar do remedio logo no começo do seculo, como já antes notámos. Tambem no anno seguinte (1519) Ulrich von Hutten, o conhecido partidario da Reforma, e tido na conta de um excellente latinista, escreveu um opusculo encomiastico, onde celebrava a sua propria cura: *Ulrichi de Hutten equitis de Guaiaci medicina et morbo gallico liber unus.* Este era o «fidalgo alemam» do nosso Orta, que, reconhecendo-lhe as qualidades de escriptor «em muyto copioso estilo e mui puro latim», lhe nota, no emtanto, que tudo aquillo podia ser escripto em «huma folha de papel». Oviedo, no seu conhecido livro sobre as Indias occidentaes (1526), e muito mais tarde Monardes, no não menos conhecido tratado das *Drogas de las Indias* (1569), deram igualmente varias noticias interessantes sobre o *guaiacan;* noticias que não vem ao nosso caso, e não será necessario resumir.

Aquella droga vinha, pois, das novas possessões americanas hespanholas a Sevilha e outros mercados de Hespanha, d'onde, como vemos pelo nosso Orta, passava a Portugal, sendo exportada d'aqui para a India oriental.

(Cf. *Pharmac.,* 92; Poll, Schmauss, e Hutten, em Aloysio Luisino, *Aphrodisiacus, sive de lue venerea,* p. 241, 383, 275; Oviedo, em Ramusio, III, 54 e 124; Monardes, nos *Exoticorum,* 312.)

Nota (2)

A *raiz da China* pertencia a uma planta trepadeira e espinhosa da familia das *Smilaceæ,* **Smilax China,** Linn. *(S. ferox,* Wallich), espontanea na China e Japão, assim como em algumas provincias orientaes da India; mas Orta não conhecia esta ultima procedencia.

Todo o *Coloquio,* com as suas longas e um tanto fastidiosas esplanações sobre as regras a seguir na applicação da *raiz da China,* e regimen dietetico a observar, é estremamente interessante para a historia

da medicina, pois é a primeira noticia scientifica, sobre a introducção na India de um novo remedio, que d'ali passou para a Europa. Não exige, porém, nem comporta uma longa nota, pois não tem muitos pontos obscuros a elucidar.

A nova droga, começada a applicar com proveito na India, no anno de 1535, depois da noticia dada em Diu a Martim Affonso de Sousa, foi trazida desde logo para a Europa, creando-lhe sobretudo reputação o facto de ser tomada com favoravel resultado pelo imperador Carlos V, que soffria de gotta. E o celebre medico e cirurgião, André Vesalio, escreveu e publicou em o anno de 1546 uma carta sobre este assumpto especial: *Epistola rationem, modumque propinandi radicis Chinæ decocti, quo nuper invictissimus Carolus V imperator usus est.* Orta conhecia esta carta, onde vem algumas criticas e reparos ao novo remedio[1]; assim como conhecia o que haviam dito em seu desfavor, e em seu louvor, o erudito Andre Laguna, e o eruditissimo Matthioli. A *raiz da China,* preconisada no tratamento das doenças syphiliticas, que atrahiam então todas as attenções, foi effectivamente muito discutida, louvada e preferida ao *guaiaco* por uns, e n'esse numero entrava o nosso Orta, tida em conta inferior por outros e creio que pelo maior numero. Por outro lado, as *sarsaparilhas,* provenientes de diversas especies americanas do mesmo genero *Smilax,* começaram quasi pelo mesmo tempo a ser conhecidas na Europa, e a sua crescente reputação contribuiu para diminuir a voga da *raiz da China.* Na Europa caíu em quasi completo abandono; mas no Oriente, na China e na India, onde é geralmente conhecida pelo nome persa *chúb-chíni* (páo da China), consomem-se ainda hoje enormes quantidades d'aquella droga, sendo geralmente considerada anti-rheumatica, anti-syphilitica e aphrodisiaca.

A noticia de Orta, de que «na China comem este páo cozido com a carne, como nós os nabos», vem confirmada modernamente por Polak, citado na *Pharmacographia,* o qual affirma que serve de alimento aos Turcomanos e aos Mongoes. É possivel, no emtanto, que a noticia de Orta, como a de Polak, resulte de alguma confusão da *raiz da China,* chamada n'aquelle payz *tu-fuh-ling,* com um singular cogumello, o *Pachyma Cocos,* chamado *fuh-ling,* e que effectivamente serve de alimento.

Orta toca n'este *Coloquio,* como já tinha feito no *trigesimo quarto,* em uma questão complicada, a antiga existencia da *syphilis* no Oriente, questão em que reconheço a minha absoluta incompetencia. Não se percebe muito bem, se Orta admitte a importação da doença na Europa nos fins do XV seculo, o que era então a doutrina corrente, e unicamente

---

[1] O nosso Orta tem rasão, e Vesalio faz effectivamente varias criticas ao novo remedio, devendo eu emendar n'este ponto o que disse em *Garcia da Orta e o seu tempo,* p. 294.

diz, que ella existíra de todo o tempo n'aquellas «terras todas e na China e em Japam», como existia na America; ou se francamente rejeita a doutrina da importação, suppondo aquella doença antiga em todo o mundo. Este ultimo modo de ver, foi sustentado em tempos relativamente antigos, assim como nos modernos, admittindo-se, por exemplo, que o chamado *fogo persa,* muito espalhado pelo Oriente, seria a *syphilis;* e encontrando-se tambem na Biblia algumas passagens, significativas da existencia da doença entre os hebreus, desde o tempo de Moysés. No caso de Orta, como em muitos outros, a questão complica-se pelo facto de elle não distinguir claramente as doenças *syphiliticas* das simplesmente *venereas;* e eu —repito— deixarei a discussão a pessoa mais competente.

Notarei unicamente dous factos, que parecem contrariar a opinião de Orta, e indicar uma importação no Oriente pelos europeus, principalmente pelos portuguezes: o primeiro, apontado pelo proprio Orta no *Coloquio trigesimo quarto,* é o nome *fringui* dado ás boubas na India, e que é a simples corrupção de *frangue,* e indica uma origem europêa do mal, trazido pelos frangues ou francos: o segundo é uma phrase de Antonio Pigafetta, o companheiro de viagem de Magalhães na primeira circumnavegação do globo, o qual diz, que em Timor e outras ilhas (1522) chamavam á *syphilis* mal de Portugal: ..... *in tutte queste isole* ..... *regna una malatthia che quei popoli la chiamano il mal di Portogallo, e noi altri in Italia il mal francese.*

(Cf. *Pharmac.,* 648; a carta de André Vesalio em A. Luisino, *Aphrodisiacus,* 586; Dymock, *Mat. med.,* 838; sobre o *Pachyma Cocos* e outras producções analogas, Hanbury, *Science papers,* 200 e seguintes; Hamonic, *Les maladies vénériennes chez les Hebreux à l'Époque Biblique,* nos *Ann. de Dermatologie et de Syphiligraphie* (1886 e 1887); Pigafetta em Ramusio, I, 368 verso.)

Nota (3)

As *jarras martavans* eram fabricadas na região da Indo-China, que lhes dava o nome, e muito apreciadas em todo o Oriente. Deviam ser de barro vidrado, posto que Duarte Barbosa diga serem de porcellana. Eis a passagem de Duarte Barbosa: «.... tambem se fazem n'este lugar (Martabam) muytas e grandes jarras de porcelana, muy grosas, rijas, e fermosas; ha hy dellas que levaom hũa pipa dagoa; saom vidradas por dentro de preto e muyto estimadas entre os Mouros».

Linschoten (1598) ainda lhes attribue maiores dimensões, dizendo que algumas podiam levar duas pipas; e Pyrard de Laval (1610) tambem as louva muito: ... *des jarres les plus belles, les mieux vernies et les mieux façonnées que j'aye vu ailleurs* (cf. Duarte Barbosa, *Livro,* 361; Yule e Burnell, *Gloss.,* v. *Martaban).*

COLOQUIO QUADRAGESIMO OITAVO

DO RUIBARBO, O QUAL SE DIZ EM POUCAS PALAVRAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Do *ruibarbo* queria saber a feiçam do arvore, e folhas e fruta que tem; e se esta raiz que a nós vem, se vem verdadeira ou falcificada; que certamente que por ver hum arvore destes daria muyto agora.

ORTA

Muytos annos ha que vi no tesouro de Cochim hum caxam da China cheo de *ruibarbo,* o qual estava muito podre, e todo se fazia em pó. E dixeramme em Cochim, que os Chins coziam aquellas raizes ou as estilavam, e que se purgavam com aquella agoa; e posto que isto me dixeram muytas pessoas, nunqua descansei, porque nenhuma era testemunha de vista, e porque nós temos por certo que todo o *ruibarbo* que vem de Ormuz ter á India, vem ter a Ormuz primeiro da China, pella provincia de Uzbeque, que he parte da Tartaria; e he fama que da China vem ahi ter per terra, e alguns dizem que o ha na mesma terra de Uzbeque em huma cidade chamada Çamarcandar; porém este he muito ruim, e de pouco peso, e purgam com elle os cavalos na Persia, e eu tambem os vi purguar no Balagate, e a meu parecer este deve ser o *ruibarbo,* que nós chamamos em Europa *ravam turquino,* e não porque elle seja da Turquia nem perto della.

RUANO

E dos que vam á China não averá algum que diga a verdade, perguntandolhe vós?

ORTA

Em estremo desejei saber isto, e dizemme os mercadores que lá vam, que o nam ha no porto de Cantam, senão pella

terra dentro; e trazemno ahi a Cantam a vender, e dahi vem á China*, e algum a esta India; donde vem ter tam danado pollo mar, que o não queremos cá gastar, por ser milhor o que vem pella via de Ormuz.

RUANO

Por tam certo tendes que não ha *ruibarbo* senão na China?

ORTA

Si, porque o que vem de Ormuz elles mesmos confesam que vem ter á Tartaria da China, e da Tartaria ou Uzbeque vem a Ormuz e a toda essa Persia, e por isso lhe chamam *ravam chini,* e os Mouros muytos nesta terra lhe chamam somente *ravam*, mas todos confessam não aver outro, senão o da China; que he asi, que nam ha *ruibarbo* trazido de Berberia nem *ravam indico;* senão o que se traz á India, ou Berberia, ade vir primeiro da China á India, ou á Berberia.

RUANO

Falando comvosco a verdade, milhor *ruibarbo* me parece o que vendem em Castella, scilicet, em Medina ou em Sevilha, que o que se vende em Portugal na caza da India; e asi val mais caro muyto.

ORTA

O *ruibarbo* que vem á Persia ou Uzbeque, vai dahi ter a Veneza, donde vai a Espanha, e este vai a Veneza pella via de Alexandria; e muyto outro vai ter, pella via de Alepo, a Tripol de Suria, donde vai á mesma Veneza; e porque todos estes caminhos sam pouquos por mar, e muitos por terra, nam danam tanto o *ruibarbo;* porque tenho por averiguado, que gasta mais e apodrece hum mez de mar que hum anno da terra. E já o *ruibarbo* que vem á India por maio, com estar nella até setembro, não he para se guastar

---

* Não se percebe bem o que quer dizer, e a phrase deve estar alterada na impressão.

já, e entonces vem outro de Ormuz milhor e mais novo; e o compram pera a India, e pera o levarem a Portugal; e o que invernou na India, deitamno na praia, e isto nam se entende no que inverna nas terras do sertam; porque nam he terra sogeita a potrefaçam; e quem nesta terra o quizer bem guardar, mandeo a Bisnaguer ou a Balagate. E peço-vos muito por merce que me perdoeis por vos não falar no *ruibarbo*, senam pouco ou nada; porque o não pude saber. E espero em Deos, que se saiba tudo mais bem sabido ainda, pois a China se conversa tanto já com os Portuguezes (1).

Nota (1)

O *rhuibarbo* do commercio, a raiz do **Rheum officinale**, Baillon, da familia das *Polygonaceæ*, e porventura tambem a de outras especies proximas, vinha de regiões distantes, que no tempo de Orta — e ainda até certo ponto hoje — eram mal conhecidas, e das quaes elle tinha naturalmente escassas noticias.

Os antigos conheceram uma droga, chamada ῥᾶ, ῥῆον, *rhacoma*, e depois *rha-ponticum*, *rheum barbarum*, *reu barbarum*, que seguramente deveria ser a raiz de uma ou mais especies do genero *Rheum*, entre as quaes figurava de certo a que depois forneceu a maior parte da droga. A palavra *ponticum* vinha da sua procedencia, ou antes simplesmente passagem, pelas regiões proximas ao Ponto Euxino; emquanto a designação de *barbarum* se quiz derivar da sua exportação pelo antigo porto de Barbarike na costa da India, mas deve antes resultar de ser trazida de regiões desconhecidas e barbaras[1]. De *reu-barbarum* se derivou facilmente a palavra portugueza e hespanhola *ruibarbo*, que já encontrâmos n'esta fórma em um documento de Barcelona de 1271, citado por Capmany.

Orta não conhecia, nem a feição da planta, nem exactamente a sua habitação, o que de modo algum nos póde surprehender. Apenas, alguns seculos antes, um unico viajante europeu, o famoso Marco Polo, havia passado pela região e cidade de Sukchur (Su-chau, na provincia

---

[1] Tambem a primeira parte do nome, se attribuiu, na sua fórma *Rha*, ao antigo nome do Volga, por onde se dizia vir; e na fórma *reu*, *raved*, *ravam* (como diz Orta) simplesmente a ser uma raiz.

de Kan-su), dando noticia de que ali havia pelos campos muito *rhuibarbo,* em que na cidade se fazia um activo commercio, concorrendo a ella mercadores de todas as partes do mundo. Esta noticia isolada podia facilmente escapar, como escapou, ao nosso escriptor. Tambem este não podia conhecer uma noticia interessante e mais minuciosa, pouco anterior ao seu livro. Ahi pelo anno de 1550, pouco mais ou menos, Ramusio deu um almoço em Murano, fóra de Veneza, ao qual assistiam os seus amigos, o architecto messer Michele San Michele, o celebre editor e impressor messer Thomazo Giunti, o interprete em lingua turca da *Illustrissima Signoria* de Veneza messer Michele Mambré, e um mercador mussulmano Chaggi Memet (Hadj Mohammed), recentemente chegado com uma carregação de *rhuibarbo.* Á sobremesa, a conversação versou particularmente sobre aquella droga, e o mercador contou como havia penetrado até á cidade de Succuir (Suchau, o Sukchur de Polo), dando informações sobre o commercio do *rhuibarbo,* e uma descripção da planta, acompanhada por um desenho. Esta descripção e desenho foram fielmente inseridos pelo Ramusio no seu livro; e aproveitados depois pelo erudito Matthioli nas suas annotacões á obra de Dioscorides. O desenho não era muito exacto; e, um seculo depois, o padre Kircher reproduziu-o na sua *China illustrata,* confrontando-o com um desenho mais correcto, obtido pela intervenção dos jesuitas, que já então começavam a penetrar na China septemtrional. Modernamente varios viajantes — como Prjevalsky, Piassetsky, que esteve em Lan-tchu, junto ao rio Amarello e á Grande Muralha, um dos mercados conhecidos d'aquella droga, o capitão William Gill, mais recentemente Bonvalot e Henrique de Orleans — têem passado pelas terras onde se cria o *rhuibarbo,* ou nas suas proximidades; mas são principalmente os missionarios, estabelecidos nas fronteiras do Thibet, como o vigario apostolico Chauveau e outros, que têem fornecido informações valiosas. Por seu intermedio se obtiveram as plantas, que se cultivaram e floriram no jardim botanico de Montpellier, e pelas quaes o sr. Baillon fez a sua diagnose da especie.

A area habitada pelo *Rheum* é bastante vasta, comprehendendo as provincias de Shan-si, Shen-si, Ho-nan, Kan-su e parte da de Sz-chuen na China, assim como todo o Thibet oriental, terras de Zaidam, Minjak e outras. O *Rheum* cresce ali espontaneamente nas pastagens e encostas relvadas das montanhas. Se em toda a região, o *rhuibarbo* do commercio procede da unica especie *Rheum officinale,* ou se outras especies o produzem tambem, é questão que não está ainda resolvida.

No tempo de Orta, e antes, algum *rhuibarbo* vinha á India dos portos da China por Malaca; mas nas viagens longas d'aquelle tempo, e mal acondicionado nas embarcações, chegava geralmente em pessimo estado á India, e em muito peior a Portugal. Thomé Pires queixava-se da mesma cousa:

«Tambem foy lla ter hũa soma de Ruybarbo podre, que se comprou em Malaca: eu nom fuy na compra delle, que estava em Cananor: foy comprado por quatro centos cruzados a Ruy daraujo e Joham viegas: devem tornar o dinheiro a vosa alteza, pois venderam mercadoria podre .....»

O *ravam chini*, vindo directamente da China por mar, era de tão má qualidade, que nunca podémos supplantar na Europa o que seguia o antigo caminho; e o proprio Orta confessa, dever ser o da Casa da India peior, que o vendido em Hespanha e procedente de Veneza. Este vinha pelo longo caminho das caravanas, por Yarkand, Kashgaria, Turquestan, passando em Samarcanda («Çamarcandar» de Orta), e pela Persia a Hormuz, ou para occidente aos portos da Syria, donde ía a Veneza.

Muito mais tarde, este caminho desviou-se para o norte, indo as caravanas pelo deserto de Gobi a Kiachta, e tendo então a Russia o monopolio do commercio de *rhuibarbo* para a Europa.

(Cf. Baillon, *Adans.*, x, 246; *Pharmac.*, 442; Yule, *Marco Polo*, i, 219, 220; Ramusio, *Nav.*, ii, 15; Kircher, *China illustrata*, 183 e 184, Amstelodami, 1667; *Gaz. de Pharm.*, 38.)

COLOQUIO QUADRAGESIMO NONO

DE TRES MANEIRAS DE SANDALO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

He o *sandalo* muyto neseçario, por ser muyto cordial, e com ser frio cheira bem (cousa que em poucas mézinhas se acontece); e por isto parece mal a Mateolo Senense o que dizem os Arabios da compleisam do *sandalo*. E o *sandalo vermelho* dizemme nesta terra que he avido por mais frio, e a causa disto he porque não tem cheiro, e por entender milhor isto, folgaria de saber o nome delle acerqua das linguoas da terra onde o ha, e da Arabia; e saber em que terras nasce, e saber se he em uso de medecina acerqua da gente desta terra.

ORTA

O *sandalo* nasce acerqua de Timor, onde ha a maior cantidade; e he chamado *chandam:* com este nome se chama por todas as terras visinhas a Malaqua; e os Arabios, como pessoas que cheiravam o comercio destas terras, corrompendo o vocabulo, lhe chamaram *sandal*. Todo o Mouro de qualquer naçam que seja o chama asi; e os Canarins e Decanins e Guzarates o chamam *cercandá*. Nacem e crecem os arvores do *sandalo* em Timor, donde he a maior cantidade; e sam matas que não se acabam de gastar, asi de huma banda da ilha como da outra.

RUANO

E todo o *sandalo* nasce nestas ilhas somente?

ORTA

Em outras partes nasce, como vos direi; e porém em Timor não nasce este *sandalo vermelho,* senão em Tanasarim

e na costa de Charamandel*, scilicet, em alguns cabos della. E a feiçam deste arvore do *sandalo vermelho,* até ao presente, não o pude saber; mas sei certo que vem dali todo o *sandalo vermelho,* o qual se guasta muyto pouquo nesta terra, porque não o gasta a gente mais que pera febres, e algum se leva para Portugal e pera as bandas do ponente. E tambem se gasta cá o *vermelho* em pagodes ou idolos, e amde ser os páos muyto grandes; e por isso quanto o páo he maior, que entram mais pouquos páos em hum *bar* (que sam quatro quintaes) tanto val mais preço. E quanto he ao *sandalo branquo* e *amarelo,* muyto grande cantidade se guasta em toda a India; porque toda a mais gente, ora sejam Mouros ora Gentios, se untam com *sandalo* desfeito em aguoa, e pisado em pedras, que pera esse mister tem feitas; e asi untam todo o corpo até que se seca pera estarem frios, e cheirarem bem; porque esta terra he muito quente, e a gente della muyto amigua de cheiros.

RUANO

Diz Mateolo Senense que nace em ambas as Indias, scilicet, na que está primeiro que o Ganges, e na que está alem do Ganges.

ORTA

Não nasce o *sandalo vermelho* senão na India, que está ante do Ganges** (o qual rio a gente da terra chama *Gamgua),* e outro *sandalo branquo* e *amarelo* nasce alem do Ganges (1).

RUANO

Como sabeis que este páo *vermelho* he *sandalo,* e não *brazil,* pois nenhum delles tem cheiro?

---

* A mesma orthographia se encontra em outros escriptores portuguezes, e parece representar correctamente a pronuncia de então, que depois se alterou, sem rasão, para Coromandel.

** Isto é um simples equivoco, pois disse antes encontrar-se em Tenasserim, que elle sabia muito bem estar alem do Ganges.

ORTA

Verdade he que nenhum cheira bem, mas o *brazil* he mais doce, e mais tinge; e o *sandalo* nem he doce, nem tinge. E deste modo perdeo hum meu amigo mercador, porque trouxe *sandalo vermelho* por *brazil,* e os tintoreiros lho compráram, e como viram que não tingia, tornaramlho a engeitar, e assi ficou por vender a mercadoria.

RUANO

Não val mais dinheiro o *sandalo vermelho* que o *brazil?* (2).

ORTA

Val mais o *sandalo vermelho,* porém gastase pouco, e do *brazil* guastase muyto; e por isto quando vem muyto *sandalo* val pouquo. E tornando a dizer donde nasce o *sandalo branco* e *amarelo,* diguo que em Timor (a qual ilha tem muytos portos de huma banda e de outra); e diguo que o de Mena, que he hum porto, he o milhor de todos, e tem menos páo que os outros: e Matomea, que he outro porto, tem hum *sandalo amarelo,* mas tem muyto páo. E diguo ter muyto páo, ter pouco cerne, porque no cerne está o cheiro; e o outro porto dito Camanace tem ruim *sandalo,* porque he de muyto páo e de pouco cerne, ou amaguo: e desta maneira he o *sandalo* de Cerviaguo (outro porto asi chamado). E os mercadores esprementados vendo o *sandalo* loguo dizem donde he, e se tem muyto páo ou pouquo. E tambem ha *sandalo* em Verbali (que he hum porto de Jaoa), e ha nelle *sandalo amarelo* e *branco,* e tem muyto forte cheiro, mas dura este *sandalo* pouquo; porque, se está hum anno sem se vender, he neseçario cortarlhe o páo, e ficar mais no cerne. E tambem se achou em Macaça* huma mata de *sandalo,* e guastouse já, ou por dizer mais verdade era tam ruim que o não compravam, e por isso não foram lá por elle.

---

* Talvez Macassar?

RUANO

Ha de duas maneiras *sandalo* em Timor, ou he todo *branco?* E qual he mais estimado?

ORTA

O mais estimado e de milhor cheiro he o *amarelo,* mas na parte onde o *sandalo* he milhor, que he em Timor, ha pouquo do *amarelo;* e vem entre 5o páos hum. E se viesse muyto venderseia sobre si, e valeria mais. E o outro *sandalo amarelo,* que dixe, he somenos, e duralhe o cheiro mais pouquo, o que não acontece no de Timor, a esse pouquo que de lá vem; posto que falando o outro dia com hum mercador, que sabe bem essas terras, me disse, que na parte que he mais descuberta do sol ha muyto *sandalo amarelo,* e mais ambas as maneiras do *sandalo* tem os arvores semelhantes, que nós nam conhecemos a deferença que ha entre os arvores. E pode ser que conheça esta deferença a gente da terra, que trata com estes arvores.

RUANO

Digua a feiçam do arvore, e se dá fruto ou não, e se dá flores.

ORTA

O arvore do *sandalo* he tamanho como huma nogueira; e a folha he muyto verde, e he feita como a da aroeira; deita frol azul escura, e dá huma fruta verde do tamanho de cereja, e cae azinha, e he primeiro verde, e depois preta e sem sabor.

RUANO

Aguora quero eu dizer as duvidas, que tenho do que dizem os autores Arabios e Latinos, pois que os Gregos antiguos o nam conheceram; e dos Arabios, Rasis*, posto que o conheceo, não diz que cousa he, senam para que apro-

---

* Rasis, trat. cap. 23 (nota do auctor).

veita. Serapiam* perfere o *citrino* a todos, e vós asi o afirmaes, e diz que o *vermelho* he apos elle: e asi diz outras cousas em que não tenho duvida, somente em dizer que se traz da Siria; e mais duvído aleguar Galeno, pois delle nam escreveo.

ORTA

Em ambos esses ditos errou Serapiam; e pois da India he mercadoria pera a Siria, nam he muyto dizer que se trazia della, nam dizendo que nacia nella; e asi em aleguar Galeno tambem erra, mas esta vez não he a primeira, porque asi o dizem muytas vezes os Arabios, porque nam viam os livros de Galeno, e como ouviam algum grego dizer que Galeno falava na mézinha, loguo o criam. Nem Avicena** nam diz cousa alguma do *sandalo,* em que aja duvida, que ja não tinhaes bem decrarado, nem Avenrroís***. Pois asi passa, falai nos Latinos, e dizei alguma duvida se delles tendes.

RUANO

Antonio Musa diz que o *sandalo* aos Portuguezes o devemos; que o trazem do campo de Calecut, onde se colhe, e que Calecut he a principal feira que ha na India; e vós dizeis que o ha em Timor, e o *vermelho* em Tanasarim, terras confins de Malaca****.

ORTA

Foy celebrada a cidade de Calecut em estas partes, onde se compravam e vendiam todas as mercadorias, e ali eram trazidas das outras partes, onde vinham os Chins com suas mercadorias, e com ellas traziam *sandalo* mesturado, o qual vendiam ahi, e o levavam pera o ponente; e como já vos

---

* Serapio, cap. 346 (nota do auctor).

** Lib. 2, cap. 656 (nota do auctor).

*** Avenrois, 50, Coliget (nota do auctor).

**** Tenasserim era confim de Malaca; mas o nosso bom Orta devia saber, que Timor ficava muito longe d'ali.

dixe outras vezes, a feitoria dos Chins, chamada *Chinacota,* oje em dia permanece nessa cidade, em a qual os Chins moravam. Mas porque a gente da terra fez huma traiçam aos Portuguezes, quando em principio vieram a esta terra os Portuguezes, e se foram a Cochim, elles estruiram Calecut per muytas vezes; e asi pouco a pouco se foy estruindo, sendo primeiro cidade muyto chea de riquos Mouros (á mam dos quaes vinha toda esta fazenda); e por esta razam diz Antonio Musa que no campo de Calecut nacia o *sandalo;* e em Calecut não ha campo, senam serras e palmares ao longo da praia; e o que vem, os Portuguezes o trazem nas suas náos de Malaqua em muita cantidade, donde vem ter a Cochim e a Goa; e destes portos se reparte para o Malavar e o Canara, e Benguala, e pera o Decam, e pera o Guzarate: e a mais pequena parte vai pera Ormuz, e pera Arabia, e pera Portugal, como vos já dixe.

RUANO

Chamam commumente o *sandalo citrino, machazari* ou *mahazari,* e per outros nomes a estes semelhantes; e por essa causa eu queria saber, que quer dizer este nome; porque dizem os Frades*, que em alguns livros de sinonimos se diz *machazari,* scilicet, *odoliferi;* e que Serapio diz que, quando se nomea *sandalo* por excellencia, se entende do *citrino;* e em outro cabo dizem os mesmos Frades, que não se acha em Europa *sandalo citrino,* senam dentro no miolo se acha em muytos páos; e muytos autores dizem isto asi como Sepulveda**; e diz mais este Sepulveda, que milhor he deitar ametade do pó do *vermelho,* e ametade do pó do *branco;* e mais diz elle, louvando-se, que já vio *sandalo amarelo.* E de tudo isto me dai a resuluçam, como pessoa que o vio; e para isto não me deis mais rezam, que a vossa vista.

---

* Os frades (nota do auctor); os commentadores de Mesué de que já antes fallámos.

** Sepulveda (nota do auctor).

ORTA

De ser mais cheiroso o *sandalo amarelo* não ha duvida, e de ser de mais preço; e ha o ahi em muytos cabos, e eu vi já muyto, e muitos outros o viram; e, porque se compra cá na India milhor que em Portugal, não o levam lá, e mais por o pouquo cuidado dos boticairos portuguezes, que o não pedem na casa da India, pera que o mandem trazer de cá, e tambem se am de culpar os que fazem estas drogas a elrey em o não mandarem a Portugal. E quanto he ao nome de *machazari* ou *mahazari,* pareceme (salvo milhor juizo) que quer dizer *trazido de Malaca;* ou pode ser que estava escrito *mazafrani,* que quer dizer dos *amarelos* ou dos *açafroados.* E, como quer que seja, he noto ser milhor o *citrino* que todos. E quanto he a deitar ametade do *vermelho,* e ametade do *branco,* nam he ser *citrino;* antes he milhor deitálo todo *branco,* porque o *branquo* he mais cheguado á natureza do *citrino;* pois ambos se acham em huma mesma terra, e o *vermelho* he muyto longe donde nasce o *branco.* E tambem quero que saibaes que este arvore do *sandalo* se dá em outras partes, se o prantam, e eu o vi em Amdanager, onde foy trazido para se semear: e he este Amdanager huma cidade do Decam, onde reside o Nizamoxa, cuja he, muytas vezes. E eu o vi ahi, em huma caza de prazer onde ha muytos pomares, arvores de *sandalo,* e muytas das nossas; e algumas das nossas dam fruto; mas este páo de *sandalo* no arvore não cheirava: e mais me dixeram muitos que o *sandalo* não cheira, senão des que está escascado e muyto seco.

RUANO

Ha em outras partes *sandalo?*

ORTA

Na ilha de Sam Lourenço, e em alguns cabos da costa de Melinde o ha, segundo dizem os negros da terra; mas depois soube que he hum páo cheiroso, como ha muytos entre nós, e mais não tem os signaes do *sandalo.* E tambem

dizem as Malavares que ha na sua terra hum páo cheiroso que parece ser *sandalo branquo;* e untamse com elle pera as febres, e chamamlhe os Malavares *sambarane* (3).

Nota (1)

O *sandalo vermelho* é a madeira de uma pequena arvore da familia das *Leguminosæ,* o **Pterocarpus santalinus,** Linn. f., habitando as florestas do sul da India, tanto da parte occidental, do Canará para baixo, onde Orta o não menciona, como na costa e terras de Coromandel.

A arvore do *sandalo vermelho* é absolutamente diversa e muito afastada da que produz os outros *sandalos,* não sendo facil saber por que lhe deram o mesmo nome. Em todo o caso não ha aqui confusão ou invenção de Orta, porque já antes lhe chamavam assim, e o nome sanskrito, रक्तचन्दन, *raktachandana,* significa a mesma cousa. A madeira, apesar de insipida e inodora, é empregada medicinalmente, como adstringente e tonica, e externamente como refrigerante, empregos similhantes aos que tem o verdadeiro *sandalo,* d'onde talvez veio o dar-se-lhe o mesmo nome. Serve tambem na tinturaria; mas o seu uso principal é, como já dizia Orta, nas construcções, sendo os troncos maiores muito apreciados ainda modernamente para pillares e traves dos templos ou pagodes (Cf. *Pharmac.*, 175; Ainslie, *Mat. Ind.*, I, 385; *Amaracocha*, 157; Dymock, *Mat. med.*, 237).

Nota (2)

O *braẓil,* de que Orta falla apenas de passagem, merece no emtanto uma nota especial. Era a madeira de uma arvore da familia das *Leguminosæ,* **Cæsalpinia Sappan,** Linn., madeira empregada na tinturaria, e conhecida no commercio europeu, desde os antigos tempos da idade media, pelos nomes de *braẓil, brésil,* em italiano *verẓino,* os quaes se julgaram derivados de *brasa* ou *braise* pela côr vermelha da madeira.

É bem sabido, como uma madeira ou diversas madeiras, similhantes a esta, tendo os mesmos usos, e procedendo de varias especies do mesmo genero *Cæsalpinia,* se encontraram nas terras da America, visitadas pelos portuguezes logo no começo do XVI seculo. E é tambem conhecida a phrase, em que Barros lamenta, que o nome de Santa Cruz —primitivamente Vera Cruz— se mudasse por influencia do diabo

no de um «páo que tinge pannos». Deixaremos, porém, esta phrase e as reflexões que poderia suscitar o nome Brazil, dado ás terras de Sancta Cruz. Começando a vir o pau *braẓil* em maior quantidade da America, passou o nome especialmente para a mercadoria nova; e o antigo *braẓil* da India e outras partes da Asia voltou a ser geralmente designado pelo nome asiatico de *sappan*, ou *sapang* no archipelago Malayo, o qual parece prender-se ao sanskrito *patanga*, ou ao maláyalam *shappan*, que significa *vermelho*.

O *braẓil* asiatico havia sido conhecido dos portuguezes e designado por este nome antes do descobrimento da America; e no *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* se lê, que em Tenacar —provavelmente Tenasserim— se encontrava «muito brasyll, o qual faz muito fino vermelho». Depois de a mercadoria da Asia ser geralmente supplantada no commercio pela de procedencia americana, ainda continuou, no emtanto, aquella a ser conhecida por algum tempo. O *braẓil* de que falla Orta, é evidentemente o asiatico, confundido occasionalmente pelo seu amigo mercador com o *sandalo vermelho*. E do *Lyvro dos pesos* se vê tambem, como, no meado do XVI seculo, o *braẓil* era uma mercadoria bem conhecida, tanto em Hormuz como em Malaca.

(Veja-se o que eu disse na *Flora dos Lusiadas*, 91; e Dymock, *Mat. med.*, 251; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 450; Barros, *Asia*, I, V, 2; *Roteiro*, 110; *Lyvro dos pesos da Ymdia*, 18 e 39.)

Nota (3)

O *sandalo* é a madeira de uma pequena arvore da familia das *Santalaceæ*, **Santalum album**, Linn., que habita no sul da India, nas florestas de Mysore, Travancore e outras, assim como nas ilhas do archipelago Malayo, particularmente na de Timor, e na de Sumba, ao sul da de Flores, que foi mesmo chamada por isso a ilha Chandana, isto é, a *ilha do sandalo*.

O nome *santalum* e *sandalo* deriva-se do arabico صندل, *sandal*, que era, como Orta diz, uma corrupção ou antes um modo de pronunciar e escrever o sanskrito चन्दन, *chandana*. Por este ultimo nome vem a substancia mencionada no Nirukta, um dos mais antigos commentarios dos Vedas, assim como nos celebres poemas, o Ramayana e o Mahabharata. É igualmente citada no *Periplo do mar Erythreu*, nas viagens de Cosmas Indicopleustes, e em outras obras antigas. Se o *algum* ou *almug*, trazido pelas frotas de Salomão e de Hiram do paiz de Ophir, era igualmente esta madeira, é questão diversa e um pouco mais duvidosa.

Distinguiam já os escriptores sanskriticos duas variedades de verdadeiro sandalo, o *amarello* ou *citrino*, chamado *pitachandana*, e o

branco, chamado *srikhanda;* mas não procediam nem procedem estas duas variedades de duas arvores ou especies diversas, como Orta parece indicar; e o *citrino,* mais carregado em côr, pesado e aromatico, é simplesmente o cerne perfeito de alguns troncos. Os usos do *sandalo* são bem conhecidos, servindo para o fabrico de cofres ou moveis, trabalhados e entalhados, principalmente nos templos e edificios sagrados, entre os quaes se podem citar as famosas portas do templo de Somnath, ainda conservadas em Agra, e que se diz terem mais de mil annos. Tinha egualmente empregos medicinaes, sendo considerado frio e secco, cardiaco ou «cordial», tonico, adstringente, alexipharmico, resolutivo, e applicavel tambem, misturado com leite, no tratamento das gonorrhœas. Gastava-se e gasta-se, sobretudo, como perfume, reduzido a pó em umas especie de pequenas mós de pedra, e misturado depois aquelle pó com agua rosada e outros ingredientes. Igualmente se consumia na cremação dos cadaveres dos hindus muito ricos, que os outros naturalmente não podiam esperar este luxo *post-mortem.*

Orta, á parte uma phrase curta e duvidosa, menciona unicamente o *sandalo* de Timor, e em segundo plano o de Java e outros pontos do archipelago Malayo. O mesmo faz Duarte Barbosa, fallando do «Sandalo branco e côr de limão, que nasce em huma ilha chamada Timor». E o mesmo faz tambem Camões, limitando-se a mencionar o d'aquella região:

> Alli tambem Timor, que o lenho manda
> Sandalo salutifero e cheiroso.

É incontestavel, pois, que a ilha de Timor era então a principal e mais importante origem do *sandalo* do commercio; e parece, que as arvores das florestas do sul da India seriam pouco conhecidas e aproveitadas. No emtanto, o *Santalum album* não é raro na India, e a madeira d'esta procedencia alcança hoje nos mercados os preços mais elevados, e passa por ser superior á de Timor e outras terras de leste. É possivel tambem, que se não tivesse feito a identificação entre a arvore da India e a das regiões mais afastadas; e inclino-me a aceitar esta hypothese. Na ultima phrase do *Coloquio,* Orta diz, que os malabares tinham na sua terra uma arvore, que parecia ser *sandalo branco,* e da qual se serviam para os mesmos usos medicinaes; e em um dos *Coloquios* anteriores (II, p. 50 e 64) fallou de uma madeira das proximidades do cabo Comorim, chamada *aguila brava,* que, segundo todas as probalidades, era o proprio *sandalo.* Em resumo, o *Santalum album* da India, não parece haver dado logar por aquelles tempos a uma exploração activa; e sobretudo não estava bem clara a sua identidade com a madeira, mais conhecida e celebrada, procedente da ilha de Timor.

(Cf. *Pharmac.,* 540; Crawfurd, *Dict.,* 375; Ainslie, *Mat. Ind.,* I, 376; Dymock, *Mat. med.,* 751; Duarte Barbosa, *Livro,* 385; *Lusiadas,* X, 134.)

COLOQUIO QUINQUAGESIMO

DO ESPIQUENARDO*

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

O *espiquenardo* foy de muyto preço, e muyto louvado antiguoamente; que diz no evangelho que aquelle ingoento pudia ser vendido por mais de trezentos dinheiros; e trezentos dinheiros, contados segundo a conta de Budeu**, sam 40 crusados nossos, que pera aquelle tempo era gram valia o que custava aquelle ingoento; posto que aguora, polla muita abundancia de cheiros que ahi ha naturaes e perigrinos, nam val tanto ao presente; dos quaes cheiros fazem as suaves *pastilhas* e *caçoleas,* os delicados *pivetes,* e mesturas de *ambar* e *almisque,* e *algualia,* e *linaloe,* e outros muytos cheiros. Asi, por esta rezam, como por o uso que delle ha na fisica, he bem que façamos huma pratica delle, e mais, porque alguns escritores dizem que carecemos do verdadeiro *espique.*

ORTA

Nam carecemos de verdadeiro *espique,* antes temos mais mézinhas, do que nunqua tivemos; e nam sam tam falsificadas como eram primeiro, polla muyta abundancia que vai destas partes orientaes para o ponente; porque, se oulharmos o que diz Plinio*** destas mézinhas, nam nos maravilharemos se as falsificaram; porque o muito preço os con-

---

* Orta, collocando n'esta situação alphabetica um nome começado pela lettra *e,* lembrou-se evidentemente da fórma latina, começando por *s;* e o mesmo se póde dizer dos dois *Coloquios* seguintes.

** Um escriptor citado pela primeira vez: veja-se a nota final ao *Coloquio.*

*** Plinius, Lib. 12, cap. 12 (nota do auctor).

strangia a falsificálas; mas aguora que a navegaçam he mais descuberta, e com mais náos, asi pera Portugal como pera as outras bandas do ponente, não nos maravilharemos de valer tam barato, e aver tanto, sem ser falsificado. E mais compram estas mézinhas milhor aos da terra, e a terra as cria milhor aguora; porque é mais cultivada e aparelhada pera as dar.

RUANO

Digua donde nascem, e como se chamam nestas terras ácerca das naturaes? E mais os Mouros como as chamam, porque os Gregos e Latinos bem sei o nome que lhes põem. E acabado isto examinaremos, que dizem os escritores que dellas escreveram.

ORTA

Chama-se o *espique* nas terras donde nasce ácerca do gentio *cahzçara,* e nasce no Mandou, e em Chitor, e em algumas partes de Benguala, perto do rio Ganges (a que os Indios chamam *Guanga):* he rio muyto fermoso, e avido por sancto em tanta maneira, que os Bengualas, quando querem morrer, se mandam deitar nelle, scilicet, pondo os pés dentro na aguoa, a qual aguoa he muyto boa, e eu a provei.

RUANO

E os outros Gentios das outras terras tem este rio em veneraçam?

ORTA

Si em muita; porque um rio que dizem ser ramo deste, que corre nordeste sudeste tambem chamado *Guanga,* que he nas terras do Nizamoxa, todos os mais dos anos se vai lavar nelle toda pessoa gentia das suas terras. E porque alguns sam proves, e não podem lá ir a lavarse, manda elrey, tiranicamente, que quem se quiser ir lavar, que se vá a lavar, e que toda a pessoa pague por isso 180 reis, que he meo pardáo de ouro. E pera isto se faz conta na terra quantas pessoa ha, e os ricos paguam por os proves, e asi se junta huma soma de dinheiro; e disto sam eu testemunha, porque vi colher este dinheiro, e me paguaram delle os que o recadavam dividas que elrey me devia, e merces que me

fazia*. E no rio *Guanga* de Benguala e Orixá (ou Uria como elles dizem) ha certos pagodes, aos quaes vam em romaria os mercadores do Guzarate e do Decam, e vam lavarse no rio *Guanga;* e fazem grandes guastos e esmolas aos pagodes; e de lá vem lavados e rapados e tomados do diabo, a que elles chamam, santificados.

RUANO

Nova maneira de tiranisar he essa, e porém dizei o nome em arabio, e se usavam em fisica desta mézinha os Mouros e Gentios.

ORTA

Chamalhe Avicena**, e todolos Arabios que aguora ha *cembul,* que quer dizer em arabio *espigua;* e asi chamam o *espiquenardo, cembul indi,* asi como se dixesse *espigua da India;* e a que nós dizemos *espigua celtica,* chamam elles *cembul rumin,* como se dixesemos *espigua da terra dos Rumes.* E se Mateus Silvatico lhe chama *cenubel* e *sobel,* he como pessoa que não sabia o arabio; ou se pode dizer que os nomes se foram corompendo pouco e pouco. E quanto he o que perguntaes, se he em uso de fisica, diguo que si, ácerqua dos Mouros e muyto mais ácerca dos Gentios.

RUANO

Aguora he neseçario que examinemos os escriptores pera me tirardes as duvidas que ha nisso; e Discorides, mais antiguo, diz*** que ha duas especias, scilicet, huma *siria* e outra *indica,* e nam porque se achem nestas regiões, senam porque

* Este segundo Ganges ou *Ganga* é o Godavery, cujo curso foi mal conhecido até um periodo muito posterior a Orta. D. João de Castro dá-lhe o mesmo nome que Orta, e diz, fallando dos rios do Deckan: «Guodavam, que per outro nome chamam Gangua». *Rot. de Goa a Diu,* 7. Esta phrase e a situação geographica marcada estabelecem perfeitamente a identificação com o Godavery, que suppunham ser um affluente do Ganges.

** Lib. 2, cap. 146 (nota do auctor).

*** Lib 1, cap. 6 (nota do auctor).

nasce em hum monte que tem duas faces, e huma dellas olha pera a Siria, e outra pera a India; e depois, falando na eleiçam, dizem que entre os nardos indicos ha o *guanjetico,* por nascer perto do rio Ganges, e que nasce em huma montanha, em a qual cresce esta mézinha; e que, posto que he maior e mais viçosa que a do alto do monte, he de menos vertude; e dizem que o cheiro della he como do *cipero.* A cerqua destas cousas me digua o seu parecer.

ORTA

Eu nam conheço outro *espiquenardo* nesta terra, senam o que já vos dixe, e he o que vem do Chitor, e do Mandou, terras que confinam com o Deli, e com Benguala e com o Decam. E asi estas terras, como outras muyto mais ávante, tudo he India. E dizer que he huma espigua *siria* e outra *indica,* não se póde entender senão dizer que este monte tem duas faces, huma do ponente e outra do levante; porque o monte ou os montes estam na India, e a Siria está da banda do ponente muyto longe. E mais he de notar que não nasce todo neste monte, senam em muytos cabos desta regiam, onde o semeam; porque não nasce sem ser semeado, senam póde nascer sem se semear em muyto pouca cantidade; e he uma raiz que crece deitando huma astia curta sobre a terra, que a maior póde ser de tres palmos, e outras muito mais pequenas, e loguo acima da raiz deita a espigua, e algumas espiguas vai deitando polla astia acima, e asi o trazem a vender a Cambaiete e a Çurrate, e a Guogua* e a outros portos do mar, onde lho compram os mercadores Arabios e Persios, porque a menor parte guastamos nós. E tambem a gente da terra guasta muyta cantidade, e eu o comprei já pera elrey nosso senhor em Dio: e algum delle he çujo, e cheo de pó feito dos cabellos do mesmo *espique,*

---

* Cambaya e Surate são portos bem conhecidos; Gogá ficava em frente, no mesmo golfo de Cambaya, na costa de leste da peninsula de Kathywar.

e os mercadores que acima dixe tudo compram, e dizemme que com o pó lavam as mãos; nem achamos cá nesta terra ser hum milhor que outro; nem os que vem a vender, dizem que o ha nos montes e nos vales, e que o dos montes he o milhor; nem as espiguas que vem sam muyto mais grandes humas que outras; e todas as mais nascem perto da terra; isto he o que polla maior parte acontece. Huma cousa vos posso certificar, que se Dioscorides vira este *espique,* que nos vem e lá o mandamos, dixera que era o verdadeiro *espiquenardo;* e certo que he de maravilhar destes escritores modernos que dizem que nam ha *cinamomo* nem *cassialignea,* confessando que vem da India, asi como *espique.* Muyto milhor dixeram que não he esta India que elles dizem, senam que he outra que nós não sabemos, por estar escondida, e isto seria milhor; porque certo aver muyto das mézinhas e valerem pouquo por causa da descuberta na navegaçam os faz duvidar serem ellas.

RUANO

Nam faleis com paixam; porque Mateolo Senense he de vosso parecer, reprendendo a Menardo, e a Fucio, porque dizem que nam ha verdadeiro *espique:* mas dizeime que direis a Plinio que diz que he huma frutice pequena e negra, e fraca, e que hum genero della, que nasce ácerqua do rio Ganges he de todo danada; e depois diz que o preço della he de 90 livras, e se he quintal e de *espique* podese sofrer; porque val em Dio a vinte cinquo e a trinta crusados, não he muyto valer a duzentos e setenta crusados, que sam 90 livras; e dizem que o que tem as folhas grandes val a trinta; mas, nas *Anotações* de Plinio, diz Hermalao Barbaro que nam sam livras, senam dinheiros, porque tem esta nota como X feita, que val dinheiro X, isto traz mais rezam asi por o preço verdadeiro desta mézinha, como o da *pimenta,* e doutras muitas drogas*.

---

* Veja-se a nota final do *Coloquio.*

ORTA

Eu nesta terra não vi outro *espique* senão este, que levam pera o ponente, o qual vem todo perto do Ganges, e desta só maneira usam os fisicos Indios e os Turcos, e Persios e Arabios, que della vem, e habitam nesta terra, curando os reis e principes. E quanto he os preços serem grandes, não he maravilha, porque estes caminhos nam eram sabidos. E asi que Plinio pudia nisto dizer verdade, mas não em dizer que o *espique* do Ganges era em todo condenado; pois não he outro senão este, e, se o ha em outras terras, he em tão pouqua cantidade que não veo á minha noticia (1).

RUANO

Diz Laguna que o *espique* que se vende nas boticas não he *espigua,* senam raiz; e a isto não contradizem Dioscorides, senão dizendo que parece *espigua;* e mais dizem que o *espique* he suspeitoso na India, porque delle se faz huma poçam ou composiçam venenosa chamada *pisso,* o qual *pisso* dizem que mata não tam somente per dentro, senam aplicado per fóra; e asi dizem que vem da Siria. Que respondeis a isto?

ORTA

Diguo que a tal composiçam chamada *pisso* eu nam a vi, nem della ouvi dizer; ante vos afirmo que, querendo o Nizamoxa provar hum pouquo do licornio meu, deu a hum homem que estava preso por caso de morte, *napello;* e parece ser que se *pisso* fôra mais venenoso, que lho dera a beber; asi que por isto e por nunqua ouvir falar neste *pisso,* nem em semelhante mézinha, aplicada por fóra, me parece fabulosa cousa, e por tal a julguo (2). E ao que dizem que vem da Siria, diguo que vai de cá a Alepo, e de Alepo, que he a Siria, vai a Veneza alguma parte, que se guasta em Europa. E deste modo se entende o que diz Sepulveda, que o chama *espica aliep,* como se dixesse *espigua de Alepo;* porque sempre Alepo foy cabeça da Siria, e foi a principal escala da India pera o ponente, e aguora o he muito mais. E diz Sepulveda, que huma especia dita *satiech,* he *satiach,*

e isto quer dizer Satiguam*, que he um porto muyto celebrado em Benguala, onde entra o rio Ganges: e esta mézinha, posto que he muyto celebrada, e guastada, não achamos falsificarse: somente, a que he velha, perde o cheiro algum tanto; e por isto asi passar não temos necesidade de falar no *espiquenardo*.

RUANO

Que cidade he Alepo? He por ventura Haram?

ORTA

O bispo Dom Ambrosio, penitenciario que foy do papa Paulo, veo a esta terra polla Arabia e Turquia, comovido com zelo de nossa fé; e sabia muito bem o arabio, e lia o muyto bem. E conversando eu em S. Domingos, porque era religioso da mesma ordem, me dixe que Abraham, quando Deos o livrou de Ur, cidade dos Caldeos, veo ter a Alepo, cidade e cabeça da Suria, e tinha muytos gados em grande cantidade, e que dava o leite a beber a todos os necesitados e proves, que vinham a comer e beber o leite cada dia; e que estes quando vinham, perguntavam: *yalep?* que quer dizer *ordinharam ou mungiram já?* E que por isto lhe puseram áquella terra este nome. E dizia o bispo que isto lhe dixeram os antiguos de Alepo, os quaes tem que Alepo foy abitado e senhoriado de Abraham (3).

RUANO

Poderei eu falar com esse bispo?

ORTA

Não, porque partindo pera Portugal, morreo em Cochim antes que se embarcase.

RUANO

Certamente que folguára de conversar esse bispo (4).

---

* Ou Chatigam, modernamente Chittagong, junto á embocadura oriental do Ganges.

Nota (1)

O «espiquenardo» de Orta é o **Nardostachys Jatamansi**, D.C., uma pequena planta da familia das *Valerianeæ*, muito conhecida e usada na India desde os tempos mais remotos, como medicamento e principalmente como perfume, e designada pelo nome sanskritico, जटामांसी, *jatāmansī*. Orta identifica esta planta com o celebre *nardo* dos antigos, *spica nardi* dos velhos escriptores de materia medica; e esta sua opinião é partilhada pelas melhores auctoridades no assumpto, como são sir W. Jones, Sprengel, Royle e outros.

—O nome vulgar «cahzçara», citado pelo nosso escriptor, deve estar muito estropiado; e apenas vagamente se parece com alguns nomes que encontrâmos em Dymock, Ainslie e Piddington, como *balchar*, e *chehur* ou *chehar*.

—O arabico «cembul», isto é سنبل, *senbul*, é perfeitamente conhecido; e, segundo o uso dos arabes, juntavam-lhe o qualificativo da região *senbul-i-hindi*. É tambem natural —como Orta diz— que designassem pelo de *senbul-i-rumi*, uma droga analoga, procedente das terras occidentaes, e produzida por uma planta da mesma familia, do genero *Valeriana*.

O *espiquenardo* do commercio indiano vinha effectivamente das regiões montanhosas do norte da India, isto é, do Mandou e Chitor, tomando naturalmente estas expressões na accepção lata e um tanto vaga, em que as tomava Orta, e a que por mais de uma vez nos temos referido.

(Cf. Jones, *Asiat. Researches*, II, 405; e IV, 109; Sprengel, *Diosc.*, II, 345; Royle, *Ant.*, 33; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 367; Dymock, *Mat. med.*, 417; Piddington, *Index*, 90.)

Nota (2)

Creio que a composição venenosa, a que Orta dá o nome de «pisso», dizendo não a conhecer, é simplesmente a mesma cousa de que falla logo em seguida sob o nome de *napello*.

É muito conhecida na India uma droga extremamente venenosa, chamada *bish*, do sanskrito *visha*, da qual parece que Christovão da Costa fallou, dando-lhe o nome de *bisa*, e que consiste na raiz do **Aconitum ferox**, Wallich, e talvez tambem de outras especies do mesmo genero. É provavel que Orta, vendo applicar esta droga pelo seu amigo Nizam Scháh, conhecesse ser a raiz de um *Aconitum*, e lhe desse o nome de «napello», lembrando-se do *Aconitum Napellus* da Europa, tambem venenoso, posto que menos energico. O que elle chama «napello» e o «pisso» seriam pois a mesma cousa; e unicamente succedia, que o nosso medico não havia estabelecido a identicação entre

as duas drogas venenosas (cf. *Pharmac.*, 12; Dymock, *Mat. med.*, 1; Chr. da Costa, *Tractado de las drogas*, 90).

Nota (3)

D. fr. Ambrosio de Rontecalli, natural da ilha de Malta, foi enviado á India pelo papa Paulo IV, com o titulo de bispo Aurense, e poderes de *legado a latere*. Viveu algum tempo em Goa, naturalmente no convento de S. Domingos a cuja ordem pertencia, gosando a fama de homem instruido, não só de grande theologo, como de bom mathematico e orientalista distincto. Morreu effectivamente em Cochim, quando se dispunha a partir para Portugal (cf. fr. Lucas de Santa Catharina, *Hist. de S. Domingos*, IV parte, 950, Lisboa, 1733).

Excede muito a minha competencia a discussão da etymologia, dada pelo erudito bispo ao nome da conhecida cidade da Syria. Unicamente notarei, que a fórma arabica do nome Alepo ou Aleppo é حلب, *Haleb;* e se approxima ou é identica a alguns tempos do verbo mungir ou ordenhar. Os arabistas decidirão se o bispo tinha rasão, e se esta derivação é possivel e está no espirito da lingua.

De resto, aos que se não contentarem com a etymologia do bispo, podemos fornecer outra, muito mais singular. É a do conhecido viajante e naturalista francez, contemporaneo de Orta, Pedro Bellon: diz elle, que assim como Aleph é a primeira lettra do alphabeto, assim aquella cidade se chamava Halep, por ser a primeira da região em que está situada (Petri Bellonii *Observationes*, versão latina de Clusius, nos *Exotic.*, 155).

Nota (4)

Orta deu-se a bastante trabalho para averiguar a concordancia dos preços das drogas, correntes no seu tempo, com os mencionados na Biblia, e em livros antigos, como o de Plinio. Foi procurar esclarecimentos a um trabalho classico e celebre sobre a materia, escripto pelo erudito Guilherme Budeo: *De Asse et partibus ejus libri quinque*, do qual vi a edição de 1533. Devo, porém, confessar francamente, que não procurei ali a «conta de Budeo», nem apurei se o resultado a que Orta chegou é exacto.

Sobre o mesmo assumpto, Orta consultou tambem as *Castigationes Plinianæ* de Hermolao Barbaro, onde, nas *Castigationes secundæ*, notas ao Livro XII (edição de 1493), encontrou a discussão dos preços do *nardo*, e a explicação de que o signal X significava o *dinheiro*, «*denarium ostendat*». Esta explicação foi-lhe util, porque —como antes notámos— elle se havia equivocado no *Coloquio da pimenta* sobre a significação d'aquelle signal.

COLOQUIO QUINQUAGESIMO PRIMEIRO

DO ESPODIO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Entra o *espodio* em tantas composições feitas pelos Arabios, tam doutos e esperimentados, que nos faz duvidar poderem as composições que o levam, tomarse polla boca o *espodio* dos antigos Gregos, pois he metal (e pera isto vieram a usar os Latinos de oge de outro *espodio,* chamado asi dos Arabios)*; e por esta causa queria saber de vós, que *espodio* he este que cá usam os fisicos.

ORTA

Nam ha mais que hum *espodio* no mundo, ou *pomfolix* ou *tutia;* e por falta deste tomavam outras mézinhas os Greguos, e chamavamlhes *antispodio,* que quer dizer *espodio falso,* ou contrafeito; mas os Arabios não fazem mençam deste *espodio,* senam debaixo do nome de *tutia,* ou *pomfolix,* nem de *antispodio* fazem alguma mençam.

RUANO

Pois donde nasce esta distinçam de chamar a uma mézinha *espodio dos Greguos,* e a outra *espodio dos Arabios?*

ORTA

De Davo Terenciano**, que conturbava todas as cousas: e este Davo foi Gerardo Cremonense, que trasladou, em

---

* Toda a phrase é extremamente incorrecta; mas o sentido fica bastante claro.

** Davus, escravo de Simo, personagem de uma das comedias de Terencio.

lugar de *tabaxir, espodio,* não tendo semelhança com elle alguma, nem na obra hum do outro, que não seja mais deferente do que he branquo com preto. E não tam somente errou elle nisto, mas todos os que tresladaram os livros de arabio en latim, dizem *tabaxir,* scilicet, *espodio,* e aquella exposiçam não he do escritor, senão do tradutor.

RUANO

E parecevos mal, falecendo hum nome, fazerem imposiçam de outro em seu lugar?

ORTA

Não, se aquelle nome não significar outra cousa muyto deferente no parecer e na obra, porque estas equivocações dam causa a muytos erros, e porque os da fisica sam mais periguosos, sam estes maiores erros.

RUANO

Pera isso dizei o que he o *tabaxir,* segundo os doutores e a gente desta terra.

ORTA

O que os Arabios chamam *tabaxir,* he nome tirado da linguoa da Persia; e dahi o tomaram os Arabios, asi como Avicena e outros. E *tabaxir* quer dizer leite, ou çumo, ou humidade, que invernou ou demorou em alguma parte; e por este nome he conhecido de toda a Arabia e Turquia, e Persia.

RUANO

E se esta mézinha he da India, como se chama nestas partes?

ORTA

A gente, onde a ha, a chama *sacarmambum,* que quer dizer, *açucare de mambum,* porque áquellas canas daquella arvore chamam os Indios onde nasce, *mambú.* E porém já lhe chama aguora a gente da terra *tabaxir;* porque debaixo deste nome lho pedem os Mouros, que o vem comprar da Persia e da Arabia, e da Turquia, que se leva a estas re-

giões por mercadoria; e val muito, quando falece, e pouquo, quando vai muyto a venderse; que asi sam todas as mercadorias; mas o preço ordinario na Persia e Arabia he a peso de prata.

RUANO

Como sam as canas e os arvores que as criam? E elle como se tira e he feito? E em que terras é a força e a cantidade destas canas?

ORTA

Ha huns arvores grandes, e altos tanto como freixos, e outros mais pequenos, e isto ha em Bisnaguer e suas terras, e no Malavar tambem; e tem os ramos direitos polla maior parte, senão alguns delles, que vem de boa feiçam, que entortam e acorcovam, pera fazer as canas dos palanquins e andores que na India se usam. Tem entre nó e nó estas canas cantidade de um palmo, e a folha pouco mais comprida e larga que a da oliveira nossa; e nestas canas, scilicet, nos nós, se gera huma humidade grossa que parece como o amidam, quando está muyto coalhado; e asi he branca, e ás vezes he muyta, e ás vezes pouca, como a que nasce dentro das canas de escrever, a que os moços, em linguoa portugueza, chamam *ladrão*. E por o que vos dixe vereis que nam he raiz de canas nossas queimadas, como dizem alguns Arabios.

RUANO

Vistes já o *tabaxir* nas canas? E como he algum delle, preto ou cinzento?

ORTA

Vi muytas vezes, posto que poucas canas o tem; e sam as de Bisnaga e Batecalá, e de algumas do Malavar: e a gente da terra, scilicet, os carpinteiros, quando as lavram para fazer algum madeiramento, se acham dentro este çumo basto ou miolo, põemno loguo pollos lombos e rins, e na fronte se lhe dóe a cabeça, e se o senhor da madeira não lho toma. E algum delle he preto e cinzento, e nam se tem por pior; porque he de estar muito na cana, e a humidade o fazer daquella cor. E já tive por certo em algum tempo,

que porque punham foguo ás canas, ficava daquella cor; mas depois soube a verdade, porque ás vezes não põem foguo no mato das canas e muytas dellas o dam, que nunqua viram foguo; por onde parece ser a verdade ser da muita humidade que corre a elle: e asi me foy dito a mim por Indios da terra.

RUANO

Pois os Arabios e Latinos falaram somente neste simple, pouquo trabalho tereis de me fallar nisso, decrarando o que dizem; e dizer onde dizem mal e onde bem.

ORTA

Rasis, posto que fala no *tabaxir**, não diz de que he feito, senão o pera que aproveita. Serapio diz** que he *sataxir* ou mais direitamente *espodio;* e diz o pera que aproveita, aleguando a Rasis, o qual Rasis alegua a Galeno; e diz nisto bem, mas tal cousa nunqua escreveo o Galeno, nem outro Grego algum. Mas isto não se póde tirar a Serapio, aleguar a Galeno e a Dioscorides, onde nunqua falaram cousa alguma; e tambem diz, aleguando ao mesmo Galeno, que no sabor he amarguo, no qual erra manifestamente, mas antes he doce; e por esta rezam, como já vos dixe, lhe chamam os Indios *açucar de mambu* E quanto he a não lhe chamar *tabaxir,* senão *sataxir,* nisto nam errou, porque Sarapio *tabaxir* escreveo, e o tempo corrompeo o nome. E em dizer, ou mais direitamente *espodio,* o erro que nisto se cometeo foy do trasladador, que pôs aquillo de mais da sua casa. Avicena diz*** que sam raizes de canas queimadas, o qual vedes ser falso; e nem as canas sam das nossas, e o Belunense diz que ha de dizer *alcaná* por outra letra, e que *alcaná* he o arvore das canas de que se faz o *espodio,*

---

* Rasis, Tratatus, 3, cap. 36 (nota do auctor).

** Serapio, cap. 342 (nota do auctor).

*** Lib. 1, cap. 617 (nota do auctor).

e nisto faz no seu chamado *Vocabulario* huma discriçam do arvore; mas eu nunqua achei quem lhe chamase este nome nesta terra. E quanto mais que nem as raizes das canas he o *tabaxir;* asi que em ambas traduções erra Avicena. Avenrrois diz* que he carvam dos nós das canas queimadas da India, donde parece que o não vio, pois a cousa tam branca chama carvam.

RUANO

E que vos parece destes homens errarem?

ORTA

Pareceme que o trato e navegaçam não era tam usada; por onde aviam as enformações falsas e curtas. E diz Valerio Codro** muyto mal dos Arabios, porque fazem o *espodio* das raizes das canas, sendo *espodio* metal ou feito de metal. E nisto não diz bem, porque os Arabios, como vos dixe, não conheceram tal nome, senão *tutia,* e desta escreveram, conforme aos Greguos. Antonio Musa diz que Avicena usou do *espodio de canas,* porque não tinha o de metal (bem vedes que nunqua falece *tutia* nem metaes, mas não usaram della tomada por a bocca) e mais diz que nós não aviamos de usar deste *espodio,* pois he contrafeito e falso, e diz que nam faltaram escriptores modernos, como Menardo e outros, que dixeram que de nenhuma cousa se faz *espodio* senam dos metaes. E nisto se enguanou muyto, porque Dioscorides ensina a fazer espodio no 5 livro. Mas de todas estas cousas he livre Avicena; porque não falou senão *tabaxir,* e nam sonhou que havia de ter falso tradutor; e pois trabalham todos na equivocaçam destes nomes, scilicet, *espodio,* avendo de significar duas cousas. E ao fim diz que usemos do *espodio* de canas de Avicena, ou de coraes queimados, ou de marfim queimado, ou de ossos de elefante queimados. Vêde, senhor, quantos erros se pudiam escusar, se olhasem estes

---

* Coliget, 5 (nota do auctor).

** Valerio Codro (nota do auctor); aliás Valerio Cordo.

homens a composiçam; e se for de Greguo, usar do *espodio* verdadeiro de metal, e se for de Arabio usareis deste *espodio,* que levareis da India, que eu volo averei; e se for Latino que receita a composiçam, vereis se he mézinha que se ha de tomar por dentro ou por fóra, e usareis conforme a entençam do escritor, que fez a composiçam; porque loguo se verá, se querem esfriar coraçam, ou cerebro, ou figado, ou rins, ou se querem restringir alguns fluxos; e se asi fôr bem he usar do *tabaxir* da India. Muytos doutores simplicistas, e copiladores de mézinhas vos trataram sobre esta materia; mas casi todos falam de huma maneira; porque os que dizem que menos mal he tomar *espodio* feito das raizes das nossas canas, erram, porque isto não he mézinha cordial, como he o *espodio,* nem esfria, como o *tabaxir;* e dizer que o façam de coraes ou marfim queimado, se essa fôra a entençam, bem o pudera dizer Avicena e os outros. E os que dizem que se faz de ossos de elefante, eu sei certo que não aproveita pera cousa alguma: e quando morre algum elefante, comemlhe os Gentios a carne, e deitam os ossos a longe. Pois como os aviam lá de levar a Europa a vender?

RUANO

Aveis dito muito bem: e por isso o levarei de cá. Per fim queria saber de vós como usam esta mézinha os fisicos Indios, e os dos reis, e os da Persia e Arabia e Turquia; porque com isto ficarey satisfeito.

ORTA

A gente da terra, que sabe fisica, guasta este *tabaxir* pera os esquentamentos interiores e exteriores, e pera as febres colericas, e pera as camaras: e os fizicos que tem o Nizamoxa, Arabios e Persas e Turcos, o usam pera as mesmas cousas ditas, e muyto mais pera fluxos colericos, e fazem os nossos trociscos com semente de azedeiras (1). E deste modo curei, per conselho de Nizamoxa, a Franguecham Portugues (chamado Sancho Pirez) natural de Matosinhos; o qual era tam querido e privado seu, que o via cada dia, e lhe oulhava

as camaras; e nam fiava a cura deste homem senão de mim, porque avia medo, que lho matasem os fisicos, por ser privado seu.

RUANO

Muyto lhe devia querer. E era mouro ou cristam? E tinha muyta renda?

ORTA

Ao que me dizia em secreto era christam, e comia comiguo as cousas vedadas aos Mouros, e rezava, e dizia mal delles; e não era circumciso, posto que todos cuidavam que si, mas eu o vi e nam o era: mas asaz de mal tinha, pois confessava ser mouro, e este morreu com 6 mil crusados de renda. He verdade que desta renda paguava á gente com que era obriguado a servir, e certo que se o diabo o não levara primeiro em o combate de Calabarga, me tinha prometido de vir comigo; e eu já lhe tinha avido perdam secreto do visorey Dom Affonso de Noronha. E elle fazia muytas esmolas a Portuguezes, e a Misericordias, e a outras igrejas, de que eu sam testemunha (2).

Nota (1)

Orta começa por estabelecer a distincção entre a substancia vegetal, impropriamente chamada *espodio* pelos traductores dos arabes, e o *espodio, spodo* ou *spodio* dos antigos escriptores gregos e latinos, analogo ou identico ao *pompholix* e á *tutia,* substancias mineraes e absolutamente diversas da primeira. Como elle volta a tratar da *tutia* em um *Coloquio* especial, reservâmos para então o que ha a dizer sobre estes oxidos metallicos

O *espodio* vegetal ou *tabaschir,* que faz o assumpto d'este *Coloquio,* é uma conhecida concreção siliciosa, depositada nas cavidades dos entrenós dos bambus: **Bambusa arundinacea,** Retz., e, segundo dizem, de outras especies do mesmo genero. Não é, no emtanto, uma substancia muito vulgar, pois, como já Orta advertia, se não encontra em todas as plantas, e só excepcionalmente em algumas, desenvolvidas em condições especiaes de vegetação.

É geralmente conhecida no Oriente pelo nome persa, طباشير, *tabaschir,* derivado do sanskrito त्वक्क्षीरा, *tvak-kshīrā,* e cuja ultima parte significa leite, como Orta nota acertadamente.

Derramaram-se sobre esta substancia vastos thesouros de erudição, por isso que alguns escriptores dos seculos passados e já do nosso, como o eruditissimo Salmasius, e depois Sprengel e varios mais, suppozeram ser este *tabaschir,* e não o vulgar *assucar,* aquillo de que Dioscorides e depois Plinio fallaram sob os nomes de σάκχαρον e de *saccharum.* Posto que o nome do *assucar* se não derive primitivamente do sabor doce, e a palavra sanskrita *sarkara,* da qual procedem todas as designações posteriores (o nome portuguez vem pelo arabe, e conservando o artigo, *as-succar),* se applique á fórma granulosa da substancia crystallisada, é certo, que tanto Dioscorides como Plinio se referem ao seu sabor doce, quando classificam o σάκχαρον ou *saccharum* como uma especie de mel. O *tabaschir* não é sensivelmente doce, e esta simples mas importante circumstancia, leva a maior parte dos escriptores mais modernos, Royle, Yule, Dymock e outros, a julgarem que aquelles antigos auctores se referiam effectivamente ao assucar, do qual tinham, no entanto, um conhecimento muito incompleto.

O *tabaschir* é, como dissemos, uma concreção siliciosa, na qual parecem entrar 70 por cento de silica, e que se apresenta em fragmentos irregulares de côr branca ou azulada, e um tanto opalina. Ás vezes, a substancia bruta, encontra-se denegrida e suja, o que parece resultar, contra a opinião de Orta, de haverem lançado fogo aos bambus, sendo então necessario calcinal-a para a purificar. Gosa esta substancia, no Oriente, de grande e mal fundada reputação medicinal, sendo considerada pelos hindus como um tonico poderoso, e tida pelos arabes e persas na conta de adstrigente, fortificante e cardiaca. Entrava naturalmente este *tabaschir* ou *espodio* em varias composições da pharmacia arabe, que por muito tempo deu a lei na Europa; mas a substancia era rara, e por isso lhe substituiram a maior parte das vezes aquelles succedaneos variados, de que Orta falla, as raizes das cannas, e o coral ou o marfim queimado. Na Pharmacopéa de Barcelona (1587) nós vemos, por exemplo, como por *spodio* se deve sempre entender o marfim queimado: *spodium Arabum sume, hoc est Ebur ustum.*

(Cf. Dymock, *Mat. med.,* 856; Ainslie, *Mat. Ind.,* 1, 419; *Amaracocha,* 1, 227; Royle, *Ant.,* 83; Yule e Burnell, *Gloss.* v. *sugar* e *tabasheer; Concordia pharmac. barcinonensium,* 73.)

A proposito do *tabaschir,* Orta descreve naturalmente as plantas de que se obtinha, comparando-as com os freixos, unicamente na altura, está claro, e assimilhando a fórma da folha á da oliveira. Nota que os ramos (colmos) eram direitos, a não ser alguns, que artificialmente curvavam para depois servirem nos palanquins. Esta fórma, regularmente curva, póde observar-se nas curiosas estampas dos palanquins, usados

pelos portuguezes de Goa, e que illustram o livro de Linschoten. A parte mais interessante do que Orta diz do bambu, é o nome de *mambum* ou *mambu* que lhe dá, e cuja origem é pouco clara. Os primeiros portuguezes, no começo do seculo, não dão nome especial á planta, chamando-lhe simplesmente *canas*, e notando apenas quanto eram grandes e grossas, comparadas com a *Arundo* do sul da Europa. O nome vulgar no Canará, segundo Wilson —citado por Yule— parece ser *bānbū*, de modo que não é facil saber d'onde veio a fórma usada por Orta. Poucos annos depois (1578) Costa emprega a mesma fórma *manbu* ou *mābu;* e no fim do seculo (1598) Linschoten, pelo menos na versão latina, dá as duas fórmas: *ea ab Indis* Manbu, *a Lusitanis* Bambu *vocatur*. D'esta passagem de Linschoten, se não foi influenciado, como muitas vezes é, por Orta, resulta que o nome indigena seria *manbu*. O que parece certo, é que a palavra foi introduzida no uso europeu pelos portuguezes (Cf. Yule e Burnell, *Gloss.* v. *Bamboo;* C. da Costa, *Tractado,* 296; Linschoten, *Navigatio,* 67).

Nota (2)

Sobre este curioso typo de aventureiro portuguez do XVI seculo, temos, além das interessantes noticias, que nos dá Garcia da Orta n'este *Coloquio,* as que nos fornece Diogo do Couto.

Sancho Pires era um portuguez do norte, natural de Mattosinhos, que passou á India como soldado, artilheiro, ou —na linguagem do tempo— bombardeiro, o que tornava os seus serviços mais apreciados, pois os bons bombardeiros eram raros, e nós vemos algumas vezes allemães e flamengos, contratados para este mister. No governo de Nuno da Cunha, passou para o serviço do Nizam Scháh, levado pelo seu espirito inquieto, ou, o que é mais natural, por haver commettido algum crime, ou algum acto de indisciplina. Estas deserções não eram frequentes, mas poderiamos citar outros exemplos. Devemos dizer desde já, em abono de Sancho Pires, que o Nizam Scháh esteve quasi sempre em paz com os portuguezes, e elle não teve de voltar as armas contra os seus. Sancho Pires parece ter sido um valentão, tendo alem d'isso verdadeiras qualidades de commando, de modo que chegou a general de cavallaria, obtendo muita importancia na côrte de Buhran, e recebendo o titulo de Frangue khan[1]. Havia-se feito mussulmano, unicamente pelos seus interesses, mas sem zêlo pela sua nova religião, pois em segredo se dizia christão, e quando jantava com Garcia da Orta comia

[1] «Tringuicam» diz Couto; mas era evidentemente Frangue khan. Foi uso entre os mouros deixar o nome da nacionalidade como distinctivo; assim nós vemos o famoso Rumecão dos livros portuguezes, Rume khan, um *Rume;* e Tatar khan, um *Tartaro;* d'ahi Frangue khan, porque Sancho Pires era um *Frangue*.

todas as «cousas vedadas aos mouros». Conservava tambem escrupulos da sua apostasia, e não só mandava esmolas ás misericordias, como dissuadia alguns outros christãos de mudarem de religião, mostrando-lhes «as obrigações que tinham á lei de Christo». Em summa, parece ter sido um homem de valor e um bom homem; Diogo do Couto falla d'elle com muita consideração, e Orta com uma certa amizade.

Buhran Nizam Scháh morreu no anno da hedjira 961 (de J. C. 1553), posto que Diogo do Couto colloque a sua morte no de 1555. Deixava diversos filhos, entre elles Hussein da sua favorita Amina, e outros de Biby Mariam, irmã do Adil Scháh de Bijapur[1]. Desejava, porém, que Hussein lhe succedesse, e entregou-o aos cuidados do seu general e valído Sancho Pires, o qual o collocou no throno. O historiador persa Ferishta não falla de Sancho Pires, pois os mussulmanos guardam geralmente silencio sobre a intervenção dos christãos nos seus negocios; mas confirma indirectamente esta noticia de Diogo do Couto, dizendo que Hussein foi sobretudo apoiado peio partido dos *estrangeiros*, abexins e outros. Os demais filhos de Buhran fugiram, e o reino obedeceu a Hussein, ou antes, segundo parece, a Sancho Pires, o seu principal sustentaculo. Poucos annos depois (967 da hedjira, 1559 de J. C.), suscitou-se a guerra entre o Adil Scháh, que, alem de outras rasões, promovia os direitos dos sobrinhos ao throno, e o Nizam Scháh, alliado então com o «Cotamaluco», isto é, com o Qutb Scháh de Golconda. Sancho Pires commandou n'essa guerra o ataque contra a fortaleza de Calabarga (Kulbarga), e morreu na brécha como um valente, levando-o o diabo, segundo diz Garcia da Orta, apesar da evidente sympathia que por elle tinha.

Vê-se tambem do *Coloquio*, que Sancho Pires havia pensado em voltar para o serviço de Portugal, servindo-lhe de intermediario Garcia da Orta, o qual, já no governo do vice-rei D. Affonso de Noronha (1550–1554), lhe havia obtido um perdão secreto.

(Cf. Couto, *Asia*, VII, IV, 9; Ferishta, *Hist. of the rise of the mahomedan power in India*, III, 236 a 239.)

---

[1] Veja-se *Garcia da Orta e o seu tempo*, pag. 228.

COLOQUIO QUINQUAGESIMO SEGUNDO

DO ESQUINANTO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Dizem em Portugal que o *esquinanto* (he mézinha nas boticas usada) vem da India; e tambem em Castella dizem que vem de levante. Queria saber os nomes della, scilicet, na terra onde nasce, e no arabio; porque o greguo e latino eu o sei, como vós, não tomeis trabalho em mo dizer. E tambem me direis as terras onde sabeis que nasce, e se o usam muyto os fisicos Indianos.

ORTA

Asinha sereis nisso servido e despachado, senão vierdes com vosso contraponto ao cabo.

RUANO

Isso não se escusa; por tanto começai em ora boa.

ORTA

Nasce em Mascate e Calaiate (terras da Arabia) onde ha tanto, como a erva comum que pacem as bestas em Espanha; e ali lhe chamam *cachabar,* e alguns lhe chamam *haxiscaçule,* que quer dizer *erva pera lavar;* e em Persia, que confina com as ditas cidades, se chama *alaf,* que quer dizer *erva,* e podese chamar asi por excelencia: cá na India não tem mais nome que *erva de Mascate;* em portuguez, em latim e greguo já o sabeis. E chamamlhe em nossa terra *palha de Mequa,* e não erram muyto, porque esta terra, posto que por mar seja muito distante de Mequa, indo por terra he muyto perto; e vam lá os Arabios de Mascate e

Calaiate em pouquo tempo: tambem não erram muyto em a chamar *palha* ou *pasto de camellos,* porque os ha na terra; mas nam tantos que guastem a erva e a frol; mas ha muytas mulas, e asnos e cavalos, que cá chamamos arabios, de muito preço; e ha muytas vacas e cabras e ovelhas, e pacem esta erva, que he muyta em toda a terra. Vem á India pera mézinha encomendada dos boticairos, mas a mais della trazem nas náos os mercadores de cavalos pera lhe deitar aos pés, pera que nam cheire mal a orina e o esterco delles; e pera isto trazem fardos, porque como se molha e dana a erva, deitamna ao mar, e tornam a deitar outra aos pés dos cavallos. E tambem alguns marinheiros a trazem em fardos, pera vender cá; e eu ouve muitos fardos em Dio, por pouquo dinheiro, pera mandar ao reino com outras drogas. E porque vos dixe que se chamava *cachabar,* não neguo ter outros nomes nas partes da Arabia, porque Avicena* a chama *adhar,* e Serapiam** *adher;* e deste modo a chamam tambem os fisicos Arabios e Persios, que ha na India; e á frol chamam *foca;* e desta frol vem pouqua a esta terra ou nenhuma, porque eu não a vi, e na terra donde nasce não fazem caso della, polla gente ser silvestre e de pouquo saber; e se lhe chama Mateus Silvatico *azqchir* e *adcaram,* sam nomes corrutos. Nesta terra não usam dessa mézinha os naturaes, senão nós e os Arabios e Persios; e na terra donde nasce he comum mézinha, pera se lavarem os homens e os animaes.

RUANO

Aguora nos resta examinar os escritores. E começando por Dioscorides***, por sua autoridade, diz que o ha na Africa, scilicet, na Arabia, parte della, e na regiam dos Nabateos, donde vem mais excellente; e diz que, loguo após

---

* Avicena, Lib. 2, cap. 589 (nota do auctor).

** Serapio, cap. 19 (nota do auctor).

*** Dioscorides, Lib. 1, cap. 16 (nota do auctor).

elle, he o arabio, chamado *babilonico* de alguns, e de outros *teuchites;* e o pior de todos he o que nasce em Africa, e a frol he mais em uso na fisica. Sabeis se o ha nestas partes?

ORTA

Sei que o ha nestas partes ditas, e que todas se nomeam Arabia. E quanto he á terra dos Nabateos, saber se o tem ou não, diguo que he Nabatea provincia da Arabia perto da Judéa (dita assim de Nabatoch, neto de Ismael), e dixeramme fisicos, que estiveram em Jerusalem e Galilea e nessas terras, que o que se guastava em ellas vinha do Cairo; e pergunteilhe se o avia no Cairo, ou se vinha da costa de Mascate, disseram que nam o sabiam, mas que muitas vezes as ervas medicinaes nam eram sabidas, polla gente da terra ser pouquo curiosa, e por isto o nam sabiam: e esta foy a causa porque não perguntei se o avia em Babilonia: e póde ser que o aja nella, e pois Dioscorides diz que o peor he o que nasce em Africa, não curemos de saber se o ha; pois não diz em que parte da Africa nasce. E ao que diz da frol, que he o que mais se usa, confesso ser verdade, mas não sam os medicos curiosos pera a mandarem trazer. E eu me culpo nisso, porque por isto se perdeo o uso della; e bem sei que *esquinanto* he vocabulo corruto greguo, que quer dizer *frol,* e per excelencia se chama asi ácerca dos Greguos, como vós melhor sabeis.

RUANO

Outros o chamam *junco odorato,* ou casi todos os Greguos, e Cornelio Celso *junco redondo.*

ORTA

Assi parece algum tanto *junco;* posto que não crece tam alto. E chamarlhe Celso *junco redondo,* he por fazer diferença do *junco triangular;* e os outros *junco cheiroso,* por fazer deferença do *junco comum,* de que usamos. E tambem diz Avicena que hum he arabico, e que he de bom cheiro,

e outro da terra de Agiami, e este he o de Damasco. E porém não sei se o ha nessas partes, como vos já disse.

RUANO

E tambem diz Avicena* que o *esquinanto* tem fruto negro, aleguando a Dioscorides. He falso, nem tal diz Dioscorides.

ORTA

Pode ser que seja depravado o livro, ou que o Dioscorides, por onde o leo, estava errado.

RUANO

Serapiam diz**, aleguando a Bonifá, que o *esquinanto* he huma erva que tem raizes debaixo da terra, e que tem muitos ramos delgados e duros, que he assi como a raiz do *chulem,* senão que he mais largua, e tem menores nós, e que tem o fruto semelhante ás flores das canas, e que o mais sutil he menor; e diz que poucas vezes nasce só, que quando virdes huma planta destas parecem muytas ao redor, e que nasce em ilhas e prados; e que quando se seca fica branco.

ORTA

Diguo que não he planta, senam erva***, como elle mesmo diz mais abaixo, nem nasce em ilhas, nem cheira a rosa, mas tem bom cheiro; e isto quando he fresca a erva, senam as cousas que cheiram bem não fazem nellas a comparaçam muito certa, e mais parecese tanto á raiz da *erva chulem***** que alguns chamam asi ao *esquinanto,* como acima disse.

RUANO

Mateus Silvatico diz que se conserva por 10 annos.

---

* Avicena, Lib. 2, cap. 598 (nota do auctor).

** Serapio, 1, cap. 19 (nota do auctor).

*** Orta toma a palavra *planta* no sentido de arbusto.

**** Ignoro que planta Orta designa por este nome.

ORTA

Diguo que nesta terra, ao longuo do mar, dura pouquo; e porém nas outras terras póde durar muyto, por ser erva que não tem muyta humidade; mas isto se entende nam lhe ficando o cheiro.

RUANO

Antonio Musa diz que nasce na Apulha.

ORTA

Pode ser verdade, se elle o vio.

RUANO

Depois de falar em os Frades, em dizer que não he frol, senam raiz e palha, e que aquella palha que nas boticas se vende por *esquinanto* não o he (como muytos doutos o tem), e que nam he o de Dioscorides, oulhando os signaes que delle põem, e que muytos creem que a raiz do *calamo aromatico* he a raiz do *esquinanto;* e tambem diz que outros tem que a raiz da *galanga* he a do *esquinanto,* e que *junco aromatico* e *calamo aromatico* não devem ser muito deferentes por a semelhança dos nomes.

ORTA

Bem pode ser que todos os sinaes de Dioscorides nam quadrem ao *esquinanto,* mas o *esquinanto* he o mesmo que sempre foy; e asi lhe chamam fisicos letrados do Nizamoxa, e á frol *foca,* e confessam ser estes nomes greguos; e asi, pollos nomes gregos, o chamam *esquinanto;* e estes homens sam Arabios de naçam. Ora não sei que mais prova quereis; e mais Dioscorides não o avia de conhecer tam bem, como os de Mascate, e isto porque Mascate por terra não he muito longe de Meca. E ao que diz que he *calamo aromatico,* bem se parece *esquinanto* hum com outro; porque este parece *junco,* e o *calamo aromatico* tem as folhas como *lirio,* e o *calamo* he muyto mais quente, e tem a raiz muyto maior; e o *esquinanto* nasce em Mascate, e o *calamo* na India, donde o levam por mercadoria pera a Arabia. E dizer que he *galanga* he pior dito, porque a *galanga* ha na China duas mil leguoas de Mascate; e as raizes e folhas sam muyto deferentes, por-

que aqui ha em Goa *galanga* semeada. E mais o *esquinanto* he nacido na terra muyto e sem se semear, e a *galanga* e *calamo* sam sativos; ao menos sei dizer que os que derem *calamo* e *galanga* por *esquinanto,* que vão enguanados no preço, que custam mais estas mézinhas que o *esquinanto* duas mil vezes. E o que seria bem pera curarmos, á vontade destes homens que escrevem, era bem que fizessem huma pratica nova, por onde curasemos, e que não levasse nenhuma mézinha destas, em que Fuchio* tem duvida; mas eu vejo que os que escrevem aguora, destes modernos, usam das mézinhas na sua pratica dos Arabios, pondo tanta duvida nellas (1).

RUANO

Não tomeis tanta colera, que os homens am de dizer em que duvidam; e quando estam protervos e pertinaces, dandolhe boas rezões, entonces sam de culpar. E portanto passai ávante, e falemos nos *tamarindos,* pois sam tanto medecinaes, e ao guosto apraziveis.

---

* Aliás Fuchsio.

Nota (1)

O «esquinanto» é o **Andropogon laniger,** Desf., uma planta da familia das *Gramineæ,* de larga distribuição geographica, pois se encontra espontanea desde a Algeria, pela Arabia e India, até ás alturas do Thibet.

Esta droga foi chamada σχοίνων pelos antigos gregos, e depois com referencia á flor, σχοίνων ἄνθος, ou por contracção σχοίνανθος, donde fizeram na baixa latinidade *squinanthum,* e *herba squinanthi* ou *schœnanthi;* foi igualmente conhecida pelas designações de *fænum camelorum,* e de *juncus odoratus.* Orta conhecia todos estes nomes, ou parte d'elles; e menciona tambem outros, de procedencia oriental, cuja identificação nem sempre é facil fazer.

—O nome, usado pelos antigos escriptores arabes de materia medica, parece ser اذخر, *adhkhar,* o «adhar» e «adher» de Orta; mas mais modernamente cita-se na fórma اسخر *askher,* ou *iẓkhir,* que deve ser o «azqchir» de Mattheus Silvatico, que o nosso escriptor diz estar «corruto».

—Não encontrei propriamente a designação «haxiscaçule», applicada a esta droga; mas Scaligero diz que حشيش غسلى, *haschisch ghesale*, tem effectivamente a significação de «herva para lavar», *herba lotoria*. E no Makhzan-el-Adwiya —citado por Dymock— diz-se que a herva, reduzida a pó, é empregada nos banhos para os perfumar, e chamada na Mecca *ghusúl*, que é evidentemente o *ghesale* de Scaligero e o «caçule» de Orta.

—O persiano «alaf», nem parece ser persiano, nem significar herva; mas é arabico علف, *'alaf*, e significa comida ou *pabulum*, ligando-se pois ás conhecidas designações de «pasto dos camellos», ou *fœnum camelorum*. Deixo esta ultima indicação, assim como a anterior, sob a inteira responsabilidade de Scaligero.

O *squinanto* era uma droga bastante conhecida, relativamente á qual se não haviam feito muitas confusões, de modo que Orta teve unicamente de affirmar, que não era o *calamo aromatico*, nem a *galanga*, drogas effectivamente muito diversas, das quaes elle, de resto, já havia tratado em *Colloquios* anteriores. Esta, de que agora tratâmos, tinha varias applicações medicinaes, sendo considerada diuretica, sudorifica, expectorante e com varias outras propriedades. Desappareceu ha muito da materia medica europêa; mas encontra-se ainda hoje á venda em todos os bazares da India.

Posto que a especie *Andropogon laniger* exista espontanea na India, não parece ser muito commum, nem muito conhecida, de modo que ainda modernamente aquella droga vem para os bazares da India dos portos do golpho Persico, como no tempo de Orta vinha dos da Arabia. Orta cita dois portos da costa de Oman, Calaiate (Kalhat) e Mascate, ambos muito conhecidos, dizendo que, por terra, não ficavam muito longe da Mekka, o que era forçar bastante a geographia.

Devemos notar ainda, que o *squinantho*, hoje correctamente identificado com o *Andropogon laniger*, foi já no nosso seculo considerado como sendo uma especie diversa do mesmo genero, *Andropogon Schœnanthus*, Linn., que d'esta errada identificação derivou o seu nome scientifico. Esta ultima especie é hoje largamente empregada na fabricação de um oleo volatil, chamado *rúsa*, ou *rosa*; mas não era conhecida, nem tinha applicação no tempo do nosso escriptor, que naturalmente a não menciona.

Varias outras especies do mesmo genero *Andropogon* existem na India, e foram ultimamente enumeradas em uma interessante publicação por mrs. Lisboa, uma senhora de Bombaim, mas de familia portugueza.

(Cf. Sprengel, *Dioscorides*, II, 354; *Exoticorum*, 250; Ainslie, *Mat. Ind.*, I, 58; Dymock. *Mat. med.*, 850; Mrs. J. C. Lisboa, *Short notes on the odoriferous grasses (Andropogon) of India and Ceylon.)*

COLOQUIO QUINQUAGESIMO TERCEIRO

DOS TAMARINDOS*

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA

RUANO

He tam aprazivel ao guosto o *tamarindo,* sendo tam medecinal, que não tem preço. He bem que saibamos o nome dos Indios e dos Arabios, e que me diguaes a feiçam do arvore, e como se uza delle ácerca dos fisicos Indianos.

ORTA

Fruta medicinal he essa em que não ha enguano, por ser muito conhecida de todos, e porque os ha em muitos cabos; e asi sam nacidos no monte os milhores, e os que mais duram sam os mais chegados ao norte, asi como os de Cambaiete e do Guzarate; chamase no Malavar *puli* e no Guzarate *ambili,* e asi lhe chama toda a outra gente desta India; e o Arabio lhe chama *tamarindi,* porque *tamar,* como vós milhor sabeis, he *tamara* (a que os Castelhanos chamaes *datil*) asi que *tamarindi* sam *tamaras da India;* e isto foy porque não lhe acham outro nome mais adequado os Arabios, por ter dentro caroços; e nam porque o arvore o pareça, nem o fruto meudo. E o arvore he grande como freixo ou nogueira, ou castanho; e a madeira delles he rija, e nam porosa ou fôfa, e he muito cheo de folha, e como fétos crecida por todos os ramos**. A corteza com que se cobre a fruta

---

* «Tamarinhos» na edição de Goa; mas como Orta escreve algumas vezes *tamarindos,* reduzimos tudo a esta fórma.

** Por muitas vezes Orta compara as *folhas compostas* com as *frondes* dos fetos; por exemplo, tratando do *Phyllanthus Emblica,* e em outras passagens.

he verde, e des que se seca he parda, e façil de arrincarse; tem dentro caroços*, e deitados fóra, uzamos da medula, que he apegadiça. E sam estes *tamarindos* a modo de hum dedo feito á feição de arco; quando sam verdes sam mais azedos, mas não tanto que nam tenham bom sabor. Eu uso muyto delles espurgados, comendoos com açucare, e achome com elles milhor que com xarope acetoso. E tambem lhe diguo que muytas vezes xaropo os meus doentes com infusam dos *tamarindos,* deitando quatro onças em aguoa fria ou de *endivia,* e deitados ahi per tres oras, feita expresam lhe tiro os *tamarindos,* e lhe lanço hum pouquo de açucare, e com isto me acho muito bem, porque digere e evacua alguma parte do humor colerico, e incide e corta o freimatico. E a gente da terra toma purgas deste *tamarindo* com azeite de *coquo,* que é o fruto da *palmeira,* e certo que é boa purga, e sem molestia e trabalho. E asi os fisicos Indianos usam das folhas pisadas pera defensivo nas partes eresipuladas. E nós usamos delle nos comeres, em lugar de vinagre; porque he mais agradavel azedo, quando he maduro, e levam o a Portugal com sal, e ás terras da Arabia e Persia, e Turquia, porque dizem que dura mais; mas eu o tenho em casa muytas vezes, com a sua bainha ou corteza e está muito fresco; e comtudo póde ser que nam dure muyto; e por isso a gente da terra o conserva com sal; e fazem deste *tamarindo* huma muyto graciosa conserva com açucare, e he feita delle fresco e sem sal. E podeme crer que he hum digistivo e purgativo muyto bom, e muyto aprazivel ao gosto. Moça, traze cá *tamarindo* em conserva.

RUANO

Folgarei muyto de o provar.

SERVA

Eis aqui o *tamarindo.*

---

* As sementes; mas não impropriamente chamadas *caroços,* pois vem envolvidas em uma camada resistente do endocarpo.

RUANO

He muyto gentil conserva, e sabe muyto bem. Façame merce de alguma pera a levar, que quero antes que açucare rosado de Alexandria. E eu não averia por enconveniente, onde fosse necessario, deitarlhe *escomonea* retificada.

ORTA

Pode ser; porém em seu tempo, e com concelho de bom fisico. E mais eu mandei estilar os *tamarindos,* e usava da aguoa estilada, em lugar de digestivo; mas nam o faço tanto já, porque acho esta agoa doce. E perdoaime se vos enfadei em falar nisto mais do necesario.

RUANO

Antes quizera que gastareis nisto mais huma ora; e posto que nenhuma cousa póde ser tambem dita, que aos ouvintes nam ponha alguma duvida, quero propor algumas duvidas para a verdade ser mais manifesta. E porque os antiguos Gregos não conheceram esta mézinha, examinalaemos com os Arabios e Latinos. E o Mesue, a quem tanto onram os imitadores dos Arabios, diz que sam de *palmas silvestres* da India; e Avicena* nam fala em dizer que cousa he, senam na eleiçam, diz que milhores sam os novos; e Serapio**, alegando a Bonifá, diz que em Cesarea, nas terras do Amem, os ha, e que tem as folhas como salgueiro; e mais diz, por autoridade de Aben Musuai, que o de fóra do *tamarindo,* scilicet, o de que usamos, vem da India; e que sam frutos de cor vermelha. Que sabeis disto?

ORTA

Diguo que em Cesarea nam os ha, nem nas terras do Amem ou Jamen, que he nas terras da Siria; e o primeiro que diz, diz verdade; porque diz que o de fóra (que he a polpa) vem da India; a isto pera nos dizer que os caroços

* Avicena, Lib. I., cap. 699 (nota do auctor).

** Serapio, cap. 348 (nota do auctor).

não sam em uso da fisica. E o que diz Mesue, que sam frutos de *palmeiras silvestres,* não soube o que dizia; porque em toda a India não ha fruto de palmeiras, antes as tamaras he mercadoria da Arabia pera a India; e gastamse em muyta cantidade estas tamaras secas; e as amasadas, sem caroços, se gastam muito em toda esta India, e algumas feitas da feiçam das que chamamos *datiles.*Verdade he que em Cambaia vi eu já algumas palmeiras bravas; porém sam muyto diferentes dos *tamarinheiros,* quanto mais que pera a Arabia se leva o *tamarindo* por mercadoria.

RUANO

Dioscorides porque nam falou nos *tamarindos,* diz o Laguna (tradutor no vulgar castelhano), que, se damos fé ao vocabulo arabiguo, diremos que sam huma especia de *datiles* que vem da India oriental: e asi afirma que por esta rezam lhe parece que os *tamarindos* não differem dos *datiles* tebaicos, visto que os trazem de levante, e tem a mesma força e virtude: e diz mais que, segundo alguns dizem, o arvore do *tamarindo* he huma especia de *palmas silvestres,* que tem as folhas longas e agudas nas pontas, semelhantes ás do salgueiro, e que ás vezes acham dentro huns caroços amarelos, de diversas formas; e temse por perfeitos aquelles que roxeam, sendo tenros, e frescos e grossos.

ORTA

Não he especie de *datiles,* nem tem a feiçam de *datiles,* senam em ter caroços e nam ha nesta terra palmeiras que deem fruto de *datiles;* e comtudo em o Guzarate ha palmeiras bravas, que não dam fruto algum ou *tamaras,* e os *datiles,* como vos disse, sam mercadoria pera esta terra. E no que diz, que parecem aos *datiles* tebaicos, nam me parece que tem rezam; e pareceme que, se forem os veros *tamarindos,* que sam levados d'esta terra pera lá: e quem os compra tem pera si serem da terra donde os compra, asi como acontece nas outras drogas; que chamamos á canela boa, de Alepo, sendo levada da India. E os Arabios, que

nesta terra trataram, porque lhe viram caroços, chamaram os *tamaras da India;* e nam porque pareçam *tamaras,* nem o arvore que os dá produz as folhas como elle diz, senão como vos ja disse; nem os caroços sam amarellos, mas sam lucidos e cor de terra; nem sam de formas diversas, mas sam como huma forma tamanha como tremoço, redonda, amasada por cima; nem amde ser frescos e tenros e grossos, senam como diguo; e nam porque façam ao caso pera fisica pois se não usa delles, senam porque os *tamarindos* vem amasados, trazem poucos caroços, e sam mal conhecidos.

RUANO

Valerio Codro faz adições sobre Dioscorides, diz que o *xiferiix* he *tamarindo,* e *fenico balano* he diverso delle.

ORTA

Nisto pode ter rezam, mas não em dizer que os ha, senão na India.

RUANO

Os Frades dizem que poucas vezes vem a Europa verdadeiros; e que os bons sam *leirom,* segundo Mesue, que os escolhe na confeiçam *alifiracost.*

ORTA

Se vem sofesticados os *tamarindos,* he falsidade çuja e baixa; porque valem cá tam baratos que em Portugal se podem dar em muyto bom preço; e os *tamarindos* que chama Mesue *alcairo,* quer dizer que os do Cairo sam milhores. A causa disto foy porque ao Cairo vinham ter da India; e dahi, per a Alexandria, vem a Veneza; e nam por os aver no Cairo (1).

RUANO

Que nome tinha o Cairo antiguamente; e porque se chama asi aguora? E pergunto isto, não sendo fisica, porque he muyto famosa e antigua esta cidade.

ORTA

O Cairo antiguamente se chamava Menfis dos Greguos; onde estam oge em dia aquellas tam famosas piramides, e

onde foy cativo José, e aguora parecem as abobedas, donde guardou os mantimentos; e chamase dos Mouros *Meçera*. E porque huma rainha ha pouco tempo que acrecentou esta cidade em huma parte, e esta rainha se chamava Alcaire, por isto chamam a toda a cidade o Cairo: a qual cidade, com o Turco estar em Constantinopla, sempre se despovoou em alguma maneira (2). E porque acabemos os *tamarindos*, vos diguo o que diz Antonio Musa, que será bem desarezoado quem não amar aos Arabios por os *tamarindos*. E verdadeiramente que tem rezam, porque eu uzo delles, e nam de *canafistola*, nem *manná*, nas febres muito colericas, e isto porque por serem doces, acrecentam a colera, e não carece isto de auctoridade, pois que Avenrrois o manda asi. E este preceito usam muyto os fisicos desta terra, que não querem dar açucare nas febres ardentes. E asi diz o mesmo Antonio Musa, que craro he nam ser o *mirabolano* de Plinio, e de Dioscorides, *tamarindo*; porque estes não tem caroços, e os *tamarindos* si; e tambem reprende Menardo, porque reprende a Mesue, e diz que o *fenico balano* tem vertude de restinguir, e o *tamarindo* de purgar: e tambem não tinha muita razam de reprender a Mesue em dizer, que era frio no segundo gráo, porque Avenrrois o põe no terceiro*, porque isto podia ser erro do escritor, e tambem alguns livros de Mesue dizem que he no terceiro. E com isto diguo que ficam os *tamarindos* com sua onra.

RUANO

Nam se enfade, se lhe perguntar huma cousa que me disse este vosso ortelam.

ORTA

Se disse que durmiam de noite acolhidos com as folhas, por causa do frio, dissevos verdade; porque de noite eu os vi ajuntados e metidos dentro das folhas; e de dia se desencerram e abrem, e sáem fóra das folhas (3).

---

* Avenrois, 5 Coliget (nota do auctor).

Nota (1)

O «tamarindo» ou *tamarindeiro* é uma grande arvore da familia das *Leguminosæ*, **Tamarindus indica**, Linn., muito conhecida e commum por toda a India. É espontanea na Africa, Kordofan, Abyssinia e outras regiões; segundo parece, tambem em parte da India meridional, tendo-se sobretudo espalhado depois pela cultura e plantação; e alguns dizem, que igualmente no Yemen, de modo que Orta não tinha talvez rasão em negar absolutamente a sua existencia em algumas provincias da Syria e Palestina. Os nomes vulgares, citados no *Coloquio*, são exactos e de facil identificação:

—O do Malabar «puli», é o nome tamil *puli*, ou *poolie*, como escreve Ainslie na sua orthographia ingleza.

—O guzerate «ambili,» corresponde ás designações modernas *amblie* ou *amli*, e vem do sanskrito अम्लिका, *amlikā*.

—O arabe «tamarindi», تمرهندي, *tamar-hindi*, significa effectivamente *tamara da India*, sendo uma das designações mais geralmente usadas no Oriente, e da qual veio a palavra *tamarindo*.

Este nome de *tamara da India*, dado áquelle fructo pelos arabes, sem grande rasão, e por uma similhança remota da polpa dos dois fructos, foi depois a origem de todas as confusões, a que se refere o nosso escriptor. Não conhecendo a arvore, e guiados unicamente pelo nome arabe, os auctores de materia medica, anteriores a Orta, admittiram gratuitamente que o fructo fosse produzido por uma especie de *palmeira brava* da India. Os nomes usados então, por exemplo, os dos livros da escola de Salerno, ὀξυφοίνικα, ou *dactyli acetosi*, traduzem esta idéa, com a indicação naturalmente de que a polpa do *tamarindo* era mais acida que a das *tamaras*. Não foi difficil a Orta explicar: primeiro que o *Tamarindus indica* differia *toto cælo* de qualquer especie de palmeira; depois, para reforçar o seu dito, que as especies de *Phœnix* da India não produziam fructo comestivel, e as *tamaras* da *Phœnix dactylifera* eram ali importadas em notavel quantidade da Arabia e da Mesopotamia. Como nota Dymock, a correcta descripção de Garcia da Orta veiu desfazer aquelle erro, em que tinham laborado durante toda a idade media.

A polpa dos *tamarindos* é extremamente apreciada nas regiões quentes, para preparar conservas e tambem bebidas refrigerantes. Tem, alem d'isso, todos os empregos medicinaes, mencionados pelo nosso medico, sendo considerada digestiva e laxante, ou, segundo dizem os mahometanos, boa para «purgar o systema de bilis e humores adustos», o que lembra a phrase de Orta: «digere e evacua o humor colerico, e incide e corta o freimatico». É igualmente conhecida ainda hoje na India a applicação externa dos emplastros das folhas d'esta arvore no tra-

tamento das dores e inflammações. É, pois, muito completa e muito exacta a therapeutica do *tamarindo* do nosso escriptor, e unicamente omittiu alguns usos medicinaes das sementes, de resto pouco importantes.

Muitos annos antes de Orta, o portuguez Thomé Pires havia mencionado a abundancia de *tamarindos* n'aquellas partes orientaes, e o seu baixo preço: «.... he mercadoria nestas partes, usa-se em lugar de vinagre; valem casy de graça».

(Cf. *Pharmac.*, 197; Dymock, *Mat. med.*, 270; Ainslie, *Mat. Ind.*, 1, 425; Thomé Pires, *Carta,* na *Gaz. de Pharmacia,* 40.)

Nota (2)

A pequena digressão historica do nosso escriptor é bastante exacta. A celebre Memphis, sobre cuja exacta situação se disputou largamente, não ficava em todo o caso longe do Cairo, e não muito distante tambem das pyramides. O antigo Cairo tinha o nome de «Meçera» ou antes Missr ou Miçr, que se applicava igualmente ao Egypto em geral, e Edrisi deriva do nome de Miçraïm, filho de Cham, filho de Noé. Chamava-se tambem aquella cidade el-Fostat, ou *a tenda,* porque se dizia construida em volta da *tenda de campanha,* que ali plantou um dos primeiros conquistadores mussulmanos, Amr-ibn-el-Aci. Quanto ao novo Cairo, fundado muito depois junto de Miçr, datava do tempo do quarto Khalifa fatimita, e o seu nome não se prende ao de uma rainha, mas parece ser simplesmente El-Kahirah, *a victoriosa.*

O «Turco» não havia passado para Constantinopla; mas o Egypto independente dos Mameluks fôra sujeito ao imperio Ottomano, cuja capital era Constantinopla, uns quarenta e tantos annos antes de Orta escrever; e isto naturalmente diminuíra a importancia do Cairo.

(Cf. Niebuhr, *Voyage en Arabie,* 1, 82; Edrisi, *Géogr.*, 1, 300; Noel des Vergers, *Arabie,* 462.)

Nota (3)

Orta refere-se aos movimentos de somno e vigilia das folhas compostas do *Tamarindus indica,* como já, em um dos *Coloquios* anteriores, se havia referido aos movimentos provocados das folhas do *Biophytum sensitivum.*

COLOQUIO QUINQUAGESIMO QUARTO

DO TURBIT

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, MALUPA FISICO DE GOA

RUANO

Ó quantas vezes ouvi dizer, em cidades muyto notaveis de Espanha, que deixavam de fazer *diafinicam* e outras confeições por falta de *turbit;* outros diziam que nam era verdadeiro, por ser negro e nam gomoso; outros diziam que o *turbit* dos Arabios he hum, e o dos Gregos outro; e que o dos Arabios se chamava *turbit* e o dos Gregos *tripolio.* E estes nomes dizem que os tiram de Dioscorides; e pera fazer a sua boa, emmendam os textos antiguos, castigam a Plinio, e dam a culpa destes errores a Teodoro Guaza*. E certo que he huma piedade ver quanto trabalho levou Lioniceno doutissimo, e Menardo e outros em achar este *turbit* em Dioscorides, ou Plinio, o qual se não pode achar senão quando se achar o corno de Amaltea, ou a cidade de Platam**. Outros mais modernos querem concertar os Gregos com os Arabios, desejando elles mesmos serem entre si deferentes. Peçovos muito por merce que me tireis deste trabalho, dizendome os nomes arabios, e os desta terra onde a planta nasce. E se puder ser que o eu veja, seria pera mim cousa de grande preço. E asi me aveis de dizer quanto se aproveitam delle os fisicos desta terra, e se usam muyto ou pouquo delle.

ORTA

Dizervosei, senhor, tudo o que sei, porque conheço muito bem este simple, e vi a frutice que o dá, quando he verde,

---

* Theodoro Gaza, o antigo traductor de Theophrasto.

** Porque as cousas que se não podem achar são estas que diguo, porque nunca as vio pessoa alguma (nota do auctor).

e as flores; e por aqui vereis vós mesmo o que aveis de responder a estes modernos escritores, ou a quem vos com elles aleguar, se he este o *turbit* dos Gregos ou nam. E diguo que ao que nós chamamos *turbit*, chamam com o mesmo nome os Arabios, e Persas e Turcos; posto que Andreas Belunense, no texto emmendado, o chama *terbet;* porém os fisicos letrados destas nações todos os mais chamam *turbit*, e nam *terbet*. E os Guzarates, onde ha o mais, o chamam *barcamam*. E os Canarins destas terras de Goa o chamam *tiguar*. E nasce na frol da terra, quero dizer que não tem a raiz profunda, e he pequena, e o tronquo della he como hum dedo de comprido, e ás vezes mais grosso, e jaz ao longuo da terra deitado como era*; porque o principio do tronquo ou ramo he o bom; e como se vai adelgaçando e se enche de folhas não tem a feiçam de *turbit*, nem he bom, nem faz a guoma senam perto da raiz, que he o proprio páo, e esta raiz vem ás vezes com o mesmo *turbit*. E as folhas e flores sam como de *malva francesa;* e não se mudam as flores tres vezes no dia, como alguns dixeram. O sabor do tronquo, e ramo e folhas he insipido, quando se colhe; e nasce nas terras maritimas, mas não muyto perto do mar. Eu o vi duas legoas do mar e tres, em cabo onde a maré chea lhe não chegua, como alguns dixeram que lhe avia de cheguar. O mais delle nasce em Cambaiete, e Çurrate e Dio, e Baçaim com suas comarcas. Tambem ha algum em Goa, mas não o tem os fisicos da terra por bom, nem querem usar delle, senam do Guzarate. E dali o levam em muyta cantidade pera a Persia, e Arabia e Turquia, e pera Portugal alguma cantidade pouca; posto que eu mandei 40 quintaes, quando fiz as droguas pera elrey, e ouvese por muyta cantidade. E tambem mo pediram no Balagate os fisicos do Nizamoxa, que he sinal de o não aver nessa terra, ou de não ser bom. E já pode ser que em outras partes da India o aja, porque se não semea, e nasce per si; e póde ser que

---

* Isto é, como a *Hera*.

se a gente da terra fosse mais curiosa, que o acharia. E algumas pessoas me dixeram que o havia em Bisnaguer (que he do Guzarate cento e cincoenta legoas); mas os fisicos daqui de Goa me dixeram huns que o levavam a Bisnaguer do Guzarate, e outros me dixeram que o avia em Bisnaguer, porém que não era tam bom, posto que o avia, e que tambem o avia em Goa, mas que não era bom, nem se usava, nem praticava ácerca delles, senão o de Guzarate. He verdade que o que viram Mesue e Sarapio e Avicena era do Guzarate; porque sempre as náos que vam pera o ponente o levaram por mercadoria. E vos diguo que não tem o ramo diviso na parte alta, senam todo he cheo de folhas e flores, da maneira que vos dixe.

RUANO

Antes que vos tragua os ditos dos escritores Gregos, e Latinos modernos, quero que me diguaes como soubestes isto que me dizeis; e não porque eu não dê inteira fé a vossos ditos, senão porque saiba dar rezam de mim a quem vos não conhecer.

ORTA

Tendes rezam no que dizeis; mas sabei que quando aquelle invencivel capitam Martim Afonso de Sousa foy com 40 homens a Dio, por mandado do soldam Bhadur (que era o mais poderoso rey da Mourama) e lhe deu com tanto risquo e esforço, e saber seu a cidade de Dio, tam nomeada por todo o mundo, eu estava com elle; e desque tivemos o *prazme* de elrey de fazer a fortaleza, andava eu oucioso, vendo a opulencia e trato dessa cidade; e estando huma tarde no *bazar* (a que nós chamamos praça ou feira) asentado á porta de hum mercador (aos quaes elles chamam Baneanes) pasou por sua porta huma molher com hum saco de *turbit* já seco, e lho vendia; e eu como conhecia a mézinha, e avia ouvido dizer que dali o levavam pera as nossas náos, preguntei ao Baneane que era aquilo, e elle me dixe que era *terumbu,* e que nós e os Mouros lhe chamavamos asi; mas que os Maratas (que sam os Gentios) lhe chamavam *barcaman.* Eu lhe preguntei pera que o comprava, e pera que aproveitava:

dixeme que aproveitava pera purguar o ventre, e que era avido por boa mézinha, a qual levavam pera a Arabia, e pera Ormuz os mercadores nas suas náos. E elle me preguntou se lho queria comprar, e louvava o muyto, dizendo que o oulhase, e com isto me mostrava a guomosidade delle, e a brancura. E, porque eu sabia que os nossos o compravam, lho comprei eu, scilicet, cada mão por huma *tangua,* que sam 60 reais, e huma mão 27 arrateis. E elle paguou á molher muito pouquò; segundo que eu despois soube de huns Baneanes, certo que dobrou duas vezes comiguo o dinheiro*.

RUANO

Eu sam contente de ser esse o *turbit* que usamos, e chamaremlhe asi; mas como soubestes delles que os signaes da sua bondade era ser branco e guomoso, senam se o soubestes pelos livros nossos?

ORTA

Diguo que, pollos nossos livros, soube aquilo, mas nam por mo dizer o Baneane; mas falando convosquo a verdade vos afirmo, que não sam estes signaes, senão de ser *turbit,* e não porque nam possa ser o *turbit* sem guoma tam bom como o guomoso, porque a guoma se causa, porque o retorcem ou o picam os que o colhem, quando he verde, pera que guomefique ou lance goma; porque sabem que he sinal por onde distinguimos o bom do mao. E isto soube eu despois; porque tinha um parente fisico em Baçaim cidade nossa, que dista de Dio por 50 leguas por mar, e disseme que o fôra colher com os Indianos muitas vezes, e que elles no principio o torciam ou cortavam ou picavam, e que dahi a alguns dias o colhiam, e o achavam cheo de guoma, e que elle fez que nam torcessem nem cortassem algum outro, e que despois

---

* Sobre as causas que levaram a Dio Martim Affonso de Sousa e Garcia da Orta, póde ver-se, *Garcia da Orta e o seu tempo,* pag. 92 e seguintes.

não o achava com guoma, e que a algum destes achava muito pouca.

RUANO

Loguo tam bom he o guomoso, como o outro; pois he huma mesma pranta?

ORTA

Tendes nisso muita rezam; porque a goma lhe fica dentro; e tambem vos diguo que algum *turbit* será guomoso sem lhe fazer as torceduras ou golpes nelle; mas gomefica mais facilmente; e mais a nossa eleiçam que nelle fazemos, deu aos Indianos ocasiam pera o torcer; e isto sem duvida he verdade.

RUANO

E como he o *preto* ruin e o *branco* bom, que he huma das condições da sua bondade?

ORTA

He costume dos boticairos da India (a quem chamam os Indios *guandis)* secálo ao sol, dizem que secálo á sombra o faz preto. E dahi o tomaram os nossos boticairos, e por experiencia se acha isto do modo de secar esta mezinha. E já pode ser que o que for preto por ser seco com a sombra seja milhor, mas até o presente não o esprementei.

RUANO

E usam os fisicos Indianos deste *turbit* pera purguar a freima?

ORTA

Senhor, si; e pera isto quero chamar o fisico que nesta terra me parece milhor, pera diante de vossa mercê lho perguntar. Moça, chama a Malupa*.

SERVA

Aqui vem todos as manhans a curar estas negras: e eilo sóbe.

---

* Sobre os «fisicos indianos», veja-se a nota ao *Coloquio* 36 (II, 146).

ORTA

Malupa, dizei aqui ao senhor doutor, se usaes nestas terras do *turbit;* e pera que; e se lhe mesturaes *gengivre;* e de qual terra he milhor.

MALUPA

Si: usamos delle pera purguar a freima e o *gengivre* ás vezes lho mesturamos; e he quando não ha febre; e isto do mesturar do *gengivre* tambem o mesturamos em outras mézinhas purgativas, mas outras vezes o damos sem o *gengivre*. E o milhor *turbit* he o de Cambaia, e de Cambaia o levam a algumas partes da India. E já eu mostrei o *turbit* desta terra ao senhor doutor, que presente está: mas diguovos que nós ás vezes curamos com o de Goa, e mais não o ha senão perto do mar; posto que já me dixeram que o avia em Bisnaguer, mas que nam fazia boa obra.

ORTA

Dizvos muyta verdade; porque o Nizamoxa me pedia este *turbit* de Cambaia, e eu lho mandava do que de lá vinha; e comtudo póde ser que o aja dentro no sertam, e que se não ache polla pouqua curiosidade da gente, que a *lingoa de vaca* (de que carecemos), e o *fumus terræ,* vi eu já em o Balagate. E vós ivos com Deos, Malupa, e dizei a este senhor daqui em diante o que sabeis destas mézinhas.

MALUPA

O doutor Orta as sabe milhor que nós todos, porque nós sabemos as dos Gentios somente, e elle sabe as dos Cristãos e Mouros, e Gentios milhor que nós todos. E beijo as mãos de vossa merce.

ORTA

Este Indio vos diz na retificaçam verdade; porque Rasis* não o retifica com *gengivre,* senam com oleo de *amendoas doces,* por temor da escoriaçam que pode fazer.

---

* Rasis, 8, ad Almansorem (nota do auctor).

RUANO

Aguora venhamos á examinaçam dos escriptores. E começando por os Arabios, pois nisto falaram mais certo, como vós dizeis, tendo os Greguos a sabedoria e a invençam das boas letras.

ORTA

Nam vades mais avante, porque não diguo mal dos Greguos, por serem inventores das boas letras, como dizeis; mas tambem sam inventores de muytas mentiras, e muito mal acustumados, e efeminados em seus costumes: e Roma desque os recebeo em si, recebeo muytas más cousas. E comtudo não diguo eu mal delles, no que escreveram que avia em suas terras, senão o que escreviam das ignotas a elles; porque ali encheram os livros á sua vontade; como se pode exemplificar nas cousas que da India escreveram, tam fabulosas; mas afirmovos que, nestas terras da India, souberam mais os Arabios; e, por milhor dizer, erráram menos que os Greguos. E ora vinde com vossas contradições, pera que milhor se examine a verdade.

RUANO

Mesue diz que tem as folhas semelhantes ás da *ferula,* excepto que sam mais pequenas, e que he das plantas que tem leite; e que o ha domestico e silvestre, grande e pequeno, e branco e preto, e citrino; e que nasce nos luguares mais secos por a grossura do seu leite; e que tem sete propriedades, branco, e vacuo, arundinoso, ou semelhante á cana, gomoso, e que tem a corteza cor de cinza, e que he plano, e que facilmente se quebra, scilicet, novo, e que o grosso nam he bom.

ORTA

O senhor Mesue falou o melhor que lhe pareceo, e foy de ouvida; e por isto não acertou em tudo; porque as folhas não sam semelhantes ás da *ferula,* senão ás da *bismalva* (a que chamam os Portuguezes *malva francesa)* nem tem leite; nem o ha domestico, senam todo he silvestre; ha o grande e pequeno, como diz; branco e amarelo e preto,

mas não que o seja asi do seu nacimento, senão o que he mal curado não he branco, e nasce em cabos humidos e secos, e mais humidos que secos; e não em secos, como elle diz por causa do seu leite; e por ser branco e guomoso nam he milhor, como antes vos dixe; nem he feito como cana; nem a corteza he cinzenta, nem muyto plana, senão encrespada ou franzida e parda; e o novo he bom, mas nam he frangibil, senão depois de seco; e tambem diz que o grosso nam he bom, e isto he dito sem rezam; antes parece que terá mais vertude, se não fôr podre.

RUANO

E que vos parece Avicena*, que diz que a sua reitificaçam toda que he esfregandolhe a corteza pera que não fique cinzenta, senam branca?

ORTA

Diguo que isso he bom pera o vender somente, e não pera mais.

RUANO

Serapio** diz, por autoridade de Dioscorides e de outros muytos, algumas cousas, scilicet, que nasce na praia e nos lugares que o mar cobre com a maré chea somente, e nam com a vazia, que com ella baixa nam he tocado, e que tem a folha semelhante á planta chamada *arasidis,* e sam mais grossas as folhas, e diz que tem o tronco longuo dous palmos, e que se divide no mais alto, e que muda a frol tres vezes no dia, scilicet, de manhan he branca, e ao meo dia roxa, e á noite vermelha; e que a raiz he odorifera, e que quando se mastigua esquenta a linguoa, e que aproveita contra a peçonha, assi como qualquer mézinha outra *bezedarica*. Destas cousas e outras traz autorisadas por Galeno, trasladado por Albataric e por outros Arabios muytos.

---

* Avicena, 2, cap. 709 (nota do auctor); aliás 711 da edição de Rinio.

** Serapio, cap. 330 (nota do auctor).

ORTA

Já vos disse que o *turbit*, eu o vi nascer perto do mar; mas não tam perto que o toque o mar com maré vazia nem chea, porque nasce ás vezes duas leguoas do mar, onde nam espraia o mar; nem tem a folha semelhante á folha da pranta dita *arasentis*, nem a *ahisatis* dita como emenda; e hum moderno diz como *bismalva*, nem porque* he como a dos *murtinhos* (como diz Lioniceno); pois sam tam deferentes da *bismalva*. E o tronco, como diz, he de dous palmos, porém ás vezes menor, e outros ha de oito e de dez palmos; e porém a frol nam se muda tres vezes no dia, senam sempre he mesturada de branca e roxa, e ás vezes branca; e a raiz não he odorifera; nem mordica a linguoa; nem nós usamos da raiz, senam do páo que está com as folhas estendidas no cham, como a era; nem a vi em algum tempo usar contra o veneno; nem eu o experimentei, e o que vos disse vi com os olhos.

RUANO

Dioscorides diz**, falando de *pitiusa*, que he huma especia dos *laticinios*, ou de ervas que deitam leite, que parece que he *turbit*. E assi o sentem alguns modernos; e tambem dizem que he *tripolio*, do qual fala Dioscorides***, e he tresladado ao pé da letra de Serapio. E Autuario, doutor grego e de autoridade, diz tambem que *pitiusa* he *turbit*, scilicet, que o ha *branco* e *preto*; e diz que falsamente usam alguns, por *hesula*, *turbit preto*, e tambem he deste parecer Mateolo Senense. Asi diz o mesmo que *alipium* he *turbit*, e *alipia*

---

* Esta palavra deve estar a mais, e, supprimindo-a, a phrase fica mais clara.

** Dioscorides, Lib. 4, cap. 143 (nota do auctor); aliás cap. 163, edição Sprengel. Diz effectivamente, que á raiz da *pytiusa* chamam τούρπετ; mas esta phrase, que só se encontra na edição Aldina, parece a Sprengel suspeita de intercalação posterior.

*** Dioscorides, Lib. 4, cap. 124 (nota do auctor); aliás 133 da edição Sprengel.

he a semente delle; e que isto elle Mateolo nam o crê, porque não tem semente o *turbit;* e mais porque purgua a melancolia, e o *turbit* purgua a freima. E os Frades dizem o mesmo que os modernos e Antonio Musa; e teem porém que he verdade o que dizem do *tripolio* Dioscorides e Galeno, e Plinio*: e dizem que tem o *turbit* de Serapiam; e por isto que parece ser tudo hum**. E afirmam mais estes reverendos Padres, que o *turbit* que nas boticas se vende, nam he o *turbit* de Mesue; e que, os que o colheram com suas proprias mãos lho dixeram, porque nam tinha as folhas das beldroegas. E tambem concede que o *turbit* de Mesue nam he *tapsia,* e que, com seu dano o esprementou, porque alimpandoo e escarvandoo se lhe incharam as mãos e a face. E portanto que não se ha de deitar por *turbit;* e mais tambem diz que o *turbit* que se traz de Apulha he a verdadeira *tapsia,* e tem grandes raizes; e que se não ha de administrar, senam seis mezes despois de colhido, nem quando he comido do bicho. Estes cousas e outras muytas, que nam fazem ao meu preposito, dizem muytos escritores modernos, e bem ornadas: ás quaes, pois as ouvistes, respondei o que vos parecer; pois que he bem darvos fé, como a quem he testemunha de vista.

ORTA

Todas essas cousas que dizeis, e outras muitas li já; e o que a isso vos respondo he, que as ervas e plantas laticinaes sam muytas, e todas as mais sam venenosas. E das nossas e desoutras muytas he chea esta terra da India e a da Europa. E quis Deus que a terra, por o pecado do primeiro padre, as désse, e comtudo, por a misericordia divina, ainda que sejam venenosas, aproveitam pera alguma cousa algumas, e outras sam puro veneno, sem lhe sabermos o pera que aproveita. E eu daria exemplo em muytas nesta

---

* Plinio, Lib. 26, cap. 7 (nota do auctor); aliás cap. 22, edição Littré.

** Assim se póde talvez reconstruir a phrase da edição de Goa, que está extremamente errada e incorrecta.

terra, e em Portugal; e a que chamam *esula** ou *alfebran* os Arabios e nós *esula* he poçonhenta, que onde cáe ou seu çumo ou leite, incha muyto, como eu vi já muytas vezes em Portugal. E cá nestas partes ha humas plantas com que tapam e valam as ortas, que fazem o mesmo deitando leite de si; e o mesmo fazem huma especia de *mangas bravas* (1). E por esta rezam os antigos escreveram sete especias de *laticinios,* e afóra estas avia outras muytas ignotas. Cá na India ha outras muytas, com que purgam os fisicos da terra e curam algumas enfermidades; e huma destas he o *turbit,* pois não tem leite, e se tem algum, he muyto pouco, e não he mézinha venenosa, e purga sem molestia nem trabalho; e tomam o cá os Indios em caldo de frangão, ou em aguoa em maior cantidade do que o nós tomamos, nem em Portugal nem cá, e não incha as mãos e o rosto, tocando o como fez o *turbit,* que, por autoridade dos Frades disestes; se não seria essa especia de laticinio, como *esula,* e daqui tomareis que não he *esula* este *turbit,* nem *tripolio,* nem *pitiusa,* nem *hisiatis,* nem *alipium,* nem *alipia* sua semente, pois o *turbit* não tem semente; e porque nam tem as folhas semelhantes á *ferula,* nem á *beldroega,* nem ao *murtinho,* nem nasce tam perto do mar, que o cubra a onda, nem muda a frol e a cor tres vezes no dia, como dizem esses Greguos. Assi que por essas e por outras muytas causas, não he *turbit* dos Greguos, nem o dos Arabios propriamente; senão estes Arabios viram usar de *turbit* á sua gente, trazido da India, e quiseram buscar em os Greguos alguma mézinha que se lhe parecese, porque davam tanta autoridade aos escritores Greguos como isso; e a causa era por serem os primeiros escritores nas cousas humanas, porque nas divinas primeiro escreveram os Hebreos. Esta, que digo, foy a causa por onde Serapiam treladou ao pé da letra o capitulo de *tripolio* de Dioscorides, porque lhe pareceo que

---

* Ésula, nome dado a varias especies de *Euphorbia,* não só á *E. Ésula,* como a outros.

não pudia aver mézinha que a deixassem de escrever os Greguos; e certo que milhor fizera elle de me fazer um capitulo do que delle sabia somente, e o demais o tempo o fôra descubrindo, como aguora o faz, mostrando ser mézinha propria desta terra. E elle dixera que o *tripolio* e as outras mézinhas era huma especia de laticinio a elle nam conhecida, ou conhecida, se a sabia; porque nem Dioscorides soube tudo, porque elle diz muitas vezes, *como he fama.*

RUANO

O Laguna tem que *pitiusa* he *turbit preto,* e *alipium* he *turbit branco* e bom.

ORTA

Já vos dixe que nenhuma destas mézinhas he *turbit branco* nem *preto;* nem he *esula,* porque he muyto forte laxativo, o que o *turbit* não he; nem he *alipium,* porque *alipium* purgua melancolia, e o *turbit* purga somente a freima; nem he raiz cheirosa, nem mordica a linguoa o *turbit,* nem he semelhante á *ferula,* nem á *beldroega,* nem ao *murtinho,* nem se levanta do cham covado e meo, senão está ao longo da terra estendido, como era; asi que por estas razões e outras muytas não he nenhuma destas mézinhas apontadas pollos modernos.

RUANO

E o *turbit* que se traz de Apulha não he *turbit?*

ORTA

Nam, senão algum laticinio; e alguns dizem ser a verdadeira *tapsia,* porque tem raizes grandes; e o *turbit,* que usamos nestas terras, tem as raizes muito pequenas, e do páo usamos somente.

RUANO

Dizem estes reverendos Padres boticairos, que se não ha de usar, senam seis mezes depois de colhido, e tambem que se não ha de usar quando está comido da traça ou bicho.

RUANO

O derradeiro he craro ser verdade, porque esta terra he sujeita á putrefaçam em tanta maneira, que não se pode o *ruibarbo* nem outras mézinhas soster os quatro mezes do anno, que he inverno, que sam junho, julho, aguosto, e setembro. No outro que diz que ha de estar seis mezes sem se usar delle, não diz bem, porque elle colhese em novembro, dezembro e janeiro; e, se estivesse mais de seis mezes, corromperseia. Verdade he que nas terras que estam dentro no sertam, não se corrompem as mézinhas, como nestas que estam na fralda do mar. E levai deste simple pera vós que os Gregos totalmente o nam conheceram, e que nem delle diseram menos mal, ou erraram menos que os modernos, que dizem que não sabem conhecer a raiz, que em nossos tempos se vende por *turbit;* posto que isto em parte he verdade; porque não he raiz senam páo; e daqui em diante não lhe chamamos *turpetum,* senam *turbit,* ainda que lhe chameis barbaro, porque o *turbit* com seu nome proprio se contenta. E cavalguemos, que he oge sabado, e hemos de hir à Madre de Deos (2).

RUANO

Muytas cousas me leixaes de dizer, por serem muyto notas; e, se fossem contadas em minha terra, seriam apraziveis pera as ouvir: por isso dessas cidades e terras, donde nasce o *turbit* me dizei, scilicet, de Baçaim e Dio, pois sam terras de elrey de Portugal.

ORTA

Dio he huma ilha, que em si contem huma cidade de hum bom porto, e muito fermoso e de grande trato, e concurso de muytos homens mercadores, Venezianos e Gregos, e Rumes e Persios, e Turcos e Arabios, a qual deu o gram soldam Bhadur a Martim Afonso de Sousa, sendo capitão mór do mar da India; e ouve delle que fizesse ali fortaleza em huma parte de Dio, qual elle quizesse, a qual elle fez, ou acentou em parte que estivesse fortificada por mar e por terra. E depois, per muytas traições que nos fizeram, per-

deram a cidade e a ilha toda, da qual estamos de posse, muytos annos ha. He muito grande escala e forte cidade, a qual defendemos do poder do gram Turquo, no anno de 1539, com grande esforço de pouquos, que estavam dentro cercados. E depois, no anno de 1546, estando de cerquo sete ou oito mezes, e sendo arrasados os muros, e muyto pouquos Portuguezes dentro e doentes, a defenderem animosamente, até que o governador Dom Joam de Crasto veo, e entrou a ilha e cidade, e deitou fóra todos os Mouros, matando grande numero delles e tornou a edeficar outra maior fortaleza. E porque as cousas que neste cerquo aconteceram sam muyto bem escritas em latim e em portuguez, não escrevo mais dellas, porque, como diguo, sam escritas em melhor estilo. Huma só coisa direi: que Dom Joam Mazcarenhas, que era capitam desta fortaleza, fez neste cerquo cousas de muyto esforçado capitam, e usou de muyta industria, e saber e esforço, e manhas, tendo paciencia onde foy necessario; e merece tanto ser louvado, que eu não me estrevo a falar nesta materia mais*.

RUANO

Falai de Baçaim, pois he cousa mais grossa, ainda que nam he tam nomeada.

ORTA

He Baçaim huma cidade muito grande, e debaxo de seu senhorio contem muytas terras e cidades, e rende a elrey mais de 100 e sesenta mil cruzados com humas terras e fortalezas, que deram depois a Francisco Barreto, as quaes terras chamam Manorá**.

Tem em huma parte huma ilha chamada Salsete, onde estam dous pagodes ou casas de idolatria debaxo da terra;

---

* Os successos dos dois cercos de Diu são demasiado conhecidos para que exijam qualquer palavra de elucidação.

** Sobre as terras e rendas de Baçaim, veja-se o que disse em *Garcia da Orta e o seu tempo*, pag. 259 a 276.

hum delles está debaxo de huma serra muyto alta de pedra, e será maior cantidade que a fortaleza de Dio, a qual se póde comparar em Portugal a huma villa de quatro centos vizinhos cercados; tem esta serra huma subida grande, e chegando á serra está huma casa grande de pagode, feita e talhada dentro na pedra, onde depois edificaram os frades de Sam Francisco huma igreja, chamada de Sam Miguel. Ha muytos pagodes de pedra, subindo pera a serra; e subindo mais acima tem outras casas feitas de pedra, e dentro com suas camaras; e subindo mais acima tem outra ordem de cazas feitas dentro na pedra, e nessas casas tem hum tanque ou cisterna da agoa, e tem canos por onde lhe vem agoa da chuiva, e mais acima vai outra ordem de casas polla mesma maneira feitas. Seram por todas até trezentas casas, todas tem idolos esculpidos nas pedras; com tudo isso sam mui carregadas, e mal asombradas, como cousas que foram feitas pera o diabo ser venerado (3).

Tem outro pagode em huma parte da ilha, que chamam Maljaz; a qual he huma casa muyto grande, tambem feita dentro na pedra; e tem dentro muytos pagodes, e muyto mal asombrados; e todos os que entram nestas casas dizem que se lhe arepiam as carnes, que sam muyto medonhas (4).

Outro pagode milhor que todos ha em huma ilha chamada Pori, que nós chamamos a ilha do Elefante, e está nella huma serra, e no mais alto della tem huma casa debaixo da terra, lavrada em huma pedra viva, e a casa he tam grande como hum moesteiro, e dentro tem pateos e cisternas de muyta agoa muyto boa, e pollas paredes ao redor ha grandes imagens esculpidas de elefantes, e leões, e tigres, e outras muytas imagens humanas, asi como sam amazonas, e de outras muytas feições bem figuradas. E certo que he cousa muyto de ver e parece que o diabo pos ahi todas suas forças e saber, pera enguanar a gentilidade com sua adoraçam. E alguns dizem que fizeram isto os Chins, quando navegavam por esta terra. E bem póde isto ser verdade, segundo vai tam bem fabricado, e segundo os Chins sam sutis. Verdade he que aguora está muyto danificado este pagode com gado

que lhe entra dentro, e no anno de trinta e quatro, que eu vim de Portugal, estava cousa muyto pera ver; e eu o vi, estando Baçaim de guerra comnosquo, e loguo o deu elrey de Cambaia a Nuno da Cunha (5).

RUANO

De que pessoas he abitada essa terra de Baçaim?

ORTA

Os Mouros a senhoreavam primeiro, e aguora ha poucos nella, somente alguns que tratam pollo mar, chamados *naitias,* como se dixesemos mestiços e feitos primeiramente de Mouros, que vieram de fóra, e se mesturaram com os Gentios desta terra. E os Gentios sam de muytas maneiras, scilicet: os que lavram e semeam a terra pera o arroz e outros legumes; estes chamam elles *curumbins* e nós lavradores: e os que nós chamamos ortelãos, que sam os que cultivam as ortas e pomares, chamam elles *malis:* ha outros escrivães e contadores (a que elles chamam *parús)* que recadam as rendas de elrey, e de homens, e das fazendas, e sam grandes negociadores: ha outros piães de armas: ha outros a que chamam Baneanes, que sam os que guardam o custume de Pitagoras mui inteiramente. E ha em cada povoaçam huma gente desprezada e avorrecida de todos, e não se tocam com outros; estes comem tudo, e as cousas mortas: a estes dá de comer cada povoaçam do comum, sem se tocar com elles; o seu cuidado he limpar as çugidades das casas e ruas; estes sam chamados *deres* ou *farazes,* e servem tambem estes de algozes. Ha outros mercadores de buticas, que por nome sam chamados *coaris,* e no reino de Cambaiete lhe chamam *esparcis,* e nós os Portuguezes lhe chamamos Judeus, mas não sam, senão Gentios que vieram da Persia, e tem propria letra sua, e tem muytas suprestições vãas, que quando morrem os tiram por outra porta, e nam polla que se servem; tem jaziguos, onde se deitam quando morrem, e nelles estam asentados até que

se desfazem; olham pera o levante; nam se circoncidam, nem lhe he vedado comer porco, e helhe vedado comer vaca. E por estas causas vereis que não sam Judeus. Nem os Judeus, que ha nas terras do Nizamaluco que confinam com estas, os tem por Judeus; fazem estranhos juramentos, que, porque não fazem ao caso, vos não conto.

RUANO

Não me leixeis sospenso, e dizeimo brevemente.

ORTA

Toma huma vaca o que faz juramento, e põe no cham de huma banda da vaca aguoa, e da outra foguo, e toma hum cotelo na mão, e diz certas palavras, que querem dizer, que asi como elle mata aquella vaca com ferro, e está cercado de agoa e foguo, asi estê elle, e asi padeça, se jura falso. Huma cousa ha de notar, asi nestes homens como em outros, que nenhum muda o officio de seu pai, e todos os da casta de çapateiros o sam (6).

Nota (1)

A planta leitosa, com que habitualmente na India «tapam e valam as ortas», é a **Euphorbia Tirucalli**, Willd., tão vulgarmente empregada em formar sebes vivas, e tão conhecida tambem pela abundancia do seu *latex*, que, por estas duas circumstancias, os inglezes lhe dão ali o nome de *milk hedge*. Esta planta é igualmente vulgar em Angola, pelo menos eu creio que a *cassoneira*, empregada ali na formação de sebes divisorias, é esta mesma especie. Julguei esta especie africana, e introduzida na India pelos portuguezes; mas a passagem de Orta, indicando-nos ser ella já tão commum e conhecida no seculo XVI, lança alguma duvida sobre a questão (cf. Drury, *Useful plants of India*, 206; Roxburgh, *Flora Indica*, II, 470; *Plantas uteis da Africa portugueza*, 248).

Os inglezes chamam hoje *wild mango* ao fructo da **Spondias mangifera**, Willd.; e é provavel que fosse já a *manga brava* dos

portuguezes. A planta não tem propriamente *latex*, mas um succo resinoso amarellado.

O que Orta diz, que ali existiam muitos «laticinios», é perfeitamente exacto, e a India abunda em plantas laticiferas das familias das *Moreæ, Apocyneæ, Asclepideæ* e outras (cf. Drury, l. c., 403; Roxburgh, l. c., 451).

Nota (2)

O «turbit» procede da **Ipomæa Turpethum**, R. Brown, uma planta rasteira, scandente ou prostrada, da familia das *Convolvulaceæ*, bastante frequente em parte da India.

Sob o nome de त्रिपुटा *triputā* e varios outros, foi esta droga mencionada pelos escriptores sanskriticos, os quaes —segundo diz Dymock— conheciam já duas qualidades, *branca* e *preta*, isto é, *sveta-triputa* e *krishna-triputa*. A primeira qualidade era a unica aproveitavel; a segunda era reputada venenosa. Parece que o conhecimento da droga passou da India para os arabes, assim como o nome, naturalmente muito alterado —o que succedeu a quasi todos— tomando a fórma تربذ *turbedh*, ás vezes transcripto nos livros modernos *turbad* ou *turbud*. Do mesmo modo que os sanskriticos, os escriptores arabicos distinguiam tambem uma variedade *branca* e outra *preta*. Se esta distincção resultava unicamente do modo de preparar a raiz e caule, como explica o nosso escriptor, ou se nos tempos antigos se designavam assim drogas de procedencia diversa, é o que não saberei dizer. Do arabico veiu o nome hoje mais vulgar *turbit*, ou *turbith*, latinisado em *turpethum*. Alem d'isso, a droga tem na India muitos outros nomes, entre os quaes não encontro cousa parecida com o «barcamam» e o «tiguar» de Orta, que ou se enganou, ou transcreveu de ouvido com muita incorrecção.

A planta, é, como dissémos, rasteira ou scandente, com o porte caracteristico de quasi toda a familia, e tem folhas de fórma um tanto variada, mas sempre lobadas, não muito mal comparadas ás da «malva franceza». As suas flores são bastante grandes, e muito naturalmente não mudam de côr tres vezes por dia. Esta circumstancia da mudança de côr havia sido mencionada por Dioscorides em uma planta, muito diversa d'esta *Ipomaea*, e na qual, de resto, tambem não era exacta, a não ser talvez em algum leve cambiante, que ás vezes se póde dar da manhã para a tarde. A droga consiste na raiz e parte inferior do caule, cortados em bocados, de uma côr acinzentada por fóra, e de um branco sujo na secção, que está cheia de resina pallida, um tanto amarellada. Estas qualidades variam um pouco, e o *turbith* é mais ou menos «branco» e «gomoso»—aquellas circumstancias em que tanto insiste o nosso escriptor.

O *turbith* é considerado pelos medicos indianos, tanto pelos *hakims* mussulmanos como pelos *vydias* gentios, como sendo um dos seus mais poderosos catharticos ou drasticos, purgando sobretudo a bilis e o humor phleugmatico. Costumam juntar-lhe algumas substancias, entre outras, *gengibre*, o que era já no XVI seculo a receita do Malupa do *Coloquio*. Ainda hoje o *turbith* parece ser muito empregado na India; mas não foi adoptado em geral pelos medicos inglezes, como succedeu com outras drogas indianas, nem tem logar official na *Pharmacopœia of India*. Na Europa desappareceu ha muito da materia medica, na qual continuam a figurar, como catharticos activos, duas drogas analogas e procedentes da mesma familia vegetal, mas de qualidades superiores, a *scammonea* e a *jalapa*.

Não succedia assim no tempo de Orta, em que a materia medica se regia pelos preceitos dos arabes e pelas formulas de Mesué; e o *turbith* tinha ali um logar importantissimo. D'aqui resulta em parte o desenvolvimento do *Coloquio*, pois o nosso escriptor quiz tratar com toda a largueza de um medicamento de tão grande reputação. Mas resulta tambem das duvidas, que havia em relação á historia da droga, e elle quiz esclarecer. O *turbith* foi absolutamente desconhecido dos gregos e dos latinos; mas os escriptores ainda do tempo de Orta, esforçavam-se á porfia pelo encontrar em Galeno e Dioscorides, entendendo que isto lhe dava auctoridade. A voga que hoje tem um medicamento por ser novo, tinha-a então por ser velho.

Orta, que devia estar de bom humor ao escrever este *Coloquio*, diverte-se positivamente á custa do «doutissimo Lioniceno», e dos «reverendos Frades boticairos»; e toda a sua discussão abunda em boa critica e reflexões judiciosas. A questão é, de feito, um exemplo typico das discussões de textos e minucias em que se compraziam os commentadores do tempo. Queriam, por exemplo, que a *pityusa* de Dioscorides (uma *Euphorbia* da Europa) fosse o *turbith*, unicamente porque a raiz era purgante, e em uma edição se achavam intercaladas as palavras ἣν καλοῦσι τούρπετ. A identificação com o *tripolio* (tambem uma planta da Europa) ainda é mais singular, e parece assentar unicamente sobre o erro de um copista, que na traducção de Serapio, em logar de تربل, *tribol*, fórma arabica de *tripolio*, escreveu تربد, que se leu *terbed;* d'ahi a passagem para o *turbith* de todos os caracteres do *tripolio* —caracteres falsos tambem para esta planta, qualquer que ella fosse— isto é, que a sua flôr mudava de tom tres vezes ao dia, e outros. No meio d'estas discussões, intervinham argumentos, como o de Matthioli —citado por Orta— dizendo que o *alipio* não podia ser o *turbith*, porque um purgava a melancolia e outro purgava a freima, como se fosse facil e pratica esta distincção.

É claro, que tudo isto deixava frio Garcia da Orta, o qual se contentava com conhecer perfeitamente o *turbith* dos bazares da India;

mas é claro tambem, que elle se não podia desinteressar absolutamente d'estas discussões, que, em ultima analyse, constituiam a sciencia do seu tempo.

(Cf. Roxburgh, *Fl. Indica*, I, 470; Dymock, *Mat. med.*, 556; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 382; Sprengel, *Dioscorides*, I, 614, 656).

Nota (3)

O primeiro pagode, mencionado por Orta, é o antigo *vihára* ou convento buddhista da ilha de Salsette, muito conhecido pelo nome de Kânheri, cujas excavações diversas datam de epochas differentes, mas na maior parte, ao que parece, do II ao IV seculo da nossa era.

O *vihára*, talhado na rocha vulcanica, na encosta da montanha, consiste em excavações distinctas. A primeira que se encontra —como diz Orta— é o *chaytia* ou templo, que era effectivamente «uma casa grande», pois mede perto de 90 pés, por perto de 40, sendo ornamentado nas paredes de esculpturas, e tendo á roda numerosos pillares, esculpidos tambem. Seguem-se pela montanha acima, as excavações do *vihára* propriamente dito com as suas camaras, ornadas igualmente com imagens de Buddha e outras. Estas camaras são em numero consideravel, não inferior de certo ao que Orta indica, e dispostas em andares sobrepostos, como elle tambem diz. Junto de muitas d'estas camaras, encontram-se cisternas ou *pôndhîs*, com um systema completo de canalisação, destinado a receber as aguas da chuva, e a alimentar depois as diversas partes do convento, circumstancia apontada tambem pelo nosso escriptor. Garcia da Orta foi sem duvida alguma o primeiro europeu, que fallou d'este celebre *vihára* de Kânheri, descripto depois por Diogo do Couto; e do qual os viajantes de outras nações só começaram a ter conhecimento d'ali a um seculo ou mais.

Pelo anno de 1535 foi estabelecer-se em Baçaim o franciscano portuguez, fr. Antonio do Porto, acompanhado por outros religiosos da sua ordem, e que se póde considerar o apostolo do norte da India, como mais tarde S. Francisco Xavier foi o apostolo da costa da Pescaria e outras terras do sul. Fr. Antonio fez em Baçaim e Salsette numerosas conversões, entre outras as dos *yogis*, que encontrou em Kânheri; mas não eram já propriamente habitantes do *vihára*, abandonado havia seculos, e unicamente alguns mendicantes hindus, que occasionalmente aproveitavam o refugio das camaras, talhadas na rocha. Diz-se, que fr. Antonio quiz explorar as excavações, andando por ellas sete dias sem chegar ao fim, no que ha uma grande exageração; e conta-se tambem como lhe disseram, que os caminhos subterraneos chegavam ao interior da India, até Agra. Deixando de parte estas phantasticas informações, o certo é, que fr. Antonio do Porto consagrou então ao

culto catholico o *chaytia* do *vihára* buddhico de Kânheri, dando á nova igreja a invocação de S. Miguel.

(Cf. Fergusson and Burgess, *Cave temples of India*, London, 1880, pag. 348 a 360; Couto, *Asia*, VII, I, 10; Gerson da Cunha, *Hist. and antiquities of Chaul and Bassein*, Bombay, 1876, pag. 190; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 250 e seguintes.)

Nota (4)

«Maljaz», nome que não sei bem explicar, é o pagode, chamado habitualmente pelos portuguezes Monpacer e Manapazer, correctamente Mandapesvara. Era um templo brahmanico de Síva, que foi tambem convertido em igreja por fr. Antonio do Porto. Para isso, a entrada fechou-se com um muro, corrido diante dos pillares, e cobriram-se as esculpturas da parede com alvenaria, sem comtudo as destruir. A invocação da igreja era Nossa Senhora da Misericordia, segundo Fergusson, Nossa Senhora da Piedade, segundo Diogo do Couto, e Nossa Senhora da Conceição, segundo o sr. Gerson da Cunha, que julgo o mais bem informado dos tres. Orta, que evidentemente nunca visitou este templo, parece dar uma noticia, anterior á transformação em igreja, quando o pagode de Síva estava ainda muito «mal assombrado».

(Cf. Fergusson and Burgess, l. c., 481; Couto l. c; Gerson da Cunha, l. c., 192.)

Nota (5)

Este ultimo pagode, o mais conhecido de todos, estava situado na pequena ilha de «Pori», ou Ghārāpurī, que os portuguezes começaram a chamar a ilha do Elephante, por causa de uma grande figura d'este animal, que ali se via talhada na rocha. Foi depois geralmente designado, ilha e pagode, pelo nome de Elephanta. Era um templo brahmanico, relativamente moderno, do VII ou VIII seculo, tão celebrado e tantas vezes descripto, que não nos devemos demorar em indicações, correntes e sabidas. Unicamente recordaremos muito brevemente, quanto é exacta a curta descrição de Orta. O templo media 130 pés de norte a sul, e proximamente o mesmo de leste a oeste, podendo-se, pois, dizer, que era «grande como um mosteiro». Aos lados havia dois pateos, e, em um d'elles, uma grande cisterna. Todo o interior estava ornado de figuras, ficando ao centro o colossal *Trimurti*, e dos lados varias outras, entre ellas *Arddhanari*, de sexo duplo, representado unicamente com o seio esquerdo, e que por isso o nosso Orta tomou por uma amazona. Diversos animaes estavam esculpidos nas paredes —como Orta diz—; e, *Arddhanari*, por exemplo, encosta-se á cabeça

do boi *Nandi*, tendo logo atrás a representação de um elephante, provavelmente o elephante celeste *Airāvati*.

Orta visitou este pagode logo á chegada de Portugal, quando foi com Martim Affonso de Sousa assistir ás pazes de Baçaim, e á entrega d'aquellas terras, como contámos na sua *Vida*. Viu-o, pois, em 1534, e deu noticia d'elle em um livro publicado em 1563, sendo, por muito, o primeiro europeu que d'elle fallou, mais de vinte annos antes de Linschoten, e quarenta antes de Diogo do Couto.

Sobre as opiniões de Garcia da Orta, quanto á intervenção dos chins na construcção do templo de Elephanta, devemos remetter o leitor para o que dissemos já na sua *Vida*, abaixo citada, e mesmo nas notas aos *Coloquios*, no vol. I., pag. 222.

(Cf. Fergusson and Burgess, l. c., 465 e seguintes; Niebuhr, *Voyage en Arabie*, II, 25 e seguintes; Gerson da Cunha, l. c., 204; Couto, *Asia*, VII, III, 11, *Garcia da Orta e o seu tempo*, 255 a 259.)

Nota (6)

Esta enumeração de castas é extremamente deficiente, ou antes Orta dá apenas alguns exemplos, pois elle conhecia sem duvida muitas outras castas e muitos outros nomes.

Curumbins foi uma designação que os portuguezes davam aos cultivadores do campo ou lavradores, e parece derivada da palavra *Kumari*, que os inglezes hoje escrevem *Coomry*, e designava um systema de cultura seguido na India meridional: mas é bem possivel que tenha outra origem, pois não estou nada seguro n'esta derivação.

Malis ou *mālīs* era e é effectivamente o nome dos jardineiros.

Paru está mal escripto, e encontra-se no *Tombo da India* na fórma mais correcta *parvu*, modernamente entre os inglezes *parvoe*. Deriva-se do sanskrito *prabhu*, e era um titulo honorifico, tomado pela casta já mais elevada dos escrivães.

Dos *Baneanes* tratámos já em uma nota antecedente.

Deres e *farazes;* a casta inferior, á qual é de notar Orta não dá o nome de *parias* —que se usou geralmente mais tarde, e não é muito correcto— a casta inferior dos *paruaris* subdividia-se em varias, entre as quaes os *mehters* tinham o emprego de varredores de ruas e immundicias. Estes devem ser os *deres* de Orta. A palavra *faraz* parece ser de origem arabe, e applicava-se aos creados inferiores; muitas vezes, entre os nossos portuguezes, aos creados de cavallariça.

Esparcis são os conhecidos *Parsis*, uma colonia de origem persiana, e conservando na India a sua religião. Muitos viajantes notaram, como Orta, os seus habitos de não queimarem nem enterrarem os mortos, e de os exporem em torres, expressamente construidas para aquelle fim.

Os portuguezes deram o nome portuguez de *castas* áquellas divisões e subdivisões da sociedade hindu, e este nome foi depois recebido n'aquella accepção especial por francezes, inglezes e outros. Não é Orta, o unico que nota o rigor com que os hindus permaneciam fieis ás suas castas e profissões, sendo —como elle diz— sapateiros todos os filhos dos sapateiros. Varios portuguezes, dos que foram á India, fallam n'isso, e mesmo os que lá não foram, como Garcia de Rezende:

Todos os officiaes
nunca deixam seus officios,
nem hã de sobir jamais
que seus avós e seus paes,
nem ter móres beneficios.

(Cf. Yule e Burnell, *Glossary*, v. *Coomry Parvoe, Parsee;* Simão Botelho, *Tombo do Estado da India,* 157, 211, nos *Subsidios;* Sinclair, *Notes on castes on the Dekhan,* em *The Indian Antiquary,* III (1874) março, abril e maio.)

COLOQUIO QUINQUAGESIMO QUINTO

DO THURE QUE HE ENCENÇO, E DA MIRRA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Porque escrevem que ha duas maneiras de *encenço,* scilicet, huma da Arabia e outra da India; he necesario sabermos da arvore delles, como se chama nas terras donde o ha, e saber se he mézinha usada n'esta terra.

ORTA

Nesta terra não ha *encenço,* mas mandam o a elrey de Portugal de cá, pera que faça esmolas a muytas casas de religiosos da cristandade; mas na India não o ha, senão trazido da Arabia, onde o chamam *lovam,* corrompendo o vocabulo grego, que he *olibano*, de que elles muito usam; e elles o chamam *conder,* scilicet, Avicena*, porque *conder* ou *condros* quer dizer *resina,* e *çamac* quer dizer goma em arabio; e por isto chamam á guoma arabia *çamac arabi.* Verdade he que Serapio** o chama *ronder;* mas o nome he corruto; porque falei com muytos Arabios já, e todos me dixeram que poucos lhe chamavam *conder,* e todos os mais *lovam;* mas que nenhum o chamava *ronder,* nem na propria terra da Arabia, onde nasce. E perguntei a Portuguezes, que nessa terra delle residiram muito tempo, e todos me dixeram que não tinha outros nomes; e que a arvore se chamava tambem *lovam;* e estes homens me dixeram que o milhor he o das serras muyto fraguosas, e o dos campos he roim, e que vem mesturado com outras resinas de arvores, e que usavam delle pera brear as náos,

---

* Avicena, Lib. 2, cap. 533 (nota do auctor) aliás 532.

** Serapio, cap. 178 (nota do auctor).

asi como nós usamos do breu; e que estas arvores sam do proprio rey; que nenhuma pessoa o podia colher sem licença de elrey; e que vinham os mercadores de Adem e Xael e de outras partes da Arabia, e contratavamse com elrey na cantidade que aviam de colher, e no preço que aviam de dar por o *encenço,* sendo bom, a que nós chamamos *encenço macho;* e o preço não he grande, vendo que o milhor trazido da Arabia e posto cá na India val hum quintal dous crusados.

RUANO

E chamamlhe elles *macho?*

ORTA

Não, mas chamam ao bom na Arabia *melato;* e o mao, que he o preto, tem outro nome, e he nacido no campo e não na serra, e ás vezes mesturam hum com outro pera o vender cá na India, e val muyto menos; e este vem mesturado com as cascas do arvore, e a rezam porque lhe nós chamamos *macho,* scilicet, porque parece aos testiculos, não aceitam cá os Arabios esta semelhança; e o arvore donde se cria esta guoma, não he muyto grande, e as folhas e a feiçam sam de folhas de aroeira; e nesta terra da India nam o sofesticam ou falsificam; nem ganhariam muyto em o falsificar, pollo pouquo preço delle. Usam muyto os fisicos Indianos do *encenço* pera unguentos e perfumes, e comido pera muytas enfermidades da cabeça e pera camaras. Mas a maior cantidade de todo o que se gasta he levandoo á China, pera lá o venderem, e gastam muyto delle. E se acerta ir huma vez pouquo, ganham os que de cá o levam muyto nelle, asi como perdem se da India vai muito, porque tambem o gastam pera outras partes confines a Malaca; asi como gastam a *mirra* (que na India chamamos *bolla).*

RUANO

Dioscorides, e Avicena e outros muytos dizem avelo na India, e este he o *negro;* nam sei como dizeis, que não ha na India *encenço?*

ORTA

Este nome *indo* tomam muytas vezes por negro, como Mesue o diz nos *mirabolanos indos* que sam os *negros,* como já vos disse, falando nelles (1).

RUANO

E pois falaste na *mirra,* e me disestes tam poucas cousas novas no *encenço,* será cousa justa que me digaes donde ha a *mirra* e como he feita.

ORTA

Muita vem á India da Arabia e da terra do Abexim, que he a Etiopia; mas nunqua pude saber desta guoma ou resina a verdade, e como a arvore he feita; somente hum mercador que tratava de Melinde pera Moçambique me disse, que os Bedoins a traziam a Brava e a Magadaxo por terra, e que vinham, segundo elles diziam, da Caldéa, assi chamada por estes Bedoins. E sam estes homens gente montez, e falam o arabio puro, que dizem ser mais chegado a lingoa Caldéa ou da Suria antigua. E isto me dixe hum sacerdote abexim e hum bispo armenio. E porque Pico Mirandolano diz na sua *Apologia,* que *mago* em lingoa caldéa quer dizer *sabedor,* progunteilhe, pois que elle dizia que a escritura sagrada estava escrita acerqua delles em lingoa caldéa, que me disesse que queria dizer *mago;* elle me disse que *magoxi* queria dizer naquella linguoa caldéa *letrado* e *sabedor,* e que destes eram os *magos,* que vieram adorar a Nosso Senhor. E asi me dixe que nam eram reys estes homens, senão letrados grandes, assi nas estrellas, como nas outras cousas naturaes. E mais me dixe este bispo que a estrella que guiava a estes *magos* não era de natura celestial, senão elemental; asi como dizemos cometa: dizeime o que vos nisto pareça, porque eu nam tenho nenhuma cousa destas por boa, até que o digam os que regem a Santa Madre Igreja de Roma (2).

RUANO

E a mim com essa condiçam me parece bem o que dizeis, e folgára que me dixereis mais cousas do *encenço,*

porque os nossos Castelhanos lá dizem que o ha nas Indias occidentaes de nosso rey.

ORTA

Eu não diguo as cousas senam que sei bem sabidas, ou ditas por pessoas dignas de fé. E isso que dizeis dos escritores das Indias occidentaes já o li, mas como o nam vi, não sei dizer se he verdade ou não. Vós o podeis saber em Castella e escrevelo cá*, se vos Deus levar; porque isto não releva muyto (3).

* Deve ser «lá».

Nota (1)

Seria facil alargar esta nota sobre o *incenso*, de que muito se tem escripto, mas devemos limitar-nos apenas a esclarecer com brevidade alguns pontos em que toca o nosso auctor.

O *incenso* é a resina de varias especies do genero *Boswellia*, da familia das *Burseraceæ*. Entre estas, citaremos unicamente a **Boswellia Carteri**, Birdwood, que habita a Arabia meridional e as terras fronteiras da Africa, e a **Boswellia Bhau-Dajiana**, Birdwood, da terra dos Somalis. As duvidas, que ainda restam, sobre as variedades d'estas especies, e sobre outras do mesmo genero, não vem ao nosso caso[1].

É bem sabido, como aquella substancia foi conhecida desde a mais remota antiguidade, sendo repetidas vezes mencionada na Biblia, e tendo feito o objecto do commercio dos Phenicios. Foi chamada λιβανος e *olibanum* pelos gregos e latinos, palavras que se prendem ao hebraico *lebonah*, significando *leite*, e tambem ao nome arabico de que logo fallaremos. O de *thus* julga-se derivado do verbo θύειν, sacrificar. Emquanto á palavra *incenso*, vem simplesmente de *incendere*, queimar.

—O nome arabico, dado por Orta, «lovam», é o conhecido لبن, *lúban*, que significa *leite* como o hebraico *lebonah*, e procedeu do aspecto da resina emquanto fresca. Não é, pois, o «vocabulo grego» corrompido; mas é pelo contrario este vocabulo grego, que se deriva das linguas semiticas.

[1] Veja-se sobre a parte puramente botanica, e tambem sobre a historia da substancia, o excellente e completo trabalho do dr. Birdwood, *On the genus Boswellia*, nas *Trans. of the Linn. Soc.*, XXVII (1871), pag. 111 a 148; igualmente Oliver, *Flora of tropical Africa*, I, 324; e Engler, *Burseraceæ*, em A. D.C., *Monographiae Phanerogamarum*, IV.

—O nome «conder», mencionado igualmente por Orta, é do mesmo modo conhecido, كندر, *kunder* ou *konder*, e parece ser a adaptação arabica do nome sanskritico *kūndūl*, ou *kundur*.

Orta diz muito claramente, que o *incenso* ía para a India da Arabia, o que é exacto, comquanto talvez em outras epochas procedesse principalmente da Africa oriental, terra dos Somalis e outras proximas. Alguns seculos antes, Marco Polo dava-o tambem como sendo exportado da Arabia meridional, pelo porto de Dufar, Dofar ou Dhafar. E d'esta povoação, de que hoje não ha vestigios, fallou mais tarde o nosso Duarte Barbosa: «hum lugar de Mouros.... do Regno de Fartaque». Dofar é igualmente mencionado por Camões, com referencia especial ao *incenso:*

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras.

Varios viajantes modernos têem observado na Arabia meridional, na região do Hadramaut, a arvore do *incenso*, e os processos de extracção da resina, sendo particularmente interessante a relação do dr. Carter (1844-1846). Segundo diz outro viajante, o capitão Miles, a droga não é ali colhida pela gente da terra, e sim pelos Somalis, peritos n'aquelle trabalho, os quaes atravessam em grande numero da costa africana fronteira para fazerem aquelle serviço, pagando por isso um certo tributo. Parece que alguma cousa n'este genero succedia já no tempo de Orta; mas elle ignorava que os trabalhadores fossem africanos, e apenas falla dos mercadores de Aden e outros pontos da mesma Arabia, os quaes «se concertavam» com os reis da terra antes de procederem á extracção da resina.

O *incenso* era empregado na medicina mussulmana e na hindu, como diz Orta, e foi mesmo officialmente admittido na *Pharmacopœia* da India; mas hoje consome-se principalmente ou unicamente nas cerimonias religiosas do rito romano e do rito grego.

Orta não admitte a existencia de *incenso* na India, e em rigor tem rasão; mas encontravam-se ali muitas resinas, mais ou menos analogas, procedentes de varias plantas, da *Boswellia thurifera* —que se julgou um tempo dar *incenso* verdadeiro— da *Vateria indica*, da *Gardenia lucida* e de outras.

Notaremos ainda, que o nosso escriptor, não tendo visto a planta, tinha no emtanto algumas idéas correctas sobre ella; e sabia ser uma arvore pequena, e ter folhas similhantes ás da «aroeira», o que é bastante exacto, tratando-se de uma *Burseracea*.

(Cf. *Pharmac.*, 120; Sprengel, *Diosc.*, II, 376, Ainslie, *Mat. Ind.*, I, 136; Yule, *Marco Polo*, II, 386 e 442; Duarte Barbosa, *Livro*, 265; *Lusiadas*, X, 101.)

Nota (2)

Diz-se que a *myrrha* é produzida por uma arvore da familia das mesmas *Burseraceæ*, **Commiphora Myrrha**, Engler *(Balsamodendron Myrrha*, Nees); mas é forçoso confessar, que a sua origem botanica ainda levanta bastantes duvidas.

Em compensação a substancia foi bem conhecida desde os mais antigos tempos. O nome de *myrrha*, como o grego σμύρνα, vem do hebraico *mur*, que ainda hoje usam os arabes exactamente na mesma fórma, مر, *murr*. O de «bolla», ou *bola*, ou *bol*, usado ainda na India, é quasi sem alteração o sanskrito बोल, *vola*.

A *myrrha* tem vindo sempre pela maior parte, se não exclusivamente, da Africa oriental, sobretudo da terra dos Somalis e do Hadrar, onde se encontram as arvores que a produzem. O commercio de Bombaim recebe modernamente esta mercadoria da grande feira de Berbera, e de outros pontos da costa africana, onde concorre de varias regiões do interior. A noticia de Orta é substancialmente a mesma, posto que elle faça n'esta parte bastantes confusões. Depois de dizer, que aquella substancia ía á India da Ethiopia e tambem da Arabia, aponta unicamente dois portos africanos, Magadaxo e Brava, situados na terra dos Somalis, para o sul do cabo Guardafui. Em resumo, indica correctamente a Ethiopia e a terra dos Somalis, e não devia estar nada seguro de que a *myrrha* viesse tambem da Arabia. A sua confusão é manifesta, quando nos diz, que os beduinos, vindos da Caldéa, a levavam a Brava e a Magadaxo *por terra*. Evidentemente baralhou e confundiu na cabeça os dois lados do mar Vermelho.

Tomando, pois, a parte mais definida da sua informação, a exportação pelos portos africanos, nós vemos que a *myrrha* procedia, como ainda procede, d'aquelle grande triangulo, que termina no cabo Guardafui. Sómente, dirige-se hoje aos portos do norte, Berbera e outros em frente de Aden, e dirigia-se então mais para o meio dia, sem que a região productora variasse.

A proposito de *incenso* e de *myrrha*, Orta lembrou-se muito naturalmente dos reis Magos, e trouxe-nos aquella curiosa referencia á dissertação de Pic de la Mirandole, *De Magia naturalis et cabala*; e aquella engraçada opinião do bispo armenio sobre a natureza *elemental*, e não *celestial*, da estrella que os conduziu.

(Cf. *Pharmac.*, 124; Ainslie, *Mat. Ind.*, 1, 242; Dymock, *Mat. med.*, 152.)

Nota (3)

Abundavam nas Indias Occidentaes resinas mais ou menos similhantes ao *incenso*, que não eram esta substancia, mas foram varias ve-

zes confundidas com ella. No livro de Pedro Martyr —que Orta podia perfeitamente ter lido— encontrâmos, por exemplo, a noticia de que a Vicente Yanes Pinzon vieram os indios de Cuba offerecer uma porção de objectos de oiro, e um vaso cheio de *incenso;* mas não é facil saber o que seria realmente a resina cheirosa que elles trouxeram, e á qual se deu impropriamente aquelle nome (P. Martyr, em Ramusio, III, 22).

COLOQUIO QUINQUAGESIMO SEXTO

DA TUTIA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Levam de cá da India *tutia* pera Portugal, segundo me dixeram lá; e tambem Avicena diz que na India ha *tutia,* e Serapio pella mesma maneira diz que huma especia de *tutia* he da India. Ora pois isto asi passa, com rezam me direis o que he esta *tutia;* e em que parte da India nasce ou se colhe.

ORTA

Nas partes que sabemos indianas não ha *tutia* nem *espodio,* como dizem os Greguos, nem cobre nem outros metaes de que se faz esta *tutia;* mas se me quiserdes crer, vos direi qual he a *tutia* que usam na India, e em Portugal e Espanha; a qual nam he mineral, senão o *antispodio* de que faz mençam Dioscorides, ou outro semelhante ao mesmo que elle diz.

RUANO

E donde vem esta *tutia,* e como he feita e pera onde vai?

ORTA

Hum mercador riquo destas terras, e muito corioso (postoque he homem leiguo), me disse que soubera por muyto certo de mercadores naturaes da terra da Persia, que se fazia em Guirmon (terra da Persia e vezinha das terras de Ormuz); e fazse da cinza de hum páo que se chama *goan;* e que esta arvore dá uma fruta, que se chama tambem *goan,* que tem casca e codea ou corteza; e comeselhe a codea, e o miolo, e a casca não; e desta arvore, que dá esta fruta, se faz esta *tutia,* scilicet, da cinza desta arvore. E esta cidade de Guirmon he muito celebrada por ter os melhores cominhos, que ha na Persia. E esta he levada a Ormuz e

ás outras partes da Arabia, donde vai ter a Alexandria, e esta he a que levam a Portugal, e em muitas náos, que se tomaram de preza, acharam d'esta *tutia,* que vinha por mercadoria; e eu a vi mandar a Portugal pera elrey. E segundo me disse hum buticairo portuguez, esta *tutia* he a que se guasta em Espanha e França, e he chamada *alexandrina,* e nam por se fazer ali, senam porque se leva ahi da Persia, e este he hum dos *antispodios* dos Greguos.

RUANO

Não me maravilho d'estas cousas contrafeitas, porque vi que vos trouxe hum fisico huma pouca de caparosa contrafeita, e dissevos que usavam della os çurgiães Indianos, e que lhe achavam bons efeitos porque era bom caustico.

ORTA

Nas cousas dos metaes sabem os Indios medicos fazer obras; porque, queimando e polvorisando os metaes, eu vi aço e ferro queimado, e polvorisado, e azougue; e a elrey de Cranganor no Malavar deramlhe muyto tempo a beber azougue polvorisado, e fezselhe huma previa disposiçam pera lepra, de que o curei eu, e está muito milhor aguora, e cura-se ao modo dos Portuguezes já (1).

NOTA (1)

No *Coloquio do Espodio,* Orta havia explicado, como aquelle seu «espodio» vegetal era diverso do *espodio* metallico dos antigos e do *pompholix*. Effectivamente o *espodio* dos antigos era um oxydo impuro de zinco, obtido no trabalho do latão, ou pela combustão de certos minerios de zinco; e o *pompholix* era pouco mais ou menos a mesma cousa, sómente este ultimo nome dava-se ao oxydo mais puro e mais leve, que se deposita nos cadinhos como uma materia branca e em flocos, á qual a antiga chimica chamava tambem *lana philosophica.* Depois de tratar d'estas substancias metallicas, Dioscorides fallava no seu livro das cinzas de varias plantas, que podiam substituir aquellas

substancias quando faltassem—uma especie de *espodio* falso, ou de *antispodio;* e isso contribuiu para que Orta acreditasse o que lhe contaram sobre a *tutia* ser feita com as cinzas de uma arvore, chamada *Goan.*

Isto não era assim; e a *tutia* é um oxydo impuro de zinco, do mesmo modo que o *espodio.* Alguns seculos antes de Orta, Marco Polo havia fallado correctamente da *tutia* da região de Kerman, como sendo obtida de uma certa terra que ali havia (um minerio de zinco) queimada em grandes fornalhas, e dando uma substancia mais pura, a *tutia,* e outra mais grosseira e cheia de impurezas, o *espodio.* Aqui, a *tutia* é assimilhada ao *pompholix* dos antigos. Annos depois de Orta, Teixeira repete a mesma informação de Marco Polo, sómente o processo varia um pouco: diz elle, que em uma serra proxima da cidade ou villa de Kerman, se encontrava uma terra especial, a qual, amassada com agua, se punha a cozer em fôrmas de barro, e depois de bem cozida em fornos ficava dentro a *tutia,* a que os persas chamavam *tutyah.* No fundo este processo, descripto por Teixeira, é o mesmo de que falla Marco Polo; trata-se tambem de um minerio de zinco, do qual, pela alta temperatura, se obtem o oxydo de zinco, naturalmente muito impuro, dados os grosseiros processos de que se usava. E—continua dizendo Teixeira—*fué mal informado el dotor Garcya dorta, que en sus dialogos de los simplices de la India dize que la Tutia se haze de la ceniza de cierto arbol y fruto dicho Gune.* Effectivamente foi mal informado; era verdade que a *tutia* se preparava em Kerman (o seu Guirmon), ao norte e não longe de Hormuz; mas aquella *tutia* era metallica—ou, servindo-nos da linguagem do tempo, era um *espodio,* e não um *antispodio.*

É exacto, que a medicina indiana se aproveitasse com frequencia dos metaes, e dos seus preparados, obtidos com uma certa habilidade, como por mais de uma vez indica W. Ainslie no seu excellente livro, tantas vezes citado n'estas notas. No caso do rei de Cranganor, não é provavel que o «azougue polvorisado» lhe fizesse uma disposição para lepra; mas antes, que, por elle ter aquella disposição, lhe applicassem um tratamento mercurial.

(Cf. Sprengel, *Dioscorides,* I, 747, 748; Yule, *Marco Polo,* I, 129, 130; Teixeira, *Relaciones,* 121.)

COLOQUIO QUINQUAGESIMO SETIMO

DA ZEDOARIA E ZERUMBET

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Bem sabeis quanta duvida ha em o que se chama *zedoaria,* e o que se chama *zerumbet;* porque Avicena faz dous capitulos, e Serapio hum só de *zerumbet,* e Rasis faz hum capitulo de ambos: decraraime isto, dizendo os nomes e se o usam a gente da terra.

ORTA

A mesma duvida, que vós tendes, tive eu muyto tempo; e asentei que, por *zedoaria* ser mais famosa, era o que chamamos *zerumba,* drogua usada pera Ormuz e dahi levada pera a Turquia e Veneza; e que o *zerumbet* era o que chamamos *açafram da terra,* que na feiçam sua se parece com a *ruiva seca* nossa, de que já vos falei acima no *croco indiano.* E depois que muyto cuidei nisso e o enqueri, soube que estava enguanado, por os efeitos e obras diversas que o *açafram da terra* faz das que escrevem da *zedoaria* e *zerumbet,* asi chamado de nós; porque da *zedoaria* faz capitulo Avicena* e de *zerumbet;* e isto que chamamos *zedoaria,* chama Avicena *geiduar,* e outro nome lhe não sei; porque o não ha senam nas terras confins á China. E este *geiduar* he huma mézinha de muyto preço, e não achada senão nas mãos dos que os Gentios chamam *jogues,* ou outros a que os Mouros chamam *calandares;* e todos estes sam peregrinos, que vivem mendicando e peregrinando, e visitando as suas casas de idolatrias; e destes vos falei já, dos quais ham

---

* Avicena, Lib. 2, cap. 742 (nota do auctor). Na edição de Rinio, cap. 745 *De zedoaria,* 747 *De zurumbet,* 754 *De zeduar.*

os reis e grandes pessoas este *geiduar,* a que nós corrutamente chamamos *ʒedoaria.*

RUANO

E como soubestes isto, que tam ousadamente falaes?

ORTA

Os fizicos do Nizamoxa mo dixeram: querendoa dar a hum homem no arraial do Nizamoxa contra a mordedura de huma bicha, a mandaram pedir ao rey; aos quaes eu dixe, que os buticairos a tinham, e lha mostrei; elles responderam, que isso que lhe eu mostrava era *ʒerumba,* e não o *geiduar;* e dandoa contra a mordedura da bicha, se achou o trabalhador bem, e lhe tornou o pulso, e se lhe esforçou a virtude.

RUANO

E de que feiçam era essa *ʒedoaria?*

ORTA

Tamanha como huma bolota, e casi dessa feiçam, e a cor era lucida: pedi a elrey hum arratel dessa mézinha; e disseme que não me podia dar tanta, e deume hum pedaço que pesaria mea onça; a qual mostrei aos buticairos de Chaul e de Goa, e todos me diseram que não conheciam aquella mézinha, e que não usariam della. E esta mandei a Portugal com huma pedra armenia, e tudo se perdeo, e a náo em que hia, Deos seja louvado. E despois achei na mão de hum jogue huma pouca, e nam lha comprei, porque a não conhecia bem. E se tivera algum fizico ahi, eu lha comprara, e vola mostrara aguora.

RUANO

Aproveita pera outras cousas este *geiduar?*

ORTA

Diseme o Mula Ucem (e este era um fizico letrado, que eu conversei, estando em Juner curando os filhos do Nizamoxa) e me disse que aproveitava pera 36 cousas; e elle

me disse muytas dellas, e eu lha vi aplicar em hum giolho, que estava com dor hum mercador. E ao menos podeis crer que he mézinha que se estima em muyto, e o principal he contra a peçonha.

RUANO

Pois Aviçena nam faz tanto caso della.

ORTA

Avicena não a conheceo, e foy muyto duvidoso nesta mézinha; porque nas cousas de duvida faz Avicena dous capitulos, e assi fez nesta porque no capitulo 752 diz: *geiduar quid est?* E diz que estima que será *algeiduar;* e Dioscorides nunqua falou nisto*. E por aqui vereis que Avicena tinha nesta mézinha duvida. E o Belunensis, na exposiçam dos nomes arabios, parece que cheirou isto; porque faz mençam de *ʒeduar* e de *ʒedoaria,* e de *ʒerumbat.* E por aqui sabereis que he *ʒedoaria* nome corruto, e *geiduar* verdadeiro. E aguora vos direi o que he *ʒerumbet,* e vós ao cabo vireis com vossas contradições, como acustumaes; mas eu ei de ficar em pé, porque a verdade tem pés, e anda e nunqua morre. E diguo que o *ʒerumbet* se chama dos Arabios e Persas e Turcos *ʒerumba,* e dos Guzarates e Decanins e Canarins *cachorá,* e dos Malavres *çua***. A maior cantidade della he no Malavar, scilicet, em Calecut e Cananor; e nasce no mato, e, se a plantam ou semeam, nasce em muytas partes, e em todo o cabo. Chamamlhe muytos *gengivre do mato,* e tem reʒam; porque na folha he semelhante ao *gengivre,* senão que a folha he mais larga da *ʒerumba,* e mais aberta, e a raiz da *ʒerumba* he mais grande; e des que he colhida a secam em talhadas, e a levam a Ormuz

---

* Aliás, cap. 754.—O curtissimo capitulo de Avicena é textualmente o seguinte: *Zeduar quid est? Inquit Dios. Est algieduar. i. secundum quod existimo.*

** Sic na edição de Goa, mas deve ler-se *cua;* e as cedilhas são postas em todo o livro com uma grande irregularidade.

por mercadoria, e á Arabia e Persia; donde vai a Alexandria e a Gida, e dahi a Veneza e a outras partes; e ganha-se nella dinheiro, levandoa por mercadoria pera lá, e tambem a fazem em conserva de açucare, e he milhor que *gengivre*. E isto he noto a todos, e por aqui vereis que não he arvore, como alguns falsamente diseram*.

RUANO

Já he neçessario que venhamos ás duvidas que disto nacem. E digo que Avicena diz que a *zedoaria* sam humas talhadas semelhantes ás da *aristologia,* e que aquella planta he milhor, que nasce perto do *napelo* ou rabaça de Pero Jogral, porque tira ao *napelo* a virtude venefica ou mortifera, e que he triaga dos venenos, em especial da bicha e do *napelo*. E no Capitulo 745** diz do *zerumbet* que he erva semelhante ao *cipero,* ou *junça avelanada,* senão que he menos odorifera, e em outra letra diz que he arvore: no pera que aproveita diz que presta pera as cousas, que Serapio diz da *zedoaria*. Serapio capitulo 172 diz que *zerumbet* que he *zedoaria,* por autoridade de Isac Aben Amarani; que *zerumbet* sam raizes redondas, semelhantes á *arislologia,* e sam semelhantes na cor e no sabor ao *gengivre;* e que se trazem de Seni. Ora veja isto, e digame o que lhe parece.

ORTA

Avicena não vio senam a *zerumba* ou *zerumbet,* como nós dizemos; e porque huma dellas vai ao estreito de Meca, feita em talhadas redondas, e outras compridas, pode ser que dahi tomou ocasiam de cuidar que eram de duas maneiras, scilicet, *zedoaria* e *zerumba*. E porque nunca vio as folhas, nam a pintou, senam como a levam da India, sci-

---

* A traducção de Andreas, porque uma letra diz erva e outra lignum (nota do auctor). Effectivamente o capitulo 747, *De zurumbet* diz, por engano do traductor, *Est lignum simile cypero.*

** Aliás 747.

licet, as raizes como as do *gengivre*. E ainda agora tem diversos preços a *zerumba* redonda da comprida; e tambem o *gengivre* pequeno val menos que o grande. E o que diz que a que nasce vezinha do *napelo* he a melhor, isto he muyto fabuloso, porque de *napelo* ha pouco, e a *zerumba* nasce em todo cabo que a semeam; posto que a maior cantidade é no Malavar, no mato; e a que semeam nestas terras he muyto pouca, e o mato nam he aparelhado a criar o *napelo;* e sei o nome do *napelo* na linguoa d'esta terra, nunqua me diseram os de Malavar que nascia vezinha ao *napelo*. E do *zerumbet* diz o mesmo Avicena que a erva he semelhante a *junça,* e outra letra enmendada diz que he *lignum* ou arvore; por onde vereis que o nam conheceo Avicena; pois nam he arvore, senam hum legume. E no Serapio não está escrita aquella diçam expositiva, scilicet, *zedoaria:* que he isto acreçentado do treslador, que não conheceo a deferença de *zedoaria* a *zerumbet*; e porém diz ao cabo que se trazem estas raizes de Seni. E na India não nascem estas raizes, senam na China; e achamse poucas na India, trazidas da China, como já vos disse; asi que ha *zerumba* na India, e a *zedoaria* na China.

RUANO

E como sabeis que China quer dizer Seni?

ORTA

Por muytas razões cá o podeis saber. Mas por aguora vos abaste saber que *raban seni* quer dizer *raiz da china;* e asi o he, porque o bom *ruibarbo* não o ha senam na China; asi que nisto não tendes que duvidar.

RUANO

Antonio Musa, recupilando os ditos de todos, diz uma grande deshonra da *zedoaria* chamandoa barbara; e o nome de ser barbaro he que não lhe pode dizer maior pragua; e porque Serapio, falando de *zerumba,* entendeo a *zedoaria,* porque o que diz della Simão Genuense mostra serem di-

versas mézinhas, porque Mesue, descrevendo o *letuario de gemis,* faz mençam da *zedoaria* em certo peso, e mais abaixo falla do *zerumbet* em outro peso, e diz mais que alguns outros diseram que *zedoaria* era *arnabo*, ou *zarnabo,* que ácerca de Paulo e Aecio he *arnabo,* e que he do genero de cheiros, e alegua outros, e aos que dizem ser *bem album* e *rubeum,* e outros *carpesio*; e assi que não sei o que se possa nisso dizer.

ORTA

O *carpesio* craro he não ser nenhuma destas mézinhas, e asi *bem album,* item *rubeum;* porque nesta terra não ha tal mézinha, senam a que vem do Estreito, que se cá vende bem. E de estoutra muyta ha nesta terra, e he muyto deferente. E o *carpesio* claro he nam o ser; pois hum he raiz e outro he grãos. E *zarnabo* não pode ser, porque he arvore grande, como diz Avicena, e mais he pouco cheirosa, e *zarnabo* ou *arnabo* he arvore muyto grande, e a *zedoaria*, ou *zerumba* he legume. E com isto respondeis a Fuchsio e Mateolo, e Ruelio, e aos Frades, que dizem casi huma cousa (1).

NOTA (1)

Este ultimo *Coloquio* da serie alphabetica suscita algumas duvidas e difficuldades. Para as expor com a possivel clareza, necessitâmos dizer primeiro o que hoje se julga geralmente ser a *zedoaria* e o *zerumbet,* seguindo principalmente os excellentes capitulos de Dymock sobre o assumpto.

A *zedoaria amarella* procede da **Curcuma aromatica,** Salisb. *(Curcuma Zedoaria,* Roxb.), uma planta da familia das *Scitamineæ.*

Este rhizoma é o *vanaharidra* dos livros sanskritos, e parece tambem ser o جدوار, *djeduar* ou *geiduar* dos arabes e de Avicena. É considerado medicinal pelos hindus, e nomeadamente util em casos de envenenamentos, mordeduras de cobras e outros. D'aqui lhe veio um dos nomes sanskriticos, निर्विषा, *nirvishā,* e d'aqui sem duvida procedia tambem aquella idéa de Avicenna, de ser melhor o que crescia junto ao *napello,* e enfraquecia o *napello.* A *Curcuma aromatica* é espontanea no Concan,

e tambem no Malabar, d'onde hoje se abastece em grande parte o mercado de Bombaim. A droga parece ser bastante commum.

A *ẓedoaria cinẓenta* procede da **Curcuma Zedoaria**, Roscoe *(Curcuma Zerumbet,* Roxb.), do mesmo genero e familia que a precedente.

Esta droga é o زرمباد, *ẓerumbad* (nas versões *ẓerumbet)* de Avicenna, Serapio, e em geral dos arabes. É chamada *kachúra* pelos hindus, do sanscrito कर्चूरा *karchūrā;* e é igualmente a droga de que Rhede falla sob o nome geral de *kua,* dado tambem no Malabar a mais especies do mesmo genero. A planta parece ser bastante vulgar na India meridional, e é commum nas hortas de Bombaim, onde Dymock julga teria sido introduzida pelos portuguezes. A droga encontra-se com frequencia nos bazares, e tem algumas applicações medicinaes, sendo tambem usada como condimento ou especiaria. Dimock é de opinião, que a *ẓedoaria longa* e a *ẓedoaria redonda* do commercio procedem ambas d'esta especie, e são simples fórmas do mesmo rhizoma. Esta *ẓedoaria* vinha desde tempos antigos para a Europa, onde foram conhecidas as suas variedades *longa* e *redonda.*

Isto posto, vejamos o que diz Orta. É claro que elle conheceu perfeitamente o rhizoma da *Curcuma Zedoaria,* de que falla sob o nome de *ẓerumbet.* Dá-nos todos os nomes vulgares, que citámos acima: «zerumba» entre os arabes, «cachorá» entre os hindus, «cua» no Malabar. Conheceu as duas fórmas *redonda* e *longa;* e está perfeitamente ao facto do commercio que para a Europa se fazia n'esta droga.

Não é igualmente claro que elle se refira ao rhizoma da *Curcuma aromatica,* pelo nome de *ẓedoaria* e *geiduar.* Por um lado, é favoravel a esta identificação o facto, que elle cita, de o darem para a «mordedura de uma bicha»; mas, por outro, a sua descripção concorda mal com aquelle rhizoma, que não é «lucido», nem tem o tamanho e a feição de uma bolota. E não é provavel, que nem elle, nem os boticarios de Chaul e de Goa, conhecessem uma droga, que a final não é rara na India. O que parece ser é que Orta confundisse algumas cousas que lhe disseram do verdadeiro *geiduar,* procedente da *Curcuma aromatica,* com uma droga rara da China, que viu em poder do Nizam Scháh. Esta droga poderia ser algum rhizoma ou tuberculo de outra *Curcuma,* vindo d'aquellas regiões. Uns tuberculos de uma *Curcuma,* descriptos e figurados por Hanbury nas suas *Notes on chinese Materia Medica,* procedentes da China, onde são chamados *yuh-kin,* corresponderiam approximadamente á descripção de Orta. Não é possivel affirmar, que esta fosse a sua *ẓedoaria,* mas seria alguma cousa similhante.

(Cf. Dymock, *Mat. med.,* 769, 771; Ainslie, *Mat. Ind.,* 1, 490, Hanbury, *Science papers,* 254.)

COLOQUIO QUINQUAGESIMO OITAVO

QUE TRATA DE ALGUMAS COUSAS, QUE VIERAM Á NOTICIA do autor, e das mézinhas ditas atraz; e asi se acrescentam outras algumas mézinhas ou frutas; e falla de uma maneira de arroz que tem manteigua em si, e do betre, e da cidade de Badajoz, e da canafistola, e do cirifoles, mézinha louvada pera as camaras; e da cidade de Chitor, e do marfim, e dos mangustães, e das patecas, e do pao da China, e de huma pedra muyto louvada contra a peçonha, que he achada no fel do porco espinho.

INTERLOCUTORES

O LICENCIADO DIMAS BOSQUE, RUANO, ORTA

DIMAS (1)

Dos amiguos todalas cousas sam commuas; e asi tem os amiguos licença pera enmendar as cousas dos que o forem seus: quanto mais que vós me rogastes, que vos dixese as cousas que por fóra soubesse pera as praticarmos ambos, e ver se podiamos desencovar a verdade nam sabida de todos: e já antes me tinheis dado licença pera enmendar o que me parecesse, e por isso venho aguora alembrarvos algumas cousas: he necessario que de novo me deis licença pera isto.

ORTA

Vós a tendes já, escusado he pedila de novo, porque antes me fazeis grande mercê nisso.

DIMAS

Do arroz que comemos, vos quero dizer que vem de Jaoa a Malaca hum arroz que chamam *pulot,* o qual cozendose somente com o baffo da aguoa, apeguase tanto ás mãos e he tam humido, que parece ser cozido com manteigua*.

---

* O nome javanez do arroz é *pari,* transformado em *pali* n'outras linguas do Archipelago, o que póde ter dado este *pulot.* Os javanezes gabam-se de cultivarem na sua ilha quarenta e seis variedades de arroz.

ORTA

Do primeiro efeito me não maravilho, que he de ser cozido com o baffo, como o *cuzcuz*, porque destoutro arroz acontece o mesmo aos que vam a Portugal, cozendoo da mesma maneira com aguoa salguada, por falta da dóce: mas essoutro, que he de ser manteiguoso e humido, nunqua o espremeutei, porque não sam muito amiguo de arroz.

DIMAS

Pois perguntai a toda a gente de vossa casa, e dirvoloam; quanto mais que eu o espremeutei já, e podeisme dar nisto fé.

ORTA

Em tudo vola dou; e dizeime o que vos disseram os ortelões da vossa ilha, do *betre*, se vos disseram mais alguma cousa nova?

DIMAS

Nunqua pude saber mais que dizeremme que se quer muyto mimoso, e que asi quando se colhe nam he bom ser tocado muyto com a mão; sei que não quer muita quentura, nem muyta frialdade.

ORTA

Pareceme que tendes rezam, porque este *betre* não se dá no sertam, e de cá da fralda do mar he levado para o Balaguate; e mais sei que não se dá na China por ser terra muyto fria; nem em Moçambique, nem Çofala, por ser terra muyto quente, e em todas estas terras fazem muyto por elle*.

DIMAS

Tambem achei escrito em hum vosso coloquio, dito acaso, que a cidade de Badajoz, dita asi dos Castelhanos, se avia de chamar Guadajoz, que quer dizer *Rio de nozes:* e achei

---

* Do *betre* falla Orta no *Coloquio* seguinte.

escrito eu em hum escritor moderno muyto lido, e muyto douto e curioso, chamado Guaspar Barreiros, que diz que os Mouros lhe corromperam o nome, porque se chamava primeiro *Pax Augusta,* e porque os Mouros não tem p, e põem o b em seu lugar, lhe chamáram Bagus.

ORTA

Eu achei isto escrito, e pareceme o autor homem de muyto bom juizo e muito lido; mas certamente que a dirivaçam me parece muyto torta, e pareceme milhor o que eu diguo. E mais confessando isto os mesmos Mouros, e ser a fama comua. E já pode ser que me enguane eu, porque a todollos mais dos homens lhe parecem milhor as suas cousas que as alheas; e quanto he ao que diz que os Mouros nam tem p, verdade he que nam tem o proprio caratere do p; mas servemse por p pondo no b dous pontinhos, e entonces pronunciam p*.

DIMAS

Do que me encomendastes da *canafistola*, se agora avia em Malaca, soube que ha muyta em Malaca, e em Siam, e em todas essas partes. E tambem ainda que estas cousas nam relevam muyto, porque não sam mais que curiosidades, vos alembro que falaes muitas vezes na cidade Chitor, e não sei se sabeis que quer dizer *sombreiro;* porque asi

---

* Orta já havia fallado da etymologia de Badajoz (ante, pag. 85 e 89), e volta agora ao assumpto, pelo que leu no livro de Gaspar Barreiros, um livro moderno então, publicado no anno de 1561, e que elle já tinha na India. Effectivamente se deram variadas etymologias do nome de Badajoz: derivou-se de *rio* ou *paiz de noyes* (Orta e Nebrixa); de *paiz dos alimentos* (Fr. João de Sousa e Marmol); da corrupção do nome latino *Pax Augusta,* em *Bagus* ou *Badaxus* (Gaspar Barreiros e muitos outros).

Orta volta tambem á questão do p arabico, que evidentemente o intrigava. Havia dito antes, que era similhante ao f, do que procurámos dar uma explicação (vol. 1, pag. 165); e agora diz ser similhante ao b com mais dois pontinhos; isto é verdade, ب e پ, sómente este p não pertencia ao alphabeto arabico e sim ao persiano.

o escreve hum cronista da India, e não fôra máo meterdes isto ahi, porque folgua a gente de ouvir cousas novas.

ORTA

As dirivações dos nomes sam mui más de acertar nas proprias regiões onde nacemos, e onde sabemos tam bem as linguoas; que fará nas estranhas, onde escasamente sabemos hum vocabulo, quanto mas saber a dirivaçam delle. E portanto vos diguo que *cetri* quer dizer *sombreiro,* e alguns lhe chamam *chatri.* E falando com àlguns Guzarates sobre isto, me dixéram que *chitor* queria dizer hum passaro asi chamado, e mais propriamente queria dizer *debuxo* ou *pintura;* e esta dirivaçam me parece que lhe quadra mais: mas como nisto vai pouco, seja como vossa merce mandar; mas verdadeiramente a cidade he hum debuxo ou pintura, segundo dizem os que a viram, porque eu não a vi*.

DIMAS

Estas cousas que até aqui vos dixe, sam floreos de esgrimidores; mas esta que aguora vos direi he de huma mézinha muyto boa pera as camaras. E já sabeis que huma das principaes curas, que avemos de exercitar nesta terra, sam as camaras; porque ainda que aja muytas mézinhas pera curarlas, ás vezes achaes algumas camaras antiguoas, que per nenhuma maneira se podem arrincar: e vem depois huma velha, e arrinca as com huma mézinha simple; e por isso traguo a mézinha aqui pera vola amostrar.

RUANO

Diganola vossa merce, e tambem nos dirá, se a esprementou já.

---

* *Chitra* चित्र significa como substantivo *pintura* ou *maravilha;* mas é propriamente um adjectivo, significando *manifesto, visivel.* Chitor, a celebre fortaleza do paiz de Méuar, seria pois «a (fortaleza) vistosa», a «maravilhosa». Como se vê, a derivação para que Orta se inclina é perfeitamente acceitavel.

DIMAS

Nunca ouvistes dizer *marmelos de Benguala?*

ORTA

Si ouvi; e algumas vezes os vi em conserva, e pareceme cousa muyto estitica, e os fisicos Guzarates usam desta fruta, sendo elles novos e tenros, em conserva de vinagre (a que elles chamam *achar*) e em conserva de açucare, como nós usamos; e sempre aquelle sabor estitico lhe dura por mais maduro que seja.

RUANO

Já que concordaes ambos em ser cousa estitica e boa pera camaras, será bem que diga o doutor primeiro os nomes e feições desta fruta ou arvore.

ORTA

A esta fruta lhe foy chamado o nome de *marmelo de Benguala,* porque em hum navio meu se trouxe esta conserva, e veo de mestura com outras, que me de lá vieram. E já veo com nome de ser boa pera as camaras. E gabandoa eu muyto a hum meu amiguo, homem de muyto bom saber, que muytas vezes andava á caça no mato, me dixe que não se avia de chamar este pomo *marmelo de Benguala,* pois aviam muytas arvores nas terras firmes desta ilha, na qual ilha avia alguns. E pois quereis saber o nome desta fruta, diguo vos que em Benguala, e em todos os cabos se chama *cirifoles* e *belas*. E porque eu sabia que se chamava *beli* em Baçaim, perguntei a estes fisicos da terra qual era o seu proprio nome, se *cirifole* ou *beli;* e elles me dixeram que *cirifole* era o nome vulguar, e porém que *beli* era o nome dos fisicos, e que elles o tinham em suas escrituras. He o arvore do tamanho de huma oliveira, o que he maior: as folhas sam como de peixigueiro e o cheiro tambem de peixeguos; dá pouca frol, e duralhe pouco; sam em principio tenros, e a cor he verde escura, e a casca he delguada neste principio, e depois se vai engrossando, fazendose seca, até quando he madura a fruta, porque entonces tem a casca casi tam dura como a do coquo; e no principio

he do tamanho de huma laranja pequena, e vem a crecer tanto, que muytas vezes he maiòr que hum grande marmelo; do qual tiram huma medula (que quando he maduro he já muyto teso) e a fazem em talhadas grandes, e depois em conserva de açucare, como já dixe; e quando sam mais tenros e novos, os comem em *achar* ou salguados, e isto he o que sei desta fruta ou mézinha. Aguora pode dizer o senhor licenciado a experiencia que tem desta mézinha, e o que com ella lhe aconteceo; porque elle tambem he do numero dos fisicos amadores da verdade.

DIMAS

Estando o visorey Dom Constantino em Jafanapatam, com os continuos trabalhos da guerra, e muytas aguoas, em que sempre os homens andavam metidos, e falta de mantimentos, adoeceo muyta gente de camaras, a cura das quaes todas passou por minha mão, por nam aver outro fisico na armada. E como as medecinas, que de cá se levaram, eram já gastadas na ilha de Manar, com os doentes de duas náos do reino, que a ella vieram ter tam mal tratados que em espaço de quarenta dias curei passante de trezéntos homens; e não avendo depois com que acudir ás camaras, que tanto trabalho davam ao exercito, foime neçasario e forçado esprementar o que destes *marmelos* da gente da terra tinha ouvido; e com elles curei a muytas pessoas, mandando fazer mivas e emprastos pera o estomaguo e barrigua. Mandei tambem fazer marmelada, a qual não sabia mal, antes tinha hum azedo de muyto guosto; mandava aos doentes que os comesem asados com açucare; e mandei tambem fazer, no tempo que duravam estas camaras, cristeis do cozimento das suas cascas, e faziam o efeito nam muyto deferente das *balaustias* e cousas estiticas, que cá usamos; de modo que, com estes chamados de nós *marmelos,* foy remediada a falta das outras mézinhas. Huma cousa não posso leixar de vos contar, que com estes *marmelos* me aconteceo. Tinha Agustinho Nunez, filho de Lionardo Nunez, fisico mór destes reinos, muitos dos seus sol-

dados doentes; e eu mandei assar dous *marmelos* a hum seu negro, pera dar a hum soldado enfermo; e arrebentando no foguo estes *marmelos,* queimou o miolo delles o negro que os assava, de maneira que parecia ser queimado com panella de polvora, porque nos peitos e rosto e braços não deixou cousa que não abrasáse: pareceme que este foguo obrou mais, porque a materia em que se fundou, foi mais estitica e ajuntada; porque o foguo queima mais posto em ferro ou em pedra, que em estopa. Isto he o que vi desta mézinha, e o que della posso testemunhar.

ORTA

Alem de o vossa mercê dizer, traz isso muyta rezam; porque aquelle miolo de dentro, quando o fruto não he muyto seco, he tam glutinoso e pegadiço, que aos que o comem, não se pode desapeguar das mãos.

RUANO

Eu levarei alguma jarra de conserva destes *marmelos,* se os puder achar (2).

ORTA

Buscalosemos, e fazervosei della serviço. E emtanto me dizei se vos trouxe algumas cartas de Malaca aquelle catur que ontem chegou de Cochim, porque traz novas que ficam já ahi as náos de Malaca.

DIMAS

Trazme cartas e novas da minha fazenda: folguo de achar aqui ao senhor doutor Ruano, porque veja a feiçam dos *doriões* e *mangustães*, ante que se vá pera o reino, porque me vem aqui de cada hum seu pomo feito de cera.

RUANO

Posto que este anno me não vou já pera o reino, e enverna cá a náo, folgarei muito de ver esses pomos.

ORTA

Muito fermoso pomo he, porque he tamanho como huma muyto grande pinha, e he da mesma feiçam da pinha, senão

que tem os bicos mais delguados, e sam como os do ouriço cacheiro, animal conhecido.

DIMAS

Na minha carta diz que ha outros mais grandes que estes, a que elles sôem chamar *cabeça de alifante:* tem dentro de quatro camaras pera cima (a que elles chamam *peitacas);* a folha he como de huma lança pequena, dividida pello meo com dous fios, e outros que se tecem pera as ilharguas; he muyto verde o arvore, e muyto grande e bem copado; dizem que não dá fruto, senão de 40 annos: o pomo quando he maduro tem o verde mais craro.

ORTA

Hum homem casado de Malaca me disse que dava fruto aos quatro annos, e que elle o vio.

DIMAS

Seja o que for, que a verdade não se pode saber tão destintamente. E asi me escreve do *doriam,* que o miolo de dentro he como nata. E vedes aqui o *mangostam:* tambem he verde escuro; e do tamanho como huma laranja pequena*.

ORTA

Pois aqui estam plantadas, asi daram fruto; e veremos por esperiencia a como sabem, se nos Deos der dias de vida.

DIMAS

Tambem me lembra que, lendo o vosso capitulo do *marfim,* vi que nam falaes ahi no *marfim mineral,* do qual fala Andreas de Laguna. Huma de duas cousas me parece nisto: ou que não vistes este autor, lendo todo o capitulo que escreveo, ou que deve ser algum vosso amiguo, e não

---

* Sobre o *dorião* veja-se antes (I, 297 e 301); e sobre o *mangostão* (II, 161, 162).

o quereis reprender. E já pode ser que não lhe lestes o titolo, pois lhe erraes nome, e lhe chamaes Tordelaguna, chamandose elle Andreas de Laguna.

ORTA

Fala esse Laguna huma cousa tam fóra de rezam, que ouve vergonha de reprender isto, pois de si he tam visto ser falso; e mais elle não alegua autor algum que o digua; asi que pois só quer dizer a falsidade, com elle fique o erro. E quanto he a dizer de que lhe errei o nome, não me ponhaes culpa; porque nao li bem o titolo, e mais porque conheci em Alcalá a ouvir medecina hum, que se chamava Tordelaguna, o qual avia sido buticairo, e sabia algum pouquo de arabio, e era grande ervolario, e por isso me pareceo que devia ser esse; mas folguo de o não ser; porque o outro era meu amiguo, e não avia de folgar de errar de tal maneira, como este errou*.

RUANO

Se andamos a acusar erros, Leonardo Fuchsio, homem douto, diz que não ha *marfim* verdadeiro no mundo.

ORTA

Ha humas mentiras tão grossas, que não he bem, nem merecem ser reprendidas, senão leixalas passar avante, até que deem doze badaladas, como relogio de meo dia. Este homem ha muytos annos que escreve, e eu não acustumo nomealo pollo seu nome; porque ainda que soube na fisica bem, soube muyto pouco em condenar sua alma, e ser hereje condenado por luterano; porque, alem de os seus livros virem no catalago condenados, hum religioso da ordem dos Préguadores me dixe que o conhecia de Alemanha, e que praticára muytas vezes com elle, e que nunqua o poude convencer; e por esta causa me vieram a avorrecer suas obras;

---

* Effectivamente em todo o livro, Orta escreveu Tordelaguna, que n'esta edição substituimos por Laguna, em vista da emenda feita n'este *Coloquio*.

e ainda que a medecina não he ciencia de religiam cristan, comtudo me avorreceo o autor, e foi muyto desenvergonhado em dizer que nao avia *marfim* verdadeiro, avendo tantos alifantes em todalas bandas da India, e da Etiopia, e serem levados a Portugal. Parece que os Luteros devem ter no inferno algum *marfim,* que seja guardado pera elles*.

RUANO

Pareceme que se pudera escusar Andreas de Laguna; porque me mostrastes aqui, ha poucos dias, córnos, que criavam raizes no cham, e eu os vi com muyto grandes raizes.

ORTA

He verdade que vos mostrei isto, e ha muyto nesta terra, por ser humida**; mas o *marfim* não se enterra, nem ha maneira disso.

DIMAS

Aveis de escrever desta fruta, que chamam *ananaz;* porque certo que he rey das frutas no sabor, e muyto mais no cheiro.

ORTA

Escreve desta fruta Oviedo, o que escreveo das Indias ocidentaes, como de fruta propria dessa terra; por onde não he necesario escrever eu cá della, avendoa lá, e na provincia de Sancta Cruz, chamada de nós o Brasil (que he terra que está muyto perto de Espanha), onde saberam milhor escrever della***.

---

* Orta conserva todo o seu bom humor, mesmo n'esta passagem, em que manifesta uma certa intolerancia religiosa.

** Pela primeira vez encontrâmos uma asserção de Orta, da qual não podemos dar uma explicação plausivel; e é difficil imaginar o que seriam estes cornos enraizados.

*** É interessante esta citação directa da *Natural hystoria de las Indias* de Oviedo, á qual, de resto, Orta se referiu já mais de uma vez, mas sem mencionar o nome. Onde este diz, que o Brazil está perto de Hespanha, quer evidentemente significar, perto das possessões americanas da Hespanha.

DIMAS

Lendo das *patecas* achei escrito, que não eram ellas as *balancias* de Africa, e pareceme que nisto vos enganaes, porque aqui me dixeram homens criados e nacidos em Azamor, e outros em Tanger e Arzila, que sam as mesmas as *balancias* de Africa, como as *patecas* da India.

ORTA

Eu não disse que era deferente huma fruta da outra, porque pera julgar isto, avia de conhecer ambas as frutas, e eu nunqua vi a de Portugal; mas disse que se pudiam enguanar nisso, porque a mata destas *patecas* he muyto deferente da que dá os melões de Portugal, e tambem as *albudiecas,* e *sandias* de Castella sam deferentes das *patecas* da India. Eu me remeto ás pessoas que viram humas e outras*.

DIMAS

Tambem aveis de acrecentar mais no *pao da China* o que me delle escreveram; e he que se dá onde o semeam arrimado a arvores, assi como a *era*.

ORTA

Eu creo isso, pois que volo escrevem testemunhas de vista**.

DIMAS

Esta mézinha, que vos quero dizer aguora, he muito necesaria, porque he contra a peçonha, e trála das bandas de Malaca hum homem letrado, vosso amiguo, que vós mui bem conheceis.

ORTA

Se he o homem com quem falaveis o outro dia, quando fomos visitar aquelle fidalguo, bem sei que mézinha he. E

---

* Sobre esta questão das *patecas* e *sandias,* veja-se a nossa nota (II, 144).

** A *Smilax China* é effectivamente uma planta trepadeira.

porém não ousarei escrever della, sem vós primeiro me dizerdes o que tendes nella visto, e o que ouvistes dizer della; porque se formos duas testemunhas, ajuntadas com a pubrica voz e fama que dessa mézinha ha nas bandas de Malaca, darlheemos autoridade.

DIMAS

Já sei que vistes isso, pellos signaes que daes.

ORTA

Eu não a vi, mas seu dono me dixe que era huma pedra contra a peçonha, e que estava em vossa mão, e que como fosse á sua nola amostraria, e mais me dixe a feiçam da pedra, e que lhe foi dada em Malaca em grande estima; a qual pedra se acha em Pam (terra confim e acheguada a Malaca)* e achase metida no fél do porco espinho, e a gente da terra a tem em grande estima.

DIMAS

Sabeis em quanta estima; que outra que se achou irmã desta foi mandada dessas terras ao conde de Redondo, visorey da India; e nesta terra de Pam onde se acha a *pedra bazar* em muyta cantidade, ou, ao menos, em mais cantidade que esta, he esta, como diguo, mais estimada que a *pedra bazar* de que antes escrevestes.

ORTA

Eu não me lembro aver lido desta *pedra do fel do porco* alguma cousa, e por isso queria saber della alguma esperiencia.

DIMAS

Pois eu vos darei rezam e esperiencia.

---

* Pam, as terras na costa de leste da peninsula de Malaca, modernamente Pahang, ou melhor Páang.

ORTA

Muyto me prometeis.

DIMAS

Pois sabei que já me dixestes, praticando na *pedra bazar,* que diziam os Mouros da Persia, que em tres cabos se achava a *pedra bazar,* convem a saber, no Coraçone, e na ilha das Vacas (perto do cabo do Comorim) e em Pam, que he vesinho de Malaca, e que a erva que pasce o gado nestas partes he toda de huma maneira; e que por esta causa os carneiros e os bodes criam no estamaguo esta pedra, que val contra a peçonha: ora pois nesta mesma terra se acha esta pedra no fél do porco espinho, e a gente da terra conhece a vertude della; he conforme á rezam que se não enguanem. E quanto he á esperiencia, eu a dei a duas pessoas, ás quaes aviam dado peçonha; e estando muyto mal della, dandolhe eu a aguoa desta pedra se acharam muito bem. Ora vedes como compri comvosco e vos dei a rezam de a pedra ser contra peçonha, e a esperiencia, como a esprementei.

ORTA

A isso não ha que dizer senão, está tudo muyto bem dito; e dandome Deos dias de vida, eu a esprementarei muytas vezes, porque a peçonha he acustumada muyto nesta terra.

DIMAS

Aguora a quero mostrar ao doutor Ruano, e vedela aqui.

RUANO

A cor della he vermelho craro, e achoa amarguosa no guosto, e ao tocar he como sabam frances, e asi he languida; he necessario que nos diguaes, como a esprementastes, se foi em sustancia, se em vertude.

DIMAS

Deiteia em aguoa, onde esteve um pouco, e deilha a beber; os quaes confessavam que lhe amarguava aquella aguoa, e porém que ficavam com o estomaguo rijo e confortado.

ORTA

Tudo isso he verdade, porque o homem cuja he esta pedra me disse, que elle provou a aguoa della, e que lhe amargou, e porém que ficou muyto contente do estamago, e não fora máo que dereis esta pedra em alguma aguoa cordial.

DIMAS

Não avia ahi outra aguoa aparelhada tam asinha, e avia periguo na tardança.

ORTA

Eu sam muito satisfeito desta pedra, e se viver saberei della mais.

RUANO

E eu queria aver huma, pera levar a Portugal.

ORTA

Se me vier á mão, eu vola darei, mas não me parece, porque nam ha tantas como isso; porém o tempo que descobre tudo, a descubrirá; e certamente que vos devem muyto os fisicos desta terra, pois a esprementastes: porque, por mais mézinhas que aja contra a peçonha, mais sam necesarias; e tambem parece ser que em Roma teria esta pedra muyta valia (3).

Nota (1)

O licenciado Dimas Bosque era hespanhol, natural de Valencia, e havia talvez começado os seus estudos medicos em uma das universidades da Hespanha, Salamanca ou Alcalá; mas em todo o caso completou-os na universidade de Coimbra, pois elle proprio nos diz (vol. 1, pag. 13) ter ouvido ali as lições do doutor Thomaz Rodrigues da Veiga.

Foi para a India, segundo parece, no anno de 1558, acompanhando o vice-rei D. Constantino, irmão do duque de Bragança. Ía na qualidade de medico particular da sua pessoa; mas, como geralmente succedia, exerceu ali as funcções de physico mór, intervindo officialmente nos negocios e assumptos da sua profissão. Vê-se, por exemplo, de um requerimento do boticario Balthazar Rodrigues, que o vice-rei D. Cons-

tantino, «tomando verdadeira informação com o Licenciado Dimas Bosque e outros officiaes», havia mandado emendar uma tabella de preços das drogas. Embora Dimas Bosque não seja claramente nomeado por physico mór, é claro do documento que elle exercia aquella funcção.

Passado algum tempo, Dimas Bosque, sendo provavelmente rico, e tencionando talvez estabelecer-se na India, adquiriu ali uma propriedade. Um certo Jorge Vaz de Magalhães, almoxarife da ribeira e armazem de Goa, havia morrido, ficando alcançado com a fazenda publica; e fez-se uma penhora nos seus bens moveis e de raiz. Entre estes possuia elle uma ilha, chamada de Santa Cruz, dos lados de Goa a velha—não o que hoje chamam a velha Goa, que então estava em toda a sua prosperidade, mas a Goa antiga, na parte sul da ilha, fronteira ás terras de Salsette. Postas em leilão as propriedades do fallecido almoxarife, a 4 de setembro de 1561, foi arrematada a pequena ilha de Santa Cruz «ao Licenciado Dimas Bosque, Fisico mór de Sua Alteza nestas partes», pela quantia de 1:560 pardaus de tanga. A ilha de Dimas Bosque ficava, como dissémos, da parte de Goa velha, isto é, no rio Zuarí, hoje chamado ás vezes rio de Mormugão. Era uma verdadeira ilha, pois o documento tem o cuidado de explicar, que estava «cercada d'agua por todalas partes»; e tinha dentro um palmar de perto de quinhentos coqueiros, algumas outras arvores de fructo, e umas casas terreas. D'esta ilha lhe falla no *Coloquio* Garcia da Orta, perguntando-lhe se os seus hortelões contaram alguma cousa nova do *betre*.

Dimas Bosque, como tambem elle proprio diz no *Coloquio*, acompanhou D. Constantino na expedição a Jafnapatam, na extremidade norte da ilha de Ceylão, empreza brilhantemente começada e terminada com menos felicidade, da qual Diogo do Couto dá uma relação circumstanciada, que não será necessario recordar. O medico valenciano era, como nos diz, unico da sua profissão na grande armada portugueza, e teve muito que fazer n'aquella expedição, pois nas demoras em Jafnapatam e na ilha de Manaar adoeceu muita gente de dysenterias. Parece ter sido um medico zeloso e intelligente, fazendo ali as suas observações sobre os *marmelos de Bengala*, de que fallaremos em outra nota; e tambem o estudo de um animal interessante, facto que recordaremos brevemente, por ser pouco conhecido.

Foi o caso, que andando elle na praia como costumava, conversando com o padre Henrique da companhia de Jesus, foram ambos chamados a toda a pressa por uns pescadores, para que vissem um espectaculo maravilhoso: .... *cum clamoribus piscatores Patrem Henricum ad suas ut iret scaphas rogantes, spectatum ingens miraculum naturæ*. Acabavam de caír nas redes dezeseis cetaceos, nove femeas e sete machos, da curiosa especie, chamada *dugong*—**Halicore indicus**, Cuvier. Dimas Bosque examinou-os e estudou-os attentamente. Notou a fórma redonda da cabeça; as orelhas parecidas com as do homem; os

olhos muito diversos dos dos peixes, e cobertos por palpebras; os dentes, igualmente diversos dos dos peixes; as mammas das femeas similhantes ás da especie humana: *neque eas feminis pendulas, sed quales virginibus globosas.* Apertando aquellas mammas, o medico observou tambem que deitavam leite branco. Examinou igualmente os orgãos genitaes, e advertiu que se pareciam muito com os da especie humana, tanto exterior como interiormente, por onde se vê que se não contentou com a inspecção externa e procedeu a dissecções. Nos membros posteriores é que se observava a principal differença em relação ao homem, pois terminavam em uma cauda de peixe, tal qual como os auctores antigos contavam das sereias. Embora sahisse um pouco do nosso assumpto, pareceu-me curioso desenterrar esta noticia, que se acha perdida nos volumosos in-folios da *Historia da sociedade de Jesus.* Por ella se vê, como Dimas Bosque estudou, muito antes de Buffon e Cuvier, e mesmo de mais antigos escriptores, por exemplo Camper, aquelles singulares cetaceos dos mares da India, proximos do *manatus,* ou *peixe mulher* da Africa. Claro está, que o seu estudo não foi comparavel como dos grandes naturalistas, que nos occorreu citar; mas não deixa por isso de ser interessante, attendendo sobretudo ao periodo em que o fez.

Os *dugongs* não são raros nas aguas de Ceylão, e assim como serviram provavelmente de typo ás *sereias* dos antigos escriptores, é possivel que influissem igualmente na creação das *râkchasîs,* as mulheres malfazejas e cannibaes, em parte terrestres, mas tambem, segundo parece, aquaticas, que figuram em algumas lendas buddhicas relativas justamente a Ceylão.

Voltando, porém, a Dimas Bosque, devo dizer que nada sei da sua vida posterior. Vê-se que elle não regressou a Portugal com D. Constantino, porque este entregou o governo em setembro de 1561, e justamente poucos dias antes o seu medico havia comprado a ilha de Santa Cruz, o que seguramente não faria no momento da partida. Alem d'isso, este *Coloquio,* em que elle figura, foi de certo escripto pouco antes da impressão do livro, sem duvida já nos fins do anno de 1562.

(Cf. Rivara, *Archivo portuguez-oriental,* fasc. v, parte II, 505 e 877; Couto, *Asia,* VII, IX, 1, 2, 3, 4 e 5; Orlandino, *Hist. Soc. Jesu,* na *Pars secunda* do padre Francisco Sacchino, lib. IV, pag. 162; Tennent, *Ceylon,* II, 557; Vasconcellos Abreu, *Fragmentos de Estudo Scoliastico,* pag. 51, Lisboa, 1880.)

Nota (2)

Os *marmelos de Bengala* são o fructo da especie **Ægle Marmelos,** Corrêa da Serra *(Cratæva Marmelos,* Linn.), uma arvore da familia das *Aurantiaceæ,* ou da familia das *Rutaceæ,* na qual se funde

hoje geralmente a primeira. Esta arvore parece ser espontanea nas florestas de algumas montanhas da India, e é, alem d'isso, cultivada ali com muita frequencia.

—O nome «bela» ou «beli» é muito conhecido, e vem citado por varios escriptores modernos nas fórmas *bela, beli, bél, bael.* A fórma *bél* parece ser hoje a mais usada em hindustaní e bengali.

—O nome «cirifole» encontra-se no *Index* de Piddington, na fórma *shreephula,* applicado a uma variedade menor da mesma especie. A *Pharmacographia* tambem o menciona como um nome hindustaní, na fórma *siri-phal;* e no *Amaracocha* encontrâmos श्रीफल, *sriphala,* entre os synonymos do *Ægle Marmelos*[1].

Esta arvore é sagrada para os indianos, e, na sua interessante noticia sobre as plantas consagradas ao culto, o dr. Lisboa diz-nos que ella representa a trindade hindu, Bhrama, Vichnu, e Mahecha ou Síva, mas é especialmente empregada na adoração de Síva. É por isso cultivada em todos os jardins da India, considerando-se um sacrilegio arrancal-a ou destruil-a.

É tambem medicinal, e, sob o nome de *vilva* ou *bilva,* vem mencionada em muitos livros sanskriticos, sendo uma das dez plantas ou *dosamula,* varias vezes aconselhadas n'aquelles livros, e, entre estas, uma das cinco maiores, *vrihat pancha mula.*

As folhas e a casca têem variados usos therapeuticos; mas são sobretudo os fructos, imperfeitamente maduros, que gosam da reputação de um remedio efficaz na diarrhea e na dysenteria. Depois de Dimas Bosque e de Garcia da Orta, Bontius tambem os descreveu sob o nome de *malum cydonium,* e louvou o seu effeito: *indubitatum est remedium adversus dysenterias.* Apesar de este medicamento ser assim conhecido e celebrado na India desde os mais antigos tempos, só recentemente attrahiu as attenções dos medicos inglezes, sendo incluido em 1868 na *Pharmacopœia of India,* e ainda depois, segundo creio, na *British Pharmacopœia* (cf. Dymock, *Mat. med.,* 139; *Pharmac.,* 116; Piddington, *Index,* 2; *Amaracocha,* 86; Lisboa, *Useful plants of the Bombay presicleny,* 285; Bontii *Hist. nat.,* 98).

A planta, que foi descripta pelo nosso botanico portuguez, Corrêa da Serra, creador do genero *Ægle,* e tambem por Roxburgh e por outros, corresponde de modo bastante exacto ás indicações dadas por Orta, sendo de notar a casca dura do fructo, e a consistencia extremamente glutinosa da sua polpa interior, «glutinosa e pegadiça», como diz o nosso escriptor (cf. Corrêa da Serra, *Trans. Linn. Soc.,* v, 222; Roxburgh, *Flora Indica,* II, 579).

---

[1] Nas *Asiat. Researches,* II, 349, se diz que se chama *shreephula,* porque nasceu do leste de Shree ou Srí, a deusa da abundancia.

Nota (3)

No *Coloquio quadragesimo quinto,* Orta fallou de um *bezoar* de Malaca e terras proximas, que devia ser identico ou muito similhante ao verdadeiro *bezoar* da Persia e ilha das Vacas, como recorda n'este *Coloquio.* Outros escriptores, por exemplo, Teixeira, mencionam igualmente aquelles *bezoares* de Malaca e mais terras de leste, como analogos aos da Persia, ainda que de qualidade inferior.

A *pedra de Malaca,* ou *pedra de porco,* era uma cousa muito diversa, comquanto fosse tambem o calculo intestinal de um animal. Parece que esta *pedra de Malaca* é aquillo que Guibourt descreveu, pelos exemplares pertencentes á eschola de pharmacia de París, sob os nomes de *bezoard fauve* ou *bezoard ellagique,* e considera como sendo calculos intestinaes —e não do fel— de um animal não determinado, mas provavelmente de um roedor, ordem a que pertence o porco espinho. Pedro Teixeira, que falla largamente d'esta pedra, pretende ter visto o animal em que se creava, e assegura ser um porco espinho: *por ver si los animales que crian estas piedras convenian con el nombre, hize, estando en Malaca, traherme uno de Syaka* (uma terra proxima) *y allé que es un puerco spin sin differencia alguna de los communes.* O medico hollandez Bontius affirma ter tido em seu poder duas d'aquellas *piedras de puerco,* tiradas, a mais pequena de um porco espinho, e a maior de um porco bravo ou javali: *unum parvulum ex Hystrice, alterum ex Apro, excisum.* É, porém, difficil saber se elle averiguou com cuidado a procedencia. Kämpfer descreveu tambem a *pedra de porco pretiosa malaccensis,* distinguindo-a de uma *pedra de porco* falsa, que vinha de Ceylão. Não sei se elle se pronunciou sobre a natureza do animal que a produzia, pois não tenho n'este momento á minha disposição o seu livro. Em resumo, a *pedra de Malaca,* ou *pedra de porco,* ou *pedra de porco espinho,* era um calculo intestinal, como o *bezoar,* mas de um animal diverso.

Gosava de uma grande reputação no Oriente, superior mesmo á do verdadeiro *bezoar,* e Pedro Teixeira affirma que a viu obrar maravilhas nas duas grandes epidemias de *cholera* em Cochym, nos annos de 1590 e 1591. Não admira que se lembrassem de a applicar ao tratamento do *cholera,* porque estas doenças epidemicas e de marcha rapida eram geralmente —e não sem rasão— assimilhadas a um envenenamento. A *pedra de porco,* como o *bezoar,* foi sobretudo considerada um *antidoto,* e são curiosas as ultimas palavras de Orta, e aquella allusão a Roma, que no XV seculo fôra a terra classica dos Borgias e do veneno.

(Cf. Guibourt, *Hist. nat. des drogues simples,* IV, 105; Teixeira, *Relaciones,* 161; J. Bontii *Hist. nat. et med.,* 48; *Pharmaceutische Post,* XXV, (1892), 20).

COLOQUIO DO BETRE E OUTRAS COUSAS EM QUE SE ENMENDAM ALGUMAS FALTAS DE TODA a obra, as quais ficaram por esquecimento, e pode as o leitor ler acabados os coloquios da letra B, que he no coloquio do betre*.

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Pareceme, senhor, que nos esqueceo falarmos do *betre,* pois he tam acostumado a comelo a gente de todas estas partes, somente a vossa merce o não vi comer, nem provar; e disme a gente desta casa que nunqua volo viram comer. Parece ser que, ou sois muito pertinaz, ou em vós ficou a fé de portuguez somente.

ORTA

Eu pera mim tinha que já a pratica do *betre* era acabada, mas pois a minha memoria he tam fraca, perdoaime este esquecimento com outros muytos, que por mim podiam passar. E quanto he a não o comer eu, nam he isso prova de não ser elle muyto bom, senão de minha pertinacia, como vós dizeis; porque eu provei este *betre,* quando vim de Portugal, em Pangim, que he huma fortaleza pequena, que está na boca do rio, e amargoume, e assi amargua a todos os que o comem, se lhe nam misturam *areca,* e alguma pouca quantidade de *cal,* e com esta mistura dizem ser muyto saboroso çumo, e a mim me ficou desta prova tal avorrecimento, que nunca pôde acabar comigo o Nizamoxa que o comese, quanto mais tomalo da boca da mulher como muitos o fazem (ainda que sejam portuguezes); porque nenhuma mulher conversa com homem, que o não leve mastigado na boca.

---

* Pelo facto de Orta emendar n'este *Coloquio* «algumas faltas de toda a obra», pareceu-nos melhor deixal-o n'este logar, e não o inserir na sua ordem alphabetica.

RUANO

Nam lhe mesturam outra cousa alguma mais que o que dixestes?

ORTA

Misturamlhe *cate,* e as pessoas poderosas *canfora de Burneo,* e alguns *linaloes,* e *almisquere* ou *ambre.*

RUANO

Canfora me parece que lhe não lançaram, porque faz os homens inpotentes.

ORTA

Si, misturam: e disso se ria o gram soldam Bahadur, rey de Cambaia, dizendo: E dirmeis os portuguezes que estereliza e faz inpotentes os homens esta *canfora?* E eu lhe respondi que a *canfora,* em pouca quantidade, misturada com outras mézinhas, não faz os homens inpotentes, e porque, nos coloquios que tratam da *canfora* e da *areca* e *cate,* vireis estoutras mézinhas, nellas vos não falarey, aqui somente vos digo do *betre;* o qual, feito com esta mistura, he tam aprazivel ao gosto e faz tam bom cheiro, que todos o mastigam continuadamente; porque muyto pouco tempo passa, que o não mastigam os que o podem gastar. E digo isto, porque no sertam e terras afastadas do mar, val muyto caro e por esta causa gasta o Nizamoxa cada anno em elle 30 mil cruzados, porque toda a fruta que vos dam he essa; e quando vos querem dispidir, com isso vos dispedem; e gasta cada hum deste *betre,* como pode; e tambem os senhores cada hum segundo seu merecimento; e ás vezes o dá elrey por sua propria mão, e a outros pella alhea, que é o pagem delle, aquem chamam *xarabdar,* e outros *tambuldar.* Só duas pessoas vi que avorreciam este *betre,* e o não podiam comer; e eu sam hum delles, e outro era um fisico arabio de Nizamoxa, que avia nome Mula Ucem.

RUANO

Muytas pessoas vi que o não comiam?

ORTA

Verdade he; mas podiam o essas pessoas comer, se quisessem; eu não o posso comer, nem tenho apetito pera elle. E prezamse tanto os Indios disso que, porque o *betre* tem humas veas ou nervos ao longo da folha, tomam huma folha na mão, e tiramlhos com a unha do dedo pollegar, a qual não tem romba ou redonda, como nós, senão com huma ponta aguda no meio, que pera este effeito fazem; e assi dobram a folha, e lhe misturam a cal em pouca quantidade, e *areca* em pedaços, ou moida, e, dobrada a folha tres ou quatro vezes, a mastigam; e o primeiro çumo lançam fóra, o qual he de cor de sangue. E algumas pessoas não fazem isto, senam tudo mastigam logo, e tomão depois outras folhas pella mesma maneira feitas; e o ordinario disto he quando despedem alguma pessoa, ou se ella despede por si, damlhe, scilicet, folhas em uma bolsinha de tafetá com alguns grãos de *arequa* e *cate,* e huma pouca de cal amassada; e esta cal não lhe faz mal, porque he em pouca quantidade; e mais porque a cal que se dá he feita de ostras queimadas polla mor parte. Já lhe dixe que, segundo a pessoa que o dá, ou a quem o dam, assi he o numero das folhas; porque os principes que despedem alguma pessoa, ou ella se despede, nam se parte até que lhe não deem o *betre,* e com isto se vam, que é o sinal de se despedirem.

RUANO

Muyto usada cousa he essa, e parece que he o principal mantimento da terra. E ha o em todas as partes? E quando he o tempo mais usado pera o mastigar?

ORTA

Principalmente quando vam os homens falar a alguma pessoa de qualidade o levam mastigando na boca, por fazer bom cheiro; e he entre elles tam avorrecido cheirar mal o bafo, que se falam os menores com alguma pessoa de autoridade, tem a mão adiante da boca hum pouco afastada por lhe não dar máo cheiro; e asi a mulher que ha de tratar

amores, nunqua fala com o varam, sem que o traga mastigado na boca primeiro, e assi tem ellas que para as vodas de Venus he principal alcoviteiro; e depois de comer, toda a pessoa desta terra o come ou mastiga, porque dizem, que, não o fazendo, lhe vem o comer á boca, e arevesam. E muytos Portuguezes dizem que, como comem pexe logo arevesam senão comem *betre;* e dizem muytos, que as pessoas acostumadas a o comer lhe cheira mal o baffo se o não comem por a indigestam ou putrefaçam do cibo causada no estomago; porque o não comiam, e quando o comiam não a tinham. Este *betre* nam o comem alguns dias os que perderam pay ou may, e assi o não comem em alguns grandes jejuns; e tambem os Mouros, e os chamados Moalis, que sam os que seguem a Aly, em dez dias que elles fazem jejuns, porque estes filhos de Aly, dizem elles, que morreram de sede, cercados em huma fortaleza*. E nisto contam mil fabulas graciosas, ou dignas de se rir dellas, e deitamse no cham, e não comem este *betre*. E quanto he o que dizeis onde o ha, digo que em todas as partes da India sabidas dos Portuguezes; e isto se entende nas terras que estão perto do mar; porque em todo o mais do sertam não o ha, senão trazido da fralda do mar. He verdade que em Dultabado (cidade famosa de Decam), e em Bisnagua o ha, mas destas cousas se não faz regra, por ser em pouca quantidade. Pera as partes da Persia e da Arabia não chega mais que até Calaiate (distante de Ormuz oitenta legoas), e dahi ávante vai algum de carreto muyto caro aos que o podem comprar; e outros mastigam *areca* com *cardamomo* ou *cravo*.

RUANO

Queria saber da feiçam da arvore; posto que a folha a vi; e como se chama, e qual he o milhor, e pera que aproveita em uso da fisica?

---

* Os imams, os doze filhos de Ali Hucein, netos de Ali, o ultimo dos quaes, El-Mahdi, ainda não morreu e deve vir a reinar na terra segundo crêem os Schiitas, a que Orta chama Moalis.

ORTA

O nome em malavar he *betre;* e em decani, guzarate e canarim, *pam;* e em malaio *ciri.*

RUANO

E como tomam o nome malavar, e deixáram aos outros? Porque mais rezam fora que lhe chamáramos *folium indum,* como nós temos que he, ou chamarlhe, como em Goa lhe chamão, scilicet, *pam.*

ORTA

Chamamoslhe *betre,* porque a primeira terra dos Portuguezes conhecida foy o Malavar: e a mim me lembra que não diziam em Portugal que vinham á India, senão a Calecut; e isto porque esta cidade foy donde se levava toda a droga e especiaria ao estreito de Meca; e era huma requissima esquala; e agora, em vingança do que nos fizeram em Calecut, he perdido o trato todo delle. E sendo o rey de Calecut emperador, tem menos poder que o de Cochim, porque nos ajudou em principio; de modo que todos os nomes que virdes, que não sam portuguezes, sam malavares; assi como *betre, chuna,* que he cal, *maynato,* que he lavador de roupa, *patamar,* que he caminheiro, e outros muytos. E ao que dizeis que se chama *folium indum,* não se chama assi em nenhuma lingoa; e o *folium indum* he muyto deferente delle. E Avicena faz capitulo de hum e de outro separado.

RUANO

Muyto espantado estou, porque sempre tive que *folium indum* era mais conforme nome pera o *betre.*

ORTA

Eu tive esse vosso error quando cheguei á India, e dahi a alguns dias foy ver o Nizamoxa a quem vulgarmente chamão Nizamaluquo: querendolhe fazer huma composiçam pera o estamago lho receitei, e dizendo que *folium indum* era o que mastigava cada ora, se rio de mim, porque entendeo aquella palavra de *folium indum* em portuguez e entonces amostrou o Avicena em arabio, onde estavam dois capitulos

diferentes hum de outro, scilicet, o *folium indum,* duzentos e cinquenta e nove, e o do *betre,* setecentos e sete*, e ali me mostrou o *folium indum;* e porque no capitulo do *folium indum* fizemos delle mençam, não o meteremos aqui; somente sabei; que Avicena chama ao *betre, tembul,* e parece ser vocabulo hum pouco corrupto, porque todos lhe chamão *tambul,* e não *tembul.*

RUANO

Afóra dizelo hum rey, não tendes outra prova; porque ainda que se digua comummente palavra de elrey he proverbio, não quer dizer, que não mentem os reys, senão que nunca aviam de mentir, pois sam reys.

ORTA

Tenho os dous capitulos diversos de Avicena; e perguntai a qualquer Arabio ou Etiope, como se chama o *betre,* e dirvosá *tambul;* e diz o mesmo Avicena, que conforta a carne que ha entre os dentes, e sempre o mastigam os Indios pera isso; e abaixo diz mais, conforta o estomago; e por isso o mastigão sempre os Indios.

RUANO

Não sei que diga a tam fortes sinais, com que o pinta Avicena; e pera isso quero ver o livro, porque, como dizem, ver e crer.

ORTA

Eis aqui o livro dos enmendados pello Belunensis.

RUANO

Assi diz, mas tenho duvida em dizer, que he frio no primeiro, e sequo no segundo.

ORTA

Está corrupta a letra; e os Mouros todos leterados dizem que foy enganado Avicena na compreisam, e que falou nisto

---

* Na traducção latina, edição de Rinio, o capitulo do *folium indum* é 259, e o do *tembul,* 709; adiante, Orta mostra a Ruano uma d'estas edições, com as emendas do Bellunense.

por falsa informaçam; e não he muyto daremlha má; porque o povo erra muitas vezes nestas graduações, que tem a *pimenta* e o *cardamomo* e a *cebolla* por frias de compreisam. E quanto he ao *betre* ser quente e sequo no fim do segundo, eu o tenho assi pera mim, por ter tal sabor e cheiro; e assi he proveitoso pera mais cousas na fisica; o qual vós sabereis por as compreisões que tem.

RUANO

Dizei a feiçam da folha, e se tem semente, e como se planta, e qual he milhor.

ORTA

A feição da folha, como vedes, he ser mais comprida e mais estreita na ponta, que a da larangeira: e temse por milhor o mais maduro, que he casi amarelo; postoque algumas mulheres folgam mais com o que não he tam maduro, porque lhe trinca, e soa mais na boca. Tem este *betre* em Maluquo huma semente trocida, como rabo de lagartixa, e esta comem em Maluco*, porque a acham mais saborosa e milhor, e já esta semente foy trazida a Malaca, e comemna e achama muyto boa, e plantase como a pereira, e poelhe alguma estaca, a que se arrime e vay por ella trepando, assi como a nossa era: algumas pessoas, por fazer mais proveito a arrimão ás arvores da *pimenta***, ou da *arequeira,* e fazem humas graciosas ramadas delle: querse muito bem tratado e muyto limpo, e bem agoado.

RUANO

Tendes dito muyto bem; queria saber se o tendes por certo.

---

* Os amentilhos femininos, filiformes, com as flores imbricadas, dispostas em espiraes, é o que significa este «rabo de lagartixa». Não sei por que Orta diz, que dava esta «semente» em Maluco, quando a podia ver na India; mas é possivel que não florecesse com muita frequencia.

** Quer dizer ás mesmas arvores a que arrimam a *pimenta,* que é igualmente uma trepadeira.

ORTA

Digo que todos os que vos escreveram o contrario, antigos e modernos, erraram; porque diz o Musa e o Pandecta* que he *malabatrum* e isto he alheo da verdade: no coloquio que falla do *folio indo,* vereis tudo ser falso no que elles dizem. E cavalguemos, e mostrarvosey o *betre* nas hortas (1).

RUANO

Em tanto me dizey algumas cousas, que vos esqueceram, ou tem necessidade de declaraçam.

ORTA

No capitulo do *aloes* digo, que o *aloes* e outras muytas mézinhas de cá da India vam a Ormuz, e dahi a Adem e ao Cairo: hase de emmendar, que este caminho não he de bom piloto, senão hase de dizer, que o que vay a Ormuz, vai dahy a Baçora, e ao Cairo; e o que vay a Adem, vay dahy ao Cairo e Alexandria, e não o de Ormuz; porque he andar o caminho duas vezes. E portanto eu falei isto, sem o considerar bem**. E tambem me lembra que o *arvore triste,* que estilam a agoa delle, molhando os panos nella, he boa pera os olhos.

RUANO

Dizemme que ha muyta *canela,* e muyto boa na ilha de Mindanao.

ORTA

He muyta verdade; e tambem a ha nas ilhas de Aynão, que confinam com a China, que he donde vai a *areca* e *betre* á China: por tanto podeis acrecentar isso no capitulo da *canela****.

---

* Matheus Sylvatico, o que escreveu o *Liber pandectarum medicinæ.*

** Veja-se a nota (vol. 1, pag. 39). Ainda n'esta emenda vae envolvida uma inadvertencia, pois o que ía a Hormuz e Bassora passava d'ali á Syria e não voltava ao Cairo.

*** A *Cassia lignea* do Extremo Oriente; veja-se a nota (vol. 1, pag. 226).

RUANO

Sabemme tam bem as cousas da *jaca,* que queria que me dixeseis se aproveita pera alguma cousa mais.

ORTA

Seivos dizer, que aproveitam as castanhas da *jaca* pera estanquar as camaras: e em mim e em outras pessoas o tenho experimentado. E nam he muito, considerando a feiçam do sabor dellas; podeislo acrecentar no capitulo dellas*. E assi podeis acrecentar, onde falo na torre de Babilonia, e digo que não he Bagada nem Baçora: tenho por enformaçam muito certa que a torre de Babilonia, ácerqua da gente da terra era em hum monte perto della; mas neste monte não aparece pedra nem ladrilho, nem cousa alguma, somente a fama he que foi aly; e ainda que estas cousas não relevam muyto, o podeis acrecentar**. E onde falo do *morbo galico,* que os Persios lhe chamam *bade frangi,* que na nossa lingoa quer dizer *mal francez****.

RUANO

E esses homens da Persia não vos dizem alguma cousa mais da *pedra bazar?*

ORTA

Dizem que he agora muyto guardada nas terras onde a ha, e que fazem muitas diligencias pera que todas vam ter á mão de elrey, e que se fazem coutadas della, assi como ha em Espanha, e em toda a christandade se fazem****. E da pe-

---

* Veja-se antes (II, 23).

** Veja-se a nota (II, 97).

*** Veja-se a nota (II, 116).

**** Coutadas das regiões em que se encontrava a cabra selvagem. Teixeira diz quasi o mesmo: *Xa Abbas Rey de Persia tiene guardias en aquel lugar para que las piedras que tuvieren mas de un cierto peso las tomen por suyas.*

dra de Malaqua me não pergunteis, porque cada dia acho novas de mais louvores della, heide screver isto, se me Deos der dias de vida.

RUANO

E tambem, pois me parece tão galante este *olho de gato,* que me destes, que* aveis de dizer alguma virtude delle.

ORTA

Posto emcima delle hum panno apertado de modo que chegue ao *olho de gato,* não se queima com fogo algum, e eu o esprementei com huma candea e achei que he muyta verdade; podeis esprementalo, ou credelo**.

RUANO

Tudo farey; e mais vos peço que comamos aquelle *pavão,* que agora vos troxeram, porque dizem que é carne, que não apodrece. E isto não he fabula, porque alem de o dizerem Plinio e outros estoriadores, o diz S. Agostinho; e he em tanta maneira isto verdade que alguns doutores, no Regimento da peste, louvam muyto a carne do *pavão,* por não ser aparelhada á putrefaçam.

ORTA

He verdade que tudo isso passa assi; porém he esta terra (como muytas vezes vos tenho dito) tam sujeita á putrefaçam que não dura o *pavão* mais sem apodrecer do que dura a *perdiz,* e isto tenho eu esprementado muytas vezes.

RUANO

Será isso nesta fralda do mar, mas não dentro na terra firme, que não he tam humida como esta, e he mais fria nos tempos frios, segundo mo todos dizem.

---

* Deve ser «me».

** Não é muito facil crer n'esta experiencia do nosso bom Orta.

ORTA

Antes lá no Balagate comy mais *pavões* que em nenhum cabo, em special na cidade de Juner, que he cercada de serras e he terra fria; e de industria quis esprementar isto, e achei que apodrecião mais, que cá em Goa; e por tanto podeis crer, que essas propriedades que lhe lá achão, não lhas achamos cá; e os que screveram isso de lá dessa Europa, disseram verdade; e nós dizemos verdade, falando nesta terra do que conhecemos*.

RUANO

Lendo ontem em uma coronica, que me mostrou este moço de elrey de Portugal, achei no cabo hum tratado de muytas misturas de cousas, que em seu tempo vio este scriptor; e achei ahi que no reino Dely avia huma raiz muyto peçonhenta que matava, e tinha uma fruta que dava saude a todo o homem empeçonhentado, e que era muyto saborosa; a raiz se chama *baçaraga,* e a fruita se diz *mirabixi:* muito me maravilho de vós não escreverdes disto**.

---

* Orta emenda Santo Agostinho com todas as precauções oratorias; mas não deixa de o emendar. A referencia do grande bispo africano á *carne de pavão,* vem na *De civitate Dei,* cap. IV.

** Orta refere-se á *Miscellania* de Garcia de Rezende, na parte que damos, com a sua nota marginal:

A raiz se chama Baçaragua, e a fructa mirabexi.	No reyno de Deli ha arbores daquesta sorte, que a raiz é tão má peçonha que se se dá a comer dá logo morte; a fructa tem tal virtude, que comendoa dá saude a todo peçonhentado, he fructo muy estimado com que se á peçonha acude.

Foi publicada com a 2.ª edição da *Chron. de D. João II* (1554); e temos assim mais um livro citado pelo nosso escriptor.

ORTA

Esse reino Dely he muyto pouco conversado de nós outros; pois pera falar de ouvido tratamos com huma gente, que chamam *jogues,* que o que oje dizem, ámanhã o negão, e he gente que vive pedindo esmola, como já vos dixe; eu isso nunca o ouvi, e conversey com muytos, e nunca me tal disseram; mas pareceme isso contra toda boa filosophia, porque da raiz se mantem o tronco, e do tronco se mantem os ramos, e dos ramos se mantem a fruita; de modo que do primeiro até o derradeiro a fruita que he contra a peçonha se mantem da raiz, que he peçonhenta a respeito do mesmo homem: e sendo, assi a raiz como a fruta, mézinhas simples, he contra rezam dizermos que he retificada a fruta. Isto que dixe foy porque a triagua, sendo o seu principal fundamento vibora peçonhenta, he retificada com outras sessenta e tres mézinhas, e está muyto tempo primeyro que seja retificada, mas estoutra não traz caminho por onde possa ser.

RUANO

Se andais per filosophias, cada dia achamos plantas e sementes, que tem em diversas partes compreisões contrarias; assi como he a *zargatoa.* E de algumas arvores se diz cá na India, que a raiz estilada he a aguoa muyto fria, e a casqua e a semente muyto quente. E tambem me dixeram homens de Malaqua que a erva que mata, untada nas fréchas, he de uma banda de huma arvore que olha o levante confeiçoada; e contra erva me dixeram que se fazia da mesma arvore, da banda que olha o ponente.

ORTA

Estas materias dos simples não se querem tratar com tanta subtileza, nem he necessario pera ellas tantas filosophias, porque tudo tem resposta; que nam he muito huma planta ser na raiz fria, e nas folhas e fruta quente; pois em nenhum cabo delles tem a qualidade em summo gráo; mas que seja huma cousa na raiz venenosa, e na fruita cibo ou comer,

e comprendido debaxo do genero que se pode chamar nutritivo, e o veneno é totalmente contrario a isto; porque o veneno em si não tem rezam de nutrir, senão de matar. E ao que dizeis que a contra erva de Malaqua, e a erva com que são empeçonhentadas as fréchas, sam ambas de huma arvore, he muyto falso isto, porque a erva he huma raiz, e não erva; e isto he muyto sabido. E por tanto deixemos isto pera quem o milhor souber; porque eu vos prometo que ey de tirar grandes inquirições, como me topar com esses *jogues* do reino Dely. E crede que, se Deos me der dias de vida, que vos ey de falar verdade, ou ao menos será ella bem examinada (2).

RUANO

Pois tendes, polla via de Ormuz, conversaçam com os Mouros da Persia, dizeime destas *rosas persiquas,* que asi as chama Avicena, e nós lhe chamamos *açuquare rosado de Alexandria;* e se tem cá os da Persia estas *rosas* por solutivas, pois nós achamos ser assi, scilicet, das que lá foram levadas e plantadas.

ORTA

Mézinha he muyto usada acerqua dos moradores da Persia e de Ormuz, e pera hum homem se purgar levemente, tomão rosas em boa quantidade e cozemnas muyto, e deste cozimento dam a beber dez onças com hum pouco de açuquare, e fazem cinquo ou seis camaras, e outros dez e doze. E hum fidalgo muyto honrado me dixe que fazia mais de doze, e he este fidalgo tam dureiro, que anda hum mez sem fazer camara. Mas falando a verdade, os homens a quem dei esta mézinha por menorativo, nunqua os vi passar de seis camaras.

RUANO

Folgo muyto de saber isso que me contais; e porém duvido em huma cousa, que he coseremse muyto as rosas tendo a vertude muyto superficial, como a tem todas as outras flores.

ORTA

Já ao menos temos experiencia, nas rosas, em contrario; quanto mais que as rosas sam estitiquas e purgam comprimendo; por onde não he de maravilhar sofrerem as rosas muyto cozimento, como todas as outras cousas estitiquas (3).

Nota (1)

O *betre* de Orta e dos portuguezes d'aquelles tempos, hoje mais habitualmente chamado *betel*, é a folha de uma planta trepadeira da mesma familia e genero das que produzem as *pimentas*, o **Piper Betle**, Linn. Esta folha foi e é de uso muito commum e muito conhecido nas terras do Oriente. Como é natural, tendo um emprego geral e espalhado por varias regiões, a planta e folha foi designada por muitos nomes diversos:

—O de *betre*, ou *betle*, ou *betele*, ou *betel*, é a adaptação portugueza do tamil *vettilei*, maláyalam *vettila*, que se diz significar simplesmente *a folha*, isto é, a folha por excellencia. Como Orta adverte com rasão, os primeiros portos visitados pelos portuguezes foram os do Malabar, e ali, em Calicut, e depois em Cochim e Coulão, elles aprenderam os primeiros nomes indianos, e alguns arabes, das drogas. De *vettila* fizeram, pois, *betele* ou *betre*, que se transformou mais tarde em *betel*.

—O nome de «pam» é o hindustani e deckani پان *pán*, o mais usado nas regiões do norte da India, e que os anglos-indianos escrevem hoje geralmente na fórma *pawn*.

—O nome arabico, tanto nos escriptores antigos como na linguagem corrente, é تانبول, *tanbul*, que Orta escreve «tambul». Como muitos outros nomes de drogas, é a simples adaptação arabica de um nome sanskritico ताम्बुली, *tāmbūlī*. Aquella designação arabica foi a primeira que os portuguezes ouviram em Calicut aos mouros d'ali; e — como logo veremos— deram á herva ou folha do *Piper Betle* o nome de *atambor*, que é simplesmente التانبول, *at-tanbul*.

—O nome malayo é «ciri» como diz Orta, ou *sirih*, como hoje geralmente escrevem.

A folha do *betre* forma a parte essencial de um masticatorio, muito usado na India, Ceylão, Archipelago, e em geral no Oriente. Mistura-se para isso com talhadas da *noz de areca* (vol. I, pag. 328 e 334), impropriamente chamada ás vezes *noz de betel*, alguma *cal*, *cate* (vol. II, pag. 69), e tambem *canfora*, *linaloes*, *almiscar* e *ambar gris*, substancias bem conhecidas e de parte das quaes Orta já tem fallado nos seus *Colo-*

quios. Este uso é tão geral, e constitue um habito tão caracteristico dos orientaes, que quasi todos os viajantes o tem mencionado, e limitar-nos-hemos a citar o que diz o companheiro de Vasco da Gama, um dos primeiros portuguezes que o observou. Na entrevista do Gama com o rei de Calicut, este

«..... tinha á mãoo escequerda huma copa d'ouro muito grande d'altura de um póte de mêo almude, e era de largura de dous parmos (palmos) na boca, a quall era muito grosa ao parecer, na qual talha lançava bagaço de humas ervas que os homens desta terra comem pella calma, a qual erva chamam atambor; e da banda dirreita estava um bacio d'ouro quanto hum homem podése abranjer com os braços, em o qual estavam aquellas ervas .....»

Da mesma circumstancia faz menção Gaspar Corrêa, e outros dos nossos escriptores, entre elles Camões:

Bem junto delle hum velho reverente
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.

Merece ainda ser citada, pelas falsas idéas que envolve, a menção de Varthema. Diz elle que o sultão de Cambaya comia algumas folhas da herva, chamada *tambor (che alcuni chiamano tãbor)*, juntamente com cal de ostras e outras substancias; e, quando as tinha bem mastigado, assoprava na cara da pessoa que queria matar, de modo que esta em meia hora caía morta por terra *(per modo che in spatio di meꝛꝛa hora casca morta ĩ terra)*. É um exemplo, entre muitos, das noticias phantasistas d'este celebre viajante. O uso do *betre* é, pelo contrario, inoffensivo para as pessoas que o mastigam, e com muito maior rasão para as outras. O nosso Orta indica mesmo, e é esta a opinião geral no Oriente, que aquelle uso tinha justamente o fim de tornar o «bafo» sadio e perfumado.

Orta toca de novo n'este *Coloquio* na confusão geralmente feita em periodos anteriores entre o *betre* e o *folio indo* ou *malabathrum*, questão que elle já debateu, e nós explicámos largamente em outro logar (vol. I, pag. 343 e 351), e sobre a qual nada será necessario acrescentar agora.

O *betre*, de que naturalmente se fazia um largo consumo, constituia um dos rendimentos importantes da India portugueza, pelo systema conhecido dos arrendamentos, isto é, dos monopolios de venda concedidos a certas e determinadas pessoas, mediante o pagamento ao estado de uma somma fixa. A «Renda do betel», comprehendendo o direito de vender *betel, areca, jacas, gengivre, laranjas, limões*, etc., andava annexa á «Renda da ortaliça», direito de venda de *rabãos, bre-*

dos, alhos, cebolas etc.; e foram ambas arrematadas no anno de 1549–1550, por 5:300 pardáos por anno na ilha de Goa, o que equivale a perto de 52:000$000 réis da nossa moeda e valor de hoje. Pelo nome da renda se vê, como o *betre* devia ser a mais importante das mercadorias mencionadas. Em Baçaim, em Diu, e outros pontos, tambem o *betre* andava arrendado em quantias importantes, posto que muito menores.

Sobre esta «Renda do betel» se faziam os pagamentos ao bispo, dignidades da Sé e outros eclesiasticos; mas, de uma carta do rei a D. Duarte de Menezes no anno de 1585, se vê que a dita renda havia diminuido muito, e já não chegava bem para o pagamento d'aquelles ordenados; é verdade, que os ordenados tinham augmentado.

(Cf. Dymock, *Mat. med.*, 727; Yule e Burnell, *Glossary*, v. *Betel* e *pawn;* Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 465; *Rot. da viagem de Vasco da Gama*, 59; *Lusiadas*, VII, 58; Varthema, em Ramusio, *Navig.*, I, 157; *Tombo do Estado da India*, 48, nos *Subsidios; Arch. Portuguez-oriental*, fasc. 3.º, 38.)

Nota (2)

Deixaremos sem commentarios, que os não necessitam, as «philosophias» do nosso escriptor ácerca de physiologia vegetal, que em globo assentam sobre idéas muito racionaes, posto que n'um ou n'outro ponto se lhes poderiam fazer alguns reparos.

Como elle, de passagem, menciona a *triaga* e as sessenta e tres mezinhas com que retificavam a sua base de «vibora peçonhenta», damos, a titulo de simples curiosidade, uma das formulas d'aquelle celebre medicamento, reduzindo-a á simples enumeração dos ingredientes. Esta fórmula complicada remata bem as nossas notas, dedicadas aos velhos simplices e drogas, pela maior parte já fóra de uso. Eis a fórmula:

«Rec. trochiscorum squillæ, et trochisc. viperæ, et trochisc. piperis nigri, et opii boni, et allii sylvestris, et rosarum rubearum siccarum, et seminis rapi sylvestris, et iridis illiricæ, et agarici, et succi liquiritiæ, et olei balsami, et cinamomi, et myrrhæ, et prasii, et croci, et macropiperis, et zinziberis, et calamenthi, et petroselini, et pentaphilon sylvæstris, et reubarbari, et costi amari albi, et stœchados, et piperis albi, et pulegii, et floris squinanthi, et glutinis alimbat, et olibani, et cassiæ, et nardi indicæ, et anisi, et storacis liquidæ, et siseleos, et spicæ celticæ, et seminis ameos, et chamæpithyos, et chamædryos, et hypoquistidos et folii, et epithymi, et fu, et meu, et seminis apii, et seminis fœniculi, et luti albaira, et colcotar assati, et amomi, et hypericon, et acori, et carpobalsami, et acaciæ, et gumi arabici, et cordumeni, et galbani, et opoponacis, et serapini, et bituminis judaici, et centaureæ, et aristolochiæ rotundæ, et castorei, et ozimi fluvialis, et chie, et dragaganthi, et arthanite, et aristolochiæ longæ, et seminis hyusquiami albi.»

Nota (3)

As *rosas persicas* vermelhas, que, acabâmos de ver, formavam um dos ingredientes da triaga —*rosarum rubearum siccarum*—, foram um medicamento conhecido e classico, e parecem ser uma variedade da **Rosa Damascena**, Miller, cultivada na Persia e outras partes do Oriente. Um contemporaneo do nosso Orta, o celebre medico hespanhol Nicolao Monardes, escreveu um pequeno tratado ou artigo sobre as suas virtudes e propriedades medicinaes, intitulado *De Rosis persicis seu alexandrinis*, que poderá ver o leitor, desejoso de mais amplas informações (cf. Monardes, em *Exoticorum*, 48).

Da mesma *Rosa Damascena* procede o *oleo*, *otto*, ou *attar* de rosa, o conhecido, celebre e caro perfume, ainda hoje fabricado na Persia, e principalmente na Turquia.

TABOADA DO CONTEUDO NESTE LIVRO
pelo A B C, scillicet das cousas de notar

	Vol.	Pag.
Açafram chamado na India açafram da terra, e he mézinha usada dos fisicos desta terra, e provase que escrevem della Avicena e outros Arabios	I	278
Allaqueca ha muyta cantidade della em o Guzarate, e he mercadoria pera as partes do ponente	II	222
Aloes tem nome em todas as linguas, e o milhor he de Çocotora acerca de todos, e não he milhor o de cima que o de baixo, se se faz limpamente; nem se falsifica com acacia e gomma arabica, e dizse a maneira de se conhecer, e dizse como nam o ha em Alexandria pera delle se fazer caso, e dase a rezam por que se chama cabalino o ruim; e he mézinha muyto usada de todos os Indianos; e a herva do aloes tambem usam della pera purgar, e pera as chagas dos rins e bexiga, e pera quebraduras	I	25
——a erva do aloes amarga muyto em todas estas partes, e quanto se ha de tardar o cibo sobre ella; e porque se mudaram as pirolas de Rufo e as de Rasis; e porque o aloes mesturado com mel purga menos; e porque por dentro he solutivo, e por fóra restringe	I	33
——aloes metalico não o ha em Jerusalem como alguns escrevem	I	34
O aljofre e perolas tem nomes em todas as linguas, e dase rezam porque se chamou aljofar, e porque se chamou perolas orientaes; e como esta pescaria da India he decorada com os padres e hirmãos da companhia de Jesus; e como as perolas das Indias ocidentaes valem cá mais que em Espanha; e como nam ha perolas furadas cá, nem verdes, como dizem que as ha em Peru, e de tudo isto se trata	II	119
Algarves que quer dizer e onde sam	I	78
Apilidos dos reis e senhores desta terra, e o que querem dizer, e como foram os reis expelidos, e como ficou a casta delles	I	122
Arabis sam huns Mouros, e Magarabis outros, e o que querem dizer estes nomes	I	78

---

* Conservamos sem alteração a taboada da primeira edição, a não ser nas referencias ao volume e pagina.

Vol. Pag.

O AMBRE se chama assi em todas as linguoas, ou varia muyto pouco; dizemse as opiniões que ha do seu nacimento, e contase huma muyto conforme á rezam; dizse dos grandes pedaços que delle se acharam, e o grande preço em que he tido na China..... I 45

Do AMOMO se diz donde vem a esta terra, e como o estimão em muyto os reis, pera fazer metridato, de que usam..... I 59

O ANACARDO ha muyto nesta terra, e he muyto usado na fisica, e presumese ser diverso do de Cecilia, e uzase pera muytas enfermidades na India..... I 65

O ARVORE que se chama triste não dá froles, senão de noite, e cheira muyto, e contase delle algumas fabulas graciosas.. I 69

ANIL que cousa he, e donde ha mor cantidade delle, e asi se fala dos ambares, que he huma fruita azeda..... I 86

ASSA FETIDA de quantas maneiras seja, e assa doce não he alcaçus, e serve nesta terra pera temperar os comeres, e he hum cibo muyto medecinal nestas partes, e muyto usado..... I 75

ALEPO he cabeça da Suria..... I 202

——foy senhoreado de Abraham e põese a derivaçam delle... II 297

AVICENA donde foy e em que linguoa escreveo..... I 77

BABILONIA, a antiguoa, não he o que agora chamamos Baçora, nem he o que chamamos Bagadá..... II 93

BAÇAIM, cidade delrey nosso senhor, tem em si cousas de notar II 340

BADAJOZ cidade de Castella, se ha de chamar Guadajoz..... II 85

BANEANES sam os genosofistas, que guardam o costume de Pitagoras, e tem esprital de passaros pera os curar..... II 104

BANGUE que cousa he, e como nam he amfiam nem linho alcanave; e pera que se toma, e como se faz..... I 95

BENJOIM tem nomes em diversas partes, e donde o ha, e pera onde o levam; e da feiçam do arvore, e de quantas maneiras o ha; e como se mestura hum com o outro..... I 103

Os BRINDÕES, scillicet, a sua casca aproveita pera tingir, e pera fazer vinagre..... I 117

BALAGATE o que quer dizer; e como o Gate he huma serra diferente das outras..... I 121

BERILO ha muyta cantidade em Cambaia, e Pegu e Ceilam, e fazemse delle grandes peças..... II 199

As BOUBAS quando vieram á Europa..... II 107

CANCAMO he anime e dizse delle..... II 37

CALAMO AROMATICO nam o ha senam na India; he mézinha muyto uzada dos Indianos pera os homens, e pera cavallos; nam se chama aromatico, por ser cheiroso; e ahi se trata tambem das Caceras..... I 141

Vol. Pag.

CAM he vocabulo corrupto, porque ha de dizer ham, que quer dizer rei acerca dos Mogores ..... I 123

CANFORA he de duas maneiras; de Burneo e da China, e de muy diferentes preços; e como se falsifica ás vezes, e dos nomes que tem, e da sua compreisam; e ahi se trata das carambolas, fruta indiana ..... I 152

CHOARIS sãos uns Gentios, que vieram da Persia, e tem diversa supristiçam, da que tem o gentio de Baçaim ..... II 342

CANELA e CASSIALINEA e CINAMOMO tudo he huma cousa, e nam differem em mais, senão em ser boa ou má; nam a conheceram os Gregos, nem a ha na Etiopia, e tem nomes em diversas linguoas, e foy levada pellos Chins pera o ponente; póese a derivaçam dos seus nomes, e como não ha cinamomo alipitino ..... I 201

CASSIA FISTOLA ha em todolas partes da India, e tem nomes acerca de todolas linguoas; e as vacas nam a pascem, por onde he falso dizer que as camaras da India vem por sua causa, pois os arvores sam tam altos ..... I 193

CARBUNCULO he toque dos rubins ..... II 218

CARDAMOMO ha mayor e menor na India, e dizse como se semea, e qual he milhor, se o maior, se o menor; e como o autor descobrio esta mézinha, com algumas historias do que nisso o autor passou; onde se trata da feiçam e da cor das carandas ..... I 173

CRAVO contase delle o nacimento, e como nam o ha senão em Maluco; não he mézinha conhecida dos Gregos, ao menos de Galeno: e contase de outra fruita redonda, que ha na ilha de S. Lourenço, que cheira como cravo, assi contase como veo a ser conhecido dos Malucos ..... I 359

CEILAM he huma das melhores ilhas do mundo ..... I 216

CHINS sam muyto sutis e letrados e usam muyto de justiça; davam as leis a esta terra; damse lá gráos; a arte da empresam foy lá sempre ..... I 260

——dos Chins ficou huma pedra em Cochim, que levou elrey de Calecut, e pôla em Repelim, onde se coroava, a qual tomou Martim Afonso de Sousa per guerra, e a poz em Cochim I 205

CHEIROS sam muyto gastados na India, porque a gente da India he muyto enclinada a elles, que deixam de comer pera gastar em cheiros ..... I 71

COLES foram primeiro senhores de muyta parte do Balagate, e aguora vivem de roubos ..... I 119

O çofi ou sofi não he o Xatamaz, nem o Xaismael, senão foy o seu capitam principal ..... I 124

Vol. Pag.

COLERICA PASSIO, chamase na India morxi; mata em 24 oras; põese os sinaes della, e a maneira de curar dos Indios, e nossa em casos que aconteceram ao autor ..... I 261

CRISOCOLA ou TINCAL vem do Chitor, ou do Mandou..... I 277

CRISOLITA PEDRA ha no Balagate, e em Ceilam, e na costa de Choromandel..... II 222

COSTO ha somente na India, e não em outro cabo; vem de Chitor; he a principal mercadoria pera a China e Malaca; e pera as partes do ponente em pouca cantidade; não ha costo doce e amargo senão for corrupto, nem he verdadeiro costo o que não for trazido da India ..... I 255

O COQUO tem nomes em todas as lingoas; poese os sinaes da arvore, e muytas cousas pera que aproveita; e como as cascas não aproveitam pera os paraliticos, como alguns diseram; do olio do coquo pera que aproveita; e como escreveram desta mézinha os Arabios, e dos erros que tiveram outros escritores nelle ..... I 234

CAIRO se chamou assi por causa de huma rainha assi chamada..... II 324

CUBEBAS não foram conhecidas dos Gregos nem he carpesio, nem mirto silvestre, sam muyto usadas dos Mouros em fisica, e cozemnas na Jaoa, porque nam se deem em outro cabo..... I 289

CURCAS sam huns inhames pequenos, provase escreverem dellas os Arabios, e dizse os nomes que tem..... I 279

O DIAMAM he precedido da esmeralda e do rubi em igual cantidade e bondade, porque as pedras preciosas não tem o preço somente polla virtude, senam polla falta e bom parecer dellas; e he usado em fisica acerca dos Gentios; e não he peçonha o pó delle, nem nace na mineira do cristal, porque o cristal não no ha cá ..... II 190

——o diamam se quebra não tansómente na bigorna mas com um martello pequeno; e o sangue do bode nam o faz mais brando, que he falso dizer que o quebra, e achase maior muyto que uma avelan, e nam sam vigiados das serpentes, nem ha mister carne confeiçoada pera lhes dar.... II 199

——os diamães não tem roca em Espanha, nem em Arabia nem em Chipre, como dizem alguns autores; e a pedra de cevar traz o ferro, presente estando qualquer diamam; e posto debaixo da cabeçeira da mulher, não dá sinal da sua bondade e malicia; e os diamães muito finos, esfregandoos se apegam hum ao outro, e trazem a palha como os alambres ..... II 202

Vol. Pag.

Dio foy entregue a Martim Affonso de Sousa, estando lá com pouca gente, e depois foy defendido duas vezes por nós com muyto esforço ..... II 339

Os duriões he huma fruita muyto gabada nas bandas de Malaca e põese a feiçam della e do arvore ..... I 297

Datura he huma mézinha venenosa, que causa riso e prazer, e poe-se a feiçam della, e a cura e os sinais ..... I 295

Do elefante não se uza em fisica mais que dos dentes, porque os outros ossos e as unhas se deitam por ahi, contra Paulo Egineta; e contamse estorias verdadeiras e muyto graciosas dos elefantes, e os nomes que tem nas terras donde os ha, e em nenhuma se chama barro, contra Simam Genoes I 303

——gastase cada ano na India pasante 6000 quintais de marfim; e contase huma suprestiçam que tem os Baneanes de Cambaia, por onde se gasta tanto marfim ..... I 305

——contamse as enfermidades dos elefantes, e como se curam, e como tomam bem as lingoas, e assi se conta o ajuntamento do macho com a femea, e como deferem pouco do dos outros quadrupedes; e põese a maneira de os amansar, e provase terem memoria porque se lembram das emjurias recebidas ..... I 308

A esmeralda não emtra no letuario de Gemis, senão a turquesa; provase isto evidentemente ..... II 220

——esmeralda ha muytas contrafeitas de vidro, e ha outras que não sam verdadeiras, nem as do Peru tem cá por verdadeiras ..... II 221

Espiquenardo tem nomes diversos, e não val tanto como valia antiguoamente, e por isso se não falsifica, e nace o espique perto do rio Ganges, e nelle se lava todo o gentio, e paga por isso meo pardao; e o verdadeiro nace na India, e não na Siria, e dáse a rezam por que se enganavam nisso ..... II 291

Espique não he suspeitoso por fazerem delle piso, que he peçonha, nam ha tal cousa ..... II 296

Espique alep he o espique que vai de Alepo, avendo vindo primeiro da India ..... II 296

Espique satiechi he espique de Satigam, porto famoso de Bengala ..... II 297

Espodio não se ha de chamar assi senão tabaxir, por escusar equivocaçam, que foy causa de muitos erros ..... II 302

——o espodio nam se faz das canas semelhantes ás nossas, nem o cinzento he pior ..... II 303

Esquinanto pasce todo o gado em Calaiate e Mascate, terras da Arabia perto de Meca por terra ..... II 311

Vol. Pag.

ESQUINANTO tem pouca frol, e essa que ha nam vem á India; nem o ha na terra dos Nabateos, nem em Jerusalem, nem he calamo aromatico, nem galanga ..... II 315

O FAUFEL, que he areca ou avelan da India, come a gente misturado com o betre, e he rectificativo delle, e conforta o estamago, e aperta as gengivas, e dizemse os nomes delle nas terras donde o ha ..... I 325

Os chamados FIGOS DA INDIA sam escritos pellos Arabios, e cada anno se plantam de si mesmos; ha os em muytas partes todo o anno ..... I 329

Os FISICOS INDIANOS tem enganos e cautelas em suas maneiras de curar os enfermos ..... II 140

FRANGUE quer dizer cristam do ponente, e frangistam quer dizer cristandade, e frangui quer dizer boubas; e tudo isto se prova ..... II 107

GALANGA não foy conhecida dos Gregos, e ha de duas maneiras, scilicet, na China e na Jaoa, e ambas se dam em Goa, e nenhuma he o acoro nem a raiz do esquinanto ..... I 354

GENGIBRE tem muitos nomes nesta terra; e dáse a rezam porque em verde não he tam quente; e porque se cobre com barro; e como se faz em conserva, e de que terra he milhor II 5

GRANADAS ha as no Balagate, e na costa do Malavar e Choromandel, e he rubi preto ..... II 216

GUADALUPE se emtrepretará Rio do amor e não Rio de lobos II 85

GUAIACAM pao foy degradado da India, porque matava os homens com fome ..... II 261

Da HERVA contra as camaras, chamada herva de Malavar, dáse a rezam porque se chama assi, e dizse como se faz, e qual aproveita mais, e de que compreisam he, e qual he mais forte mézinha; e doutra maneira de curar camaras, segundo os da Arabia; dizemse outras cousas peraque aproveita, e huma estoria, que aconteceo ao autor com hum fisico malavar; e assim se conta de outra erva, que se não deixa tocar .... II 13

JAMBOS, JAMBOLÕES, JACAS, JANGOMAS sam frutas da India boas pera ver ..... II 23

JACINTOS ha no Balagate em muyta cantidade e na costa do Malavar ..... II 216

INDIAS chamadas occidentaes não são propriamente Indias; e dáse a rezam por que esta terra he chamada India ..... II 107

O LACRE tem nomes em arabio e persio, e nas terras onde nace, e a rezam por que se chamou locsumutri; e como he falso o dizer que as formigas o criam na vasa em paos pequenos, que lhe antes punham, porque antes se cria em huma certa

Vol. Pag.

arvore, onde as formigas ás vezes lavram, a qual não he semelhante á murta, antes he huma arvore grande..... II 29

O LACRE não foy conhecido de Avicena, nem tem a virtude do carabe, nem he o cancamo de Dioscorides; e em muytos cabos estam os nomes corruptos; nem o arvore onde se cria he nespereira ou sorveira..... II 31

——ha verdadeiro lacre na India, e verdadeiro cancamo, e não he do arvore do benjoim..... II 34

——o lacre val muyto menos do que valia, porque se achou nas terras do Turco outras tintas semelhantes..... II 38

——o lacre não o ha em Ceilam, que he hum breu pera calafetar navios, e dizse por que se mudou o nome dos Pegus, que era trec..... II 37

O LINALOES se sabe delle o arvore, ainda que com perigo dos que vam buscalo, por causa dos muytos tigres; e Galeno não o conheceo nem o ha na Arabia; nem he bom dizer que se gasta por falta de encenso; decrárase os nomes das terras, donde dizem que nace, e descobrese a causa dos errores donde naceo; nem no ha em Cantão, nem em toda a China, nem o cosem nas terras donde nace, como dizem commummente..... II 49

——não vem do paraiso terreal, e ha muyto nestas terras, posto que o bom e grande val muyto, e não vem pollos rios abaixo, senão em pouca cantidade, nem he falsificado com a camelea, pois a não ha nestas terras..... II 53

——o linaloes he sujeito a putrefaçam, mas nam tanto segundo o amago; e os Portuguezes não cortam as arvores (como dizem), nem ha tanta cantidade delle; e o mais fino chamase calambac..... II 59

O LICIO que chamam na Europa chamase na India cate; he mézinha muyto usada dos Indios; fazse de hum pao muyto pesado; he mercadoria pera Malaca e pera a China, e he milhor o da India, que o da Licia; e póese á maneira como se faz, e as maneiras de fazer este licio nas outras terras; não sam tam faciles de haver como levando de cá da India, e por falta do indiano se hade gastar o de Licia e não pello contrario como dizem..... II 71

A MAÇA como he feita, e a que se parece o arvore que a dá, e como emcima della ha outra casca, de que não fazem caso, senão pera conserva de açucare; e Galeno, nem os Gregos conheceram esta mézinha..... II 81

MANGAS podem competir com as melhores frutas da Europa, e as frutas de espinho da India excedem as da Europa; sam

Vol. Pag.

de compreisam fria e humida contra o povo indiano, e os caroços aproveitam pera os fluxos..... II 99

Manná ha de tres maneiras, e huma dellas se parece com a de Calabria, e a que chamam tiriamjabim se corrompe muyto nesta terra..... II 91

Mirabolanos he nome inventado pollos trasladores, e não porque seja o mirabolano dos Gregos; poẽse as especias dos mirabolanos e os nomes, e a causa de tudo; e não sam todos de huma arvore, como alguns dixeram, senão de cinço; servem de tingir e de curtir pelles, como çumagre; e não sam cá reitificados pollos fisicos, como em Portugal..... II 151

Mangostam he fruta muyto saborosa feita como laranjas pequenas e he das bandas de Malaca..... II 161

Mirra se diz dela alguma pouca cousa donde vem, porque vem da Caldea, da qual lingoa ha nota..... II 353

Mungo he semente muyto conhecida nesta terra, e he cibo medecinal chamado por Avicena e pellos outros Arabios mex; ha tambem na Palestina, e contase huma estoria, que o autor passou com o sultão Badur, sobre a cura de Martim Affonso de Sousa, e outra que pasou com o Nizamoxa sobre a cura de seu filho, e decrarase hum dito de Avicena..... II 139

Negundo he huma mézinha indiana resolutiva e mitigativa de dor; tem outro nome em Decanim, e outro em Malavar; he boa para chagas e inchaços, nam he agno casto, como alguns cuidaram..... II 163

Nimbo he huma arvore grande, cujas folhas pisadas sam muyto esprementadas, e he mundificativo pera as chagas das bestas e dos homens; tem huma fruta de que se faz hum azeite muyto medicinal..... II 167

Noz he fruita de huma arvore nacida em Banda, pôese ao que se parece; he mézinha não conhecida dos Gregos..... II 81

Odres de rinocerotes nem de camelos não os ha nesta terra, e pôese onde ha o rinocerote, e outro animal que parece unicornio, e dizse como este rinocerote foy levado a Portugal..... II 74

Olho de gato o milhor he o de Ceilam, e dizemse delle suas propriedades, e val cá mais que em Portugal..... II 222

O opio se chama na India amfiam, faz os homens impotentes, e por outra maneira aproveita pera dilatar o jogo de Venus; o milhor he o do Cairo (que he o tebaico) e o mais usado he o de Cambaia, e de Adem; façe de semente de dormideiras brancas, e nam leva trovisco, nesta terra, nem o ha na terra donde se faz..... II 182

Vol. Pag.

Ostras que dam perolas sam de outra feiçam, do que sam as ostras que comemos..... II 122
——as ostras e buzios que chamamos madreperola, se usa muyto dellas em cousas de policia, e assi se usa da tartaruga II 123
Pao de cobra aproveita pera as mordiduras peçonhentas, e pera as lombrigas, bexigas, e sarampam; e pera a colerica passio, e pera as febres de dificultosa eradicaçam; e dizse como isto se veo a saber, em que se conta huma estoria verdadeira; e diz-se como este pao ha em muytos cabos, e outro de semelhante virtude em Jafanapatam..... II 181
Pateças he o que Avicena chama melam da India..... II 135
Peixe e leite tudo misturado não he tam defeso na India como Avicena diz..... II 106
Pecegos, nunca foram venenosos na Persia, nem agora o sam..... II 250
Pedra bezar he criada no estamago de hum carneiro ou bode, que ha no Coraçone, e no cabo de Comori e em Pam; e criase sobre huma palha, e falsificase algumas vezes, e aproveita pera todalas emfermidades venenosas, e pera a colerica passio, e pera lepra e quartãas; e tomamna os Mouros ricos e honrados duas vezes por anno, pera esforçar a natureza, e aproveita pera muyta cousa segundo se vê..... II 231
Pedra armenia ha em Ultabado, cidade de Decam, e purga pouco..... II 203
Pedra safira não passa de mil crusados, e as milhores de todas sam as de Pegu..... II 216
Pedra de cevar faz o homem ser mais novo, comendoa em pouca cantidade, ou feitas panelas della e fazer o comer nellas. E os que dizem que os que navegam de Calecut pera Ceilam levam pregos de pao nas naos, porque não as traguam os montes de pedra de cevar pera si as naos, he fabuloso; e assi dizer que a pedra de cevar não pesa mais com muyto ferro, que com pouco..... II 204
A pedra criada no fel do porco espinho aproveita muyto contra a peçonha..... II 383
Pimenta não se cria senam ao longo do mar, e a maior cantidade de todas ha no Malavar, e na Çunda; e o arvore da pimenta se planta arimado a outro arvore, como a era; e cresce tanto como a arvore a que está arimado, e nace em cachos como uvas, senão sam mais meudas..... II 241
——da pimenta ha tres arvores distintos, e hum he da pimenta preta e outro da branca, e outro da longa; e assi nacem em terras distintas, e não em huma só arvore, porque as terras

Vol. Pag.

donde se dá a pimenta preta sam muy longe daquellas donde se dá a pimenta longa, e a pimenta preta não nasce na raiz do monte Caucaso; põese os nomes della em todas as lingoas, e em nenhuma se chama barcamasim; e os fisicos da India tambem erram na graduaçam da pimenta, a que chamam fria; nem põem fogo ao mato pera afuguentar as serpentes que a guardam ..... II 243

Raiz da China como se soube ..... II 260

——a cantidade que na China se dá desta raiz, e que não se dê sem ser retificada, e tomase pera as chagas dos rins, e da bexiga, e pera os tisicos ..... II 263

——a raiz da China se toma nesta terra muytas vezes, por a terra ser quente, e nesta terra se tolhe o sal poucas vezes, e muytos homens no Balagate mesturam dragma e mea desta raiz moida e com mel mesturada ..... II 265

——na China comem esta raiz cozida com carne, e aproveita pera os paraliticos, e pera todas as enfermidades dos nervos e junturas, scilicet, e pera alporcas, e aproveitou pera huma febre latica ..... II 267

O ruibarbo vem da China todo, e algum vem da provincia do Usbeque, e este he o que chamamos ravamturquino ..... II 275

——o ruibarbo que vai a Espanha pella via de Veneza he milhor, que o que vai da India por mar, porque apodrece; e gasta mais hum mez de mar, que hum anno de terra, e se dana muyto nas terras que estão perto do mar; e com o ruibarbo se curam os cavalos na Persia, e cá na India, e he muito boa mézinha ..... II 276

Rubins tem mineira e roca conhecida ..... II 217

Rumes diferem dos Turcos ..... I 32

Sabores nesta terra não ha mais que tres sabores, doce e azedo e amargo, e todo o sabor que lhe não sabe chamam amargozo ..... I 208

Sandalo branco e vermelho e amarelo em que terras o ha, e o sandalo vermelho em que difere do Brazil; e a feiçam do arvore do sandalo e a fruta e a frol que dam; e como não o ha senão na India, nem o ha em Calecut, senão o que he trazido de Timor, e das outras partes ..... II 281

O sandalo amarelo he todo hum pao, e não feito de branco e vermelho, e sandalo macharazi quer dizer sandalo amarelo II 283

Sandalo chamado assi na ilha de S. Lourenço, não he verdadeiro sandalo, nem o sambaram he do Malabar, posto que os arvores do sandalo se dam em muytas partes, mas não cheira ..... II 287

Vol. Pag.

TAMARINDO pôese como he feito o arvore do tamarindo, e como se faz em conserva, e como não he palmeira silvestre, nem os ha nas terras de Jamem, nem sam dateles tebaicos, nem tem feiçam delles; e os caroços do tamarindo não aproveitam pera cousa alguma, nem os ha em o Cairo, nem sam o fenicobolano dos Gregos, nem se falsificam os tamarindos da India..... II 319

O TURBIT dos Arabios nunca foy conhecido dos Gregos, senão dos Arabios somente; e he pao e não raiz, e não ha mister que o toque o mar, nace por si sem ser semeado; e por ter goma nam he milhor, porque a tem, por ser picado ou torcido; nem por ser preto he pior, senão fôr podre; nem se mistura com o gengivre por necesidade..... II 327

—— o turbit nam tem a folha semelhante á da ferula senam à da malva franceza, nem he semelhante à planta chamada aristis, nem he raiz cheirosa, nem esquenta quando a comem; nem val contra a peçonha, nem muda a frol tres vezes ao dia; nem he semelhante à planta dita arasentis, nem à hisiatis, nem aos murtinhos..... II 335

—— o turbit não he especia de esula nem he alipium, nem alipia, nem empola as mãos nem o rosto quando se colhe.. II 337

—— o turbit não he pitiuza, nem esula, nem tapsia..... II 338

THURE ou EMCENSO não o ha na India senão todo vem da Arabia, nem ao bom chamão macho, nem a gente da terra aceita a comparação que lhe damos dos testiculos, e tem feiçam das folhas da aroeira e todo o mais se gasta na China..... II 351

TUTIA da que usam em Espanha, como he levada da provincia de Tartaria, e fazse da cinza de hum certo arvore..... II 359

TURCOS sam deferentes dos Rumes, porque os Turcos são da Asia-menor e da provincia da Natolia, e os Rumes sam de Constantinopla e do seu imperio..... I 32

UZBEQUE he a provincia de Tartaria, e confina com a China.. II 92

XÁ quer dizer rei na Persia, e xeque he defferente de xá, e o xaismael e o xatamaz, se chamam xá, que quer dizer rey por excellencia e os reis seus sujeitos se chamam paxá, que quer dizer pé de rey..... II 93

ZANGUE ZINGUI quer dizer, em persio e em arabio, Cafre ou Etiopio, e Zingue quer dizer a terra dos Cafres..... I 51

INDICE

Coloquio vigesimo sexto—Do Gengivre 5
Coloquio vigesimo setimo—Das Hervas 13
Coloquio vigesimo oitavo—Da Jaca, dos Jambolões, dos Jambos e das Jamgomas 23
Coloquio vigesimo nono—Do Lacre 29
Coloquio trigesimo—Do Linaloes 47
Coloquio trigesimo primeiro—Do Cate 69
Coloquio trigesimo segundo—Da Maça e noz 81
Coloquio trigesimo terceiro—Do Maná 91
Coloquio trigesimo quarto—Das Mangas 99
Coloquio trigesimo quinto—Da Margarita 119
Coloquio trigesimo sexto—Do Mungo e Melam da India 133
Coloquio trigesimo setimo—Dos Mirabolanos 151
Coloquio trigesimo oitavo—Das Mangostães 161
Coloquio trigesimo nono—Do Negundo 163
Coloquio quadragesimo—Do Nimbo 167
Coloquio quadragesimo primeiro—Do Amfiam 171
Coloquio quadragesimo segundo—Do Pao da cobra 181
Coloquio quadragesimo terceiro—Do Diamão 195
Coloquio quadragesimo quarto—Das Pedras preciosas 215
Coloquio quadragesimo quinto—Da Pedra bezar 231
Coloquio quadragesimo sexto—Da Pimenta 241
Coloquio quadragesimo setimo—Da Raiz da China 259
Coloquio quadragesimo oitavo—Do Ruibarbo 275
Coloquio quadragesimo nono—Do Sandalo 281
Coloquio quinquagesimo—Do Epiquenardo 291
Coloquio quinquagesimo primeiro—Do Espodio 301
Coloquio quinquagesimo segundo—Do Esquinanto 311
Coloquio quinquagesimo terceiro—Dos Tamarindos 319
Coloquio quinquagesimo quarto—Do Turbit 327
Coloquio quinquagesimo quinto—Do Encenso e da Mirra 351
Coloquio quinquagesimo sexto—Da Tutia 359
Coloquio quinquagesimo setimo—Da Zedoria e Zerumbet 363
Coloquio quinquagesimo oitavo—Das Cousas Novas 371
Coloquio do Betre 389
Taboada 407

INDICE ALPHABETICO

A

abada, bada, rhinoceronte, 318. II. 80.
Abd-er-Razzak, embaixador, 73.
Abrahão. II. 297.
Abreu (Antonio de), 370. II. 88.
Abrus precatorius. II. 130, 196.
Abulfeda, 220.
Abu Zeyd, 219.
Abyssinia, 187. II. 325.
Acacia Catechu. II. 79; *A. Suma*, 76.
Acanthus, 300.
açafrão, 31, 70; —da India, 278, 283.
achar, conserva, 66, 68, 185, 365. II. 5, 153, 159, 375.
Achem, 17.
Achillea, 64.
Aconitum ferox. II. 298; *A. Napellus*, 298.
acoro, 59, 141, 144–149, 355, 356.
Acosta (Christoval). II. 21, 89, 168, 192.
Acra, 39, 375.
Adão, 331, 337; Pico de —, 217, 233; Ponte de —, 221.
Aden, 39, 223. II. 173, 178.
Adil Schâh de Bijapur. II. 97, 310.
Aecio de Amida, auctor do Tetrabiblos, 58, 151, 156, 162. II. 56, 368.
Ægle Marmelos. II. 386.
Afghanistan, 88, 91, 315. II. 79, 94, 95.
Africa, 188–190, 228, 336. II. 44, 78, 112.
Agaçaim (passo de), 295, 299.
agaloco. II. 56.
agathas. II. 226.
agno casto, 292. II. 164, 166.
Agostinho (Santo). II. 206.
Agrimonia, 64.
agua marinha. II. 227; —rosada. I. 35, 199, 242.
aguila, 142. II. 48, 61, 64, 65; —brava, 50, 52.
Ahmedábád (Amadabar), 268, 277. II. 18.
Ahmednaggar, 39. II. 101, 287.
Akbar, 148.
Alá ed-Din Khiljy, 128, 133.
Albuquerque (Affonso de), 89, 134, 139, 320, 370. II. 10, 11, 79, 126, 127, 176, 179.
Albuquerque (D. João de), bispo de Goa, 15, 274. II. 124.
Alcaçova (Fernão de). II. 259.
alcaçuz, 76, 88.
Alcalá de Henares, 352.
Alcalá (Pedro de). II. 145.
Alepo, 202, 216. II. 296, 297, 299.

Alexandre ou Ezcader, 37, 317, 339. II. 107, 113, 114.
Alexandria, 26–28, 39, 377.
algalia, 71.
Algarve, 78, 89.
Alhagi Camelorum. II. 95; *A. Maurorum*, 95.
Ali ben Redhwan, 39.
aljofar, 170, 206, 217, 223. II. 119–123, 126–131.
Al-mamun, khalifa, 40.
almecega, 35, 40, 366. II. 16.
Almeida (D. Francisco de). II. 11, 41, 253, 254.
almiscar, 71, 97, 159, 169, 170, 206, 223, 347. II. 29, 42.
Alöe, 36, 37; *A. abyssinica*, 37; *A. Perryi*, 37.
aloes, 24–42, 83, 187, 223.
aloes (páo de). II. 60–64, 66.
Aloëxylum Agallochum. II. 62.
Alpinia Cardamomum, 186; *A. Galanga*, 357; *A. officinarum*, 357.
alsi, 96, 98.
altiht, 75–78, 90.
Aluf Khán, 128.
alvará, para a impressão dos Colloquios, 3, 14.
alvará relativo aos physicos indianos. II. 148.
alvará relativo á pimenta. II. 256.
Alvares (Sebastião), 371.
alveitaria, 29.
Amadabar, 256, 268, 277.
Amarello (rio). II. 278.
Amato Lusitano, 210. II. 44, 237.
ambar, 36, 45, 47, 48, 55–57, 71, 97, 158, 328, 347.
ambares, 87, 94.
Amboyna, 251, 383.
ameos, 142, 148. II. 14.
America, 198, 226, 340. II. 44, 113, 129, 288.
amethista. II. 221, 229.
Ammiano Marcellino, historiador, 53.
amomo, 59–63, 177, 187–190, 207, 224.
Amomum Zingiber. II. 9.
Amoy, 167.
Amr-ibn-el-Aci. II. 326.
Amu-Darya, ou Oxus, 88. II. 97.
Amurat II, 133.
Anacardium occidentale, 67.
anacardo, 65–68.
ananaz. II. 380.
Anchusa officinalis, 64.
André Milanez, 311, 323.
Andropogon, 149; *A. laniger*. II. 316, 317; *A. Schœnanthus*, 317.
anfião, 95, 97, 100. II. 171–175.
Angelica archangelica, 93.
Angelo Palla (Angelus Palla Juvenatiensis), 291, 293. II. 66.
An-hsi (Parthia), 219, 230.
anil, 68, 75, 86, 87, 93.
anime, 37, 43, 44.
anjuden ou angeidan, 75, 90.
Antonio do Porto (Fr.), franciscano. II. 346, 347.
Antuerpia. II. 258.
Aplotaxis Lappa, 267.
Aquilaria Agallocha. II. 61, 62.
arabes, 31, 42, 187, 209, 293.
Arabia, 228, 326, 335.
arabica (gomma), 25.
Aragão (Rebello de), 218.
Aral, 91.
Aravalli. II. 178.
Arcadio (imperador), 210.
arcebispo de Goa (D. Gaspar), 15.
Archangelica officinalis, 85, 93.
archipelago Malayo, 114, 162, 163, 301. II. 86, 132.
areca, 96, 187, 232, 325–327, 334. II 69, 73, 78.
arequeira, 334, 335.
Aripo (praia de). II. 128.

Aristolochia indica. II. 189.
Aristoteles, 28, 37, 43, 191. II. 36, 103, 113.
armada hespanhola, 373.
armada de Rumes. II. 89.
armadas, 276.
Armenia, 27, 178.
Arriano, 220, 228, 318, 321.
arroz. II. 371, 372.
arruda. II. 7.
arte de imprimir, 260, 270.
Artocarpus integrifolia. II. 26.
Arum indicum, 285.
arvore triste, 69–72. II. 396.
asa-fœtida, 75–84, 88, 90–93, 103–105, 110.
Asclepias pseudosarsa. II. 192.
Asia, 173, 256, 267, 282. II. 42, 112; —central. I. 219; —menor, 32, 41. II. 178, 179.
Asia, entrada da inquisição, bulla, 15.
Asparagus, 64.
assa dulcis, 104; —odorata, 103, 104.
Assam, 284. II. 61.
assucar. II. 308.
Assyrios, 228.
Astragalus. II. 96.
Astruc, medico. II. 116.
Asuan. II. 227.
Athayde (Tristão de), 373.
atropina, 300.
Auctuario, 290, 346, 358. II. 159, 335.
Auklandia Costus, 267.
Australia, 252.
Ava. II. 42, 224.
avacari. II. 17, 20.
avelã da India, 325.
Avenzoar (Abd-el-Malek ben Zohr), 48, 54, 58, 179.
Averrhoa Bilimbi, 170; *A. Carambola*, 170.
Averröes (Abu-l-Walid Mohammed ben Rosch), 48, 54, 58, 78, 104, 157, 174, 290. II. 53, 82, 84, 285, 305, 324.
Avicenna (Abu Ali Huçein ben Abdallah ben Sina), 28, 36, 39, 42, 55–57, 60–64, 75–78, 88, 149, 153–156, 158, 160, 163, 166, 179–181, 187, 207, 278, 283, 330, 343. II. 31, 32, 54, 86, 89, 91, 106, 143, 147, 150, 363, 365, 367, 394.
awál, 55.
Ayres (Diogo), 268.
Azadirachta indica. II. 168.
azar, moeda. II. 45, 178.
azevre, 25–29, 37, 38.
azougue, 159, 169. II. 207, 360.

B

Babel. II. 93, 98.
Bab el-Mandeb, 228.
Báber, 130, 317. II. 79, 80.
Babylonia. II. 93, 97, 313, 397.
Baçaim, 38, 74, 246, 326. II. 77, 328, 330, 340, 342, 348.
Bacham (Batchian), 369.
Badajoz II. 85, 89, 372, 373.
Baghdad. II. 93, 97, 397.
Bahádur Schah (rei de Cambaya), 29, 97, 101, 120, 128–130. II. 140.
bahar (baar, bar), peso, 113, 159, 165, 214, 376, 377. II. 282.
Baillon. II. 278.
Balaam, 362.
Balagate, 121, 132.
Balassia (Badakhshan). II. 225.
Balk, 89.
Balsamodendron Myrrha. II. 356.
Baltanas (Fr. Domingos de). II. 201.
bambu. II. 302, 309.
Bambusa arundinacea. II. 307.
bananas, 330, 335–341.
bananeira, 336–340. II. 26.
baneanes, 306. II. 52, 104–106, 110, 329, 342.

bangue, 95–100.
Barace. II. 252.
Barbaria. II. 7, 83.
Barbosa (Duarte), 56, 73, 114, 128, 189, 225, 316, 369. II. 63, 77, 129, 158, 177.
Baroche. II. 178.
Barreira (Fr. Isidoro de), 338.
Barreiros (Gaspar). II. 373.
Barreto (Antonio Moniz). II. 148.
Barreto (Francisco). II. 77, 340.
Barros (João de), 53, 54, 56, 127–129, 131, 132, 137, 188, 218, 220–222, 245, 247, 248, 285, 286, 369, 371. II. 19, 87, 111, 211, 252, 253, 255, 288.
Fr. Bartholomeo, (Bartholomæus Urbevetanus), 291, 293.
Barús (Bairros, Fansur), porto de Sumatra, 115, 153, 164.
Bassora (Basra), 27, 39, 219, 283. II. 38, 92, 95–97, 397.
bastão (do cravo), 363, 374, 375.
Batecalá. II. 9, 26, 154.
bazarucos, 381.
Beadala, 205, 223, 231. II. 125, 235.
Beatriz (Infanta D.). II. 229.
Beduinos, 353, 356.
Behar, 131, 315.
beijoim, 84–86, 93, 103–116; —de boninas, 347. II. 34, 37.
Beja (Diogo Fernandes de), 320.
bela, bel. II. 375, 376, 387.
Bellas. II. 216, 226.
Belleau (Remy). II. 207.
Bellon (Pedro). II. 299.
Bellunense (André), 158, 283.
Beluchistan, 88. II. 95.
Bengala (El-rei de), 120. II. 154.
ber, 118, 126. II. 30, 40.
Berar, 134. II. 210.
Berbera. II. 356.
Berberia. II. 7.
Berberis. II. 77, 79; *B. aristata*, 79.
beriberi. II. 165.
Berid (Kasim), (Verido, Veriche), 121–123, 135, 138.
Bernier. II. 187.
berylo. II. 199, 209, 221, 222, 227.
betle (betele, betel), 80, 111, 184, 265, 325, 327, 328, 343, 351. II. 69, 78, 372, 389–396, 402–404.
Beyrut, 39.
Biblia. II. 273, 354.
Bider, 121, 133.
Bijapúra, 133.
Bijayanagar (Bisnaguer), 73, 198.
bilimbeiro, 170.
Biophytum sensitivum. II. 21, 326.
Birdword (Dr.) II. 109, 354.
Birs-Nimrud. II. 98.
bispado de Nossa Senhora da Assumpção da cidade de Malaca, 276; —de Santa Cruz de Cochim, 276; —de Goa, 276.
Blandford. II. 189.
Blumea balsamifera, 168.
Bocchus. II. 226.
Boissier. II. 175.
Bokhára (Bochorá, Bocora), 77, 89. II. 91, 97.
bola (bol, vola), 28. II. 356.
Bombaim, 268, 326, 335. II. 28, 356, 369.
Boodt (Boecio de), 206–208.
Borassus, 246; *B. flabelliformis*, 232.
borato de soda, 281.
borax, 277, 281.
Borba (Diogo de). II. 125.
Bornéo, 164, 316. II. 128, 211.
bornéol (agua de canfora), 163, 165, 166.
Bontius (Jacob de Bondt), 275. II. 159, 165, 166, 387, 388.
Bosque (Dimas), 15, 234. II. 146, 164, 186, 384–386.
Boswellia Bhau-Dajiana. II. 354; *B. Carteri*, 354; *B. thurifera*, 355.

Botelho (Francisco Marques), inquisidor, 15.
Botelho (Simão), 128, 246, 381. II. 128.
Brahma. II. 112.
brahmanes, 36, 100, 233. II. 104-106, 110, 139.
Brahmaputra. II. 42.
branca ursina, 297, 300.
Brava. II. 353, 356.
brazil (páo). II. 283, 288, 289.
bredos, 79, 80, 92.
Bretschneider. II. 177.
Briggs (coronel), 138.
brindão, 117, 118, 125, 126.
Brindisi, 285.
Brindonia indica, 125.
Brinjam. II. 99.
Brito (Antonio de), 370.
Brown (Roberto), 336, 341.
Bruce, 229, 233.
Buddha, 269.
buddhistas, 222, 233.
Budeo (Guilherme), II. 291, 299.
Buhrán Nizam Sháh, 126, 127, 317. II. 147, 309, 310.
bulla do Papa Alexandre VI, 371.
burladora, herva, 300.
Burmá, 322, 324. II. 40, 42, 76, 225.
Burmanno, 248. II. 190.
Burnell (A. Coke), 129, 275. II. 80.
Butea frondosa. II. 41.
buzios. II. 123, 131.
bybo, 65. 67.

C

cabo de Boa Esperança, 203. II. 75; —de Calimere ou Canhameira, 182; —Comorim. I. 215. II. 49-52, 63, 127; —das Correntes, 75; —de Fartaque. I. 335; —Mesurado, 188; —das Palmas, 188; —Verde, 332.
Cabral (Pedro Alvares), 222. II. 253.
Cabul, 88. II. 94.
caceras, 147, 149.
cachalote, 54-57.
cacho. II. 77.
Caes de Santa Catharina. II. 21.
Cæsalpinia Sappan. II. 288.
Caiado (Thomé), 16.
Cairo, 258, 280, 285. II. 173, 313, 323, 326.
cairo, do coco, 237, 245.
caixa, moeda, 380.
cajueiro, 67.
Calabarga (Kulbarga). II. 307, 310.
Calaiate (Kalhat), 356. II. 311, 317, 392.
calambac. II. 55, 58, 61.
calamo, 83, 141-149, 324, 355, 356. II. 315-317.
calandares. II. 363.
calcedonia. II. 230.
Calcuttá, 267. II. 132.
Calicut, 205, 220, 222. II. 88, 286, 393; Rajá de —. I. 58. II. 403.
Camarão. II. 119, 126, 127.
Cambaya, 25-27, 119, 135, 182, 256, 268, 305, 310, 316. II. 77, 177-179, 294; El-rei de —, 75, 342, 403.
Cambayete, 256, 268, 277. II. 105, 140, 174, 328.
Cambodja. II. 63, 64.
camellos. II. 74.
caminhos que seguiam as mercadorias, 39. II. 396.
Camões, ode ao conde de Redondo, 7; razão da lição adoptada, 16. Citado a pag. 18, 55, 132, 163, 220, 230, 233, 250, 369, 370. II. 63, 87, 112, 126, 172, 254, 255, 258, 290, 355, 403.
Çamorim, 205.
canafistola, 193, 197. II. 373.
canal de Paumben, 221.
Cananor, 189. II. 10, 254.

Canará, 244. II. 76, 286, 288, 309.
Canarium commune. II. 87.
cancamo. II. 32-37, 43, 44.
candil, medida. II. 195.
Candolle (De), 334, 336, 341. II. 177.
canela, 201-217, 223-231, 265, 328, 345, 352. II. 396.
canfora, 97, 115, 151-159, 162-169, 187, 212, 213, 328. II. 390.
canhamo, 98-100.
Cannabis, 98-101.
Cantão (Kuang-cheu), 156, 219. II. 50.
caparosa. II. 360.
capillus veneris, 60.
Capra Aegagrus. II. 236.
carabe. II. 31, 32, 37, 43.
Caradiva. II. 127.
carambola (kamaranga, camariz), 161, 170.
Carapatão, 333.
carbunculos. II. 217, 224.
Carpophaga concinna. II. 87.
cardamomo, 173-190, 206, 223, 327. II. 138.
Cardoso (Jorge), 352.
caril, 238, 279, 284, 285.
Carissa Carandas, 185, 191.
Caryophyllus aromaticus, 359-361, 368, 374, 375.
Carlos Magno, 319.
Carlos V, 371, 373. II. 238.
Carlos VIII, de França, 115, 116.
Carneiro (Padre Belchior). II. 149.
carpata, 285.
carpessio, 289-292.
Carquizano (Martin Iniguez de), 373.
carta de Affonso de Albuquerque a D. Manuel. II. 176; — de Felipe II, 128; — geographica. I. 228, 251.
Caryota, 232.
casa da India, 210, 320, 382. II. 72, 248, 258, 276, 279.
Cassia Fistula, 34, 179, 193-199; *C. lignea*, 201-204, 207-210, 216, 224, 226, 396.
cassoneira. II. 343.
Castanheda, 56.
castas. II. 342, 348.
Castella, 195, 362; El-rei de —, 361.
Castello Branco (D. Francisco de), 341.
Castro (Balthazar de), 218.
Castro (D. João de), 154, 190. II. 114, 340.
cate, peso da China, 113, 159, 165, 327, 328. II. 69-79.
Catechu. II. 76, 77.
Cathartocarpus Fistula, 197.
Cathayo, 271. II. 50, 64.
Catifa (El-Qatif). II. 119, 126.
Caucaso, 88. II. 246.
causónes. II. 134.
Caxem. II. 48.
cebar. *Vide* aloes.
celidonia, 279, 284.
cêrca de S. Domingos, em Goa. II. 169.
cetreiros ou falcoeiros, 29; medicamentos que usavam, 40.
Ceylão, 17, 51, 52, 56, 181, 186-189, 206, 210-216, 221, 222, 224, 230-233, 305, 309, 315, 324, 335. II. 50-52, 63, 125, 127, 181, 184, 199, 224-226, 385, 386, 388.
Chagatay (Khanato de), 89. II. 97.
Chaggi Memet (Hadj Mohammed), mercador. II. 278.
Chaldéa, 230, 231. II. 353, 356.
Champá. II. 62, 63.
Champanel (Champanír), 129.
champe, champa, champaka, 71, 73.
chanquo ou chank, II. 123, 131.
Charaka, 375. II. 149, 159.
Chatigam (Chittagong). II. 297.
Chaul, 100, 214, 326, 333. II. 9, 26, 28, 134.
Chauveau, vigario. II. 278.

Chavica officinarum. II. 251; *C. Roxburghii*, 251.
chego, peso, 130, 131.
Chelidonium majus, 283.
Chengiz-Khan, 89. II. 97.
Chevers (Dr. Norman), 300.
Chiammay. II. 42. 80.
Chilam (baixos de), 205, 215, 221. II. 232.
China, 58, 155–158, 166–170, 204, 214, 219, 222, 223, 226, 229–231, 260, 268, 270–272, 288, 353, 357. II. 64, 161, 162, 179, 259, 315, 367.
Chinacota, 222.
Chincheo (Chang-chau), 167. II. 50.
chins, 204, 206, 219, 221–223, 270, 364. II. 285.
Chitor, 256, 267. II. 374.
cholera, 272–276. II. 388.
chrisobalanus. II. 83.
christandade. II. 108, 120.
christãos. II. 108, 115, 125; —de Socotora. I. 37, 38.
chrysocolla, 281.
chumbo. II. 207.
cinabrio, 169.
Cinnamomum, 198, 202–211, 213, 215, 216, 224–230, 348; *C. Tamala*, 349, 350; *C. nitidum*, 349; *C. Camphora*, 166–168.
Cirenia (peninsula Cyrenaica), 104, 110.
cirifoles. II. 375, 376, 387.
Cissus vitiginea, 62.
Citrullus vulgaris. II. 144–146.
Clematis indica. II. 190.
Clusius, 41, 55, 62, 72, 88, 127, 140, 198, 253, 294, 341. II. 50, 65, 184, 191, 192.
cobras. II. 181–183, 187–191.
cobre, 129, 169, 206, 223.
Coccus lacca. II. 40, 41; *C. mannipa-rus*, 96; *C. nucifera*. I. 232, 244, 250.
Cochim, 159, 190, 205, 373. II. 10, 55, 127, 235, 254.
Cochinchina, 162, 165. II. 61, 62, 64, 129, 162.
coco, 235–252, 279, 310. II. 84.
codices arabicos, 40.
Coge Çofar, 280, 285.
Coje Perculim, 26, 38, 77.
Celebrooke. II. 149.
colerica passio, 261, 272, 280. II. 13.
Colles ou Kolis, 119, 128, 129.
Colocasia, 285; *C. indica*, 285; *C. antiquorum*, 285.
Colombo (Christovam). II. 10, 113, 115.
Colombo (porto de Ceylão), 231.
cominhan, 84, 104, 109, 115.
Commiphora Myrrha. II. 356.
Companhia de Jesus. II. 120.
Concam, 54, 121.
conde da Castanheyra. II. 258; — de Redondo (D. Francisco Coutinho). I. 14, 15. II. 382; —de Villa Nova. I. 341.
Congo, 247, 336.
Constantino de Bragança (D.), 15 II. 376, 384, 386.
Constantinopla, 39, 53.
Conti (Nicolo di), 249. II. 62, 209.
convento de S. Francisco, 199. II. 20.
Cooley (Desborough), 224, 229, 231.
copal duro. II. 44.
copra, 238, 239, 243, 245.
Coptis Teeta, 284.
coqueiro, 240, 244–249.
Coraçone. *Vide* Khorásán.
cordierite. II. 225.
Cordo (Valerio), 63, 176, 188, 191, 209. II. 56, 323.
Cordova (Gonçalo de). II. 115.
cornalina ou cornelina. II. 230.
Coromandel (Choromandel), 170, 221, 222, 244. II. 41, 182, 235, 282, 288.

côrte de Schâh Jehan. II. 187; — de Aureng Zeb, 187.
cortex cinnamomi, 225; —*cassia-lignea*, 226; —*margosæ*. II. 168.
cortimento de pelles. II. 154, 159.
coru. II. 17.
Coruña, 373.
coryndon. II. 223.
Cosmas Indicopleustes, 248, 368. II. 227, 289.
Costa (Christovão da), 67, 68, 72, 300. II. 298, 309.
costa do Abexim, 331; —da Abyssinia. II. 127; —da Arabia, 127; —de Arracán. I. 273; —da Malagueta, 188, 189; —de Malé, 53; —da Pescaria. II. 125, 127; —de Zanzibar. I. 57.
costo, 177, 244, 255-260, 267-269, 282. II. 79.
Cota, 231, 232.
Cotamaluco (Qutb el-Mulk), 121-123, 134, 135, 137, 305, 315, 326. II. 310.
Cotoneaster nummularia. II. 94.
Cottonara. II. 252.
Coulão, 220, 222, 375. II. 10, 253.
Coutinho (Vasco Fernandes), 317.
Couto (Diogo do), 40, 131, 222, 373.
Covarrubias (D. Sebastian), 247. II. 251.
Cranganor (El-rei de). II. 360.
Cratæva Marmelos. II. 386.
cravo, 97, 187, 201, 206, 223, 325, 347, 352, 361-384. II. 10, 88.
Crawfurd, 244, 335, 368. II. 62, 86, 129, 224.
Cremonense (Gerardo), 42, 76, 166, 176, 193, 198. II. 95, 301.
Crindle (Mac), 322.
crisocolla, 277, 281.
cristal de rocha. II. 197, 199, 209.
croco indiaco, 282, 283.
Cruz (Fr. Gaspar da), 221, 271.
crysoberyl ou cymophana. II. 230.
crysolitha. II. 221, 229; —oriental. 230.
Cubeba officinalis, 187, 287-293.
Cucumis Melo. II. 144.
Cucurbita Citrullus. II. 144.
Cueva (Luiz de). II. 238.
Cunha (Gerson da), 129. II. 109.
Çunha (Nuno da), 38, 286. II. 18, 89.
Cunha (Tristão da), 319.
curcas, 279, 280, 284, 285.
Curcuma, 281-284; *C. angustifolia*, 284; *C. longa*, 282, 284; *C. aromatica*. II. 368, 369; *C. Zedoaria*, 369.
curumbins. II. 342, 348.

D

Dabul, 214. II. 6, 7, 134, 154.
Daghestan, 87.
Dahlac. II. 127.
Damão. II. 69, 77.
Damarkand, 89.
Damasco, 39.
Darien. II. 113.
Datura, 295; *D. alba*, 300; *D. fastuosa*, 300.
daturina, 300.
dauco silvestre, 292.
Daugim (passo de). II. 169.
Daulutábád. II. 101, 204.
David, 106.
Deckan (Daquem), 98, 121, 133.
Dehli, 75, 87, 88, 119, 120, 127, 130, 131, 140, 256, 267. II. 294.
Della Valle, 54.
Derbend, 87.
deres. II. 342, 348.
Dhibat-el-Mahal, 53.
diamante. II. 195, 198, 206, 207, 209-212.
Dianthus caryophyllus, 367.
Diarbekr. II. 96.

Dictamus, 64.
Didjelah. II. 93, 97.
Dimocarpus Lichi. II. 162.
dinheiros. II. 291.
Dioscorides, 27, 62, 191. II. 44, 79.
Diu (Tiyu), 219, 286, 320. II. 89, 339.
Diul. II. 107, 112.
Djazirat al-Yacut. II. 224.
Djebel Zabbara. II. 227.
Djidda (Judá), 27, 39.
Djilolo, 364, 368, 369.
Djolfar. II. 126.
Dofar, 326, 335. II. 48, 355.
dorião, 297, 298, 301. II. 109, 161, 377, 378.
dormideiras. II. 174.
Dourado (Vaz), 251.
drago (sangue de), 40. II. 32, 34, 35, 39.
Drake, navegador, 63.
Dryobalanops aromatica, 163, 164, 166, 168.
dugong. II. 385, 386.
Du Halde (Padre), 270, 272.
dulce lignum, 224.
Dultabado. II. 392.
duque de Bragança, 372; —de Lorena. II. 66.
Durio zibethinus, 301.
Duzgun, 91.
Dyaks de Bornéo, 164.
Dymock (W.) 63, 91, 199. II. 20, 251, 325.
dynastia de Bahmany, 133; —Han, 375; —Ming, 112, 170; —Sung, 167; —Thang, 219.

E

Echites antidysentericum. II. 19.
eclypses, 361, 372.
Edrisi, 37, 55, 219. II. 227.
egreja de Nossa Senhora da Conceição. II. 347; —de Nossa Senhora da Misericordia, 347; —de Nossa Senhora da Piedade, 347; —de S. Miguel, 341, 347.
Egypto, 286. II. 178, 227, 326.
elæomel, 240.
El-Beckri, 89.
electarium de gemmis. II 131, 223.
Elephanta. II. 347.
elephantes, 217, 232, 303-304. II. 80; —branco. I. 305, 316.
elephantiasis, 60, 63.
Elephas indicus, 316; *E. sumatranus*, 316.
Elettaria Cardamomum, 186-189.
Eleusine Coracana. II. 78.
Elichpúra (Lispor), 134. II. 198, 210
Elliot (Walter). II. 19.
Elvas, 371.
Empoli (João de), 272.
Epiphanio (Santo). II. 208.
ermida da Piedade, na Povoa, 341.
ermida de S. Braz, em Goa, 299.
Erskine, historiador. II. 80.
escamonea, 34, 196.
Esclavonia, 293.
esmeraldas, 241. II. 196, 227-229.
espadana, 355, 356.
espinhela, rubi. II. 218.
espique, 268.
espiquenardo. II. 291-298.
espodio, 303. II. 301-308, 360, 361.
esquadra portugueza, de André Furtado de Mendonça, 252.
esquinanto, 356. II. 311-317.
Estatutos da Universidade de Coimbra de 1591. II. 103.
estipendio ao governador da India, 127; —ao physico mor, 127.
estoraque liquido, 107, 112.
Estrabão. II. 75.
estrada de Santa Luzia, em Goa, 299.

estreito de Magalhães, 370; —de Tanjampur. II. 211.
Ésula. II. 337.
Ethiopia, 305. II. 106, 112, 113.
Eugenia caryophyllata, 368; *E. jambolana*. II. 27; *E. malaccensis*, 27.
Eupatorio, 64.
Euphorbia. II. 337; *E. Tirucalli*, 343.
Euphrates, 219, 230. II. 93, 96, 97.
Evangelho de S. João, 41. II. 60.
Exodo, 227.
Ezequiel, 227–229.

F

Falcão (Aleixo Dias), 15.
Falcão (Figueiredo), 112, 276. II. 257,
Falcão (Luiz). II. 114.
falcoeiros ou cetreiros, 29, 40.
Falconer (Dr.) 268.
Faleiro (Ruy), 362, 370.
Fallopo (Gabriel). II. 116.
fanão, moeda, 93, 378.
farazes. II. 348.
farazola, peso, 93.
Faria (Antonio de). II. 129.
Faria (Dr. João de), 319.
Faria (Nicolau de), 319.
Faria e Sousa (Manuel de), 16.
Fars ou Farsistán, 89.
faufel, 334.
fava de Malaca, 65.
feitoria de Flandres, 382. II. 258.
Felici (Acacio). II. 55.
Felix jubata, 137.
Ferishta, historiador, 135.
Fernandes (Alvaro). II. 18.
Fernando II, de Napoles. II. 108, 115.
Ferreira (Fernandes), 40.
Ferreira (Miguel), 139.
ferro, 232.
Ferula alliacea, 90–92; *F. Asa-foetida*, 90; *F. Narthex*, 90.
feruzegi. II. 223, 228.
festucæ caryophylli, 374.
Ficus religiosa. II. 40.
figos da India, 329–339.
Firdusi, 114.
Flacourtia cataphracta. II. 27; *F. Jangomas*, 27.
Floyer (E. A.). II. 227.
Flückiger, 162. II. 168, 176.
Fo-kien, 167.
folio indo, 343–352. II. 393.
formigas que lavram o lacre. II. 30.
Forstera magellanica, 63.
fortaleza de Calicut. II. 187; —de Cananor, 11; —de S. João, de Ternate. I. 370.
Frade de S. Francisco, 337. II. 341.
frades, dominicos e franciscanos, 271.
fragmenta preciosa. II. 223.
Francisco I, 321, 381.
S. Francisco Xavier (Mestre Francisco). II. 120, 125, 346.
francos. II. 108.
frangues, 40. II. 107, 115, 273.
Franguístan. II. 107.
Fraxinus Ornus. II. 96.
Frederico II (Imperador), 68.
Freitas (Jordão de), 374.
fructus carpesiorum, 293.
Fu-chau, 167.
Fuchsio (Leonardo). II. 295, 379.
fules, 71, 73, 236, 246.
Fu-lin, 219.
Fumaria, 64.
fumus terræ, 62.

G

Galacia, 356.
galanga, 144–146, 149, 353–358. II. 315–317.
Galeno, 179, 227, 289–292, 359. II. 47, 144, 245.

Galilea. II. 313.
gallas, 229.
Galles (Ponta de), 221.
Gallus Lafayetti, 232.
Galvão (Antonio), 369. II. 252.
Gama (D. Estevão da). II. 124.
Gama (Vasco da), 53, 57, 249, 377. II. 111, 253, 403.
ganda, rhinoceronte, 310, 318. II. 75, 79.
Ganges (Guanga), 105. II. 292–297.
ganta, peso ou medida. II. 261.
Garcinia indica, 125; *G. mangostana*. II. 162.
Gardenia lucida. II. 355.
Gaspar Corrêa, 101, 131, 225, 245, 273–275, 299, 320. II. 11, 19, 80, 89, 187.
Gaspar de S. Bernardino (Fr.), 315.
Gaza (Theodoro). II. 327.
Genesis, 338.
gengibre. II. 5–11, 345.
geruda, 251, 253.
Ghates (Montes dos), 121, 132.
ghí, manteiga, 126, 148.
Gil Vicente. II. 103.
Gill (William). II. 278.
Giunti (Thomazo). II. 278.
Glanvilla (Fr. Bartholomeu de). II. 66.
Glycyrrhiza, 88.
Goa, 15, 100, 122, 139, 276, 333. II. 235, 385.
Gobi. II. 279.
Godavery. II. 210, 293.
Goes (Damião de), 314, 319.
Gogá. II. 294.
Golconda, 135, 315. II. 210.
golfo de Manaar. II. 125, 127, 131; — de Oman, 126; — Persico. I. 39, 218, 375. II. 126.
Gomes (Diogo), 188.
Gomes (Ruy), 139.
gomma da herva-babosa, 31.
Gonçalves (Jorge). II. 93, 98.
gongs, de Java, 379.
grãa ou kermes. II. 39, 45.
granada. II. 216, 226.
granum paradisi, 188.
Grão Cão do Cathay. II. 224.
Grão-Mogol, 130. II. 129.
Grão Turco, 124, 138. II. 39.
gravura em madeira, 270.
gregos, 37, 40, 229.
Guadalupe. II. 85, 89.
guaiacam, 179. II. 259–261, 270.
Guaiacum officinale. II. 270; *G. sanctum*, 270.
Guardafui, 228. II. 356.
gubera. II. 33, 43.
Guibourt, 55, 91, 269. II. 388.
Guiné, 203, 249, 336.
Guirmon. II. 359.
gundras, 245.
Guzerate, 128, 256. II. 140, 230.
gymnosophistas. II. 110, 112.

H

Haçan Gangú, 133.
Hadramaut, 335. II. 355.
Hadrar. II. 356.
Hai-nan, 357.
hakims, 39, 42. II. 146.
Halicore indicus. II. 385.
Haly Rodoam, 28, 43.
ham (khan), 120, 123, 136.
Hamadan, 134.
Hamza de Ispahan, 219.
Hanbury (Daniel), 112, 227, 357.
Hariz, 155.
Harun er-Raschid, 40, 55, 319.
haschisch, 99–101.
Haussknecht. II. 94.
Helleborus. II. 238.
Hemidesmus indicus. II. 192.
Henrique (Infante D.), 217.

Henrique III, de Inglaterra, 319.
Henrique (Padre), da Companhia de Jesus. II. 385.
Herat, 91. II. 95.
herba sentiens. II. 21.
herva de besteiros. II. 238.
Herbelot (D'), 100, 230.
Hermano (Wolferio), 252.
Hermanno. II. 191.
Hermolao Barbaro. II. 295, 299.
Herodoto, 100, 227.
Herpestes Mungo. II. 188; *H. griseus*, 188.
Herrera (Antonio), 371.
herva-babosa, 25; —cidreira, 62.
Hespanha, 38, 90.
Himalaya, 64, 268.
hing (ingu), asa-fœtida, 75, 86, 90.
Hippocrates, 42.
hippopotamo. II. 80.
Hirah, 219.
Hirth (F.), 219.
Hitaspis (batalha de), 317.
Holarrhena. II. 89; *H. antidysenterica*, 19.
hollandezes, 383.
Hooker. II. 190.
Hormuz, 39, 71, 88, 107, 111, 219, 220, 228. II. 38, 94, 114, 178.
hospital de aves. II. 105, 112.
Huçein. II. 141, 147.
Huen Thsang. II. 224.
Humboldt, 341.
Hungria, 260, 271.
Hutten (Ulrich von). II. 271.
Hyoscyamus, 100.

I

Ibn-al-Baitâr, 283. II. 230.
Ibn Batuta, 53, 164, 220. II. 63, 225.
Ibn Khurdádbah, 163, 358, 375.
ichneumon. II. 188.
Iconium, 41.
Idalcam (Hidalcão), 121, 133.
ilha do Almirante, 251; —Angediva, 46, 53, 121, 249; —Aynam ou Hai-nan, 170. II. 129 396; —de Bahreïn, 126, 129; —de Banda. I. 365, 370, 375. II. 81, 82, 86-88; —do Cabo Verde. I. 372; —das Cabras. II. 236; —Chandana, 289; —de Chypre. I. 338; —Comoro, 46, 52. II. 6; —do Corpo Santo. I. 251; —de Delft. II. 236; —de Divar. I. 100, 246; —de Engoxa, 46; —Española, 199. II. 113, 115; —Formosa. I. 166; —de Jeru (Jerun ou Gerun), 220; —Kamaran. II. 127; —dos Ladrones. I. 248; —de Mahé, 251; —Manaar, 221. II. 129, 132, 376, 385; —de Mascarenhas. I. 251; —de Mindanáo. II. 396; —Polluoys. I. 252; —de Pori ou do Elephante. II. 341, 347; —Praslin. I. 251; —de Rameseram, 221. II. 125; —de Repelim. I. 205, 223, 231; —da Reunião, 383; —do Sal, 372; —de Santa Cruz. II. 385; —de Santo Antão. I. 372; —de S. Domingos, 194; —de S. Lourenço, 203, 218. II. 6; —de S. Thomé. I. 217, 233, 337; —Seychelles ou dos Sete Irmãos, 251; —Ternate, 362, 369, 370; —Tidore, 369; —Timor, 251. II. 283, 285, 289; —dos Tres Irmãos. I. 251; —das Vaccas, 232. II. 232, 235, 236, 383.
Imad Scháh. II. 210.
Imam de Mascate. II. 127.
Imperatoria Ostruthium, 93.
imperio do Maharadja, 187.
imperio ottomano. II. 98.
impostos, 74, 128, 246, 247.
incenso, 113, 269, 282, 335. II. 48 351-357.

India, 38, 53, 162, 170, 182, 194, 222, 249, 269, 272. II. 49, 51, 106, 107, 112, 259, 282.
Indias (Companhia das), 57.
Indo (Rio). II. 107, 112.
Indo-China, 230, 316, 323. II. 41, 61.
inhames, 280, 285.
iolite. II. 225.
Ipomœa Turpethum. II. 344.
Iravaddi (Delta do), 324. II. 42, 225.
Isaac do Cairo. II. 85, 89, 204.
Ismael Adil Scháh, 89, 124, 134, 138.
Ispahan, 88.
Italia, 321, 333. II. 115.
italianos, 31.
Izidoro (Santo). II. 206, 245.

J

jaca. II. 23–27, 397.
jacinthos. II. 208, 216, 226.
Jacquemont (Victor), 268.
Jafnapattam, 15. II. 185.
jagra, 236, 238, 246.
jalapa. II. 345.
jambolões. II. 24, 27.
jambos. II. 25, 27.
jangomas. II. 25–27.
Japão, 166–169. II. 77, 259.
jaqueira, 340. II. 26.
jarras martavans. II. 270, 273.
Jasminum Sambac, 73.
Java, 109, 114, 190, 288, 292, 356, 375. II. 283.
Jeronymo di Santo Stephano, 249.
Jerusalem, 331. II. 313.
Joãnes Jacobi. II. 67.
João II (D.), 352.
João III (D.), 217, 371–373. II. 89, 124, 235.
jogues. II. 112, 182, 186, 400.
Johannes de Monte Regio, 372.
Jones (Sir William), 349. II. 149, 189.
Jordão (Fr.), 245, 248. II. 49.
Jorge de Santa Luzia (D. Fr.), 276.
Jorge Themudo (Fr.), 276.
Judéa, 41, 110. II. 313.
jujubas, 118, 126.
Julfar. II. 119, 126.
junça. II. 7.
juncos da China, 205, 218–223, 230.
junco aromatico. II. 315; —odorato, 313; —redondo, 313.
Juner (cidade de). II. 399.

K

Kabul. II. 158.
Kachmira, 268, 269.
Kämpfer, 91, 112. II. 237, 388.
Kandahar. 88, 91, 92. II. 94, 95.
Kándésh, 135.
Kashgaria. II. 279.
Kathiawar. II. 18, 294.
Kayal (Çael), 125. II. 128.
Kerman (Guirmon), 361.
kermes. II. 39, 40.
Khán, 136.
Khorásán, 87. II. 383.
Kiachta. II. 279.
Kiang-mai ou Xiang-mai ou Jamay. II. 29, 42.
Kiang-si, 167.
Kipchak (Khanato de), 89. II. 97.
Kircher (Padre). II. 278.
Kiruan, 75, 87.
Kishna. II. 210.
Kordofan. II. 325.
Krishna, 73.
Kurdistan. II. 96.
Kyat-piyu (Capelam). II. 225.

L

Lacadivas, 244.
lacca. II. 29, 33, 39–45.
lacre. II. 29–45.

Lagondium vulgare. II. 165; *L. littorale*, 165.
Laguna (André), 38, 178, 237, 351. II. 248, 259, 379.
Landino, 190.
Laos. II. 42.
lapis lazuli. II. 203, 213.
laqueca ou alaqueca. II. 221, 230.
Lar (Provincia de). II. 237.
Laredo (Fr. Bernardino de), 352. II. 66.
Laristan, 91.
laserpitium, 75-86, 92.
Lassen, 340.
Laurus, 349; *L. Camphora*, 166.
leis chinas, 260, 271.
Lemos (Fernão Gomes de), 139, 317.
Leoniceno (Nicolau), 150, 293. II. 116.
liamba ou riamba, 101.
Liberia, 188.
lignum aloes, 41, 162, 206, 328. II. 47-67; — *sanctum*. II. 271; — *vitæ*. I. 339. II. 271.
Lima (D. Fernando de). II. 19.
Lima (D. João de), 317.
Ligustrum. II. 190.
Limadura. II. 230.
limonata smaragdorum. II. 228.
linho alcanave, 95-98.
Linschoten, 67, 247, 300. II. 79, 227, 273, 309.
Liquidambar altingiana, 113; *L. orientalis*, 112.
Lisboa, 238, 253, 259. II. 65, 238.
Lisboa (Dr.), 73, 149. II. 387.
Littré, 359. II. 236.
Loaysa (Fr. Garcia de), 373.
loc ou looch. II. 45.
Lodoicea Seychellarum, 251.
Lopes (Duarte), 247, 337.
louça da India, 170.
Loureiro (Padre). 284, 367. II. 61.
Luang-prabang. II. 42.
Luiz (S.), rei de França, 319.
Lycia. II. 71-79.
lycio. II. 71-79.

M

Macassar, 282. II. 283.
maça, da noz muscada, 97, 206, 223, 345, 352, 365. II. 81-89.
maçans d'anafega, 117, 118, 126.
maceira. II. 30.
macer. II. 88.
Maçudi, 37, 55, 187, 337. II. 114.
Madagascar, 218, 351.
Madrasta. II. 235.
Madremaluco (Imad êl-Mulk), 121-123, 134, 138.
madreperola. II. 123, 132, 229.
Magadaxo. II. 353, 356.
Magalhães (Fernando de), 370.
Magalhães (Jorge Vaz de). II. 385.
Maghreb ou Maghrib, 89.
Magno (Alberto). II. 206, 207.
Mahmud Schâh II, 133.
Mahommed Bahmany, 133.
Makhzan-el-Adwiya, livro arabe, 113. II. 317.
Malabar, 53, 169, 211, 219-221, 243, 313, 332, 350. II. 99, 252, 393.
malabathrum, 347, 349, 350.
Malaca, 107, 111, 169, 214, 220, 298, 317, 377. II. 178, 285, 382, 388.
malagueta, 178-189.
Maldivas, 46, 51-53, 236-252, 326.
Maljaz (pagode de). II. 341.
Malum cydonium. II. 387.
Malupa. II. 147.
Malwá, 268. II. 178.
Mambré (Michele). II. 278.
Manapá (Manahpaud). II. 125.
Manardo (João), 199.
manatus, peixe mulher. II. 386.
manchuas. II. 255.
Mandalay. II. 225.

Mandeslo (João Alberto de), 130.
Mandou, 256, 267, 268. II. 178, 294, 298.
manga. II. 99-104, 109; —brava, 337, 343.
mangelim, peso. II. 196.
Mangifera indica. II. 109.
mangustão. II. 161, 162, 377, 378.
mangues, 228.
manná, 77, 113, 179. II. 40, 91-96.
Manorá. II. 69, 77, 340.
Manuel (El-rei D.), 38, 268, 318-321. II. 10, 41, 79, 127, 176, 229, 253, 256.
mão, peso, 169. II. 178, 195, 330.
Maquien (Makian), 369.
Maranta Galanga, 357.
Marco Polo, 55, 164, 167, 169, 271. II. 42, 277.
marfim, 303, 306, 316. II. 378-380.
margarita. *Vide* perolas.
margosa. II. 168.
Marignolli (Fr. João de), 249, 338. II. 27.
marmelos de Bengala. II. 375-377, 385-387.
marquez de Villa Real, 15.
mar Caspio, 87; —Mediterraneo, 39, 231; —Roxo. II. 173; —Vermelho. I. 39, 231, 375. II. 127.
Martaban, 107, 115, 316. II. 41.
Martin (Andrés de S.), 372.
Mascarenhas (D. Francisco). II. 18.
Mascarenhas (D. João). II. 340.
Mascarenhas (D. Pedro de), 190, 299.
Mascate, 356. II. 311, 315, 317.
matical, peso, 165.
Matthioli, 62, 188, 234, 294, 314. II. 234, 278.
Maundeville (Sir John). II. 224.
Mauro (Fra), 18.
Mawarunnahar. II. 95.
Mecca, 169. II. 10, 53, 315, 317, 393.
Mecia Dandrade (D.). II. 229.
Megasthenes, 314, 321, 322.
Mekong. II. 42.
melancias. II. 144-146, 381.
Meleagrina margaritifera II. 125.
Melia Azadirachta. II. 168; *M. indica*, 168.
Melinde, 57, 305, 315. II. 49, 52, 111.
melique, 123, 136.
Melissa officinalis, 64.
Mello (Martim Affonso de), 131, 272.
melões. II. 144.
memiran, 279, 281, 283.
Memphis. II. 323, 326.
Menam. II. 42.
Mendonça (André Furtado de), 250, 252.
Menezes (D. Christovão de). II. 18.
Menezes (D. Duarte de), 139.
Menezes (D. Manuel Tello de). II. 16, 18.
Menezes (D. Tristão de), 370, 379.
Mesopotamia, 219, 376. II. 97.
Mesué, 39, 240, 294, 367. II. 333, 345.
Mewár, 268.
mex. II. 143, 150.
Michele (Michele San). II. 378.
Michelia Champaca, 73.
Mindanáo. II. 128.
Minjak. II. 278.
Miranda (Simão de), 316.
Mirkond. II. 114.
Mir Mohammed. II. 95.
Mir Mohammed Hussein. II. 64.
missionarios, no Thibet. II. 278.
mithridato, 60-64.
moalis (schiitas), 326, 335. II. 392.
Moçambique, 217, 249, 251.
Mogok. II. 225.
mogores, 120, 130. II. 92, 97.
mogory, 69, 73.
Mohammed (Hadj), 89.
Molucas (Maluco), 361-370, 373, 383
Mombaça. II. 111

Mombaim (Bombaim), 326, 335.
Monardes (Nicolau), 198. II. 206, 237, 271, 405.
monções, 52. II. 100.
Monpacer (pagode de). II. 347.
Monte Corvino (Fr. João de), 230, 248.
Moraes (Gaspar de). II. 208.
Moringa aptera. II. 157.
Mormugão (rio de). II. 385.
morphina. II. 179.
morxi, 261, 264, 266, 275.
Moscovia. II. 259.
Moutel (Mortir), 369.
Moysés, 227. II. 273.
mumia, 40, 41.
mungo. II. 139-143, 150.
Munster (Sebastião), 18.
Musa (Antonio), 351, 355. II. 56, 116.
Musa sapientum, 335, 337; *M. paradisiaca*, 336.
muscadeiras. II. 87.
mussulmanos. II. 115.
Muzaffar Schâh, 320. II. 79.
Myrepso (Nicolau), 358.
Myristica fragrans. II. 86; *M. officinalis*, 86; *M. moschata*, 86.
myrobalanos. II. 151-160.
myrrha, 28, 31, 41, 107. II. 31, 60, 352, 356.
Myrtus silvestris, 289, 290, 293.
Mysore, 189, 226. II. 289.

N

nachani, naxenim. II. 71, 78.
Nagapattanam (Negapatam). II. 182.
nàique, capitão, 135.
naires, 326, 334.
Naja tripudians. II. 187.
Napoles. II. 115.
nardo, 177, 345-347.
Nardostachys Jatamansi. II. 298.
Narsinga, 136. II. 41, 210.
Narthex Asa-fœtida, 90.
nau Algaravia, 276; —Assumpção, 276; —Chagas. II. 257; —Trindade. I. 373; —Victoria, 371.
Nebrija (Antonio de), 65, 68.
Nebuchadnezzar. II. 98.
Nectandra cinnamomoides, 226.
Nees von Esenbeck, 224.
negundo. II. 163.
Nepaul, 349, 350.
Nephelium Litchi. II. 162.
Nerium antidysentericum. II. 19.
ngai, especie de canfora, 168.
Nicodemo. II. 60.
Nicolau Antonio, 352.
Niebuhr, 39. II. 96.
Nieuhof, 72.
Nigela citrina, 178.
Nikitin (Athanasio), 148.
Nilo, 229.
nimbo. II. 167.
Nipa fruticans. II. 105.
Nirukta. II. 289.
Nischapur (Nixâbur). II. 228.
Nizamaluco (Nizam el-Mulk), 26, 121-124, 133, 134, 137. II. 75, 141, 309; filhos de —. I. 300.
Noronha (D. Affonso de). II. 307, 310.
Noronha (D. Garcia de), 134, 190.
noz muscada, 97, 187, 223, 359, 365. II. 15, 16, 81-89; —da India, coco. I. 235, 244-249; —de ben ou *glans unguentaria*. II. 157.
Nunes (Antonio), 379. II. 160.
Nunez (Agostinho). II. 376.
Nunez (Leonardo). II. 376.
Nyctanthes Arbor tristis, 72.

O

Odorico de Pordenone (Fr.), 190, 220.
oleo de linhaça, 98.

oleum cinnamomi radicis, 227.
olho de gato. II. 222, 230, 398.
olivastro de Rodas. II. 56.
Oliver. II. 354.
Oman (costa de), 220, 228, 335.
Ophiorrhiza Mungos. II. 189.
Ophioxylon serpentinum. II. 190.
Ophir. II. 289.
opio, 95, 100. II. 14-16, 171, 175-179.
opium thebaicum. II. 178.
opus cyrenaicum, 85, 110.
Orissa, 315.
Orixá. II. 293.
Ormuz. *Vide* Hormuz.
orraca, 236, 246.
Orta (Garcia da), 38, 119, 127. II. 310, 348; indicações para a sua biographia, 28; viagem á Ilha das Vaccas, 235; quando saíu de Portugal, 342.
Ortelius, 18.
ostras. II. 132.
Otranto, 285.
ourivesaria, 281.
ouro, 223, 232.
Ouseley (William), 230.
Ovidio, 71.
Oviedo (Gonçalo de), 199, 247. II. 113, 116, 271.
Oxalis sensitiva. II. 21.
Oxus, 88. II. 225.

P

Pacem, 153, 164.
Pacheco (Duarte), 188.
Pachyma Cocos. II. 272.
Pacifico, 370.
Padre Ignacio (Santo Ignacio de Loyola). II. 120.
pagodes. II. 346-348.
Paizes Baixos, 140.
Paleacate (Pulicat). II. 235.
Palestina, 34. II. 150.
palha da Meca. II. 311.
Palk (bahia de), 232.
palmeira, 232, 235-237, 241, 249.
palmitos, 240, 245.
Paludano (Dr.), 68, 351.
Pam (Pahang, Páang). II. 382.
panditos. II. 148.
Pangim. II. 389.
Panipát (batalha de). II. 80.
Panjáb, 130.
Pantaleão de Aveiro (Fr.), 338.
Papa Leão X, 319, 321.
Papa Paulo IV, 210, 276. II. 299.
Papaver somniferum. II. 175.
Paranda, 122.
paravá. II. 125.
pardáo, moeda, 127, 195, 380. II. 45.
parizataco, 70-72.
paros (paráo), barcos, 205.
parvu. II. 342, 348.
parteiras, 354.
Parthia, 112.
Partibus (Jacob de), 33.
parsis. II. 342, 348.
pashtu, 131.
Passo-Secco, 299.
patane, 131.
Patane. II. 79.
patecas ou melões da India. II. 133-136, 144-146, 381.
pau de aguila. II. 60; —de cobra. I. 241. II. 181, 185-188; —de contra herva. I. 266.
Paula de Andrade, 299.
pavão. II. 398.
pecegos. II. 249, 258.
pedra armenia. II. 203, 212; —bezoar. I. 241, 266, 276. II. 231-238, 382-384, 388, 397; —de cevar ou iman, 195, 202-205, 213; —do fel de porco, 382; —hume. I. 223; —de Malaca. II. 239, 388, 398; —sanguinha. I. 40.

Pedro Martyr. II. 357.
Pegolotti, 375. II. 160, 256.
Pegú, 312, 316, 324. II. 41.
Pe-king, 271.
Penha (Garcia de la). II. 114.
Pereira (Diogo), 52, 57, 314.
Pereira (Jonatham), 187, 188.
Periploca indica. II. 192.
perolas, 170. II. 119-132, 195.
Persépolis. II. 98.
Persia, 77, 88, 229.
Peru, 340. II. 201.
Peshawár, 131.
Pessoa (Balthazar), 139.
Peucedanum, 93.
Phaseolus Mungo. II. 150; *P. Max*, 150.
Phenicia, 229.
phenicios. II. 354.
Philippinas, 370.
Phillips, 167.
Phœnix dactylifera, 232. II. 325.
Phyllanthus Emblica. II. 158.
Physeter macrocephalus, 54.
Pic de la Mirandole. II. 353, 356.
Pictet (A.). II. 176.
Piddington, 72.
Pigafetta (Antonio), 247, 337. II. 273.
pilulas de Rasis, 31; —de Rufo, 31.
pimenta, 206, 265, 268, 287-289, 365, 379. II. 241-258.
Pina (João de), 321.
Pinto (Fernão Mendes), 170. II. 42, 80, 129.
Pinzon (Vicente Yanes). II. 357.
Piper Betle. II. 402; *P. Clusii*, 253; *P. Cubeba*. I. 292; *P. longum*. II. 251; *P. nigrum*, 250; *P. officinalis*, 251; *P. trioicum*, 252.
Pires (Sancho). II. 306, 309.
Pires (Thomé), 38, 41. II. 127-129, 160, 177, 278, 326.
pityusa. II. 335, 345.
Planchon. II. 62.
Platearius (Mattheus), 30.
Platina, 32.
Plinio, 38, 41, 190, 318, 340, 359. II. 188, 206, 244.
Plutarcho. II. 113.
polipodio. II. 18.
Poll (Nicoláo). II. 271.
Polonia, 271.
Polycrates de Samos. II. 226.
Pomet, 351. II. 62.
pompholix. II. 307, 360.
Pondichéry, 275.
Ponto Euxino. II. 277.
porcelana, 170, 223. II. 221. 229.
Poro, 317.
prata, 169, 232.
Prjevalsky. II. 278.
Prospero Alpino, 285. II. 178.
Pterocarpus santalinus. II. 288.
Pterygium costatum, 163.
Ptolomeo, 228, 229.
pucho, 267. II. 70.
Pulegium, 64.
Pyrard de Laval (Francisco), 53, 252, 300. II. 273.
Pythagoras, 79. II. 110, 112.

Q

quartzo. II. 209, 229.
Quedá. II. 255.
Quercus Vallonea. II. 95; *Q. Persica*, 95.
Quevedo, 250.
Quindur. II. 101.
quintaladas. II. 257.
Quito, 226.

R

Rabello (Diogo), 221.
radix mustelæ. II. 191.
rainha Candace, 233; —de Coulão, II. 255.

raiz angelica, 267; —da China. II. 259-272, 381; —de mongo, 191.
rájá, 135; —de Bijayanagar, 136.
Rájputana, 128.
Rama, 221.
Ramusio, 89, 337, 351. II. 129, 278.
Rasis, Rhazes (Abu Bekr ben Zakaria er-Rasi), 39, 276. II. 43, 147, 159.
Ratnadvipa. II. 224.
ratti, peso, 130, 175, 196.
Rauwolfia serpentina. II. 189, 190.
Ravensara aromatica, 218.
Rawlinson (Henry), 230.
Regimento do hospital real da cidade de Goa. II. 18.
rei de Cranganor. II. 361; —de Hormuz. I. 319; —de Porcá. II. 254; —de Xael, 19.
Reino da Pimenta. II. 254.
reisbutos (Rajpúts), 119, 128.
reis christãos, em Goa (Tabarija, de Tanor, das Maldivas, de Ternate), 374; —de Pegu, 324.
renda da especiaria. II. 160.
rendas do estado, 74, 100, 246, 403.
rendeiro de Bombaim. II. 25.
Rezende (Garcia de), 270. II. 349, 399.
Rhamnus. II. 78.
Rhede van Drakenstein, 244. II. 191, 255.
Rheum officinale. II. 277.
rhinoceronte, 310, 318. II. 75, 79.
Rhinoceros indicus. II. 79; *R. sondaicus*, 79.
rhuibarbo, 28, 34, 83, 157, 179. II. 275-279, 367.
Ribeiro (João), 323. II. 127, 188, 230, 236.
Ritter, 248, 340.
roçamalha, 109, 112.
Rodolpho II (imperador), 252.
Rodrigues (Balthazar). II. 384.
Rodrigues (João), 233.
Roma, 32, 318. II. 388.
romeos, 32.
Rondot, 168.
Rontecalli (D. Fr. Antonio de). II. 299.
Rosa Damascena. II. 405; —de Gericó. I. 59, 62; —persica. II. 401, 405.
rosalgar. II. 76.
Roumea jangomas. II. 27.
Roxburgh, 72. II. 165.
Royle (Dr.), 62, 267. II. 79.
Ruano, 19, 21.
rubi. II. 195, 217-225; —balax, 225; —espinela, 225.
Ruelio (Jean de La Ruelle), 63, 85, 191.
ruiva. II. 45.
Rumes, 32, 40.
Rúm ou Rúmestan, 41.
Rumphius, 166, 198, 250-252, 339, 374. II. 191.
Ruscus, 293.
Russia, 271. II. 279.

S

Sabayo, 133, 137.
Sabéa, 231.
Salerno (Fabricio Mordente de), 72. II. 325.
Salomão, 106. II. 289.
Salsette. II. 340, 346.
Saluen. II. 42.
Samarkanda, 89, 91. II. 97, 279.
sambucos (sambacos), 365.
sandalo, 70, 142, 187, 206, 223. II. 64, 281-290; —vermelho. I. 325. II. 73.
sandias. II. 381.
Santa Cruz (Vera Cruz). II. 288.
Santalum album. II. 64, 289.

Santo Agostinho. II. 399.
Santos (Fr. João dos), 314, 315.
sapphira. II. 215, 223; —de agua, 200, 202, 215, 225; —oriental, 225.
Saragoça, 373.
sardonix. II. 216, 223, 226.
sarsaparilhas. II. 272.
Saumaise. II. 244.
Saussurea Lappa, 267, 268.
Savonarola (Miguel). II. 66.
Scaligero, 41, 87, 165, 166, 224. II. 31, 317.
scammonea. II. 345.
scháh, 124, 137; —da Persia, 89. II. 127, 239; —Rock. I. 73.
Schans (Terra dos). II. 42.
Schat el-Arab. II. 96.
Scheik el Djibal, Velho da Montanha, 101.
Scher Khan (Scher Schah), 131.
Schirwân, 87.
Schmauss (Leonardo). II. 116, 271.
Schwanbeck (Dr.), 322.
Scirpus Kysoor, 149.
Scorodosma foetida, 90.
Scythas, 100, 260, 271.
Scythia. II. 208.
Seda, 159, 170, 206, 223.
Seldjukidas (Turcos), 41.
Semecarpus Anacardium, 67.
Seneca. II. 113.
Sepulveda (Fernando de), 94, 196, 199. II. 286, 296.
Sequeira (Diogo Lopes de), 218. II. 41, 255.
Serapio, 55, 149, 166. II. 33.
sereias, II. 386.
Serra (Correia da). II. 387.
Serra da Pimenta. II. 254.
Serrão (Francisco), 370.
Servius. II. 112.
Shan-si. II. 278.
Sheibáni Khan. II. 97.
Shen-si. II. 278.
Shen-nung Pen Ts'ao king, *Materia medica* do imperador Shen-nung, 231.
Sião, 114, 165, 316. II. 42, 63.
Siculo (Lucio Marineo). II. 89.
Sikait. II. 227.
Silhet, 349. II. 61.
Silveira (Gonçalo da), 218.
Silvestre (Vida de S.) 32.
Sinai. II. 96.
Sinf. II. 63, 64.
Sinforiano (Symphorien Champier) II. 66.
singhalezes, 232, 244.
Siqueira (Pero Vaz de), 276.
Siraf, 219.
Sison, 148. II. 14.
Síva, 233. II. 347, 387.
Smilax China. II. 271, 381; *S. ferox*, 271.
Soar (Soer), 220, 335.
Soares (Fernão). II. 256.
Soares (Lopo), 39.
Sociedade Linneana de Londres, 357.
Socotora, 37, 55.
Sofala, 51, 203, 305, 315. II. 52.
Solapor, 122.
Soleyman, escriptor arabico, 221.
Soliman Pachá, 286.
Soliman II. II. 98.
Solino. II. 113.
somalis, 229. II. 355.
Sonnerat, 218, 275. II. 148.
Sophi, 124, 138.
Sorbus domestica. II. 43.
Sousa. II. 149.
Sousa (Francisco de), 276.
Sousa (Fr. João de). II. 89, 145.
Sousa (Fr. Luiz de), 250. II. 258.
Sousa (Manuel de), 101.
Sousa (Martim Affonso de), 15, 32, 97, 130, 205, 231. II. 18, 125, 140, 235, 260, 330, 348.

Sousa (Ruy de), 218.
Sphagnum, 63.
spinela. II. 225.
Spondias mangifera, 94. II. 343.
Sprengel, 63, 223, 248, 294, 349. II. 36, 60, 79, 335.
Stewart. II. 95.
Stigmarosa jangomas. II. 27.
Streeter. II. 210, 224, 230.
Strombus. II. 132.
Strychnos colubrina. II. 191; *S. minor*, 192.
Styrax Benzoin, 115.
succino, ambar amarello. II. 43.
Succuir (Suchau, Sukchur). II. 277.
sudras. II. 139, 147.
Suez, 39.
Suimo (serra do). II. 226.
sultão de Babylonia, 285; —de Cambaya, 111.
Sulu ou Suluk (Solor). II. 128.
Sumatra, 17, 114, 156, 233, 251, 316. II. 29, 52, 62.
Sumba. II. 289.
Sunda, 153, 289, 292.
sura, 236, 246.
Surate, 268. II. 294.
Susrúta, 272. II. 149, 159.
Sylvaticus (Mattheus), 259. II. 246, 293, 396.
syphilis. II. 107, 115, 259, 272, 397.
Syria, 293, 341, 376. II. 294, 299, 325.
systema Vaidak. II. 146; —Yunáni, 146.
Sz-chuen. II. 278.

T

Tabarija, 373, 374.
tabaschir. II. 38, 302-308.
Tali-fu (lago de). II. 42.
Tamara (Francisco de), 233. II. 201.
tamaras. II. 322, 325.
tamargueira. II. 96.
tamarindo. II. 319-326.
Tamarindus indica. II. 325.
Tamarix, 64; *T. gallica*. II. 96.
Tanjampur (estreito de). II. 211.
Taprobana, 17, 233.
Tapti, 135.
taras, peso. II. 196.
tarifas de Marselha, 375; —de Barcelona, 375.
Tartaria, 77, 271. II. 97.
Tartaros, 120, 271; —Uzbeks, 89.
tartaruga. II. 124.
Tavernier (João Baptista), 316. II. 112, 127, 209, 236.
Teixeira (Pedro), 57, 89, 91, 220. II. 97, 158, 213, 228, 236, 361, 397.
templo de Somnath. II. 290.
Tenasserim. II. 61, 255, 285, 289.
Tennent (Emerson), 230. II. 236.
Tenreyro (Antonio), 111, 139. II. 114, 126.
Terencio, 191.
Terminalia Chebula. II. 157; *T. belerica*, 158; *T. citrina*, 158.
terra armenia. II. 212; —japonica, 77; —de Lemnos, 212; —merita. I. 282; —sigillata, 241. II. 212.
Thalictrum foliosum, 284.
thalisafar (talisfar), 352.
Thamasp Scháh (Xatamaz), 124, 138. II. 98.
Thapsia garganica, 92.
Thebaida. II. 178.
Themistio, 191.
Theobald (W.). II. 40, 42.
Theophrasto, 191, 248, 293, 339. II. 110, 229, 252, 327.
Thibet, 170, 282. II. 42, 114.
thugs, 300.
Thumbadra. II. 210.
tigres, 116, 156.
Tigris (rio). II. 93, 96, 97.
tincal, tincar, 268, 277, 281.
Tinnevelly. II. 125.

Tipura, 323.
tolla, peso. II. 175.
Tombo do Estado da India, 128, 135, 380.
tones, barcos. II. 255.
Tong-king. II. 42.
topazio. II. 200, 202, 224.
toques. II. 218.
Toro. II. 48, 96.
Toscano (Simão), II. 101, 109.
transmigração. II. 105, 111.
Transoxiana, 89. II. 95.
Tratado de Tordesillas, 371.
Travancore, 189, 226. II. 255, 289.
Trebisonda, 39.
Tremelle (pagode de). II. 235.
triaga, 61, 63, 241, 265, 276. II. 404.
trigo. II. 139.
trindade hindu. II. 387.
Tripoli, 39, 375. II. 140
tripolio. II. 345.
Trogoldita. II. 7.
Turbinella pyrum. II. 131; *T. rapa*, 131.
turbit. II. 327-339, 344-346.
Turcomanos. II. 272.
turcos, 32, 40.
Turkestan, 88. II. 94, 279.
turqueza. II. 220, 228.
tutia. II. 301, 307, 359-361.
Tutikorin. II. 125.
Tyro, 229.

U

ud, 109, 115.
Udipúra, 268. II. 178.
unicornio, 265. II. 75, 233.
unio. II. 125.
uperção. II. 193.
uplot, 267, 268.
Ur, 230. II. 297.
Uruk (rei), 230.
Uzbek Khan. II. 97.
Uzbeque, 77, 88. II. 92, 94, 97.

V

Vaidak Hindu. II. 149.
Valle (Pietro della). II. 98, 112.
valores monetarios, 376-378.
Varthema (Luiz), 106, 111. II. 27, 403.
Vateria indica. II. 355.
Vaz (Miguel). II. 124.
Vedas. II. 188, 289.
Vega (convento de S. Francisco da cidade da), 195, 199.
Vega (Garcilaso de la), 226.
Veiga (Thomaz Rodrigues da) 15. II. 234, 384.
Veneza, 27, 178, 199, 271, 351.
Venezaras, 119, 129.
Verbali. II. 283.
vermelhão, 169.
versões arabicas, latinas e syriacas, 40, 42.
Vesalio (André). II. 272
Vicente de Burgos (Fr.). II. 66.
Vicente Maria (Padre), 338. II. 111.
Vidara, 126.
vidyas ou vityas. II. 146-149.
vihára. II. 346.
Vincent (Dr.), 227, 351.
Vindhya, 268. II. 178.
violas, 62, 64.
Visapor, 122.
Vishnu, 54. II. 132.
Vitex, 291-293; *V. Negundo*. II. 165; *V. trifolia*, 165.
Viverra. II. 188.
Volga. II. 277.
Vulgata, 338.

W

Wadding (Fr. Lucas), 352.
Wallace, 301. II. 87.
Wallich (Dr.), 126.
Wan-ti (imperador), 270.

Waring (Dr.). II. 165.
Wedel de Iena. II. 77.
Wellstead, 38.
Wight, 300.
Wilson. II. 149, 309.
Wrightia antidysenterica. II. 19.
W. tinctoria, 20.

X

xadrez, 125, 139.
Xael (Xaer), 335. II. 16, 48.
xaráo (xarave, xarope), 246.
Xarnauz (Sornau, Shahr-i-náo), 114.
Xeque, 124, 136.
xerafim. II. 128.

Y

Yarkand, 99. II. 279.
Yemen. II. 325.
yoga. II. 186.
Yule (Henry), 111, 129, 165, 167, 223, 275, 380. II. 26, 63, 78.
Yun-nan. II. 42.
Yusuf Adil Khán, 133, 137.

Z

Zaidam. II. 278.
Zanzibar, 56, 383. II. 49, 112.
zargatoa. II. 14.
Zaytún, 166, 167.
zedoaria. II. 363–369.
Zegir, 215.
Zendj, 56, 336.
Zerumbet. II. 363–369.
Zingiber officinale. II. 9.
zingis, 51, 56, 215.
Zizyphus jujuba, 126. II. 40; *Z. vulgaris*. I. 126.
Zuarí (rio). II. 385.
Zumaco, 213, 226.

LANE MEDICAL LIBRARY

This book should be returned on or before
the date last stamped below.

10M—4-49—63290

LANE MEDICAL LIBRARY
STANFORD UNIVERSITY MEDICAL CENTER
STANFORD, CALIFORNIA 94305

Ignorance of Library's rules does not exempt violators from penalties.

25M-9-70-28042

RS
178
O77
v.2
1895
LANE
HIST

LANE MEDICAL LIBRARY
STANFORD UNIVERSITY
MEDICAL CENTER
STANFORD, CALIF. 94305